

"Uma obra-prima", **Richard Foster** | "O livro do ano", **Christianity Today**

A silhouette of a person walking away from the viewer on a path that curves into the distance. The person is carrying a bag. The background is a bright, hazy sky, suggesting a sunrise or sunset. The overall mood is contemplative and spiritual.

Dallas Willard

A CONSPIRAÇÃO DIVINA

Um roteiro para trilhar no caminho de Deus

MC

Um Roteiro para Trilhar no Caminho de Deus

Dallas Willard

Editora Mundo Cristão

Preparado por Amigo Anônimo



www.semeadores.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

Sumário

<u>PREFÁCIO.....</u>	<u>15</u>
<u>INTRODUÇÃO.....</u>	<u>17</u>
<u>OS MEUS PRESSUPOSTOS SOBRE A BÍBLIA.....</u>	<u>18</u>
<u>COMPLETANDO UMA COLEÇÃO.....</u>	<u>19</u>
<u>AGRADECIMENTOS.....</u>	<u>20</u>
<u>ENTRANDO AGORA NA</u>	
<u>VIDA ETERNA.....</u>	<u>21</u>
<u>A VIDA NAS TREVAS.....</u>	<u>21</u>
<u>Rumores dos cumes intelectuais.....</u>	<u>21</u>
<u>Por que se surpreender?.....</u>	<u>22</u>
<u>O incrível poder das "meras idéias".....</u>	<u>23</u>
<u>Meramente acadêmico?.....</u>	<u>24</u>
<u>A jornada de Tolstoi.....</u>	<u>25</u>
<u>Sufocados em slogans.....</u>	<u>25</u>
<u>MENSAGENS DE UMA REALIDADE DIFERENTE</u>	<u>27</u>
<u>O convite.....</u>	<u>27</u>
<u>Uma força histórica mundial.....</u>	<u>27</u>
<u>Descendo ao comum.....</u>	<u>28</u>
<u>A habitação do eterno.....</u>	<u>29</u>
<u>O reino de Deus está aberto a todos.....</u>	<u>29</u>
<u>Uma meretriz penetra na festa.....</u>	<u>30</u>
<u>A presença de Deus em ação.....</u>	<u>31</u>
<u>O reino de Deus é estendido até nós.....</u>	<u>32</u>
<u>FEITOS PARA REINAR.....</u>	<u>32</u>
<u>O que é "reino"</u>	<u>32</u>

A "Aliança da Criação" de Deus com os homens.....	33
A redenção do nosso domínio.....	34
A extensão do nosso domínio - eternidade adentro.....	34
O reino de Deus.....	35
O reino agora está "próximo".....	36
NO MEIO DE MUITOS REINOS.....	37
Nós nos tornamos portadores do "próximo reino de Deus"	37
Mas outros reinos permanecem.....	37
A eletricidade está "próxima".....	38
Dois que foram chamados.....	38
OS EVANGELHOS DA	
ADMINISTRAÇÃO DO PECADO.....	40
O CONVITE DIMINUÍDO.....	40
Como soa hoje o grandioso convite à vida?.....	40
A fé de código de barras.....	41
Será que Deus realmente faria as coisas assim?.....	41
Alguns fatos desconcertantes.....	42
Será que Deus realmente não muda a nossa conduta?.....	42
Mudando o enfoque.....	43
Os Evangelhos da administração do pecado.....	43
O EVANGELHO DA DIREITA	44
A expiação como fato essencial.....	44
A "salvação pelo Senhor".....	45
A salvação isolada da vida.....	46
Mas será essa a questão?.....	46
Lembrando a fé e a justiça de Abraão.....	47
O EVANGELHO DA ESQUERDA	48
O Evangelho exclusivamente social.....	48
Religião se torna ética social.....	49

<u>Deus e Jesus imanentes no amor humano.....</u>	<u>49</u>
<u>O significado político e social do amor.....</u>	<u>50</u>
<u>O descompasso do evangelho.....</u>	<u>51</u>
<u>RUMO À INTEGRAÇÃO ENTRE VIDA E FÉ.....</u>	<u>51</u>
<u>O caso do mestre ausente.....</u>	<u>51</u>
<u>A importância central do púlpito.....</u>	<u>53</u>
<u>O reino precisa fazer sentido.....</u>	<u>53</u>
<u>O QUE JESUS SABIA: O NOSSO</u>	
<u>MUNDO IMBUÍDO DE DEUS.....</u>	<u>55</u>
<u>UMA NOVA VISÃO DE DEUS E DO MUNDO DIVINO.....</u>	<u>55</u>
<u>O ser jubiloso de Deus.....</u>	<u>55</u>
<u>Achando palavras para definir esse Deus grandioso.....</u>	<u>57</u>
<u>OS CÉUS COMO O HABITAT HUMANO</u>	<u>58</u>
<u>Alguns conselhos sobre o viver.....</u>	<u>58</u>
<u>Os céus são também aqui.....</u>	<u>58</u>
<u>O céu invade o espaço humano.....</u>	<u>59</u>
<u>Os exemplos do Novo Testamento.....</u>	<u>60</u>
<u>Traduções embaraçosas?.....</u>	<u>60</u>
<u>Os exemplos persistem hoje.....</u>	<u>61</u>
<u>"Reino dos céus" e "reino de Deus".....</u>	<u>62</u>
<u>O ESPAÇO HABITADO POR DEUS.....</u>	<u>62</u>
<u>Espírito e espaço.....</u>	<u>62</u>
<u>O espírito humano.....</u>	<u>63</u>
<u>Deus quer ser visto.....</u>	<u>64</u>
<u>O mito do espaço vazio.....</u>	<u>64</u>
<u>TODAS AS COISAS VISÍVEIS E INVISÍVEIS.....</u>	<u>65</u>
<u>O que é então realidade espiritual?.....</u>	<u>65</u>
<u>A importância central da vontade ou coração.....</u>	<u>66</u>
<u>A substancialidade do espiritual.....</u>	<u>67</u>

<u>A perplexidade humana.....</u>	<u>67</u>
<u>A solução no "pendor do Espírito".....</u>	<u>68</u>
<u>A DESTRUIÇÃO DA MORTE.....</u>	<u>68</u>
<u>Indiferença em relação à morte.....</u>	<u>68</u>
<u>Não provarás a morte.....</u>	<u>69</u>
<u>Deixando o nosso "tabernáculo", ou casa provisória.....</u>	<u>70</u>
<u>O duplo contexto da vida no mundo de Deus.....</u>	<u>70</u>
<u>QUAL É REALMENTE O LADO CERTO?.....</u>	<u>71</u>
<u>Os primeiros serão os últimos e os últimos, os primeiros.....</u>	<u>71</u>
<u>A resistência que se forma no nosso cotidiano.....</u>	<u>72</u>
<u>JESUS, MESTRE DO INTELLECTO.....</u>	<u>73</u>
<u>A onda crescente da descrença.....</u>	<u>73</u>
<u>O homem mais inteligente do mundo.....</u>	<u>73</u>
<u>O Mestre das moléculas.....</u>	<u>74</u>
<u>QUEM ESTÁ REALMENTE BEM?</u>	
<u>– AS BEM-AVENTURANÇAS.....</u>	<u>76</u>
<u>O ENIGMA DAS BEM-AVENTURANÇAS.....</u>	<u>76</u>
<u>Suave veneno?.....</u>	<u>77</u>
<u>O contexto do ensinamento.....</u>	<u>77</u>
<u>Os "analfabetos espirituais" também desfrutam do desvelo do céu.....</u>	<u>78</u>
<u>Ainda no controle.....</u>	<u>79</u>
<u>E os que não estão na "lista"?.....</u>	<u>80</u>
<u>Não vale para hoje?.....</u>	<u>80</u>
<u>TRATANDO DA ALMA EM PROFUNDIDADE</u>	<u>81</u>
<u>O método de ensino de Jesus.....</u>	<u>81</u>
<u>O ensinamento que corrige suposições e práticas dominantes.....</u>	<u>82</u>
<u>Não convidar os parentes para jantar?.....</u>	<u>82</u>
<u>O caso do Bom Samaritano.....</u>	<u>83</u>
<u>Como fazer de alguém o nosso próximo.....</u>	<u>84</u>

<u>Por que Jesus ensina desse modo.....</u>	<u>85</u>
<u>O QUE JESUS REALMENTE TINHA EM MENTE NAS SUAS BEM-AVENTURANÇAS.....</u>	<u>86</u>
<u>Um rasante sobre a versão lucana das Bem-aventuranças</u>	<u>86</u>
<u>As Bem-aventuranças como proclamação do reino.....</u>	<u>87</u>
<u>Bem-aventurança sob o ministério pessoal de Jesus.....</u>	<u>89</u>
<u>PERSONALIZANDO ESSA MENSAGEM PARA NÓS HOJE</u>	<u>90</u>
<u>E a sua lista dos bem-aventurados?.....</u>	<u>90</u>
<u>O lado ingênuo da salvação?.....</u>	<u>91</u>
<u>E o lado imoral.....</u>	<u>92</u>
<u>Esses serão o sal da terra, a luz do mundo.....</u>	<u>92</u>
<u>A JUSTIÇA DA ESSÊNCIA</u>	
<u>DO REINO: ALÉM DA BONDADE DOS</u>	
<u>ESCRIBAS E FARISEUS.....</u>	<u>94</u>
<u>O MESTRE DO ENTENDIMENTO MORAL.....</u>	<u>94</u>
<u>Um entendimento moral historicamente profundo.....</u>	<u>95</u>
<u>A Preleção da Colina.....</u>	<u>95</u>
<u>O brilhantismo de Jesus: uma análise final.....</u>	<u>97</u>
<u>Delineando o "sermão".....</u>	<u>98</u>
<u>A seqüência do Sermão deve ser respeitada.....</u>	<u>99</u>
<u>A LEI E A ALMA.....</u>	<u>100</u>
<u>O "exceder" na efetiva obediência.....</u>	<u>100</u>
<u>A importância fundamental da verdadeira lei de Deus para o homem.....</u>	<u>100</u>
<u>O "exceder" mais intenso de onde procedem os atos.....</u>	<u>101</u>
<u>A lição do lavador de pratos e do agricultor.....</u>	<u>102</u>
<u>Dikaiosune.....</u>	<u>102</u>
<u>Seis contrastes entre a antiga e a nova realidade moral.....</u>	<u>103</u>
<u>NO CALDEIRÃO DA IRA E DO DESPREZO</u>	<u>104</u>
<u>A primazia da ira na hierarquia do mal.....</u>	<u>104</u>
<u>O que é a ira.....</u>	<u>104</u>
<u>A ira e o ego ferido.....</u>	<u>105</u>

<u>A ira é hoje praticada e encorajada.....</u>	<u>106</u>
<u>O desprezo é pior do que a ira.....</u>	<u>106</u>
<u>Tolo.....</u>	<u>108</u>
<u>Essas três proibições não são leis.....</u>	<u>108</u>
<u>FANTASIAR O DESEJO É DESTRUTIVO.....</u>	<u>111</u>
<u>O perigo de fantasiar e se entregar ao desejo sexual.....</u>	<u>111</u>
<u>Os olhos de Jó.....</u>	<u>111</u>
<u>Adulterio "no coração".....</u>	<u>112</u>
<u>Mas o adultério efetivo é pior.....</u>	<u>112</u>
<u>Ira e desprezo no sexo.....</u>	<u>113</u>
<u>Mas meramente pensar ou desejar não é errado.....</u>	<u>114</u>
<u>Não basta evitar o adultério no coração.....</u>	<u>115</u>
<u>Reductio ad absurdum da justiça em termos de atos.....</u>	<u>115</u>
<u>Além da papelada do divórcio.....</u>	<u>116</u>
<u>O princípio da dureza de coração.....</u>	<u>117</u>
<u>"Adulterio" forçado.....</u>	<u>118</u>
<u>Então é melhor não casar?.....</u>	<u>118</u>
<u>PALAVRAS TRANSPARENTES E AMOR INSACIÁVEL.....</u>	<u>119</u>
<u>Um sim que é simplesmente sim.....</u>	<u>119</u>
<u>Como reagir à agressão.....</u>	<u>121</u>
<u>Alguns casos de não-resistência.....</u>	<u>121</u>
<u>Invertendo os pressupostos.....</u>	<u>122</u>
<u>Mudando a cena.....</u>	<u>123</u>
<u>O que fazer com os inimigos.....</u>	<u>124</u>
<u>BONDADE É AMOR.....</u>	<u>124</u>
<u>Concluindo o retrato da essência do reino: o amor-caridade.....</u>	<u>124</u>
<u>Essas coisas são difíceis de fazer?.....</u>	<u>125</u>
<u>O vácuo intelectual do corrente pensamento ético.....</u>	<u>126</u>

<u>INVESTINDO NOS CÉUS:</u>	
<u>DRIBLANDO AS ILUSÕES DA</u>	
<u>REPUTAÇÃO E DA RIQUEZA.....</u>	<u>127</u>
<u>A CILADA DA RESPEITABILIDADE.....</u>	<u>128</u>
<u>A sedução das honras religiosas.....</u>	<u>128</u>
<u>Jogando para uma platéia de Um.....</u>	<u>128</u>
<u>Não deixe a mão esquerda saber.....</u>	<u>129</u>
<u>E quando forem orar.....</u>	<u>130</u>
<u>Jejuar perante Deus somente.....</u>	<u>131</u>
<u>O "maná" como forma da palavra de Deus.....</u>	<u>132</u>
<u>Banqueteemo-nos com Jesus.....</u>	<u>134</u>
<u>O segredo como disciplina fundamental.....</u>	<u>134</u>
<u>"Evasão religiosa".....</u>	<u>135</u>
<u>O JUGO DAS RIQUEZAS</u>	<u>136</u>
<u>Onde está o seu tesouro.....</u>	<u>136</u>
<u>Além do alcance de traças, ferrugem e ladrões.....</u>	<u>136</u>
<u>A vida se organiza em torno do nosso coração.....</u>	<u>137</u>
<u>A impossibilidade de servir a Deus e aos bens terrenos.....</u>	<u>138</u>
<u>Os tesouros do céu estão disponíveis agora.....</u>	<u>138</u>
<u>Quantas aves você vale?.....</u>	<u>139</u>
<u>E os lírios.....</u>	<u>140</u>
<u>"NO MUNDO PASSAIS POR AFLIÇÕES".....</u>	<u>141</u>
<u>A COMUNIDADE DO AMOR</u>	
<u>EM ORAÇÃO.....</u>	<u>143</u>
<u>NÃO CONDENEIS.....</u>	<u>143</u>
<u>Outra vez, a importância crucial da seqüência correta.....</u>	<u>143</u>
<u>Não julgueis.....</u>	<u>144</u>
<u>Quem pode "corrigir" os outros.....</u>	<u>145</u>
<u>Condenação implica ira e desprezo.....</u>	<u>146</u>
<u>Para que não sejas julgados.....</u>	<u>147</u>

Elimine a condenação e depois ajude.....	148
Uma família sem condenação.....	149
QUANDO COISAS BOAS SE TORNAM LETAIS	150
De pérolas e porcos.....	150
A serpente e a pomba.....	151
A PETIÇÃO COMO ESSÊNCIA DA COMUNIDADE.....	152
A dinâmica da petição.....	152
A unidade da orientação espiritual.....	152
O continuum da oração.....	153
A origem das disputas e das brigas.....	154
O Mediador da comunidade de amor.....	155
Riso e redenção.....	155
A ORAÇÃO NO DRAMA CÓSMICO	156
De não conseguirmos o que pedimos.....	156
Oração é basicamente petição.....	158
Outros aspectos válidos de uma vida de oração.....	158
Será que podemos fazer Deus mudar de idéia?.....	159
Um universo sensível à personalidade.....	160
Estudos científicos da oração.....	161
A oração nos treina para reinarmos.....	162
Será que isso ofende a dignidade de Deus?.....	164
A MAIOR DE TODAS AS ORAÇÕES	164
A Oração do Senhor.....	164
É preciso se dirigir a Deus.....	165
Pai nosso que estás nos céus.....	166
Santificado seja o teu nome.....	167
Venha o teu reino.....	168
O pão nosso cotidiano dá-nos de dia em dia.....	169
Perdoa-nos os nossos pecados.....	169

<u>E não nos deixes cair em tentação.....</u>	<u>171</u>
<u>A duradoura estrutura da vida de oração.....</u>	<u>173</u>
<u>DE COMO SER DISCÍPULO,</u>	
<u>OU ALUNO, DE JESUS.....</u>	<u>175</u>
<u>QUEM É O NOSSO MESTRE?.....</u>	<u>175</u>
<u>Quem é o seu mestre? Você é discípulo de quem? Sinceramente.....</u>	<u>175</u>
<u>A terrena "Sociedade de Jesus".....</u>	<u>176</u>
<u>O caminho estreito e a árvore boa.....</u>	<u>176</u>
<u>Como devemos estar com ele?.....</u>	<u>178</u>
<u>Ensinando a transição.....</u>	<u>179</u>
<u>"Imersão" na presença espiritual.....</u>	<u>179</u>
<u>A vida no Espírito e no reino dos céus.....</u>	<u>180</u>
<u>COMO SER DISCÍPULO</u>	<u>181</u>
<u>A simplicidade do discipulado.....</u>	<u>181</u>
<u>O que é um discípulo.....</u>	<u>182</u>
<u>O ponto focal do discipulado é toda a minha existência cotidiana.....</u>	<u>182</u>
<u>A glória do meu trabalho.....</u>	<u>183</u>
<u>Ministros cristãos como aprendizes de Jesus.....</u>	<u>185</u>
<u>COMO TORNAR-SE DISCÍPULO.....</u>	<u>186</u>
<u>O campo e a pérola.....</u>	<u>187</u>
<u>Certeza de bom negócio.....</u>	<u>187</u>
<u>“Amas-me mais do que estes outros?”</u>	<u>188</u>
<u>O que devemos fazer.....</u>	<u>189</u>
<u>Pedir.....</u>	<u>189</u>
<u>Permanecer, persistir, nas palavras de Jesus.....</u>	<u>189</u>
<u>A hora de decidir: o poder da decisão e da intenção.....</u>	<u>190</u>
<u>Ajudando os outros a encontrar o caminho do discipulado.....</u>	<u>191</u>
<u>Ser discípulos.....</u>	<u>191</u>
<u>Contra a maré.....</u>	<u>192</u>

<u>O elefante na igreja.....</u>	<u>192</u>
<u>Ter a intenção de fazer discípulos.....</u>	<u>193</u>
<u>Evangelização discipular?.....</u>	<u>194</u>
<u>Mudando as verdadeiras crenças das pessoas.....</u>	<u>195</u>
<u>Um "glorioso acidente"?.....</u>	<u>195</u>
<u>É preciso estudar as verdadeiras crenças das pessoas com quem falamos.....</u>	<u>196</u>
<u>O único modo de avançar.....</u>	<u>197</u>
<u>UM CURRÍCULO PARA A</u>	
<u>IMITAÇÃO DE CRISTO.....</u>	<u>198</u>
<u>O PROGRAMA DE ESTUDOS NA TURMA DO MESTRE.....</u>	<u>198</u>
<u>Obediência e abundância: aspectos inseparáveis da mesma vida.....</u>	<u>198</u>
<u>Quais são os programas de ensino.....</u>	<u>199</u>
<u>A necessidade de um currículo para a imitação de Cristo.....</u>	<u>200</u>
<u>Não só mais informações.....</u>	<u>201</u>
<u>Como ter as respostas certas - e acreditar nelas.....</u>	<u>201</u>
<u>O discípulo não é perfeito — ainda.....</u>	<u>202</u>
<u>ESCLARECENDO OS OBJETIVOS.....</u>	<u>203</u>
<u>Quatro coisas que não devemos ter como objetivos primordiais.....</u>	<u>203</u>
<u>Os dois objetivos primordiais do curso de treinamento.....</u>	<u>204</u>
<u>A MENTE SOB O FASCÍNIO DE DEUS.....</u>	<u>205</u>
<u>Voltando a mente para Deus.....</u>	<u>205</u>
<u>Nossa mente e nossas escolhas.....</u>	<u>206</u>
<u>OS TRÊS ASPECTOS DE INDISPENSÁVEL CLAREZA INTELECTUAL.....</u>	<u>207</u>
<u>1. "Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra"</u>	<u>207</u>
<u>Nosso esforço e nosso ensino precisam ser cuidadosos e absolutamente sinceros.....</u>	<u>208</u>
<u>A teologia testada pelo amor de Deus.....</u>	<u>208</u>
<u>Dois mitos nocivos.....</u>	<u>209</u>
<u>2. O Deus de Jesus e seu povo.....</u>	<u>210</u>
<u>O "conhecimento da glória de Deus na face de Cristo"</u>	<u>211</u>

3. A mão de Deus vista através dos eventos da vida do discípulo.....	213
Honrar pai e mãe: uma necessidade vital.....	214
<u>ADQUIRINDO O HÁBITO DA BONDAD E</u>	216
Sacudindo o jugo do "pecado em nosso corpo".....	216
O que é o "pecado nos nossos membros".....	216
Uma questão do que está "em" nós.....	217
Ninguém fará esse treinamento no nosso lugar.....	218
<u>A TRÍPLICE DINÂMICA</u>	219
O "triângulo de ouro" do crescimento espiritual.....	219
<u>A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO</u>	219
O papel indispensável dos eventos comuns: "testes"	220
Não recebemos instruções precisas sobre como cultivar os hábitos do reino.....	221
E, no entanto, todos sabem.....	222
<u>PLANO DE DISCIPLINAS PARA ALCANÇAR UM NOVO CORAÇÃO</u>	223
O que são disciplinas espirituais.....	223
O papel central do corpo.....	223
Tomando como exemplo o próprio Jesus.....	224
Fazendo as mesmas coisas de forma diferente.....	224
Algumas disciplinas específicas do currículo.....	225
<u>DUAS DISCIPLINAS DE PRÁTICA POSITIVA: ESTUDO E ADORAÇÃO</u>	227
<u>MEDIDAS PRÁTICAS PARA ALCANÇAR OS DOIS OBJETIVOS CURRICULARES</u>	229
Um exemplo prático do treinamento a ser feito.....	229
O modelo, ou forma geral, do ensino.....	230
<u>VISÃO PANORÂMICA DA MARCHA DAQUI PARA A ETERNIDADE</u>	231
Cinco dimensões ou estágios da vida eterna.....	231
<u>O CURRÍCULO E A VIDA DA IGREJA</u>	232
Esse currículo para a imitação de Cristo não é novo.....	232
Alguns aspectos práticos da implantação — especialmente para pastores.....	233
<u>A RESTAURAÇÃO DE TODAS AS COISAS</u>	235

<u>POR QUE DEVEMOS DIVISAR UM FUTURO.....</u>	<u>235</u>
<u> O universo aberto a Deus.....</u>	<u>236</u>
<u> O futuro humano neste universo.....</u>	<u>236</u>
<u> As profecias mais antigas.....</u>	<u>237</u>
<u> Forçando o surgimento de "Jerusalém".....</u>	<u>238</u>
<u> Para toda a humanidade — e além.....</u>	<u>239</u>
<u> Qual o porquê da visão e da esperança proféticas?.....</u>	<u>239</u>
<u> Deus só é realmente conhecível por meio da comunidade remida.....</u>	<u>241</u>
<u> A importância para a humanidade do futuro que Deus nos reserva.....</u>	<u>242</u>
<u> A sensatez da preservação e da restauração da humanidade.....</u>	<u>243</u>
<u> E a possibilidade.....</u>	<u>243</u>
<u> Como será a nossa vida futura?.....</u>	<u>245</u>
<u> Saber realmente, pela primeira vez.....</u>	<u>245</u>
<u> Vitória sobre a morte.....</u>	<u>246</u>
<u>AS MUDANÇAS QUE VIRÃO</u>	<u>246</u>
<u> O que muda então?.....</u>	<u>246</u>
<u> O glorioso corpo de Jesus.....</u>	<u>247</u>
<u> "Corramos com perseverança a carreira que nos está proposta".....</u>	<u>247</u>
<u>O TEMPO DA PASSAGEM.....</u>	<u>248</u>
<u> Isso é shalom.....</u>	<u>249</u>
<u>NOTAS.....</u>	<u>251</u>

PREFÁCIO

Conspiração Divina é o livro que procurei por toda a minha vida. Como o teto de Michelangelo na capela Sistina, é uma obra-prima, um prodígio. E, como aqueles famosos afrescos, este livro nos mostra um Deus real, presente e sempre estendendo a mão para toda a humanidade. Muitas coisas me impressionaram em *A Conspiração Divina*. Quero mencionar algumas aqui.

Antes de tudo, impressiona-me a natureza abrangente deste livro. Ele me dá um *Weltanschauung*, uma visão de mundo. Proporciona-me uma filosofia conceitual para a compreensão do significado e do propósito da existência humana. Mostra-me como dar sentido a todo o conjunto da Bíblia. Ajuda-me a ver que os ensinamentos de Jesus são inteligentes, vitais e decididamente práticos.

A abrangência dos temas abordados é espantosa: da redenção e justificação da alma ao discipulado e ao nosso crescimento na graça até a morte, e enfim ao estado da nossa existência no céu. Os capítulos centrais com muito acerto concentram-se nos ensinamentos de Jesus encontrados no Sermão do Monte, mas Willard até isso faz de maneira tal que na verdade nos ensina toda a Bíblia — de fato, toda a nossa vida perante Deus.

Ainda, a sua análise do panorama contemporâneo é bastante notável e abrangente. Com agudeza, ele revela a pretensão das várias teorias, fatos e técnicas do materialismo secular contemporâneo, provando que "não têm a menor relação lógica com as questões mais fundamentais da existência e da vida". Tampouco o panorama religioso contemporâneo escapa à agudez do seu olhar. Na expressão talvez mais vigorosa do livro, ele revela as várias "teologias de administração do pecado" que assolam as igrejas hoje, tanto as conservadoras quanto as liberais. Este é um livro que para mim alarga imensamente os horizontes.

Em segundo lugar, impressiona-me a acessibilidade deste livro. Tenho plena consciência de que os temas discutidos aqui são de imensa importância, e no entanto tudo é muito compreensível, muito fácil de ler, muito aplicável. Eu temia talvez que um filósofo sutilíssimo como o autor não seria capaz de me comover, mas nisso eu estava errado. Seguidas vezes vi-me refletido nas intuições do dr. Willard acerca da natureza humana.

Além disso, tudo o que Willard aborda é tão decididamente prático! Sem jamais deixar que as questões fiquem só na teoria, ele constantemente as embasa na experiência do dia-a-dia. Os seus casos fascinam. Os seus exemplos ensinam. Acima de tudo, ele aborda temas humanos absolutamente fundamentais de maneiras incrivelmente sábias e racionais.

Nenhum outro trecho oferece prova mais cabal disso do que o capítulo 9: "Um currículo para a imitação de Cristo". O capítulo contém uma grande riqueza de orientações práticas e precisas sobre como amar, glorificar e regularmente obedecer a "Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra".

Em terceiro lugar, impressiona-me a profundidade deste livro. Willard é mestre na apreensão da idéia central da Doutrina de Jesus. Talvez porque ele sinceramente considere Jesus um Mestre inteligente e plenamente competente. Escreve ele: "Jesus não é apenas bom, mas brilhante".

Aqui me obrigo a comentar a profundidade do ensinamento acerca daquilo que denominamos de Sermão do Monte. A maior parte dos autores transforma as penetrantes palavras de Jesus numa nova série de leis que simplesmente tiranizam a alma. Outros, achando que é impossível na prática obedecer a esses ensinamentos, tentam relegá-los a outra época, a outra dispensação. Aqueles que rejeitam essas duas alternativas geralmente consideram o sermão simplesmente uma coleção variada de belos dizeres reunidos por compiladores desconhecidos - interessantes se lidos de maneira poética, mas sem nenhuma relação essencial com o nosso modo de vida atual. Fiquei a imaginar o que Willard nos apresentaria.

Um banquete gratificante para a alma, é isso que ele nos apresenta. Ninguém que eu tenha lido penetra com tanta eficácia o âmago da doutrina de Jesus. A análise que o autor faz das "Bem-aventuranças", por exemplo, é simplesmente assombrosa, virando de cabeça para baixo muitas

das nossas idéias comuns a respeito dessa famosa passagem. Só essa análise já vale o livro. Mas ele nos oferece mais, muito mais - um lauto repasto para a mente e para o coração.

E isso me leva à minha quarta e última observação. Impressiona-me o caráter terno deste livro. Raras vezes encontrei um autor de intelecto tão penetrante e ao mesmo tempo de espírito tão generoso. Nitidamente ele desceu ao próprio coração com a agudez da mente, e é daí que ele toca a nossa mente e o nosso coração.

Dallas Willard fala palavras de graça e de misericórdia para todos nós, e especialmente para aqueles que se viram esmagados pelo mundo em que vivemos: "Os reprovados, rejeitados e fracassados. Os falidos e os aflitos. Os drogados e os divorciados. Os soropositivos e os herpéticos. Os deficientes mentais, os doentes terminais. As estéreis e as grávidas de filhos indesejados. Os que trabalham demais, os que sofrem no subemprego, os desempregados. Os que nem têm esperança de encontrar emprego. Os que foram fraudados, passados para trás, substituídos. Os solitários, os incompetentes, os estúpidos". Nisso, e em tantos outros aspectos, creio que este livro aborda com compaixão o lugar onde todos vivemos, nos movemos e temos o nosso ser.

Eu sinceramente colocaria *A Conspiração Divina* em rara companhia: ao lado dos escritos de Dietrich Bonhoeffer e John Wesley, João Calvino e Martinho Lutero, Teresa de Ávila e Hildegarda de Bingen, e talvez até de Tomás de Aquino e Agostinho de Hipona. Se a parúsia tardar, este é um livro para este milênio.

RICHARD J. FOSTER

INTRODUÇÃO

A minha esperança é conquistar uma nova audiência para Jesus, especialmente dentre aqueles que acreditam que já o compreendem. Nesse caso, bem francamente, a presumida familiaridade tem levado ao desconhecimento, o desconhecimento ao desdém e o desdém a uma profunda ignorância.

Muito pouca gente hoje acha Jesus uma pessoa interessante ou de importância vital para o curso da sua vida real. Ele não é em geral considerado uma personalidade da vida real que lida com questões da vida real, mas tido como alguém ligado a um plano etéreo distante daquele que precisamos *enfrentar*, e enfrentar *agora*; e, francamente, ele não é tido como uma pessoa de muita capacidade.

Jesus é visto mecanicamente mais ou menos como uma figura mágica — um peão ou quem sabe um cavalo ou um bispo num xadrez religioso - que se enquadra somente nas categorias do dogma e da lei. Dogma é aquilo em que você tem de acreditar, quer acredite quer não. E lei é aquilo que você precisa fazer, quer seja bom para você quer não. Por outro lado, aquilo em que temos de acreditar *agora*, aquilo que temos de fazer *agora* é a vida real, preche de coisas e pessoas interessantes, assustadoras e importantes.

Ora, na verdade Jesus e as suas palavras jamais pertenceram às categorias de dogma ou lei, e compreendê-los assim é simplesmente não compreendê-los. Pois ele e suas palavras são em essência subversivos em relação aos sistemas e aos modos de pensamento estabelecidos. Isso é evidente diante da maneira como eles entraram no mundo, diante das conseqüências iniciais que eles provocaram, do modo como estão preservados nos escritos do Novo Testamento e da maneira como persistem vivos no seu povo. Ele mesmo definiu as suas palavras como "espírito e... vida" (Jo 6:63). Invadem o nosso mundo "real" com uma realidade ainda mais real, o que explica por que os seres humanos de então e de agora têm de se proteger delas.

O dogma e a lei - equivocadamente talvez, porém compreensivelmente — vieram a se cercar de um ar de arbitrariedade. Em função de como os nossos pensamentos nos chegaram através da história, para a maior parte das pessoas hoje dogma e lei significam simplesmente aquilo que Deus *quis*. Essa visão torna essas duas coisas importantes, e igualmente perigosas, e é conveniente que se reconheça isso. Mas também rompe qualquer ligação com o senso de como as coisas realmente são: com a verdade e a realidade. E a nossa "vida real" é a nossa verdade e a nossa realidade. É onde as coisas realmente acontecem, não num plano de suposições que só ameaçam dificultar a vida, ou quem sabe torná-la intolerável.

A vida e as palavras que Jesus trouxe ao mundo vieram na forma de informações e realidade. Ele e os seus primeiros companheiros conquistaram o mundo antigo porque fizeram correr nele uma torrente de vida - da vida mais profunda -, juntamente com as melhores informações possíveis sobre as questões mais importantes. Eram questões com que a mente humana já vinha seriamente se debatendo sem muito sucesso havia um milênio ou mais. A mensagem original, portanto, não foi recebida como algo que as pessoas *tinham* de acreditar ou fazer, porque senão algo ruim - algo sem ligação essencial com a vida real - lhes aconteceria. As primeiras pessoas alcançadas por essa mensagem concluíam em geral que seria loucura desprezá-la. Esse foi o fundamento da sua conversão.

O próprio Jesus era tido como alguém a admirar e respeitar, alguém que se tinha em mais alta conta, que se considerava uma pessoa de grande capacidade. A adoração dele incluía - e não, como hoje, excluía — essa idéia. Essa atitude naturalmente se transmitiu em designações e expressões do Novo Testamento, como "Príncipe da Vida", "Senhor da glória", "vida em abundância", "insondáveis riquezas de Cristo" e assim por diante. Hoje essas expressões estão esvaziadas da maior parte do seu conteúdo intelectual e prático.

Muitas vezes não compreendemos Jesus e suas palavras como realidade e informações vitais sobre a vida. E isto explica por que hoje não ensinamos normalmente àqueles que professam fidelidade a ele como fazer aquilo que ele afirmou ser o melhor. Nós os exortamos a professar fidelidade a Jesus ou simplesmente esperamos que eles o façam; e os deixamos aí, dedicando a força que nos resta a "atraí-los" para isso ou aquilo.

É verdade que é possível encontrar em círculos cristãos alguns estudiosos ou líderes que negam que devemos fazer discípulos ou aprendizes de Jesus e ensiná-los a fazer todas as coisas que Jesus falou. Há alguns aqui e ali, mas na melhor das hipóteses eles não são lá muito influentes. Porém, os ensinamentos de Jesus a respeito disso são, no entanto, absolutamente claros. Nós é que não fazemos o que ele disse. Não nos esforçamos seriamente por fazê-lo e aparentemente nem sabemos como fazê-lo. Basta você examinar com sinceridade as suas atividades oficiais para perceber isso. Dizer essas coisas me entristece, e eu não pretendo condenar ninguém. Mas essa é uma questão de extrema importância, e se não for bem compreendida, nada se poderá fazer a respeito.

Portanto, nos vemos forçados a buscar uma explicação para esse estado de coisas. Como pode a obrigação ser tão clara e ao mesmo tempo ninguém tentar cumpri-la? O problema, podemos estar certos, reside bem lá no fundo das idéias que inadvertidamente regem os nossos pensamentos sobre quem somos, como cristãos e como seres humanos, e sobre a importância de Jesus para o nosso mundo e para a nossa vida.

Na verdade, esse problema é muito mais profundo do que qualquer coisa que possa com razão nos fazer sentir culpados. Pois, sem dúvida nenhuma, não é uma questão de algo que fazemos ou deixamos de fazer. A questão é que *não podemos deixar* de pensar e agir assim, em função da nossa formação intelectual e espiritual. Portanto, qualquer mudança significativa só virá com a derrubada da fortaleza das idéias e conceitos que mecanicamente afastam Jesus, o "Príncipe da Vida", quando surgem questões que envolvem o controle concreto da nossa vida.

Seja qual for a verdadeira explicação disso, a coisa mais notável do cristão contemporâneo é que ele simplesmente não tem a convicção de que compreender e acatar a clara doutrina de Cristo é de importância vital para a sua vida; sem essa convicção, ele logicamente não considera essa doutrina como algo essencial. Nós - incluindo as multidões que se distanciaram de qualquer associação formal com ele - ainda assim nos sentimos culpados em relação a esses ensinamentos, exibindo um riso nervoso e um olhar de quem se reconhece faltoso. Porém mais frequentemente, acho eu, tal obediência é tida como inviável ou impossível. Isso em larga medida, porque só se pensa praticamente em obediência à lei - questão sobre a qual muito teremos a dizer adiante.

Seja como for, mais do que qualquer outro fator, *a irrelevância prática da efetiva obediência a Cristo* explica o impacto enfraquecido do cristianismo no mundo de hoje, com a sua crescente tendência de enfatizar a ação política e social como meio principal de servir a Deus. Explica também a irrelevância prática da fé cristã para o desenvolvimento do caráter individual e para a sanidade e o bem-estar das pessoas em geral.

Com este livro tenho esperanças de apresentar um entendimento do Evangelho que abra caminho para que o povo de Cristo efetivamente faça -ou volte a fazer, pois já fez no passado - aquilo que o Mestre determinou que eles fizessem. Talvez ainda venha o dia em que a "Grande Comissão" de Mateus 28:18-20 seja absoluta e comumente estabelecida como o objetivo, a "declaração missionária" das igrejas cristãs, individual e coletivamente.

Os cristãos ainda ouvem Jesus dizer: "Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha" e que agüenta firme todas as pressões da vida (Mt 7:24-25). Como não seria vivificante se a sua compreensão do Evangelho lhes permitisse simplesmente responder: "Eu vou acatá-las! Vou descobrir como fazer. Vou dedicar a minha vida a isso! É a melhor estratégia de vida que eu já ouvi!" Dizendo isso, os cristãos imediatamente tratariam de examinar a sua vida e interpelar a comunidade e os seus mestres para aprender a viver no reino conforme os caminhos indicados por Jesus.

OS MEUS PRESSUPOSTOS SOBRE A BÍBLIA

Num projeto como este é tentador mergulhar no conflito - já bem antigo e atualmente em ponto de ebulição - a respeito da acessibilidade do Jesus "real" e das suas verdadeiras palavras para nós hoje. Como não faço isso, vou simplesmente apresentar os meus pressupostos sobre a Bíblia: no seu lado humano, suponho que ela foi produzida e preservada por seres humanos competentes que eram no mínimo tão inteligentes e devotos quanto somos hoje. Pressuponho que eles tiveram plena capacidade de interpretar com precisão a sua própria experiência, e de

apresentar com objetividade aquilo que ouviram e vivenciaram na língua da sua comunidade histórica, que hoje conseguimos compreender com o devido esforço.

No lado divino, suponho que Deus teve disposição e competência para fazer que a Bíblia, inclusive os relatos sobre Jesus, fosse escrita e preservada de modo a assegurar que as Escrituras cumpram entre os homens de todo o mundo os propósitos que o Senhor concebeu para elas. Aqueles que realmente crêem em Deus não vêem problema nenhum nisso. Suponho que ele não legou, nem *legaria*, a sua mensagem à humanidade numa forma que só possa ser compreendida por um punhado de estudiosos profissionais do final do século XX, que não conseguem concordar nem sequer entre si acerca das teorias que supõem determinar qual é a mensagem.

A Bíblia, afinal, é a dádiva de Deus para o mundo por intermédio da sua Igreja, não dos seus eruditos. A Bíblia nos chega por intermédio da vida do povo de Deus, e nutre essa vida. O seu propósito é prático, não acadêmico. O que se faz necessário para nos encaminhar à vida no reino de Deus é uma leitura inteligente, cuidadosa, exaustiva mas direta - ou seja, uma leitura que não seja regida por teorias obscuras nem ditada por modismos ou por uma ortodoxia irracional. Qualquer outra abordagem da Bíblia, creio eu, entra em conflito com o retrato do Deus que, todos concordam, nasce de Jesus e da sua tradição. Deixo ao leitor de mentalidade filosófica a tarefa de ponderar até que ponto essa minha crença é ou não prejudicialmente circular.

Traduzi e parafraseei livremente passagens bíblicas para alcançar a ênfase que me parecia importante. Quando cito outras versões que não a do rei Tiago, isso está indicado.

COMPLETANDO UMA COLEÇÃO

Com este livro eu completo uma trilogia sobre a vida espiritual daqueles que se convenceram de que Jesus é Deus. No primeiro livro, *In Search of Guidance*, tentei dar um retrato real e nítido da intimidade da vida ao lado de Jesus, chamando essa relação vital de "relacionamento conversacional com Deus".

Mas essa relação não é algo que acontece automaticamente, e nós não a recebemos por osmose. Por isso o segundo livro, *The Spirit of The Disciplines*, explica como os discípulos ou alunos de Jesus devem interagir eficientemente com a graça e o espírito de Deus para ter pleno acesso às provisões e ao caráter que nos são concedidos na dádiva da vida eterna.

Contudo, hoje já não se considera mais que ser discípulo ou aprendiz de Jesus é de alguma maneira essencial à fé. Esse discipulado é tido como uma alternativa dispendiosa, um lixo espiritual, ou até mesmo uma fuga. O raciocínio é geralmente este: por que se preocupar com discipulado ou, o que dá no mesmo, com um relacionamento conversacional com Deus? Preocupemo-nos com aquilo que temos de *fazer*.

Este terceiro livro, então, apresenta o discipulado de Jesus como o próprio cerne do Evangelho. A nova realmente boa para a humanidade é que Jesus está agora aceitando alunos para aulas avançadas sobre a vida. A vida eterna que começa com a confiança em Jesus é uma vida no seu reino atual, vida já nesta terra e disponível a todos. Portanto, a mensagem dele e sobre ele é especificamente um Evangelho para a nossa vida de agora, não só para a morte. É sobre viver agora como seu aprendiz na vida do reino, não só como consumidor dos seus méritos. O nosso futuro, por mais longe que enxerguemos, é uma extensão natural da fé pela qual vivemos agora e da vida de que participamos agora. A eternidade já está em curso e nela nós navegamos, quer gostemos quer não.

Nesses três livros há bem pouca coisa nova, embora haja muito do que foi esquecido. De fato, se eu achasse que havia alguma novidade, certamente não a defenderia nem a publicaria. Para o leitor perceber que o que digo é antigo, e foi esquecido há bem pouco tempo, basta compará-lo com os escritos de P. T. Forsyth, C. S. Lewis, Frank Laubach, E. Stanley Jones e Georges MacDonald, dentre muitos outros do passado bem recente. Depois, se desejar, o leitor pode consultar as principais fontes pós-bíblicas como Atanásio, Agostinho, Anselmo, Tomás de Aquino, Lutero e Calvino - e, finalmente, os ensinamentos acerca do mundo, da alma e de Deus que se acham prodigamente distribuídos pelas páginas da própria Bíblia.

AGRADECIMENTOS

Sou muito grato a muitos amigos e leitores que me encorajaram e aconselharam ao longo dos anos. A esta altura da vida eles já são tantos que não posso nem começar a mencioná-los individualmente. Algumas pessoas, porém, tiveram participação realmente ativa na análise de alguns dos capítulos deste livro, dando-me valiosos conselhos.

Isso vale especialmente para Bart Tarman, Ken Yee, John Ortberg, Trevor Hudson, Gary Rapkin, Scott Hilborn, Lynn Cory, Larry Burtoft, Greg Jesson, Richard Foster, Jim Smith, Randy Neal, Roger Freeman e Jane Lakes Willard.

Tenho uma dívida especial para com o excelente domínio de linguagem e composição de Patricia Klein, que com a sua persistência me ajudou a dizer o mais claramente possível aquilo que eu tinha a dizer. Ela se dedicou de corpo e alma ao conteúdo do livro, e sou muito grato por isso. Virgínia Rich e Terri Leonard aprimoraram muito o livro com a sua competência editorial, e as palavras encorajadoras de Mark Chimsky muito me animaram a terminar a tarefa. Bill Heatley e John S. Willard me ajudaram a revisar as provas finais.

Além disso, Jane, Richard e Lynda Graybeal me possibilitaram escrever, especialmente por se opor com energia à minha tendência de aceitar com excessiva prontidão compromissos diversos que impossibilitariam a minha tarefa. Mas sem a Jane o texto não sairia, por muitas razões. Como sempre, a sua paciência, insistência, auxílio e amor foram incomparáveis e indispensáveis. Este livro é dela.

Dia de Todos os Santos, 1997

Capítulo 1

ENTRANDO AGORA NA VIDA ETERNA

Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.

João 3:16

A boa nova de Jesus, então, era que o Reino de Deus havia chegado e que ele, Jesus, era seu arauto e divulgador aos homens. Mais do que isso, de alguma maneira especial e misteriosa, ele era o Reino.

Malcolm Muggeridge, Jesus: The Man Who Lives

A VIDA NAS TREVAS

Recentemente uma mulher pilotava um avião, praticando manobras a altas velocidades num caça de combate. Ela acionou os controles do avião pensando que manobrava para uma íngreme subida — e voou diretamente para o chão. Não se deu conta de que estava voando de cabeça para baixo.

Essa é uma parábola da existência humana nos nossos tempos - não exatamente que todos estejam em rota de colisão, embora isso seja muito comum - mas a maior parte de nós, e a sociedade mundial como um todo, vive em alta velocidade, muitas vezes sem sequer saber se está voando de cabeça para baixo ou não.

De fato, vivemos assombrados por uma forte desconfiança de que talvez nem haja diferença - ou pelo menos de que a diferença seja ignorada ou irrelevante.

Rumores dos cumes intelectuais

Essa desconfiança tem hoje a força de dogma tácito nos principais centros do saber no ocidente. Logicamente, a pessoa tem de supor na prática que existe o lado certo das coisas, com relação aos aspectos da vida. Mas também se supõe que esse lado certo jamais será conhecido.

Derek Bok foi reitor da Universidade Harvard por muitos anos, e no seu relatório do período 1986-1987 ele mencionou alguns casos famosos de corrupção nos círculos financeiros e na vida política dos Estados Unidos. Ele perguntava a quem quisesse ouvir o que as universidades poderiam fazer para fortalecer o caráter moral dos seus alunos.

"As instituições religiosas", continuou ele, "já não parecem tão capazes quanto foram um dia de inculcar valores fundamentais nos jovens. Nessas circunstâncias, as universidades, incluindo Harvard, precisam pensar seriamente sobre o que podem fazer diante daquilo que muitos consideram como declínio generalizado dos parâmetros éticos."¹

Bok salienta que em outros tempos "a meta dos instrutores era... nutrir a crença em valores morais comumente aceitos" (p. 10). Hoje tudo mudou: "O curso atual de ética aplicada não busca transmitir um conjunto de verdades morais, mas tenta incentivar o aluno a refletir cuidadosamente sobre complexas questões morais". A impressão que se tem é que o pressuposto básico dessa discussão é que esses dois objetivos são mutuamente excludentes.

"A principal meta do curso", continua Bok, "não é incutir 'respostas corretas' mas aguçar a sensibilidade dos alunos para que eles detectem os problemas éticos quando surgirem, além de familiarizar mais os alunos com o melhor pensamento ético acumulado ao longo dos séculos e capacitá-los para ponderar as questões éticas que enfrentarão na vida" (p.10).

Adiante ele cita Carol Gilligan: "O desenvolvimento moral nos anos de faculdade se concentra, portanto, na guinada da ideologia moral para a responsabilidade ética" (p. 30). Não se pode deixar de notar que Bok coloca "respostas corretas" entre aspas de suspeição, e que Gilligan defende que aquilo que se tem antes da faculdade é "ideologia" - ou seja, *crenças e atitudes irracionais*. Eles exprimem fielmente o ponto de vista intelectual mais aceito sobre as crenças morais comuns que orientam a existência humana ordinária.

Por fim, já na conclusão do seu relatório, diz o reitor Bok: "Apesar da importância do desenvolvimento moral para o aluno e para a sociedade, não se pode dizer que a educação superior tem demonstrado uma grande preocupação com o problema... Especialmente nas grandes universidades, o assunto não é tratado como uma grave responsabilidade digna de contínua discussão e ações determinadas por parte dos docentes e da administração" (p. 31).

Mas a fraqueza de vontade por parte dos educadores que Bok corajosamente aponta é inevitável. Houvesse ele caminhado dos jardins de Harvard até o Salão Emerson e consultado alguns dos mais influentes pensadores do nosso país, teria descoberto que *não há hoje nenhum conhecimento moral reconhecido como base sobre o qual se possa elaborar projetos de incentivo do desenvolvimento moral*.

Não há hoje uma única conclusão moral a respeito de características de conduta ou caráter sobre a qual um professor pudesse fundamentar a nota de um aluno - nem mesmo as características mais caras aos educadores, concernentes à justiça e à diversidade. Se você abaixasse a nota de um aluno só porque ele disse numa prova que a discriminação é moralmente aceitável, por exemplo, o aluno poderia contestar a nota junto à administração. E se essa posição acerca da aceitabilidade moral da discriminação fosse a única questão em jogo, o aluno sairia vencedor.

O professor seria advertido de que não estamos aqui para impor os nossos pontos de vista aos estudantes, "por mais desencaminhado que esteja o aluno". E se a administração da universidade não chegasse a essa decisão, logo um tribunal o faria.

Logicamente, se um aluno escrevesse a sério numa prova que 7 vezes 5 é igual a 32, ou que Colombo descobriu a América em 1520, poderíamos então "impor os nossos pontos de vista". Pouco importaria por que caminho o aluno chegou a tais conclusões, pois esses casos dizem respeito a questões que - polêmicas menores à parte - são tidas como definidas. É isso que assinala a diferença.

Por que se surpreender?

Mas se de fato não há hoje um conjunto de conhecimentos morais na nossa sociedade, então várias coisas diante das quais pessoas de alta posição exprimem surpresa nada têm de surpreendentes. Robert Coles, professor de psiquiatria e humanidades médicas em Harvard e famoso pesquisador e comentarista de questões sociais e morais, publicou um artigo na *Chronicle of Higher Education* sobre "A disparidade entre o intelecto e o caráter".² O artigo é sobre "a tarefa de ligar intelecto a caráter". Essa tarefa, acrescenta ele, é "intimidadora".

O ensaio foi provocado por uma discussão com uma de suas alunas sobre a insensibilidade moral - será para ele difícil dizer "conduta imoral"? — de outros alunos, alguns dos melhores e mais brilhantes de Harvard. Essa aluna era uma moça "de classe baixa, vinda do Meio-oeste dos EUA", onde, como bem se sabe, ainda têm força coisas como "respostas corretas" e "ideologia". Ela limpava os quartos de outros alunos para ajudar a pagar a universidade.

Relatou a aluna a Coles que repetidamente os seus colegas de turma a tratavam com rispidez por causa da sua baixa posição econômica, sem cortesia nem respeito; muitas vezes eram rudes com ela e às vezes até grosseiros. Um jovem aluno seguidas vezes a convidou para fazer sexo com ele enquanto a moça limpava o seu quarto. Era um rapaz com quem ela fizera dois cursos de "argumentação moral", nos quais ele se saiu muito bem e recebeu as maiores notas.

Esse tipo de tratamento a fez abandonar o emprego e deixar a faculdade — razão pela qual ela teve uma espécie de entrevista de saída com Coles. Depois de discorrer não só sobre a conduta dos seus colegas, mas também sobre a longa lista de pessoas altamente instruídas que perpetraram as atrocidades pelas quais o século XX é famoso, ela concluiu assim: "Eu venho fazendo todos esses cursos de filosofia nos quais conversamos sobre o que é verdadeiro, o que é importante, o que é *bom*. Ora, como se ensina as pessoas a *ser* boas?" E acrescentou: "Para que *saber* o que é bom se você não tenta *se tornar* uma boa pessoa?"

Ainda no artigo, o professor Coles comenta que todas as suas tentativas de dar uma resposta à moça foram ineficazes. Ele parece genuinamente consciente de que a sua resposta à decepção da aluna foi *dar de ombros*. Mas em momento nenhum ele enfrenta o fato de que certamente não exortou os alunos dos seus cursos a não tratar com desprezo alguém que faça trabalhos subalternos, ou a não fazer propostas sexuais a colegas ou a qualquer outra pessoa que esteja limpando o seu quarto.

As provas que ele aplicava não traziam perguntas sobre essas questões. Ele em momento nenhum aborda o fato de não poder colocar as perguntas numa prova em função de hoje aparentemente ninguém conhecer essas questões. O problema aqui é menos a ligação entre caráter e intelecto do que a ligação entre a realidade intelectual de um lado, e a realidade moral e espiritual de outro. O problema é precisamente que o caráter *está* ligado ao intelecto. Resta questionar o que está e o que não está *no* intelecto.

Na verdade, no mundo atual do conhecimento aceito é impossível sequer *conhecer* a verdade de uma teoria ou de um princípio moral, muito menos uma regra específica. Você jamais poderia avaliar alguém só porque ele defende que o utilitarismo ou o kantismo é verdadeiro ou falso. Só se pode ter algum conhecimento *sobre* essas teorias e esses princípios, refletindo sobre eles com maior ou menor perspicácia. Você pode discuti-los com brilhantismo. Por fazer isso aquele rapaz tirou as suas notas A. Mas isso, logicamente, não tem nada a ver com o seu caráter ou sua conduta, pois não passa de destreza literária ou histórica ou quem sabe lógica; não é conhecimento moral. E se você já está voando de cabeça para baixo sem saber, a sua inteligência de nada vai lhe servir.

O incrível poder das "meras idéias"

Ora, tanto Bok quanto Coles são reconhecidos ampla e justificadamente como pessoas de excelente caráter e intelecto. Preocupam-se muito com as conseqüências práticas de uma sociedade que aceitou o ponto de vista de que o que é bom e correto não é objeto de um conhecimento que possa orientar a conduta, conduta pela qual as pessoas podem ser responsabilizadas. Eles não têm como eliminar esse ponto de vista, tampouco, creio eu, iriam querer fazê-lo. Mas parece que eles não percebem a completa inutilidade de resistir às conseqüências práticas sem eliminar esse ponto de vista da mentalidade popular e acadêmica.

John Maynard Keynes, que foi talvez melhor observador social que economista, comenta no final do seu livro mais conhecido que "as idéias dos economistas e dos filósofos políticos, tanto quando estão certas quanto quando estão erradas, são mais poderosas do que comumente se imagina. De fato, pouca coisa mais rege o próprio mundo. Os homens práticos, que se supõem alheios a quaisquer influências intelectuais, geralmente são escravos de algum economista falecido. Os loucos no poder, daqueles que ouvem vozes, extraem a sua loucura de algum escrevinhador acadêmico de alguns anos antes".³

Quem dera isso valesse só para os economistas e os políticos! Pois vale para a vida em geral. Vale para a religião e a educação, para as artes e para a mídia. Para a vida como um todo valem as palavras de Keynes: "Estou convicto de que o poder do capital é grandemente exagerado em comparação com a gradual usurpação das idéias". Esse poder não se revela imediatamente, como ele reconhece, mas depois de um certo período de tempo. As idéias das pessoas que hoje ocupam postos de liderança são sempre aquelas que elas absorveram durante a juventude. "Porém, cedo ou tarde, são as idéias, não o capital, que são perigosas para o bem ou para o mal."

O poder das meras idéias é uma questão em relação à qual os intelectuais comumente se enganam; e, intencionalmente ou não, com isso acabam também desencaminhando o público. Eles sempre se encarregam dos fatores mais poderosos da vida humana, as *idéias*, e acima de

tudo, idéias a respeito do que é bom e correto. E o modo como eles as manipulam e vivem permeia todo o nosso mundo, em todos os seus aspectos.

A reclamação da moça de Harvard ao professor Coles é na verdade uma reclamação sobre um sistema de idéias: um sistema de idéias que define o que é bom e o que é certo. Esse sistema é o mesmo ao qual de bom grado se sujeitam tanto o reitor Bok quanto o professor Coles. É transmitido aos estudantes - e aos leitores, consumidores de produtos intelectuais - através das gerações e, desde que as universidades se tornaram centros de autoridade do mundo cultural, é tacitamente transmitido à sociedade como um todo. Transmite-se como simples realidade e o faz de maneira tal que jamais precisa se justificar. As idéias verdadeiramente poderosas são precisamente aquelas que nunca precisam se justificar.

Os freqüentes ataques à "Modernidade" e ao "Secularismo" geralmente se enganam quanto à origem do problema. Não estamos fundamentalmente numa batalha política, nem existe na raiz uma espécie de conspiração social em marcha. O "humanismo secular" é um movimento de idéias, não obra de uma só pessoa, e diante dele, como um todo, as pessoas pouco mais são que peões num jogo de xadrez.⁴ A aparente trivialidade e irrelevância do "meramente acadêmico" é um componente importante daquilo que nos ilude a respeito do poder das meras idéias.

Meramente acadêmico?

Em 1889, o romancista francês Paul Bourget escreveu um livro intitulado *O discípulo*. No livro ele narra a existência "intelectual" de um importante filósofo e psicólogo: aparentemente absorto em coisas "meramente" acadêmicas, morava no seu apartamento a quatro lances de escada do térreo, enredado nas monótonas rotinas de refeições, passeios, cafés e aulas. Três vezes por semana recebia visitas de professores e alunos das quatro às seis, depois jantava, fazia uma curta caminhada, trabalhava ainda um pouco mais e ia para a cama pontualmente às dez. Era a existência de um erudito inofensivo que, nas palavras da sua empregada, "não machucaria uma mosca".

Mas um dia ele foi intimado a depor num inquérito criminal sobre um moço brilhante que fora seu aluno e costumava subir aqueles quatro lances de escadas para embriagar-se de discussões iluminadoras e libertadoras. Na prisão, aguardando julgamento por assassinato, o jovem discípulo escrevera um relato sobre aquilo que ele havia feito e sobre como aquelas doutrinas libertadoras discutidas entusiasticamente no plano abstrato com aquele professor haviam funcionado na prática.⁵ Só raramente as conseqüências envolvem assassinato, mas os acontecimentos do mundo e da vida das pessoas navegam sobre as águas de um mar ideológico. As matanças no Camboja procedem de discussões filosóficas em Paris.⁶

O absurdo da nossa existência recai hoje sobre as massas da humanidade depois de atravessar várias gerações de elites intelectuais e artísticas. Isto surgiu na sua forma moderna dentro de um círculo bem restrito de intelectuais entre o final do século XVIII e o início do século XIX. Foi temporariamente contido, e até em certa medida utilizado, pelas diversas belas-artes no século XIX e no início do século XX. Grandes expressões da literatura, da música e da pintura surgiram fundamentalmente em reação à crise espiritual precipitada por maciças mudanças nas idéias. Mas as belas-artes capitularam ao absurdo em meados do século XX - tendo brevemente explorado o "sagaz" como genuína categoria estética, e depois legitimado algumas maneiras rápidas e vulgares de ser sagaz e inteligente para dominar as artes.

A sagacidade, como a inteligência, tem certas possibilidades estéticas -como também o sexo e a violência —, mas elas são bastante limitadas. Picasso é o exemplo mais conhecido e mais brilhante de como isso pode ser bem usado, e de como se deteriora; porém, como hoje sabemos, as massas podem ser sagazes, e inteligentes também, sem ter no entanto nenhuma habilidade ou senso artístico. Como criadores e consumidores elas dominam o campo da cultura popular hoje, que é um empreendimento econômico, e só por mero acidente tem de quando em quando algo a ver com arte. Os objetos de arte são hoje comumente denominados "produtos" por aqueles que os manipulam, e somente são notícia quando vendidos por quantias absurdamente altas, ou quando roubados. A arte está perdida na "arte" popular, assim como o esporte se perdeu no "esporte" profissional - o que é um paradoxismo de grau mais elevado. Reina o absurdo, e a confusão o faz parecer bom.

Atualmente, por meio da "arte" popular e da mídia, o suposto absurdo da vida — que antes as elites muito se esforçavam, até com brilhantismo, para apreciar - é irracionalmente transmitido a centenas de milhões. Ele nos chega via "Os Simpsons" e infundáveis seriados e novelas protagonizados por médicos, advogados e policiais, além das bizarras seleções e justaposições impostas por aquilo que chamamos de noticiário. Basta "ficar ligado" que você garante para si um perpétuo estado de confusão e, enfim, de desespero - sem o menor esforço.

A jornada de Tolstoi

Minha Confissão, de Leão Tolstoi, é talvez o mais importante documento dos últimos dois séculos para a compreensão do nosso tormento atual. Os dogmas da descrença moderna haviam arrebanhado as elites intelectuais, artísticas e sociais da Rússia, e as conseqüências disso lentamente destruíram o fundamento da vida desse escritor. Nesses dogmas só duas coisas são reais: partículas e progresso. "Por que vivemos?", perguntava ele. E a resposta que ele obtinha era: "Num espaço infinito, num tempo infinito, partículas infinitamente pequenas mudam de forma com infinita complexidade, e quando você tiver compreendido as leis dessas mutações de forma, entenderá por que vive na terra" (p. 27).⁷

"Você é um pequeno aglomerado de algo aglutinado acidentalmente", continua a narrativa. "Esse pequeno aglomerado, essa massa, fermenta. O pequeno aglomerado chama essa fermentação de Vida. O aglomerado por fim irá se desintegrar e então terminará a fermentação, encerrando-se também todas as perguntas" (p. 31).

Mas o "aglomerado" sonha com o progresso: "A fé da maior parte das pessoas instruídas do nosso tempo", observa Tolstoi, "era expressa pela palavra 'progresso'. Na época me parecia que esta palavra significava alguma coisa. Então eu ainda não compreendia que, sendo atormentado (como todo homem ativo) pela questão de qual a melhor maneira de viver, na minha resposta - 'Viva em conformidade com o progresso' — eu era como um homem num barco que, levado pelo vento e pelas ondas, respondia àquela que para ele era a pergunta única e fundamental — 'Para onde navegar?' - dizendo: 'Estamos sendo levados para algum lugar' "(p. 12).

Não houve avanços em relação a essa posição desde os tempos de Tolstoi. Quem examina o conteúdo dos mais prestigiosos livros e programas televisivos sobre a "realidade" ou o cosmos, produzidos por pessoas como Carl Sagan ou Stephen Hawkings, percebe que tudo são partículas e progresso. O melhor programa televisivo dos últimos anos é uma série da tevê Educativa americana chamada *Um Glorioso Acidente*. A única diferença em relação ao tempo de Tolstoi é que, como já indicamos, a fé que passa por "científica" está disponível a todos com extrema facilidade.

E isso de fato faz uma grande diferença. Tolstoi começou a voltar a si quando percebeu "que eu e algumas centenas de outras pessoas semelhantes não somos o conjunto da humanidade, e que eu ainda não conhecia a vida da humanidade" (p. 45). Ele observava a massa do povo, os camponeses, que na mais miserável das condições achavam profundo significado e até doçura na vida. Eles nunca tinham ouvido falar de "partículas e progresso". Mas isso já não é mais possível. Os camponeses hoje vêem tevê e consomem continuamente a mídia. Hoje já não há mais camponeses.

Sufocados em slogans

O manto da falta de significado intelectual encobre todos os aspectos da nossa vida cotidiana. Acontecimentos, coisas e "informações" nos afogam, nos subjugam, desorientando-nos com ameaças e possibilidades acerca das quais a maioria de nós não sabe o que fazer.

Comerciais, slogans, bordões políticos e pretensiosos rumores intelectuais atulham o nosso espaço mental e espiritual. As nossas mentes e os nossos corpos "pegam" essas coisas como um terno escuro pega fiapos. Elas nos decoram. Nós nos dispomos a ostentar mensagens nas camisas, nos bonés - até nos fundilhos das calças. Algum tempo atrás tivemos uma campanha nacional contra os *outdoors* nas estradas. Mas os *outdoors* não são nada se comparados àquilo que hoje exibimos por todo o corpo. Estamos imersos num "ruído" onipresente que nos acompanha do nascimento à morte - ruído silencioso e nem tão silencioso.

Pois não é de espantar que pessoas se disponham a ostentar uma marca comercial na camisa, no boné ou no sapato para dizer aos outros quem elas são? E veja o leitor que vivemos num mundo em que criancinhas pequenas cantam coisas como: "Eu queria ser uma [determinada marca de] salsicha.

É isso que eu realmente quero ser. Pois, se eu fosse [essa determinada marca de] salsicha, todos se apaixonariam por mim".

Pense no que significaria *ser* uma salsicha ou no que significa alguém amar você como "ama" um cachorro-quente. Pense num mundo em que os adultos pagariam milhões de dólares para ter crianças cantando essa música em "comerciais" e em que centenas de milhões, bilhões até, de adultos não vêem problema nenhum nisso. Pois você está pensando no *nosso* mundo. Se você se dispõe a ser uma salsicha para ter amor, o que mais não faria? É de admirar que a depressão e outros distúrbios mentais e emocionais sejam epidêmicos? Quem é, afinal, que está hoje voando de cabeça para baixo?

Nos escombros das certezas despedaçadas do passado, o nosso anseio por bondade, correção e aceitação — e ainda orientação - faz que nos apeguemos a *slogans* de adesivos, a mensagens ostentadas nas roupas e panaceias compradas em lojinhas de presentes, coisas que nós, vivendo de cabeça para baixo, julgamos profundas, mas que de fato não fazem sentido: "Defenda os seus direitos" parece ótimo. E que dizer de: "Tudo o que eu precisava saber já aprendi no jardim de infância"? E: "Pratique boas ações aleatórias e insensatos atos de beleza"? E por aí afora.

Tais dizeres contêm um mínimo elemento de verdade. Mas, se você tentar realmente planejar a sua vida com base neles, vai se ver em sérios apuros. Eles o fazem girar 180 graus, encaminhando-o na direção errada. É o mesmo que modelar a vida com base em Bart Simpson ou Seinfeld. Em vez disso, experimente "Defenda as suas responsabilidades" ou "Eu não sei o que preciso saber e, portanto, devo hoje dedicar toda a minha atenção e todas as minhas forças a descobrir isso" (pondera Pv 3:7 ou 4:7) ou "Pratique rotineiramente boas ações deliberadas e inteligentes atos de beleza".

Colocar *esses* lemas em prática é algo que imediatamente infunde na vida verdade, bondade, força e beleza. Mas você jamais vai encontrá-los num cartão, num botão ou num adesivo. Não são considerados inteligentes. O que é verdadeiramente profundo é tido como idiota e banal, ou pior, chato, enquanto aquilo que é realmente idiota e banal é considerado profundo. É isso que eu quero dizer com a idéia de voar de cabeça para baixo.

Tudo o que é realmente profundo na sabedoria sagaz é a terrível necessidade da alma à qual esses lemas respondem incoerentemente. Nós percebemos a incoerência boiando pouco abaixo da superfície, e achamos a incoerência e a impropriedade vagamente agradáveis e fiéis à realidade: qual o valor de defender os direitos num mundo em que poucos defendem as suas responsabilidades? A menos que os outros sejam responsáveis, os seus direitos serão de pouca valia. **E** será que se aprende no jardim de infância a atrair pessoas e ganhar muito dinheiro escrevendo livros que asseguram aos outros que eles já sabem tudo o que precisam saber para viver bem? **E** como praticar algo que é aleatório? Logicamente é impossível. O que é aleatório pode *atingir* você, mas tudo o que se faz deliberadamente com certeza não é *aleatório*. **E** nenhum ato de beleza é insensato, pois o belo nunca é absurdo. Nada tem mais significado do que a beleza.

De fato, os dizeres populares atraem as pessoas só porque elas se sentem assombradas pela idéia, oriunda dos cumes intelectuais, de que a vida é na realidade absurda. Assim o único alívio aceitável é ser sagaz ou inteligente. Nos lares e nos edifícios públicos do passado, viam-se penduradas na parede ou gravadas em pedra e madeira palavras de grave e desprendida exortação, invocação e bênção. Mas esse mundo é passado. Hoje a lei é "ser sagaz ou morrer". A única sinceridade tolerável é a inteligente insinceridade. É isso que as mensagens das roupas e dos cartões *realmente* alardeiam. A "mensagem" específica pouco importa.

E no entanto temos de agir. O foguete da vida já foi lançado. A ação é eterna. Nós estamos nos tornando agora aquilo que seremos — para sempre. O absurdo e a sagacidade são assuntos bons para quem quer rir ou talvez cismar. Mas não valem como fundamento de vida. Não proporcionam refugio nem orientação ao ser humano.

MENSAGENS DE UMA REALIDADE DIFERENTE

O convite

Porém, brilha e cintila nas trevas uma luz. Recebemos um convite. Somos convidados a empreender uma peregrinação - ao coração e à vida de Deus. O convite é há muito tempo bem divulgado. É difícil olhar alguma faceta do drama humano sem encontrá-lo. É literalmente "soprado pelo vento". Uma porta acolhedora parece aberta a todos sem exceção. Nenhuma pessoa ou circunstância, senão a nossa própria decisão, pode nos afastar dela. "Quem quiser pode vir."

O maior problema desse convite hoje é justamente a sua extrema familiaridade. Familiaridade gera não-familiaridade - primeiro uma não-familiaridade insuspeitada, e depois desprezo. As pessoas acham que ouviram o convite. Acham que o aceitaram - ou que o rejeitaram. Mas não o fizeram. A dificuldade hoje é antes de tudo ouvi-lo. O gênio, diz-se, é a capacidade de esquadriñar o óbvio. Visível em toda parte, podemos indagar, como esse convite seria sutil ou profundo? Mais parece os outros grafites que vemos espalhados por aí, e até aparece nos mesmos lugares. Mas isso faz parte da conspiração divina.

O que Deus deseja para nós é que vivamos nele. Ele coloca no meio de nós o Caminho que leva até ele. Isso mostra como Deus realmente é, bem no seu âmago - na verdade, mostra como é realmente a *realidade*. Na sua natureza e no seu significado mais profundos o nosso universo é uma comunidade de amor ilimitado e absolutamente capaz.

Deus nos dá acesso a ele mesmo e ao seu reino, não das maneiras que os seres humanos imaginaram, certamente, mas de uma maneira simples - uma maneira que, paradoxalmente, é muito familiar para bilhões de pessoas e da qual outras milhões já ouviram falar. "Paradoxalmente" porque, embora multidões tenham ouvido falar desse Caminho, e até insistam na sua correção, a humanidade na sua maioria ainda vive num "país distante".

O Caminho de que falamos é Jesus, o "nazareno luminoso", como Albert Einstein certa vez o chamou. Ao lado de dois ladrões, ele foi executado pelas autoridades cerca de dois mil anos atrás. Hoje porém, nas incontáveis pinturas, estátuas e edifícios, na literatura e na história, nas pessoas e nas instituições, no profano, nas canções populares e na mídia de entretenimento, na confissão e na controvérsia, na lenda e no ritual — Jesus permanece tranqüilamente no centro do mundo contemporâneo, como ele mesmo previu. Ele tanto dignificou o horrível instrumento no qual morreu que a cruz se transformou no símbolo mais amplamente exibido e reconhecido da terra.

Uma força histórica mundial

Jesus se oferece como a porta de Deus para a vida que é verdadeiramente vida. Ter fé nele nos leva hoje, como em outros tempos, a nos tornar seus aprendizes do eterno viver. "Se alguém entrar por mim, será salvo", disse ele. "Entrará e sairá e achará pastagem. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância."

Mas a entrada inteligente e eficaz que conduz a essa vida se acha hoje obstruída pelas nuvens das informações bem-intencionadas mas equivocadas. Os "Evangelhos" que predominam nos lugares em que ele é invocado falam com mais freqüência apenas de preparar-se para morrer ou então de corrigir práticas e condições sociais. São, obviamente, questões de grande importância. Quem é que negaria isso? Mas nenhuma delas toca a parte vital da vida das pessoas nem atinge as profundezas da realidade de Cristo. Os nossos "Evangelhos" habituais são, nos seus resultados - ousou dizer -, nada menos que um constante convite a *omitir* Deus do curso da nossa vida cotidiana.

Será que Jesus só me possibilita estar entre os "escolhidos" quando eu morrer? Ou saber o que protestar, ou como votar ou debater e organizar? É bom saber que quando eu morrer tudo ficará bem, mas acaso não há boa nova para esta presente vida? Se eu tivesse de escolher, preferiria ter um carro que anda do que um bom seguro de um carro que não anda. Será que não posso ter as duas coisas?

E que medidas sociais ou políticas - por mais importantes que sejam em si mesmas - podem me orientar e me fazer ser a pessoa que eu sei que devo ser? Será que alguém acredita

hoje sinceramente que se as pessoas só tiverem a permissão ou a possibilidade de fazer o que querem, serão então mais felizes ou mais dispostas a fazer o que é certo?

Jaroslav Pelikan observa que "Jesus de Nazaré é a figura predominante na história da cultura ocidental há quase vinte séculos. Se fosse possível, com uma espécie de superímã, tirar dessa história cada pedacinho de metal que tivesse ao menos vestígio do seu nome, quanto restaria?"⁸

Mas pense agora o quanto é improvável que essa grande força histórica mundial, Jesus dito "Cristo", tivesse deixado intocadas as profundezas da existência humana cotidiana ao realizar o que ele realizou! O mais provável é que não compreendamos ainda o que ele é e o que ele traz.

E, afinal, o que é que explica a duradoura importância de Jesus para a vida humana? Por que ele tem sido tão relevante? Por que ele é relevante hoje? Por que ele aparece nas capas de importantes revistas de informação geral dois milênios depois? Por que é que o seu nome é invocado até em imprecações mais do que o de qualquer outra pessoa que já tenha vivido na terra? Por que mais pessoas se identificam como cristãos — segundo algumas estimativas, 33,6% da população mundial — do que como membros de qualquer outra religião mundial?⁹ Por que é que multidões hoje creditam a ele a sua vida e o seu bem-estar?

Acho que remos de dizer afinal que a duradoura importância de Jesus se baseia na sua capacidade atestada historicamente de tocar, curar e fortalecer a condição de cada ser humano. Ele é importante por causa daquilo que trouxe e daquilo que ainda traz aos seres humanos *comuns*, às pessoas na sua vida comum, envolvidas nos seus afazeres cotidianos. Ele promete completar a vida delas. Ao participar da nossa fraqueza ele nos dá força e, com a sua companhia, nos concede uma vida que tem a marca da eternidade.

Ele vem aonde estamos e nos traz a vida que ansiamos. Um relato antigo diz: "A vida estava nele, e a vida era a luz dos homens" (Jo 1:4). Ser a luz da vida, e dar a vida de Deus a homens e mulheres onde estão e como são, é o segredo da duradoura importância de Jesus. De repente estamos voando na posição correta, num mundo que faz sentido.

Descendo ao comum

Ele entrou no nosso mundo pelas estradas secundárias e pelas regiões remotas de um dos locais menos importantes da terra, e desde então tem determinado o lento e gradual desenvolvimento do seu plano para a história humana ao longo dos séculos.

Ele viveu durante trinta anos no meio do povo socialmente insignificante de uma nação desprezível - embora dona de uma rica tradição de aliança e integração divinas. Foi criado na casa do carpinteiro da pequena aldeia de Nazaré, no Oriente Médio. Depois que seu pai, José, morreu, ele se tornou "o homem da casa" e ajudou a mãe a criar o resto da família. Foi um trabalhador comum: um trabalhador braçal.

Ele fez tudo isso para estar conosco, para ser um de nós, para "preparar a entrega" da sua vida por nós. Não deve ser coisa fácil possibilitar que seres humanos recebam vida eterna. Mas, como F. W. Faber diz na abertura de uma de suas profundas obras, hoje "Jesus nos pertence. Ele se dignou colocar-se à nossa disposição. Ele nos transmite tudo o que somos capazes de receber dele".¹⁰

Se ele viesse hoje como veio então, cumpriria a sua missão trabalhando em alguma ocupação decente e útil. Poderia ser balconista ou contabilista numa loja de ferragens, quem sabe técnico de computador, bancário, editor, médico, garçom, professor, lavrador, técnico de laboratório ou operário da construção civil. Poderia tocar uma firma de limpeza doméstica ou consertar automóveis.

Em outras palavras, se ele viesse hoje, poderia muito bem fazer o que você faz. Poderia muito bem morar no seu apartamento ou na sua casa, ter o seu emprego, o seu nível de instrução e perspectiva de vida e viver na sua família, no seu bairro, no seu tempo. Nada disso seria o menor empecilho à vida eterna que era dele por natureza e que por intermédio dele se torna acessível a nós. A nossa vida humana, então, não é destruída pela vida de Deus, mas se cumpre nela e somente nela.

A habitação do eterno

O segredo obviamente bem guardado do "comum" é que ele é feito para funcionar como receptáculo do divino, um lugar onde a vida de Deus flui. Mas o divino não é agressivo. Como observa Huston Smith, "Assim como a ciência descobriu que o poder do próprio sol está dentro do átomo, também a religião proclama que a glória do eterno se espelha nos elementos mais simples da vida: uma folha, uma porta, uma pedra".¹¹ Essa glória, é claro, está espelhada também em entidades complexas, como galáxias, música, matemática e pessoas.

Ora, considerado isolado do seu Criador - o que nunca foi a intenção original - o "comum" é realmente *tão* comum e banal que tem pouco fascínio ou valor. Nenhum átomo isolado irradia a força do sol. Em si mesma cada coisa é sempre apenas "mais uma". Ser comum é ser apenas "um a mais". O ser *humano* clama contra isso por todos os poros. Ser simplesmente "mais um" é uma terrível agonia para nós. De fato, isso chega a levar algumas pessoas à morte. Essa jamais foi a intenção de Deus para ninguém.

É por isso que todos, da criancinha mais nova ao mais velho adulto, naturalmente querem de algum modo ser incomuns, extraordinários, dando uma contribuição única ou, se nada der certo, querem ao menos ser tidos como tal — mesmo que por um curto tempo. Os quinze minutos de fama que Andy Warhol disse que todos algum dia teriam neste mundo moderno saturado da mídia podem dar às almas desesperadas uma convicção de singularidade que as proteja de ser "ninguém", pelo menos aos seus próprios olhos.

O impulso à importância que já surge como necessidade vital na criança pequena, e mais tarde como clamoroso desejo de atenção, não é egoísmo. As pessoas egoístas vêem tudo pela lente do seu próprio ego. São sempre as figuras dominantes no seu campo de visão.

O egoísmo é uma patológica obsessão por si mesmo, uma reação à preocupação com a seguinte dúvida: será que eu realmente sou importante? É uma forma de aguda consciência *de si mesmo* e só pode ser evitada e curada pela experiência de ser bem amado. É, na verdade, uma reação desesperada à frustração da necessidade que todos temos de valer alguma coisa e de ser considerados insubstituíveis, inestimáveis.

Distintamente do egoísmo, o impulso à importância é uma simples extensão do impulso criativo de Deus que nos deu a existência. Ele não é filtrado pela autoconsciência, assim como não o é o impulso de pegar o pacote que cai da mão de alguém. Exteriormente, é dirigido para o bem que se deve fazer. Fomos feitos para ter valor, assim como a água foi feita para descer o morro. Fomos colocados num contexto específico para ter um valor que ninguém mais tem. Esse é o nosso destino.

O nosso anseio por importância é um sinal de quem somos e do motivo por que estamos aqui, e é também o fundamento da duradoura reação da humanidade a Jesus. Pois ele sempre leva todos os homens tão a sério quanto exige a esfarrapada dignidade humana, e tem competência para fazê-lo porque os tem em alta conta.

O reino de Deus está aberto a todos

Depois de estabelecer uma cabeça-de-praia da vida divina numa existência humana comum, Jesus afinal entrou na cena pública para revelar a todos a sua vida e torná-la acessível ao mundo. O Evangelho de Marcos relata que "Foi Jesus para a Galileia, pregando o Evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no Evangelho"(Mc 1:15).

No relato de Mateus sobre as obras e as palavras de Jesus, a fórmula repetidamente usada é bem conhecida: "Arrependei-vos porque está próximo o reino dos céus" (3:2; 4:17; 10:7). É uma convocação a que reconsideremos o modo como temos levado a vida, à luz do fato de que agora, na presença de Jesus, temos a opção de viver dentro da área de alcance imediato dos eternos desígnios de Deus, de inserir a nossa vida na vida dele.

O que Jesus e seus primeiros amigos queriam dizer com palavras como essas fica claro com a reação que elas provocavam nos ouvintes.

Por volta dos trinta anos, Jesus assumiu a familiar função de rabi, ou mestre, dentro das tradições de Israel. Seu primo, João Batista, era a principal figura religiosa da época. Ele era reconhecido por todos os seus contemporâneos como um verdadeiro profeta nos moldes dos

profetas do Antigo Testamento, o primeiro depois de séculos. O apoio público de João a Jesus abriu as portas para que este começasse a sua obra. Mas ele iniciou o seu ministério não nas luzes cintilantes de Jerusalém, nem mesmo na sua terra natal, Nazaré, mas nos pontos mais remotos da vida judaica na Palestina da época.

Cafarnaum e Betsaida, na extremidade setentrional do mar da Galileia, serviram como pontos focais da sua obra inicial. Dali ele percorreu toda a Galileia e também a região hoje compreendida entre o sul do Líbano, as colinas de Golã, a Síria e a Jordânia. Onde quer que houvesse sinagogas, o seu status de rabi lhe abria portas para pregar.

O falar nas sinagogas, por sua vez, proporcionava a maior penetração possível no tecido social do seu povo, pois as sinagogas eram os centros vitais das comunidades. A sua obra começou a exercer grande influência bem além dos lugares que ele visitava pessoalmente. Mateus nos dá bem essa idéia:

Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo. E a sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curou. E da Galileia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e além do Jordão numerosas multidões o seguiram.

Mateus 4:23-25

Lucas 8:1 -3 parece sugerir que ele sistematicamente percorria cidades e aldeias da região, anunciando e expondo o governo, o "reino" de Deus. A sua "equipe ministerial" incluía os Doze Apóstolos, é claro, mas também várias mulheres que ele havia curado. Juntamente com os outros que o acompanhavam, elas sustentavam a campanha com dinheiro do próprio bolso. A fama de Jesus cresceu a ponto de as multidões reunirem milhares. As pessoas atropelavam umas às outras (Lc 12:1) e arrancavam os telhados das casas (Mc 2:4) para ter acesso a ele.

Mas essas pessoas só estavam reagindo à *impressionante disponibilidade de Deus para satisfazer as presentes necessidades humanas por intermédio das ações de Jesus*. Ele simplesmente era a boa nova sobre o reino. Ainda é.

Abaixo as convenções

Algum tempo mais tarde, já perto da metade dos seus anos de ministério público, Jesus exprimiu uma notável mudança que ocorreu quando o seu primo, o Batista, lhe passou a tocha da palavra de Deus.

João era, observou Jesus, o maior dos homens que já haviam vivido na terra. Porém, ele ainda vivia dentro do limitado sistema em que os atos e o governo de Deus se revelavam primordialmente por intermédio das práticas oficiais dos rituais e das instituições judaicas: por intermédio da "lei e os profetas", segundo a expressão usada na época.

Mas desde João, continuou Jesus, nós já não "dependemos de convenções". "O reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele" (Mt 11:12). Ou seja, o governo de Deus, agora presente na pessoa do próprio Jesus, apresenta métodos que antes não eram possíveis. A necessidade da pessoa e a confiança em Jesus permitem que qualquer um se depare de repente com o reino de Deus. E uma vez lá dentro, todos têm uma posição nova e espantosa: "O menor no reino dos céus é maior do que João".

A passagem paralela em Lucas 16:16 registra as seguintes palavras de Jesus: "A lei e os profetas vigoraram até João; desde esse tempo vem sendo anunciado o Evangelho do reino de Deus, e todo homem se esforça por entrar nele".

Concretamente, o que isso significa? Eis aqui um dos muitos exemplos que podem ser encontrados nos relatos do Evangelho.

Uma meretriz penetra na festa

Um homem muito "fino" chamado Simão, um fariseu, levou Jesus para jantar na sua casa em Cafarnaum (Lc 7). Estando todos reclinados em torno da mesa, conseguiu entrar no local uma conhecida meretriz da cidade, trazendo com ela um caro vaso de loção perfumada. Ela certamente ouvira os ensinamentos de Jesus e presenciara o carinho que ele tinha para com o

povo. A mulher também se motivou a crer que ela era amada por ele e pelo Pai celestial de quem ele falava. Foi arrebatada por uma convicção transformadora, por uma fé invencível.

De repente lá estava ela, no chão ao lado de Jesus: lágrimas de gratidão por ele jorravam dos olhos da mulher e banhavam os pés de Jesus. Enxugando as lágrimas com os seus cabelos, ela em seguida cobriu de beijos os pés de Jesus e os massageou com a loção.

Que cena! Aquele homem fino, Simão, observava tudo e — sem dúvida lutando contra um impulso desaprovador — tentava interpretar a situação da melhor maneira possível.

Jesus com toda a certeza era *bom*. Claramente era um homem justo. Portanto, a única razão que o faria deixar essa mulher tocá-lo, ou sequer se aproximar dele, era o fato de não saber que se tratava de uma prostituta. E isso, infelizmente, provava que Jesus afinal de contas não tinha aquele "quê". "Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora", cismou Simão. Quem sabe Simão tenha se consolado com a idéia de que pelo menos não é pecado não ser profeta. Não lhe ocorreu que Jesus soubesse exatamente quem era a mulher e assim mesmo deixou que ela o tocasse.

Mas Jesus sabia, e sabia também o que Simão estava pensando. Então lhe contou a história de um homem que emprestou dinheiro para duas pessoas: 50.000 para um e 5 para o outro, digamos. Como nenhum dos dois lhe pôde pagar o empréstimo, o homem simplesmente perdoou as dívidas. "Qual deles", perguntou Jesus a Simão, "portanto, o amará mais?" Simão respondeu que seria aquele que mais devia.

Dito isso, Jesus colocou Simão e a prostituta lado a lado para comparar os seus corações:

Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para os pés; esta, porém, regou os meus pés com lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. Não me deste ósculo; ela, entretanto, desde que entrei não cessa de me beijar os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo, mas esta com bálsamo ungiu os meus pés. Por isso te digo: Perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa pouco ama.

Lucas 7:44-47

"Ela muito amou!" Simplesmente isto, e não as convenções costumeiras, era agora a chave para entrar no reino de Deus.

Continuando, Jesus disse à mulher: "Perdoados são os teus pecados. A tua fé te salvou; vai-te em paz". Eis aqui o governo de Deus em ação.

Não devemos desprezar o vínculo entre fé e amor. A mulher viu Jesus e reconheceu quem ele era e quem habitava nele. Essa visão foi a sua fé. Ela soube que ele a perdoava e aceitava antes mesmo que ele dissesse: "Perdoados são os teus pecados". Soube porque vira nele uma bondade que só poderia ser Deus, e isso lhe encheu o coração de gratidão e amor.

Falando na linguagem de hoje, diríamos que ela ficou "louca" por Jesus. A sua conduta obviamente era de uma pessoa "amalucada". (De fato temos de usar linguagem coloquial para exprimir as reações a Jesus. A linguagem mais formal, literária ou teológica, não consegue fazê-lo.) Quando vemos Jesus como ele é, só temos duas opções: nos afastar dele ou então adorá-lo sem acanhamento. É preciso ter isso em mente para qualquer compreensão autêntica do poder da fé cristã. Essa mulher, diferentemente do fino Simão, não pretendia se afastar.

A presença de Deus em ação

Essa reação, ao lado de muitas outras reações que conhecemos dos Evangelhos, exemplificam como os ouvintes de Jesus entendiam o convite para fundamentar a sua vida no governo de Deus que estava "próximo". Logicamente eles não sabiam tudo o que isso implicava, mas entendiam que Jesus queria dizer que estava agindo com Deus, e Deus com ele, que o reino de Deus efetivamente se fazia presente por meio dele.

As conhecidas histórias, tradições e rituais de Israel lhes possibilitavam conhecer a importância prática disso. Eram histórias e tradições de pessoas cujas vidas estavam entrelaçadas com a ação de Deus. Abraão, Davi e Elias eram bem conhecidos de todos. E Deus intervinha com frequência nos rituais de Israel, rituais realizados rotineiramente. Todos sabiam que aquele que com confiança se entregasse nas mãos *dele*, como fizera essa pobre mulher libertina, estava de fato nas mãos de Deus. E as obras de Deus confirmavam as suas palavras.

Quando ele anunciou que o "governo" ou reino de Deus estava acessível aos homens, referia-se principalmente àquilo que *ele* podia fazer pelas pessoas, Deus agindo com ele. Mas ele também se oferecia para comunicar esse mesmo "reino de Deus" a outros que estivessem dispostos a recebê-lo e aprender com ele. *Ele mesmo era a prova da verdade do anúncio da disponibilidade do reino, o governo, de Deus a toda a vida humana comum.*

Isso explica por que, como todos percebiam, ele não ensinava "como os escribas" mas "como quem tem autoridade" (Mt 7:27). Os escribas, eruditos da época, ensinavam citando outras pessoas. Mas Jesus, na prática, dizia:

"Olhem para mim e vejam que o que eu digo é verdade. Vejam por si mesmos que o reino de Deus está entre as pessoas comuns".

"Já durante a atividade terrena de Jesus", ressaltou Hans Küng, "*a decisão a favor ou contra o reino de Deus dependia da decisão a favor ou contra o próprio Jesus*" (grifo meu). A presença de Jesus na terra, antes e depois da sua morte e ressurreição, significa que o *reino de Deus* está aqui agora. "Nesse sentido", continua Küng, "*a expectativa imediata ... [do reino] ... foi cumprida*" (grifo meu).¹²

O reino de Deus é estendido até nós

Desde bem o princípio da sua obra, aqueles que confiavam nele entravam no reino ou governo de Deus pelo contato com Jesus, e assim recebiam a graciosa suficiência desse contato. Jesus não só agia para Deus mas também *com* Deus - mais ou menos como, numa metáfora grosseira, eu ajo *com* a direção hidráulica, ou ela comigo, quando viro o volante do carro.

E esse "governo" é estendido àqueles que o recebem. Quando recebemos o divino dom da vida ao confiar em Cristo, percebemos que Deus passa a agir conosco sempre que nos nossos atos confiamos nele. Isso explica porque Jesus disse que o menor no reino dos céus é maior do que João Batista - não, logicamente, maior em si mesmo, mas porque um poder maior age com ele. O maior não é inerente, dependente da nossa essência, mas *relacional*.

Por isso C. S. Lewis escreve que a nossa fé não é uma questão de ouvir aquilo que Cristo disse há tanto tempo e "tentar realizá-lo". Antes "o verdadeiro Filho de Deus está do seu lado. Ele está começando a transformar você no mesmo tipo de coisa que Ele é. Está começando, por assim dizer, a 'injetar' a Sua vida e o Seu pensamento, a Sua *Zoe* [vida], em você; começando a transformar o soldado de chumbo num homem vivo. A parte de você que não gosta disso é aquela que ainda é chumbo".¹³

As palavras e a presença de Jesus davam a muitos dos que o ouviam fé para perceber que quando ele agia, Deus também agia, que o governo ou "reino" de Deus entrava em cena e por isso estava *próximo*. Eles tinham consciência da invisível presença do Deus que agia na realidade visível e na ação de Jesus, o rabi carpinteiro.

Alguns anos de reflexão e vivência de Jesus e do reino possibilitaram que os seus o descrevessem em linguagem sublime como "a imagem do Deus invisível" (Cl 1:15). Hoje poderíamos dizer *foto* ou *retrato* em lugar de *imagem*. Ele era o "retrato perfeito" ou a "expressão exata" da substância de Deus (Hb 1:3). Mas esse tempo ainda não havia chegado. Era ainda para ouvidos que nada compreendiam que Jesus dizia: "Quem me vê a mim, vê aquele que me enviou".

FEITOS PARA REINAR

O que é "reino"

Para compreender melhor a nossa vida eterna no presente reino de Deus, precisamos compreender com certeza o que é *reino*. Mesmo o menor dentre nós tem um "*reino*" - ou um "governo" —, um domínio que é exclusivamente nosso, onde a nossa decisão determina o que acontece. Eis aqui uma verdade que atinge o âmago daquilo que uma pessoa deve ser.

Alguns podem até pensar que não deve ser assim. João Calvino observou um tanto perniciosamente: "Todos se vangloriam e carregam um *reino* no peito".¹⁴ Ele entendeu que isso significava que "não há ninguém que não imagina que seja realmente melhor do que os outros".

Talvez os seres humanos de fato sejam assim. Pelo menos nós supomos com extrema facilidade que dominamos os outros - em termos de opiniões e palavras, se não na prática.

Mas seja como for, é verdade que fomos feitos para "ter domínio" dentro de determinada parcela da realidade. Esse é o âmago da semelhança ou imagem de Deus em nós e o fundamento do destino para o qual fomos feitos. Nós, todos nós, somos seres espirituais indestrutíveis dotados de um chamado eterno e singular para trabalhar pelo bem no magnífico universo de Deus.

O nosso "reino" é simplesmente *o alcance da nossa vontade eficiente*. Tudo aquilo sobre que temos legitimamente voz ativa está *dentro* do nosso reino. E o fato de termos voz ativa sobre algo é precisamente aquilo que o coloca dentro do nosso reino. Ao criar os seres humanos, Deus os fez para governar, para reinar, para ter domínio dentro de uma esfera limitada. Só assim eles podem ser verdadeiramente pessoas.

Qualquer ser que não tenha voz ativa sobre nada não é uma pessoa. Basta imaginar o que significaria perceber que isso é real. Essas "pessoas" nem seriam capazes de comandar o próprio corpo ou os próprios pensamentos. Seriam reduzidas a observadores totalmente passivos, que não servem para nada, que não fazem a menor diferença.

A sensação de ter algum controle sobre as coisas é agora reconhecida como fator vital para a saúde mental e física, e pode fazer a diferença entre a vida e a morte para aqueles que estão gravemente doentes.¹⁵ Qualquer pessoa que já tenha criado um filho, ou mesmo supervisionado o trabalho dos outros, sabe o quanto é importante *deixar que façam* - seja o que for - e tomar essa atitude assim que seja viável fazê-lo. Obviamente, ter uma posição de domínio toca bem no âmago de quem somos, da nossa integridade, força e competência.

Por outro lado, qualquer ataque contra a nossa condição humana assume a forma de diminuição daquilo que podemos fazer ou controlar, às vezes a ponto de nos obrigar à submissão diante daquilo que abominamos. Na hierarquia humana os escravos se encontram no extremo oposto em relação aos reis. Seus corpos e suas vidas ficam à disposição de outra pessoa. Os prisioneiros, na maioria dos casos, ficam vários graus acima dos escravos. E, como o século XX nos ensinou, o controle do pensamento é o pior de todos. É a forma mais horrenda de destruição da alma, pois nela nem os pensamentos são realmente nossos. É algo que toca bem no fundo da nossa essência.

A "Aliança da Criação" de Deus com os homens

Tendo em mente essas verdades a respeito da personalidade, não nos surpreendemos com o retrato simples e coerente que a Bíblia nos dá dos seres humanos em relação a Deus. A descrição do papel humano (a "aliança da criação", podemos chamá-la) encontrada no capítulo 1 de Gênesis indica que Deus nos atribuiu coletivamente o *domínio* sobre todas as coisas viventes da terra, animais e vegetais. Somos responsáveis perante Deus pela vida na terra (vv. 28-30).

Por mais improvável que pareça do nosso atual ponto de vista, Deus nos aparelhou para essa tarefa modelando a nossa natureza para funcionar numa relação consciente e pessoal de responsabilidade interativa *com* ele. Só devemos exercer o nosso "governo" em união com Deus quando ele agir conosco. Ele pretendia ser nosso companheiro ou colaborador constante no criativo empreendimento da vida na terra. É isso que o amor que Deus tem por nós significa em termos práticos.

Ora, é muito pouco o que podemos fazer com a nossa força isolada. Muito mais podemos fazer agindo *com* a energia mecânica, elétrica ou atômica. Muitas vezes o que pode ser realizado é tão grandioso que chega a ser difícil acreditar ou imaginar sem que se conheçam os resultados na prática. Mas o que podemos fazer com esses meios é ainda muito pouco em comparação com aquilo que poderíamos fazer se agíssemos em união com o próprio Deus, que criou e em última análise controla todas as forças.

Lamentavelmente, nos desviamos do caminho que Deus pretendia para nós e da tarefa para a qual somos talhados. Deixamos de confiar em Deus e nos distanciamos dele e depois, muito naturalmente, uns dos outros. Com arrogância e medo cambaleamos sós pela nossa existência. A própria terra está "sujeita à vaidade" por causa disso (Rm 8:20). Seja como for que imaginemos o evento original, "a queda", não se pode negar que essa falta de confiança

caracteriza onipresentemente a vida humana hoje, e que as coisas não vão bem na terra. A história e o noticiário da noite não deixam dúvidas.

Mas ao mesmo tempo a nossa constituição fundamental continua inalterada. Os anseios mais profundos do nosso coração confirmam a nossa vocação original. O nosso próprio ser ainda nos atribui a tarefa de "governar" nas circunstâncias da vida, sejam quais forem. Se os animais correm risco em algum lugar, por exemplo, as pessoas geralmente acham que devem fazer alguma coisa a respeito - ou pelo menos que alguém deve fazer algo. E ainda nos consideramos como vontade criadora, como pessoas que realizam coisas, constantemente desejosos de gerar valor, ou o bem, de nós mesmos e do nosso ambiente. Somos talvez ávidos *demais*, em função da distorção de nossa visão e vontade por assumir a responsabilidade pela terra.

Longe da harmonia regida por Deus, os nossos objetivos impostos pela natureza humana geram conseqüências negativas. O caos social e individual dos desejos humanos comprova isso. Gastamos boa parte do nosso tempo e da nossa energia tentando dominar os outros ou escapar ao domínio deles, da "política de gabinete" à guerra tribal e às relações internacionais em escala global.

No relato bíblico da nossa queda, do nosso afastamento de Deus, recebemos o fardo de ganhar o pão com o suor do próprio rosto. O suor vem das nossas próprias energias, que é tudo o que nos restou depois que perdemos as nossas raízes na vida do próprio Deus. Mas incansavelmente tentamos ganhar o pão com o suor do rosto de outra pessoa, mesmo quando é talvez mais fácil usar a nossa própria força. Talvez João Calvino não esteja totalmente errado sobre nós.

A redenção do nosso domínio

Contudo, Deus nos oferece a sua redenção e nos convida individualmente, cada um de nós, a ser fiéis a ele nas poucas coisas sobre as quais realmente "temos voz ativa". Ali, a cada momento, vivemos na interface entre a nossa vida e o reino de Deus no meio de nós. Se somos fiéis a ele aqui, conhecemos a cooperativa fidelidade dele a nós. Descobrimos a eficácia do seu governo *conosco* precisamente nos detalhes do dia-a-dia.

Frank Laubach descreveu como, na sua vivência de uma contínua submissão à vontade de Deus, a fina trama da sua obra e experiência de vida se transformou. Em janeiro de 1930 ele começou a cultivar o hábito de voltar a sua mente a Deus um segundo a cada minuto.¹⁶

Depois de apenas quatro semanas, ele relatou: "Eu simplesmente me sinto carregado a cada hora, fazendo a minha parte num plano que vai muito além de mim. Esse senso de cooperação com Deus nas pequenas coisas é o que tanto me espanta, pois eu nunca havia sentido isso antes. Quando preciso de alguma coisa, basta me virar para encontrá-la esperando por mim. Preciso trabalhar, sem dúvida, mas lá está Deus trabalhando junto comigo".¹⁷

Deus fez de Frank Laubach, que antes ocupava um posto missionário solitário nas Filipinas, um estadista cristão internacional e porta-voz de Cristo. Ele fundou a Cruzada Mundial pela Alfabetização, ainda hoje em atividade, e sem nenhuma nomeação política tornou-se influente na política externa americana durante os anos posteriores à Segunda Guerra Mundial. Mas ele foi sempre e acima de tudo um cristão, sem jamais perder de vista que as suas brilhantes idéias e a sua incrível energia e eficácia provinham da prática da contínua e consciente relação com Deus.

A extensão do nosso domínio - eternidade adentro

Quando submetemos a Deus o que somos e onde estamos, o nosso domínio ou governo se amplia. Na parábola dos talentos (Mt 25), diz o nosso Mestre Jesus: "Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei: entra no gozo do teu senhor"; ou seja, participe da administração ou governo mais amplo das coisas para o bem (cf. Lc 16:1-12). Pois Deus é vontade criadora ilimitada e continuamente nos convida, agora mesmo, a participar mais daquilo que ele está fazendo. Como Jesus, podemos participar da obra que vemos o nosso Pai realizando (Jo 5:17-19).

De acordo com o seu intento original, o Pai celeste preparou de fato um reino individualizado para cada pessoa desde o início da criação. Isso talvez nos pareça impossível.

Mas é que temos uma imaginação muito fraca em relação a Deus, e nos vemos confusos com os nossos desejos e medos, vítimas também de uma crassa desinformação. Para ele é fácil.

À medida que formos aprendendo, com crescente confiança, a administrar com ele os nossos pequenos negócios, o reino que ele desde o início planejou para nós nos será entregue, no momento oportuno. "Vinde, benditos de meu Pai! entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo" (Mt 25:34).

Assim, no último capítulo da Bíblia vemos os desígnios de Deus na criação plenamente cumpridos na eternidade: "O Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos" (Ap 22:5).

O reino de Deus

O "reino" ou "governo" de Deus é o alcance da sua vontade eficiente, a esfera na qual o que ele quer que seja feito é feito. A própria pessoa de Deus e a ação da sua vontade são os princípios organizadores do seu reino, mas tudo o que obedece a esses princípios, por natureza ou por escolha própria, está *dentro* do reino de Deus.¹⁸

O livro de Salmos do Antigo Testamento se eleva a uma celebração esfuziante e comovente do reino de Deus em Salmos 145-150. A imagem ali retratada deve nos vir à lembrança sempre que tentarmos compreender o seu reino. Então não duvidaremos que esse reino existe desde o momento da criação e jamais terá fim (Sl 145:13; Dn 7:14). Ele não pode ser "abalado" (Hb 12:27s) e é absolutamente bom. Jamais enfrentou tribulações e jamais enfrentará. Não é algo que os homens produzem ou que, em última análise, possam obstruir. Somos convidados a participar dele, mas se recusamos o convite só nos prejudicamos.

Assim, o reino de Deus não é essencialmente uma realidade social ou política. Na verdade, a esfera social e política, ao lado do coração de cada pessoa, é o único lugar de toda a criação onde o reino de Deus, ou sua vontade eficiente, pode hoje estar ausente. Essa esfera é o "na terra" da Oração do Senhor, que se opõe ao "no céu" onde a vontade de Deus simplesmente se cumpre. É a esfera daquilo que é cortado "pelas mãos", em contraposição ao reino cortado "sem auxílio de mãos" de Daniel, capítulo 2.

Portanto, ao contrário da idéia popular, o reino de Deus não é algo que se encontra *originalmente* "nos corações dos homens". Esse reino *pode* estar ali e pode reger os homens pela sua fé e fidelidade a Cristo. No presente só os rege por intermédio dos seus corações, se tanto. Mas o reino de Deus não é algo confinado aos corações dos homens ou ao mundo "interior" da consciência humana. Não é uma questão de atitude interior ou fé que esteja totalmente desvinculada do mundo público, comportamental, visível. Sempre permeia e governa todo o universo físico — as regiões do planeta Terra ocupadas por seres humanos e outros seres pessoais, os satânicos, com ligeiras e momentâneas exceções.

Além disso, Deus não fez o seu reino — o "reino dos céus", como Jesus freqüentemente o chamava — vir a existir por intermédio da presença de Jesus na terra. Sugere-se com muita freqüência que ele o tenha feito. Mas o Evangelho de Jesus sobre o reino não dizia que esse reino estava prestes a vir, ou havia recentemente vindo, *a existir*. Atentando bem no que ele disse de fato, fica claro que o seu Evangelho tratava apenas da nova acessibilidade do reino à humanidade por intermédio dele.

E, de qualquer modo, se Jesus tivesse vindo anunciar a existência do reino, essa notícia não teria sido mais interessante para os seus ouvintes do que o anúncio de que Moisés lhes dera as leis. O "Evangelho" do Antigo Testamento, por assim dizer, era simplesmente: "Reina o nosso Deus!" (Is 52:7; Sl 96, 97, 99). Todos já sabiam disso. Foi o brado de libertação quando Israel saiu do Egito atravessando o mar Vermelho (Êx 15:18). Todos sabiam que o seu Deus era "Aquele cujo braço glorioso ele fez andar à mão direita de Moisés" (Is 63:12). Esse "braço" era, simplesmente, o reino de Deus em ação.

Portanto, quando Jesus nos exorta a orar - "Venha o teu reino" -, ele não quer dizer que devemos orar para que ele venha a existir. Antes, oramos para que ele assuma o controle de todas as posições das ordens pessoal, social e política das quais está hoje excluído: "Assim na terra como no céu". Com essa oração nós invocamos o reino, assim como na fé nós o colocamos em prática, para que ele desça ao mundo real do nosso cotidiano.

No seu domínio soberano, Deus nos criou e deu a cada um de nós um território da vontade, como ele mesmo tem. Esse alcance da vontade parte da nossa mente e do nosso corpo e se estende para fora, até um ponto não totalmente predeterminado mas aberto à medida da nossa fé. A sua intenção para nós é que aprendamos a entrelaçar o nosso reino com os reinos dos outros. O amor ao próximo, corretamente compreendido, fará isso acontecer. Mas só podemos amar como devemos tendo como meta primordial a integração do nosso governo ao governo de Deus. É por isso que o amor ao próximo é o segundo mandamento, não o primeiro, e também por isso somos exortados a buscar primeiro o reino ou governo de Deus.

Só quando encontrarmos esse reino e nos estabelecermos nele é que nós, seres humanos, poderemos *todos* reinar, ou governar, juntamente com Deus. Então desfrutaremos de "domínios" individualizados sem isolamento nem conflito. Esse é o ideal da existência humana pelo qual o idealismo secular batalha em vão. Não é de admirar então que, como diz Paulo, "A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus" (Rm 8:19).

O reino agora está "próximo"

Essas questões hoje confundem a muitos. O convite para deixar as trevas e viver "de cabeça para cima" na luz não faz sentido para muitos. Por isso precisamos reapresentar e esmiuçar alguns dos pontos essenciais que já expusemos sobre a vida eterna hoje disponível para nós no sempre presente governo de Deus.

Jesus veio viver entre nós para mostrar e ensinar a vida para a qual fomos criados. Ele veio com muita mansidão, deu acesso ao governo de Deus com ele e colocou em marcha uma conspiração de liberdade na verdade entre os homens. Tendo vencido a morte, ele permanece no meio de nós. Confiando na sua palavra e na sua presença, podemos reintegrar o pequeno reino que compõe a nossa vida ao reino infinito de Deus. E essa é a vida eterna. Sob o ativo domínio de Deus, as nossas obras se tornam integrantes da eterna história de Deus. São aquilo que nós e Deus fazemos juntos, tornando-nos parte da sua vida e ele parte da nossa.

Por intermédio do Filho do homem é possível à humanidade dirigir-se à "realidade absoluta", para usar uma linguagem grandiosa. De fato, assumindo o título de Filho do Homem, ele afirmou ser tudo o que o ser humano deveria ser desde o princípio - e seguramente muito mais. Coloquialmente, podemos defini-lo como o "favorito" da humanidade, aquele que exprime a sua natureza mais íntima e em quem ela espera repousar. Teólogos mais antigos se referiam a ele sobriamente como o "delegado dos homens" ou o "representante da humanidade na aliança".

Já vimos que ele entrou na história humana pela vida de uma família comum. Mas depois, como elemento inflamador que reacende a vida eterna no meio de nós, ele nos induz à vida eterna que dele flui. Ele o faz primeiro colocando essa vida em ação nas nossas *necessidades*, e depois difundindo-a nas nossas *obras* - obras levadas a cabo na expectativa de que ele e seu Pai hajam com os nossos atos e nos nossos atos.

Em função dos inúmeros equívocos a respeito desse ponto, convém reenfatizar que ao falar que o reino dos céus estava "próximo", Jesus *não* falava de algo que estava *prestes* a acontecer mas que ainda não tinha acontecido e que podia até nem acontecer.¹⁹

No curso dos eventos humanos há sempre muitas coisas que estão no horizonte das possibilidades mas que não ocorrem ou só ocorrem mais tarde. E certamente há a perspectiva de uma realização futura do governo de Deus. Mas o termo *eggiken* - geralmente traduzido como "está próximo" em passagens como Mt 3:2; 4:17; 10:7; Mc 1:15; e Lc 10:9,11 - é uma forma verbal que indica uma ação passada e concluída. A melhor tradução é simplesmente "já chegou".²⁰

A realidade do reino de Deus, e todos os meios que esse reino implica, está presente em ato e disponível com e pela pessoa de Jesus. Esse é o Evangelho de Jesus. A realidade óbvia e presente do reino foi que provocou as reações que examinamos acima. Várias passagens do Novo Testamento deixam bem claro que esse reino não é algo a ser "aceito" agora e desfrutado depois, mas algo em que se pode *entrar* agora (Mt 5:20; 18:3; Jo 3:3,5). É algo que já tem cidadãos de carne e osso (Jo 18:36; Fp 3:20) que para lá foram transportados (Cl 1:13) e nele são cooperadores (Cl 4:11).

O apóstolo Paulo em certa ocasião o define simplesmente como "justiça, e paz, e alegria" de espécie tal que só ocorre "no Espírito Santo" (Rm 14:17). O fato de não ser *deste* (ou derivado

deste) mundo ou "daqui" não significa que não é real ou que não está *neste* mundo (Jo 18:36). Está, como disse Jesus, continuamente dentro da vida humana (Lc 17:21; cf. Dt 7:21). Na verdade significa que é mais real e está mais presente do que qualquer instituição humana jamais poderia.

NO MEIO DE MUITOS REINOS

Nós nos tornamos portadores do "próximo reino de Deus"

Aqueles que foram tocados pelo perdão e pela nova vida e assim entraram no reino de Deus tornaram-se, como Jesus, *portadores desse reino*. Precisamos também enfatizar novamente esse ponto.

Certa feita Jesus disse o seguinte, retrucando aos seus críticos: "Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós" (Lc 11:20). Chegou na pessoa dele e age nos atos dele. Esse não era um fenômeno inteiramente novo na Bíblia. Quando os magos egípcios da corte de Faraó viram o que aconteceu pela palavra de Moisés, reconheceram: "Isto é o dedo de Deus" (Êx 8:19). E a Bíblia nos diz que os Dez Mandamentos foram gravados em pedra pelo dedo de Deus (Êx 31:18).

Mas a cooperação divina valeria também para os discípulos, ou aprendizes, de Jesus. Após um período de instrução ele os enviou para fazer o que ele fazia. Os discípulos deveriam curar os doentes e anunciar que "está próximo o reino de Deus" (Lc 10:9). Até aqueles que recusavam o ministério deles deveriam ser informados de que "o reino de Deus" estava próximo (v. 11)

C. H. Dodd exprime de maneira notável o modo como o reino de Deus estava presente com Cristo e seus apóstolos:

Em que sentido, então, declarava Jesus que o Reino de Deus estava presente? A nossa resposta deve ao menos principiar com a resposta do próprio Jesus a João: "Os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres está sendo pregado o Evangelho". No ministério do próprio Jesus o poder divino é liberado em efetivo conflito com o mal.²¹

Mas outros reinos permanecem

Uma coisa que pode nos iludir a respeito do significado de "está próximo" na mensagem fundamental de Jesus é o fato de *outros* "reinos" ainda estarem presentes na terra ao lado do reino dos céus. Eles também "estão próximos". Essa é a condição humana. Outras pessoas além de Deus, como você ou eu, ainda podem na terra ter "voz ativa" contrária à vontade divina. Há certamente aqui um reino das trevas, e também os reinos de muitas pessoas que ainda "tentam dar o seu espetáculo particular".

Tudo isso Deus ainda permite. E a falta de unidade humana no amor inteligente sob o domínio de Deus não apenas nos deixa à mercê de catástrofes fabricadas pelo homem, como guerras, fome e opressão, mas também impede que consigamos controlar muitos dos chamados males naturais, como a doença, a escassez e as catástrofes ligadas às intempéries. Assim, o "já aqui" convive obviamente com o "não ainda" com respeito ao presente domínio de Deus na terra.

Essa atual situação de reinos em conflito é retratada de modo eloqüente no Salmo 23: "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum". Sim, mas o "mal" está suficientemente presente aqui para ser temido. E: "Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários". Os "adversários" certamente estão aqui, mas estamos seguros nas mãos de Deus, ainda que outros "reinos" parem sobre nós e nos ameacem.

Às vezes os lugares onde o governo efetivo ou real de Deus não é executado, onde a sua vontade ainda não é feita, estão *dentro* das vidas e dos pequenos reinos daqueles que foram verdadeiramente invadidos pela vida eterna - aqueles que realmente pertencem a Cristo porque a sua vida está já presente e próspera dentro deles.

O "castelo interior" da alma humana, como Teresa de Ávila o chamou, tem muitas moradas, e elas são gradualmente ocupadas por Deus, dándonos tempo e espaço para crescer. Esse é um

aspecto crucial da conspiração. Mas mesmo isso não diminui a realidade do "reino dentro de nós". Nem destrói a opção que todos têm de aceitá-lo e levar a sua vida cada vez mais para dentro dele.

Bem ao lado e no meio dos reinos que não são de Deus está o seu reino, sempre "próximo". Esse é o reino de Jesus e do seu Pai celeste. Pode ser nosso também. A porta está aberta, e a vida nesse reino é real. Agora mesmo "toda a terra está cheia da sua glória" (Is 6:3). É verdade que poucos a vêem. A terra *ainda não* está cheia "do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar". Mas ela um dia "se encherá" (Hc 2:14).

A eletricidade está "próxima"

Eu morava em criança numa região do sul do Missouri onde a eletricidade só era disponível na forma de raios. E raios tínhamos bem mais do que conseguíamos usar. Mas no meu último ano da escola média o Departamento de Eletrificação Rural levou as suas linhas para a nossa região, e a energia elétrica ficou disponível para lares e fazendas.

Quando as linhas chegaram à nossa fazenda, passamos a ter um tipo bem diferente de vida. Mudaram profundamente, e para melhor, as nossas relações com aspectos fundamentais da vida - luz do dia e escuridão, calor e frio, limpeza e sujeira, trabalho e lazer, preparar alimentos e conservá-los. Mas ainda tínhamos de acreditar na eletricidade e seus aparatos, tínhamos de compreendê-los e tomar as medidas práticas necessárias para *confiar* nessa energia.

O leitor pode achar a comparação um tanto grosseira, e de fato o é em alguns aspectos. Mas irá nos ajudar a entender a mensagem fundamental de Jesus sobre o reino dos céus; basta pararmos para refletir sobre aqueles fazendeiros que, na prática, ouviram a mensagem: "Arrependei-vos, porque está próxima a eletricidade". Arrependam-se, ou se afastem dos seus lampiões e lanternas de querosene, das suas caixas de gelo e porões, das suas tábuas de esfregar e dos seus batedores de tapete, das suas máquinas de costura movidas a mulheres e dos seus rádios de pilha.

A energia que poderia melhorar bastante as suas vidas estava bem ali perto deles, e bastava tomar algumas medidas relativamente simples para poder utilizá-la. Por estranho que pareça, alguns não a aceitaram. Não "entraram no reino da eletricidade". Alguns simplesmente não quiseram mudar. Outros não puderam pagar, ou acharam que não podiam.

Outra metáfora talvez possa nos ajudar a compreender esse aspecto de "disponibilidade" do reino, que com tanta facilidade é desprezado. Imagine que você vai visitar uma casa onde nunca esteve antes. É uma casa razoavelmente grande, e você senta um pouco com o seu anfitrião numa sala de estar ou na varanda. Anuncia-se o jantar, e ele o convida a entrar pelo corredor, dizendo a certa altura: "Vire, pois a sala de jantar está próxima", ou, o que é mais provável, "A sala de jantar fica aqui". Do mesmo modo, Jesus nos direciona até o seu reino.

Nessas metáforas enfatiza-se uma coisa absolutamente vital à mensagem de Jesus. Não se sugere que a eletricidade ou a sala de jantar ainda não existe, mas vai existir em breve - quem sabe se alguém a receber ou *deixar* que ela venha. Antes, ela já está disponível agora. Do mesmo modo, o reino de Deus está bem ao nosso lado. Na realidade O Reino de Deus *Está Dentro de Nós*. Você pode alcançá-lo com palavras que lhe saiam do coração -mesmo com uma confiança vacilante e uma confissão trêmula de que Jesus é o Mestre de todos, aquele que venceu a morte (Rm 10:9).

Sem dúvida nenhuma esse reino sempre esteve aqui desde o surgimento dos seres humanos, e antes ainda. Mas só nos está disponível pela simples fé em Jesus, o Ungido, desde o tempo em que ele se tornou uma figura pública. E um reino que, na pessoa de Jesus, nos acolhe exatamente como somos, exatamente onde estamos, e nos possibilita transformar a nossa vida "comum" em vida eterna. Tanto está disponível que todo aquele que, de coração, confessar Jesus como Mestre do Universo e Príncipe da Vida será ouvido e transportado para a vida eterna.

Dois que foram chamados

Um grande amigo da nossa família, Gary Smith, viveu até os trinta anos sem nenhuma influência religiosa. Formado em meteorologia e trabalhando na área, ele morava numa região suburbana com a família. Ele e sua mulher, Diane, começaram a mandar os filhos à escola dominical,

pensando que era o que "fazem as pessoas que moram no subúrbio". Depois de algum tempo, Gary começou a se preocupar com aquilo que seus filhos estavam aprendendo. E quem era afinal esse "Jesus"?

Ele acordou certa noite sentindo algo que só pôde definir como um "anseio" de ir para a sala com lápis e papel na mão. Ao entrar na sala, ele se viu "cercado de amor" e "conheceu" a presença de Jesus Cristo. Como ele disse mais tarde, era algo "palpável demais" para ser o Espírito Santo, mas assim mesmo não era visível.

Logo começou a escrever sem parar no papel: "Pouco me importa! Pouco me importa!" Suas preocupações sobre quem era esse "Jesus" não lhe importavam mais em vista da presença com que ele se deparara. Tornou-se pastor presbiteriano, largamente conhecido e querido na região de Los Angeles.

Jesus está hoje em todo o mundo, e ouve hoje aqueles que clamam por ele ainda com mais prontidão do que "nos dias da sua carne". Ele toca até aqueles que mal o conhecem.

David (Paul) Cho atualmente lidera a Igreja Yoido do Evangelho Pleno em Seul, na Coréia, geralmente tida como a maior igreja do mundo hoje. Porém ele foi budista quando jovem, e quase morreu de tuberculose, numa pobreza desesperadora. Ele ouvira dizer que "o Deus dos cristãos" ajudava as pessoas, curava as pessoas, e assim, no lugar mesmo onde estava, simplesmente *pediu* ao Deus "deles" para ajudá-lo.

E o Deus deles o ajudou. Curou esse jovem coreano e o ensinou, e lhe deu em abundância a vida do reino que havia e há em Jesus, o Filho do homem. E hoje essa mesma vida flui por intermédio de David Cho para milhares de outras pessoas.

Será que Jesus e seu Pai ouvem os budistas quando eles os invocam? Eles ouvem *qualquer pessoa* que os invoca. "Perto está o SENHOR dos que têm o coração quebrantado, e salva os de espírito oprimido" (Sl 34:18). Não há distinção entre "judeu e grego", entre aqueles que têm um "quê" a mais - seja como for que os homens definam esses "quê" - e aqueles que não o têm, "uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam" (Rm 10:12).

Impossível é invocar Jesus Cristo ou Deus e *não* ser ouvido. Você vive na casa (*ecos*) (Hb 3:4) deles. Nós em geral o chamamos simplesmente de "universo". Mas eles o ocupam plenamente. É o lugar deles, o "reino" deles, onde por meio da bondade e do amor sacrificaí de Deus podemos transformar a nossa vida atual em vida eterna. Só quando compreendermos isso estará aberto o caminho para uma verdadeira ecologia da existência humana, pois só então lidaremos com aquilo que é verdadeiramente a morada humana.

E o Deus que ouve é também um Deus que fala. Ele falou no passado e ainda fala hoje. A humanidade permanece projeto seu, não nosso, e as suas iniciativas estão sempre em ação no meio de nós. Ele sem dúvida "nos dá espaço", como costumamos dizer, e isso é essencial. Mas ele continua a falar, e fala de modo tal que se faz ouvir por aqueles que levam a sua busca a sério, por aqueles que de fato querem ouvir. Não precisamos mais, como antes, cambalear no escuro a respeito do que é verdadeiramente bom e verdadeiramente certo. Não precisamos voar de cabeça para baixo. Existe um lado certo, e podemos encontrá-lo... Mas não *temos* de fazê-lo. Somos livres. Por enquanto.

Capítulo 2

OS EVANGELHOS DA ADMINISTRAÇÃO DO PECADO

Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras; e lhes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer, e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia, e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações, começando de Jerusalém. Vós sois testemunhas destas cousas... permanecei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder.

Lucas 24:45-49

Temos dissimulado com tanta persistência o poder do Evangelho... que é desculpável se aqueles que o julgam por nós duvidem que ele seja mais eficaz e inspirador do que os patéticos palpites que adornam os escritos filosóficos.

Canon B. F. Westcott,

The Gospel of the Resurrection

O CONVITE DIMINUÍDO

Como soa hoje o grandioso convite à vida?

O adesivo impõe delicadamente a sua breve mensagem: os cristãos não são perfeitos, só perdoados. Uma música popular há alguns anos dizia que as palavras dos profetas estão escritas nas paredes do metrô. Onde não há metrô, os adesivos resolvem.

Só perdoados? Será que ser cristão é realmente só isso? A dádiva da vida eterna então se reduz a isso? Isso representa um grande afastamento da idéia de viver *agora* a vida eterna!

Os cristãos sem dúvida não são perfeitos. Sempre haverá a necessidade de aprimoramento. Mas existe uma grande diferença entre não ser perfeito e ser "só perdoado", como hoje normalmente se entende essa expressão. Você pode ser *muito* mais que perdoado sem ser perfeito. Você pode talvez ser uma pessoa em quem a vida eterna de Jesus predomina, mas ainda assim terá espaço para crescer.

Hoje essa coisa de teologia de adesivo migrou dos carros para os diversos artigos cristãos. Lá está o pequeno marcador de páginas enfeitado de flores, laços, verdes ramos e quatorze pequeninos corações cor-de-rosa, com uma borla no alto. No centro vê-se um ursinho de olhos arregalados, que parece ter acabado de fazer uma arte. A mensagem embaixo é - como você já adivinhou - "Os cristãos não são perfeitos, só perdoados".

Ora, certamente é preciso dizer que os cristãos são perdoados. E é preciso dizer que o perdão não depende da perfeição. Mas será que é isso mesmo que a frase denota?

Infelizmente, não. O que a frase realmente denota é que o cristianismo se resume ao perdão, que o perdão é na verdade o que o cristianismo tem de genuinamente essencial.

Denota que você pode ter a fé em Cristo que traz o perdão, sem no entanto ser diferente, nos outros aspectos da sua vida, daqueles que não têm fé em Cristo. Essa visão tão agradavelmente apresentada em adesivos e outros objetos tem profundas raízes históricas. É hoje elaborada em muitos livros sérios de teologia e acatada por multidões de pessoas que sinceramente se identificam como cristãs.

A fé de código de barras

Pense nos códigos de barras hoje usados nos produtos da maioria das lojas. O scanner lê somente o código de barras. Pouco importa o que há na garrafa ou na embalagem, ou se o adesivo está no item "certo" ou não. A máquina da caixa lê com o seu olho eletrônico somente o código de barras e desconsidera completamente o resto. Se o código de barras do sorvete está na ração do cachorro, a ração do cachorro é sorvete, pelo menos para o scanner.

Num recente programa de rádio, um eminente ministro passou quinze minutos reforçando a idéia de que a "justificação", o perdão dos pecados, não opera *nenhuma mudança* no coração ou na personalidade da pessoa perdoada. É, insistia ele, algo totalmente exterior a você, localizado totalmente no próprio Deus. A sua intenção era enfatizar o conhecido argumento protestante de que a salvação vem somente da graça de Deus e é absolutamente independente daquilo que possamos fazer. Mas o que ele *disse* na verdade foi que ser cristão nada tem a ver com o tipo de pessoa que você é. As implicações dessa doutrina são colossais.

A teologia das quinquilharias cristãs diz que há algo no cristão que funciona como o código de barras. Um ritual, uma crença ou a associação a um grupo impressiona a Deus da mesma forma como o código de barras impressiona o scanner. Quem sabe um momento de concordância mental com um credo, quem sabe a decisão de entrar para uma igreja. Deus "escaneia" o fato e logo jorra o perdão. Uma certa medida de justiça passa da conta de Cristo para a nossa no banco do céu, e todas as nossas dívidas são pagas. Somos, assim, "salvos". A nossa culpa é apagada. Como não seríamos cristãos?

Para alguns grupos cristãos a "conta" tem de receber constante manutenção para manter pagas as dívidas, pois realmente não somos perfeitos. Para outros - alguns grupos fortemente calvinistas - toda a dívida do passado, do presente e do futuro já está paga na leitura do scanner. Mas a coisa essencial em qualquer dos dois casos é o perdão dos pecados. E a compensação pela fé e por a pessoa ter sido "escaneada" vem na morte e no além. A vida que se vive agora não tem uma relação necessária com o fato de ser cristão, desde que o "código de barras" faça o seu papel.

Vemos por aí muita discussão a respeito do que fazem e não fazem os *bons* cristãos. Mas logicamente não é necessário ser um *bom* cristão para ser perdoado. Esse é o ponto principal do código de barras, e está correto.

Será que Deus realmente faria as coisas assim?

Muitos se perturbam por conta dessa separação entre fé e vida, mas permanecem firmemente presos a ela pelas suas idéias a respeito da salvação. Muitos outros se irritam com esse conceito de cristianismo, pois para eles parece irresponsável. Desdenhosamente a ele se referem como "graça barata" ou "seguro contra incêndio". Algumas pessoas chegam a rejeitar o cristianismo por causa disso, enquanto outros insistem que a fé em Cristo é uma questão de se portar corretamente no campo social, levantando-se contra os males sociais em nome do amor e da justiça.

Porém, para ser bem franco, a graça é barata do ponto de vista daqueles que dela necessitam. E por isso que os ataques contra a "graça barata" nunca causam grande impacto. Tentar excluir o cristianismo não heróico tornando cara a graça só aumentará a confusão a respeito de questões de grande importância. E se é provável a ocorrência de um incêndio, não seria lá muito inteligente abrir mão de um seguro que está realmente disponível.

Ninguém precisa se preocupar com a possibilidade de nos aproveitarmos de Deus nalgum negócio com ele, ou com a possibilidade de nos darmos bem usando-o para propósitos egoístas. ("Tudo isso e mais o céu", como às vezes se diz jocosamente.) Qualquer pessoa que ache isso um problema subestima seriamente a inteligência e a vivacidade do nosso Pai celeste. Ele não se deixará iludir nem enganar. Todo acerto que Deus tenha estabelecido é justo para ele e para nós. Com isso podemos contar.

A verdadeira questão, acho eu, é se Deus *realmente* estabeleceria um acerto do tipo de código de barras. Somos nós que corremos perigo: perigo de perder a plenitude de vida que nos é oferecida. Será que podemos acreditar seriamente que Deus estabeleceria para nós um plano que, em essência, contorna as terríveis necessidades da vida humana na terra e deixa o caráter

humano inalterado? Será que ele nos deixaria desamparados, mesmo temporariamente, sem auxílio nenhum neste nosso mundo, à mercê de todos os nossos problemas: psicológicos, emocionais, sociais e globais? Será possível acreditar que a essência da fé e salvação cristãs nada abrange senão a morte e o além? Será possível acreditar que ser salvo realmente nada tem a ver com o tipo de pessoa que somos?

E será que aqueles que consideram a Bíblia um guia confiável e até importante da visão divina da vida humana podem legitimamente interpretar o retrato bíblico da fé em Cristo como algo que trata apenas da administração do pecado, seja na forma da nossa dívida pessoal ou na forma dos males sociais?

Alguns fatos desconcertantes

Segundo uma pesquisa de opinião pública, 94% dos americanos acreditam em Deus e 74% afirmam a fé em Jesus Cristo.¹ Cerca de 34% admitem ter passado por um "novo nascimento". Esses números são chocantes quando refletidamente comparados com estatísticas do mesmo grupo sobre condutas antiéticas, crimes, desesperança e distúrbios mentais, fracassos familiares, vícios, escândalos financeiros e outros.

É claro que sempre houve honrosas exceções. Mas será que tal combinação de profissão de fé e fracasso realmente pode ser a "vida em abundância" que Jesus disse que veio trazer? Ou será que chegamos a uma compreensão da "fé em Jesus Cristo" que não tem nenhuma ligação com a sua presença viva na nossa vida? É inegável que essa última alternativa ocorreu, e com conseqüências abaladoras.

Uma das principais revistas cristãs dos Estados Unidos recentemente comentou em editorial os rumores de que certo líder de determinada instituição evangélica havia renunciado por causa de "falta moral".² Os rumores se confirmaram, mas a revista resolveu não abordar o caso.

Ao explicar a sua decisão, os editores comentam que esses casos são tão numerosos que a revista "foi obrigada a estabelecer critérios para decidir quais são realmente notícia". Eles não publicaram uma matéria sobre o caso em questão porque a "pessoa não era um líder de destaque".

O objetivo do editorial era analisar a velocidade e a força do "boato" nesses casos. Mas esses casos - com boato e tudo - provocam reflexões mais profundas a respeito do que deve ser a fé e a vida interior dos nossos líderes e dos muitos cristãos que inventam o "boato". Devemos supor porventura que todos, de madre Teresa de Calcutá a Hitler, são na realidade iguais por dentro, mas que alguns são mais vigilantes ou "sortudos" o suficiente para evitar fazer aquilo que todos *realmente* queremos fazer? Devemos supor que Deus não nos dá nada que de fato influencie o caráter e a espiritualidade? Devemos supor que na verdade Jesus não exerce nenhum impacto substancial sobre a nossa "vida real"?

Helmut Thielicke ressalta que muitas vezes nós nos perguntamos se as celebridades que anunciam comidas e bebidas realmente consomem o que estão vendendo.³ Ele diz também que essa mesma questão é a mais premente para aqueles que falam em nome de Cristo. Se as faltas morais estão tão difundidas entre *nós*, então seguramente algo está errado. Talvez não estejamos comendo aquilo que anunciamos. O mais provável, acho eu, é que o que estamos "vendendo" seja irrelevante para a nossa vida real e não tenha o poder de mudar o nosso dia-a-dia.

Será que Deus realmente não muda a nossa conduta?

Um líder bem conhecido que passou a maior parte da sua vida no ministério cristão, principalmente no plano nacional, recentemente completou cinqüenta anos. Olhando para trás, ele comenta na sua coluna mensal numa revista que "Nestas últimas quatro décadas a minha fé foi de fato muito castigada". Ele conta que desde a sua conversão aos dez anos de idade lhe ensinaram que "se eu era cristão, então *as pessoas veriam uma marca da diferença na minha vida!!!* E... quanto mais perto eu estivesse de Deus — quanto mais espiritualizado eu fosse - maior e *mais visível* seria essa diferença" (grifo meu). Hoje aos cinqüenta, ele já viu tantos mentores seus "que tropeçaram e caíram, para jamais recobrar a fé; tantas Verdades' sobre o Evangelho que se revelaram falsas; tantas baixas, tantas perdas, tantas suposições que se

revelaram ser apenas isso - suposições, não verdades". Finalmente, diz ele, "Eu não acredito mais nisso".

Ele ainda acredita que Jesus muda as pessoas, mas a sua definição de "mudança" mudou. "Seja qual for a mudança, ela não é tanto exterior quanto interior. Essa diferença que Deus faz é muitas vezes visível somente para Deus... e para ninguém mais... Não abandonei a minha fé, abandonei sim uma maneira de *conceber* a minha fé... A visão é diferente. Mas o que é diferente é diferente do que eu pensava."⁴

Ele sugere que a mudança que faz de alguém um cristão, seja qual for, pode ser totalmente indetectável do ponto de vista humano. Só o "scanner" de Deus pode detectá-lo. Aparentemente é essa a "realidade cristã" hoje.

Pelo menos muitos dos nossos líderes mais famosos parecem pensar assim.⁵

Mudando o enfoque

Mas experimentemos agora uma idéia subversiva. Suponha o leitor que as nossas faltas ocorram não apesar do que fazemos, mas precisamente por causa disso.

Suponha, por exemplo, que os educadores que norteiam os nossos sistemas educacionais considerem seriamente a possibilidade de que os sofríveis resultados escolares das crianças americanas não ocorrem apesar daquilo que se faz com elas na escola, mas em larga medida por causa daquilo que se lhes ensina e de como são ensinadas. Ou suponha que os nossos legisladores comecem a achar que a nossa falta de capacidade para reduzir a dívida pública ou a violência urbana não ocorre apesar do que fazem os legisladores, mas justo por causa disso.

Essa idéia pode muito bem proporcionar uma base para genuínas soluções de problemas que hoje parecem insolúveis.

Um importante pastor americano lamenta: "Por que a igreja de hoje é tão fraca? Por que alardeamos tantas conversões e registramos um crescente número de membros na igreja, mas temos cada vez menos impacto na nossa cultura? Por que os cristãos são indistinguíveis do mundo?"⁶

Será que não devemos pelo menos considerar a possibilidade de que esse resultado sofrível não ocorra apesar daquilo que ensinamos e de como ensinamos, mas precisamente por causa disso? Será que isso não pode nos levar a entender por que o poder de Jesus e do seu Evangelho foi isolado da vida humana comum, deixando-a à deriva e fora do fluxo da vida eterna de Cristo?

Adiante voltaremos a essa questão, no final deste capítulo e nos capítulos 8 e 9.

Os Evangelhos da administração do pecado

A situação atual, na qual a fé que se professa exerce pouca influência sobre o conjunto da vida, não é característica do nosso tempo, tampouco é um desenvolvimento recente. Mas atravessa agora uma fase aguda. A história nos levou ao ponto em que se considera que a mensagem cristã trata *essencial e exclusivamente* dos meios de lidar com o pecado: de atos ou atitudes erradas e as suas conseqüências. A vida, nossa existência real, não está incluída naquilo que hoje se apresenta como o cerne da mensagem cristã, ou se inclui só marginalmente. É assim que nos encontramos hoje.

Quando percebemos a separação entre a mensagem atual e a vida cotidiana, as faltas destacadas acima fazem pelo menos algum sentido. Não nos surpreendem. Quem examina o largo espectro da profissão e da prática cristãs, percebe que a única coisa considerada essencial na ala direita da teologia é o perdão dos pecados. Na ala esquerda é a eliminação dos males sociais ou estruturais. O evangelho corrente então se torna um "Evangelho da administração do pecado". A transformação da vida e do caráter simplesmente *não faz* parte da mensagem redentora. No seu âmago, a realidade humana corriqueira não é o palco da fé e do viver eterno.

Para a direita, ser cristão é uma questão de ter os pecados perdoados. (Lembra-se o leitor dos adesivos?) Para a esquerda, você é cristão se está realmente comprometido com a eliminação dos males sociais. O cristão é ou aquele que está pronto a morrer e enfrentar o juízo de Deus, ou aquele que tem um compromisso visível com o amor e a justiça na sociedade. E só.

A história que ocasionou essa situação — filtrada que foi pela controvérsia entre modernistas e fundamentalistas, controvérsia essa que consumiu a religião americana por muitas décadas e ainda age com muita eficácia nas suas profundezas - também tem levado cada ala a insistir que aquilo que a outra considera essencial *não deve* ser assim considerado.

O que a direita e a esquerda têm em comum é que nenhum dos dois grupos fixa uma estrutura coerente de conhecimento e orientação prática que seja adequada à transformação pessoal rumo à abundância e à obediência enfatizadas no Novo Testamento, com a correspondente redenção da vida comum. O que se ensina como a mensagem essencial sobre Jesus não tem nenhum vínculo natural com a atitude de se tornar discípulo dele.

Logicamente o Evangelho cristão e o ser cristão nem sempre foram concebidos assim. Qualquer pessoa que conheça os luminares da história cristã sabe disso. E há hoje raras e brilhantes exceções à regra. O influente bispo anglicano Stephen Neill, por exemplo, afirma simplesmente: "Ser cristão significa ser como Jesus Cristo". E: "Ser cristão depende de uma certa relação interior com o Cristo vivo. Por meio dessa relação todos os outros relacionamentos do homem - com Deus, consigo mesmo, com as outras pessoas — são transformados".⁷

Mas a inevitável pergunta será então: quem é cristão por esse parâmetro de autêntica semelhança a Cristo? Não há dúvida de que corresponde bem aos ensinamentos bíblicos e aos pontos altos da história cristã. E as deprimentes estatísticas das faltas humanas mencionadas poucos parágrafos acima seriam radicalmente reduzidas se tal parâmetro fosse seguido.

Certíssimo! Mas que dizer então das multidões à direita e à esquerda do espectro teológico que hoje se identificam como cristãos sem ter praticamente nada que lembre Cristo e nem a esperança de que isso sequer seja possível - que talvez tenham até uma firme convicção de que a genuína semelhança a Cristo é impossível? Qual o Evangelho que eles ouviram?

O EVANGELHO DA DIREITA

A expiação como fato essencial

Se você perguntar o que diz o Evangelho a qualquer um dos 74% de americanos que dizem ter depositado sua fé em Jesus Cristo, provavelmente vai ouvir que Jesus morreu para expiar os nossos pecados, e que basta acreditar que ele fez isso para ir para o céu depois da morte.

Dessa forma aquilo que é apenas uma teoria da "expição" se transforma na totalidade da mensagem essencial de Jesus. Continuando a usar uma linguagem teológica, a *justificação* tomou o lugar da *regeneração*, ou nova vida.⁸ Livres da responsabilidade de adequação a parâmetros divinos, tomamos posse de uma vida divina que nos é dada "lá de cima". Apesar de tudo o que se fala sobre "novo nascimento" entre os cristãos conservadores, há uma quase total falta de compreensão daquilo que o novo nascimento representa em termos práticos e da sua relação com o perdão e a justiça imputada ou transmitida.

Além disso, o *acreditar* que Jesus morreu por nós se define atualmente de maneiras diversas, com diferentes graus e formas de conteúdo ou combinação de elementos do credo em cada igreja ou denominação. De fato, como logo veremos, essa questão — o que é exatamente a fé salvífica - é atualmente um ponto de fervente controvérsia. Porém, já há algum tempo a crença exigida para a salvação é cada vez mais considerada um ato absolutamente privado, "só entre você e o Senhor". Somente o "scanner" detectaria.

E assim o único produto seguro da crença é que estamos "simplesmente perdoados". Estamos justificados, conceito que muitas vezes se explica dizendo que, perante Deus, é "simplesmente como se eu nunca tivesse pecado". A pessoa pode até não ter feito nada de positivo, não ter se tornado nada que mereça palavras de louvor. Mas quando chegar às portas do céu, ninguém será capaz de encontrar uma razão para mantê-la do lado de fora. O mero registro de um momento mágico de anuência mental abrirá a porta.

Na prática, sempre houve grandes dificuldades em saber com certeza se você realizou corretamente o ato mental ou privado, pois o seu único efeito essencial é uma alteração nos livros celestes, e não podemos vê-los agora. Daí nasce a disputa familiar e muitas vezes acirrada na tradição protestante para saber se você está ou não "entre os eleitos" e se vai ou não "entrar".

Segundo o entendimento da direita teológica, não há comportamento que indique inequivocamente a crença e nenhum que seja absolutamente excluído por ela. Acredita-se que a única exigência é a graça e o perdão (salvação) pela graça, "nada mais e nada menos". Insistir na

necessidade de algo mais que simplesmente a fé seria acrescer "obras" à pura graça. E isso, segundo a nossa herança cultural protestante, não se pode fazer.

A "salvação pelo Senhor"

A ampla aceitação dessa idéia de salvação nas igrejas evangélicas e conservadores da América do Norte gerou a situação delineada acima, na qual aqueles que professam a fé cristã normalmente exibem pouca ou nenhuma diferença comportamental e psicológica em relação aos descrentes. Isso, por sua vez, gerou aquilo que se chama de debate sobre a "salvação do Senhor" entre os líderes evangélicos e seus seguidores.

Talvez não seja muito fácil compreender as questões envolvidas nesse debate, mas um breve exame delas muito fará para nos ajudar a compreender como as coisas se dão normalmente hoje em relação ao convite à vida.

Hoje um dos autores mais influentes da ala conservadora é John MacArthur. Ele defende a idéia de que você *não pode* ter fé "salvífica" em Jesus Cristo sem também pretender obedecer aos seus ensinamentos. Você precisa aceitá-lo como *Senhor*, daí o nome *salvação pelo Senhor*.⁹

Obviamente, para MacArthur você pode e deve dizer muito mais sobre um cristão do que meramente que ele está perdoado. Ele tem defendido diligentemente essa visão via exposição bíblica e análise histórica e teológica.

Respondendo a MacArthur, Charles Ryrie afirma que "o Evangelho que salva é crer que Cristo morreu pelos nossos pecados e ressuscitou dos mortos".¹⁰ "A boa nova", continua ele, "é que Cristo fez algo a respeito do pecado [expiou-o] e que Ele vive hoje para oferecer a mim o Seu perdão".

Para sustentar a sua posição, Ryrie esclarece "a questão com respeito ao Evangelho":

Parte da confusão que cerca o significado do Evangelho hoje surge talvez do não esclarecimento da questão envolvida. A questão é: como é que os meus pecados podem ser perdoados? O que é que me exclui do céu? O que é que me impede de ter vida eterna? A resposta é o pecado. Portanto, preciso resolver esse problema de algum modo. E Deus declara que a morte do Seu filho traz o perdão do meu pecado... Pela fé eu recebo a Cristo e Seu perdão. Então o problema do pecado fica resolvido, e eu tenho plena certeza de ir para o céu.¹¹

Ryrie não dá argumentos que sustentem a sua tese de que a eliminação da culpa do pecado (e não do pecado em si, como as suas palavras parecem sugerir), para assegurar a entrada no céu após a morte, é o problema ou a questão. Ele supõe, e com acerto, que todas as partes do debate vão concordar com ele a respeito disso. Mas em face da história cristã e do texto bíblico, essa tese realmente precisa de sustentação - sustentação que não pode encontrar. A tradição cristã sem dúvida lida com a culpa e a vida futura, mas jamais as considera *as únicas* questões envolvidas na salvação.

Ryrie e aqueles que formam do seu lado não conseguem enxergar esse fato por causa do seu próprio modo sistemático de encarar as referências neotestamentárias à fé ou crença em Cristo e ao "Evangelho"; assim eles conseguem dar coerência à sua explicação do que está em questão.

Por exemplo, ele afirma que todas as referências de Mateus ao Evangelho do reino têm a ver com a vinda do Messias para governar a terra no Milênio. O Milênio é um profetizado período de mil anos em que o governo efetivo da terra estará sob direção pessoal de Jesus, depois da sua volta. O "reino" de que trata a boa nova é, segundo Ryrie e muitos outros, a mesma coisa que esse futuro reinado milenário - uma futura realidade política, não a atual ação da vontade de Deus na criação e em Cristo.

Será que isso estaria correto? Se substituísimos *reino* pela expressão *reinado milenário* em passagens como Mt 6:33 e 8:12, certamente ficamos com frases que não fazem lá muito sentido: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reinado milenário" e "Os filhos do reinado milenário serão lançados para fora". Precisamos então explicar porque *reino* precisa significar algo diferente em tais passagens, enquanto supostamente significa "reinado milenário" em contextos "evangélicos" como Mt 4:17 e 9:35.

Se, por outro lado, entendemos o reino de Deus como simplesmente aquilo que Deus está efetivamente fazendo, como explicamos lá atrás, então todas as passagens dos Evangelhos que mencionam o "reino" fazem sentido, e ainda deixam espaço de sobra para tratar de futuras dimensões do reino, inclusive um reinado milenário de natureza política.

Ryrie tem tanta certeza de que o Evangelho salvífico é sobre a morte de Jesus que, no relato em que Mateus narra o episódio em que Maria Madalena unge Jesus para o sepultamento, ele simplesmente insere as palavras *sobre a sua morte* depois da palavra *Evangelho* em Mt 26:13. Assim, a passagem passa a significar, nas palavras de Ryrie, "que onde for pregada em todo o mundo a boa nova *sobre a Sua morte*, será também contada a boa obra de Maria Madalena ao ungi-lo já prevenido essa morte" (grifo meu).¹² Mas o texto bíblico diz simplesmente: "Onde for pregado em todo o mundo este evangelho", sem indicar que é "sobre a sua morte". O Evangelho sem dúvida inclui a morte de Jesus pela humanidade, mas muito mais do que isso.

A salvação isolada da vida

Interpretando os textos dessa forma, Ryrie e muitos outros podem fazer uma distinção entre aquilo em que você acredita para a salvação e outras coisas em que você pode acertadamente acreditar a respeito de Cristo. Embora se trate de uma distinção perfeitamente correta e útil, precisa ser usada com cuidado.

"Crer em Cristo para a salvação", diz ele, "significa confiar em que Ele pode remover a culpa do pecado e dar vida eterna [leia-se *céu*]. Significa acreditar que Ele pode resolver o problema do pecado [leia-se *culpa*], que é o que exclui a pessoa do céu."¹³

Há muitas e muitas coisas em que, segundo Ryrie, você pode acertadamente acreditar a respeito de Cristo, coisas em que no entanto você não precisa acreditar para ser salvo. Entre elas, estão:

Você pode acreditar que aquilo que Ele ensinou na terra é bom, nobre e verdadeiro, e de fato é... Você pode acreditar que Ele é capaz de dirigir a sua vida, e Ele com certeza é capaz disso, e quer fazê-lo. Mas essas não são questões de salvação. A questão é se você acredita ou não que a morte de Jesus expiou todos os seus pecados e que, crendo nele, você tem o perdão e a vida eterna, (p. 74)

"Quem crê, confia a Deus", explica Ryrie. "Confia o quê? O seu destino eterno. É essa a questão, não os anos que ele passa na terra" (p. 123). As questões desvinculadas da salvação "pertencem ao viver cristão" ou "estão relacionadas com a vida cristã, não com a questão da salvação". "Eu não preciso resolver questões pertencentes ao viver cristão para ser salvo." (p. 40)

Mas será essa a questão?

A diferença entre os defensores da salvação pelo Senhor e seus críticos tem a ver com o que compõe a fé salvífica. Mas também devemos ponderar os pontos de concordância entre os dois lados. Eles concordam que perder-se ou salvar-se é exclusivamente uma questão de demérito e mérito, e concordam também acerca daquilo que a fé precisa ter para ser fé *salvífica* e acerca daquilo que significa ser "salvo". Esses pontos formam o cerne do Evangelho segundo a direita teológica.

Além disso, a expressão *destino eterno* é muito usada por todas as partes. Todos concordam que a questão em jogo é aquela que Ryrie destaca: o perdão dos pecados por causa da transferência de mérito, com a conseqüente admissão no céu após a morte. Quem está salvo tem isso, e a fé salvífica é a característica ou atitude pessoal requerida para "obter" isso. O ponto de divergência é definir o que é que salva nessa fé. Em que exatamente se deve acreditar para que essa crença efetivamente salve?

MacArthur concorda com os seus críticos em que a questão em jogo na salvação é o perdão e o destino eterno. Se ele não concordasse, não haveria nenhuma discordância significativa; os dois lados simplesmente estariam falando de coisas diferentes. MacArthur estaria dizendo que

para ter *A* (salvação) você precisa ter *B* (fé no Senhor), e os seus críticos estariam respondendo: "Não, para ter *C* (outra 'salvação') você *não* precisa ter *B*".

Ligada a essa concordância sobre que a questão na salvação é apenas "céu ou inferno" está a concordância sobre que ser salvo é uma condição forense ou legal e não uma realidade ou um caráter vital. Ninguém está nessa condição "salva" até que Deus o *declare* assim. Não entramos nessa condição por algo que nos aconteça, ou em virtude de uma realidade que tome lugar na nossa vida, ainda que essa realidade seja o próprio Deus. O debate então é a respeito do que deve ser verdadeiro a nosso respeito *antes* que Deus declare que estamos na condição salva.

Por fim, os dois lados concordam que ir para o céu após a morte é o único *alvo* dos esforços divinos e humanos pela salvação. O alvo é aquilo a que visam esses esforços, e não um subproduto ou consequência natural de outra coisa qualquer.

Mas obtemos um retrato totalmente diferente de salvação, fé e perdão se consideramos que o alvo é ter a vida do reino dos céus agora - a vida eterna. As palavras e os atos de Jesus sugerem naturalmente que isso é de fato salvação, tendo como partes naturais o discipulado, o perdão e o céu futuro. E nisso ele apenas dá continuidade à doutrina do Antigo Testamento. Toda a tradição bíblica, do princípio ao fim, diz respeito ao íntimo envolvimento de Deus na vida humana - ou então ao afastamento de Deus da vida humana. Essa é a alternativa bíblica para a vida de agora. "O SENHOR abomina o perverso", resume o provérbio, "mas aos retos trata com intimidade" (Pv 3:32).

Lembrando a fé e a justiça de Abraão

Abraão creu em Deus e isso lhe foi imputado para justiça, diz-nos a Bíblia (Gn 15:6). *Em que* Abraão acreditava para que Deus o declarasse justo? Será que ele acreditava que Deus lhe havia proporcionado a expiação dos pecados? Nada disso. A narrativa deixa bem claro que Abraão acreditava que Deus lhe daria um filho homem, um herdeiro, e por intermédio desse filho uma multidão de descendentes que possuiriam a terra que lhe fora prometida. Ele tinha fé em Deus, é claro, mas em relação a coisas da sua existência terrena.

Ele acreditava que *Deus se relacionaria com ele no presente* - como fizeram aqueles que mais tarde se reuniram em torno de Jesus. Ele chegou até a ter a ousadia de perguntar a Deus como ele poderia saber que a promessa de um herdeiro seria cumprida. Em resposta, Deus o mandou preparar animais para o sacrifício. Abraão obedeceu e depois aguardou a ação de Deus (Gn 15:8-11). Ele aguardou que Deus materializasse fogo "do nada". Deus agiu a partir do espaço circundante, da atmosfera - ou seja, do "primeiro céu" da Bíblia. *Essa* foi a resposta à pergunta de Abraão. Bem mais tarde "Visitou o Senhor a Sara" e Isaque foi concebido (Gn 21:1).

Diante de tamanha fé, Deus declarou Abraão justo. Será que isso significa que ele declarou que Abraão iria para o céu quando morresse? Não exatamente isso, mas certamente que os pecados e as faltas do patriarca não iriam separá-lo de Deus no presente e no seu contínuo relacionamento durante a vida.

Mas *será* que ele iria para o céu quando morresse? Claro que sim! Que mais faria Deus com uma pessoa como essa? Eles eram amigos, fato bem destacado na Bíblia (2Cr 20:7; Is 41:8; Tg 2:23), assim como devemos ser amigos de Jesus mergulhando na sua obra (Jo 15:15). Nenhum amigo de Deus irá para o inferno. Jesus aliás nos assegurou de que "quem der a beber ainda que seja um copo de água fria a um destes pequeninos, por ser este meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão" (Mt 10:42).

Com certeza o perdão e a reconciliação são essenciais a qualquer relacionamento em que tenha havido ofensa, e também ao relacionamento entre nós e Deus. Não podemos entrar sem perdão numa nova vida que nos vem do alto. Com certeza é Cristo que possibilita essa transição, e também o perdão, por meio de sua vida e morte. Precisamos nos reconciliar com Deus, e ele conosco, se pretendemos conviver. Mas essa reconciliação envolve muito mais do que o perdão dos nossos pecados ou a limpeza da nossa folha corrida. E a fé e salvação de que fala Jesus obviamente é uma realidade muito mais positiva do que a mera reconciliação. As histórias de Abraão e outros personagens bíblicos ilustram belamente isso.

A questão, no tocante ao evangelho que encontramos nos Evangelhos, é se estamos vivos ou mortos para Deus. Será que mantemos com ele um relacionamento interativo que constitui

uma nova vida, vida "do alto"? Como diz o apóstolo João na sua primeira carta, "Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida" (1Jo 5:11-12).

O que precisa ser enfatizado em tudo isso é a diferença que há entre, de um lado, confiar em Cristo, a verdadeira pessoa de Jesus, com tudo aquilo que isso naturalmente envolve, e de outro, confiar em alguma providência para a remissão dos pecados estabelecida por meio dele - confiar somente no seu papel de removedor da culpa. Confiar na verdadeira pessoa de Jesus é ter confiança nele em cada aspecto da nossa vida; é acreditar que ele está certo a respeito de todas as coisas, que ele é adequado a todas as coisas.

Ryrie comenta com relação ao uso do termo "evangelho" nos Evangelhos de Marcos e Lucas, que "Nosso Senhor é o tema central da boa nova".¹⁴ E isso sem dúvida nenhuma está correto. Mas ele e muitos outros não vêem diferença entre dizer isso e afirmar que "O Evangelho é a boa nova sobre a morte e ressurreição de Cristo" - ou que isso denote uma *providência* para o perdão dos pecados, providência essa que torna Cristo, aquele que vive hoje, simplesmente irrelevante para a nossa existência atual.

Essa irrelevância daquilo que Deus faz para com aquilo que compõe a nossa vida é a falha fundamental na vida das multidões que hoje professam a religião cristã. Eles foram levados a crer que Deus, por alguma razão insondável, simplesmente acha bom transferir para a nossa conta os méritos da conta de Cristo e também apagar as dívidas do nosso pecado, depois de inspecionar a nossa mente e descobrir que acreditamos que uma determinada teoria de expiação é verdadeira — mesmo que confiemos em tudo menos em Deus nas outras questões que nos dizem respeito.

Impossível explicar como alguém pode confiar em Cristo com vistas à vida futura sem fazê-lo já para esta vida, confiar nele com vistas ao destino eterno sem ter essa mesma confiança em relação às "coisas ligadas à vida Cristã". Como isso seria possível? Simplesmente não há como! Não numa única vida.

Resumindo tudo, "o evangelho" para Ryrie, MacArthur e outros ligados à direita teológica é que Cristo tomou a "providência" que pode nos levar ao céu. *Nos Evangelhos*, por outro lado, "o evangelho" é a boa nova da presença e disponibilidade da vida no reino, agora e para sempre, pela confiança em Jesus o Ungido. Essa foi também a fé de Abraão. Como disse Jesus, "Abraão alegrou-se por ver o meu dia" (Jo 8:56).

Não é de admirar que a única definição de vida eterna encontrada nas palavras que temos de Jesus é: "E a vida eterna é esta: que [seus discípulos] te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17:3). Isso pode soar para nós como "mero conhecimento intelectual". Mas o "conhecimento" bíblico sempre denota um relacionamento íntimo, pessoal, interativo.

Assim o profeta fala em nome de Deus dizendo a Israel: "De todas as famílias da terra somente a vós outros vos conheci" (Am 3:2)¹. E Maria, respondendo à declaração do anjo de que ela teria um filho, pergunta: "Como será isto, pois não conheço homem algum?" (Lc 1:34).² Obviamente Deus tem conhecimento *sobre* outras famílias da terra, assim como Maria tem conhecimento sobre os homens. A vida eterna de que fala Jesus não é conhecimento sobre Deus, mas um relacionamento íntimo e interativo com ele.

O EVANGELHO DA ESQUERDA

O Evangelho exclusivamente social

Na extremidade oposta do espectro teológico temos um grande número de ministros, sacerdotes e congregações que têm uma visão totalmente diferente da essência do evangelho e do evangelho em si.

Seria um erro, porém, chamá-los de "liberais" sem consideráveis ressalvas. Eles são, de fato, os legítimos herdeiros da igreja cristã liberal do século XIX e primeira metade do século XX. Mas qualquer um realmente familiarizado com os ministros e teólogos do liberalismo (até a década de 1860) talvez ache que muitos deles estão mais próximos de MacArthur e Ryrie, na

¹ A tradução *ARA* traz "vos escolhi" em lugar de "vos conheci". (N. do T.)

² A *ARA* traz "não tenho relação com homem algum" em lugar de "não conheço homem algum". (N. do T.)

essência da sua doutrina bem como na sua moralidade e espiritualidade prática, do que das principais figuras e doutrinas da esquerda cristã atual.

No final dos anos 50 e início dos anos 60, já estava claro que a antiga teologia liberal, com o seu "evangelho social", era incapaz de realizar a transformação da existência humana que havia imaginado e prometido. Esmagada pelos acontecimentos do mundo, exaurido o seu capital intelectual e incapaz de oferecer conceitos que pudessem esclarecer exatamente o que acontecia na vida e na sociedade ocidental da época, ela despertou e se surpreendeu, como realidade social e institucional, do lado do opressor na aurora do movimento pelos direitos civis.

Rapidamente as lideranças liberais adotaram uma postura ativista. Em 1963 o Conselho Nacional de Igrejas (NCC) pôs em prática uma política de participação direta na luta dos negros americanos pela igualdade social e econômica. Logo depois veio o envolvimento em protestos contra a guerra do Vietnã e também em movimentos de libertação em outros países. Mais tarde surgiram as questões do feminismo, da preferência sexual, da ecologia, do respeito aos animais e da "correção" em geral.

Religião se torna ética social

Por volta de 1963, a liderança do NCC já estava preocupada com a questão da natureza e da missão da igreja, portanto com a natureza fundamental do evangelho cristão. James Findlay mostrou como isso lançou as bases da passagem ao ativismo, recuperando um elemento do radicalismo do evangelho social das décadas de 20 e 30.¹⁵

Para muitas pessoas que se engajaram no movimento pelos direitos civis, ressalta Findlay, aquele foi um momento transformador. Ele cita um dos clérigos brancos nortistas que participaram do famoso projeto de verão no Mississippi em 1964: "Foi o momento mais intenso da minha vida. Em nenhum outro momento da minha vida eu tive tamanha certeza de que era ali que eu deveria estar, de que era ali que a igreja deveria estar e de que... a minha presença era a presença da igreja". Vinte anos mais tarde, relata Findlay, essa pessoa ainda rememora o impacto entusiasmante e transformador do seu modesto papel na luta pelos direitos civis nos anos 60.¹⁶

James Traub, num ensaio publicado em 1994, fala "daqueles que como eu cresceram ouvindo Martin Luther King Jr. e que encontraram na linguagem redentora do movimento pelos direitos civis um virtual substituto da crença religiosa".¹⁷

Porém, para muitos dentro da igreja liberal, clérigos ou leigos, essa linguagem não foi só um substituto da crença religiosa. *Tornou-se* de fato a sua fé. Ou talvez devamos dizer que a sua crença religiosa passou a ser a dedicação aos direitos civis num sentido mais amplo - incluindo, mais recentemente, o direito de exigir que não se use simbolismo ou linguagem ofensiva na sua presença.

Dedicar-se aos oprimidos, à libertação ou simplesmente à "comunidade" tornou-se para muitos tudo o que é essencial ao compromisso cristão. O Evangelho, ou a "boa nova", segundo essa visão, era que o próprio Deus estava por trás da libertação, da igualdade e da comunidade; que Jesus morreu para promovê-las, ou pelo menos pela falta delas; e que ele "ainda vive" em todos os esforços e tendências que as favoreçam. Para a esquerda teológica, a mensagem de Cristo tornou-se simplesmente isso.

A teologia liberal mais antiga, que na verdade era ainda primordialmente uma *teologia* ou visão de Deus, morreu e ressuscitou na forma de uma ética social que se podia partilhar com pessoas que não depositavam a menor confiança num Deus presente ou num Cristo vivo. O natural próximo passo foi a total inclusão de todas as crenças e práticas, salvo as opressivas como o exclusivismo do próprio cristianismo tradicional.

Deus e Jesus imanentes no amor humano

Nenhum ministro ou teólogo foi mais influente na popularização dessa visão do que John A. T. Robinson. Segundo ele,

o Deus cristão não é remoto. Ele é envolvido; ele é engajado. Se Jesus Cristo significa alguma coisa, significa que Deus pertence a este mundo... Todos nós precisamos, mais do

que qualquer outra coisa, de amar e ser amados... precisamos ser *aceitos* como pessoas, como pessoas integrais, para o nosso próprio bem. E é isso que faz o verdadeiro amor. Aceita as pessoas, sem estabelecer condições, exatamente como são. Dá-lhes valor. Dá sentido às suas vidas.¹⁸

A morte de Jesus, ainda tida como o acontecimento central do cristianismo histórico, aparece aqui:

E isso que vemos Jesus fazendo nos Evangelhos, fazendo e refazendo as vidas dos homens, dando-lhes significado outra vez. Nele vemos o amor em ação, de uma maneira que o mundo jamais vira e nunca mais viu. E é por isso que o Novo Testamento vê Deus em ação nele - pois Deus é amor. Na cruz esse amor atinge o ponto máximo. "Há amor para vocês!", diz o Calvário. E na Ressurreição vimos que nem mesmo a morte pode destruir o seu poder de transformar e curar. O amor sai vencedor.¹⁹

Esse é o evangelho da atual esquerda cristã: o amor sempre vence. E, logicamente, nisso todos nós devemos piedosamente depositar a nossa esperança.

Assim, como afirma Robinson, "O cristão é o homem que acredita *nesse* amor [o amor de Jesus] como a última palavra para a sua vida" (p. 52).

E o *verdadeiro* Jesus, como hoje se diz, é "aquele que se identificou com os oprimidos e os diferentes e que os ama", chamando-nos a fazer o mesmo. Essas palavras hoje exprimem a visão redentora da esquerda cristã, assim como a visão redentora da direita se sintetiza nas frases: "ter fé em Cristo para obter o perdão" ou "orar para receber Jesus".

O significado político e social do amor

Porém, assim como houve uma ferrenha discussão a respeito do que constitui a fé salvífica, também existe um problema relativo à precisa natureza do amor redentor. Neste mundo são muitas as coisas chamadas amor. Qual amor é Deus? E quem é esse Deus que é amor?

Aqui fica claro que a atual esquerda cristã descende da antiga teologia liberal. Robinson e aqueles que adotam a sua versão do evangelho raramente perdem a oportunidade de descartar aquela visão de Deus que o identifica ao "velhinho lá do céu". O bispo James Pike costumava dizer: "Eu não acredito num Deus que faz remendos", descartando assim *respostas* efetivas às orações humanas.²⁰ Ele admitia que a oração pode fazer ajustes misteriosos e nada científicos na vida, mas não provoca "respostas" num sentido mais lato da palavra - com certeza nenhuma resposta que mude o que ocorreria de qualquer modo na ordem "natural". Então a oração se revela pouco mais que um gesto ritual perante o cosmos que pode, na melhor das hipóteses, trazer bem-estar pessoal ou ajudar a melhorar as nossas atitudes.

Mas o que é que esses teólogos realmente conseguem com a sua visão revisada de Deus - além de alinhar-se com uma visão da vida e da natureza que eles podem considerar mais científica? Não representa ela simplesmente a destruição de qualquer idéia plausível de Deus e Jesus como *pessoas*, vivas e acessíveis agora vivendo um relacionamento interativo com aqueles que neles confiam?

Tal relacionamento, como já vimos, foi denominado "vida eterna" pelo próprio Jesus. Mas nas mãos da esquerda teológica, o credo e o ritual da igreja se transformaram em meros símbolos consoladores de "outro" plano, remoto e inacessível da melhor das hipóteses, plano que possivelmente não passa de imaginação ou desejo.

Infelizmente esse "outro plano" não consegue dar nenhum sentido razoável ao salmo 23 ou à Oração do Senhor, por exemplo, ou à promessa de Cristo de que ele está sempre conosco. A nova teologia adota a concepção que William James certa vez descreveu como um sobrenaturalismo "universalista" ou "sofisticado". Ela "se restringe a sentimentos sobre a vida como um todo", observou ele, enquanto "a essência da religião prática... se evapora".

Privado da sua referência a um ser ou substância espiritual transcendente que ao mesmo tempo se relaciona pessoalmente com a humanidade e dela cobra responsabilidade em relação às orientações sobre como viver, esse "amor" ("Deus") se vê obrigado a se transformar naquilo que a ideologia corrente ditar. Hoje isso significa não tratar as pessoas como diferentes entre si, ao mesmo tempo dando-lhes a liberdade de fazer o que quiserem.

Mas esse "evangelho" se revela na prática pouco mais que outra versão do mundialmente famoso sonho americano. Outras palavras associadas a ele são "igualitarismo", "felicidade" e "liberdade". Como recentemente afirmou um professor de educação da Universidade Bradley, o sonho americano é que "as pessoas possam fazer ou ser o que quiserem desde que tomem a iniciativa de fazê-lo".²² O desejo se torna sagrado, e tudo o que se opõe ao desejo é mal ou pecado. A esquerda cristã nos dá, no fim das contas, simplesmente outro evangelho de administração do pecado, só que a sua substância provém dos ideais sociais e políticos ocidentais (americanos) da existência humana num mundo secular.

O descompasso do evangelho

Será enão que poderíamos encontrar um adesivo com a seguinte frase: "Os cristãos não são perfeitos, só comprometidos com a Liberação"?

É bem possível. Os evangelhos atuais, à esquerda e à direita, exibem exatamente o mesmo tipo de alheamento conceitual da (e irrelevância prática em relação à) integridade pessoal dos crentes - ainda mais se definirmos essa integridade em termos da "semelhança a Cristo" especificada na Bíblia. Ambos carecem de uma relação essencial com a vida da pessoa como um todo, especialmente com a profissão ou o trabalho e com o tecido mais sutil dos nossos relacionamentos pessoais em casa e na vizinhança. Isso é verdade, embora todos concordem em que não deveria ser assim.

Reiterando, essa irrelevância para a vida nasce do próprio conteúdo desses "evangelhos": daquilo que eles afirmam, dos temas sobre que versam. Tratam da culpa do pecado ou de males estruturais (pecados sociais) e do que fazer a respeito deles. E só. A conseqüência *natural* disso é que a vida real continua sem esses "evangelhos".

Em *The Search for God at Harvard*, Ari Goldman conta que uma das suas colegas de turma no seminário era "esquisita" na escola e, de fato, presidia o Grupo de Gays e Lésbicas. Depois de se formar, foi nomeada pastora-assistente. A congregação local da Igreja Unida de Cristo que a nomeou também acabou ordenando-a.

Ela achou muito comovente o momento em que a congregação lhe impôs as mãos. Mas eles não sabiam que ela era lésbica. "Nunca comentei o assunto com eles", disse ela. "Se tivesse comentado, eu jamais teria conseguido o cargo. Com certeza estou levando uma espécie de vida dupla, mas isso não me parece uma dificuldade no momento."²³

Essa fuga, essa irresponsabilidade nos é muito familiar. Tremendamente comum. Todo mundo sabe o que isso significa, mas "negócio é negócio". Encontramos casos parecidos em todos os pontos do espectro teológico. O pecado se revela espantosamente apartidário e nada original. (Não seria para nós quase um alívio encontrar algum que seja realmente original?) No caso dessa mulher, onde está a fé em Cristo? Será ela irrelevante? Ou simplesmente impotente? Não estaria Deus com ela se ela dissesse a verdade? Mas, repito, vida em abundância e obediência a parâmetros morais que todos sabemos serem válidos não têm nenhuma ligação inata com os evangelhos da administração do pecado. Como já ressaltamos, ser "direita" ou "esquerda" não faz diferença nesse ponto básico.

RUMO À INTEGRAÇÃO ENTRE VIDA E FÉ

O caso do mestre ausente

Do jeito que as coisas hoje se encontram, temos, de um lado, certo tipo de "fé em Cristo" e, de outro, a vida de abundância e obediência que ele é e oferece. Mas não temos uma ponte eficaz da fé à vida. Alguns conseguem fazer essa integração. Mas quando isso acontece, o fato é encarado como golpe de sorte ou acidente, não como *parte normal e natural da própria boa nova*. A oração também parece "funcionar" para algumas pessoas. Mas quem é que sabe como ou por quê? E, seja como for, não se exige eficácia na oração - nem para ir para o céu após a morte ou para se dedicar à causa da libertação.

Aceitamos que a nossa religião efetivamente se afaste de Jesus como amigo e mestre, e da nossa existência cotidiana como santa vocação ou compromisso com Deus. Alguns trocam a

vitalidade divina e a integridade pessoal pela conduta ritual; outros podem se contentar com uma série isolada de "experiências", em lugar da transformação do caráter.

Bem no âmago dessa alienação está o fato de o mestre Jesus estar ausente das nossas vidas. Estranhamente, parece que nos dispomos a aprender a viver com praticamente qualquer pessoa, menos com ele. Acreditamos sem questionar que as "últimas pesquisas" têm mais a nos ensinar sobre o amor e o sexo do que Jesus, e que Louis Rukeyser sabe mais sobre finanças. A colunista da revista de variedades pode ensinar mais sobre como se relacionar com a família e os colegas de trabalho, e Carl Sagan é melhor autoridade sobre o cosmos. Perdemos totalmente a noção da diferença entre informação e sabedoria, e os nossos atos revelam isso.

As pessoas a quem espontaneamente recorremos em busca de "informações" sobre como viver mostram como verdadeiramente nos sentimos e em quem realmente depositamos confiança. E nada demonstra mais intensamente a que ponto chegamos na nossa mecânica suposição da irrelevância de Jesus como mestre para a nossa vida "real".

Historicamente os cristãos conservadores passaram a desconfiar de qualquer menção a Jesus como "mestre", porque os liberais, ou "modernistas", usavam essa palavra como forma de dizer que ele não era o Filho divino e salvador sobrenatural, mas "apenas um bom homem". Além disso, a idéia da salvação só pela graça isolou da "essência" da fé cristã os ensinamentos de Jesus sobre a vida e o reino de Deus. Como já vimos, ser cristão então passa a não ter nada a ver com o tipo de pessoa que se é.

Os modernistas, por outro lado, afirmavam considerá-lo um grande mestre. Mas diziam que ele estava fundamentalmente equivocado em relação a importantes elementos da sua própria mensagem, tais como a época em que o seu reino viria, e explicavam por meios naturais as palavras e os atos de Jesus que exigiam intervenção sobrenatural - a pregação e a prática da oração, por exemplo. Assim eles na prática impossibilitaram que Jesus fosse levado a sério como mestre.

Tomas Oden ressalta que "fica difícil, se não impossível, edificar uma cristologia plausível com base num Jesus ingênuo, equivocado, desafortunado ou ignorante".²⁴ E devemos acrescentar: "Ou com base num Jesus historicamente inacessível", como é a interpretação quase unânime da esquerda teológica.

Não é de admirar, então, que embora a esquerda afirme ter em alta conta a doutrina ética de Jesus, a ética que ela lhe atribui se revela depois de intenso escrutínio ser derivada das reflexões de filósofos como Locke, Rousseau, Kant e Marx - ou ainda, em anos mais recentes, de pensadores como Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre ou Michel Foucault. Assim os modernistas, como os conservadores, se recusaram a aceitar como efetiva obrigação moral a clara doutrina (segundo a entendemos) dos Evangelhos.

Essa notável reserva se estende até os Dez Mandamentos e a todas as diretrizes morais da herança judeu-cristã. Fala-se muito, porém praticamente não se vê uma conformidade resolvida a essas diretrizes. Alguns críticos atuais da Suprema Corte dos Estados Unidos gostam de destacar que ela não permite que os Dez Mandamentos sejam exibidos nas escolas públicas, embora estejam gravados nas paredes das salas da própria corte.

Mas onde há igrejas, à direita ou à esquerda, que colocam os mandamentos nas suas paredes? Os Dez Mandamentos na verdade não são muito populares em lugar nenhum. Esse fato se torna ainda mais escabroso quando refletimos que mesmo uma prática genérica apenas razoável deles já solucionaria quase todo problema de significado e ordem que as sociedades ocidentais enfrentam hoje. São a melhor informação divina sobre como levar uma vida humana satisfatoriamente decente.

O desaparecimento de Jesus como mestre explica porque hoje nas igrejas cristãs - de qualquer tendência - pouco se faz para ensinar as pessoas a fazer o que ele fez e pregou. Isso, frise-se, é uma consequência natural da nossa mensagem básica. Quem dentre nós sabe de um seminário ou curso teórico e prático oferecido no "Programa de Educação Cristã" que verse sobre como amar os inimigos, abençoar aqueles que o amaldiçoam, fazer o bem àqueles que o odeiam e orar por aqueles que cospem em você e tornam a sua vida infeliz? (cf. Mt 5:44). Muito mais fácil é encontrar um curso sobre como tocar o nosso negócio ou conduzir a nossa carreira em nome de Jesus Cristo (Cl 3:17, 23). A resposta mais comum dos cristãos do mundo "real" aos ensinamentos de Cristo é precisamente: "Negócio é negócio". E todos sabemos o que isso significa.

O ensino sincero dessas questões simplesmente não aparece no horizonte intelectual do cristão como algo que deve ser feito. Não acreditamos realmente que Jesus seja o mestre que nos ensine como viver, por isso *não podemos* nos considerar, na nossa existência cotidiana, como seus alunos ou discípulos. Portanto, recorreremos a palestrantes e escritores populares, alguns cristãos outros não - qualquer um que esteja escrevendo livros e ministrando programas e cursos sobre questões que nos interessam.

A importância central do púlpito

Voltamos agora a uma questão já levantada neste capítulo, quando falamos sobre "mudar o enfoque". E agora falamos especificamente para aqueles que ensinam e lideram, desempenhando o papel pastoral nas igrejas e na sociedade.

A situação que acabamos de descrever - o desligamento entre vida e fé, a ausência nas nossas igrejas de Jesus como mestre - não é provocada pela iniquidade do mundo, pela opressão social ou pela teimosa mesquinhez das pessoas que freqüentam os cultos das nossas igrejas e realizam os trabalhos nas nossas congregações. É em larga medida provocada e sustentada pela mensagem básica que continuamente nos chega dos púlpitos cristãos. Somos inundados por aquilo que chamei "evangelhos da administração do pecado", numa ou noutra forma, enquanto o convite que Jesus nos faz à vida eterna agora - mesmo em meio ao trabalho, aos negócios e à carreira profissional - permanece ignorado e desprezado pela grande maioria das pessoas.

Creio que todos os que falam em nome de Cristo devem continuamente fazer a si mesmos estas perguntas cruciais:

Será que o evangelho que eu prego e ensino tem uma tendência natural de fazer que as pessoas se tornem alunos de Jesus em tempo integral?

Será que aqueles que crêem nesse evangelho se tornariam aprendizes de Jesus como "próximo passo" natural?

O que podemos sensatamente esperar das pessoas que crêem de fato na essência da minha mensagem?

A condição tão eloqüentemente lamentada pelos numerosos líderes já citados neste capítulo não passa da *conseqüência natural da mensagem básica que se ouve hoje na igreja*. Seria loucura esperar algo além do que temos.

Um ditado popular entre os especialistas em administração hoje é: "O sistema foi projetado exatamente para gerar os resultados que você está obtendo". Eis uma verdade profunda, embora dolorosa, que deve ser respeitada por todos aqueles que têm interesse na formação espiritual cristã, seja para si mesmos ou para grupos e instituições.

Nós que professamos o cristianismo acreditaremos que aquilo que continuamente nos apresentam é mesmo o evangelho. Se hoje se pregam os evangelhos da administração do pecado, é neles que crêem os cristãos. E os outros que rejeitam esses evangelhos crêem que aquilo que rejeitaram é o evangelho do próprio Jesus - quando, na verdade, nem sequer o ouviram.

Por isso temos o quadro apresentado acima: os recursos do reino de Deus permanecem separados da vida humana. Não existe um evangelho para a vida humana e o discipulado cristão; apenas um para a morte ou um para a ação social. As almas humanas, abandonadas, murcham e morrem nas planuras da vida, pois não são introduzidas no ambiente para o qual foram feitas, o reino vivo de vida eterna.

Para neutralizar essa tendência precisamos desenvolver uma apresentação direta e objetiva, em palavra e em vida, da realidade da vida presente sob a regência de Deus, pela confiança na palavra e na pessoa de Jesus. Desse modo podemos naturalmente nos tornar seus alunos ou aprendizes. Podemos aprender com ele a viver a vida como ele viveria se estivesse no nosso lugar. Podemos entrar agora na vida eterna de Cristo.

O reino precisa fazer sentido

Mas isso só acontecerá se aquilo que Jesus acreditava, praticava e ensinava *fizer sentido* para nós. E a sua mensagem deve nos chegar livre dos legalismos debilitantes, das divisas políticas e

dos tradicionalismos dogmáticos que a história já provou serem becos sem saída para a alma. Obviamente não é assim que ela nos chega hoje, e esse é um fato amplamente reconhecido.

Em 1974, na Conferência de Lausanne sobre Evangelização Mundial, Michael Green perguntou retoricamente: "Vocês por acaso ouviram aqui muita coisa sobre o Reino de Deus?" Sua resposta foi: "Certamente não. Não é a nossa linguagem. Mas era o principal interesse de Jesus".²⁵

O doutor I. Howard Marshall, da Universidade de Aberdeen, comentou o seguinte: "Nos últimos dezesseis anos só me lembro de duas ocasiões em que ouvi sermões dedicados especificamente ao tema do Reino de Deus... Acho esse silêncio um tanto surpreendente, pois os estudiosos do Novo

Testamento concordam unanimemente que o tema central da doutrina de Jesus foi o Reino de Deus".²⁶

Peter Wagner, talvez o líder mais famoso do movimento mundial pelo "crescimento da igreja", também menciona a opinião unânime dos estudiosos modernos de que a mensagem de Jesus era o reino de Deus. Depois acrescenta:

Não consigo deixar de me perguntar em voz alta por que nesses trinta anos de cristão não ouvi falar mais sobre o Reino de Deus. Sem dúvida nenhuma li bastante sobre o tema na Bíblia... Mas sinceramente não me lembro de nenhum pastor que realmente tenha pregado um sermão sobre o Reino de Deus. Vasculhando a minha própria lista de sermões, percebo agora que eu mesmo nunca fiz um sermão sobre o tema. Por onde anda o Reino?²⁷

Será que o que discutimos neste capítulo não deixa claro que atualmente graves dificuldades impedem as pessoas de boa intenção de compreender eficazmente o Evangelho de Jesus, de modo que isso lhes traga frutos para a vida e o discipulado no reino? Precisamos agora tentar identificar e eliminar essas dificuldades. Se não conseguirmos eliminá-las, nenhum evangelho que anunciarmos terá a tendência natural de conduzir as pessoas a uma vida de discipulado em relação a Jesus, e à realização pessoal no reino dos céus.

Capítulo 3

O QUE JESUS SABIA: O NOSSO MUNDO IMBUÍDO DE DEUS

Embora o homem se sinta à vontade ao lado dos animais e das estrelas, ele é também vizinho cósmico do Absoluto.

Gustave Martelet,
The Risen Christ and the Eucharistic World

No mundo da Fé, os céus sobre a cidade são amistosos e próximos: são o recinto superior de toda casa.

Max Picard,
The Flight from God

UMA NOVA VISÃO DE DEUS E DO MUNDO DIVINO

A boa nova de Jesus sobre o reino só será uma diretriz segura para a nossa vida se enxergarmos o mundo em que vivemos como ele o enxerga. Aos seus olhos este é um mundo imbuído de Deus e impregnado de Deus. É um mundo pleno de uma realidade gloriosa, onde cada elemento está dentro da alçada do conhecimento e do controle diretos de Deus — embora ele obviamente permita que algumas coisas, por bons motivos, sejam por enquanto diferentes daquilo que ele deseja. É um mundo inconcebivelmente belo e bom por causa de Deus e porque Deus está sempre nele. É um mundo em que Deus age continuamente e no qual ele continuamente se compraz. Enquanto o nosso entendimento não perceber que cada coisa visível e cada acontecimento está cheio da glória da presença de Deus, a palavra de Jesus não terá nos conquistado totalmente.

O romancista Vladimir Nabokov narra o despertar de um dos seus personagens ao ver uma velha mendiga bebendo uma xícara de café que lhe haviam dado:

Percebi a ternura do mundo, a profunda benevolência de tudo o que me cercava, o jubiloso elo entre mim e toda a criação; e me dei conta de que a alegria... sussurrava em toda parte em torno de mim, nos ligeiros ruídos das ruas, na bainha de uma saia que comicamente se ergue, no zunido metálico mas terno do vento, nas nuvens de outono inchadas de chuva. Percebi que o mundo não representa um conflito, ou uma predatória seqüência de acontecimentos casuais, mas uma cintilante bem-aventurança, uma benevolente trepidação, uma dádiva que recebemos mas não valorizamos.¹

O ser jubiloso de Deus

Essencial para a compreensão e a proclamação do evangelho cristão hoje, como nos dias de Jesus, é uma revisão daquilo que é a própria vida de Deus e de como o universo físico se enquadra nela. Tarefa grandiosa e importante é descobrir o que realmente pensamos quando pensamos em Deus. Os maiores obstáculos à fé em Cristo residem na verdade, creio eu, nesse quadrante da nossa mente e da nossa alma. Se Cristo não pode nos ajudar a compreender a vida

de Deus, ele não pode nos ajudar a alcançar essa salvação/vida que vem pela fé. Mas é claro que ele pode e o faz.

Para começar, devemos crer que Deus leva uma vida muito interessante, e que ele é pleno de alegria. Indubitavelmente ele é o ser mais jubiloso do universo. A abundância do seu amor e da sua generosidade é inseparável da sua infinita alegria. Ocasionalmente bebemos minúsculas gotinhas de uma alegria que faz exultar a nossa alma, gotinhas de todas as coisas boas e belas que Deus ininterruptamente vivência em toda a sua extensão, profundidade e riqueza.

Quando eu estava lecionando na África do Sul algum tempo atrás, um rapaz chamado Matthew Dickason me levou para conhecer as praias perto da sua casa em Port Elizabeth. E o que vi me pegou de surpresa. Eu sabia bem o que era uma praia, ou assim pensava. Mas, quando chegamos ao cume do morro de onde se descortinavam o mar e a praia, fiquei simplesmente boquiaberto e calado; lentamente desci até as ondas. Palavras não conseguem exprimir a visão com que me deparei. Vi espaço, luz, textura, cor e poder... que mal pareciam ser desta terra.

Gradualmente foi se insinuando em minha mente a percepção de que Deus enxerga isso o tempo todo. Ele vê, vivência, conhece tudo isso de cada possível ponto de vista, essa e bilhões de outras cenas iguais e diferentes, neste e em bilhões de outros mundos. Enormes vagalhões de alegria devem constantemente varrer o seu ser.

Acho que é estranho dizer isso, mas de repente fiquei tremendamente feliz por Deus e julguei compreender, mesmo imperfeitamente, a consciência infinitamente jubilosa que ele é e o que deve ter significado para ele olhar para a sua criação e considerá-la "muito boa".

Pagamos rios de dinheiro para comprar um aquário com alguns peixes tropicais e nunca nos cansamos de admirar a sua brilhante iridescência, as formas maravilhosas e os deslumbrantes movimentos. Mas Deus tem oceanos *cheios deles*, e com eles continuamente se deleita. (E eu mal consigo admirar essas belas criaturinhas uma a cada vez...)

Ficamos extasiados ao ver uma seqüência cinematográfica bem-feita ou ao ouvir belos compassos de uma ópera ou ao ler os versos de um poema inspirado. Guardamos com carinho e para toda a vida os nossos melhores momentos, que talvez sejam bem poucos. Mas Deus é simplesmente uma grandiosa vivência inexaurível e eterna de tudo o que é bom, verdadeiro, belo e justo. É nisso que devemos pensar quando ouvirmos teólogos e filósofos falando dele como um ser perfeito. *Essa é a sua vida.*

Pouco tempo atrás o telescópio espacial Hubble nos enviou imagens da nebulosa da Águia, mostrando nuvens de gás e poeira microscópica que se estendem por quase dez trilhões de quilômetros de alto a baixo. Centenas de estrelas emergiam aqui e ali, mais quentes e maiores que o nosso Sol. Admirando essas imagens, e refletindo sobre a história e o contínuo desenvolvimento do universo, não pude deixar de pensar nas palavras que disse Jesus antes de deixar o seu pequeno grupo de alunos: "Na casa de meu Pai há muitas moradas... Pois vou preparar-vos lugar" (Jo 14:2).

Os seres humanos se deixam levar por jogos de carta e trenzinhos elétricos e acham que são felizes. Mas Deus tem disponível para si, nas palavras de um repórter, "nuvens de gases de trilhões de quilômetros de altura, iluminadas por fornalhas nucleares de estrelas recém-formadas, galáxias rodopiantes colidindo umas contra as outras e emitindo ondas de choque explosivas que fervilham através de milhões de anos-luz de tempo e espaço".² Essas coisas estão todas diante dele, juntamente com incontáveis botões de flores, almas e canções em pleno desabrochar - além do imensurável de que nada sabemos.

O poeta William Cowper, com muita propriedade, exclamou o seguinte de Deus:

Em minas insondáveis de talentos. De
destreza e aptidão infinita. Ele
acalenta os seus belos intentos E,
soberano, sua vontade dita.³

Ora, o próprio Jesus foi e é uma pessoa alegre e criativa. Ele não nos permite continuar concebendo o nosso Pai que enche e transborda o espaço como um monarca rabugento e infeliz, como um pai frustrado e fútil ou como um policial em ronda.

Não se pode conceber Deus assim diante desta declaração de Jesus: "Quem me vê a mim, vê o Pai". Uma das características mais notáveis da personalidade de Jesus era precisamente a abundância de alegria. Isso ele deixou como herança aos seus alunos "para que [...] o vosso gozo

seja completo" (Jo 15:11). E eles não disseram "Passe a aspirina", pois todos os que o cercavam bem sabiam que ele era um homem feliz. Algo que ilumina profundamente a vida no reino é compreender que a constante felicidade de Jesus não foi perturbada pela vivência do pesar e da angústia de morte.

Portanto, precisamos compreender que Deus não nos "ama" sem gostar de nós - não nos ama só da boca para fora, como às vezes se pensa que faz o amor "cristão". Antes, do eterno viço do seu ser perpetuamente auto-renovado, o Pai celestial acalenta a terra e cada ser humano que nela habita. O carinho, a ternura, o respeito infinitamente afetuoso de Deus por todas as suas criaturas é o transbordamento natural daquilo que ele é no âmago — algo que em vão tentamos captar com a nossa já gasta mas indispensável velha palavra *amor*.

Achando palavras para definir esse Deus grandioso

Sinceramente, hoje é difícil pensar em Deus de modo adequado - ou talvez sequer pensar nele. A nossa história intelectual atua como obstáculo, e é fato que não recebemos lá muita instrução para fazê-lo. Sinceramente, a nossa vivência cotidiana, sob fogo cruzado de muitas direções, constantemente nos afasta de um viver ponderado e nos "embrutece" de muitas maneiras - em especial teologicamente. Mas a conseqüente falta de idéias e terminologia adequadas muito prejudica a nossa fé. Isola a nossa vida real daquilo que afirmamos crer. Não podemos, nem mesmo por milagre, acreditar no vazio ou num borrão, muito menos *agir com* base nisso. Pois nesse caso a nossa mente e a nossa vida não têm um "algo" em que se agarrar - ou senão se agarram no "algo" errado.

Para confiar em Deus, precisamos de um modo exuberante e preciso de pensar e falar sobre ele, um modo que oriente e sustente a nossa visão da vida e a nossa vontade. Isso encontramos na linguagem bíblica, é claro, mas essa linguagem continuou a ser cuidadosamente trabalhada nas obras de autores cristãos até o século XX.

Ainda hoje o livro de Salmos, do Antigo Testamento, nos dá muita força para a fé e a vida. Isso simplesmente porque ele preserva uma linguagem conceitualmente rica sobre Deus e sobre os nossos relacionamentos com ele. Quem mergulha nos salmos emerge conhecendo a Deus e compreendendo a vida.

E isso não depende de modo nenhum do "efeito poético" da grandiosa linguagem sálmica, como sugerem alguns. Não se trata de mero enlevamento emocional. O que torna a linguagem grandiosa e proporciona o enlevamento emocional é em larga medida, o retrato de Deus e da vida que ali encontramos. Com os salmos aprendemos a pensar e agir de acordo com Deus. Neles nos imbuímos de Deus e do mundo divino. Eles nos proporcionam um vocabulário para viver caminhando rumo a Deus, vocabulário esse inspirado pelo próprio Deus. Mostram-nos quem é Deus, e isso expande, eleva e orienta a nossa mente e o nosso coração.

Mas, por causa de idéias que surgiram no século XVIII - principalmente via o "Empirismo britânico" e a reação kantiana/racionalista na Alemanha -, a linguagem prodigamente informativa necessária para nutrir a fé ponderada em Deus já não funciona mais no nosso ambiente cultural. As idéias da modernidade hoje dominam os centros acadêmicos do mundo, mesmo onde não são conscientemente identificadas ou compreendidas e mesmo onde são explicitamente rejeitadas. Isso vale também para muitos dos seminários cristãos onde se formam ministros e professores, e onde comumente se considera uma questão profunda o podermos ou não pensar sobre Deus ou falar dele inteligivelmente.

Somos todos produtos desse moderno sistema de pensamento, e você mesmo pode testar o poder dessa instituição intelectual observando a sua reação a uma declaração representativa sobre Deus de mais ou menos um século atrás.

Nas palavras antigas, grandiosas e meticulosamente articuladas de Adam Clarke, Deus é

O Ser eterno, independente e existente por si mesmo; o Ser cujos propósitos e atos emanam de si mesmo, sem motivo ou influência externa; o Ser que detém o domínio absoluto; a mais pura, a mais simples, a mais espiritual de todas as essências; infinitamente perfeito e eternamente auto-suficiente, nada necessitando daquilo que ele fez; ilimitável na sua imensidão, inconcebível no seu modo de existência e indescritível na sua essência; conhecido plenamente só por si mesmo, pois uma mente infinita só pode ser plenamente compreendida por si mesma. Em suma, um Ser que, em vista da sua infinita sabedoria, não

pode errar nem ser enganado e que, em vista da sua infinita bondade, só pode fazer o que é eternamente justo, correto e bom.⁴

Seria surpreendente se você achasse fácil essa leitura. Porém, é muito parecido com Shakespeare - não só antigo, mas incrivelmente rico. É até possível que você tenha imaginado que as palavras não fazem sentido. Contudo, refletindo sinceramente, todos podemos perceber que grande diferença faria na vida de uma pessoa se ela efetivamente acreditasse nesse Deus que tais palavras retratam. Pense em alguém cuja cada ação, cujo mais sutil pensamento ou inclinação, automaticamente supõem a realidade do Deus que Adam Clarke descreve.

Se você fizer isso terá concebido nada menos que a idéia do próprio Jesus, juntamente com a fé e a vida que ele veio trazer. E com tais realidades em mente é então iluminador dizer que *Deus* é amor. Isso é bem diferente de tentar encaixar à força uma maculada versão humana de "amor" num vazio mental em que se supõe que Deus esteja, depois identificando Deus como *isso*.

OS CÉUS COMO O HABITAT HUMANO

Alguns conselhos sobre o viver

Com esse Deus magnífico no meio de nós, Jesus nos traz a garantia de que o nosso universo é *um lugar perfeitamente seguro para nós*. O próprio cerne da mensagem de Cristo, bem como da sua personalidade e dos seus atos, se encontra nestas famosas palavras de Mateus 6:

Por isso vos digo: Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que as vestes? Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo vosso Pai celeste as sustenta. Porventura não valeis vós muito mais do que as aves?

Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida? E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?

Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? ou: Com que nos vestiremos? porque os gentios é que procuram todas estas cousas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas.

Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal.

Os céus são também aqui

Essa garantia ousada e astutamente jocosa a respeito de todos os elementos básicos da nossa existência - alimento, bebida e vestuário, além de outras necessidades da vida - só se sustenta numa visão esclarecida de que um Deus totalmente bom e competente está bem aqui conosco para cuidar de nós. E a sua presença é precisamente o que a palavra *céu* ou, mais corretamente, *céus*, denota no texto bíblico e também em boa parte da história cristã.⁵ A experiência de Deus no Antigo Testamento é a experiência da direta presença da pessoa, do conhecimento e do poder de Deus por aqueles que nele confiam e a ele servem. Nada - nenhum homem ou instituição, nenhum ser espiritual, nenhum acontecimento, nem o espaço ou o tempo - nada se ergue entre Deus e aqueles que nele depositam a sua fé. Os "céus" estão sempre ali com você, independentemente de qualquer coisa que aconteça, e o "primeiro céu", em termos bíblicos, é precisamente a atmosfera ou o ar que circunda o seu corpo. Já vimos o que isso significava para Abraão num capítulo anterior, e vamos nos aprofundar mais nisso na seqüência. Mas é precisamente do espaço imediatamente em torno de nós que Deus vigia e age.

Quando Paulo na colina de Marte disse aos seus inquisidores gregos que em Deus "vivemos, e nos movemos, e existimos", ele estava exprimindo da maneira mais literal possível o fato aprendido com a experiência do povo da aliança de Deus, os judeus. Ele não estava falando de maneira metafórica ou abstrata.

A mesma verdade se verifica no episódio em que Jesus repreende Nicodemos, que se tinha na conta de "mestre em Israel", por este não compreender o nascer "das alturas" - o recebimento de uma vida sobre-humana do Deus que literalmente está conosco no espaço circundante. Nascer "das alturas", na linguagem do Novo Testamento, significa estar interativamente ligado a um sistema dinâmico e invisível de realidade divina no meio daquilo em que se move toda a humanidade — quer ela saiba disso ou não. E isso, logicamente, é "O Reino no Meio de Nós".⁶

Talvez sejamos todos muito parecidos com Nicodemos. No culto podemos cantar com sinceridade o hino antigo e grandioso "Adorai ao Rei... Cujo manto é a luz, cujo dossel é o espaço":

Teu zelo generoso, que língua recitaria?
Sopra na brisa cioso; brilha na luz macia;
Escorre fluido do monte;
Desce ao plano, ao rio;
Destila suave na fonte, na chuva e no rocío.⁷

Mas será que realmente cremos nisso? Será que estamos prontos para automaticamente *agir como se* estivéssemos aqui agora e sempre na presença do grandioso ser descrito por Adam Clarke, que preenche e transborda todo o espaço, inclusive a atmosfera que circunda o nosso corpo? Quem sabe a análise de episódios do povo da aliança de Deus ao longo dos séculos possa nos ajudar a desenvolver em nós essa fé.

O céu invade o espaço humano

Abraão, logicamente, é o primeiro exemplo. Hagar, sua concubina proscrita, se afastou do seu desesperado filho por não suportar vê-lo morrer de sede no deserto. "Deus, porém, ouviu a voz do menino; e o Anjo de Deus chamou do céu a Hagar e lhe disse: Que tens, Hagar? não temas; porque Deus ouviu a voz do menino, daí onde está... Abrindo-lhe Deus os olhos, viu ela um poço de água" (Gn 21:17-19).

Alguns anos depois Abraão estava prestes a sacrificar Isaque, "Mas do céu lhe bradou o Anjo do SENHOR: [...] Não estendas a mão sobre o rapaz" (Gn 22:11-12, 15). Nessas passagens, "céu" nunca é considerado algo distante - nas nuvens talvez, ou na Lua. E sempre bem aqui, "próximo".

Estando Jacó em fuga, adormeceu numa vala sobre o seu travesseiro de pedra; sonhando, viu a terra e o céu ligados por uma passagem, com os anjos indo e vindo, e o próprio Senhor *ao lado dele*. Acordou aterrorizado, dizendo: "Na verdade o SENHOR está neste lugar... Quão temível é este lugar! É a casa de Deus, a porta dos céus" (Gn 28:12-19).

Deus falou *do céu* a Moisés na presença do povo de Israel ao dar os Dez Mandamentos (Êx 20), e trovejou *do céu* para os inimigos de Israel durante uma batalha (1Sm 7:10). Em numerosas ocasiões o fogo se materializou do ar (Gn 15:17; Êx 13:21; IRs 18:38; 2Rs 1:10; 1Cr 21:26, etc). A manifestação em fogo atmosférico tornou-se quase um evento rotineiro na história de Israel, tanto que Deus passou a ser conhecido como fogo consumidor (Dt 4:24; Hb 12:29) - um fogo que é também amor.

Esses são apenas alguns exemplos da constante interação do "céu" com o povo de Deus no Antigo Testamento. Eles nos mostram que o céu é aqui e que Deus está aqui, pois Deus e seus agentes espirituais agem aqui e estão continuamente disponíveis aqui.

Daí a conclusão universal tirada pela comunidade dos fiéis: "Quanto ao SENHOR, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é totalmente dele"(2Cr 16:9). E outra vez: "Os olhos do SENHOR repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos ao seu clamor. O rosto do SENHOR está contra os que praticam o mal, para lhes extirpar da terra a memória. Clamam os justos e o SENHOR os escuta e os livra de todas as suas

tribulações" (Sl 34:15-17). Essas e muitas outras declarações do povo eleito de Deus deixam claro que eles compreendiam que Deus está efetivamente aqui.

Os exemplos do Novo Testamento

Exatamente o mesmo tipo de acontecimento continua nos tempos do Novo Testamento. Logicamente, a encarnação na pessoa de Jesus é o caso mais perfeito de "Deus conosco" ou "Emanuel". O apóstolo João, que quando jovem fora o companheiro mais próximo de Jesus, se admira na sua velhice do fato de ele e os outros terem conhecido com os seus sentidos físicos seus ouvidos, olhos e mãos - a própria fonte da vida, que era desde o princípio de tudo (1Jo 1:1).

Por isso a visão de Jesus interagindo cotidianamente com o reino que o cercava; sua transfiguração e sua presença ressurrecta; sua ascensão; a vinda do espírito com um som "do céu" - ou seja, da atmosfera — para onde ele retornara havia pouco tempo, espírito que então encheu o recinto onde os seus discípulos aguardavam, pousando visivelmente sobre eles como línguas de fogo; essa contínua série de relações do novo povo de Deus na terra com seres angélicos, a substância da "escada de Jacó" mencionada acima - tudo isso deu à igreja primitiva a impressão mais forte possível da realidade e da presença imediata do reino de Cristo.

É necessário enfatizar que os acontecimentos em questão foram reais e que proporcionam o fundamento de uma compreensão bíblica e prática de que Deus realmente está no nosso mundo. Mas talvez já tenhamos visto muitos "efeitos especiais" na televisão e no cinema, efeitos nos quais as aparências não têm realidade correspondente. Muitas pessoas do nosso tempo já não têm a capacidade de ler a Bíblia ou inteirar-se de acontecimentos cristãos históricos de modo realista, como se realmente tivessem acontecido como estão descritos.

Achamos que sabemos tudo sobre "simulações". Além disso, já ouvimos falar de "projeção" psicológica, e a nossa cabeça está cheia de concepções pseudocientíficas que rejeitam o mundo espiritual e insistem em que o espaço é vazio e a matéria, a única realidade. Assim não hesitamos em tratar todo esse longo registro histórico como "visões" que não passam de "pura imaginação", ou então como inequívocas ilusões, e não como percepções da realidade. E recaímos nessas mitologias materialistas da nossa sociedade, que nos são automaticamente impostas pela vida "normal" como algo que "todo mundo sabe".

Traduções embaraçosas?

A incapacidade de aceitar o fato de que a nossa conhecida atmosfera é um "céu" no qual Deus habita e de onde ele se relaciona conosco acabou conduzindo a algumas traduções curiosas de textos bíblicos. Em Atos 11:5-9, dentro de um intervalo de cinco versículos, exatamente a mesma expressão, *tou ouranou*, é traduzida de três maneiras diferentes pela Nova Versão Padrão Americana e pela maioria das outras. É traduzida como "firmamento" no versículo 5, como "ar" no versículo 6 e como "céu" no versículo 9.

O episódio, talvez se lembre o leitor, é aquele em que Pedro num êxtase vê um lençol com toda espécie de animais sendo baixado da *atmosfera (tou ouranou)*. Entre esses animais estavam aves da *atmosfera*. E ele ouve uma voz da *atmosfera* lhe ordenando que se levante e coma.

Ora, a palavra *firmamento* significa algo bem diferente de *ar*, e *céu* significa algo bastante diferente das outras duas palavras. A tradução se enrosca nesses significados. O firmamento é mais um limite que um lugar, e como lugar fica mais distante que o ar. Daí dizermos: "O firmamento é o limite"³ e não "O ar é o limite". O céu, logicamente, está totalmente fora do nosso campo de visão, além da lua com certeza e muito provavelmente "além" do universo físico.

Uma tradução coerente de *tou ouranou*, com base no contexto bíblico, seria "ar" ou "atmosfera" em cada uma das ocorrências, como acabei de fazer acima, exprimindo assim o conteúdo preciso da experiência de Pedro. Deus falou a Pedro a partir do "ar" em torno, onde voam as aves e de onde veio o lençol. Isso transmite uma impressão bem diferente daquela dada pelas traduções tradicionais, que geralmente falam apenas de "céu" nessa passagem.

Do mesmo modo, Deus falou a Moisés do meio do fogo no Sinai e de cima do "propiciatório" do tabernáculo (Nm 7:89). Nos dois casos foi simplesmente do "ar". Mas a

³ Logicamente, a frase correta seria "O céu é o limite", mas o termo *firmamento* é usado aqui para traduzir a palavra inglesa *sky*. Reservamos *céu* como tradução da palavra inglesa *heaven*. (N. do T.)

ideologia que domina a nossa educação e o nosso pensamento hoje dificultam a aceitação desse fato objetivo.

É incalculável o dano causado à prática da nossa fé em Cristo e no seu reino próximo pelo confundir o céu com um lugar no espaço remoto ou exterior, ou mesmo além do espaço. É claro que Deus também está lá. Mas em vez de Deus e o céu também estarem sempre presentes conosco, como Jesus mostrou que estão, invariavelmente consideramos que estão bem longe e, muito provavelmente, num tempo bem distante - não aqui e não agora. É de admirar que nos sintamos sós?

Os exemplos persistem hoje

Exemplos de manifestações de Deus no espaço em torno de nós não estão restritos de modo nenhum ao texto bíblico. Eles deixam muitas pessoas céticas ou embaraçadas, mas continuam a ocorrer ainda hoje. Os grupos para quem eu falo quase sempre têm pessoas que já vivenciaram alguma manifestação de Deus no espaço em que se encontravam.

Penso que se você conseguir estabelecer um clima de confiança entre as pessoas, em qualquer grupo pelo menos algumas pessoas - e muitas vezes várias - terão uma história para contar. Esses relatos nem sempre envolvem experiências visuais somente, mas freqüentemente também audição e tato. E não tenho em mente aqui aqueles casos em que, como muitas vezes dizemos, a presença de Deus é apenas "sentida".

Professor cristão bem conhecido, Sundar Singh nasceu e foi criado em Rampur, na Índia, por volta do início do século XX. Ele, que era sique, ainda menino foi colocado numa escola missionária presbiteriana, onde desenvolveu uma relação de "amor e ódio" com o evangelho cristão. Por algum tempo ele viveu numa condição de grande confusão interior. Então, certa manhã, levantou bem cedo para orar, como é costume dos siques. Na sua angústia, clamou: "Ó Deus, se existe um Deus, mostra-me o caminho certo e eu me tornarei um sadhu [santo]; senão eu me suicido".

Por volta de quinze para as cinco da manhã seu quarto se encheu de luz. Ele olhou pela janela, pensando que houvesse um incêndio lá fora, mas nada viu. Continuando a orar, viu de repente diante dele uma face gloriosa e cheia de amor. A princípio pensou que fosse Buda, Krishna ou alguma outra divindade. Mas uma voz em hindustani lhe disse: "Quanto tempo mais você vai me perseguir? Lembre-se de que eu morri por você; eu dei a minha vida por você".

Vendo as cicatrizes no seu corpo, Sundar Singh reconheceu Jesus e viu que ele estava vivo, não era alguém que morrera séculos atrás. Caiu aos pés de Jesus e o aceitou como mestre, adorando-o. Mais tarde tornou-se um exemplo mundialmente famoso da presença da vida de Deus entre os seres humanos.⁸

Esse tipo de experiência, que aqui envolve uma pessoa famosa cuja história é publicamente conhecida, é típico de muitas personalidades bíblicas e extrabíblicas. Deus, Cristo, anjos e outros fenômenos incomuns são vivenciados no espaço circundante, na atmosfera - o "primeiro céu" do mundo bíblico. Lembre-se, por exemplo, da história de Gary Smith ao final do capítulo 1. É um caso dentre milhões de outros.⁹

É claro que essas experiências não glorificam aqueles que a vivenciam. Não criam uma elite de crentes. A jumenta de Balaão continuou sendo jumenta depois de ter visto o anjo e miraculosamente discutido a questão com o seu dono. Além do mais, as palavras de Jesus a Tomé sempre permanecem válidas: "Bem-aventurados os que não viram, e creram".

Esses realmente são bem-aventurados! E não porque isso mostre algum ato ou compromisso especialmente meritório de sua parte. Antes, é justo porque as coisas mais importantes da nossa vida são quase sempre coisas invisíveis. Isso permanece válido mesmo sem levar Deus em conta. As pessoas que não conseguem crer sem ver são desesperadamente limitadas em todos os seus relacionamentos. No entanto Deus de fato se revela de tempos em tempos no espaço circundante daqueles que o procuram, e ao longo do tempo ele vai deixando no meio do seu povo sinais visíveis da sua presença constante embora invisível.

Portanto, em suma, a razão pela qual a testemunha judeu-cristã considera o espaço circundante pleno de Deus é que é ali que de tempos em tempos ela o vivencia. É ali que ele se tem manifestado. Jeová naturalmente passou a ser conhecido entre os israelitas como "o Deus dos Céus" com o correr da história desse povo.¹⁰

Mateus, o Evangelho judaico por excelência, naturalmente utiliza a expressão *reino dos céus* para descrever o governo, ou "reino" de Deus. Ela capta essa rica herança da experiência judaica da proximidade de Deus que em grande parte se perdeu para a mentalidade contemporânea. Essa herança é uma revelação primordial da natureza de Deus. Forma assim a marca de identificação daquele a quem nos dirigimos na principal oração da cristandade: "Pai nosso que estás nos céus..." (Mt 6:9).

"Reino dos céus" e "reino de Deus"

Assim, uma diferença de terminologia que a princípio parece insignificante na verdade cala fundo no coração da mensagem de Jesus sobre este mundo em que vivemos. A expressão *reino dos céus* ocorre trinta e duas vezes no Evangelho de Mateus e não torna a aparecer no Novo Testamento. Por outro lado, a expressão *reino de Deus* ocorre só cinco vezes nesse Evangelho, mas é o termo habitual usado no restante do Novo Testamento. Qual a importância dessa variação terminológica?

Em geral, os estudiosos têm tratado a variação como se não tivesse importância nenhuma. Isso é uma pena, por razões que agora já devem estar claras. C. H. Dodd caracteriza bem essa posição: "As duas expressões — 'Reino de Deus' e 'Reino dos Céus', esta última peculiar ao Primeiro Evangelho - são sinônimas, sendo o termo céu comum no uso judaico como perífrase respeitosa do nome divino".¹¹

Ora, sem dúvida nenhuma, é verdade que a palavra *céu* é muitas vezes usada na Bíblia para denotar a esfera de Deus - embora creio eu que nunca, estritamente falando, o próprio Deus. Mas isso não significa que as palavras sejam sinônimas. As duas expressões em questão se referem à mesma realidade em alguns contextos, mas sempre se referem a ela de modos diferentes e comunicam coisas marcadamente diferentes sobre ela.

O próprio fato de que *céu* podia ser usado imprecisamente para denotar Deus nos dá muitas informações sobre como Deus se relaciona conosco, desde que compreendamos o que são os "céus". Isso nos informa exatamente onde Deus está em relação ao mundo humano. Por outro lado, a omissão desses significados quando se fala somente do reino de Deus gera um vácuo que facilita a compreensão equivocada de Jesus e da sua doutrina. O problema piora ainda mais pelo modo como somos ensinados a conceber hoje o espaço.

O ESPAÇO HABITADO POR DEUS

Espírito e espaço

Creio eu que o campo em que há mais conflito entre a nossa mentalidade contemporânea e a vida e boa nova de Jesus é a compreensão do espaço. Se realmente pretendemos dar significado à doutrina de Jesus e à sua prática do reino dos céus, precisamos compreender o que são o espírito e o espiritual e como eles se situam no espaço.

Algumas pessoas, confundindo Deus com as suas manifestações históricas no espaço, acabaram pensando que Deus é uma espécie de Mágico de Oz ou um ser como o retratado na capela Sistina, sentado num lugar bem distante de nós. O universo é então apresentado, primordialmente, como um vasto espaço vazio habitado por um Deus humanóide e alguns anjos esvoaçando em torno dele, enquanto vários bilhões de seres humanos rastejam pelo minúsculo intervalo cósmico da história humana sobre um enorme torrão de pó que orbita em torno de uma estrela insignificante.

Desse "deus" só podemos dizer: "Bons ventos o levem!" Parece de fato que muitas pessoas, quando tentam orar, formam tal imagem mental de Deus. Portanto, acham orar psicologicamente impossível ou extremamente difícil. Não é de admirar.

Mas, reagindo a esse equívoco, muitos dizem que Deus não está no espaço, não é aquele "velhinho lá do céu", mas está, sim, "dentro" do coração do homem. E isso soa muito bem, mas na verdade não ajuda. De fato, só piora mais as coisas. "No meu coração" facilmente se transforma em "na minha imaginação". E, de qualquer maneira, a questão da relação de Deus com o espaço e o mundo físico permanece sem solução. Se ele afinal não está no espaço, não está na vida humana, que é vivida no espaço. Os vastos oceanos de "espaço vazio" continuam ali olhando

ameaçadoramente para o "coração" humano, onde Deus supostamente se refugiou da ciência e do mundo real.

Essa malfadada tentativa de aproximar Deus confinando-o aos corações humanos priva de sentido a idéia do seu direto envolvimento na vida humana. Ironicamente, essa estratégia equivale a colocar Deus no espaço exterior ou além. Dá-nos uma linda metáfora, mas nos deixa tateando em vão em busca da realidade. Simplesmente é impossível resolver o problema da relação do espírito com o espaço tirando o espírito do espaço e colocando-o além do espaço ou "dentro" do coração.¹² Precisamos ter uma compreensão mais profunda do que é "espírito".

O espírito humano

O espírito e o espaço mais familiares a cada um de nós são aqueles contidos na nossa própria personalidade. O necessário caminho para a compreensão passa por refletir sobre a nossa própria constituição.

Sou um ser espiritual que tem atualmente um corpo físico. Eu ocupo o meu corpo e seus arredores pela consciência que tenho dele e pela minha capacidade de exercer a vontade e de agir com ela e por meio dela. Eu *ocupo* o meu corpo e seu espaço circundante, mas não posso ser localizado nele ou em torno dele. Você não consegue me encontrar nem encontrar os meus pensamentos, sentimentos ou características de personalidade em parte nenhuma do meu corpo. Nem eu mesmo consigo fazê-lo. Se você quiser *me* encontrar, a última coisa que deve fazer é abrir o meu corpo para dar uma olhada - nem deve examiná-lo de perto com um microscópio ou outros instrumentos físicos.

Durante muitos anos funcionou em Moscou um instituto científico onde os cérebros de grandes comunistas - líderes, cientistas e artistas - eram preservados e analisados sob o microscópio. Os técnicos esperavam encontrar o segredo das grandes personalidades comunistas bem ali nos seus cérebros. É claro que não encontraram nada ali. Procuravam no lugar errado e da maneira errada. Sem dúvida nenhuma o cérebro é um pedaço de carne relativamente mais importante e interessante, mas não se pode encontrar ali nenhum vestígio de intelecto, criatividade ou caráter.

A própria *unidade de experiências* que constitui o eu humano não pode ser localizado em nenhum ponto dentro ou em torno desse corpo pelo qual vivemos, nem mesmo no cérebro. No entanto estou presente como agente ou influência causal no meu corpo e em torno dele e das suas características e movimentos. Aquilo que o meu corpo sofre e proporciona, por sua vez, influencia a minha vida como ser individual. É por intermédio do meu corpo, principalmente pelo rosto e pelos gestos, ou pela "linguagem corporal", mas também verbalmente, eu me faço presente para os outros.¹³

O rosto humano, e especialmente os olhos, não são apenas outros objetos físicos no espaço. Dizemos que os olhos são as janelas da alma, e há muita verdade nisso. Os olhos, o rosto e as mãos são regiões do espaço em que a realidade espiritual da pessoa se torna presente para os outros. Ali se revela o ser mais íntimo do indivíduo, embora logicamente a pessoa na realidade não possa ser mais identificada ao seu rosto ou aos seus olhos do que aos seus pulmões, unhas ou cérebro.

Interessante é notar que "crescer" é em larga medida uma questão de aprender a ocultar o espírito atrás do rosto, dos olhos e da linguagem, para assim fugir dos outros e manipulá-los para alcançar aquilo que queremos e evitar aquilo que tememos. Por outro lado, o rosto da criança é uma constante epifania, pois ainda não sabe fazer isso. Não consegue manipular o próprio rosto. Isso também acontece com os adultos em momentos de grande emoção - e, dentre outras razões, é por isso que os sentimentos são ao mesmo tempo tão valorizados e tão temidos.

As pessoas que alcançam considerável estatura espiritual muitas vezes são comparadas a crianças. O que isso realmente significa é que não usam o seu rosto e o seu corpo para ocultar a sua realidade espiritual. Estão genuinamente presentes no seu corpo para aqueles que as cercam. É uma grande realização ou dom espiritual.

Lançando mão de uma comparação um tanto imprecisa, podemos dizer que *Deus se relaciona com o espaço do mesmo modo como nos relacionamos com o nosso corpo*. Ele o ocupa e transborda, mas não pode ser localizado nesse espaço. Cada ponto do espaço está acessível à

consciência e à vontade divinas, e a sua presença manifesta pode ser concentrada em qualquer ponto que ele julgue adequado. Na encarnação ele concentrou a sua realidade de modo especial no corpo de Jesus. Isso se deu para que recebêssemos a "iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo" (2Co 4:6).

A idéia cristã tradicional é que todo objeto físico e toda lei natural é uma manifestação da vontade de Deus. Porém, não precisamos interpretar essa idéia no sentido de que Deus está a cada segundo decidindo conscientemente, por exemplo, que este elétron deve circular em torno desse nêutron, ou que esta pilastra deve sustentar essa casa. Sem dúvida nenhuma ele poderia fazê-lo se assim o desejasse. Mas, segundo o mesmo raciocínio, é verdade que a disposição da mobília no seu apartamento é uma manifestação da sua vontade. Foi você quem arrumou os móveis e que quis que as coisas ficassem nessa disposição, mas você não está sempre pensando nisso nem exercendo a sua "vontade" nesse sentido. A disposição da sua mobília é também uma contínua revelação de você a todos os que o conhecem bem.

Deus quer ser visto

Do mesmo modo, e sem teofanias especiais, Deus é visto em toda parte por aqueles que há muito tempo vivem para ele. Sem dúvida Deus quer que nós o vejamos. Isso faz parte da sua natureza de amor transbordante. O amor sempre quer ser conhecido. Assim ele busca aqueles que podem adorá-lo com segurança e correção. Deus quer estar presente na nossa mente com toda a força de objetos apresentados claramente à percepção normal.

Numa bela passagem, Juliana de Norwich conta que certa vez o seu "entendimento baixou ao fundo do mar", onde ela viu "verdes colinas e vales". O significado que ela deduziu disso foi:

Se um homem ou uma mulher lá estivesse sob as profundas águas, e se pudesse ver a Deus, pois Deus está sempre com o homem, ele estaria seguro na alma e no corpo e nada lhe aconteceria de mal. E além disso, ele teria mais consolo e força do que este mundo pode imaginar. Pois é da vontade de Deus que acreditemos que o vemos continuamente, embora nos pareça que a visão é apenas parcial; e por meio dessa crença ele nos faz sempre alcançar mais graça, pois Deus deseja ser visto, e ele deseja ser buscado, e deseja ser esperado, e deseja também ser alvo da nossa fé.¹⁴

Ver, logicamente, não é coisa simples. Normalmente se exige muito conhecimento, experiência, imaginação, paciência e receptividade. Algumas pessoas, parece, jamais são capazes de enxergar bactérias ou estruturas celulares pelo microscópio. Mas ver é ainda mais difícil quando se trata de coisas espirituais, pois nesse caso o objeto, diferentemente de bactérias ou células, *precisam se dispor a ser vistos*.

As pessoas raramente se fazem presentes onde não são sinceramente desejadas. Isso sem dúvida vale para você e para mim. Preferimos ser desejados, carinhosamente desejados, para então revelar a nossa alma - ou mesmo para ir a uma festa. A capacidade de ver e a prática de ver a Deus e o mundo de Deus se desenvolvem pelo processo de procurar e cultivar a intimidade com ele.

Mas, assim como se pode esperar fazer progressos na visualização de qualquer objeto, o mesmo se dá em relação a Deus. Já perto do fim da sua vida, o Irmão Lawrence observou: "Dentro de pouco tempo devo partir para Deus. O que me consola nesta vida é que agora eu o vejo pela fé. E o vejo de maneira tal que às vezes chego a dizer: *Já não creio, mas vejo*".¹⁵ Os céus gradualmente se abrem para nós à medida que o nosso caráter e o nosso entendimento sintonizam com as realidades do governo de Deus.

O mito do espaço vazio

Devemos, portanto, afastar completamente a idéia de um espaço vazio. Isso é essencial para a compreensão de Jesus, pois é essencial à compreensão do governo que Deus exerce dos céus, que é o seu reino no meio de nós. Viajar pelo espaço sem encontrar a Deus não significa que o espaço é vazio, assim como viajar pelo meu corpo sem me encontrar não significa que eu não estou aqui.

Em *Longe do Planeta Silencioso*, C. S. Lewis narra criativamente a experiência vivida por um dos seus principais personagens, Ransom, que, à medida que a espaçonave o levava cada vez mais para longe da terra, "sentia no peito" uma "exultação" e um "alívio progressivos":

Estava me livrando de um pesadelo — algo incutido na mente moderna em tempos imemoriais pela mitologia que sucede ao despertar da ciência.

Já lera sobre o "Espaço": num canto da sua mente espreitava havia anos a sombria fantasia do vácuo sombrio e gelado, da morte absoluta, que se supunha separar os mundos. Ele não se dera conta do quanto isso o afetara até agora - agora que exatamente o mesmo "Espaço" parecia uma blasfema calúnia contra esse empíreo oceano de radiância no qual navegavam... julgara-o estéril; mas agora via que era o ventre dos mundos, cujas crias radiantes e inumeráveis toda noite olhavam lá de cima mesmo a terra com olhos incontáveis - mas aqui, quantos mais olhos não eram?¹⁶

Alguns podem contestar que isso não passa de literatura. Sim, mas assim mesmo é válido por abalar as idéias infundadas que, sem sustentação científica nenhuma, saem da cultura da pseudociência para paralisar a fé. Às vezes coisas importantes só podem ser apresentadas via literatura ou arte, e de nenhum outro modo.

Com certeza meramente viajar pelo espaço não é um modo eficaz de descobrir a divina riqueza que enche toda a criação. Essa descoberta vem pela busca pessoal e pela reorientação espiritual, bem como pela reação divina de fazer-se presente para aqueles que estão prontos para recebê-lo. Só então podemos proclamar, com os serafins, "Santo, santo, santo" ao ver que "toda a terra está cheia da sua glória".

Numa comparação admirável, Ole Hallesby ressalta que o ar de que o nosso corpo precisa nos envolve por todos os lados. Para recebê-lo só nos basta respirar. Do mesmo modo, "O 'ar' de que a nossa alma precisa também envolve a todos nós em todos os momentos e por todos os lados. Deus está em torno de nós em Cristo, cercando-nos por todos os lados, com a sua graça multifacetada e plenamente suficiente. Só o que precisamos fazer é abrir o nosso coração".¹⁷

TODAS AS COISAS VISÍVEIS E INVISÍVEIS

O que é então realidade *espiritual*?

Talvez isso nos ajude a começar a repensar o problema de como Deus está presente em torno de nós no espaço e do que é o "reino dos céus". Mas precisamos buscar um entendimento ainda mais profundo do espírito e do espiritual.

E para isso examinamos novamente a personalidade, na forma como a encontramos em nós mesmos. Pois é nas pessoas ou "eus" - e nos seus sentimentos, pensamentos e vontade - que inicialmente vimos a conhecer precisamente o que é o espiritual. "Espiritual" não é apenas algo que *devemos* ser. É algo que *somos* e de que não podemos escapar, independentemente do que pensemos ou sintamos a respeito. É a nossa natureza e o nosso destino.

NÃO FÍSICO. Quando dizemos que o pessoal é o espiritual, queremos dizer, em termos negativos, que o espiritual é algo que não se pode perceber por nenhum dos cinco sentidos. Em você, nos outros ou no próprio Deus, o espiritual não tem propriedades físicas como forma, tamanho, peso, cor, sabor, odor e textura. Assim, quando em 2Co 4:18 Paulo fala de absorver a vida do invisível concentrando a nossa mente e as nossas expectativas sobre ele, e não no visível - "não atentando nós nas cousas que se vêem, mas nas que se não vêem" -, ele se refere, logicamente, ao plano das pessoas, e a Deus acima de tudo.

A sua *idéia de* ou o seu *desejo por* um doce ou por sucesso na carreira profissional é um exemplo trivial de algo de que você tem aguda consciência e que pode descrever com um bom nível de detalhamento. Mas você não pode tocá-lo ou cheirá-lo, tão pouco uma luz mais forte ou óculos poderiam fazer que você o "visse" melhor. É simplesmente algo desprovido das características que se revelam aos sentidos físicos. E isso não funciona como refutação desse "objeto", pois se ele tivesse tais propriedades não poderia ser uma idéia ou um desejo. Essa observação está ligada a um fato já mencionado: que tal idéia ou desejo não é localizável no espaço.

O PODER ABSOLUTO. Ao concluir que o espiritual não é físico, não queremos negar que ele tenha poder ou energia. Pois certamente tem. E esse é um detalhe importante para a caracterização positiva do espiritual. O espírito é uma forma de energia, pois ele age, e tudo o que age tem poder. Na visão bíblica ele é, logicamente, a forma absoluta de poder na qual se fundamentam todas as outras formas.¹⁸

Considerando outra vez o caso mais simples, se você está agora sentado numa sala provavelmente tudo o que você vê em torno de si deve sua existência, ou pelo menos sua presença ali, aos sentimentos, às idéias e à vontade de uma ou mais pessoas. Também, quando você olha para cima e vê um avião voando, você olha para algo que deve sua existência à realidade espiritual — a mente e a vontade - do ser humano. Aviões não dão em árvores.

PENSAMENTO. Mas toda caracterização positiva do espiritual precisa mencionar também que, além de ter poder, as pessoas ou eus e suas experiências se dirigem conscientemente a vários assuntos que as interessam. Ou seja, as pessoas *pensam* e os seus pensamentos escolhem ou selecionam objetos específicos do passado, do presente ou do futuro. Essa é a atividade da mente. É o aspecto cognitivo do ser espiritual que uma pessoa é. Nenhuma coisa física o tem.

AVALIAÇÃO. Ainda, como todos sabemos, as pessoas se inclinam favoravelmente a algumas coisas sobre que pensam, e se voltam contra outras (isso é sentimento, emoção ou avaliação). Isso nos faz capazes de *escolher* e agir segundo as nossas escolhas. Essa é a nossa *vontade*.

Cada uma dessas dimensões ou aspectos do pessoal ou espiritual é algo que encontramos em nós mesmos, embora não através da visão, audição, do olfato ou outro sentido físico. E os encontramos fluindo tão prodigamente que nos é impossível definir a nossa própria existência com semelhante plenitude de detalhes.

A importância central da vontade ou coração

Dentre os aspectos da realidade pessoal/espiritual, é a "vontade" que se encontra no âmago mais profundo. Em linguagem bíblica, a vontade é geralmente indicada pela palavra "coração". É isso que organiza todas as dimensões da realidade pessoal para formar uma vida ou uma pessoa. A vontade, ou coração, é o centro executivo do eu. Assim o ponto central do espiritual, nos homens como em Deus, é a autodeterminação, também chamada liberdade e criatividade.

As criancinhas aprendem rapidamente a fazer coisas para dar àqueles que amam. Se as suas almas não forem esmagadas pela vida, como infelizmente muitas são, elas continuarão a fazer isso durante toda a vida, e na hora da morte desejarão legar a outras coisas que elas produziram ou asseguraram pelos próprios esforços.

As pessoas criativas no campo da liderança (relações humanas), das artes e do intelecto são as mais admiradas entre nós. Às vezes criatividade é uma questão de firme fidelidade a idéias ou relacionamentos. Nós sempre estimulamos tremendamente aquilo que provém do centro do nosso ser, o coração. Isso, mais do que qualquer outra coisa, é o que somos.

Comentando sobre como a nossa força, inteligência, riqueza ou boa sorte "nos faz sentir à altura da vida", William James acrescenta: "Porém, mais profundo do que todas essas coisas, e capaz de bastar-se a si mesmo sem elas, é o senso do tanto de esforço que podemos fazer". Esse "esforço parece pertencer a um plano completamente distinto, como se fosse a coisa essencial que nós *somos*, e as outras coisas não passassem de adereços que *carregamos*". Os nossos "consentimentos ou não consentimentos", na linguagem de James, "parecem os nossos órgãos de comunicação mais profundos com a natureza das coisas! Que maravilha se o esforço exigido por eles fosse a medida do nosso valor como homens... a única contribuição prototípica e original que damos para o mundo!"¹⁹

E quanto a Deus, a mais elevada revelação bíblica da natureza metafísica de Deus está em Êx 3:14. Ali, em resposta à pergunta de Moisés sobre a sua natureza ou sobre quem ele é, Deus afirma: "Eu Sou O que Sou" - um Ser que existe em virtude somente dos seus próprios recursos. O Pai tem vida "em si mesmo", diz-nos mais tarde Jesus, e ele deu a mesma vida ao Filho (Jo 5:26). Nada além de Deus tem esse caráter de ser *totalmente* auto-suficiente, um caráter de autodeterminação.

Mas assim mesmo todo ser humano tem uma vontade, ou força de vontade. É a nossa inclinação e a nossa capacidade de agir por conta própria e de produzir aquilo que consideramos ser bom — de ser livremente criativos. Como temos vontade, não somos *coisas*. Temos em nós a

capacidade de autodeterminação numa medida significativa. Sem vontade não teríamos vida reconhecivelmente humana.

Já discutimos isso brevemente num capítulo anterior. Lá, deve se lembrar o leitor, estávamos definindo o "reino" que pertence a todo ser humano por natureza. E vimos que a graça, pela fé em Jesus, possibilita que o nosso reino prospere e se una ao reino de Deus.

O coração, ou vontade, simplesmente é o espírito no ser humano. É o espírito humano, a única coisa em nós que Deus aceita como fundamento do nosso relacionamento com ele. É o plano espiritual da nossa existência natural, o lugar da verdade perante Deus, única base a partir da qual toda a nossa vida pode se tornar eterna.

A substancialidade do espiritual

Reunimos todas essas idéias dizendo que o espírito é *poder pessoal incorpóreo*. É primordialmente uma *substância*, e é acima de tudo Deus, que é ao mesmo tempo espírito e substância.

Entender espírito como "substância" é da mais suma importância no nosso mundo de hoje, tão ferrenhamente devotado à supremacia da matéria. Significa que o espírito é algo que existe por si mesmo — até certo ponto no caso humano e absolutamente no caso de Deus. Pensamentos, sentimentos, vontade e seus desenvolvimentos são as muitas dimensões dessa substância espiritual, que exerce um poder que está além do físico. O espaço é ocupado por ele, que pode se manifestar ali segundo a sua vontade. É assim que Jesus enxerga o nosso mundo. Isso faz parte do seu Evangelho.

Como seres espirituais que somos, conforme explicado acima, só nos fará bem - individual e coletivamente — vivermos em interativa dependência com Deus e sob o domínio do seu reino. Toda espécie de vida, da couve ao búfalo, vive num determinado mundo adequado a ela. Cada espécie é chamada para este mundo pelo que é. Só ali reside o seu bem-estar. Isolada desse seu mundo especial, ela define e acaba morrendo.

É assim que o chamado à espiritualidade nos chega. Devemos ser espirituais em cada aspecto da nossa vida, porque o *nosso* mundo é o mundo espiritual. Fomos feitos para ele. Assim Paulo, com a sua profunda compreensão da existência humana, nos aconselha: "O pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz" (Rm 8:6).

À medida que formos integrando a nossa vida ao mundo espiritual de Deus, cada vez mais a nossa vida se revestirá da substância do eterno. Estamos destinados para um tempo em que a nossa vida será totalmente sustentada pelas realidades espirituais, já não dependendo para nada do físico. A nossa condição mortal terá sido substituída por outra imortal, e a morte, tragada pela vitória.²⁰

A perplexidade humana

É claro que esse destino contradiz categoricamente a perspectiva humana usual, ou aquilo que "todos sabem" ser verdade. Para mim, isso só faz reforçar esse destino. As nossas "vidas de tranqüilo desespero", nas conhecidas palavras de Thoreau, são impostas por uma extrema aflição. Vemo-nos num mundo em que não temos nenhum valor, onde o que fazemos faz pouca diferença e onde aquilo que realmente amamos é inatingível, ou na melhor das hipóteses pouco seguro. Ficamos desvairados ou desesperados.

No seu livro *The Doors of Perception*, Aldous Huxley observa: "A maioria dos homens e mulheres leva uma vida na pior das hipóteses tão penosa, na melhor tão monótona, medíocre e limitada, que o desejo de fugir, o anseio de transcender a si mesmo, ainda que por alguns momentos apenas, é e sempre foi uma das principais aspirações da alma".²¹ Eles são incansavelmente levados a buscar, na expressão de H. G. Wells, "Portas no Muro" que os sepulta na vida.

Huxley estava certo de que "o anseio de fugir da individualidade e do ambiente está em praticamente todo mundo quase o tempo todo" (p. 63). Portanto, a necessidade de freqüentes "recessos químicos da intolerável individualidade e de arredores repulsivos" jamais mudaria. A carência humana só poderia ser suprida, segundo esse ponto de vista, pela descoberta de uma

nova droga que aliviasse a nossa espécie sofredora sem fazer mais mal do que bem a longo prazo (pp. 64-65).

Em *Minha Confissão*, Leão Tolstói conta como o impulso à bondade que o inspirava quando menino foi destruído pelas suas experiências na sociedade. Mais tarde, depois de alcançar estrondoso sucesso como escritor, assim mesmo mergulhou numa paralisia psicológica acarretada pela percepção da futilidade de todas as coisas. A consciência de que a mera passagem do tempo reduziria a nada tudo o que ele amava e valorizava o deixou em completo desespero. Viveu nessa condição durante anos, até finalmente encontrar a fé num mundo de Deus onde tudo o que é bom é preservado.

A solução no "pendor do Espírito"

Esse é precisamente o mundo do espiritual que Jesus apresentou à humanidade há muito tempo, e ainda hoje apresenta àqueles que o buscam. Contemplando a fé de camponeses simples e as vidas tão profundamente preñes de significado (embora penosas) que decorriam dessa fé, Tolstói foi atraído a Jesus e à sua mensagem do reino de Deus. Essa mensagem então lhe mostrou o caminho para o mundo espiritual e o "pendor do Espírito", que como Paulo também disse, é "vida e paz".

O pendor ou mentalidade do espírito é vida e paz precisamente porque nos situa num mundo adequado à nossa natureza de seres incessantemente criativos sob a regência de Deus. O "pendor da carne", por outro lado, é morte em vida. Para ele os céus permanecem fechados. Vê somente "Aquela

Tigela invertida que chamam Firmamento, Sob o qual vivemos e morremos presos no tormento".²² Confina-nos ao mundo físico visível, onde aquilo que o nosso coração anseia jamais pode existir. Aí, como Tolstói percebeu com desgosto, descobrimos que precisamos continuamente violar a nossa consciência para "sobreviver".

Jesus por outro lado, nos leva a um mundo sem medo. No seu mundo, surpreendentemente, não há nada de mal que precisemos fazer para prosperar. Ele viveu e nos convida a viver num mundo imorredouro onde é seguro fazer o bem e ser bom. Para os seus primeiros amigos, ele "não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho" (2Tm 1:10). Portanto, a nossa postura de confiante dependência dele em tudo o que fazemos nos possibilita tornar a nossa vida imortal, de valor eterno, integrada às perspectivas e movimentos eternos do Espírito.

A existência humana, entendida no contexto desse mundo *pleno* de Deus — "as coisas [...] visíveis e as invisíveis", para usar linguagem bíblica —, pode ser tão boa quanto naturalmente esperamos que seja e pensamos que deva ser, embora talvez não exatamente nos termos que costumamos imaginar. Em termos bem melhores, de fato, pois Deus continuamente se inclina a "fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós" (Ef 3:20).

A DESTRUIÇÃO DA MORTE

Indiferença em relação à morte

Quando compreendemos a nossa condição no mundo integral de Deus, de repente faz sentido a admirável indiferença que Jesus e os autores do Novo Testamento tinham pela "morte física". Paulo afirma claramente, como acabamos de ver, que Jesus destruiu a morte — simplesmente a eliminou. Nada como aquilo que geralmente se entende como morte jamais acontecerá àqueles que entraram na vida de Cristo.

Para certo grupo do seu tempo, que acreditava que a "morte física" era a cessação da existência do indivíduo, disse Jesus: "Deus não é Deus de mortos, e, sim, de vivos" (Lc 20:38). Ele queria dizer que aqueles que amam e são amados por Deus não deixam de existir, pois são as preciosidades de Deus. Ele neles se compraz e pretende mantê-los perto de si. Deus até preparou para eles uma obra eterna individualizada no seu vasto universo.

No presente o Cristo eternamente criativo está preparando lugares para que suas irmãs e seus irmãos humanos se juntem a ele. Alguns já estão lá sem dúvida atarefados ao lado dele nas

suas obras grandiosas. Nem passa pela nossa cabeça que eles sejam meros observadores. No dia da sua morte, Jesus prometeu a outro homem que morreu junto com ele que os dois se encontrariam naquele mesmo dia num lugar que chamou de Paraíso. Esse termo sugere uma agradável área ajardinada.

Muitos e muitos se sentem tentados a descartar o que diz Jesus, considerando que não passa de "belas palavras". Mas aqueles que consideram a sua doutrina irrealista ou impossível» o fazem mais por falta de imaginação do que por competência lógica. Eles deveriam examinar mais atentamente o universo que *Deus já* criou antes de concluir que ele não poderia providenciar a vida futura da qual fala a Bíblia. Qualquer pessoa que percebe que essa realidade é realidade de Deus, e que tenha visto mesmo um pouco daquilo que Deus *já* fez, entende que esse "Paraíso" não apresenta nenhuma dificuldade. E ali Deus preservará cada um dos seus queridos amigos na integridade da sua existência pessoal precisamente por amá-los como são. Acaso poderia ele desfrutar da companhia dos seus amigos, acaso poderiam eles servi-lo se estivessem "mortos"?

Já usamos as palavras de Vladimir Nabokov uma vez neste capítulo para exprimir a realidade do mundo de Deus e a sua proximidade de nós. Numa carta à sua mãe para consolá-la da morte do seu pai, ele escreveu:

Três anos já se passaram - e cada característica de papai, mesmo as mais insignificantes, continua mais viva do que nunca dentro de mim. Tenho muita certeza, minha querida, de que nós o veremos outra vez, num céu inesperado mas completamente natural, num lugar em que tudo é luz e deleite. Ele virá em nossa direção, na radiante eternidade que compartilharemos, e ligeiramente erguerá os ombros como costumava fazer; e nós lhe beijaremos o sinal de nascença na mão sem nenhuma surpresa. A senhora, querida, precisa viver na expectativa desse terno momento, sem jamais ceder à tentação do desespero. Tudo voltará.²³

Mas, logicamente, se a pessoa simplesmente não crê no Deus de que vimos falando, então deve interpretar Jesus como puder. Isso, infelizmente, é comuníssimo. Acho que as pessoas deveriam, antes de começar a interpretar Jesus, dizer se acreditam ou não no seu Deus. Então teríamos já uma boa idéia do que esperar.

Não provarás a morte

Seja como for, Jesus fez questão de dizer que aqueles que nele confiam e receberam a vida que flui nele e em Deus jamais provarão a morte. Essas pessoas, disse ele, jamais *verão* a morte, jamais *provarão* a morte (Jo 8:51-52). Noutra ocasião ele diz simplesmente que "todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente" (11:26).

Portanto, ao pensar na vida e fazer planos para ela, não devemos prever que passaremos por um terrível momento chamado "morte", a ser evitado a todo custo mesmo que não possa ser evitado. Essa é a atitude normal dos seres humanos, sem dúvida nenhuma. Mas, imersos no Cristo em ação, podemos estar certos de que a nossa vida - sim, essa mesma vida que cada um de nós conhece tão bem - jamais vai terminar. Deveríamos pensar no que estaremos fazendo daqui a trezentos ou mil ou até dez mil anos neste maravilhoso universo.

O hino *Maravilhosa Graça* foi escolhido numa recente pesquisa do jornal *USA Today* como o favorito dos americanos. É cantado nos shows do Boston Pops e executado em enterros militares e policiais. Hoje faz parte da cultura americana, se não ocidental, e apresenta com acerto o futuro da humanidade remida:

Quando lá já estivermos há dez mil anos,
Como o sol, brilhando radiantes, Não
teremos menos dias de louvor a Deus, Não
menos do que tínhamos antes.

Será que seria realmente essa a verdade sobre a nossa condição? Jesus, respondendo a essa pergunta, certamente diria: "Podem acreditar!" Somos seres espirituais e imorredouros com um eterno destino no mundo pleno de Deus.

Quando Mickey Mande já se aproximava da morte, corroído por doenças provocadas por uma vida regada a álcool, disse que teria cuidado melhor de si se soubesse quanto tempo viveria. Isso nos dá uma profunda lição. Se jamais deixaremos de existir, como devemos "cuidar de nós mesmos"? Jesus mostra aos seus aprendizes como viver à luz do fato de *que jamais* deixaremos de viver. É isso que os seus alunos estão aprendendo com ele.

Deixando o nosso "tabernáculo", ou casa provisória

É claro que algo vai acontecer. Abandonaremos o nosso corpo atual em determinado momento, e a nossa partida e o que deixaremos para trás não parecerão agradáveis àqueles que gostam de nós. Mas esse momento, como Paulo também afirma, simplesmente será uma questão de "deixar o corpo e habitar com o Senhor" (2Co 5:8).

Os primeiros cristãos diziam que os que passavam pela morte física "dormiam". Nessa condição estamos, como dizemos ainda hoje de uma pessoa adormecida, "mortos para este mundo". Para aqueles que ficam existe uma semelhança óbvia, embora superficial, entre o corpo daquele que dorme e o corpo de outro que passou ao mundo pleno. Mas nesse modo de falar não havia intenção de dizer que estaríamos inconscientes. A consciência persiste enquanto dormimos, e do mesmo modo quando "dormimos em Jesus" (1Ts 4:14; At 7:60). A diferença é simplesmente uma questão daquilo de que estamos conscientes. Na verdade, na morte "física" nós nos *tornamos* conscientes e desfrutamos de uma riqueza de experiência que jamais conhecemos antes.

O evangelizador americano Dwight Moody observou já perto do fim da vida: "Um dia, breve, vocês vão ouvir dizer que eu morri. Não acreditem nisso. Eu então estarei mais vivo do que nunca". Quando os dois guardas chegaram para levar Dietrich Bonhoeffer ao cadafalso, ele puxou de lado um amigo e brevemente lhe disse: "Isso é o fim, mas para mim é o princípio da vida".²⁴

Como então deveríamos conceber a transição? O não termos uma forma de concebê-la é uma das coisas que a torna persistentemente aterrorizadora mesmo para aqueles que têm plena confiança em Jesus. O unimaginável é para nós naturalmente assustador. Mas há duas metáforas que creio serem corretas e também úteis. Elas podem nos ajudar a saber o que devemos esperar *no momento* em que deixarmos o nosso "tabernáculo", o nosso corpo (2Co 5:1-6).

A primeira é de Peter Marshall, e ficou famosa alguns anos atrás. É a metáfora de uma criança brincando à noite com seus brinquedos. Pouco a pouco ela vai ficando cansada e abaixa a cabeça para repousar um pouco, continuando a brincar preguiçosamente. A próxima coisa que ela vivência ou "prova" é a luz da manhã de um novo dia inundando a cama e o quarto para onde sua mãe ou seu pai a levou. O interessante é que nunca nos lembramos do momento em que adormecemos. Não o "vemos", não o "provamos".

Outra metáfora é de uma pessoa que passa por uma porta entre dois recintos. Ainda em relação com as outras pessoas do recinto que ela está deixando, já começa a enxergar e conversar com as pessoas do outro recinto, que podem estar totalmente ocultas àqueles que ficaram para trás. Antes da disseminação do uso de pesados sedativos, era bem comum observar algo parecido com isso. A pessoa que faz a transição muitas vezes começa a falar com aqueles que partiram antes dela. Eles nos vão receber enquanto estamos ainda em contato com aqueles que ficam. As cortinas se abrem para nós pouco antes de passarmos.

Falando do esplendor dessa passagem para o mundo pleno dos "céus reabertos", John Henry Newman comenta o seguinte: "As coisas maravilhosas do novo mundo já são agora mesmo o que serão então. São imortais e eternas; e as almas que então ficarem conscientes delas as verão na sua tranquilidade e na sua majestade, onde sempre estiveram... A vida que então começará, bem o sabemos, durará para sempre; no entanto, com toda a certeza, se a memória for então para nós o que é hoje, esse será um dia certamente a ser celebrado perante o Senhor pelos séculos dos séculos".²⁵ Será o nosso nascimento num mundo pleno de Deus.

O duplo contexto da vida no mundo de Deus

Segundo a sabedoria de Jesus, então, todo evento assume uma realidade e um significado diferente, dependendo de ser visto somente no contexto do visível ou também no contexto do

mundo pleno de Deus, onde todos aliás vivemos. Tudo o que ele ensinou pressupõe isso, e para ser seus alunos precisamos compreender e aceitar essa verdade. É nesse sentido algo "axiomático".

Numa história bem conhecida do Evangelho, Jesus está sentado perto da caixa das ofertas no templo, de onde observa os ricos fazendo as suas consideráveis doações. Depois chega uma pobre viúva, que joga na caixa tudo o que possui: duas das menores moedas em uso na época. Ele então comenta com os seus discípulos que a viúva doou mais do que todos os outros.

No contexto do físico ou do meramente humano, essas não passam de "belas palavras". De fato, isso vale para quase tudo o que Jesus disse, pois ele viveu e ensinou tendo a plena visão dos céus escancarados. Por isso, multidões consideram a sua doutrina "irrealista". Elas não enxergam o seu mundo.

Obviamente, em certo sentido, a viúva não doou mais. Mas, tendo em vista o que Deus faz *com* a ação dela e aquilo que ele faz também, ou antes não faz, com as ações dos outros, é literalmente verdade que ela doou mais. A doação dela teve maior valor. Coisa de maior valor se fez com as moedinhas da viúva do que com as "grandes" doações dos outros. O contexto do Reino no Meio de Nós transforma as ações dessas pessoas. "Pouco vale mais", costumamos dizer, "quando Deus está no pouco". E assim é. Realmente.

QUAL É REALMENTE O LADO CERTO?

Os primeiros serão os últimos e os últimos, os primeiros

Essa história nos chama a atenção para a Grande Inversão que reside no bojo da boa nova (ou Evangelho) de Jesus e seu povo. O episódio da caixa de ofertas do templo é um exemplo. O que se revela muito vividamente nesse caso é na verdade a estrutura geral que permeia a mensagem da Bíblia como um todo e a realidade ali retratada.

Essa estrutura indica que o normal da humanidade é voar de cabeça para baixo, e ao mesmo tempo irradia uma mensagem de esperança para todos os que contam com a ordem de Deus, independentemente das suas circunstâncias. Não há ninguém tão baixo na ordem humana que não possa ser levantado para entrar na ordem de Deus, e ninguém tão alto na ordem humana que possa desconsiderar o ponto de vista de Deus.

Percebemos essa inversão na vida dos patriarcas, Abraão, Isaque e Jacó: nômades que nem por isso deixaram de reunir grande riqueza e acabaram possuindo em promessa a terra na qual vagavam. Tudo se fundou no fato de que Deus estava óbvia e palpavelmente *com eles*. Por isso os seus vizinhos muito os temiam (Gn 26:27-29).

Também os filhos de Israel formavam o segmento mais miserável da sociedade egípcia. No entanto "triunfaram sobre o cavalo e o cavaleiro no meio do mar". A estéril, a viúva, o órfão, o eunuco, o estrangeiro - todos modelos de desesperança humana - se tornam profícuos e se vêem seguros sob os cuidados de Deus. São seguidamente invocados no texto do Antigo Testamento como testemunhas da grande inversão entre os nossos caminhos e os de Deus (e.g., Is 56:3-8).

Essa inversão se torna tão bem conhecida ao longo da revelação bíblica que passa a ser tratada como um artifício literário formal no ensino de qual é e como opera o ponto de vista divino. Ezequiel contempla a completa destruição da casa real e do governo de Israel do seu tempo. Babilônia viria a destruí-lo totalmente. Em contraste com esse colapso de uma realidade física e social, ele descreve o modo de agir de Deus: pegar o minúsculo renovo de um cedro para plantá-lo nos altos montes de Israel, de modo totalmente independente dos cuidados humanos.

Aquele renovo representava o resto do povo judeu desprovido de um "reino" humano. "Produzirá ramos, dará frutos e se fará cedro excelente", diz o profeta em nome de Deus. "Debaixo dele habitarão animais de toda sorte, e à sombra dos seus ramos se aninharão aves de toda espécie. Saberão todas as árvores do campo que eu, o SENHOR, abati a árvore alta, elevei a baixa, sequei a árvore verde, e fiz reverdecer a seca; eu, o SENHOR, o disse, e o fiz" (Ez 17:22-24).

Jesus renovou essa metáfora na parábola em que apresenta o reino dos céus como uma minúscula sementinha que cresce e se transforma numa árvore onde as aves podem fazer seus ninhos (Mt 13:31-32). Nessa parábola ele se refere precisamente ao crescimento do seu povo na terra independentemente do governo humano. O governo que Cristo exerce dos céus já lhes é suficiente.

Ver tudo pela perspectiva dos "céus abertos" é ver todas as coisas como são perante Deus. O Reino no Meio de Nós é simplesmente o próprio Deus e o reino espiritual dos seres sobre os quais a sua vontade está perfeitamente presente - "como no céu".

Esse reino deve ser distintamente contrastado com o reino do homem: a esfera da vida humana, aquela minúscula parte da realidade visível em que a vontade humana temporariamente tem certo grau de domínio, mesmo contrário à vontade de Deus. "Os céus são os céus do SENHOR", disse o salmista, "mas a terra deu-a ele aos filhos dos homens" (115:16). E diante do quadro que vemos hoje, só temos que lamentar: "Pobre terra!".

Tornar-se discípulo de Jesus é aceitar agora essa inversão de distinções humanas que mais cedo ou mais tarde será imposta a todos pela irresistível realidade do seu reino. Como é que devemos concebê-lo para alcançar a inversão do nosso atual ponto de vista? Devemos, simplesmente, aceitar que ele é o melhor e mais inteligente homem que já viveu neste mundo, que ele é ainda hoje "o soberano dos reis da terra" (Ap 1:5). Então podemos entrar de corpo e alma na sua conspiração cósmica para vencer o mal com o bem.

A resistência que se forma no nosso cotidiano

A vida humana sem dúvida resiste a essa grandiosa inversão. Para ela, a própria idéia dessa inversão é um insulto e uma ilusão. A nossa civilização está presentemente nos estágios avançados daquilo que Max Picard definiu como "a fuga de Deus". A idéia de um mundo de Deus, mundo que tudo envolve e tudo permeia, que toca cada aspecto da nossa vida, onde podemos estar sempre completamente à vontade e em segurança, independentemente do que aconteça na dimensão visível do universo, é comumente considerada ridícula.

Não é difícil enxergar a forma concreta e opressora que a fuga de Deus assume hoje. Não há, por exemplo, nenhuma especialidade das atividades humanas em que a relação com Deus faça obrigatoriamente parte da teoria ou da prática a ser dominada para que a pessoa seja considerada competente. Isso vale para a química e a administração pública, mas também para a educação, a enfermagem, o trabalho policial e muitas vezes, surpreendentemente, para o próprio ministério cristão. Vale para o casamento e a criação dos filhos. Basta observar como as pessoas são ensinadas, avaliadas ou julgadas competentes em qualquer um desses campos: você se verá frente a frente com o panorama da fuga de Deus.

Todos nós vivemos nesse mundo, pois vivemos de acordo com as nossas competências. As nossas almas estão, conseqüentemente, embebidas de secularidade. Em qualquer área na qual as pessoas devam ser inteligentes e bem informadas, até o cristão mais ponderado e devoto achará difícil fazer uma apresentação convincente da relevância de Deus e do seu mundo espiritual para a "vida real".

O mundo "real" tem pouco espaço para um Deus de pardais e crianças. Diante desse mundo Jesus só pode parecer alguém "de outro mundo" -uma pessoa de bom coração, mas fora de contato com a realidade. Sim, é preciso admitir que ele é influente, mas só porque afirma coisas que os tolos e os medrosos fantasiavam em face de um mundo brutal. Ele é como um animador de torcida que continua gritando - "Vamos ganhar!" - embora o placar esteja 98 a 3 contra nós no último minuto do jogo.

Quando essa estratégia de abordagem do "mundo real" triunfa entre aqueles que professam Cristo, eles podem então até ter fé na fé, mas terão pouca fé em Deus. Pois Deus e seu mundo simplesmente não são "reais" para eles. Podem acreditar na crença, mas não serão capazes de confiar em Deus - como muitas pessoas da nossa sociedade que amam o amor, mas na prática são incapazes de amar gente de carne e osso. Podem acreditar na oração, considerá-la realmente uma coisa boa, mas serão incapazes de orar acreditando e, portanto, dificilmente vão chegar a orar de verdade.

Pessoalmente me convenci de que muitas pessoas que crêem em Jesus não acreditam na realidade em Deus. Dizendo isso não quero condenar ninguém, mas tentar explicar por que a vida dos crentes está hoje como está, muitas vezes seguindo na direção contrária daquilo que eles sinceramente pretendem.

JESUS, MESTRE DO INTELECTO

A onda crescente da descrença

A "realidade cultural" que com tanta eficácia sufoca hoje o verdadeiro discipulado já nos atinge há um bom tempo. Durante séculos nutriu-se dentro de um pequeno círculo de intelectuais. O bispo Joseph Butler, ao final do século XVII, mencionou sarcasticamente esses "pensadores avançados" comentando que "parece que finalmente descobriu-se que o cristianismo é fictício".²⁶

O século XIX presenciou uma amarga disputa intelectual nos centros do saber do mundo ocidental, disputa em que o até então aceito ponto de vista de Jesus, tal qual o apresento aqui, perdeu a posição de opção intelectual. Não que a fé cristã seja meramente uma questão intelectual, mas nesse período ela passou a ser identificada com idéias e atitudes simplesmente irrelevantes para a realidade.²⁷

Por volta de meados do século XX, a postura dominante nos círculos acadêmicos que regiam a nossa crença foi bem expressa num trecho do livro *Brideshead Revisited*, de Evelyn Waugh. Charles Ryder, o protagonista do romance, comenta o seguinte sobre a religião do outro personagem central:

A fé de Sebastian era um enigma para mim naquela época, mas eu não me sentia particularmente interessado em resolvê-lo... A noção implícita na minha educação era que a narrativa básica do cristianismo havia muito tempo se revelara um mito, e essa opinião enfrentava agora uma divisão: alguns julgavam que a sua doutrina moral tinha ainda valor hoje; outros, a maioria, posicionavam-se contra essa corrente; a religião era um passatempo que algumas pessoas professavam e outras não; na melhor das hipóteses era ligeiramente decorativa, na pior era terreno de "complexos" e "inibições" - clichês da década — e também da intolerância, da hipocrisia e da completa estupidez a ela atribuídas durante séculos. Ninguém jamais me havia sugerido que essas curiosas práticas expressavam um sistema filosófico coerente e intransigentes proposições históricas. Mesmo se me sugerissem, eu não me mostraria muito interessado.²⁸

Essas palavras exprimem perfeitamente o peso esmagador do ponto de vista secular que permeia ou pressiona cada pensamento que temos hoje. Às vezes ele chega até a obrigar aqueles que se identificam como professores cristãos a deixar de lado as claras declarações de Jesus sobre a realidade e a absoluta relevância do reino de Deus, substituindo-as por especulações filosóficas cuja única credencial é a sua coerência em relação à mentalidade "moderna".

O pressuposto poderoso, embora vago e infundado, é que *se encontrou algo* que torna a compreensão espiritual da realidade à maneira de Jesus simplesmente insensata para aqueles que "detêm o conhecimento". Mas quando chega a hora de dizer exatamente o que se encontrou, nada de concreto se apresenta.

Assim, Rudolf Bultmann, há tempos considerado um dos grandes líderes do pensamento do século XX, apresentou o seguinte argumento: "É impossível usar a luz elétrica e o telégrafo sem fio e se beneficiar das modernas descobertas médicas e cirúrgicas e ao mesmo tempo acreditar no mundo de espíritos e milagres do Novo Testamento".²⁹

Para qualquer um que já ponderou os principais argumentos, essa declaração é simplesmente risível. Mostra apenas que grandes homens são capazes de grandes tolices. Contudo, esse tipo de "pensamento" domina boa parte da nossa vida intelectual e profissional hoje, e em particular tem regido a esmagadora maioria dos estudos bíblicos há mais de um século.

O homem mais inteligente do mundo

Mas, se pretendemos nos matricular para valer na escola da vida cristã, o infundado pressuposto em questão deve ser encarado como o que realmente é: um preconceito vazio. Embora este não seja o local para discutir o assunto, o leitor pode ter certeza absoluta de que nada de fundamental mudou no nosso *conhecimento* da realidade última e do eu humano desde o tempo de Jesus.³⁰

Muitos se surpreenderão com essa observação, mas ela pelo menos nos proporciona uma idéia - de que nada de fundamental mudou desde os tempos bíblicos - que toda pessoa

responsável precisa ponderar pelo menos uma vez na vida, e quanto antes melhor. Quanto àqueles que acham isso inacreditável - e eu continuamente encontro pessoas assim na minha linha de trabalho -, para deixá-los desconcertados basta lhes perguntar exatamente *o que* mudou e onde estão as provas. Descer aos detalhes sempre ajuda a clarear a mente.

A profusão de teorias, fatos e técnicas que surgiram nos últimos séculos não tem absolutamente nenhuma relação lógica com as questões últimas da existência e da vida. Nesse aspecto servem somente para distrair e confundir um povo já mergulhado na insensatez pelos seus slogans, avanços científicos, aparelhos que "poupam trabalho" e um dilúvio de promessas sobre quando e como a "felicidade" será alcançada. Referências vagas a "partículas e progresso" não produzem um retrato coerente da vida.

Seja como for, podemos dizer com ainda maior certeza que, se nos deixarmos levar pelas correntes da modernidade, jamais compreenderemos o evangelho de Jesus para a vida e o discipulado. Isso simplesmente porque a sua obra e doutrina, bem como a vertente principal do cristianismo histórico que dele se originou, se baseia essencialmente na realidade substancial do espírito e do mundo espiritual. É impossível separar essa realidade do cristianismo. A essa altura da nossa história, depois de tantas tentativas de fazer tal separação, qualquer pessoa sincera e bem informada sabe que isso não é viável.

O nosso compromisso com Jesus só pode se basear no reconhecimento de que ele é aquele que sabe a verdade a respeito da nossa vida e do nosso universo. Não é possível ter fé em Jesus, ou em qualquer outra pessoa, relativamente a questões nas quais não cremos que ele seja competente. Não podemos orar pedindo o seu auxílio nem confiar na sua colaboração em questões da vida real que desconfiamos que possam sobrepujar o seu conhecimento ou as suas capacidades.

E será realmente possível imaginar que Jesus pode ser *Senhor* sem ser inteligente? Se ele é divino, como poderia ser burro? Ou desinformado? Quem pára para pensar no assunto, logo questiona o seguinte: como é que ele poderia ser aquilo que julgamos que ele é em todos os outros aspectos sem ser ao mesmo tempo a pessoa mais bem informada e mais brilhante dentre todas, a pessoa mais inteligente que já passou pela terra?

É exatamente assim que o concebiam os seus primeiros aprendizes na vida do reino. Ele não era considerado um mago que só sabia as "palavras certas" para obter resultados sem compreender os mecanismos, alguém que conseguia manipular eficazmente as aparências. Antes, foi aceito como o mais hábil cientista, artesão e artista.

A visão bíblica e histórica de Jesus era de alguém que criou toda a realidade e a manteve operando; literalmente "Nele tudo subsiste" (Cl 1:17). E hoje consideramos inteligentes as pessoas que fazem lâmpadas, *chips* de computador e foguetes com "matéria" já existente! Mas foi ele quem fez a "matéria"!

Não é de admirar, então, que os primeiros cristãos pensavam que nele "todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos" (Cl 2:3). Essa confiança na sua excelência intelectual é o fundamento do radicalismo do cristianismo em relação à ordem humana. Tal confiança nos faz crer que Jesus hoje vive além da morte como "a fiel testemunha, o primogênito dos mortos, e o soberano dos reis da terra. [...] o primeiro e o último, e aquele que vive", aquele que pode dizer: "Estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do inferno" (Ap 1:5,17,18).

O Mestre das moléculas

No plano absolutamente material, Jesus soube transformar a estrutura molecular da água para torná-la vinho. Esse conhecimento também lhe permitiu tomar alguns pães e peixes para alimentar milhares de pessoas. Jesus criava matéria a partir da energia que ele sabia extrair dos "céus".

Não é de surpreender que a alimentação dos milhares tenha levado as multidões a tentar fazê-lo rei. Certamente quem sabia manipular daquele modo a equação energia/matéria poderia fazer qualquer coisa. Transformar cascalho em ouro e pagar a dívida externa! Você não acha que ele poderia se eleger presidente ou primeiro-ministro hoje?

Ele sabia transformar os tecidos doentes do corpo humano em tecidos saudáveis, sabia transformar a morte em vida. Sabia suspender a gravidade, interferir no clima e eliminar árvores

estéreis sem serra nem machado. Só precisava de uma palavra. Certamente ele deve se divertir com as descobertas que hoje recebem os prêmios Nobel.

No terreno da ética ele trouxe um entendimento da vida que, mais do que qualquer outro, tem influenciado o pensamento mundial. Veremos o que isso significa nos capítulos seguintes. E um dos maiores testemunhos à sua inteligência é sem dúvida que ele soube entrar na morte física, morrer de fato, e depois continuar vivendo após a morte. Ele agarrou a morte pelo pescoço e a derrotou. Esqueça a criônica!

A morte não foi algo que outros lhe impuseram. Ele explicou aos seus seguidores num momento de crise que poderia a qualquer momento convocar 72.000 anjos que fariam o que ele quisesse. Um dos anjos de porte médio certamente já bastaria para cuidar daqueles que pensavam que o estavam capturando e matando. Ele disse claramente: "Ninguém a tira [a vida] de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu pai" (Jo 10:18).

Todas essas coisas mostram o domínio cognitivo e prático que tinha Jesus sobre todo aspecto da realidade: físico, moral e espiritual. Ele é Senhor só porque é Mestre. "Jesus é o Senhor" pouco significa na prática para aquele que hesita em dizer: "Jesus é inteligente".

Ele não é apenas bom, mas brilhante. Ele é o homem mais inteligente que jamais viveu. Está agora supervisionando todo o desenrolar da história do mundo (Ap 1:5), enquanto ao mesmo tempo prepara o resto do universo para o nosso futuro papel nele (Jo 14:2). Ele sempre tem a melhor informação sobre tudo e certamente também sobre as coisas mais importantes para a vida humana. Examinemos agora os seus ensinamentos sobre quem tem a vida digna, quem está entre os verdadeiramente bem-aventurados.

Capítulo 4

QUEM ESTÁ REALMENTE BEM? – AS BEM-AVENTURANÇAS

Bem-aventurados os espezinhados, os estapeados, os traídos.

Paul Simon

Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.

Mateus 5:3

Porém, muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros.

Mateus 19:30

O ENIGMA DAS BEM-AVENTURANÇAS

Aquilo que chamamos de Sermão do Monte é um resumo dos ensinamentos de Jesus sobre como viver efetivamente na realidade do presente reino de Deus, que nos é acessível no próprio espaço que cerca o nosso corpo. O resumo termina com a declaração de que todos os que ouvem e fazem o que ele diz terão uma vida que tudo suporta — ou seja, uma vida para a eternidade, pois já está no eterno (Mt 7:24-25).

Como grandes pensadores **fizeram** antes e depois dele, Jesus lida **com** as duas principais questões que a humanidade enfrenta.

Primeiro há a questão de qual vida é a vida digna. O que é genuinamente do meu interesse e como posso alcançar o verdadeiro bem-estar? Logicamente já sabemos que a vida na vida divina será a vida digna, e a repetida afirmação acerca da imediata disponibilidade do reino sempre conservou essa verdade fundamental diante dos olhos de seus alunos e ouvintes.

Mas no tempo de Jesus, como também hoje, havia um ponto de muita controvérsia: quem pode estar plenamente convicto de ter essa vida? Aquilo que chamamos de Bem-aventuranças ele nos deu para ajudar a esclarecer essa questão. As Bem-aventuranças e o epílogo vital que as acompanha ocupam Mt 5:3-20.

A segunda questão que Jesus aborda no sermão diz respeito a quem é verdadeiramente bom. Quem é que tem o tipo de bondade encontrada no próprio Deus, constituindo a semelhança familiar entre Deus e seus filhos? Essa questão é abordada no restante do sermão, de 5:20 a 7:27. Voltaremos à resposta de Jesus a essa questão no capítulo seguinte.

Não foi sem razão que a doutrina de Jesus em resposta a essas duas grandes questões se revelaram os ensinamentos mais influentes que já surgiram na face deste exausto planeta. Isso não quer dizer que tudo o mais que se produziu na história humana não tenha valor. Longe disso. Mas a sua doutrina sobre o que é bom para o ser humano é, tomada no seu todo, única e singularmente profunda e poderosa.

Para alcançar uma plena compreensão da sua força e profundidade nada nos seria mais útil do que a comparação mais honesta e meticulosa dessa doutrina com todas as alternativas promissoras.¹ Mas isso exige um tipo diferente de livro, e simplesmente não podemos empreender tal comparação aqui. Vamos nos concentrar diretamente naquilo que o próprio Jesus ensinou. E a primeira questão é: quem é que, segundo Jesus, tem a vida digna.

Suave veneno?

As Bem-aventuranças são a resposta definitiva de Jesus a essa pergunta. Elas estão entre os tesouros literários e religiosos da humanidade. Ao lado dos Dez Mandamentos, do Salmo 23, da Oração do Senhor e de bem poucas outras passagens da Bíblia, elas são reconhecidas por praticamente todo mundo como algumas das mais elevadas expressões de intuição e inspiração moral religiosa. Podemos saboreá-las, afirmá-las, meditar sobre elas e gravá-las em placas para pendurar nas paredes, mas persiste uma importante questão: como devemos *viver* em conformidade com esses preceitos?

A pergunta não é irrelevante. Interpretações equivocadas das Bem-aventuranças dadas por Jesus em Mateus 5 e Lucas 6 já causaram muita dor e confusão ao longo dos séculos, e continuam hoje a fazê-lo. Por estranho que pareça, as Bem-aventuranças nem sempre foram uma bênção. Para muitos elas se revelaram nada menos que um suave veneno.

Certa vez, depois de eu ter discorrido sobre as Bem-aventuranças, uma senhora veio falar comigo e disse estar grandemente aliviada com aquilo que acabara de ouvir. Ela me contou que seu filho havia abandonado a fé cristã e deixado a igreja por causa das Bem-aventuranças. Era um homem forte e inteligente que optara pela carreira militar. Como muitas vezes acontece, lhe disseram que as Bem-aventuranças - com a sua lista dos pobres e dos tristes, dos fracos e dos mansos - eram o retrato do cristão ideal. Ele foi bem franco com a sua mãe: "Isso não sou eu. Nunca vou poder ser assim".

Certamente esse homem não era perfeito e poderia ter feito várias mudanças para melhor. Mas será que é isso que devemos fazer com as Bem-aventuranças - "Ser assim"? Francamente, a maior parte das pessoas acha que sim. Mas elas estão redondamente enganadas. Mais comum do que a direta rejeição dessa interpretação do cristianismo é a culpa constante e consciente que sofre a pessoa por não estar, ou não querer estar, na lista dos supostamente preferidos de Deus. Esse tipo de culpa também alimenta uma mórbida vertente que infelizmente persiste no cristianismo histórico e que tem enfraquecido bastante o seu impacto para o bem na história e na vida das pessoas. Por outro lado, muitas vezes se enchem de orgulho aqueles que se consideram retratados nas Bem-aventuranças.

O contexto do ensinamento

Se descobirmos o que o próprio Jesus tinha em mente com as Bem-aventuranças, aí sim saberemos o que fazer - e o que não fazer - com elas. Essa deve ser a chave para compreendê-las; afinal de contas são as Bem-aventuranças de Jesus, não as nossas; portanto, não podemos fazer com elas o que quisermos. E, como os grandes mestres e líderes sempre desenvolvem a sua mensagem de modo coerente e ordenado, e de supor que o ensinamento das Bem-aventuranças é um esclarecimento ou desenvolvimento do seu tema primordial nesse sermão e na sua própria vida: *o acesso imediato dos homens ao reino dos céus.*² De que modo, então, as Bem-aventuranças desenvolvem esse tema?

No capítulo 4 de Mateus, vemos Jesus proclamando a sua mensagem básica (v. 17) e demonstrando essa mensagem ao agir *com* o reino divino dos céus, atendendo as desesperadas necessidades das pessoas que o cercavam. Como consequência, ele curava "toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo. E a sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curou. E da Galileia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e dalém do Jordão numerosas multidões o seguiam" (4:23-25).

Depois de atender as necessidades das pessoas que se aglomeravam em torno dele, ele quis ensinar-lhes e subiu até um lugar elevado - "ao monte" (Mt 5:1) - de onde todos poderiam vê-lo e escutá-lo bem. Porém, como muitas vezes se sugere, ele não se afasta da multidão para proferir um discurso esotérico de sublime irrelevância às gritantes necessidades daqueles que se acotovavam em torno dele. Antes, no *meio* dessa massa de gente simples, que se mostra atenta a cada palavra — pois note o leitor que a multidão reage maravilhada ao final do discurso -, Jesus ensina o significado da disponibilidade dos céus aos seus alunos ou aprendizes e a todos os que estão ali ouvindo.

Creio que ele lançou mão do método de "dizer e mostrar" para deixar claro até que ponto o reino está "próximo" de nós. Estavam ali diante dele aqueles que *tinham acabado de receber* graças dos céus por meio dele. O contexto deixa isso claro. Ele poderia apontar na multidão uma pessoa que era "bem-aventurada" porque o Reino no Meio de Nós havia se estendido a ela, tocando-a com o coração, a voz e as mãos de Jesus. Talvez seja por isso que nos Evangelhos só vemos Jesus pregando Bem-aventuranças no meio de uma multidão de pessoas que ele havia tocado.

E, portanto, ele disse: "Bem-aventurados os analfabetos espirituais - os espiritualmente falidos, despossuídos e deficientes, os mendigos espirituais, aqueles que não têm nenhuma lágrima de 'religião' - quando o reino dos céus vem sobre eles".

Ou: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus".⁴ Essa, é claro, é a tradução mais tradicional e *literalmente* mais correta de Mt 5:3. Os pobres de espírito são bem-aventurados porque o reino de Deus está disponível para eles na sua pobreza espiritual. Mas hoje as palavras "pobres de espírito" já não carregam o sentido de carência espiritual que tinham originalmente. Surpreendentemente, passaram a denotar uma condição louvável. Foi por isso que, à guisa de correção, parafraseei acima o versículo. Sem dúvida Jesus tinha muitos exemplos dessa categoria na multidão que o cercava. A maioria dos 12 Apóstolos (se não todos) eram desse tipo, como muitos dos que agora lêem essas palavras.

Os "analfabetos espirituais" também desfrutaram do desvelo do céu

Quando Jesus falava, em torno dele havia gente completamente destituída de qualidades ou capacidades espirituais. Você jamais poderia contar com eles para realizar alguma "obra espiritual". Nada neles sugeria que o sopro de Deus pudesse se mover nas suas vidas. Não tinham nenhum carisma, nenhuma inclinação ou brilho religioso.

Eles "não conhecem a sua Bíblia". Eles "não conhecem a lei", como disse um crítico posterior da obra de Jesus. São "meros leigos", que na melhor das hipóteses podem ocupar um banco de igreja ou, quem sabe, dar uma oferta. Ninguém os chama para conduzir um culto ou mesmo para fazer uma oração, e podem fraquejar se alguém lhes pedir isso.

Eles são os primeiros a lhe dizer que "realmente não entendem nada de religião". Passam por nós às centenas ou milhares todo dia. Seriam os últimos a dizer que têm qualquer idéia sobre Deus. As páginas dos Evangelhos estão abarrotadas de gente assim. E no entanto: "Ele me tocou". O reino dos céus desce sobre as suas vidas pelo contato com Jesus. E então eles também são bem-aventurados - curados no corpo, na mente ou no espírito — nas mãos de Deus.

Um ministro relata a sua experiência de tentar conduzir estudos bíblicos nas casas de pessoas pobres do norte do México. Nessas reuniões, logicamente a participação é sempre encorajada. Ele conta que, no início, lia uma passagem da Bíblia e perguntava: "O que vocês acham?" Ninguém respondia. Silêncio total. Isso acontecia seguidamente. Finalmente ele percebeu que ninguém nunca pergunta aos pobres o que eles *acham*.

Isso também faz parte do que significa ser pobre "de espírito". Ninguém imagina que você tenha idéias que valham a pena ser ouvidas. A verdadeira pobreza na ordem humana é quase automaticamente tida como sinal de fracasso em todos os aspectos.

Profundamente revelador daquilo que pensamos de Deus é ver como os tradutores se esforçam para tornar essa condição de "pobreza espiritual" algo bom em si mesmo e assim merecedor da bem-aventurança. A maioria daqueles que não dão o significado literal indicado colocam algo como "humildes" no lugar.³

A primeira edição da New English Bible, por exemplo, trazia: "Quão bem-aventurados são aqueles que sabem que são pobres". Trata-se claramente de uma tradução equivocada, que porém a segunda edição corrigiu, dando: "Bem-aventurados os pobres em espírito".

A geralmente excelente versão de Berkeley traz: "Bem-aventurados aqueles que se dão conta da sua pobreza espiritual, pois deles é o reino dos céus". Outra tradução *obviamente* equivocada quando comparada com o grego. É um erro de tradução imposto pela necessidade de dar sentido a algo que simplesmente não se compreende. Se a língua grega quisesse dizer algo

⁴ O texto da *ARA*, que usamos como fonte das citações bíblicas neste livro, usa a expressão "humildes de espírito". (N. do T.)

sobre saber ou perceber que não se têm bens espirituais, não teria dificuldades para fazê-lo. Mas não diz nada disso.

Essa dificuldade na tradução reflete a nossa forte necessidade de encontrar na condição mencionada algo de bom, algo que Deus supostamente deseja ou até exige, que então sirva como fundamento "sensato" para a bem-aventurança que ele confere. Mas isso nos faz perder de vista justamente aquilo a que as Bem-aventuranças deveriam nos chamar a atenção.

Jesus não disse - "Bem-aventurados os pobres em espírito *porque* são pobres em espírito". Ele não pensava: "Que coisa excelente é ser desprovido de toda realização ou qualidade espiritual. Isso torna as pessoas dignas do reino". E nós deturpamos o significado muito mais profundo desse ensinamento sobre a disponibilidade do reino substituindo o estado de pobreza espiritual — de modo nenhum bom em si mesmo - por algum estado mental ou atitude supostamente elogiável que nos "qualifica" para o reino.⁴

Ao fazê-lo simplesmente substituímos a extática declaração do evangelho por outro legalismo banal. Os pobres em espírito são chamados "bem-aventurados" por Jesus não porque estejam numa condição meritória, mas porque *precisamente apesar disso e em meio à sua sempre tão deplorável condição* o reino dos céus lhes traz a redenção pela graça de Cristo.

Alfred Edersheim está, portanto, absolutamente certo ao dizer que

No Sermão do Monte... as promessas ligadas, por exemplo, às chamadas "Bem-aventuranças" não devem ser consideradas como **recompensas** dos estados espirituais a que estão respectivamente vinculadas, nem como seu resultado. Não é **porque** um homem é pobre em espírito que dele é o Reino dos Céus, no sentido de que um estado irá dar no outro, ou ser o seu resultado; menos ainda é uma recompensa do outro. O elo de ligação em cada um dos casos é o próprio Cristo: porque Ele... "abriu o Reino dos Céus a todos os crentes".⁵

Ainda no controle

Os espiritualmente empobrecidos que estavam na multidão diante de Jesus só são bem-aventurados porque o gracioso toque dos céus desceu gratuitamente sobre eles. Mas as traduções equivocadas que destacamos continuam atraentes porque se ajustam ao nosso senso humano de adequação que se insurge contra a bênção divina às pessoas só por causa da sua necessidade ou só porque ele assim decidiu - ou talvez só porque alguém lhe tenha pedido.

Esse mesmo senso de adequação pode até nos possibilitar driblar totalmente o contato com Jesus nas suas próprias Bem-aventuranças. De fato, a maioria das interpretações das suas palavras consegue esquecer até que ele está presente.

Se tudo o que precisamos para ser bem-aventurados no reino dos céus é ser humildes reconhecendo a nossa pobreza espiritual, então basta fazer isso para alcançar a bem-aventurança. Escapamos à humilhação da incompetência espiritual porque, por estranho que pareça, conseguimos transformá-la em realização espiritual só por reconhecê-la. E escapamos ao constrangimento de receber pura misericórdia, pois o nosso humilde reconhecimento torna de algum modo apropriada a bem-aventurança.

Encontramo-nos num estado de humilhação, talvez, mas ao menos sabemos disso - e então podemos ousadamente ostentá-lo, com orgulho até, como um sinal de virtude. Resgatamos para nós uma comovente porção de justiça. E, de qualquer maneira, porventura não são humildes todas as pessoas boas? Então todas as pessoas boas têm o reino dos céus! Que outro papel tem Jesus nisso a não ser o de mostrar o bom senso de percebê-lo e dizê-lo?

E logicamente isso significa também que temos toda a condição de explicar claramente às pessoas como elas podem construir o seu caminho para o reino. Talvez muitas achem que já estão lá! "Basta ser humilde", diz-se. (Quem é que não se acha humilde? Alguns apenas, talvez.) Essa solução muito agrada aos intelectuais e eruditos, que, pela minha experiência, orgulham-se especialmente de ser humildes em relação ao seu intelecto.

Mas esse modo de ler as Bem-aventuranças também dá a diversos tipos de pessoas acesso automático ao reino dos céus, e de maneiras muito convenientes - especialmente se concebem um Deus remoto e não um Rei presente. Caso não possam ser humildes, talvez consigam chorar

ou ser mansos ou se tornar perseguidos, e assim uma das outras Bem-aventuranças, segundo essa interpretação, assegurará a sua felicidade.

Aqui temos um caso gritante de salvação por atitude, senão por obras. Ou mesmo por circunstância ou casualidade, no caso de você vir a ser perseguido, por exemplo - atitudes ou circunstâncias meritórias garantem a aceitação de Deus! Será possível que Jesus tinha algo desse tipo em mente?

E os que não estão na "lista"?

Concluimos essa interpretação popular das Bem-aventuranças com o seu passo final e fatal. Não só as condições mencionadas — pobreza de espírito, aflição, mansidão e assim por diante - são condições meritórias que de alguma maneira quase "obrigam" que Deus alce as pessoas à posição de bem-aventurança, e não só você pode estar seguro de se achar no reino se realmente buscar ser assim ou se encaixar nessas condições, mas se você *não* se enquadra nelas, certamente não será abençoado. Se você não está na lista não está no reino. Talvez nem vá para o "céu" quando morrer. Já ouvi isso de numerosos professores cristãos. Se o objetivo de Jesus aqui é nos dizer o que fazer para entrar na vida do reino, não devemos acaso crer que ele nos deu uma lista *completa*? Se esse era o seu objetivo, será que ele deixaria de mencionar outras maneiras possíveis de entrar no reino?

Que a lista é completa e exclui outras maneiras de entrar no reino parece comprovado pelas "desgraças" ou "infortúnios" pronunciados ao lado das "bem-aventuranças" na versão de Lucas:

Ai de vós, os ricos!
porque tendes a vossa consolação.
Ai de vós, os que estais agora fartos!
porque vireis a ter fome.
Ai de vós, os que agora rides!
porque haveis de lamentar e chorar.
Ai de vós, quando todos vos louvarem!
porque assim procederam seus pais com os falsos profetas.

Não são os ricos aqueles que não são pobres, os que riem aqueles que não choram, os populares aqueles que não são perseguidos?

O que poderia ser mais claro que isso? Se a interpretação usual das Bem-aventuranças de Jesus como orientações sobre o modo de alcançar a bênção está correta, você *teria de ser* pobre, teria de chorar, teria de ser perseguido, e assim por diante, para estar entre os bem-aventurados. Seria de esperar, portanto, que qualquer um que aceitasse sinceramente essa interpretação procurasse se tornar pobre, triste, perseguido e assim por diante, mais muito pouca gente realmente age assim. Será que basta simplesmente sentir-se culpado por não fazê-lo?

Não vale para hoje?

Assim fica fácil perceber por que muitos decidiram que o Sermão do Monte, que começa com as Bem-aventuranças, não pode valer para o presente -para "esta dispensação" ou a época atual —, mas deve passar a viger no Milênio, ou quem sabe só no além. A nossa era é uma era *de graça*, dizem eles. Já não sofremos muito para firmar essa idéia? Como entrar no reino de Deus, segundo a interpretação mais comum das Bem-aventuranças, obviamente não é uma questão de graça mas de alcançar condições especiais, então a era atual não pode ser a era do reino. É assim que muitos pensam.⁶

Tal interpretação explica o fato de que entre os evangélicos, até cerca de vinte anos atrás, não se podiam ensinar os princípios do reino para esta vida sem ser acusado de pregar um evangelho meramente "social". Esse evangelho buscava realizar o reino de Deus enfatizando as reformas legais e sociais ditadas pelos imperativos cristãos. E era de fato, apesar da sua boa intenção, uma forma de "salvação pelas obras" - forma que sobrevive hoje no plenamente

secularizado movimento pela "ética social". É claro que, segundo essa ótica, a única salvação em questão era salvar as pessoas da privação e do sofrimento nesta vida.

Mas supor que a doutrina de Jesus sobre o reino dos céus não serve para hoje é exatamente como defender que o salmo 23 não vale para hoje. É verdade que o chamado de Jesus ao reino *agora*, exatamente como no salmo, é de natureza tão radical e tão absolutamente subversivo em relação à "vida habitual" que qualquer pessoa que o leve a sério se verá sobre contínua tentação de desvinculá-lo da existência humana "normal". É por isso que "O SENHOR é o meu pastor" está gravado mais em lápides que em vidas.

Por outro lado, o claro intento do Novo Testamento como um todo é que os ensinamentos de Jesus devem ser aplicados agora. Pois se não é assim, tampouco valerá para o agora tudo o que o Novo Testamento diz sobre a vida. É impossível dizer coerentemente que as grandes passagens, como Romanos 8, 1 Coríntios 13, Colossenses 3 e Gálatas 5, por exemplo, são para o agora - como todos admitem —, ao mesmo tempo relegando o Sermão do Monte e outras passagens do Evangelho à próxima dispensação ou vida. Não pode ser assim simplesmente porque elas dizem na verdade as mesmas coisas.

Dizem, por exemplo: "Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade" (Cl 3:12). Ou então: "O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta" (1Co 13:4-7).

A hipótese que se levanta nesse ponto de que os ensinamentos de Paulo são "para a era da igreja", enquanto os de Jesus são para "outro tempo", simplesmente não resiste à análise. Se a sua mentalidade e a sua vida realmente se conformam ao que dizem as cartas de Paulo, você encontrará pouca novidade ao examinar o Sermão do Monte.

Em vez de negar a relevância dos ensinamentos de Jesus para o presente, simplesmente devemos reconhecer que ele tem sido interpretado equivocadamente. As Bem-aventuranças, em particular, não são ensinamentos sobre *como* ser bem-aventurado. Não são instruções para fazer nada. Não indicam condições especialmente agradáveis a Deus ou boas para os homens.

Na verdade ali não se diz que ninguém está em boa situação por ser pobre, por chorar, por ser perseguido e assim por diante, ou que as condições listadas são formas recomendáveis de alcançar a felicidade perante Deus ou os homens. Tampouco as Bem-aventuranças indicam quem estará por cima "após a revolução". São explicações e exemplos, extraídos do ambiente circundante, da atual acessibilidade do reino via relacionamento pessoal com Jesus. Destacam exemplos para demonstrar que, em Jesus, o divino reino dos céus está verdadeiramente disponível mesmo em circunstâncias de vida absolutamente desesperadoras do ponto de vista humano.

Dicas de que nos equivocamos na sua interpretação se encontram nisso que já dissemos acima, mas agora tratemos de examinar mais detidamente o *modo* como Jesus ensinava, a estratégia que ele empregava para ensinar. Fazendo assim poderemos voltar às Bem-aventuranças com a alegria e o insight que elas trouxeram aos que por primeiro as ouviram.

As Bem-aventuranças simplesmente não podem ser uma "boa nova" se forem compreendidas como uma série de instruções para que a pessoa alcance a felicidade. Nesse caso não passariam de um novo legalismo. Não serviriam para abrir as portas do reino - muito pelo contrário. Imporiam um novo tipo de farisaísmo, uma nova forma de fechar a porta - e também novas possibilidades, e bem gratificantes, para a engenharia humana da retidão.

TRATANDO DA ALMA EM PROFUNDIDADE

O método de ensino de Jesus

Como já sugerimos na nossa referência à técnica do "dizer e mostrar", Jesus ensina de modo contextualizado e concreto, partindo do ambiente circundante, se possível, ou pelo menos de acontecimentos da vida comum. Isso se vê no conhecido hábito de Jesus de recorrer a parábolas - que, segundo indica a origem dessa palavra grega (*paraballein*), significa literalmente jogar uma coisa para baixo ao lado de outra. Parábolas não são simplesmente belas histórias fáceis de lembrar; antes, elas nos ajudam a compreender algo difícil comparando-o com (colocando-o lado

a lado com) alguma coisa que conhecemos bem, sendo sempre alguma coisa concreta e específica.

O método "concreto" de ensino empregado por Jesus vai além do uso de palavras, entretanto. Vê-se isso no modo como ele utiliza para os seus propósitos coisas que ocorrem à sua volta. Por exemplo, em certa ocasião em que ele ensinava a multidão, um homem lhe pediu que fizesse o seu irmão dividir com ele a herança, dando-lhe a sua parte para que ele pudesse começar a sua vida. Jesus responde com a história de uma pessoa que tem toda a riqueza que deseja — e no entanto nada tem (Lc 12).

Noutra oportunidade, estando Jesus em meio à multidão, sua mãe e seus irmãos mandaram lhe dizer que queriam falar com ele. Jesus aproveita a ocasião para chamar a atenção para a nova família no reino dos céus, salientando que aqueles que fazem a vontade do seu Pai celestial são seus irmãos, irmãs e mães na família do reino (Mt 12).

Ainda noutra ocasião, durante a ceia pascal com os seus discípulos mais próximos, Jesus usa elementos simples como pão e vinho a fim de comunicar os mais profundos significados da sua morte para a nossa nova vida "lá do alto": "*Isto é o meu corpo*"; "*Isto é o meu sangue*" (Mt 26).

Nada é mais forte concretamente que o corpo e o sangue.

O ensinamento que corrige suposições e práticas dominantes

Mas o curso do concreto nos ensinamentos de Jesus assume ainda outra forma, esta absolutamente necessária para que compreendamos as Bem-aventuranças. Um bom exemplo são os episódios em que ele corrige uma suposição ou prática *geral* que se considera válida para a situação em questão. Ele o faz salientando que o caso enfocado proporciona uma exceção, e mostra que a suposição ou prática geral é uma diretriz pouco confiável para a vida em Deus.

Marcos, capítulo 10, nos traz a conhecida história do "homem rico", que tem interessantes implicações para a primeira bem-aventurança de Lucas: "Bem-aventurados vós, os pobres". A suposição comum da época, como em muitas épocas posteriores, era de que a prosperidade dos ricos indicava a graça especial de Deus. Senão como seriam ricos, se se supõe que é o próprio Deus quem controla a riqueza da terra? Mas esse jovem amava mais a sua riqueza do que a Deus. Quando teve de optar entre continuar a tocar o seu negócio e servir a Deus, ele escolheu as riquezas - embora com grande relutância.

Jesus então comentou com os seus alunos o quanto é difícil para os ricos se colocar sobre a regência de Deus, o quanto para eles é difícil entrar no reino. Eles ficaram espantados por causa da difundida suposição de que riqueza *significava* o favor de Deus. Em resposta à sua surpresa, Jesus continuou a explicação: "Quão difícil é [para os que confiam nas riquezas] entrar no reino de Deus! É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus". Mas essa "explicação" deixou-os totalmente confusos. Ficaram "sobremodo maravilhados" e murmuraram uns com os outros: "Então, quem *pode* ser salvo?" (v. 26).

É vital observar aqui aquilo que Jesus *não* disse. Ele não disse que os ricos não podem entrar no reino. Disse de fato que podem - com o auxílio de Deus, que é o único modo de qualquer pessoa fazê-lo. Tampouco disse ele que os pobres têm, no geral, alguma vantagem sobre os ricos no tocante a "ser salvos". Usando o caso em questão, Jesus simplesmente derruba a idéia geral dominante a respeito de Deus e das riquezas. Pois, como é que Deus poderia favorecer uma pessoa, por mais rica que fosse, que o ama menos que a riqueza? Portanto, ser rico não significa estar nas graças de Deus - o que ainda sugere que ser pobre não significa automaticamente estar alijado das graças de Deus. O caso do homem rico corrige a suposição dominante, chocando os ouvintes mas possibilitando conceber de forma mais apropriada a relação de Deus conosco.

Não convidar os parentes para jantar?

Um exemplo notável desse tipo de ensinamento se encontra em Lucas 14. Ali Jesus está num "almoço de domingo" na casa de um líder religioso. Reparando que o anfitrião só havia convidado os seus parentes e vizinhos ricos, ele observa: "Quando deres um jantar ou uma ceia,

não convides os teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos ricos; para não suceder que eles, por sua vez, te convidem e sejas recompensado. Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles como recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos" (vv. 12-14).

Ora, dependendo dos seus parentes, essa pode até acabar virando a sua passagem favorita da Bíblia! Jesus diz claramente para você não convidá-los para jantar. Mas será que ainda precisamos dizer que Jesus não está proibindo você de convidar familiares para jantar — embora ele explicitamente diga que não devemos fazê-lo? A passagem pode até alegrar certas pessoas, como se ele realmente tivesse dito isso, mas a verdade é outra.

Não estaremos desobedecendo a Jesus, portanto, se convidarmos a nossa mãe ou nossa tia e tio ou mesmo algum vizinho financeiramente estável para jantar. Tudo depende do que está no nosso coração. Ele simplesmente usa uma ocasião específica para corrigir a prática dominante de negligenciar aqueles que realmente são necessitados enquanto banqueteamos com os ricos que nos retribuiriam fazendo algo por nós.

Por outro lado, ele *está* sem dúvida nos exortando a ampliar o nosso restrito círculo de relacionamentos, colocando-nos assim no contexto mais amplo do reino dos céus onde temos outra mentalidade e coração independentemente de quem convidemos ou deixemos de convidar para jantar.

O caso do Bom Samaritano

Às vezes diversas "técnicas" de usar o concreto aparecem juntas nos ensinamentos de Jesus. Assim a *parábola*, a *ocasião* e o *caso* que contradizem a dominante suposição geral aparecem reunidos no exemplo do "bom samaritano" (Lc 10).

A ocasião aqui é aquela em que um intérprete da lei está testando a correção doutrinária de Jesus e acaba caindo na sua própria armadilha. Tendo concordado com Jesus em que para "herdar a vida eterna" é preciso amar o próximo como a si mesmo, ele acaba achando essa exigência mais rigorosa do que desejaria.

O "intérprete" então, à maneira dos eruditos, tenta se livrar da armadilha fazendo uma pergunta capciosa: "Quem é o meu próximo?" Esse é o tipo de coisa que os "eruditos" se orgulham de fazer — uma pergunta genérica que na prática nos deixa exatamente no ponto em que começamos. Ele estava tentando se justificar porque certamente sabia que não amava os seus próximos como a si mesmo. Mas então Jesus o tinha na palma da mão. Ele dá a esse homem e a todos os que estão em volta várias lições que não precisaram anotar nem "gravar" para lembrar.

Logicamente as palavras "bom samaritano" não aparecem no relato. Para aqueles que ouviam Jesus, essa expressão seria o que chamamos de "oximoro": uma combinação de palavras que não faz sentido. Para a grande maioria dos judeus daquela época, poderíamos dizer que "o único *bom* samaritano é o samaritano morto".

Jesus narra a história de forma tão magistral que o samaritano só entra já perto do final, antes que as portas da mente se possam fechar. O samaritano personifica perfeitamente a resposta à pergunta capciosa do intérprete - quem é o meu próximo? - e ao mesmo tempo destrói as suposições gerais a respeito de quem "logicamente" herda a vida eterna.

A história conta que um homem que viajava de Jerusalém para Jericó é assaltado por bandidos, que o espancam e o deixam quase morto, tirando-lhe tudo e abandonando-o na estrada. Então ali está um homem nu, ensangüentado, estirado na estrada e inconsciente (ou pelo menos incapaz de se mexer). Pela mesma estrada vem um sacerdote. O sacerdote (um ministro?) vê o triste quadro e passa o mais longe possível, seguindo o seu caminho. Depois vem um levita (um diácono ou presbítero?) — que talvez tenha observado a conduta do sacerdote - e faz exatamente a mesma coisa. Aquele homem não era o próximo nem do sacerdote nem do levita! Eles não tinham nenhuma responsabilidade em relação a ele. Nem sequer o conheciam. E provavelmente se apressavam rumo a Jerusalém para "fazer algo religioso". Como esperar que eles se arriscassem a ficar ritualmente impuros só para ajudar alguém?

Tais são muitas vezes a vida e os pensamentos daqueles que não são destituídos de coisas espirituais — não "pobres em espírito" —, mas pelo contrário cheios delas.

Ora, pelo mesmo caminho vem agora o samaritano, o desprezado membro de uma raça miscigenada. Todo judeu sabia que os samaritanos não tinham uma lágrima sequer de algo verdadeiramente espiritual. *Não poderiam* ter. Mas o importante nesse homem - como, de resto, no sacerdote e no levita - é o seu coração. Logo que viu a vítima "compadeceu-se dele". Logicamente isso o fez correr até o pobre homem e lhe prestar os primeiros socorros, dentro das suas possibilidades.

Mas, longe de fazer apenas isso, ele o colocou sobre o seu próprio jumento, levou-o até um "hotel de estrada" e cuidou dele. No dia seguinte fez o hospedeiro prometer que cuidaria da vítima até que ele se recuperasse. Então deixou-lhe algum dinheiro e garantiu-lhe que cobriria quaisquer despesas adicionais quando passasse por ali na volta.

Jesus realmente carregou nos detalhes. E, no entanto, a história é muito verdadeira. É um desses casos em que, com aquilo que podia muito bem ser uma mera parábola, Jesus talvez estivesse contando uma história que realmente acontecera. É o tipo de coisa que todos os seus ouvintes sabiam que de fato acontece. É o tipo de coisa que acontece ainda hoje.

Quando Jesus afinal faz a pergunta decisiva — "Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu na mão dos salteadores?" —, qualquer pessoa decente só tem uma resposta a dar. Tergiversar mais seria revelar um coração irrecuperavelmente iníquo. Assim o intérprete teológico responde: "O que usou de misericórdia para com ele". Para ele seria demais dizer apenas: "o samaritano".

Como fazer de alguém o nosso próximo

Mas nós precisamos dizê-lo, e precisamos compreender o que isso significa. Significa que as suposições gerais dos ouvintes de Jesus sobre quem tem vida eterna precisam ser revistas à luz da condição dos corações das pessoas. O relato não ensina que podemos ter vida eterna apenas por amar o nosso próximo. Também não podemos nos safar com esse belo legalismo. A questão da nossa postura diante de Deus ainda precisa ser levada em conta. Mas na ordem de Deus nada pode substituir o amor pelas pessoas. E definimos quem é o nosso próximo pelo nosso amor. Fazemos de alguém o nosso próximo cuidando dele.

Não definimos primeiro uma classe de pessoas que serão os nossos próximos para depois elegê-los objetos exclusivos do nosso amor - deixando os outros estirados na estrada. Jesus habilmente rejeita a pergunta — "Quem é o meu próximo?" - e a substitui pela única pergunta realmente relevante aqui: "De quem serei eu o próximo?" E ele sabe que só podemos responder essa pergunta caso a caso no nosso dia-a-dia. De manhã ainda não sabemos quem será o nosso próximo naquele dia. A condição do nosso coração irá determinar quem é que, ao longo do caminho, será o nosso próximo, e principalmente a nossa fé em Deus é que determinará se teremos força bastante para fazer desta ou daquela pessoa o nosso próximo.

Se Jesus estivesse aqui hoje, a história seria um pouco diferente. As palavras *bom samaritano* agora identificam na nossa sociedade uma pessoa de índole especialmente boa. Temos até leis para proteger os "bons samaritanos" quando eles fazem as suas "boas obras".

Para tecer hoje o mesmo argumento, Jesus poderia colocar o "bom samaritano" no lugar do sacerdote ou do levita da narrativa original. Ou se ele vivesse no Israel de hoje, provavelmente contaria a parábola do "bom palestino". Os palestinos, por outro lado, ouviriam um relato sobre o "bom israelense".

Nos Estados Unidos, logicamente, ele nos contaria a parábola do "bom iraquiano", do "bom comunista", "do bom muçulmano" e assim por diante. Para alguns segmentos sociais, teria de ser a parábola da boa feminista ou do bom homossexual. Para outros ainda, a do bom cristão ou do bom freqüentador de igreja produziria o efeito desejado. De fato, diante de algumas atuais posturas seculares, falar do bom sacerdote ou do bom diácono talvez fosse o mais apropriado. Todos esses exemplos derrubam caras generalizações a respeito de quem com certeza tem ou não a vida eterna.

No relato do bom samaritano, Jesus não só nos ensina a ajudar os necessitados; num nível mais profundo, ele nos ensina que não podemos identificar quem "tem a vida eterna", quem "está com Deus", quem é "bem-aventurado" só por olhar as aparências. Pois essa é uma questão do coração. Só ali o reino dos céus e os reinos humanos, grandes e pequenos, estão entrelaçados. Estabeleça as fronteiras culturais ou sociais que quiser, e Deus dará um jeito de atravessá-las. "O

homem vê o exterior, porém o SENHOR, o coração" (ISm 16:7). E "Aquilo que é elevado entre os homens é abominação diante de Deus" (Lc 16:15).

Por que Jesus ensina desse modo

Esse método "concreto" ou contextualizado de ensinar é obviamente muito diferente do modo como tentamos ensinar e aprender hoje, e essa diferença dificulta compreender *o que* é precisamente que Jesus está ensinando. O que ele diz só pode ser compreendido se entendermos como ele ensina, e só podemos entender como ele ensina levando em conta o mundo em que esse ensinamento se dava.

Importa identificar, antes de tudo, que a meta do mestre popular do tempo de Jesus não era transmitir informações, mas operar uma mudança significativa na vida dos seus ouvintes. É claro que isso pode exigir comunicação de informações, mas é uma noção caracteristicamente moderna essa de que a meta do ensino é levar as pessoas a conhecer coisas que podem não exercer o menor efeito sobre a sua vida.

Nos dias de hoje os estudantes geralmente se imaginam como recipientes dotados de um espaço puramente passivo que deve ser preenchido com as informações que o professor possui e deseja transmitir - o modelo "da jarra para a caneca". O professor deve preencher os espaços vazios do recipiente com uma "verdade" que pode ou não mais tarde fazer alguma diferença na vida do aluno. O professor precisa *introduzir* nos alunos as informações. Depois "testamos" esses alunos passivos para ver se eles "aprenderam", verificando se conseguem *reproduzir* as informações via linguagem em vez de observar como vivem.

Assim, se fôssemos hoje convidados a ouvir o Sermão do Monte — ou, o que é mais provável atualmente, o "Seminário do Sheraton" -, iríamos munidos de blocos de anotações, canetas e gravadores. Ficaríamos surpresos se encontrássemos os discípulos "apenas ouvindo" Jesus e olhá-los em volta para ver se havia alguém gravando as palavras para ter certeza de que todos poderiam ter acesso a todas as informações se quisessem.

Atravessando a multidão até o braço direito, Pedro, talvez perguntássemos onde estavam os blocos de anotações e os outros materiais da palestra; e ficaríamos ainda mais surpresos ao ouvi-lo dizer: "Trate apenas de ouvir!" Talvez apertemos o botão "record" ao sentar, aliviados porque pelos menos vamos gravar todas as informações espirituais - se as pilhas não estiverem fracas e se a fita não enrolar.

A relação mestre/discípulo era de fato tão diferente no tempo de Jesus que mal conseguimos retratá-la hoje. Escrever não era lá muito incomum, mas também não era um meio viável de registrar o que o mestre dizia. Além disso, a mera "informação", como hoje a conhecemos, não era valorizada.

Logicamente sempre foram prezadas as informações relevantes para uma verdadeira necessidade. Mas querer meramente "saber coisas" como geralmente fazemos hoje no ensino médio e na faculdade seria risível — se concebível, aliás. O saber pelo saber não fazia sucesso na época. (E uma pessoa ponderada de hoje pode muito bem se perguntar qual o futuro de uma sociedade cujo sistema educacional beira o estado de colapso. Mas isso já é outra história!)

O professor nos tempos de Jesus - especialmente o mestre religioso — ensinava de modo a influenciar a vida do aluno, deixando uma impressão duradoura sem o artifício de anotações, gravadores ou mesmo memorização. Qualquer coisa que não deixasse tal impressão simplesmente não servia. Ponto final. E, logicamente, isso vale para as leis da mente e do eu.

Lembro-me perfeitamente bem de onde eu estava e do que estava fazendo quando ouvi a notícia de que John Kennedy fora assassinado. Eu e meu irmão Duane jogávamos basquete com os outros alunos do antigo ginásio da Universidade de Wisconsin em Madison. Tínhamos acabado de encerrar o jogo e estávamos deixando a quadra. Lembro exatamente em que canto do ginásio eu estava e para onde estava virado no instante em que soube. Não anotei nada, nem memorizei. Milhões de pessoas hoje podem fazer um relato pormenorizado semelhante do momento em que souberam desse fato.

Lembramo-nos automaticamente daquilo que realmente marca a nossa vida. O segredo do grande professor é falar palavras, propiciar experiências, que influenciem ativamente a vida do aluno. É isso que Jesus fazia quando ensinava. Ele ligava os seus ensinamentos a acontecimentos concretos que compunham a vida dos ouvintes. Ele dirigia as suas palavras aos corações e aos hábitos cotidianos das pessoas.

Ele ainda hoje nos surpreende na plenitude do nosso vôo, acompanhando-nos lado a lado, supondo as nossas suposições, e suave mas firmemente esvaziando o balão. E quando o vemos fazendo isso, não precisamos tentar "apreender" nem memorizar. O que ele faz marca a nossa vida, quer queiramos, quer concordemos quer não. No final teremos de nos ajustar de algum modo à verdade das suas palavras. As parábolas, os incidentes, os casos em que já não serve a nossa generalização direcionadora a respeito de "como as coisas são", acabam se arraigando na nossa cabeça e produzindo seu efeito certo. O hábil mestre realizou a sua obra - ou, antes, continua realizando a sua obra.

Porém Jesus não só ensinava dessa forma, mas também ensinava a nós, seus alunos no reino, a ensinar assim. Ele pregou sobre como ensinar no reino dos céus - usando, é claro, uma parábola. "Por isso todo escriba versado no reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito cousas novas e cousas velhas" (Mt 13:52). Mostrando aos outros a presença do reino nos detalhes concretos da vida que partilhamos, influenciemos as vidas e os corações daqueles que nos ouvem, não apenas os seus pensamentos. E eles não precisarão anotar nada para registrar a mensagem.

O QUE JESUS REALMENTE TINHA EM MENTE NAS SUAS BEM-AVENTURANÇAS

Um rasante sobre a versão lucana das Bem-aventuranças

Munidos, já, desse entendimento da maneira como Jesus ensina, voltemos às Bem-aventuranças - agora à versão de Lucas, que parece mais intransigente e mais difícil de "maquiar" do que a de Mateus, e na qual as "bem-aventuranças" vêm acompanhadas daqueles "infortúnios" absolutamente inflexíveis a que já nos referimos.

A cena aqui é um tanto diversa daquela registrada em Mateus. Parece-me até que não estamos lidando com um relato diferente do mesmo sermão, embora sejam muitos os tópicos comuns aos dois.⁷ Aqui Jesus acaba de passar a noite inteira nos montes em oração, preparando-se para destacar doze dos seus discípulos como emissários especiais, ou "apóstolos", à história do mundo.

De manhã cedo ele chama os discípulos e aponta os doze "contemplados". Depois descem juntos a uma planície onde "grande multidão do povo" de todos os cantos se havia reunido "para ouvi-lo e ser curados de suas enfermidades... E todos da multidão procuravam tocá-lo, porque dele saía poder, e curava a todos" (6:17-19).

Nesse contexto familiar ele se dirige aos seus alunos e lista quatro grupos de pessoas que são bem-aventurados *porque* as provisões de Deus descem dos céus até eles.

Os pobres.

Os famintos.

Os que choram.

Os que são odiados e maltratados por estar ligados a Jesus.

São pessoas, repito, que estão ali na multidão em torno dele. Sem dúvida nenhuma seria difícil fazer essa gente parecer boa. Ainda estou para encontrar alguém que tente traduzir assim a primeira bem-aventurança de Lucas: "Bem-aventurados vós, os que pensam que são pobres". É claro, contudo, como mostra a história da igreja, que muitos pregaram que a pobreza, a miséria e o martírio são condições meritórias que de algum modo santificam e justificam a bem-aventurança junto a Deus.

Porém, com a mesma certeza podemos dizer que ao longo dos séculos multidões de homens foram e são pobres, famintos e aflitos sem no entanto deixar de ser ímpios como o

próprio pecado - o que não impede que sejam alvo de compaixão. Também houve e há muitos que, em virtude da censura sofrida por causa de Jesus, acabaram por rejeitá-lo e se encheram de amargura contra Deus e contra os homens. Esses de modo nenhum são bem-aventurados.

São coisas que todos sabemos serem verdade. "Ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres", salienta Paulo, "e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará." Portanto, seja qual for o significado das Bem-aventuranças, certamente não listam condições que garantam a aprovação de Deus, a salvação ou a felicidade.

Do mesmo modo, a menos que tenhamos um círculo admiravelmente restrito de relações, todos sabemos que há pessoas que agradam a Deus e que têm a sua bênção *sem* ser pobres, famintos, aflitos ou perseguidos. Elas confiam em Jesus de todo o seu coração, e amam e servem ao seu próximo e aos outros em nome de Cristo. Seus corações estão cheios de paz e alegria na fé, e eles "praticam a justiça, amam a misericórdia e andam humildemente com o seu Deus". Só os que foram cegados pelos compromissos assumidos anteriormente continuam a insistir que é necessário figurar nessa lista de "bem-aventuranças" para viver com as bênçãos de Deus.

As Bem-aventuranças como proclamação do reino

O que então quer dizer Jesus com as suas Bem-aventuranças? Como viver segundo elas? Foi essa a pergunta que fizemos no início deste capítulo, e é hora agora de respondê-la.

Já apontamos a chave para a compreensão das Bem-aventuranças. Elas servem para esclarecer a mensagem fundamental de Jesus: a graciosa disponibilidade do governo e da justiça de Deus para toda a humanidade pela fé no próprio Jesus — a pessoa que hoje, livre, está no mundo e no meio de nós. E o fazem simplesmente tomando aqueles que, do ponto de vista humano, são tidos como os mais desesperançados, os mais distantes das bênçãos ou mesmo do interesse de Deus, e mostrando que *mesmo eles* recebem o afago divino e a abundante provisão dos céus.

Essa evidência do amor e da provisão de Deus prova a todos que nenhuma condição humana exclui a bem-aventurança, que Deus pode estender a mão a qualquer pessoa com o seu amor e a sua libertação. De fato, Deus às vezes ajuda aqueles que não podem, ou talvez simplesmente não queiram ajudar a si mesmos. (Mas basta de generalizações!) O sistema religioso do tempo de Jesus marginalizava as multidões, mas Jesus a todos acolhia no seu reino. Qualquer um podia entrar; a oportunidade era igual para todos. Ainda hoje é. Esse é o evangelho das Bem-aventuranças.

Analise a lista dos "excluídos", dos "espezinhados, estapeados e traídos". É interessante notar que Simon e Garfunkel conseguiram registrar a idéia de Jesus na sua velha canção, enquanto muitos de nós "doutores" não a compreendemos. Já analisamos os espiritualmente falidos e despossuídos. Agora passemos àqueles que choram. Lucas a eles se refere como "os que agora chorais" (6:21): homens ou mulheres abandonados pelos companheiros, paralisados pela rejeição, por exemplo; um pai corroído pela angústia e pela depressão causada pela morte da filha pequena; pessoas que, já consideradas "velhas" pelo mercado de trabalho, perderam o emprego, o negócio ou as economias por conta do "esfriamento da atividade econômica" ou da política de renovação da empresa na qual investiram a própria vida. São tantas as coisas que nos cortam o coração! Mas quando vêm o reino em Jesus, quando entram nele e aprendem a viver nele, então encontram consolo e as suas lágrimas se fazem riso. Sim, então ficam ainda em melhor situação do que antes da catástrofe.

Depois vêm os mansos. ("Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.") Esses são os tímidos, os intimidados, os meigos, os hesitantes. Descem da calçada para deixar os outros passar como se fosse o certo a fazer, e se algo dá errado em torno deles, automaticamente imaginam ter parte da culpa. Quando os outros se adiantam e falam com convicção, eles se encolhem, as cordas vocais quem sabe até vibrando mas sem produzir som. Não proclamam as suas legítimas reivindicações a menos que encurralados, e mesmo então geralmente com uma

raiva pouco eficaz. Mas quando o reino dos céus os envolve, toda a terra é do seu Pai - e deles também na medida da sua necessidade. O Senhor é o seu pastor: nada lhes faltará.

A seguir vêm os que ardem de desejo de que se faça justiça. ("Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.") Talvez o erro esteja neles mesmos. Pode ser que tenham errado tanto que dia e noite se encolhem diante do seu próprio pecado, clamando intimamente para que sejam purificados. Ou quem sabe tenham sido gravemente aviltados, tenham sofrido alguma terrível injustiça, e os consuma o desejo de ver reparada essa injustiça - como os pais que ficam sabendo que o assassino do seu filho foi rapidamente libertado da prisão e deles se ri. Todavia o reino dos céus tem uma química que pode transformar até o passado e fazer perdas terríveis e irrecuperáveis parecer insignificantes diante da grandeza de Deus. Ele restaura a nossa alma e nos enche da bondade da justiça.

Os misericordiosos também estão na lista. ("Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.") A sabedoria do mundo certamente dirá: "Ai dos misericordiosos, porque serão acintosamente usados". E, fora do reino dos céus, não há nada mais verdadeiro. Meus pais foram à falência e perderam a sua loja de roupas no início dos anos 30, pouco antes de eu nascer. Foram os anos da depressão, e eles simplesmente não conseguiam fazer as pessoas pagar pelo que necessitavam. As roupas eram vendidas "a crédito", mesmo quando se sabia que não haveria pagamento nenhum.

Uma história comum, sem dúvida. Os misericordiosos são sempre desprezados por aqueles que sabem "cuidar dos negócios". Contudo, longe da ordem humana, debaixo da esplêndida profusão da bondade celestial, eles mesmos alcançam misericórdia que os satisfaz, muito além de qualquer "reivindicação" que possam fazer a Deus.

E há também os limpos de coração, aqueles para quem nada é suficientemente bom, nem eles mesmos. ("Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.") Esses são os perfeccionistas. São espinho na carne de todos, principalmente deles mesmos. Na religião certamente encontrarão erros na *sua* doutrina, caro leitor, na sua prática e provavelmente também no seu coração e nas suas atitudes. Podem ser até mais duros consigo mesmos. Examinam incansavelmente as suas próprias motivações. Queriam que Jesus lavasse as mãos mesmo que não estivessem sujas, e o chamavam de glutão e bebedor de vinho.

Sua comida nunca é cozinhada direito; suas roupas e seus cabelos nunca os satisfazem; eles podem lhe dizer o que há de errado em qualquer coisa. Como são infelizes! E no entanto o reino está aberto até mesmo para esses, e ali enfim encontrarão algo que satisfaça o seu coração limpo. *Verão a Deus*. E quando o virem encontrarão o que vinham buscando, alguém que de verdade é suficientemente bom.

Os pacificadores também estão presentes. ("Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.") Eles estão na lista porque, como geralmente se diz, fora do reino "são chamados de tudo, *menos* de filhos de Deus". Isso porque vivem se intrometendo. Converse com o policial chamado para apartar uma briga doméstica. Não há situação mais perigosa. Nenhum dos lados confia em você. Como sabem que você está olhando os dois lados, sabem que não pode estar do lado deles.

Mas no reino de Deus reconhece-se que quem leva o bem a pessoas que estão no erro (como geralmente estão os dois lados) demonstra semelhança com a família divina, "pois ele é benigno até para com os ingratos e maus" (Lc 6:35). O pacificador lida precisamente com os ingratos e os maus, como qualquer um que já tenha tentado sabe muito bem.

Depois temos aqueles que são atacados por defender aquilo que é justo. ("Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.") Esses muitas vezes não só sofrem molestamentos temporários, mas têm a sua vida arruinada ou são mortos simplesmente por se recusar a concordar com o que está errado.

Fazem-se leis para proteger os "cagüetes" em certos casos, mas aquilo de que a lei pode protegê-los perde longe para o prejuízo que muitas vezes se faz. A maioria das coisas erradas nos negócios humanos simplesmente não se pode remediar via leis. É uma posição terrivelmente desconfortável. Porém também esses podem participar do reino dos céus, e quando participam,

isso lhes basta para que passem a desfrutar de uma vida bem-aventurada. Vivenciam uma segurança inabalável na qual não podem mais ser prejudicados.

Finalmente, vemos os injuriados, perseguidos e vítimas de mentiras porque "perderam o juízo e se deixaram levar por esse tal Jesus". Certamente era assim que os seus discípulos eram encarados naquele tempo. "Eles realmente acreditam que esse carpinteiro aborrecido é o enviado para salvar o mundo!" Para alguém que nunca tenha recebido esse tipo de tratamento, é quase impossível perceber o quanto é aviltante.

Do ponto de vista humano, talvez seja essa a condição mais afastada da bênção de Deus, pois você está, aos olhos da sociedade, justamente ofendendo a Deus. Assim, quando eles matam você, pensam que fazem um favor a Deus (Jo 16:2). Porém, diz Jesus, dê pulos de alegria se isso acontecer, por saber que você tem agora uma recompensa excelente e imperecível no mundo de Deus, nos céus. A sua reputação é grande perante Deus Pai e a divina família eterna, cuja companhia, amor e recursos são agora e para sempre a sua herança.

Já me disseram que a interpretação das Bem-aventuranças que aqui apresento funciona bem em todos os casos, exceto naqueles dos que têm fome e sede de justiça e dos limpos de coração. Mas se a antiga "engenharia" ou interpretação legalista está errada, está errada também nesses casos. É extremamente improvável que Jesus quisesse dizer uma coisa nas outras Bem-aventuranças e outra coisa nessas duas. Além disso, acredito que a interpretação que dei a essas duas é intrinsecamente razoável diante das diversas traduções possíveis de termos como *dikaiousunen* (v. 6) e *hoi katharoi te kardia* (v. 8).

Bem-aventurança sob o ministério pessoal de Jesus

Assim, proclamando bem-aventurados aqueles que os homens reputam irrecuperáveis, e decretando infortúnios para aqueles que supostamente estão bem, Jesus abre o reino dos céus para todos.

Dois outros famosos episódios da vida de Jesus enfatizam o vínculo entre as Bem-aventuranças e a vida e o ministério de Jesus.

O primeiro é a volta à cidade onde fora criado, Nazaré, na onda de popularidade que saudou a sua entrada na vida pública. A sua fama crescente o precedeu, e na reunião do sábado ele manifestou o desejo de ler e comentar as Escrituras, como comumente se fazia.

Ele leu um trecho do profeta Isaías: "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor" (Lc 4:18-19). Diz assim ao povo da sua cidade que é por meio dele que essas bênçãos lhes seriam dadas.

A reação do povo foi violenta. Tentaram matá-lo porque compreenderam claramente que Jesus alegava ser o líder ungido por Deus, conquanto soubessem ser ele "o filho de José", o carpinteiro, que trabalhara para muitos dos presentes.

Mas repare quem está entre aqueles que Jesus menciona usando as palavras do profeta: os pobres, os cativos, os cegos, os oprimidos. Claramente é o mesmo tipo de lista que encontramos tanto em Mateus quanto em Lucas. É uma lista de pessoas que a humanidade considera causas perdidas, mas que assim mesmo, nas mãos de Jesus, conhecem a bem-aventurança do reino dos céus.

O segundo episódio é bem posterior. João Batista já está preso há algum tempo, mas vem acompanhando da prisão a obra de Jesus. João sempre fora muito limitado na sua compreensão de Jesus. Não era tarefa sua compreendê-lo. Mas ele ficava cada vez mais preocupado ao ver que Jesus não fazia o que qualquer Messias forte certamente faria: tomar o poder e consertar o mundo. Por fim ele envia os seus discípulos para que perguntem diretamente a Jesus se ele é aquele que estava para vir, o ungido, ou se deveriam esperar outro.

Jesus mandou os discípulos de João simplesmente relatarem ao mestre o que haviam ouvido e visto em torno de Jesus: "Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho".

Depois ainda acrescentou uma bem-aventurança: "E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço" (Mt 11:4-6).

A palavra aqui traduzida como "bem-aventurado", *makarios*, é a mesma usada em Mateus 5 e Lucas 6. Refere-se ao mais elevado bem-estar possível para o ser humano, mas é também o termo que os gregos usavam para exprimir o tipo de existência feliz característica dos deuses. Mais importante, porém, é notar aqui a lista de "casos perdidos" que são bem-aventurados pela suficiência de Deus em atendê-los na sua estarrecedora necessidade. O ministério que Jesus desenvolve do seu reino atual lhes traz bem-aventurança.

De fato, essa transformação de status para os mais humildes, os humanamente desesperançados, quando sentem a mão de Deus a tocá-los na sua condição, é possivelmente o tema mais onipresente no texto bíblico. Certamente é um componente importante da grande inversão discutida no capítulo anterior.

Algumas das passagens mais significativas na ênfase da transformação de status operada por Deus são o "Cântico de Moisés e Miriã" em Êxodo 15, a oração de Ana em 1 Samuel 2, a história de Davi e Goliás em 1 Samuel 17, a oração e a batalha de Josafá em 2 Crônicas 20, e o "Magnificar" da virgem Maria em Lucas 1. Os Salmos 34, 37, 107 e outros celebram esse tema da mão de Deus que exalta os humildes e rebaixa os altivos na hierarquia humana. O reinado de Deus sobre a vida é a boa nova de toda a Bíblia: "Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, que anuncia cousas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina!" (Is 52:7).

É precisamente essa inversão fundada em Deus que Jesus exprime nas palavras freqüentemente repetidas a respeito da inversão entre os "primeiros" e os "últimos". Sem dúvida nenhuma a reação inicial que a maioria de nós ensaia ao ouvir falar do amor de Deus por nós é pensar que ele vai garantir a realização dos vários sonhos que acalentamos no coração. No episódio do "homem rico" que examinamos pouco acima, Pedro argumentou com Jesus que ele e os outros discípulos haviam, diferentemente do homem rico, deixado tudo para segui-lo. "Que ganharemos com isso?", queria ele saber.

Jesus respondeu que eles seriam muitas vezes recompensados nesta vida por todos os seus sacrifícios, e receberiam a vida eterna no mundo por vir. "Porém", acrescentou, "muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros" (Mc 10:31). Ele sabia que boa parte daquilo que Pedro e os outros julgavam importante na verdade não era, e que aquilo que julgavam insignificante muitas vezes tinha grande importância perante Deus. O seu modo de pensar teria de ser reestruturado para que pudessem compreender a "recompensa" que receberiam por deixar tudo para segui-lo. Por isso Jesus acrescenta a sua fórmula "inversora" para ajudá-los a continuar refletindo.

Em geral, muitos daqueles que o mundo considera bem-aventurados ou "primeiros" são infelizes ou "últimos" para Deus, e muitos daqueles considerados amaldiçoados ou "últimos" pelo mundo podem muito bem ser bem-aventurados ou "primeiros" para Deus, desde que se arraiguem no reino de Jesus. Muitos, mas não necessariamente *todos*. As Bem-aventuranças representam listas dos "últimos" segundo os homens, que, sendo tocados pelos céus, tornam-se "primeiros" segundo Deus. O evangelho do reino afirma que ninguém está excluído da bem-aventurança, pois o divino governo dos céus está ao alcance de todos. Todos podem alcançá-lo, e ele pode alcançar a todos. A forma correta de encarar as Bem-aventuranças de Jesus é viver como se fosse assim, com relação aos outros e a nós mesmos.

PERSONALIZANDO ESSA MENSAGEM PARA NÓS HOJE

E a sua lista dos bem-aventurados?

Você vive realmente a boa nova do reino se aborda com confiança qualquer pessoa desesperançada à sua volta e, naturalmente, lhe transmite a garantia de que ela pode entrar agora numa vida bem-aventurada com Deus.

Quem é que faria parte da sua lista atual de "desesperançados passíveis de alcançar a bem-aventurança"? Certamente todos os que figuram nas listas de Jesus, pois embora sejam

meramente ilustrativas, são também atemporais. Mas será que nós, seguindo a sua liderança de mestre, podemos concretizar ainda mais o evangelho para as pessoas à nossa volta? Quem é que você consideraria as pessoas mais desafortunadas à sua volta?

O lado ingênuo da salvação?

Antes de tudo, é bom lembrar que há nessa pergunta um elemento ingênuo - que súbito se torna sombrio. Se você analisar a publicidade e os acontecimentos que frequentam os jornais e outros meios de comunicação - aquilo com que você se depara, por exemplo, nas caixas dos supermercados, nas bancas de jornais, nas livrarias, no rádio e na televisão -, pode vir a pensar que as pessoas mais infelizes do mundo hoje são os gordos, os deformados, os carecas, os feios, os velhos e aqueles que não se envolvem incansavelmente em casos amorosos e sexuais ou que não praticam exercícios físicos com os equipamentos da moda.

A triste verdade é que muitas pessoas à nossa volta, e especialmente os adolescentes e os adultos jovens, vagam à deriva numa vida em que ser esbelto, ter os músculos bem definidos, exibir cabelos "deslumbrantes", parecer jovem e por aí afora são os únicos critérios de bem-aventurança ou infortúnio. É só o que sabem. Nada mais ouviram. Muitas pessoas hoje realmente vivem assim.

A julgar por aquilo a que elas dedicam tempo e trabalho, é fácil convencer-se de que ser gordo, ter pouco cabelo ou má aparência, ser enrugado ou flácido equivale para elas a uma condenação incondicional. Elas se acham além dos limites da aceitabilidade humana. Isso para elas é pura verdade, por mais ingênuo que pareça. Dizer - "Como você é ingênuo!" - não é exatamente a forma ideal de levar-lhes a boa nova do reino de Jesus.

Em vez disso, Jesus cuidou de salientar na sua doutrina a beleza natural de cada ser humano. Ele salienta que a pessoa mais glamourosa que você conhece ("Salomão, em toda a sua glória") não chega a ser tão arrebatadora-mente belo quanto uma simples flor do campo. Para observar isso, basta colocar um narciso lado a lado com qualquer participante da festa da vitória do presidente eleito ou da solenidade de entrega do Oscar. Mas a vida abundante do reino que flui através de nós nos faz naturalmente mais belos do que as flores. "Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?" (Mt 6:30).

Esse é o evangelho para um mundo ingênuo, que se faz ainda mais necessitado porque a ingenuidade se torna para muitos uma questão de vida ou morte. O pecado, aliás, é ingenuidade. Se o reino não nos alcançasse na nossa ingenuidade, *quem* seria salvo? A perdição não precisa estufar o peito para achar redenção.

Então precisamos meditar no nosso coração que:

Bem-aventurados são os fisicamente repulsivos.

Bem-aventurados os que cheiram mal,

Os doentios, deformados e deficientes,

Os gigantes, os anões, os de aparência ofensiva,

Os carecas, os gordos e os velhos...

Pois todos eles são ruidosamente celebrados na festa de Jesus.

O lado mais grave

Mas há também os "gravemente" oprimidos: os reprovados, rejeitados e fracassados. Os falidos e os aflitos. Os drogados e os divorciados. Os soropositivos e os herpéticos. Os deficientes mentais, os doentes terminais. As estéreis e as grávidas de filhos indesejados. Os que trabalham demais, os que sofrem no subemprego, os desempregados. Os que nem têm esperança de encontrar emprego. Os que foram fraudados, passados para trás, substituídos. Os pais de crianças que vivem nas ruas, os filhos de pais que teimam em não morrer nas casas de "repouso". Os solitários, os incompetentes, os estúpidos. Os emocionalmente ávidos ou emocionalmente mortos. E a lista continua indefinidamente. Será verdade que a "Terra não tem pesar que o céu não pode curar?"⁸ É verdade, sim! É exatamente isso que diz o evangelho da acessibilidade dos

céus que nos chega pelas Bem-aventuranças. E você não precisa esperar a morte. Jesus oferece a toda essa gente, e agora, a bem-aventurança no reino atual - sejam quais forem as circunstâncias. A condição de vida buscada pelo ser humano ao longo dos séculos se alcança na amizade tranqüilamente transformadora de Jesus.

E o lado imoral

Mesmo os moralmente fracassados serão recebidos por Deus se vierem a ter fé em Jesus, a confiar nele e a fazer dele seu companheiro no reino de Deus. Assassinos e molestadores de crianças. Os brutais e os intolerantes. Os chefões do tráfico e os produtores de material pornográfico. Os criminosos de guerra e os sádicos. Os terroristas. Os pervertidos e os sórdidos, e os sórdidamente ricos. Gente como David Berkowitz (o "Filho de Sam"), Jeffrey Dahmer⁵ e o coronel Noriega.

Será que não podemos ter alguma solidariedade para com os contemporâneos de Jesus que o insultaram? "Este recebe pecadores e come com eles." Às vezes percebo que na verdade não quero que o reino se abra a essas pessoas. Mas está aberto, sim. Assim é o coração de Deus. E não podemos reduzi-lo ao nosso tamanho, como Jonas aprendeu por experiência própria ao pregar para os ímpios ninivitas.

Na primeira carta de Paulo à igreja de Corinto, ele dá uma lista impressionante dos que, persistindo no mal, não "herdarão o reino de Deus": "nem impuros, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem maldizentes, nem roubadores" (6:10). Depois acrescenta: "Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados, em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus".

Se eu, pecador arrependido que sou, aceito a boa nova de Jesus, posso ir ter com o assassino de milhares e lhe dizer: "Você pode ser bem-aventurado no reino dos céus. Há um perdão que não tem limite". O mesmo posso dizer ao pederasta e ao incestuoso. Ao adorador de Satanás. Àqueles que roubam os idosos e os fracos. Ao trapaceiro e ao mentiroso, ao extorsivo e ao vingativo. A todos os que se refugiam nos braços do Reino no Meio de Nós: bem-aventurados! bem-aventurados! bem-aventurados!

Esse é o imundo povo de Deus. No meio dele uma Corrie Ten Boom estende a mão ao nazista que matou os seus familiares.⁶ A cena verdadeiramente não é deste mundo. Qualquer congregação espiritualmente saudável de crentes em Jesus fará lembrar esses "tições tirados do fogo", os convertidos. Se o grupo é totalmente excelente, eis um sinal seguro de que algo deu errado. Pois aqui estão os loucos, os fracos, os humildes e os desprezados deste mundo, aqueles a quem Deus escolheu para anular os grandes dentre os homens (1Co 1:26-31; 6).

Entre eles estão de fato alguns dos humanamente sábios, dos influentes, da elite social. Esses também podem entrar no reino. Deus não se deixa perturbar por eles. Mas as Bem-aventuranças não são tampouco uma lista de gigantes espirituais. É comum perceber certa nobreza peculiar, certa glória nesses "bem-aventurados". Mas não é algo que proceda deles. É o fulgor do reino que está no meio deles.

Esses serão o sal da terra, a luz do mundo

Falando a essas pessoas comuns, às "multidões", que por intermédio dele haviam encontrado bem-aventurança no reino, Jesus lhes diz que são eles, e não os "melhores e mais brilhantes" na escala humana, que tornarão saudável a vida na terra se viverem no reino (Mt 5:13-16). Deus lhes dá "luz" -verdade, amor e poder - para que sejam a luz das suas vizinhanças. Ele os faz "sal" para purificar, conservar e dar sabor aos tempos em que viverão.

Essa gente "humilde", desprovida de qualquer das características que os homens insistem serem necessárias, são os únicos que podem efetivamente fazer o mundo dar certo. É como as coisas se dão entre eles que determina o caráter de toda era e todo lugar. E Deus lhes dá um

⁵ Dois famosos assassinos em série dos EUA. (N. do T.)

⁶ Corrie Ten Boom foi uma famosa cristã holandesa, presa durante a Segunda Guerra Mundial por ajudar os judeus a escapar das forças de ocupação nazistas. (N. do T.)

certo brilho, como quem acende uma lâmpada para iluminar a todos dentro da casa. Do mesmo modo, Jesus diz àqueles que tocou: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (Mt 5:16).

Paulo considerava que a completa extirpação das distinções sociais e culturais como *fundamento* da vida em Deus era essencial para a presença de Jesus no seu povo. Isso significa nada menos que um *novo tipo de humanidade*, o "descendente de Abraão". Aqueles que, na linguagem de Paulo, "de Cristo se revestiram" não levam em conta as distinções entre judeu e grego, entre escravo e homem liberto, entre homem e mulher. Se são "de Cristo", herdaram a vida no reino, como fez Abraão pela fé (Gl 3).

Na declaração análoga aos discípulos de Colossos, Paulo diz que na nova humanidade, cujo conhecimento da realidade se conforma ao ponto de vista do Criador, nenhuma distinção se faz entre grego e judeu, entre aqueles que são circuncidados e aqueles que não são, seja bárbaro, cita, escravo ou livre, pois o Cristo em cada um é a única coisa que importa (Cl 3:10-11).

A inclusão do cita aqui é instrutiva e deve ser entendida como referência à classe mais baixa na hierarquia humana. O cita era o bárbaro do bárbaro, considerado um selvagem absolutamente bruto - em larga medida porque o era de fato. Porém, "Bem-aventurados os citas". Eles podem receber a bênção no reino tanto quanto o mais perfeito judeu ou grego.

A política de Paulo com respeito à comunidade redentora meramente segue o evangelho das Bem-aventuranças. Ele se recusava a fundar qualquer coisa na excelência do discurso, da compreensão e da cultura *como realizações do ser humano*. Antes, edificando a obra de Deus ele desconsiderava tudo na nova humanidade, salvo o que provinha de Jesus na sua crucificação e além: "Decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado" (1Co 2:2). Ou, como ele diz em 2 Coríntios 5:16-17: "Nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, se antes conhecemos a Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos deste modo. E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as cousas antigas já passaram; eis que se fizeram novas".

Seguramente temos aqui um ponto de vista radicalmente revolucionário que explica por que Jesus, ao concluir o pronunciamento das "bem-aventuranças" e do governo de Deus em Mateus 5, acha necessário alertar: "Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas" - ou seja, abolir toda a ordem estabelecida no que tocava aos que o ouviam.

Obviamente ele teve de dizê-lo porque era *exatamente isso* que os seus ouvintes estavam pensando! Não conseguiam conceber outra coisa! Não tinham acabado de ouvir outra inútil lista de legalismos, por belos que fossem, e sabiam disso. Tinham acabado de ver endireitado um mundo que vivia de cabeça para baixo.

A Lei e os Profetas tinham sido distorcidos a fim de autorizar uma ordem social opressora, embora religiosa, que colocava homens fulgurantes - os ricos, os instruídos, os "bem-nascidos", os populares, os poderosos e assim por diante — na posse de Deus. A proclamação de Jesus claramente os despejou da sua posição privilegiada e elevou os homens comuns, destituídos de qualificações humanas, à comunhão divina pela fé em Jesus.

Essa é a poderosa mensagem, suficiente para confundir completamente um povo simples que vivia absorto no trabalho de sol a sol e que não conhecia outra ordem senão aquela que lhes impunham os intérpretes religiosos tão zelosos dos seus próprios privilégios. Por isso Jesus os exortou a respeitar a lei — a cumpri-la, não aboli-la - ao passar, em Mt 5:20 e adiante, a explicar o que de fato significa a lei para os homens no reino de Deus. No próximo capítulo veremos como eles devem respeitar a lei e ir, aliás, além da justiça dos escribas e fariseus.

A JUSTIÇA DA ESSÊNCIA DO REINO: ALÉM DA BONDADÉ DOS ESCRIBAS E FARISEUS

*Não há árvore boa que dê mau fruto; nem tampouco árvore má que dê bom fruto.
[...] O homem bom do bom tesouro do coração tira o bem.*

Lucas 6:43-45

O mandamento "Sede vós perfeitos" não é tolice idealista. Tampouco manda fazer o impossível. Ele nos transformará em criaturas que podem obedecer a esse mandamento.

C. S. Lewis, *Mere Christianity*

O MESTRE DO ENTENDIMENTO MORAL

Quando Jesus trata do mal e da bondade moral, ele não teoriza. Mergulha diretamente (Mt 5:21-44) no âmago da existência humana: ira furiosa, desprezo, ódio, luxúria obsessiva, divórcio, manipulação verbal, vingança, tapa na cara, ação judicial, amaldiçoamento, coerção e mendicância. É o recheio das novelas e do noticiário diário - e também da vida real.

Ele adota essa abordagem concreta porque a sua meta é possibilitar que as pessoas realmente sejam boas, e não apenas falem sobre o bem. Ele efetivamente sabe como abrir essa possibilidade, e articula o seu conhecimento com a realidade da vida, não com uma versão intelectualizada e santificada dela.

Ele sabe que as pessoas muito anseiam ser boas, sem no entanto conseguir sê-lo. Ninguém deseja fazer o mal pelo mal: nós o julgamos infelizmente "necessário". Queremos ser bons mas não tardamos em fazer o mal, e depois nos armamos de complexas justificativas.

Assim, é com acerto que John Milton põe as palavras "Mal, sejas tu o meu bem" na boca de Satanás. Satanás é capaz de tomar o mal como sua meta direta e última só para se opor a Deus. Essas palavras são verdadeiramente demoníacas, não humanas. Por outro lado, uma menininha exprimiu bem a ambigüidade humana numa aula da escola dominical. Ao lhe perguntarem o que é a mentira, ela disse: "A mentira é uma abominação para Deus e um auxílio muito útil na hora do aperto".

Depois de exemplificar concretamente, e em situações de realismo nu e cru (Mt 5:20-44), o que significa ser uma pessoa realmente boa - aquela que encontrou o reino e segue os seus caminhos -, Jesus então passa nos versículos seguintes a traçar um retrato da realização moral e da beleza no reino dos céus. É um quadro de sincero amor por todos, inclusive por aqueles que ficariam felizes se cáissemos mortos. Esse amor não consiste em atos e projetos, mas é um penetrante estado de visão, alegria e amor em que habitualmente vivemos. É amor semelhante ao amor de Deus (Mt 5:45-48). Devemos ser "perfeitos" ou completos *assim como* o nosso Pai, aquele que está nos céus, é perfeito e completo.

Desse modo, no espaço de poucas palavras Jesus passa de uma realidade concreta e cáustica para a abrangência da teoria — uma teoria moral de grande força, plenamente desenvolvida por cristãos de séculos posteriores, como Aurélio Agostinho, Tomás de Aquino,

John Wesley e Dietrich Bonhoeffer. Mas ele nunca perde de vista a esfera da vida real, na qual a teoria precisa se traduzir em ação, pois o seu propósito não é apresentar uma teoria - essa tarefa ele deixa para os outros - mas iniciar um movimento histórico.

Um entendimento moral historicamente profundo

O que Jesus disse a respeito do bem e do mal humanos teve suficiente profundidade, força e justificação para dominar a cultura européia e seus derivados por dois milênios. Ninguém faz sequer idéia do que seriam a "Europa" e o "mundo ocidental" sem Jesus e suas palavras. O historiador da moral W. E. H. Lecky define a doutrina de Jesus como "um instrumento que todos os homens se vêem hoje obrigados a admitir que foi, para o bem ou para o mal, a alavanca moral mais poderosa jamais aplicada às questões humanas".¹

Um historiador contemporâneo, Michael Grant, comenta:

A figura mais potente, não só da história da religião, mas da história do mundo como um todo, e Jesus Cristo: aquele que fez uma das poucas revoluções que perduraram. Milhões de homens e mulheres século após século acharam a sua vida e doutrina incrivelmente importantes e comoventes. E há razão de sobra... para que neste final de século XX isso continue assim.²

Friedrich Nietzsche é geralmente tido como acerbo adversário de Jesus. Mas ele percebeu claramente o papel indispensável de Cristo na civilização em que o próprio Nietzsche nascera. Entendia também que o mundo moderno havia se afastado das tradições cristãs de bondade moral, e que por causa disso mudanças catastróficas sobreviriam. De fato vieram e virão.

Já faz mais de duzentos anos que, no mundo ocidental, os "pensadores avançados" a que se referiu o bispo Butler no capítulo anterior tentaram fazer a natureza e o intelecto humanos secularizados, livres de qualquer dependência de Jesus e dos seus ensinamentos, funcionar como fundamento do entendimento e da prática da moral.

Figuras fundamentais que se consideravam profundamente cristãs, como Immanuel Kant e G. F. W. Hegel, desempenharam um papel importante nesse intento. Desenvolveram eles uma versão do cristianismo que, ironicamente, nem sequer exige a existência histórica de Jesus. E sinceramente pensaram que isso era uma vantagem para as suas obras.

Disseram eles que exatamente aquilo que Jesus ensinou já estava contido na racionalidade humana. Hoje se dirá, mais provavelmente, que a sua doutrina está contida na "busca humana pelo significado ou pela completude". O entendimento moral pode, supostamente, ser estabelecido pela meticulosa reflexão humana e pela experiência, independentemente de qualquer tradição histórica. Porém se revelou fracassada a empresa, já de séculos, de conceber uma moralidade a partir do meramente humano. Teremos mais a dizer sobre essa questão ao final deste capítulo.

A Preleção da Colina

Antes, porém, de examinar diretamente o pitoresco retrato da essência do reino traçado por Jesus em Mateus 5, cumpre dirimir alguns equívocos.

Em primeiro lugar, aquilo que hoje se chama Sermão do Monte (Mt 5-7) deve de fato ser lido como um sermão, como um discurso uno. Sem dúvida, não é o que chamaríamos hoje de sermão. Tampouco foi proferido no retiro de uma verdadeira montanha. Não tem o "tom" de pregação, é claro, e é de conteúdo excessivamente denso para funcionar como sermão nas situações em que se dão os "sermões" de hoje. É uma "preleção", diríamos, feita em benefício de uma grande multidão de gente comum, que a ouviu e sorveu em pastagens suavemente onduladas próximas ao mar da Galileia.

Ora, dizer que essa passagem do Evangelho de Mateus foi um sermão ou uma preleção significa dizer que ela está articulada em torno de um propósito central e que se desenrola ao longo de uma única linha de pensamento. Isso é crucial para uma compreensão correta do que ele diz ali. Para mim foi um grande dia aquele em que me deparei com as palavras do velho

homiliasta A. W. Blackwood, de Princeton, enfatizando a necessidade de ler o Sermão do Monte *como* um sermão. Ele discernira a magistral unidade desse discurso.

Na época, eu nem sequer julgava *possível* lê-lo assim. Eu fora levado a crer que o "sermão" era na verdade uma coleção de "dizeres" esparsos que "compiladores" anônimos haviam reunido, como se juntam bolas de gude num saco. Assim se podiam tirar os "dizeres" um por um, como bolas de gude ou jóias, e ponderar o que significavam isoladamente.

Conseqüentemente, o "sermão" continuava um texto desconcertante para mim, como parece ainda continuar para a maioria dos estudiosos até hoje. Clarence Bauman inicia o seu estudo de dezenove interpretações radicalmente distintas e contraditórias do "sermão" afirmando que é "um enigma para a consciência moderna".³ Depois, acrescenta: "O Sermão do Monte é o texto bíblico mais importante e mais polêmico" (p. 3).

As implicações dessa declaração são simplesmente atordoantes, como o próprio Bauman reconhece. O texto mais importante é um enigma? Esse fato é profundamente revelador da condição da igreja no mundo moderno. Estamos dispersos, errantes, desprovidos de uma mensagem clara e abrangente para a vida, pois o nosso texto mais importante é um enigma. Não funciona como a clara diretriz de vida que seu autor tinha em mente.

Se tomadas como dizeres independentes, as várias declarações que formam o "sermão" certamente serão consideradas como "leis" que ditam o que devemos e não devemos fazer. Serão então tidas como prescrições de impossibilidades e, em alguns casos, de coisas simplesmente ridículas. Por exemplo, a observação sobre cortar as mãos ou arrancar os olhos (Mt 5:29-30) é o mais das vezes apresentada como *efetiva* recomendação de Jesus, embora não deva ser tomada literalmente. (Como veremos adiante, ele estava na verdade ensinando precisamente a futilidade desse tipo de ação. Ela não ajudaria em nada, pois a verdadeira justiça continua sendo uma questão do coração do homem.)

Por que, então, é importante compreender Mateus 5-7 como preleção ou sermão unificado? Porque, se não o compreendermos como um discurso uno, deliberadamente articulado por um autor altamente competente, as suas partes - cada uma das declarações que o compõem — ficam à mercê dos caprichos que ocorrerem aos leitores ao contemplar cada pérola de sabedoria. Desse modo o seu significado não é regido pela unidade do discurso. E é isso, o mais das vezes, exatamente o que acontece hoje.

Historicamente, o "capricho" mais renitente é a desastrosa idéia mencionada há pouco: de que Jesus profere *leis* ali. Pois se isso é tudo o que ele faz, certamente são leis impossíveis de cumprir. O cumprimento de leis se revela uma meta que intrinsecamente se nega a si mesma; antes, o eu interior é que precisa se transformar. Tentar meramente cumprir a lei não é muito diferente de tentar fazer uma macieira dar pêssegos amarrando pêssegos aos ramos.

Sim, impossível, reza uma reação hoje muito comum a essas "leis". E, se leis, são, portanto, capazes de esmagar mais completamente as esperanças humanas do que as leis de Moisés, obrigando-nos a buscar a graça para obter perdão. Jesus é apresentado como alguém ainda mais implacável e inflexível que Moisés. E todos já fomos sujeitos a tanta inflexibilidade bem-intencionada que estamos prontos a acreditar nisso. Quando mais santo, mais duro, pensamos. Não poderíamos estar mais longe da verdade!

O objetivo do sermão - claramente indicado pelos últimos versículos - é ajudar as pessoas a compreender a sua vida na terra de modo esperançoso e realista, esclarecendo, em termos concretos, a natureza do reino ao qual são agora convidadas por Jesus: "Arrependei-vos, porque a vida no reino dos céus é agora uma das vossas opções". As partes isoladas do discurso devem ser interpretadas à luz desse propósito único. Não devem ser lidas como se fossem declarações desvinculadas umas das outras. É preciso discernir o plano global de vida dentro do qual as partes isoladas do discurso fazem sentido.

Longe de serem novas *leis* para nos arrasar ou para nos mostrar que não podemos conseguir nada sozinhos (é claro que não podemos!), as partes isoladas representam perspectivas distintas da doce vida de amor e poder, de verdade e graça, que aqueles que confiam em Jesus podem viver agora mesmo no seu reino. "A lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo" (Jo 1:17). Os ensinamentos de Jesus ilustram como os que vivem no reino podem se conduzir, pelos dias e horas do seu cotidiano, a caminho do mundo pleno de Deus.

O brilhantismo de Jesus: uma análise final

Como preparação para que possamos avaliar a riqueza e o rigor do Discurso da Colina, devemos retomar para uma ênfase final um tema tratado ao final do capítulo 3. Ali observamos uma idéia equivocada de Jesus: a que o considera bom, mas não muito inteligente. Esse equívoco é a morte do discipulado, pois tira Jesus da companhia dos que detêm conhecimento e, portanto, nos priva da força prática da sua doutrina.

Hoje, em qualquer ambiente, num jogo de associação de palavras alguns nomes são praticamente obrigatórios em correlação com termos como *sagaz*, *culto*, *inteligente* e assemelhados. Einstein, Bill Gates e os cientistas dos foguetes espaciais se destacam. Mas um nome que certamente não surgirá ali é Jesus.

Eis um fato profundamente significativo: na nossa sociedade, igualmente entre cristãos e não cristãos, Jesus Cristo é automaticamente desvinculado do brilhantismo ou da competência intelectual. Nem sequer um em mil pensará nele espontaneamente em associação com palavras como *bem-informado*, *brilhante* ou *sagaz*.

Opinião muitíssimo comum é não considerá-lo sequer um ser consciente. É tido como um mero ícone, a imagem fantasmagórica de um homem, próprio talvez para o papel de ovelha sacrificai ou de crítico social alienado, mas pouco mais que isso.

Um retrato "erudito" muito difundido o mostra vagando pelas colinas da Palestina, profundamente confuso a respeito de quem ele era e até sobre pontos cruciais do seu tema fundamental, o reino dos céus. De tempos em tempos ele talvez proferisse irrelevâncias vagamente radicais e desconexas, embora profundas, e hoje obscuramente preservadas nos nossos Evangelhos.

Você se arriscaria a confiar a sua vida a tal pessoa? Se é assim que ele lhe parece, será que você se sentiria inclinado a tornar-se seu aluno? Claro que não. Todos nós sabemos que a ação deve se fundar no conhecimento, e só conferimos o direito de liderar e ensinar àqueles que julgamos saber o que é verdadeiro e o que é melhor.

O mundo tem conseguido opor inteligência a bondade. Um ditado russo ironiza os que "de tão idiotas beiram a santidade". Em outras palavras, você precisa ser realmente trouxa a fim de se qualificar para a santidade. Séculos atrás, mesmo quando Dante criou o título de "mestre dos que sabem", equivocadamente o conferiu a Aristóteles, não a Jesus, pois Jesus é *santo*.

Tertuliano, famoso líder cristão dos séculos II e III, perguntou retoricamente: "Que tem Jerusalém a ver com Atenas, a Igreja com a Academia, o cristão com o herege?"⁴ A resposta correta, supunha ele, era: "Absolutamente nada". A devoção a Deus independe do conhecimento humano. É claro que o moderno ponto de vista secular opõe rigorosamente santidade a inteligência. E hoje qualquer tentativa de combinar espiritualidade ou pureza moral com grande inteligência provoca acessos muito difundidos de "dissonância cognitiva". Madre Teresa de Calcutá, como Jesus, não era considerada sagaz — era boa, claro, mas não realmente *sagaz*. "Sagaz" significa competente na compreensão de como a vida "realmente" é.

Apesar da ampla influência que ele exerceu sobre a história humana, somos obrigados a dizer que Jesus geralmente é tido como uma pessoa ostensivamente patética que viveu e ainda vive à margem da "vida real". O que se acha no âmago da assombrosa desconsideração de Jesus encontrada na existência cotidiana de multidões de cristãos professos é uma simples falta de *respeito* por ele. Não é seriamente considerado ou apresentando como alguém de grande capacidade. O que pode então significar a devoção ou o culto se o simples respeito não se acha presente? Pouca coisa.

A idéia que o vulgo tem hoje do ambiente em que viveu Jesus nos seus dias terrenos parece em larga medida determinada pela impressão que a sua terra natal, a Palestina, deixou gravada em turistas famosos do século XIX, como Mark Twain. Essas impressões do ambiente social de Jesus persistem hoje na cabeça da maioria das pessoas. Imaginamos uma terra desolada e coberta de ruínas, quem sabe alguns camponeses e aldeões ignorantes, entre eles Jesus. Mas não há verdade nisso. Na verdade, o papel da sociedade de Jesus no mundo da época deve ser considerado equivalente ao de Israel no mundo de hoje.

Nos dias de Jesus, Jerusalém era uma cidade gloriosa, rotineiramente tomada por centenas de milhares de visitantes, incluindo multidões de pessoas brilhantes de todo o mundo "conhecido". Era um ambiente cosmopolita, interligado com todo o mundo romano e além. O que

se sabia e discutia em qualquer lugar também se sabia e discutia ali. Foi nesse ambiente que, ainda menino de doze anos, ele fascinou durante vários dias algumas das melhores cabeças da época. Felizmente, recentes trabalhos arqueológicos e históricos muito têm feito para nos dar um retrato correto da pródiga cultura em que Jesus agiu e viveu, e da qual fazia parte.⁵

Delineando o "sermão"

O brilhantismo e a profundidade de Jesus sobressaem na estrutura e nas linhas gerais do Sermão do Monte, pois ele comunica de modo veemente uma idéia da vida humana que de fato funciona. A preleção como um todo se desenrola, logicamente, fundada na suposição da acessibilidade do reino que ele proclama. Dentro dessa estrutura, a primeira parte da preleção (sobre as "bem-aventuranças" e a luz e o sal da terra) revê pressupostos dominantes a respeito do bem-estar humano apresentando tipos teoricamente desprezíveis de pessoas que de fato encontraram e ainda encontram bem-aventurança no reino. Tratamos dessa parte do sermão no capítulo anterior.

A radical guinada de ponto de vista com respeito à "vida digna" e a quem a tem levou os ouvintes de Jesus a suspeitar que a "lei" era irrelevante para a sua vida no mundo de Deus. Por um lado, tinham certeza de que a sua vida estava abaixo dos parâmetros exigidos pela lei, e os que detinham o "poder" religioso não os deixavam esquecer isso. Mas, por outro lado, Jesus dissera que ainda assim eles eram bem-aventurados no reino. Parecia-lhes que Jesus havia abolido a lei.

Contudo, a "lei" que eles tinham em mente e com que se debatiam cotidianamente não era a lei de Deus. Era uma versão contemporânea de respeitabilidade religiosa, de aplicação bastante dura e opressora, a que Jesus se referiu como a "justiça... dos escribas e fariseus" (5:20). A lei como Deus a concebe permanece eternamente essencial ao reino, e Jesus deixou claro aos seus ouvintes que a sua meta era levar aqueles que o seguissem a cumprir a verdadeira lei. O cumprimento que ele tinha em mente não era com o intento de fazê-los humanamente *aceitáveis*. Isso é algo bem diferente. Mas o cumprimento da lei de Deus é importante porque a lei é boa. É correta para a vida humana. E a presença do reino nos traz tudo o que é correto para a vida humana.

Em Mt 5:20-48, então, vemos precisamente o que significa cumprir a lei. Nessa passagem crucial, na qual a justiça da essência do reino se revela de modo absolutamente pleno, há uma seqüência de contrastes entre a antiga doutrina sobre o que a pessoa boa deveria fazer — não matar, por exemplo — e o retrato que Jesus faz da essência do reino. Essa essência seria a mais meiga ternura para todos os que dela participassem. Essa passagem de Mateus 5 passa das raízes mais profundas da iniquidade humana - ira ardente e desejo obsessivo - ao pináculo da realização humana no *agapé*, ou amor divino. Desse modo todo o edifício da corrupção humana é minado pela eliminação das suas fundações na personalidade humana.

O restante do Sermão do Monte, os capítulos 6 e 7, apresenta então uma seqüência de exortações a respeito de práticas e atitudes que nos impedem de viver no reino. Primeiro vem o alerta contra tentar assegurar a nossa vida dependendo de realidades outras que não o reino: da nossa reputação religiosa/moral perante os homens (6:1-18) e de bens ou riquezas materiais (6:19-34). Esse é o "pendor da carne", que em Romanos 8 o apóstolo Paulo disse que "dá para a morte". Tratamos dessas questões no capítulo 6.

Depois vem o alerta contra a tentativa de controlar os outros pelo julgamento, pela incriminação ou pela condenação. O apóstolo Paulo mais tarde contrastou o "ministério da condenação" com o "ministério do Espírito" ou o "ministério da justiça" (2Co 3:6-10). Jesus tinha plena consciência do "ministério" da condenação e da sua futilidade. Por outro lado, ele nos mostra como podemos realmente ajudar aqueles que amamos e os outros na "Comunidade do amor em oração" (o título do capítulo 7).

Por fim, Jesus nos faz exortações veementes sobre o risco de deixarmos de efetivamente *fazer* o que ele nos convoca a fazer nos seus ensinamentos, e menciona as coisas que têm mais probabilidade de nos fazer tropeçar. Dietrich Bonhoeffer afirma com arrojo: "A única reação correta a essa palavra que Jesus traz consigo da eternidade é simplesmente cumpri-la".⁶ É interessante que quase um sexto de todo o Discurso (quinze dos noventa e dois versículos) enfatiza a importância de efetivamente fazer o que ele diz. Fazer, não só ouvir e comentar, é o

modo de conhecer a realidade do reino e inserir a nossa vida nele. A conclusão dessa seção final é, portanto, a famosa metáfora do sábio que constrói a casa sobre a rocha (ele é aquele que *cumpr*e as palavras de Jesus), ao contrário do outro homem.

A estrutura simples mas vigorosa do Sermão do Monte pode, portanto, ser representada assim:

- 1.Premissa básica: a vida no reino pela fé em Jesus (Mt 4:17-25; os capítulos 1 a 3 deste livro são dedicados a esse tema).
- 2.São as pessoas comuns a luz e o sal do mundo quando vivem na bem-aventurança do reino (5:1-20 e o capítulo 4 deste livro).
- 3- A essência benévola do reino concretamente retratada como o amor que está em Deus (5:21-48 e o corrente capítulo deste livro).
- 4.Alerta: contra as falsas seguranças - reputação e riquezas (Mt 6 e o capítulo 6 deste livro).
- 5.Alerta: contra a "engenharia da condenação" como plano de ajudar as pessoas. Exortação à comunidade do amor em oração (Mt 7:1-12 e capítulo 7 deste livro).
- 6.Alertas: contra os riscos de deixar de efetivamente fazer o que o Sermão demanda, e sobre as conseqüências que isso acarreta (7:13-27).

A seqüência do Sermão deve ser respeitada

Para compreender corretamente *o que* Jesus nos ensina a fazer no seu Sermão, devemos ter em mente a *seqüência* da exposição e reconhecer a sua importância. Essa é a atitude natural quando nos damos conta de que estamos recebendo a doutrina de alguém que domina completamente o tema que expõe e o método pelo qual o expõe. As partes finais do Sermão pressupõem as partes iniciais, e simplesmente só podem ser compreendidas quando se percebe claramente que elas dependem das partes iniciais.

Compreender, por exemplo, a doutrina sobre a ira e o desprezo (5:21-26) depende da compreensão da doutrina sobre o bem-estar e a bem-aventurança. Inversamente, depois de compreendida a doutrina sobre o bem-estar, a doutrina sobre a ira e o desprezo será considerada boa e justa.

Assim, se eu me libertei da ira, do desprezo e do desejo obsessivo e estou imbuído do amor que representa a característica daqueles que vivem no reino do Pai, estou livre da necessidade de me garantir pela reputação ou pela riqueza. Por outro lado, se não mergulhei na realidade desse reino de amor, não considerarei bom nem justo renunciar à reputação, ao orgulho, à vaidade e à riqueza, e inescapavelmente serei forçado a buscar essas coisas.

Se não observarmos a *seqüência* da vida do reino apresentada por Jesus, para nós será como se cada novo tópico do Sermão fosse um fim em si mesmo, sem nenhum vínculo com o que já foi apresentado. Nesse caso, o Sermão não fará sentido como guia de como agir. Esse é o problema daqueles que, por exemplo, do ponto de vista do estado atual da sua alma caótica, olham perplexos para o "mandamento" de oferecer a outra face ou fazer o bem àqueles que os odeiam. Não é de admirar que considerem isso impossível ou algo que tornaria a sua vida um tormento. Pois concebem a vida como aquela que têm hoje, alheia às partes mais fundamentais da doutrina de Jesus apresentadas anteriormente.

As várias parábolas e situações que Jesus apresenta no Sermão do Monte são na verdade *estágios* numa marcha rumo à vida de amor divino. Elas pressupõem que já saibamos de que depende de fato o nosso bem-estar, que já tenhamos abandonado a ira e o desejo obsessivo, que não tentemos desencaminhar as pessoas para alcançar o que queremos, e assim por diante. Então amar e ajudar aqueles que nos prejudicam ou odeiam, por exemplo, virá como progresso natural. Fazê-lo nos parecerá correto, e seremos capazes disso.

Coisa semelhante podemos dizer a respeito da não ostentação, da não dependência das riquezas, da renúncia à condenação como forma de endireitar as pessoas e assim por diante. Quando todas essas coisas são assimiladas na seqüência em que Jesus as apresenta, e só então, elas nos proporcionam o fundamento de uma estratégia prática para que nos tornemos as

criaturas que Deus originalmente concebeu. Depois de ouvir os seus ensinamentos, precisamos continuamente recapitulá-los e lembrá-los até que passem a fazer parte da nossa consciência.

A LEI E A ALMA

O "exceder" na efetiva obediência

É precisamente o fato de Jesus compreender a estrutura da alma humana que também o leva a tratar primordialmente das *origens* do erro, e não do erro em si. Ele assim dribla a futilidade, que já salientamos, de exaltar a lei.

O erro, bem sabia ele, não é o problema da existência humana, embora constantemente se pense assim. Não passa de um sintoma, que de tempos em tempos por si mesmo gera grandes males.

Alcançar a origem do ato é parte fundamental daquilo que ele tem em mente ao dizer que precisamos "exceder em muito a [justiça] dos escribas e fariseus". É preciso exceder a respeitabilidade religiosa humana, senão "jamais entrareis no reino dos céus" (5:20).

Na verdade, ele também nos exortou a realmente *fazer* o que a lei de Deus nos manda fazer. E isso também "excedia em muito" a justiça dos escribas e fariseus.⁷ Eles falavam muito da lei, mas não a cumpriam. Por isso Jesus exortou os seus ouvintes a fazer o que diziam as autoridades, pois "na cadeira de Moisés se assentaram... porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem" (Mt 23:2-3).

Então a fé em Cristo, corretamente entendida, é inseparável do cumprimento da lei. Certa ocasião as pessoas foram ter com ele e perguntaram: "Que faremos para realizar as obras de Deus?" (Jo 6:28). Sua resposta foi: "A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado". Agora diríamos, e com acerto: "Tenha fé em Jesus Cristo". Mas já vimos nos capítulos anteriores que a idéia de ter fé em Jesus se alheou totalmente da atitude de portar-se como seu aprendiz e aprender a fazer o que ele mandou.

Vemos a trágica conseqüência dessa separação em tudo o que nos cerca hoje. O que vemos no mundo ocidental contemporâneo é exatamente aquilo que ele mesmo previu. Sem dúvida nenhuma temos ouvido as suas palavras. Por quase dois milênios o temos ouvido, como já observamos. Mas decidimos não fazer o que ele disse. Ele alertou que isso nos tornaria semelhantes "a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína" (Mt 7:26-27). Hoje nos vemos precisamente em meio à catástrofe que ele previu, "voando de cabeça para baixo" mas satisfeitos por pregar intrepidamente contra a justiça das "obras".

Se cristãos da nossa congregação anunciarem hoje que decidiram guardar a lei de Deus, provavelmente ficaríamos ao mesmo tempo céticos e alarmados. Provavelmente os chamaríamos para umas sessões de aconselhamento e possivelmente pediríamos a outras pessoas responsáveis que os vigiassem de perto. Teríamos plena convicção que a bravata iria dar em nada. Sabemos que a pessoa não é *salva* por observar a lei, e não concebemos nenhum motivo para sequer tentar fazê-lo.

Isso nos enreda numa estranha inversão da obra dos mestres judaizantes que seguiam os passos de Paulo nos tempos do Novo Testamento. Assim como eles então pretendiam acrescentar à fé em Cristo a obediência às leis rituais, hoje queremos subtrair a lei moral da fé em Cristo. Combinar fé e obediência é certamente a tarefa essencial da igreja que agora entra no século XXI.

A importância fundamental da verdadeira lei de Deus para o homem

A lei que Deus realmente deu a Israel era, até a vinda do Messias, o bem mais precioso do homem na terra. *Aquela* lei consistia em ensinamentos fundamentais como os Dez Mandamentos, o "Ouve, Israel..." de Deuteronômio 6:4-5, a grande passagem sobre o amor ao próximo de Levítico 19:9-18, e as implicações desses ensinamentos elaboradas pelos profetas judeus até João Batista.

"Que grande nação há", exclama Moisés, "que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que eu hoje vos proponho?" (Dt 4:8). Os autores antigos conheciam bem o desesperador

problema humano de saber viver, e viam na lei revelada por Jeová, o Deus que firmou a aliança com Israel, a única solução verdadeira desse problema.

A verdadeira lei de Deus também possuía uma beleza inata, como expressão da bela mente de Deus. É profunda verdade e, portanto, preciosa em si mesma. Em Salmos 119 e em outras passagens, vemos como o devoto da lei, preciosa dádiva de Jeová, foi arrebatado pela sua bondade e força, julgando-a orientação perfeita para a vida bem-aventurada em Deus. Era constante deleite para a cabeça e o coração.

Precisamos entender que Jesus, o Filho fiel, não se desvia em momento nenhum dessa lei que é verdadeiramente a lei de Deus. Ele mesmo poderia ter escrito o salmo 119. Quando inquirido por um rico sincero mas equivocado a respeito do que deveria ele fazer para ter a vida eterna, Jesus respon-deu: "Sabes os mandamentos..." (Mc 10:19). Não há duplo sentido nenhum aqui, como tantas "interpretações salvíficas" pretendem enxergar. A mesma resposta é dada a um intérprete da lei que lhe fez a mesma pergunta ao aplicar a Jesus um teste de ortodoxia e competência (Lc 10:28).

Nos dois casos, como se viu, o inquiridor queria se salvar através da versão mutilada e distorcida da lei que dominava o seu ambiente social. Mas essa justiça "dos escribas e fariseus", como Jesus a chamava, *não* era a lei de Deus, como já apontamos. E Jesus, firme mas terno como era, não compactuava com as ilusões deles.

Quando Jesus os colocou frente a frente com a lei verdadeira de Deus, cada qual a seu modo fracassou no teste em que alegava ter passado. Mas isso de modo nenhum diminui o fato de ser a lei de Deus uma coisa indizivelmente boa e preciosa, e que viver nela é viver a vida eterna. Com toda a certeza a lei não é a *origem* da justiça, mas é para sempre o *caminho* da justiça.

Por conseguinte, no seu Sermão do Monte, Jesus reage imediatamente à idéia de abolição da lei que os seus ouvintes já começavam a nutrir (Mt 5:17). De fato, ele faz a declaração mais veemente possível em contrário: enquanto a criação perdurar, nem mesmo a menor parte da lei passará — nem um i ou um til daquilo que Deus pretende com ela (5:18). Isso simplesmente porque a lei é boa. É justa. É por isso que Deus a sustenta, e não por sentir a dignidade ferida.

Virá o tempo na história humana em que o homem obedecerá aos Dez Mandamentos, e isso com tanta naturalidade quanto hoje nos esbarrachamos no chão ao cair de um telhado. Então a humanidade ficará mais assombrada ao ver alguém mentir, roubar ou cobiçar do que hoje se espanta ao ver alguém não fazê-lo. A lei de Deus então estará gravada nos seus corações, como predisseram os profetas (Jr 31:33; Hb 10:16). Isso é parte essencial do futuro triunfo de Cristo e da libertação da humanidade na história e além.

Do ponto de vista do reino dos céus ou da perspectiva divina, salienta Jesus, aqueles que cumprem os mandamentos e os ensinam são os maiores dentre os homens, enquanto aqueles que violam o menor dos verdadeiros mandamentos de Deus e ensinam os outros a agir do mesmo modo são os piores dentre os homens (Mt 5:19).

A lei de Deus assinala os movimentos do reino de Deus, os próprios atos divinos e o modo como o reino opera. Quando observamos a lei, entramos no caminho de Deus e nos imbuímos do seu poder. Jesus nos mostra esses caminhos de maneira ainda mais plena e nos conduz até eles. "Se me amais", disse ele, "guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco" (Jo 14:15-16).

O "exceder" mais intenso de onde procedem os atos

Mas a questão é: como guardar a lei? Jesus sabia muito bem a resposta dessa pergunta, e é por isso que ele disse aos que quiseram saber como realizar as obras de Deus que depositassem a sua confiança naquele que Deus enviara (Jo 6:29). Ele sabia que não podemos guardar a lei tentando cumpri-la. Para alcançar sucesso nessa empresa, é preciso mirar algo diferente e maior. É preciso pretender tornar-se o *tipo de pessoa* de quem naturalmente emanam as obras da lei. A macieira produz maçãs de maneira fácil e natural, pois é da sua natureza. Eis aqui a coisa mais crucial a lembrar se realmente pretendemos compreender o retrato que faz Jesus da essência do reino no Sermão do Monte.

E aqui também reside o erro fundamental do escriba e do fariseu. Eles se concentram nos *atos* que a lei exige, e elaboram complicadas e detalhadas especificações sobre quais são esses atos e de que maneira eles devem ser realizados. Geram também imensa pressão social para

impor a conduta conforme à sua interpretação da lei. Preocupam-se desmedidamente em fazer o certo e em alcançar reconhecimento por isso.

Mas os aspectos íntimos da sua personalidade - o seu coração e o seu caráter - ficam livres para contrariar a própria lei de Deus. E o coração, é claro, acaba triunfando das suas intenções e providências conscientes, levando-os na verdade a fazer o que sabem ser errado. As suas palavras, especialmente, revelam o conteúdo do seu coração (Mt 12:34). E a sua necessidade de parecer justos "diante dos homens" (Mt 6:1) os leva à hipocrisia. A hipocrisia se torna o espírito, ou "fermento", que permeia e tingem toda a sua existência (Lc 12:1).

Nunca é demais enfatizar a medida em que esse "fermento" letal contamina os relacionamentos humanos. Seria até desejável que só os religiosos fossem sujeitos a ele.

A lição do lavador de pratos e do agricultor

Na tentativa de nos fazer compreender o elo entre os aspectos íntimos da personalidade e o modo como ela se revela nos atos, para assim elaborar uma estratégia que nos possibilite ser aquilo que Deus quer que sejamos, Jesus nos ensina lançando mão dos conhecimentos mais prosaicos, como era o seu modo de agir (Mt 13:52).

Primeiro vejamos o lavador de pratos: "Ai de vós", diz ele aos religiosos do seu tempo, "escribas e fariseus hipócritas! porque limpais o exterior do copo e do prato, mas estes por dentro estão cheios de rapina e intemperança. Fariseu cego! limpa primeiro o interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo" (Mt 23:25-26).

É fácil limpar o lado de fora de um copo sem lavar o interior, mas é difícil lavar bem o lado de dentro e deixar o exterior sujo. Quem lava por dentro naturalmente lava também por fora. No máximo fica uma sujeirinha aqui ou ali.

Outra lição vem do agricultor. É uma a que Jesus se refere repetidamente, e que outros autores do Novo Testamento também utilizam. A árvore boa, observa ele, dá bom fruto, e a árvore má dá mau fruto (Lc 6:43-45). Seu irmão menor Tiago desenvolve o argumento observando que a figueira não dá azeitonas, nem a videira, figos (Tg 3:12).

Os atos não surgem do nada. Eles revelam fielmente aquilo que está no coração, e podemos saber o que há no coração observando os atos. De fato, todos sabem fazê-lo. Isso faz parte do que significa ser um homem mentalmente capaz. O coração não é um mistério no plano das relações humanas triviais. Enxergamos facilmente o que há no coração uns dos outros.

Ouvindo diariamente a ladainha de atos iníquos que nos chega via os meios de comunicação, por exemplo, deduzimos com muito acerto (bastando refletir um pouco) que tipo de vida espiritual e de caráter gera esses atos - embora, em certo sentido, ainda possamos dizer: "não consigo entender como alguém pode fazer uma coisa dessas". O mesmo vale para a conduta em casa ou no trabalho.

É a vida espiritual da alma que devemos buscar transformar, pois então a conduta correta nos será fácil e natural. Não adianta tentar o inverso. Um termo especial é usado no Novo Testamento para assinalar o caráter da vida espiritual correta. Esse termo é *dikaiosune*.

Dikaiosune

A definição de Jesus para *dikaiosune*, a conduta de uma pessoa realmente boa, aparece em Mt 5:20-48. Abramos um parêntese para comentar esse termo especial que desempenha papel tão importante no pensamento do mundo clássico e da cultura grega helenística, bem como na linguagem da Bíblia e da forma primitiva do cristianismo que surgiu para conquistar o mundo greco-romano nos séculos II e III.

A necessidade humana de saber viver é perene. Jamais foi mais urgente do que o é hoje, claro - em Los Angeles e em Nova York, em Londres, Paris e Berlim. Mas essa necessidade é *sempre* urgente. É uma faceta inalterável da condição humana. É especialmente premente em épocas e locais em que há instabilidade social. Tal instabilidade não nos possibilita manter a ilusão de que ser um bom cidadão, ou um bom católico, americano, armênio ou judeu vá resolver o problema. Precisamos ter algo mais profundo.

A busca de algo mais profundo tornara-se uma séria empresa intelectual e espiritual no mundo mediterrâneo por volta do século V a.C. ou mesmo antes. A busca tinha, na verdade,

alcance mundial,⁸ mas em nenhum outro expositor atingiu resultado mais elevado que nos grandes profetas de Israel, como Amós, Miquéias e Isaías.

O primeiro tratamento cabal e sistemático do tema na esfera da razão humana se encontra na *República* de Platão, cuja melhor tradução seria *A Cidade*. Esse livro é na realidade um estudo da alma humana e do estado que a alma precisa alcançar para que o homem viva bem e consiga agir com retidão. O estado requerido é denominado, precisamente, *dikaiosune* na *República*. É exatamente em torno dessa palavra que Jesus articula, no original grego, o seu Sermão do Monte. É geralmente traduzida como "justiça" nos textos de Platão. Mas trata-se, outra vez, de uma tradução infeliz, pois *dikaiosune* está apenas indiretamente ligada àquilo que hoje entendemos por justiça.

A melhor tradução de *dikaiosune* seria uma paráfrase: algo como "aquilo que faz a pessoa realmente justa ou boa". Para encurtar, poderíamos dizer: "verdadeira bondade interior". Platão (seguindo as pegadas de Sócrates) tenta dar uma definição precisa e cabal daquilo que é a verdadeira bondade interior.

Estabelecendo o termo central do conhecimento ético, Aristóteles substituiu a palavra do seu mestre Platão, *dikaiosune*, por *arete*, geralmente traduzida como "virtude". Historicamente, Aristóteles venceu a batalha terminológica, e *virtude*, mais do que qualquer outro termo, vem representando ao longo dos séculos o âmago da justiça humana. Representa uma combinação de habilidade, sabedoria, força e firmeza no bem, combinação essa que a faz muito atraente.

O livro de Provérbios, do Antigo Testamento, na realidade se concentra mais em *arete* do que em *dikaiosune*, e *arete* também ocorre nos textos do Novo Testamento: por exemplo, em Fp 4:8 e 2 Pe 1:3-5. Porém, nas tradições hebraica e neotestamentária *dikaiosune* é a preferida. Talvez porque contenha um tom de ênfase no relacionamento da alma com Deus, enquanto *arete* sublinha predominantemente a capacidade e a realização humanas em si. É claro que nenhum estudioso contemporâneo da ética se arriscaria a discutir em público a "justiça" (ou "retidão"), embora a virtude tenha recentemente recebido novo alento nesse campo.

Cerca de dois séculos depois de Platão — certamente antes de 285 a.e. - o Antigo Testamento começou a ser traduzido para o grego, gerando o texto que chamamos de Septuaginta. O termo *dikaiosune* foi usado para traduzir as palavras hebraicas *tsedawkaw* e *tsebdek*, geralmente vertidas como "justiça" para o inglês. Assim, um texto fundamental do Antigo Testamento, Gn 15:6, diz: "Ele creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado para *dikaiosune*". E lemos em Isaías: "Todas as nossas *dikaiosune* [são] como trapo da imundícia" (64:6). E também em Amós: "Antes corra o juízo como as águas, e a *dikaiosune* como ribeiro perene" (5:24).

Conseqüentemente, as duas maiores tradições de reflexão moral do mundo antigo se unem na palavra *dikaiosune*. Ressurge nos ensinamentos de Jesus, três séculos depois da produção do Antigo Testamento grego, e torna-se o termo central na compreensão da salvação cristã apresentada no Novo Testamento. De fato, para Paulo, o ato redentor de Jesus toma-se a chave para a compreensão da *dikaiosune* do próprio Deus (Rm 1-8). É a pessoa de Jesus e sua morte por nós que deixam transparecer a característica que faz Deus "realmente bom".

Seis contrastes entre a antiga e a nova realidade moral

Em Mateus, capítulo 5, Jesus nos faz percorrer seis situações nas quais a bondade que vive no coração e permeia o Reino no Meio de Nós é contrastada com a antiga *dikaiosune* que denotava meramente uma conduta centralizada no "fazer o certo".

Situação	Antiga <i>dikaiosune</i>	<i>Dikaiosune</i> no reino
1. Irritação com os irmãos. (vv. 21-26)	Não matar.	Intenso desejo de ser útil. Não ceder à raiva nem ao desprezo.
2. Atração sexual. (vv. 27-30)	Não fazer sexo.	Não cultivar a luxúria.
3. Insatisfação com o cônjuge. (vv. 31-32)	Se você resolver se divorciar, dar o "bilhete azul".	Proibição do tipo de divórcio praticado na época.

4. Querer que alguém creia em algo. (vv. 33-37)	Fazer votos ou juramentos para convencer.	Dizer apenas como as coisas são ou não são. Proibição da manipulação verbal.
5. Ser ferido. (vv. 38-42)	Infligir o mesmo ferimento ao agressor.	Não ferir, mas ajudar aquele que o feriu.
6. Ter um inimigo. (vv. 43-48)	Odiar o inimigo.	Amar e abençoar o inimigo, como faz o Pai celeste.

E agora que já traçamos o esboço da estrutura e do desenvolvimento do Sermão do Monte, podemos começar a mergulhar no âmago dos ensinamentos de Jesus sobre a justiça da essência do reino. O restante deste capítulo será dedicado ao exame aprofundado de cada uma dessas situações. Depois de analisar esses contrastes em situações comuns e freqüentes, qualquer um perceberá bem claramente o tipo de coração e caráter íntimo daqueles cuja vida de fato emana do reino de Deus.

NO CALDEIRÃO DA IRA E DO DESPREZO

A primazia da ira na hierarquia do mal

O primeiro exemplo da *dikaiousune* no reino vem de casos em que ficamos desgostosos com o nosso "irmão" e podemos vir a tratá-lo com ira ou desprezo.

Quem busca as raízes do malefício no coração humano encontra na esmagadora maioria dos casos algum tipo de ira ou raiva. Bem ao lado da ira, acha-se seu irmão gêmeo, o desprezo. A compreensão que Jesus tem deles e do seu papel na vida é o fundamento da estratégia divina para estabelecer a bondade do reino. É a eliminação da raiva e do desprezo que ele apresenta como passo primeiro e fundamental rumo à justiça da essência do reino.

Apontando a inadequação moral do mandamento de não matar como diretriz para a relação com aqueles que nos irritam, Jesus desce mais fundo no tecido da personalidade humana, alcançando o próprio âmago: "Eu, porém, vós digo que todo aquele que [sem motivo] se irar [*orgizomenos*] contra seu irmão estará sujeito a julgamento" (5:22). Ele aplica à ira exatamente a mesma frase - "estará sujeito a julgamento" - que o antigo ensinamento aplicava ao assassinato.

O que é a ira

E quando examinamos a ira com cuidado percebemos porque se justifica declaração tão forte. Na sua forma mais simples, a ira é uma reação espontânea que tem uma função crucial na vida. Nesse caso, não é errada. É um *sentimento* que se apodera do nosso corpo e imediatamente nos impele a enfrentar, e até a atacar, aqueles que contrariaram a nossa vontade e interferiram na nossa vida.

De fato, a ira em si mesma - mesmo sem levar em conta o "extravasamento" dela e suas outras conseqüências - já causa dano aos outros. Se fico sabendo que você está com raiva de mim, *imediatamente* fico magoado. É bem provável que só a sua raiva já me faça parar ou mudar de atitude, e também eleva o nível de estresse de todas as pessoas que nos cercam. Também pode provocar raiva em mim mesmo. Geralmente o faz, justamente porque a sua raiva me impõe uma barreira. Contraria a *minha* vontade. Assim, ira se alimenta de ira. A função primordial da ira na vida é me alertar para algo que obstrui a minha vontade, imediatamente fazendo soar o alarme e erguendo as defesas, sem que eu tenha tempo de refletir sobre o que está acontecendo.

E se a ira só implicasse isso, tudo estaria ótimo. Ira nesse sentido não é pecado, ainda que seja sempre melhor evitá-la, se possível. (Dor de cabeça não é pecado, mas será que precisamos dela?) A ira assim desempenharia a sua função vital, como o faz a dor física, passando com o desaparecimento da causa. Mas a ira real entre nós é muito mais do que isso, e rapidamente se transforma em algo inerentemente mal.

Para compreender por quê, precisamos examinar ainda mais detidamente o que é a ira. É primordialmente uma função da vontade humana, e em vários aspectos. Surge espontaneamente

em nós, como já observamos acima, quando a nossa vontade se vê obstruída. É isso que a provoca. Mas *como* reação àqueles que interferiram na nossa vida, ela implica a vontade de prejudicá-los, ou os primórdios disso. Toda medida de ira tem alguma medida de malícia.⁹ É por isso que sempre ficamos magoados quando alguém está com raiva de nós.

Conseqüentemente, não desejamos que os outros fiquem com raiva de nós a menos que alcancemos algum fim com isso. Sabemos que as pessoas que têm raiva de nós nos desejam o mal, e essa *intenção* de nos fazer sofrer pode ser detonada por um simples olhar (quem sabe a recusa do olhar) ou um tom de voz elevado (quem sabe o silêncio completo). Agindo assim, certamente conseguirão o que querem.

A ira e o ego ferido

Mas é um possível terceiro envolvimento da vontade na ira que a torna tão mortal a ponto de merecer a censura que Jesus lhe dirige. Podemos e geralmente decidimos ou desejamos *ficar* irados. A ira surge primeiro espontaneamente. Mas para acolhê-la ou nutri-la, precisamos *querer* fazê-lo, e geralmente o fazemos. Podemos até nos transformar numa pessoa irritadiça, e é possível que qualquer incidente detone uma explosão da fúria que se mantém em constante prontidão.

É isso que acontece com aqueles atingidos pela atual epidemia de acessos de fúria no trânsito. A explosão de ira *nunca* é causada exclusivamente pelo incidente. A maioria das pessoas carrega uma reserva de raiva consigo. Talvez ela acompanhe aquele "tranquilo desespero" que, segundo Henry David Thoreau, caracteriza a vida da maior parte das pessoas. Só que cada vez mais o desespero não é tão tranquilo.

Mas por quê, pode-se indagar, as pessoas acolhem e nutrem a raiva? Por quê, como é tão freqüente, incham o corpo de raiva ou a ostentam como uma divisa honorífica, se ela irradia danos reais e potenciais, não somente ao seu objeto (o que contrariou a vontade de quem ficou com raiva) mas também aos que estão próximos - muitas vezes com conseqüências letais à sua própria vida, saúde e felicidade? Hoje é indiscutível que muitas pessoas são mortas pela sua própria raiva.¹⁰ Incontáveis outros morrem por assimilar passivamente a raiva dos outros - como no caso dos fumantes passivos. Em Los Angeles e outras cidades, dificilmente se passa uma semana sem que morra uma criança atingida por balas disparadas por pessoas enfurecidas.

Mas se queremos mesmo entender os meandros do coração humano, precisamos saber por que as pessoas acolhem e alimentam a raiva. A ira que é acolhida, em vez de simplesmente recusada, sempre traz em si um elemento de hipocrisia e vaidade. Aquele que nutre a raiva tem o ego ferido.

A importância do ego e da ferida real ou imaginária é desmedidamente exagerada por aqueles que se entregam à raiva. Então ela pode se tornar desde um morno ressentimento até uma santa cruzada com o intento de ferir aquele que me contrariou, que frustrou os meus desejos ou que violou o meu senso de decoro. Pode explodir contra qualquer coisa ou qualquer pessoa que estiver por perto. Posso me viciar na descarga de adrenalina e jamais me sentir realmente vivo senão quando a ira estiver acesa.

Só mesmo esse elemento de hipocrisia pode me sustentar se ainda retenho a raiva muito tempo depois do desaparecimento da sua causa, ou se deixo a sua intensidade subir até o ponto da fúria totalmente insana. Para me conservar enfurecido preciso me julgar maltratado ou engajado na correção de um erro intolerável, erro que eu mesmo muitas vezes cometo.

Portanto, quando a ira é alimentada, funciona como um elemento intrinsecamente desintegrador da personalidade e da vida humanas. Não precisa ser efetivamente "extravasada" para envenenar o mundo. Por causa da sua natureza, e do modo como se apodera do corpo e daquilo que calha estar por perto, simplesmente não pode ser ocultada. Todas as nossas faculdades mentais e emocionais são convocadas para nutrir e servir a raiva, e o nosso corpo vibra com ela. A energia é canalizada para conservar viva a raiva: constantemente nos lembramos do quanto fomos maltratados. E quando ela chega a controlar os nossos atos, é claro que o mal é rapidamente multiplicado nas conseqüências aflitivas e na reprodução da ira e da fúria nos corações e nos corpos de todos os que ela alcança.

A ira é hoje praticada e encorajada

Nos Estados Unidos acontecem cerca de 25.000 assassinatos a cada ano. São 1.000 assassinatos nos locais de trabalho; além disso, mais de um milhão de pessoas ficam feridas por ataques violentos de colegas de trabalho.¹¹ A maioria dos assassinatos nos locais de trabalho ocorre depois de longos períodos de ameaças e ostensivas demonstrações de fúria, e muitos são assassinatos múltiplos que acabam vitimando pessoas que nada têm a ver com a rixa. Um fato óbvio é que nenhum dos 25.000 homicídios, ou no máximo um número insignificante deles, ocorreria se os assassinos não decidissem acolher e nutrir a ira.

A ira e o desprezo são os flagelos gêmeos da terra. Combinados à ganância e à luxúria (examinadas adiante), esses amargos sentimentos compõem o caldo venenoso onde a existência humana vive em suspensão. Poucas pessoas conseguem se livrar deles nesta vida, e para a maioria de nós nem mesmo a velhice traz alívio.

Quando você enxerga o que são realmente esses sentimentos, enxerga também o que é na verdade o constante fluxo de catástrofes humanas que a história e a vida nos apresentam: uma consequência natural da vontade humana, de as pessoas se decidirem pela ira e pelo desprezo. É um milagre que não ocorram catástrofes mais numerosas e terríveis. Precisamos nos lembrar disso ao ler o que Jesus e outros autores bíblicos dizem sobre a ira. Cortar a raiz da ira é fazer definharem a árvore da iniquidade humana. É por isso que Paulo diz simplesmente: "Despojai-vos [...da] ira" (Cl 3:8).

Todavia, pessoas influentes hoje nos dizem que *precisamos* ter raiva, que é necessário ter raiva para combater os males da sociedade. A idéia penetra fundo no nosso pensamento. Certa ocasião eu estava aconselhando um casal cristão a respeito de questões familiares e sugeri que não deveriam disciplinar o seu filho com raiva. Eles ficaram surpresos: "O senhor quer dizer que devemos puni-lo a sangue frio?" Nem faziam idéia do quanto a sua noção de justiça se havia entrelaçado à raiva.

Um importante analista social prega hoje que o desespero e a ira são um elemento essencial na luta pela justiça.¹² Ele e outros que pregam essa idéia estão semeando vento, e certamente vão colher a tempestade, o tornado. De fato, já o estamos colhendo agora numa nação cada vez mais doente de cólera e ressentimento de cidadão contra cidadão. E muitas vezes a cólera e o ressentimento são tidos como justificáveis em nome de Deus.

Mas nada há que se possa fazer com raiva que não se possa fazer melhor sem ela. O senso de farisaísmo que acompanha a ira simplesmente provoca mais ira e farisaísmo. É claro que, como quando nada se faz a respeito de coisas que estão erradas, a ira cresce naturalmente e por fim extravasa, seja numa família seja numa nação. Isso é inevitável e até necessário *fora* do Reino no Meio de Nós.

Mas a resposta é corrigir o erro com um amor persistente, e não guardar a raiva, e assim corrigi-lo sem acrescentar outros erros imaginários ou reais. Reter a raiva e nutri-la é, ao contrário, dar "lugar ao diabo" (Ef 4:26-27). Ele não perde oportunidade, e a recompensa será o inferno. O delicioso gosto de farisaísmo que a ira acalentada sempre contém sai muito caro na reação farisaica daqueles contra quem alimentamos a raiva. E o ciclo será infundável enquanto a ira reinar.

O desprezo é pior do que a ira

Mas o desprezo é mal ainda maior do que a ira, e, portanto, merecedor de maior condenação. Diferentemente da ira inocente, pelo menos, é uma espécie de premeditada degradação do outro, e está também mais presente na vida que a ira. Jamais é justificável ou bom. Por isso, nos diz Jesus: "Quem disser a seu irmão: Raca, será réu diante do sinédrio" (v. 22, VR).

A palavra aramaica *raca* era corrente nos tempos de Jesus e exprimia desprezo por alguém, classificando-o como um ser abjeto. Pode ter se originado do som que se faz ao reunir escarro da garganta para cuspir. Se estou irado, quero feri-lo. Se o desprezo, pouco me importo se você se fere ou não. Ou pelo menos é o que digo. Seja como for, você não é digno de consideração. Podemos ter raiva de alguém sem negar o seu valor. Mas o desprezo nos facilita feri-lo ou desejar a sua degradação.

Hoje, é claro, não diríamos 'raca'. Mas podemos chamar o outro de bocó ou tonto, quem sabe de besta ou palerma. Essas são as palavras mais suaves do nosso vocabulário para exprimir desprezo. A coisa pode piorar muito na seqüência. O nosso arsenal verbal está carregado de termos de desprezo, alguns com conotações sexuais, raciais ou culturais, outros apenas degradantes da pessoa. Jamais devem ser proferidos.

O intento e o efeito do desprezo é sempre excluir alguém, afastá-lo, deixá-lo de fora e isolado. Isso explica por que tanto se invoca a imundície para exprimir o desprezo e por que o desprezo é tão cruel, tão grave. Rompe o vínculo social mais sordidamente do que a ira. Contudo, também se pode fazê-lo com sofisticação.

Quantos exemplos não temos dele nos pátios das escolas, nas festas, mesmo em casa ou no santuário da igreja! Alguém é humilhado ou então cruelmente omitido, deixado de fora. É uma constante na maioria das relações humanas. No curso da vida raramente nos vemos numa situação em que o desprezo não está pelo menos no ar. E todos vivem com medo dele. Nunca está além dos limites da nossa consciência.

Mas os "excluídos" viram alvo fácil de agressões piores. Por outro lado, o respeito automaticamente ergue um muro contra a agressão. Nas batalhas familiares, a seqüência é quase sempre da ira ao desprezo (sempre expresso em linguagem baixa) e desse à brutalidade física. Uma vez instalado o desprezo, porém, ele justifica a raiva inicial e aumenta a sua força.

Recentemente os analistas da sociedade têm observado um uso cada vez mais crescente de linguagem grosseira, especialmente entre os jovens. Curiosamente, poucos são capazes de encontrar argumentos além do gosto pessoal para condenar esse hábito. Esquisito demais isso! Será que eles realmente consideram aceitável o desprezo, ou são incapazes de reconhecê-lo? Linguagem grosseira e palavrões são *sempre* expressão de desprezo. A onda atual de palavras de baixo calão flutua sobre o mar de desprezo no qual a sociedade vaga à deriva.

Ultimamente tem-se falado muito nas crianças de doze ou quatorze anos que matam pessoas sem motivo aparente. Os analistas observaram a falta de sentimentos nesses jovens assassinos. Mas, se você os examinar mais detidamente, verá que eles na verdade são dominados por um sentimento. Olhe bem para o rosto deles. É visível o desprezo. Alimentam um desprezo mortal pelos outros — e ao mesmo tempo se mostram apavorados e furiosos por se sentir "pisados" ou desdenhados.

O comentário de Jesus aqui (Mt 5:22) é que todo aquele que diz "raca" para um irmão está sujeito a ser levado às autoridades - o "tribunal" ou Sinédrio - para receber as penas adequadas, obviamente duras. Atos e atitudes desdenhosos são uma faca no coração que permanentemente fere e mutila a alma das pessoas. O serem tão comuns não alivia a sua destrutividade. Na maior parte dos círculos profissionais e da "alta" sociedade, onde seria de esperar uma sensibilidade moral mais elevada, o desprezo é uma arte sofisticada. Praticá-la é, aliás, pré-requisito para "cair nas graças" dos outros. Quem não sabe quem e como desprezar ostenta um dos sinais mais evidentes de inferioridade, e a si mesmo se qualifica como desprezível.

Num curto e magnífico discurso intitulado "O Círculo Interno", C. S. Lewis comenta que "em determinados períodos da vida de todos os homens, durante toda a vida de muitos homens, da infância à extrema velhice, um dos elementos mais predominantes é o desejo de participar do Círculo local e o pavor de ficar de fora".¹³

Participar é uma necessidade vital fundada na natureza espiritual do ser humano. O desprezo cospe nessa necessidade pateticamente profunda. E, como a ira, o desprezo não precisa ser colocado em prática para ser maligno. É inatamente venenoso. Só por ser o que é, faz definir a alma humana. Mas quando expresso em palavras desdenhosas — nas suas milhares de combinações - ou com gestos e olhares igualmente poderosos, transpassa o âmago da alma e reduz a força da própria vida. Pode ferir tão fundo e destruir tão completamente que o assassinato seria quase um golpe de misericórdia. Vê-se também o seu poder na intensidade do ressentimento e da ira que sempre provoca.

Tolo

Mas Jesus nota mais um estágio na progressão da malevolência interior, estágio que pode ocorrer sem que se cometa o assassinio: "E quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo" (v. 22).

"Tolo", dito com essa combinação característica de gelado desprezo e fulminante ira que Jesus tem em mente, é algo que fere mais fundo do que só a ira ou o desprezo isoladamente. *Bocó* ou *tonto* geralmente não são palavras ditas com raiva, mas até com certo gracejo. *Tolo*, por outro lado, no sentido bíblico, é uma expressão de malícia e também de desprezo.

Na verdade, essa palavra já não capta o sentido do ensinamento de Jesus aqui e, de fato, está hoje mais próxima de *bocó* do que daquilo que ele tinha em mente. Assim, quem hoje pretender seguir a "lei" de Jesus não chamando ninguém de tolo certamente não terá dificuldades para fazê-lo. Nosso extenso vocabulário nos permite fazer exatamente aquilo que ele de fato condenou sem usar a palavra *tolo*.

O sentido dominante de *tolo* na sociedade de hoje é o de uma insensatez benigna, como no "Banquete dos Tolos", uma idéia antiga que virou título de um livro popular há alguns anos. Peça desculpas pela grosseria, mas o equivalente mais próximo do *tolo* bíblico na linguagem de hoje seria mais algo como *canalha estúpido* ou *idiota*, como se diz a alguém que acabou de atrapalhar algo importante que fazíamos para cumprir uma tarefa ou que acaba de nos dar uma fechada no trânsito. Dificilmente alguém falaria de um "Banquete de Canalhas Estúpidos" no mesmo tom festivo.

O tolo, na linguagem bíblica, é alguém que exhibe uma combinação de estúpida perversidade e rebeldia contra Deus e contra tudo aquilo que as pessoas sensatas representam. Ele é deliberadamente perverso, rebelde, conscientemente ímpio em prejuízo de si mesmo. O livro de Provérbios, do Antigo Testamento, define detalhadamente a sua alma. "O insensato",⁷ lemos ali, "encoleriza-se, e dá-se por seguro" (Pv 14:16). "O insensato não tem prazer no entendimento, senão em externar o seu interior" (18:2). "Como o cão que torna ao seu vômito, assim é o insensato que reitera a sua estultícia" (26:11). E por aí afora.

Rotular alguém de "tolo" nesse sentido bíblico é uma violação tão devastadora da alma, algo que fere tanto, que, como disse Jesus, justificaria condenar o ofensor ao ardente aterro sanitário da existência humana, o *inferno de fogo*. A palavra resume tudo o que há de mal na ira e no desprezo. Quem exhibe tal atitude não pode viver no reino de Deus, pois está em total desarmonia com ele.

Essas três proibições não são leis

Hoje se pensa às vezes que Jesus leva tudo isso a sério demais. Mas o que é exatamente que se está fazendo na delineação dessa tripla progressão de proibições, da ira ao desprezo e à profanação verbal? A resposta é que Jesus nos está fazendo uma revelação da preciosidade do ser humano. Ele quer revelar o valor das pessoas. É claro que meramente não matar os outros nem de longe faz justiça a essa idéia.

De modo nenhum, porém, ele está simplesmente dando aqui mais três coisas a não fazer, mais três itens numa "lista" de coisas a ser evitadas. Certamente não devemos fazê-las, mas não é *isso* o mais importante. Se isso fosse tudo, a empreendedora mente humana logo encontraria uma forma de driblá-las. Já não sabemos que não ficar com raiva é a forma que algumas pessoas têm de vencer? E não ouvimos às vezes alguém dizer: "Eu não me irrita. Simplesmente revido"? Ninguém precisa se irritar para fazer o mal.

Aqui, portanto, como em todo esse adorável Sermão do Monte, precisamos afastar a idéia de *leis*. Jesus argumenta, como já indicamos, no nível muito mais profundo da *origem* dos atos, bons e maus. Ele nos leva ao âmago daquilo que somos, nos mostra o amor que Deus tem por nós e o amor que, se também o tivermos, nos põe em harmonia com a sua vida. Ninguém será "justo" no sentido do reino se não transformar o seu coração pelo amor. Mas, transformados,

⁷ A *ARA*, que usamos nas citações bíblicas, dá "insensato" em vez de "tolo"; tolo aparece, como já vimos, em Mt 5:22. O sentido, porém, é o mesmo (N. do T.)

naturalmente não mais nos preocupamos em *não* ficar impropriamente irritados, em *não* exprimir desprezo, em *não* chamar os outros de "canalhas estúpidos" e assim por diante.

Quando vou à cidade de Nova York, não preciso me preocupar em *não* ir para Londres ou Atlanta. As pessoas não me recebem no aeroporto ou na estação mostrando-se agradecidamente surpresas por eu *não* ter ido para outro lugar. Eu tomo as providências para ir à cidade de Nova York e isso já resolve tudo.

Do mesmo modo, quando eu valorizo aqueles que me cercam e os vejo como seres que Deus criou para os seus propósitos eternos, não preciso assumir o compromisso de não odiá-los ou de não chamá-los de tontos ou tolos. *Não* fazer isso já faz parte do pacote. "Quem ama ao próximo tem cumprido a lei", disse Paulo (Rm 13:8). De fato.

Por outro lado, não ir a Londres ou Atlanta é um plano deplorável para quem quer ir para Nova York. E *não* se irritar impropriamente, etc., é um plano deplorável para quem quer tratar as pessoas com amor. Não funciona. E, logicamente, Jesus jamais pretendeu que essas coisas formassem um plano desse tipo. Apesar de ser necessárias, boas e belas, as leis que tratam somente de atos, como os Dez Mandamentos, simplesmente não alcançam o coração humano, a *origem* dos atos. "Se fosse promulgada uma lei que pudesse dar vida", disse Paulo, "a justiça, na verdade, seria procedente da lei" (Gl 3:21). Mas a lei, apesar de todo o seu esplendor, não pode fazê-lo. Capaz disso só mesmo o relacionamento amável sustentado pelo Cristo magistral.

Aprendemos isso no discipulado de Cristo.

Exemplos positivos da essência do reino

Mas ainda não está completa a revelação da bondade do reino com respeito aos nossos relacionamentos com os outros. Mostrar que a ira e o desprezo são questões graves só lança as bases para a cartada final desse primeiro contraste que Jesus faz entre a essência do reino e o antigo ensinamento sobre a "justiça". Agora ele expõe as conseqüências que nos afastam das meras negações ou proibições e nos levam a um respeito admiravelmente positivo pelo próximo, a quem devemos amar como o próprio Deus ama.

Referindo-se àquilo que acabou de esclarecer, Jesus usa a expressão "se, pois" (v. 23) para introduzir as conseqüências. Assim, *porque* são imensas a realidade da alma humana e a consideração de Deus por ela no seu reino, que espécie de ato de amor nos deixa à vontade na vida do reino? Dão-se dois exemplos daquilo que, repetimos, a lei jamais poderia apreender:

Primeiro, você está com os oficiantes do Templo diante do altar, prestes a oferecer o seu sacrifício a Deus (Mt 5:23-24). É um dos momentos mais sagrados da vida ritual do fiel. Rezava a tradição que nada deveria interromper o ritual exceto alguma outra questão cerimonial mais importante que exigisse atenção imediata.

De repente, no meio de tudo aquilo, você se lembra de um irmão que está irritado com você. Percebendo o quanto é importante que a alma dele encontre alívio, e pesaroso pelo rompimento com esse irmão, você interrompe o ritual. Sai, encontra o irmão e faz as pazes com ele. *Isso* ilustra a positiva bondade da essência do reino.

Para perceber tudo o que o exemplo significa, temos de nos imaginar no momento de um casamento, de um batizado ou da ordenação para uma função importante, como a de pastor. No meio dos procedimentos, saímos para buscar a reconciliação com alguém que nem sequer está ali. Isso retrata o amor do reino que é de fato a justiça do reino.

O exemplo que Jesus escolheu para ilustrar a característica da essência do reino se coaduna com a linha de pensamento dos profetas de Israel, que desde tempos bem antigos consideram o aspecto moral superior ao ritual. "Pois misericórdia quero, e não sacrifício" (Os 6:6). Eduard Schweitzer comenta: "Se o ato ritualístico é interrompido por causa de um irmão, como Jesus exige, então a ideologia ritualística já está fundamentalmente superada".¹⁴

Agora imagine que tipo de vida e caráter teria uma pessoa que rotineiramente interrompesse rituais sagrados para buscar reconciliar-se com o seu irmão. Que tipo de vida intelectual, que sentimentos e humores, que hábitos materiais e intelectuais, que tipos de decisões e escolhas você encontraria nessa pessoa? Respondendo a essas perguntas, você terá uma visão daquilo que verdadeiramente "excede a justiça" e que vive em harmonia no divino reino de poder e amor.

É claro que a tendência *legalista* do eu humano imediatamente entra em ação. Parece não descansar nunca. Certamente virá a pergunta: e se o meu irmão se recusar a fazer as pazes comigo? Nunca mais vou voltar à igreja? ("Vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então,

voltando, faça a tua oferta.") Será que sempre vou ter de fazer isso, independentemente de outras coisas que estejam em jogo na ocasião? A resposta é: obviamente não! Jesus não está aqui baixando uma lei que diz que você não deve continuar a sua prática religiosa se um irmão tiver algo contra você. Ele não está firmando uma lei como "Não matarás". A meta do exemplo - e é um *exemplo* — é nos colocar em harmonia com aquilo que está no nosso coração e, ao mesmo tempo, nos revelar a justiça da essência do reino.

Não controlamos as conseqüências nem somos responsáveis por elas, mas apenas pela contribuição que damos. Porventura o nosso coração deseja a reconciliação? Já fizemos o que era possível fazer? Sinceramente? Recusamo-nos realmente a substituir genuínos atos de amor por meros ritos? Pesa em nosso coração o dano que a ira desse irmão está fazendo à sua própria alma, a nós e aos outros? Nesse caso, excedemos a justiça "dos escribas e fariseus" e entramos na vereda de Deus. Com certeza podemos achar uma maneira adequada de agir com tal espírito sem precisar receber uma *lista* de coisas a fazer.

O segundo exemplo de um ato típico da essência do reino vem do caso em que tenhamos um *adversário* perante o poder judiciário. Hoje isso certamente significaria que alguém estivesse nos processando na justiça.

Aqui Jesus nos exorta a conservar uma boa atitude ou disposição (*eunoon*) em relação ao adversário nas reuniões preliminares que podem levar ao julgamento. Tente, com genuíno amor pelo adversário, resolver a questão antes que chegue ao tribunal. Podemos nos encontrar cordialmente com ele, por exemplo, para perguntar com sinceridade o que poderíamos fazer para ajudar. É assim que alguém imbuído da essência do reino agiria.

Mas quem ama verdadeiramente o seu adversário se coloca dentro da realidade do reino de Deus, e dentro do alcance dos seus recursos; conseqüentemente, é bem provável que também esse adversário seja atraído para o reino. As coisas ali são realmente diferentes, e torna-se possível uma solução que manifeste a presença divina. Veja o que acontece. Aventure-se no reino. É assim que o "buscamos".

Quem não aborda assim o seu "adversário" acaba se limitando, e limitando também o adversário às veredas humanas e suas leis, e conseqüentemente colhendo um fruto amargo. Esse provavelmente não escapará enquanto não estiver totalmente exaurido até o último centavo. Repare como é realista o quadro que Jesus traça de um processo que vemos continuamente se desenrolar hoje à nossa volta! Atualmente alguns tribunais mandam para a cadeia crianças que se recusam a visitar o pai que abandonou a família. Esse sistema, somos forçados a admitir, talvez seja inevitável agora, mas é cruel demais para a vida humana segundo parâmetros minimamente ponderados.

É fundamental perceber que Jesus *não* diz que devemos simplesmente ceder às exigências de um adversário. Ter disposição ou espírito benévolo para com um adversário ou qualquer outra pessoa não significa fazer o que ela exige. Significa verdadeiramente se comprometer com aquilo que é bom para ela, buscar o seu bem-estar. Isso pode até exigir que *não* cedamos à sua vontade. Mas há muitas maneiras de manter uma posição firme — algumas de Deus, outras não.

Igualmente, ele não nos proíbe de ir ao tribunal. No entanto quantas pessoas, procurando uma lei, já não supuseram equivocadamente que Jesus proibiu isso? Pois essa proibição simplesmente não se encontra nas suas palavras. Assim mesmo, um conhecido meu tinha um negócio com um sócio que se aproveitou dele e o arruinou. Esse homem cedeu às ilegítimas exigências e práticas do seu sócio, e não foi à justiça resolver a questão. Supôs que Jesus havia baixado uma lei que proibisse tal medida. Na verdade, ele esperava que Deus providenciasse para que ele nada perdesse. Mas perdeu muito. E hoje tem muita raiva de Deus, e não só de Deus.

Jesus nos dá aqui um segundo exemplo, então, de como alguém impregnado da essência do reino reagiria. Ele não nos diz o que fazer, mas como fazê-lo. Na verdade, ir ou não ao tribunal pouco importa: o que importa é agir sem hostilidade, sem azedume e a impiedosa vontade de *vencer*. Não hesite em sacrificar os seus interesses pelos interesses do outro se isso parecer o mais sábio a fazer. E mantenha uma alegre fé em Deus, aconteça o que acontecer.

Firmados no reino, tomamos decisões responsáveis e baseadas no amor, com a segurança de que as conseqüências não terão lá muita importância, pois, seja como for, *estamos* no reino dos céus. Nesse reino nada que possa nos acontecer é "o fim do mundo".

Nesses dois exemplos finalmente vemos a bondade do reino comparada com a mera bondade de não matar, que então parece algo bem vazio. Se tomássemos esses exemplos como

leis e os seguíssemos, será que isso nos faria agir corretamente com o nosso irmão? De maneira nenhuma. Poderíamos obedecer a essas "leis" e no entanto encontrar muitas outras maneiras de odiar e ferir o próximo. Seria um equívoco completo.

FANTASIAR O DESEJO É DESTRUTIVO

O perigo de fantasiar e se entregar ao desejo sexual

No Sermão do Monte, Jesus dedica bem mais espaço à hostilidade do que a qualquer outra questão tratada. Isso certamente porque é um problema mais fundamental. Se você tirar da vida humana o desprezo e a ira imoderada, terá extirpado a esmagadora maioria dos atos errôneos que efetivamente se realizam.

Mas nesse primeiro contraste concreto entre a antiga e a nova *dikaioisune*, Jesus também nos dá a oportunidade de perceber *como* ele trata essa questão. Agora será possível examinar com mais brevidade os cinco contrastes restantes levantados nessa exposição da justiça do reino.

O segundo contraste que Jesus apresenta diz respeito ao sexo. É um tema extremamente atual, claro. Sexo e violência são as duas coisas mais citadas, na vida e na mídia, como fonte dos nossos maiores problemas. A violência é o inevitável transbordamento da ira e do desprezo no coração. Ira e desprezo continuamente se entremesclam, um com o outro e também com as torrentes de prazeres que fantasiamos no nosso coração: a fama, as drogas e o álcool, o poder e o dinheiro. O anseio por essas coisas dominam uma estrutura social em que uma gama aparentemente ilimitada de desejos não pára de impor a sua busca de "libertação" via satisfação ilimitada.

Ao tratar do sexo, como no caso da violência física e verbal, Jesus toma como ponto de contraste um dos Dez Mandamentos, "Não adulterarás", segundo a interpretação que se dava na época a esse mandamento. Estritamente falando, o mandamento proíbe uma pessoa casada de ter relações sexuais com alguém que não seja o seu cônjuge. Como no caso do assassinato, é uma proibição absoluta, e não se admite em nenhuma circunstância o assassinato ou o adultério.

Porém, como já vimos no caso do assassinato, o mero fato de você não cometer adultério com determinado homem ou mulher não significa que a sua relação com essa pessoa no campo da sexualidade seja como deve ser, ou que você seja como deve ser com respeito à sua sexualidade.

Jesus estava diante de multidões de homens que se julgavam bons e justos em relação à vida sexual porque não faziam a coisa proibida pelo mandamento. Eram como aquele que se julgava justo perante os seus irmãos por não os ter matado.

Mas Jesus sabia, como facilmente podemos notar hoje, que exatamente as mesmas pessoas que se julgavam sexualmente puras e justas acompanhavam uma mulher com os olhos, derramando os seus olhares sobre ela, apalpando com os olhos os contornos daquele corpo, exibindo no rosto e na postura uma arrebatada luxúria. Eles obviamente se deleitam nisso, fantasiando como seria tocar, acariciar e possuir aquele corpo.

Todos conhecem esse hábito, e são poucos os que pelo menos uma vez não o praticaram. Sem dúvida o mesmo acontecia nos tempos de Jesus. E acontece com todo tipo de homem, inclusive com ministros e professores universitários e, nestes tempos de oportunidades iguais, com mulheres e entre pessoas do mesmo sexo. Jesus ensina aqui que a pessoa que cultiva a luxúria desse modo não fica à vontade na bondade do reino de Deus.

Os olhos de Jó

No livro de Jó, considerado por alguns o livro mais antigo da Bíblia, há uma declaração bem analítica sobre a trajetória do envolvimento sexual (Jó 31). Como bem se sabe, Jó professa a sua integridade em todos os campos. Ele tem consciência da questão que Jesus aborda e exprime uma doutrina bem ponderada acerca dela. "Fiz aliança com meus olhos", afirma ele. Ele firmou, por assim dizer, um acordo com os próprios olhos, para que não se entregassem à luxúria. "Como, pois", pergunta ele, "os fixaria eu numa donzela?" O olhar devasso seria visto por Deus. E

certamente conduziria à falsidade e ao engano (v. 5). Mas Deus sabe que nada disso faz parte da sua vida (v. 6).

Jó é tão enfático em relação à sua pureza nesse campo que esmiúça com riqueza de detalhes a conhecidíssima trajetória do envolvimento sexual ilícito e suas conseqüências. Obviamente ele sabia exatamente o que acontece. "Se o meu pé se apressou para o engano [...]", diz ele, "e se o meu coração segue os meus olhos, e se às minhas mãos se apegou qualquer mancha, então semeie eu e outro coma, e sejam arrancados os renovos do meu campo. Se o meu coração se deixou seduzir por causa de mulher, se andei à espreita à porta do meu próximo, então moa minha mulher para outro, e outros se encurvem sobre ela" (Jó 31:5-10).

Ser sexualmente correto perante Deus é ser precisamente como Jó. É ser aquela pessoa que tem uma estratégia firme e detalhada de não envolver o corpo, as percepções, os pensamentos e os desejos em devaneios, licenciosidade e excitação sexual. É ser alguém cujos pés, olhos, mãos, coração e todo o resto simplesmente caminhe na boa política que adotou por saber que é boa e justa.

Adulterio "no coração"

Portanto, nesse campo Jesus não está exatamente dizendo coisas inauditas aos homens. Todos, salvo os comprometidos com a auto-justificação, compreenderão claramente o que ele está falando e reconhecerão que o ato mencionado não é digno. Ele diz simplesmente que aquele que "olhar para uma mulher *com intenção impura*" - usando a sua presença visual como meio de saborear o ato fantasiado — "no coração já adulterou com ela" (Mt 5:28).

Em outras palavras, estão presentes nesse caso todos os elementos de um verdadeiro ato de adultério, fora os movimentos físicos do corpo. Os elementos do coração estão todos ali. Geralmente a única coisa que falta para o ato em si é a ocasião. Quando o coração está pronto, o ato ocorre assim que surge a oportunidade. Assim como o ladrão é aquele que rouba em circunstâncias propícias, também o adúltero é aquele que faz sexo ilícito em circunstâncias propícias. Geralmente só o fará se tiver a certeza de que não será descoberto. Isso é o que Jesus chama de "adultério no coração". Nele, a pessoa não se importa com o outro, mas apenas o usa. A atitude é errada mesmo que não haja relações sexuais.

Quando a pessoa se deixa dominar pelas fantasias visuais libidinosas, essas, como a ira e o desprezo, revelam a sua presença. É algo detectável na

"linguagem corporal" e nas expressões. Conseqüentemente, tal atitude exerce efeitos profundos sobre todos os envolvidos, ainda que nada seja "extravasado". Na verdade, sendo como é uma atitude do eu social personificado, é *sempre* extravasada em alguma medida, e simplesmente não pode se manter como realidade privada. O "olhar" é um ato público que, onde ocorre, traz conseqüências públicas que reestruturam todo o arcabouço de relações pessoais.¹⁵

A pessoa dominada pela fantasia, e também as que a cercam, é profundamente afetada pela luxúria. E isso quase sempre gera alguma ação imprópria, inclusive a conduta hoje classificada como assédio sexual. De fato, a fantasia é em si mesma uma forma de assédio, a menos que solicitada. O indivíduo dominado por essa idéia e todos os que o cercam precisam "lidar com ela", muitas vezes envolvendo contínuo planejamento e controle. O assédio sexual como o conhecemos simplesmente desapareceria sob a ética sexual de Jesus.

Também seria eliminado o tratamento injusto daqueles que não atraem olhares libidinosos. Eles não têm a "vantagem sexual" que, muitas vezes de modo bem sutil, facilita o caminho da vida para os outros: atenção favorável, uma aplicação mais "compassiva" de parâmetros de desempenho, promoções e recompensas financeiras. E logicamente eles em geral nada *dizem* sobre isso, pois seria uma humilhante confissão da sua "falta de atrativos". É em silêncio que sofrem.

Mas o adultério efetivo é pior

Conseqüentemente, ninguém que cultive e se entregue a esse tipo de desejo arrebatador pode viver em harmonia com o Reino no Meio de Nós. Todavia, é importante que não se venha a cometer realmente adultério. O adultério consumado requer o "adultério no coração" e muito

mais. Jesus jamais sugere que o adultério consumado é aceitável desde que realizado "da maneira correta", nem que se você já se entregou ao adultério no coração pode muito bem ir até o fim. Ele sabia o efeito terrivelmente destruidor do adultério para a vida. O moralista clássico Aristóteles, que viveu quatro séculos antes de Jesus, também defendia que o adultério era simplesmente errado. Não existe isso, diz ele, de "cometer adultério com a mulher certa, na hora certa e da maneira certa, pois é... simplesmente algo errado".¹⁶ E até meados do século XX, geralmente se supôs ser essa a opinião correta.

Hoje, claro, essa opinião está quase totalmente modificada. Seria difícil encontrar atualmente algum estudioso da ética que considerasse o adultério simplesmente errado. Na realidade, quase tudo no campo das relações sexuais é agora considerado correto, contanto que as duas partes consentam. Hoje se explica que nem sequer se comete adultério caso não haja a concepção. Afinal a "verdadeira" proibição, dizem alguns, não era contra as relações sexuais pura e simplesmente, mas contra se tornar pai do filho da esposa de outro homem (ou contra ser mãe do filho do marido de outra mulher), "adulterando" assim a descendência paterna da família.

O mais comum hoje é julgar correto o sexo com qualquer um que se ame no sentido do envolvimento "romântico". E por outro lado, o sexo sem sentimentos românticos é considerado errado mesmo que os parceiros sexuais sejam casados. Muitas vezes o "amor romântico" em questão se revela nada mais do que precisamente o fantasiamento da luxúria que Jesus chamou de "adultério no coração". A pessoa não é presa do amor mas da luxúria, que se glorifica como algo mais profundo a fim de conseguir o que quer.

Hoje é quase inconcebível que a correção ou o erro da relação sexual não tenha absolutamente nada a ver com aquilo que se faz passar por amor romântico. Contudo, esta é em geral a opinião bíblica: a correção do sexo está ligada a uma aliança solene e pública, para toda a vida, entre duas pessoas, e a excitação e o prazer sexual vêm como resposta à dádiva de uma intimidade exclusiva, fiel e duradoura entre dois cônjuges que se entregaram um ao outro de corpo e alma.

Intimidade é a fusão mútua de almas que se interpenetram com profundidade crescente. O verdadeiramente erótico é a fusão das almas. Como somos seres livres, a intimidade não pode ser passiva nem forçada. E como somos extremamente finitos, deve ser exclusiva. Essa é a realidade metafísica e espiritual que subjaz à amarga violação da personalidade vivida pelo parceiro traído. Também expõe o estado lesado e raso daquele que trai.

A interpretação profundamente equivocada do erótico que prevalece hoje representa na realidade a incapacidade do homem na sua atual versão ocidental de se dar aos outros e recebê-los com duradoura fidelidade.¹⁷ A relação pessoal se esvaziou ao ponto de tornar impossível a intimidade. É então com muita naturalidade que dizemos "Por que não?" diante do adultério. Se nada há a violar, por que se preocupar com a violação?

Uma das coisas mais reveladoras a respeito do homem contemporâneo é o fato de ele não conseguir achar uma razão para não cometer adultério. Porém a intimidade é um apetite espiritual da alma humana, e dele não podemos fugir. Isso sempre foi verdade e é verdade hoje. Nos dias de hoje vivemos martelando o botão do sexo na esperança de que goteje finalmente um pouco de intimidade. Em vão. Pois a intimidade só vem acompanhada da fidelidade individualizada no reino de Deus. Essa fidelidade é violada pelo "adultério no coração" e também pelo adultério consumado de fato.

Ira e desprezo no sexo

Logicamente, essa intimidade fundada na aliança a que nos referimos acima é expressão da mesma essência do amor que Jesus menciona na análise da ira, do desprezo e sentimentos associados. E vemos a organizada seqüência do seu Sermão em ação aqui. O prazer sexual que acompanha naturalmente a singular intimidade da aliança do matrimônio é totalmente destruído pela ira e pelo desprezo. Quantos casamentos não são fatalmente minados por causa do desprezo que um nutre pelo outro? É às vezes desprezo pelo corpo, às vezes pela mente, pelos talentos, pela família ou por algo que fez o parceiro. O desprezo sempre provoca ira, que por sua vez provoca mais ira, e assim indefinidamente. É uma história bem conhecida. Essas

feridas raramente cicatrizam, porém se inflamam e crescem. Mais "sexo" nessas condições contaminadas pelo desprezo geralmente só faz aprofundá-las.

A ira e o desprezo entre cônjuges impossibilita o prazer sexual, e quando uma necessidade tão importante como essa não é atendida, as pessoas quase invariavelmente são arrastadas à esfera da fantasia. O parceiro insatisfeito projeta fantasias que as pessoas ou não realizam ou são forçadas, de uma maneira ou de outra, a viver. Isso provoca cada vez mais frustração, gerando mais ira e mais desprezo.

Sentimentos hostis podem até se tornar essenciais ao estímulo sexual. Então o estímulo sexual e a satisfação se tornam impossíveis sem artifícios. "Perversões" e degradação (humilhação, servidão, etc.) se tornam necessárias para a excitação sexual. Finalmente, o ciclo da ira e do desprezo volta a entrar em ação, dessa vez dirigido contra aqueles que não aprovam as necessidades e as condutas sexuais anormais, ou contra a própria pessoa que as pratica.

A desabrida sexualidade das revistas que vemos nas caixas dos supermercados, da publicidade, dos livros de ficção e praticamente de todos os filmes e programas de televisão é sempre um exercício de fantasia sexual, e desemboca na vereda, descrita acima, da frustração, da ira e do desprezo. Na análise da trajetória da vida, é importante jamais esquecer que muitas coisas que não podemos chamar erradas ou más não são, porém, boas para nós.

Quanto à pornografia em si, é fácil perceber, para quem ainda tem olhos e massa cinzenta, que ela sempre implica algum elemento de desprezo ou até repulsa. As pessoas mostradas em produtos pornográficos estão *obviamente* sendo usadas, e, portanto, são até consideradas pelo consumidor como "merecedoras" da repulsa e mesmo da dor. Nem se cogita uma relação humana digna com elas.

A idéia da pornografia como algo natural, imposta com tanta veemência pelas publicações nos últimos tempos, é simplesmente um absurdo. A pornografia habita a imaginação hostil e degradada ao lado do "adultério no coração". O ensinamento de Jesus atinge aqui as profundezas da alma e do corpo humano, e nos faz cientes no nosso íntimo de possíveis ou reais aspectos tenebrosos dos quais devemos simplesmente nos manter afastados, como Jó.

Mas meramente pensar ou desejar não é errado

Por outro lado, precisamos ter o cuidado de perceber que o desejo sexual não é errado como resposta natural e impremeditada, assim como a ira ou a dor. Tem uma função essencial na vida e, desde que desempenhe *essa* função, é uma coisa boa e correta.

Além disso, quando apenas *pensamos* em sexo com alguém que vemos, ou simplesmente o achamos atraente, isso não é errado, e certamente não é o que Jesus chama de "adultério no coração". Meramente ser *tentado* sexualmente implica que pensemos em sexo com alguém com quem não estejamos casados, e que desejemos essa pessoa - geralmente, é claro, alguém que vejamos. Mas tentação também não é errado, embora não devamos ceder a ela deliberadamente. O próprio Jesus a sentiu, a vivenciou e a compreendeu.

Portanto, as traduções de Mt 5:28 que dizem "Qualquer um que olhar para uma mulher e a desejar" ou "Qualquer um que olhar para uma mulher com desejo" estão terrivelmente equivocadas. São muito prejudiciais, especialmente aos jovens. Pois alteram totalmente o significado do texto e apresentam o "adultério no coração" como algo que não se pode evitar, como algo que simplesmente acontece às pessoas sem a convicção da sua vontade.

O fato de que nessa leitura ser tentado é pecar já deve bastar, por si só, para mostrar que essas traduções estão erradas. Nenhuma tradução bíblica pode estar correta se contradiz princípios básicos da doutrina bíblica geral.

A terminologia de 5:28 é bem clara se prestarmos bem atenção, e muitas traduções a vertem de modo correto. Usam-se ali a preposição grega *pros* e o caso dativo. A frase se refere ao ato de olhar para uma mulher *com a intenção* de desejá-la. Ou seja, desejamos desejar. Entregamo-nos ao desejo, cultivamos o desejo porque gostamos de fantasiar sobre o sexo com a pessoa que olhamos. Desejar o sexo é a intenção com que estamos olhando.

Outra passagem do Novo Testamento fala, em linguagem pitoresca, daqueles que têm "olhos cheios de adultério" (2Pe 2:14). São pessoas que, quando vêem uma pessoa sexualmente atraente, não vêem a pessoa propriamente, mas sim eles mesmos envolvidos sexualmente com

ela. Vêm o adultério acontecendo na sua imaginação. Tais pensamentos podem e devem ser evitados. É uma alternativa que temos.

Para muitas pessoas, infelizmente, isso já se tornou um hábito. Mas ainda assim não é algo que meramente lhes **acontece**. Não são vítimas passivas sem opção de escolha na questão. Não é como a lei da gravidade. O desejo é desejado, abraçado, saboreado, elaborado, fantasiado. É o deliberado cultivo e estímulo do desejo que Jesus aponta como manifestação de uma atitude sexualmente imprópria da alma. Ninguém é obrigado a fazer ou ser isso, a menos talvez que já esteja num estágio avançado de distúrbio compulsivo ou possessão. Nesse caso, logicamente, a pessoa precisa não só de orientação e conselho, mas de um auxílio mais profundo.

Não basta evitar o adultério no coração

Mas será então que podemos fazer do ensinamento de Jesus sobre o adultério no coração uma **lei** sobre o que é a justiça no campo sexual? Teríamos com certeza um coração justo nesse campo se não cometêssemos adultério e também não nos entregássemos à arrebatadora luxúria visual?

De modo nenhum. Agir assim seria, outra vez, tomar o exemplo que Jesus deu de um ilícito sexual e transformá-lo numa lei de justiça. E isso nos faria compreender de modo totalmente equivocado o seu ensinamento, que é sobre o estado do nosso eu mais íntimo, do nosso "coração".

O caso da luxúria obsessiva ilustra um erro do eu interior que ainda pode estar lá dentro, mesmo quando não se comete nenhum ato exterior de adultério. Sim, mas o erro sexual ainda pode estar presente, mesmo quando não se olha para as pessoas a fim de imaginar sexo com elas. Evitar apenas isso não é garantia de estar sexualmente são. E é um erro conceber uma lei que diga: "Não olhe com intenção libidinosa", supondo que cumpri-la é ser justo. Tudo depende de como se faz e do que se desenrola no coração.

Por exemplo, existem homens, grupos de homens até, que têm como meta não olhar libidinosamente para uma mulher. (Cometem assim o erro tipicamente farisaico de tentar controlar o ato em vez de modificar a origem.) E alcançam essa meta. Ficam anos sem olhar para uma mulher, nem mesmo para a sua mãe ou irmã. Não se permitem estar na companhia de uma mulher, nem mesmo ver uma mulher em nenhuma circunstância. Não se permitem estar num lugar de onde se aviste uma mulher.¹⁸

Alguém poderia dizer que isso certamente resolveria o problema de cumprir a nova *lei* de Jesus a respeito da retidão sexual. Se você simplesmente não vir mulher nenhuma, não poderá olhar para ela nem nutrir nenhum desejo por ela. Ou suponha que eu me discipline a odiar as mulheres para não desejá-las. Isso também já se fez. Nesse caso serei justo sexualmente? Será esse o caminho do Reino no Meio de Nós?

Nem sequer é preciso responder à pergunta para saber o quanto essa idéia está equivocada. Seria possível dizer que tal estratégia constitui uma relação de amor para com as mulheres, incluindo as do círculo familiar? Obviamente não. Historicamente, essa "solução" implica pensar que o problema é a mulher, ou até que ela é inerentemente má. Embora sem dúvida nenhuma haja ocasiões em que, homem ou mulher, só nos resta fugir da tentação, ou simplesmente evitar a possibilidade, isso deve ser considerado como expediente temporário. Não pode servir como solução permanente. Não pode mudar o que somos. Não serve como norma de vida para ninguém.

***Reductio ad absurdum* da justiça em termos de atos**

De fato, a tentativa de resolver o problema da correta conduta sexual por meio de uma lei ou de leis que rejam comportamentos específicos é exatamente o alvo de Jesus em Mt 5:29-30; "Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros e não seja todo o teu corpo lançado no inferno" (v. 29). Igualmente para a mão direita (v. 30).

Jesus está dizendo que se você pensa que as leis podem impedi-lo de errar, então, para ser coerente, você deveria decepar a própria mão ou arrancar o próprio olho para que não pudesse mais cometer os atos que a lei proíbe.

Ora, na verdade, se você se cegar, não poderá olhar para uma mulher com a intenção de desejá-la, pois não poderá sequer enxergá-la. E se você se mutilar, não será mais capaz de fazer nenhum ato ilícito. Essa é a lógica por meio da qual Jesus reduz a justiça dos escribas e fariseus ao absurdo.

Na visão deles, era possível cumprir a lei, alcançando assim a bondade, se você evitasse o pecado. Você é justo se não faz nada de errado. Você poderia evitar o pecado simplesmente eliminando as partes do corpo que possibilitam os atos pecaminosos. Depois subiria ao céu mutilado.

É claro que ser aceito por Deus é tão importante que, se decepar partes do corpo garantisse a aceitação, seria sábio fazê-lo. Jesus parece ter dito exatamente o mesmo noutras ocasiões (Mt 18:8-9; Mc 9:43). Mas longe de sugerir que se possa desse modo alcançar qualquer vantagem junto a Deus, o ensinamento de Jesus nessa passagem é exatamente o oposto. O corpo mutilado poderia ainda abrigar um coração iníquo. A pergunta mais crucial sempre é quem você é, e não o que você fez ou pode fazer. O que você *faria* se pudesse?¹⁹ Eliminar partes do corpo não muda isso.

Mesmo se você mutilasse o próprio corpo a ponto de jamais poder matar ou sequer olhar com ódio para outrem, jamais cometer adultério ou sequer olhar com luxúria, o seu *coração* ainda poderia estar cheio de ira, desprezo e desejo obsessivo pelo que é errado, por mais totalmente sufocados ou abafados que estejam esses sentimentos. "De dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura; ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem" (Mc 7:21-23).

A bondade da essência do reino, por outro lado, é o positivo amor de Deus e daqueles que povoam esse reino, expulsando as muitas formas de iniquidade. Dessa bondade provêm atos de respeito e pureza que caracterizam a sexualidade concebida por Deus.

Além da papelada do divórcio

Agora tratemos de acertos que não tinham o status de lei no sentido mais pleno da palavra, mas que assim mesmo são noções caras à "antiga" justiça que é substituída pela presença do reino. E o primeiro desses acertos diz respeito ao divórcio.

Uma das coisas mais importantes na mentalidade machista dos tempos de Jesus, e talvez de todas as épocas, era poder se livrar de uma mulher que não agradasse mais. E nesse ponto o homem realmente tinha muitos direitos, enquanto do ponto de vista feminino o divórcio era simplesmente brutal e, na prática, não era uma opção para ela. Quando Jesus ensinou que o divórcio então praticado não era aceitável, os seus discípulos mais próximos reagiram assim: "Se essa é a condição do homem relativamente à sua mulher, não convém casar" (Mt 19:10).

O homem era geralmente tido como justo ou bom na questão do divórcio se, ao mandar embora a sua mulher, lhe desse uma declaração por escrito de que estava divorciada. Ela, então, pelo menos tinha um documento que provava a sua condição de divorciada. Isso lhe possibilitava se defender contra a acusação de adultério caso fosse surpreendida com outro homem, pois tal acusação poderia resultar na sua morte. Também lhe tornava possível buscar casar-se com outro, ou, se nada desse certo, ganhar a vida como prostituta.

Certamente havia uma persistente controvérsia entre os intérpretes da lei quanto a se o homem era livre para se divorciar da esposa "por qualquer motivo" (Mt 19:3) ou se só podia fazê-lo em caso de adultério. Os fariseus arrastaram Jesus para dentro dessa polêmica, e ele claramente se declarou partidário da posição altamente restritiva da escola de Shammai, que só admitia o divórcio por motivos "morais". A escola de Hillel, por outro lado, o admitia "por qualquer motivo". Por exemplo, se a mulher queimasse a comida ou meramente a salgasse demais. O rabi Akibah chegava a permitir o divórcio se o marido simplesmente visse uma mulher cuja aparência lhe agradasse mais e o fizesse desejá-la por esposa em lugar da esposa que tinha.²⁰

Na prática, entretanto, a mulher sabia muito bem que seu marido *poderia* se divorciar dela por qualquer motivo que alegasse. A lei então vigente era totalmente favorável ao menor capricho do marido, ainda que os códigos mosaicos, encontrados principalmente em Deuteronômio 22—24, sejam obviamente muito mais restritivos e exijam algum tipo de impropriedade sexual por parte da mulher. Também especificam condições em que o homem perde totalmente o direito de se divorciar de uma mulher.

Quando Jesus aborda a questão da retidão das pessoas com respeito ao divórcio, ele não o proíbe totalmente, mas deixa bem claro que essa solução jamais foi o intento de Deus para o homem e a mulher unidos por matrimônio. O intento do casamento é a união entre duas pessoas, união ainda mais profunda do que a que existe entre pais e filhos ou em qualquer outra relação humana. Os dois devem se tornar "uma só carne", uma unidade natural, edificando uma única vida; e essa unidade, portanto, não poderia jamais perder ou substituir um dos membros e ainda assim permanecer sã (Mt 19:5; Gn 2:24).

O princípio da dureza de coração

Porém, ele não diz que o divórcio nunca é aceitável. De fato, ele aceita a exceção mosaica das "relações sexuais ilícitas", que podiam abarcar uma série de coisas, mas se referiam principalmente ao adultério (Mt 5:32; 19:8-9). A sua interpretação dos fundamentos da exceção mosaica não é, porém, simplesmente que o adultério e ilícitos semelhantes sejam intrinsecamente tão horríveis que o casamento não possa sobreviver a eles. Isso, claro, de fato não é verdade. Muitos casamentos sobreviveram a isso. Por compreender equivocadamente essa questão, há gente que mesmo hoje pensa que em caso de adultério o divórcio é *obrigatório* segundo a doutrina bíblica. Mas não é.

Antes, é a dureza do coração humano que Jesus cita como fundamento da permissão do divórcio em caso de adultério. Em outras palavras, o fundamento primordial do divórcio é a mesquinhez humana. Não fora isso, nem mesmo o adultério legitimaria o divórcio. Sem dúvida nenhuma o pensamento que mais lhe perturbava a mente era que a mulher poderia muito bem acabar morta, ou ser tratada com brutal violência, se o homem não pudesse "despachá-la". Ainda hoje é assim, claro. Tal é a "dureza do nosso coração". Melhor, então, que ocorra o divórcio do que a vida se torne intolerável. Jesus nada faz para escamotear esse princípio.

Mas, embora não esteja desautorizando totalmente o divórcio, ele faz comentários bastante incisivos sobre o que o divórcio faz às pessoas. Em primeiro lugar, ele insiste, como já observamos, em que o divórcio jamais foi a intenção de Deus para o homem e a mulher unidos por matrimônio. O divórcio rompe uma unidade natural de forma tal que prejudica os seus membros por toda a vida, por mais que seja *pior* continuar juntos. O matrimônio implica que eles "já não são dois, mas uma só carne" (Mc 10:8). É uma disposição que Deus estabeleceu, e nenhum ato humano pode mudá-la.

Talvez uma das coisas mais difíceis de a mente contemporânea aceitar é que a vida flui em ciclos naturais que não podem ser perturbados sem danos indelévels às pessoas envolvidas. Uma criança que não receba nutrição adequada nos primeiros anos, por exemplo, sofrerá os efeitos negativos pelo resto da vida. A deficiência não poderá ser compensada mais tarde. E muitos pesquisadores acreditam que o recém-nascido incapaz de estabelecer um vínculo com a mãe nas primeiras semanas sofrerá irreparável dano psicológico.²¹

Os exemplos representam uma vasta gama de ciclos naturais encontrados na vida humana. Sabemos hoje até que a estrutura física do cérebro não se desenvolve em certas regiões importantíssimas caso não o faça dentro de um período determinado da vida do indivíduo. Na ordem da natureza algumas coisas simplesmente jamais podem ser recuperadas caso perdidas.

O divórcio também viola fortemente um dos principais ciclos naturais da existência humana. E as pessoas envolvidas jamais serão as mesmas — quer o divórcio tenha sido ou não, ponderando todos os fatores, justificável. É por isso que ninguém considera o divórcio uma boa opção em si mesma, uma "grande experiência" talvez. Mas logicamente um casamento em que reine a violência também não é uma coisa boa, e cumpre rejeitar a idéia de classificar o divórcio como uma forma especial e irredimível de iniquidade. Pois não o é. Às vezes, pesando os prós e os contras, é a decisão certa a tomar.

Em segundo lugar — e este é o principal ponto do ensinamento de Mt 5:31 -32 —, o simples fato de um homem (ou uma mulher) ter dado à esposa (ou ao marido) o "bilhete azul" e ter "feito tudo dentro da lei" não significa que ele ou ela agiu certo ou que foi uma pessoa digna dentro do relacionamento. É isso que Jesus está negando aqui, pois é justamente o que afirmava a antiga *dikaioisune* vigente para os homens da época.

"Adulterio" forçado

Em terceiro lugar, ele expõe claramente as razões que o levam a rejeitar a antiga visão de justiça no divórcio, dizendo que todo aquele que despede a sua esposa senão por "relações sexuais ilícitas" a *força* ao adultério, e todo aquele que toma por esposa uma mulher repudiada comete adultério (Mt 5:32; 19:9).²² Isso não implica a proibição do divórcio, mas deixa claro quais são as suas conseqüências. O que, então, significam exatamente essas declarações?

Na sociedade judaica do tempo de Jesus, como na maior parte das épocas e dos lugares ao longo da história humana, as conseqüências do divórcio eram devastadoras para a mulher. Exceto em algumas circunstâncias extremamente improváveis, a sua vida era simplesmente arruinada. O homem, por outro lado, nada sofria, exceto às vezes uma pequena perda financeira, e quem sabe o azedamento das relações com a família da ex-mulher.

Para a mulher, porém, havia somente três possibilidades mais realistas no tempo de Jesus. Ela podia encontrar abrigo na casa de um parente generoso, mas geralmente era aceita com relutância e com status pouco superior ao de um servo. Talvez encontrasse um homem que aceitasse casar com ela, mas sempre como "artigo depreciado" e num relacionamento degradado. Ou ainda podia se encaixar na comunidade como prostituta. A sociedade da época, diferentemente da nossa, simplesmente não dava o menor apoio à mulher divorciada, tampouco lhe dava a opção de sustentar-se de maneira decente.

Essas circunstâncias explicam por que Jesus diz que quem se divorcia de uma mulher a faz cometer adultério e que casar com uma mulher divorciada é cometer adultério (Mt 5:32; 19:9). Não casar de novo era uma perspectiva terrível para a mulher. Significava, em quase todos os casos, envelhecer sem filhos e sem posição social, um perpétuo fracasso como ser humano. Mas casar era viver um relacionamento sexual degradado pelo resto da vida, e muito poucos maridos a fariam esquecer isso. Como na expressão "adultério no coração", Jesus fala de expor a mulher ao "adultério" para ressaltar a condição sexual degradada que era então, se não hoje também, seguramente a conseqüência do divórcio.

Então é melhor não casar?

Como já mencionamos acima, quando os seus aprendizes ouviram o que disse Jesus sobre o divórcio, imediatamente concluíram que era melhor não casar do que não poder se livrar facilmente de uma mulher (Mt 19:10). Mas Jesus, como mais tarde Paulo (ICo 7:9), salienta que não casar também pode colocar a pessoa numa situação insustentável. Portanto, essa é uma alternativa somente para pessoas aptas para tal (vv. 11-12). Acima de tudo, ele sabia que os recursos do reino dos céus bastam para resolver as dificuldades entre marido e mulher e para tornar a sua união fértil e boa perante Deus e os homens - contanto, claro, que ambos estejam preparados para buscar e encontrar esses recursos.

E é preciso lembrar aqui, logicamente, tudo aquilo que já dissemos sobre a seqüência do Sermão do Monte. Não é por mero acaso que Jesus trata do divórcio *depois* de falar da ira, do desprezo e do desejo obsessivo. Basta pensar em quantos divórcios de fato ocorreriam, e em quantos casos a questão do divórcio nem sequer surgiria, se fossem eliminados a ira, o desprezo e as fantasias do desejo obsessivo. A resposta é: pouquíssimos se tanto.

Em particular, o tratamento brutal que as mulheres recebiam no divórcio na época de Jesus - e a que hoje também estão sujeitos os homens — simplesmente não aconteceria. Corações empedernidos tornam necessário o divórcio para evitar um mal maior, e assim o fazem admissível. Mas os corações do reino não são endurecidos, e juntos podem encontrar maneiras de tolerar um ao outro, falando a verdade no amor e se propondo a mudar — muitas vezes em tempos de grande sofrimento e angústia — até que a terna intimidade de um amor mútuo e

fundado na aliança encontre um modo de duas vidas permanecerem uma só, cada vez mais unidas e belas.

Será, então, que para Jesus há algum caso justificável de divórcio? Creio que a resposta é claramente afirmativa. O princípio da dureza dos corações o admite, embora a sua aplicação exija extremo cuidado. Talvez o divórcio deva ser encarado quase como a prática da triagem no tratamento médico. É preciso decidir quem é que, nas circunstâncias dadas, não pode ser ajudado. Esses são abandonados à morte para que aqueles que podem ser tratados sobrevivam. Estratégia semelhante se aplica a alguns casamentos. Mas, como no caso de ir à justiça, examinado lá atrás, *nunca é certo divorciar-se da maneira como os divórcios se faziam então e como geralmente se fazem hoje*. E hoje tanto faz se você é homem ou mulher.

O divórcio, se realizado da forma correra, seria feito como um ato de amor. Seria determinado pelo amor e realizado sinceramente pelo bem das pessoas envolvidas. Esse tipo de divórcio, embora raro, continua no entanto possível e pode ser necessário. Se for verdadeiramente realizado com esse fundamento, será correto apesar da amargura e da perda que sem dúvida nenhuma implica.

Essa posição representa, com certeza, uma mudança de opinião minha. Recordo-me, com embaraço, de um episódio ocorrido no início dos anos 60, numa aula na Universidade de Wisconsin. O professor ainda não chegara para a aula de lógica formal, e um dos alunos estava falando sobre o processo do seu divórcio. Sem que me pedissem opinião, arrisquei-me a dizer: "O divórcio é sempre um erro".

Refletindo agora sobre o episódio, o mais estranho de tudo foi que ninguém contestou o que eu disse, tampouco o fato de eu ter me intrometido sem motivo. Todos *pareceram* aceitar a idéia. Logicamente que isso ocorreu em função de as minhas palavras representarem um pressuposto da sociedade da época. Mas na verdade eu era totalmente ignorante das coisas que os homens e as mulheres fazem uns aos outros.

Mais tarde me deparei com a situação de uma mulher devota cujo marido havia se casado com ela para encobrir a sua homossexualidade. Ele consumou o casamento, de modo que não poderia mais ser anulado, e depois disso se afastou completamente dela. Deixaram de ter qualquer relacionamento pessoal. Ele levava os seus namorados para casa e, na presença da esposa, fazia sexo na sala ou onde bem desejasse, quando bem lhe conviesse. Os orientadores religiosos da esposa continuaram lhe dizendo que permanecesse "casada", embora morresse dia a dia, ano após ano.

Eu não passava de um jovem ignorante cheio de idéias hipócritas. Esses e outros episódios de descoberta me instruíram na dureza do coração humano. Mas Jesus, é claro, sempre soube disso.

PALAVRAS TRANSPARENTES E AMOR INSACIÁVEL

Um sim que é simplesmente sim

O quarto tópico em que Jesus contrasta a antiga justiça com a justiça do reino diz respeito à prática de fazer votos *ou jurar por digo* de importância, especialmente pelo próprio Deus, a fim de dar peso a uma declaração. Numa sociedade como a nossa, na qual o sagrado não é real — não *realmente* real —, os votos podem apenas ter o efeito de uma formalidade legal que possibilita o crime do perjúrio, de mentir "sob juramento". Mas, num mundo em que as pessoas realmente crêem, "o juramento, servindo de garantia, para eles, é o fim de toda contenda" (Hb 6:16).

Assim, ainda hoje você ouve as pessoas dizerem, por exemplo: "Juro por tudo o que há de mais sagrado". Dizemos: "Juro por Deus". Juramos "sobre uma pilha de Bíblias" e por aí afora. Invocamos Deus para imprecicar. Bradamos: "Jeeesus Criiisto!" Por que fazemos isso? Obviamente, pelo hábito. Mas de onde veio esse hábito? De algo bem profundo, sem dúvida.

Nessa questão de invocar a Deus ou outras coisas associadas a ele, a antiga justiça determinava que você poderia citar coisas elevadas e santas tanto quanto quisesse, desde que não "em vão" ou insensatamente (Êx 20:7), é claro. Você precisava ter o cuidado de cumprir tudo o que jurasse "perante Deus" que faria. "Cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos" (Mt 5:33).

Mas Jesus penetra o âmago do porquê de as pessoas proferirem votos. Ele sabia que as pessoas o fazem para impressionar os outros com a sua sinceridade e confiabilidade, garantindo assim a aceitação do que estão dizendo e conquistando o que pretendem. É uma estratégia que as pessoas usam para conseguir o que querem. Fazem uma promessa, declaram algum propósito, afirmam alguma informação ou conhecimento que lhes seja caro. Querem que os outros aceitem o que elas dizem e façam o que elas desejam. Por isso dizem: "Por Deus!" ou "Deus é testemunha!" para dar peso às suas palavras e à sua presença. Não passa de um artifício de manipulação, concebido para sobrepujar o juízo e a vontade daqueles com quem estão lidando, para tirá-los do caminho, em vez de respeitá-los e deixar que por si mesmos tomem a sua decisão e atitude.

O problema de "jurar" ou fazer votos - prática que tinha um papel muitíssimo importante no mundo de Jesus - não é apenas o tomar o nome de Deus em vão, ou usá-lo levemente, sem amor nem respeito por ele. Geralmente é o que acontece, sem dúvida, mas nem sempre. O mal disso, para Jesus, é tratar-se de uma forma inerentemente errada de lidar com os outros seres humanos.

Portanto, Jesus diz simplesmente: "De modo algum jureis: Nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por ser estrado de seus pés;

nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei; nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto" (5:34-36).

O irmão menor Tiago repisa esse ponto, como faz com muitos outros tópicos do Sermão do Monte: "Acima de tudo, porém, meus irmãos, não jureis nem pelo céu, nem pela terra, nem por qualquer outro voto; antes seja o vosso sim, sim, e o vosso não, não, para não cairdes em juízo" (5:12).

A essência de jurar ou fazer votos é tentar fazer os outros acreditar em você para que você consiga o que quer, e isso lançando mão de algo que, embora impressione, é irrelevante para o assunto em questão. Isso é errado. É indigno de Deus. E só o fato de cumprir todas as promessas feitas a Deus na antiga justiça não faz disso um ato digno. É claro que você deve cumprir as promessas feitas a Deus em qualquer circunstância. Mas o erro do juramento é mais profundo. Usamos as pessoas, tentando ludibriar o seu entendimento e o seu juízo a fim de estimular a sua vontade e dominá-las para fins egoístas. O consentimento que elas nos derem será imponderado, pois embotamos o seu entendimento impedindo que compreendam o que está acontecendo.

Jurar é, então, uma versão daquilo que muitas vezes chamamos "rodeio". É coisa que comumente ouvimos de pessoas que estejam "vendendo" algo, seja figuradamente, como na vida política, ou literalmente. No sul da Califórnia há um vendedor de carros muito conhecido que fala sem parar na tevê sobre ele e seu "cão, Spot". "Spot" pode ser qualquer coisa, como um avestruz ou um hipopótamo, que esse homem esteja montando ou levando consigo diante das dúzias e dúzias de carros mais ou menos usados.

Por que ele faz isso? A fim de criar um clima que predisponha os possíveis clientes a comprar. (Talvez os clientes confiem mais nele se parecer engraçado ou não se mostrar tão esperto.) Certamente o objetivo não é demonstrar mais respeito pelos clientes nem atendê-los melhor. Se ele quisesse, poderia fazer isso de muitas outras formas, mas prefere fazer coisas que o ajudem a vender carros.

Muitas pessoas vivem muito bem nada fazendo além de falar, de modo atraente ou coercitivo, "sims" que não têm nada de sim e "nãos" que não têm nada de não. Em círculos sociais ou políticos, são aqueles encarregados de fazer que as pessoas enxerguem os acontecimentos do ponto de vista favorável a eles.

O erro inerente dessas atitudes leva Jesus a dizer simplesmente: "Não façam isso". Os juramentos, ou os "rodeios" em geral, não respeitam aqueles a quem são dirigidos. Como livres criaturas de Deus, as pessoas devem ter o direito de tomar as suas decisões sem coerção ou manipulação. Portanto, seja a sua afirmação uma afirmação, um sim, e a sua negação uma negação, um não. Qualquer coisa além disso "vem do maligno" - a intenção maligna de conseguir o que quer pela manipulação verbal dos pensamentos e decisões dos outros.

A justiça do reino respeita a necessidade que as almas humanas têm de fazer os seus juízos e tomar as suas decisões exclusivamente com base naquilo que concluem ser o melhor. É uma

necessidade vital, biológica. Não prosperamos, nem o nosso caráter se desenvolve bem, se essa necessidade não é respeitada,²³ e isso contraria o propósito de Deus na nossa criação.

Como reagir à agressão

O quinto contraste das duas justiças diz respeito à retaliação pela agressão sofrida. As agressões em questão são claramente atos de violência contra a pessoa, não males institucionais ou sociais. E como sabemos disso? O sentido fica claro pelas seções da antiga lei a que se refere o texto. Portanto, não passa de um erro de interpretação (que, aliás, muito mal causou à compreensão da doutrina de Jesus) a aplicação dessa passagem particular à guerra e a outros males sociais, como fizeram Tolstoi e outros.

A antiga justiça nesses casos dizia que os agressores deveriam ser penalizados, tanto quanto possível, **exatamente com a mesma agressão** que haviam perpetrado. Tratava-se de uma regra absolutamente geral para qualquer tipo de agressão, mesmo contra o mal pretendido e o dano à propriedade (Lv 24:17-21; Dr 19:14-21). A intenção da **lex talionis**, ou lei de talião, como veio a ser chamada, era alcançar a reciprocidade pela retaliação.

Cada agressão deveria ser compensada por agressão igual infligida ao agressor. Mas não se deveria fazer mais do que o agressor fizera. Esse era um ponto importante da antiga lei e um grande avanço para a civilização. Se alguém quebrasse o seu braço, você não poderia quebrar os dois braços como retaliação, nem mesmo um braço e um dedo. Deveria haver igualdade nos danos, e depois colocava-se ponto final nas agressões. Não é tarefa insignificante nem fácil, claro, como mostram os exemplos que vemos no mundo que nos cerca, nas nossas casas e locais de trabalho. E de fato raramente essa igualdade é alcançada. Obviamente faz-se necessária uma estratégia melhor.

Então, qual é, em caso de agressão pessoal, a justiça da essência do reino? Aqui novamente é preciso chamar a atenção para a questão da seqüência: *nós já* ouvimos e recebemos as palavras do reino, e já se abordou o problema da ira, do desprezo e do desejo obsessivo, de modo que a nossa vida não é mais regida por esses sentimentos. É natural que ainda nos tentem às vezes, mas já não nos controlam nem nos fazem incapazes de realizar, com confiabilidade e alegria, a nossa sensata intenção de fazer o bem e evitar o mal.

Sendo assim, o mundo não se transforma de repente numa agressão quando alguém nos agride. Temos uma visão mais larga da nossa vida e do nosso lugar no mundo de Deus. Contemplamos a Deus; enxergamo-nos nas mãos de Deus. E vemos o nosso agressor não só como alguém que nos enganou ou feriu. Reconhecemos a sua humanidade, as suas deploráveis limitações (de que também partilhamos), e também o vemos nas mãos de Deus. Essa visão, e a graça que a acompanha, nos permite orar: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". E de fato não sabem, como Jesus bem o sabia quando fez essa oração pelos seus assassinos.

Alguns casos de não-resistência

De que maneiras aqueles que estão plenamente vivos no e para o Reino no Meio de Nós reagiriam se forem afrontados, agredidos ou passados para trás? Jesus menciona quatro tipos diferentes de reações possíveis:

1. Eles viram ao agressor "também a outra [face]" (Mt 5:39). Ou seja, se mantêm vulneráveis. Negativamente, não tomarão eles mesmos providências para a sua defesa nem farão o que julgarem necessário para proteger-se. Estritamente quanto a si mesmos - e Jesus jamais sugere que devamos oferecer a face *de outra pessoa* nem tornar outra pessoa vulnerável —, eles se deixarão agredir pelos outros, preferindo ser feridos a ferir o pretenso agressor. Esse será o comportamento previsível e característico deles.
2. "Deixa-lhe também a capa" (5:40). Eles conscienciosamente tentarão ajudar, se for apropriado, aqueles que na justiça ganharam causas contra eles. Ou, dentro do espírito de amor, irão se encontrar com aquele que está prestes a acioná-los na justiça, e podem até lhe dar mais do que ele pense em pedir no tribunal. Eles, afinal,

se interessam sinceramente pelas necessidades do outro e estão prontos a ajudá-lo o quanto puderem.

3. "Vai com ele duas" (5:41). Se um guarda ou outra autoridade exercer o direito de pedir o auxílio deles, certamente farão mais do que estritamente se lhes solicita como gesto de boa vontade para com a autoridade e suas responsabilidades. Terão consideração por essa autoridade e agirão em benefício dela segundo lhes inspira o reino. Considerarão o problema da autoridade como algo importante para si mesmos.

4. "Dá a quem te pede" (5:42). Muitas vezes darão algo a pessoas as quais não têm a mínima obrigação de ajudar. O próprio pedido já os comove. E eles não fugirão, não ignorarão nem voltarão "as costas" àqueles que lhes pedirem emprestado. A passagem paralela do Evangelho de Lucas diz: "Se alguém levar o que é teu, não entres em demanda" (6:30).

Acho que são talvez essas quatro declarações, mais do que quaisquer outras do Sermão, que fazem as pessoas erguer as mãos em desespero ou mergulhar no poço do excruciante legalismo. Isso porque as situações mencionadas são familiares, e não conseguem imaginar outra coisa senão que Jesus está decretando *leis* a respeito do que *devem* fazer, independentemente de qual seja a questão.

Tudo muda quando nos damos conta de que o que vimos acima não passa de exemplos daquilo que determinado tipo de pessoa, a que vive no reino, geralmente fará em tais situações. Não são leis de "reta conduta" para aqueles que forem vítimas de trapaças ou agressões. Não são leis pela óbvia razão de não abranger os muitos casos possíveis. Além disso, se você interpretar esses exemplos como *leis*, imediatamente verá que poderíamos "cumprí-las" com intenções espúrias. Por exemplo, como de fato muitas vezes se diz: "Vou oferecer a outra face, mas depois corto-lhe o pescoço".

Será então que em certos casos as pessoas que vivem pela *dikaiosune* do reino *não* farão aquilo que dizem os exemplos do Evangelho? É bem provável, mas esses casos serão raros, desde que estejam em jogo apenas agressões individuais e não questões que abarquem um bem maior. Afinal, essa é uma conduta *característica* da pessoa dotada do coração do reino, conduta que exprime o que é essa pessoa no âmago do seu ser. Embora não estejamos falando de coisas que se devam fazer para "ser cristão" ou "ir para o céu depois da morte", estamos analisando como vivem as pessoas que são hoje banhadas pela vida de Deus. Enxergamos a justiça interior daqueles que vivem — naturalmente, não apenas em momentos excepcionais - além da justiça dos escribas e fariseus.

Invertendo os pressupostos

Já falamos da "grande inversão" entre a ordem humana e a ordem do reino. À luz dessa inversão de realidade, podemos agora compreender a correspondente inversão dos pressupostos que regem a ação humana. Dentro da ordem humana, o pressuposto é que você devolva dano por dano ("resistir ao perverso"), que faça somente o que as imposições legais exigem de você, e que beneficie somente aqueles que de algum modo lhe digam respeito (os da sua "família" ou aqueles que já lhe fizeram algum favor, etc).

Os pressupostos se invertem justamente quando nos colocamos dentro do reino. Ali o *pressuposto* é que eu pague o mal com o bem e só "resista" por uma razão realmente forte, que eu faça mais do que estritamente se exige de mim para ajudar os outros, e que eu dê às pessoas meramente porque me pediram algo de que precisam.

Se alguém me tirou algo valioso por via judicial, eu lhe darei algo mais (a minha capa) se ele precisar e se for apropriado fazê-lo. Continuarei a ajudá-lo de outras maneiras, dentro das minhas possibilidades.

Se uma autoridade do governo me faz carregar um fardo por uma milha para ajudá-lo no seu trabalho - coisa que qualquer soldado romano podia exigir de um judeu nos tempos de Jesus —, eu, mais uma vez conforme for "apropriado", vou auxiliá-lo nas suas outras necessidades. Quem sabe ele tenha uma milha a mais a andar, e eu esteja livre para ajudá-lo. Nesse caso, sem dúvida o ajudarei. Não direi - "Isso é tudo o que você pode me obrigar a fazer" -, lançando o fardo

aos seus pés. Também, sem que ele peça, não carregarei o fardo mais uma milha só para depois dizer: "Jesus me mandou fazer isso".

Se sei que as pessoas querem tomar emprestado algo de que necessitam, não evitarei essas pessoas nem driblarei os seus pedidos. Posso até, se for apropriado, dar algo àqueles que nem me digam respeito - ou seja, àqueles em relação a quem eu não tenha nenhuma obrigação, mas apenas o interesse pela sua necessidade e pelo seu pedido. É assim que Deus age, e ele nos convida a imitá-lo.

Logicamente em cada caso eu preciso verificar se a dádiva da minha vulnerabilidade, dos meus bens, do meu tempo e da minha força é realmente *apropriada*. Essa é a minha responsabilidade perante Deus. Como filho do Rei, eu sempre vivo na sua presença. Por outro lado, o caminho da lei contorna a responsabilidade da decisão individual. Empurra para Deus a responsabilidade e a possível culpa. Essa é uma das razões pelas quais as pessoas que *necessitam* da diretriz de uma lei para tudo o que fazem levam uma vida tão atormentada e empobrecida, avançando muito pouco na direção de um genuíno caráter piedoso mais profundo.

Se, por exemplo, eu sou um cirurgião cardíaco e estou a caminho de um transplante, não devo caminhar a segunda milha com ninguém. Devo dizer não e ir embora ao final da primeira milha, com uma apressada despedida e votos de felicidades. Tenho outras coisas que sei que preciso fazer, e devo tomar uma decisão. Não posso citar uma lei e assim me esquivar da responsabilidade de julgar.

Se devo dinheiro a um comerciante cujos produtos já consumi, não tenho o direito de dar esse dinheiro "a quem me pede" - a menos, frise-se, que haja fatores muito especiais em jogo.

Se oferecer a outra face significa morrer ou impor grande sofrimento aos outros, tenho de colocar tudo isso na balança. Está em jogo muito mais do que apenas o meu sofrimento e humilhação. Será que então devo "atirar primeiro"? Não necessariamente, mas não posso simplesmente invocar uma suposta "lei da vulnerabilidade obrigatória". Devo *decidir* perante Deus o que fazer, e talvez haja fundamento para certo grau de resistência.

Logicamente *jamais* haverá fundamento para a retaliação pessoal. E jamais, enquanto eu viver no reino, haverá espaço para revides. Como os primeiros cristãos, nós também não pagamos "mal por mal" (Rm 12:17; IPe 3:9). Isso está fora de questão contanto que vivamos a vida do reino. É isso que Jesus quer dizer ali.

Se alguém me tomar a túnica por via judicial, talvez eu ou outra pessoa tenha maior necessidade da minha capa do que ele. Caso contrário, eu a dou com generoso amor e graça. Ou, quem sabe, a necessidade do outro é tão grande que devo dar a minha capa, mesmo que eu venha a sofrer muito. Mas, e se o outro não precisar dela? Então não vou dá-la só "porque Jesus mandou", só porque preciso cumprir essa "lei".

Em cada situação concreta temos de nos perguntar: "Será que estou agindo como as pessoas que os exemplos de Jesus exemplificam?", e não: "Será que fiz as coisas que os exemplos de Jesus mandam fazer?"

Mudando a cena

O que acontece de fato quando alguém reage segundo a realidade do reino é que a dinâmica da relação interpessoal se transforma. O que faz a pessoa a quem se ofereceu a outra face? Ou que talvez tenha acabado de dar o tapa? Ela continua estapeando? Por quanto tempo? E depois? Devemos sempre estar atentos em busca de maneiras aceitáveis de sair das situações. No caso de violência de qualquer tipo, deve-se buscar o auxílio dos outros, especialmente das autoridades constituídas.

Os nossos algozes, sem dúvida nenhuma, contam que a nossa resistência e raiva vão alimentar a continuação do mal que há neles. Se reagimos como Jesus sugeriu, a força dos seus próprios atos os abala da sua postura e os obriga a questionar que tipo de gente são. É claro que são movidos pela raiva e coisas piores. Mas então, a face a eles oferecida já estapeada ou prestes a sê-lo, a justificação com que contavam para conservar a sua raiva e perversidade se foi. Como raiva se alimenta de raiva, a bondade paciente normalmente a amortece. Quer amorteça quer não, é fundamental o conveniente envolvimento da comunidade.

E nós, por nossa vez, seguindo a seqüência do ensinamento e do exemplo de Jesus, já lidamos com a nossa raiva, desprezo e desejo obsessivo, de modo que já estão fora de ação. A

nossa reação possibilita que o reino de Deus, com todos os seus recursos, inicie a sua obra. Nós "nos aventuramos no reino", como já dissemos, e de repente os nossos agressores, ou aqueles que tentam tirar vantagem de nós, percebem que não estão jogando o jogo que imaginavam, que não estão no controle da situação. O seu comportamento, na maioria dos casos, sofrerá uma mudança radical e sempre será profundamente afetado. É por isso que aquele que permanece com Jesus no seu reino nunca tem de se inquietar com a possibilidade de se tornar um capacho .

E se não mudar? E se eles se endurecerem ainda mais e continuarem a nos agredir? Bom, então devemos agir ou deixar de agir conforme nos pareça melhor. Aqui, como nas outras situações que Jesus usa para exibir a essência do reino, sabemos que há certos tipos de atitudes, com reações correspondentes, que não devemos assumir. Mas o que *devemos* fazer é algo que precisamos decidir por nós mesmos. E decidiremos, da melhor maneira possível, com base no amor por todos os envolvidos e cheios da disposição de sacrificar aquilo que simplesmente queremos. E em todas as situações temos os horizontes mais largos. Não somos passivos, mas agimos sempre com amor esclarecido e resolutivo.

Sabemos o que está realmente acontecendo, descortinando todo o panorama do ponto de vista da eternidade. E sabemos que o próprio Deus cuidará de nós, aconteça o que acontecer. Podemos ser vulneráveis porque somos, no fim das contas, simplesmente invulneráveis. E quando tivermos eliminado o poder da ira e do desejo sobre a nossa vida, saberemos que a reação de Cristo àqueles que nos agridem e de nós tiram vantagem é sempre o caminho mais fácil. É o único caminho que nos possibilita avançar serenamente em meio à agressão, para depois deixá-la para trás.

O que fazer com os inimigos

Poucos de nós passam pela vida sem colecionar um grupo de pessoas que não ficariam tristes ao saber que morremos. A esmagadora maioria das pessoas que viveram na terra se depararam com determinado tipo de gente — outras "tribos" — que ficaria feliz se pudesse matá-las. O noticiário cotidiano traz uma lista padrão de "inimigos", lista essa que mal arranha a superfície da realidade dos ódios contínuos que definem as pessoas como inimigas umas das outras neste mundo.

O último contraste ilustrativo entre a antiga justiça e a justiça da essência do reino aborda a nossa atitude em relação aos nossos inimigos: aqueles que nutrem por nós contínuo desprezo e ódio, que constantemente se deleitam imaginando a nossa dor e destruição. Aqui a antiga "justiça" era bem simples. Não passava na verdade de outra aplicação da *lex talionis*. Eles buscam nos destruir, e nós, portanto, também buscamos destruí-los. Como eles nos odeiam, também nós os odiamos. Nada mais que justo (Mt 5:43).

Jesus, por outro lado, nos exorta a amar os inimigos e a exprimir esse amor pelo mais sublime ato de amor, a oração. "Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos" (Mt 5:44-45).

Amar aqueles que nos amam e prodigalizar cuidados e honras aos que fazem parte do nosso grupo é algo que fazem os opressores perversos, os mafiosos e os terroristas. Como então *isso* serviria para distinguir a bondade daquele que nasceu na família de Deus ou a presença de um tipo diferente de vida e realidade? Mesmo aqueles que desconhecem completamente a Deus, os "gentios", também o fazem.

Mas, diz Jesus aos seus discípulos, como vocês vivem mergulhados em Deus como cidadãos do reino, exibam a integridade, a plena funcionalidade que ele exige. "Sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste" (5:48).

BONDADE É AMOR

Concluindo o retrato da essência do reino: o amor-caridade

Com esse contraste Jesus conclui a exposição da "bondade que excede", que anda lado a lado com a bem-aventurança da vida eterna. Ao concluir com o amor-caridade (*ágape*) que caracteriza o Pai, ele foi além dos atos e exemplos específicos da bondade do reino. O amor não

exemplifica, mas simplesmente é a bondade que excede a dos escribas e fariseus. Todos os exemplos que ele deu nas várias situações apresentadas em 5:20-48 são ilustrações desse amor-caridade.

Nele alcançamos a vívida união com o reino dos céus, nele entramos plenamente no reino. Buscamos e encontramos o reinado de Deus e o tipo de *dikaïosune* que o caracteriza (6:33). Nessa união descobrimos o amor como força vital que se exprime das muitas maneiras mencionadas por Paulo em 1 Coríntios 13. Mas essa bela passagem de Paulo é comumente compreendida de modo equivocado, exatamente do mesmo ângulo legalista pelo qual se interpreta o Sermão do Monte de Jesus.

O amor, diz-nos Paulo ali, é paciente, benigno, livre de ciúmes e arrogância, não é rude nem procura os seus interesses, não se exaspera facilmente, não guarda rancor, não se alegra com a injustiça mas com a verdade. Sempre protege, sempre aceita, sempre espera, tudo suporta. E jamais desiste (1 Co 13:4-8).

As pessoas geralmente lêem essa passagem, e são ensinadas a fazê-lo, como uma lei que impõe que *elas* sejam pacientes, benignas, livres de ciúmes e assim por diante — assim como crêem que o Sermão de Jesus ordena que não chamem os outros de tolos, não olhem para uma mulher com luxúria, não jurem, andem a segunda milha, etc.

Mas Paulo está claramente dizendo - observem as palavras dele - que é o amor que faz essas coisas, não nós, e que o que devemos fazer é "seguir o amor" (1Co 14:1). Quando "agarramos" o amor, descobrimos que afinal já estamos fazendo todas essas coisas. Essas coisas, essas atitudes e atos piedosos, são consequência de viver no amor. Nós nos tornamos então pessoas pacientes, benignas, livres de ciúmes, etc. A mensagem de Paulo é exatamente a mesma de Jesus. E não é de admirar que, como Paulo sempre foi o primeiro a admitir, ele tenha aprendido o que ensinava com Jesus (Gl 1:12).

Essas coisas são difíceis de fazer?

Será então difícil fazer as coisas com que Jesus ilustra a essência do amor do reino? Ou as coisas que, segundo Paulo, faz o amor? É de fato muito difícil se você ainda não se transformou essencialmente no âmago do seu ser, nas complexidades dos seus pensamentos, sentimentos, convicções e disposições, a ponto de estar totalmente impregnado de amor. Uma vez que isso aconteça, deixa de ser difícil. Então, na verdade, seria difícil agir como você agia antes.

Quando Jesus orou na cruz - "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" -, isso não foi difícil para ele. Difícil teria sido amaldiçoar os seus inimigos, vomitando vilania e maldade contra todos, contra Deus e o mundo, como fizeram os homens crucificados ao lado dele, pelo menos por certo tempo. Ele nos chama para si a fim de se doar a nós. Ele não nos convoca a fazer o que ele fez, mas a ser como ele foi, impregnado de amor. Então fazer o que ele fez e disse passa a ser a expressão natural de quem somos nele.

Bertrand Russell, famoso filósofo britânico do século XX, recebeu educação cristã, embora mais tarde tenha adotado o ateísmo. Ele conheceu bem a doutrina de Jesus, embora talvez não tenha penetrado o seu verdadeiro significado. Em determinado lugar, ele comenta: "O princípio cristão - 'Amai os vossos inimigos' - é bom... Nada há que dizer contra ele, exceto que para a maioria de nós é difícil demais praticá-lo sinceramente".²⁴

Se levarmos em conta a maneira como Russell interpretava esse ensinamento, temos de admitir que ele estava certo. Pois analisava a situação considerando como ele mesmo e os outros eram no íntimo. Nessa condição é que tentavam amar os seus inimigos quando surgia uma ocasião. É claro que fracassavam, pelo menos na maioria das vezes. Quanto ao caso específico de Russell, algumas pessoas que o conheceram bem sabiam que ele era um homem cheio de ódio, como o próprio filósofo reconhecia. Não é de admirar que achasse difícil amar.²⁵

A falácia de Russell é a falácia dos fariseus. A esta altura isso já deveria estar claro. Os fariseus tomam como meta apenas guardar a lei, e não tornar-se o tipo de pessoa cujas obras naturalmente se conformam à lei. Jesus conhecia o coração humano melhor do que Bertrand Russell. Por isso ele conclui a exposição sobre a bondade do reino contrastando a maneira como os homens geralmente amam - amar aqueles que também os amam — com o amor-caridade de Deus. Esse é um amor que alcança todo aquele com quem travamos relações. Não está ao alcance

deles mudar isso. É a própria essência do que somos ou podemos vir a ser na companhia de Jesus, não algo que façamos. Então as *obras* do amor, incluindo amar os inimigos, é aquilo que o amor-caridade faz em nós e aquilo que fazemos como as novas pessoas que nos tornamos.

O vácuo intelectual do corrente pensamento ético

No início deste capítulo afirmamos que se revelou fracassada a empresa, já de séculos, de conceber uma moralidade a partir do meramente humano. Agora pretendemos voltar a esse ponto à luz da exposição de Jesus sobre a justiça da essência do reino.

Qual é o fundamento dessa afirmação? Simplesmente este: que, como observamos no início do capítulo 1, não há na verdade nenhum conjunto de preceitos morais vigendo hoje nas instituições do saber na nossa sociedade. Esse é o resultado dessa nossa antiga empresa de desenvolver uma diretriz moral para a vida dentro do arcabouço do pensamento e da experiência humana apenas, sem o auxílio da revelação.

Por outro lado, a doutrina cristã sobre a bondade moral, que deriva dos princípios estabelecidos por Jesus, tem de fato direito de reclamar o status de verdadeiro conjunto de preceitos morais. Não dizemos isso para incentivar a aceitação cega, mas exatamente o contrário: o mais rigoroso exame dessa doutrina em todos os campos do pensamento e da vida prática.

Vimos no capítulo 1 o caso da moça que, antes de abandonar Harvard, procurou o professor Coles e lhe disse: "Eu venho fazendo todos esses cursos de filosofia nos quais conversamos sobre o que é verdadeiro, o que é importante, o que *é bom*. Ora, como se ensina as pessoas a *ser boas*?" Depois acrescentou: "Para que *saber* o que é bom se você não tenta *se tornar* uma boa pessoa?" Mas, como já salientamos, *saber* o que é bom não é algo que os cursos universitários se proponham seriamente fazer. Considera-se totalmente impossível alcançar qualquer "conhecimento" nesse campo.

Na maioria dos casos, de fato, o conhecer o bem e o ser bom são tratados com escancarado escárnio nos ambientes acadêmicos, que, aliás, determinam boa parte da nossa vida. Esse é o resultado do duradouro esforço de estabelecer uma ética secular no período moderno. Mas assim mesmo persiste a preocupação com o tornar-se bom e o ser bom, como demonstram as palavras do reitor Bok e do professor Coles, pois trata-se de uma questão prática da vida que jamais passará.

E é com respeito à questão de que tipo de pessoa devemos ser que os ensinamentos de Jesus sobre a justiça da essência do reino provam que ele é o mestre incomparável da vida humana. Qualquer inquiridor sincero pode confirmar esses ensinamentos na sua própria vida. Mas não se pode refutá-los simplesmente pela recusa em levá-los em consideração e pela busca de refugio nos dogmas do intelecto moderno.

Capítulo 6

INVESTINDO NOS CÉUS: DRIBLANDO AS ILUSÕES DA REPUTAÇÃO E DA RIQUEZA

Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros, e contudo não procurais a glória que vem do Deus único?

João 5:44

Os fariseus, que eram avaros, ouviam tudo isto e o ridicularizavam. Mas Jesus lhes disse: Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece os vossos corações; pois aquilo que é elevado entre os homens é abominação diante de Deus.

Lucas 16:14-15

Examinando o Sermão do Monte, já vimos até aqui as respostas de Jesus às duas grandes perguntas que a vida nos impõe: quem está realmente em boa situação? e quem é verdadeiramente uma boa pessoa? Bem-aventurado, como agora sabemos, é aquele cuja vida se funda na aceitação e na íntima relação com aquilo que Deus realiza na história humana. Essas pessoas estão *dentro* do presente reino dos céus.

E as pessoas genuinamente boas são aquelas que, no âmago do seu entendimento e da sua motivação, estão comprometidas com a promoção do bem de todos aqueles com que travam relações - incluindo, é claro, Deus e elas mesmas. Nisso elas conseguiram, com o auxílio de Deus, exceder a justiça que meramente se entenda como "nada fazer de errado" — exceder a bondade dos escribas e fariseus - e, portanto, agem fundadas na íntima união da sua mente e coração com os "céus".

É a sua confiança em Jesus que as coloca em vívida união com o Reino no Meio de Nós. A sua união com Jesus lhes possibilita fazer parte agora da conspiração divina com as forças da verdade, da liberdade e do amor com vistas a minar as estruturas do mal que continua a dominar a história humana. Podemos tranqüila e inabalavelmente formar ao lado dessas forças, onde quer que estejam, pois sabemos o que está em marcha no universo. Vencer "o mal com o bem", nas palavras do apóstolo Paulo, não é algo que exija apenas eventualmente um esforço individual, mas na verdade é o que se passará nesta terra. O poder da ressurreição de Jesus e da sua vida contínua nos homens nos assegura disso.

Depois de nos mostrar o verdadeiro bem-estar e a bondade da essência do reino, Jesus agora, em Mateus 6, nos alerta para os dois principais obstáculos a uma vida de contínua interação com Deus e de saudável aprimoramento no reino: são o desejo de ter a aprovação dos outros, especialmente pela devoção, e o desejo de conquistar segurança via riqueza material.

Se permitirmos, esses dois desejos certamente irão nos expulsar dos domínios do reino - o "alcance da vontade eficiente de Deus", como o definimos - e nos arrastar de volta à estéril "justiça" dos escribas e fariseus. Mas, se mantivermos essas duas coisas nos seus devidos lugares, por meio de uma fé constante, disciplinada e esclarecida em Deus, rapidamente prosperaremos na essência do reino. Progressivamente vamos incorporar todos os aspectos da nossa vida ao reino, inclusive, é claro, o social e o financeiro. Até hoje multidões já comprovaram isso.

A CILADA DA RESPEITABILIDADE

A sedução das honras religiosas

O desejo de reputação ou respeito religioso *imediatamente* nos arrasta à justiça dos escribas e fariseus, pois esse desejo sempre se concentra inteiramente nos atos visíveis, e não na origem dos atos, no coração. Os escribas e fariseus, ressaltou Jesus, "praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam os seus filactérios e alongam as suas franjas. Amam o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas, as saudações nas praças, e o serem chamados mestres pelos homens" (Mt 23:5-7).

O apetite por títulos e recompensas públicas na vida humana - de fato, na vida religiosa — é verdadeiramente assombroso. A fanfarronice e o exibicionismo visíveis nas traseiras dos automóveis, a ostentação quase rotineira de credenciais e currículos e ainda boa parcela do que se considera normal como parte da nossa "cultura da auto-estima" perfazem uma vida alheia ao estarmos na presença de Deus.

Os filhos do reino, por outro lado, não devem agir assim. "Vós, porém, não sereis chamados mestres", diz Jesus, "porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos. A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está no céu. Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo. Mas o maior dentre vós será vosso servo" (vv. 8-11).

Que revigorante diferença essa! Porém, infelizmente, se você for apostar qual texto será usado no sermão de domingo que vem, é melhor não apostar nesse. As versões públicas que a nossa devoção cristã assume são extremamente parecidas com aquela que Jesus desautoriza aqui. Basta ver quem é celebrizado, e por quê, na mídia e nas nossas congregações e associações religiosas. Temos muitos motivos para nos preocupar com os efeitos da respeitabilidade religiosa sobre a nossa fidelidade a Deus.

Jogando para uma platéia de Um

A esta altura, claro, já sabemos que não devemos nos apegar às formas exteriores, ou à sua ausência. A forma pode estar errada, e certo o coração, ou a forma pode estar certa, e errado o coração. O fato de eu chamar alguém de "Pai" por mera formalidade não significa que eu o considere meu pai, assim como o juramento antes de testemunhar num tribunal não significa que eu esteja tentando manipular os que me ouvem. O meu ardiloso coração pode até usar a própria recusa em fazer o juramento no tribunal como um artifício para ir além do sim e do não. O que importa são as intenções do nosso coração perante Deus.

Jesus nos dá o seu princípio diretor logo no início da análise, em Mateus 6:1. "Guardai-vos de exercer a vossa justiça (*dikaiosune*) diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte não tereis galardão junto de vosso Pai celeste".

Duas coisas saltam aos olhos de imediato.

Primeiro, Jesus não está ensinando que devemos *ocultar* as nossas boas obras. Isso talvez seja correto em alguns casos, mas não é o que Jesus tem em mente. Não há nada inerentemente errado em ficar conhecido. Assim como no caso do "adultério no coração", o que está em jogo aqui são as intenções e os propósitos. Não é errado olhar para alguém e desejá-lo sexualmente, como já vimos, mas sim olhar para alguém *com o intuito de* desejá-lo sexualmente. E, nesse caso, o errado não é ser visto fazendo uma boa obra, mas fazer a boa obra *para ser visto*. Sempre que usarmos, para nós ou para os outros, a perspectiva de reconhecimento como motivo para fazer o que se deve fazer por si mesmo, estaremos usurpando o papel de Deus na nossa vida.

Segundo, a nossa intenção é determinada por aquilo que queremos e esperamos do nosso ato. Quando realizamos boas obras para ser vistos pelos homens, fazemo-lo porque o que estamos buscando é algo que procede dos homens. Deus reage conforme as nossas expectativas. Quando queremos apenas aprovação e estima humanas, e fazemos o que fazemos só por isso, Deus gentilmente se afasta porque, conforme o nosso desejo, o caso não lhe diz respeito.

Isso acontece em função da natureza pessoal de Deus e do nosso relacionamento com ele. Como já vimos lá atrás, Deus não gosta de estar onde a sua presença não é desejada. E ele sabe quando é desejado e quando não é. Do mesmo modo, ele geralmente não interfere nos casos em que as pessoas na verdade buscam uma resposta de outra pessoa qualquer. Assim, quando a nossa meta é impressionar os homens, mostrando-lhes o quanto somos devotos, ele nos deixa

fazê-lo e se afasta. Logicamente acabará chegando a sua hora, virá o "dia do Senhor", a sua vez de atacar, por assim dizer.

Por outro lado, se vivermos somente para Deus, ele corresponderá às nossas expectativas - que estão dirigidas somente a ele. Os Guinness, famoso pensador e líder cristão, comentou que os puritanos da história dos Estados Unidos viviam como se estivessem diante de uma platéia de Um. Levavam a sua vida como se a única opinião que importasse fosse a de Deus. É claro que eles acreditavam que era isso que Jesus Cristo lhes havia ensinado.

Mas o princípio da "platéia de Um" se estende a tudo o que fazemos, e não apenas às obras de devoção ou caridade. O apóstolo Paulo nos encarrega de levar a cabo a nossa obra, seja qual for a situação, tudo fazendo "de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens, cientes de que receberéis do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor, é que estais servindo". De fato, devemos fazer tudo "em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai" (Cl 3:17-24). E isso vale também, com maior razão, para as nossas "justiças".

Não deixe a mão esquerda saber

Agora Jesus *exemplifica* - são exemplos, lembre-se, não leis — por meio de três atos elogiáveis a correta motivação inspirada por Deus.

Primeiro, ele discorre sobre obras ou atos filantrópicos que levam alívio aos necessitados, atos muitas vezes denominados "esmolas" ou "óbolos". O termo grego geralmente traduzido como "esmola" aqui (6:2) é na verdade o mesmo que o termo inglês *eleemosynary*, adjetivo que se refere a atos e instituições caritativas e filantrópicas.

Quando você fizer esses atos, exorta Jesus, "não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens" (6:2). "Em verdade", continua ele, "vos digo que eles já receberam a recompensa." Receberam o que queriam. Queriam que as pessoas reconhecessem a sua boa obra, e as pessoas o fizeram. O ego está inflado e a alma definha.

Convém aqui falar um pouco sobre os "hipócritas". É um termo usado somente por Jesus no Novo Testamento, e ele o emprega dezessete vezes. A palavra *hipócrito* em grego clássico significava originalmente um ator, como aqueles que se vêem nos palcos, mas passou a se referir também a qualquer um que pratica o engano. Vê-se claramente em face dos registros literários que foi Jesus quem introduziu esse termo e o caráter correspondente no vocabulário moral do mundo ocidental.¹ Jesus o fez em função da ênfase que só ele dava à importância moral da intimidade do coração perante Deus. Por sermos criaturas criativas, é o coração a essência do nosso ser. Jesus, portanto, fazia seguidamente inequívocas distinções entre aquilo que representamos para o mundo e aquilo que representamos para Deus.

Sabemos hoje que a Palestina da época de Jesus tinha muitos teatros excelentes, e ele certamente os conhecia. Um deles ficava na cidade de Séforis, a poucos quilômetros da sua casa em Nazaré. Esse foi construído quando Jesus era moço, e quem sabe ele e seu pai tenham até trabalhado na construção. Herodes o Grande já havia construído belos teatros em Jericó e Samaria, bem como em Jerusalém.² Quando Jesus falava dos "hipócritas", ele utilizava uma metáfora bem vívida que efetivamente impressionava o pensamento dos ouvintes em função da sua familiaridade com os personagens dramáticos. Eles assim puderam perceber que boa parte da conduta religiosa mais óbvia da época era na verdade uma impostura.

Talvez seja difícil crer que alguém jamais fizesse aquilo que Jesus descreve ali. Mas com certeza não era incomum. Tocar trombeta, literalmente, a fim de chamar a atenção para as boas obras não é o estilo de hoje; mas esse comportamento ilustra características humanas contumazes. Os profissionais especializados em levantamento de fundos sabem que hoje é muito mais fácil conseguir que alguém construa um edifício para alguma instituição social, como um hospital ou uma faculdade, do que fazê-lo assumir a manutenção de outro edifício. Pode-se batizar o edifício com o nome dos benfeitores ou da sua família, ou pelo menos colocar uma placa com o nome deles. Mas não se pode fazer isso apenas pela manutenção do edifício; ninguém parece querer o nome num esfregão ou numa vassoura. Há muitas maneiras de buscar a glória por intermédio de doações; hoje não é preciso tocar trombeta. Com exagerada frequência encontramos um meio mais fácil.

Jesus ensina então que, "ao dares esmola, ignore a tua esquerda o que faz a tua direita". E como fazer isso? Se você *planejar* fazê-lo, certamente não conseguirá. O que você diria à sua mão esquerda? "Trate de ignorar o que a mão direita está fazendo?" Ora, logicamente será impossível para ela fazer isso. Ignorar a mão direita é precisamente uma forma de vigiá-la, de ficar atento a ela.

O comediante Bill Cosby costumava fazer um número sobre a sua infância, no qual, quando a "gangue" queria excluir um menino de alguma brincadeira, mandava que ele, antes de brincar, ficasse num canto sem pensar num urso polar cor-de-rosa durante quinze minutos. Claro que é impossível fazer isso deliberadamente, pois você tem de pensar em não pensar num urso polar cor-de-rosa e, portanto, acaba pensando nele!

Mas não devemos esquecer nunca que Jesus vai *além* do ato, indicando a origem do ato no caráter. É um princípio geral que rege tudo o que ele diz. Aqueles cuja mão esquerda não nota o que faz a direita - com a espontaneidade de quem dirige o próprio carro ou fala a sua língua materna - são justamente os que se transformaram tanto pela sua caminhada diária com Deus que as boas obras passam a fluir naturalmente do seu caráter. O que fazem, fazem de modo natural, muitas vezes de modo automático, justamente em virtude do que *são* no íntimo e em todo o seu ser. São aqueles que não precisam refletir muito para fazer o bem pelos outros. As suas obras ficam "em secreto", independentemente de quem os observe, pois vivem absorvidos no amor de Deus e daqueles que os cercam. Dificilmente notam a sua própria obra, e raramente se lembram dela.

E como realmente estão sempre olhando para Deus e vivendo para Deus, Deus lhes responde: "Teu Pai, que vê em secreto, te recompensará" (6:4). Aquele que dá sem se preocupar com quem está olhando e nem sequer vê esse ato como algo especial, como uma "grande coisa", é justamente aquele que conquista a atenção de Deus e se torna parceiro criativo de Deus no bem-fazer. Ele conhecerá a intimidade de Deus e verá os efeitos dessas obras multiplicados para o bem pelo poder de Deus. Geralmente pessoas assim são famosas pelo que conseguem realizar. Mas convém saber, como Jesus sabia, que isso se dá porque a "mão de Deus" está com elas.

E quando forem orar

Do mesmo modo, os "hipócritas" oram para ser vistos pelos outros. Mas, como hipócritas que são, fiéis ao próprio significado da palavra, eles não são o que parecem ser. Ao observador parecem devotos a Deus. Mas só pensam em impressionar as pessoas. "Gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos pelos homens" (Mt 6:5). Podem ou não achar que Deus fica também impressionado. Mas isso não é essencial. O essencial é serem vistos.

E sabe o que mais? Eles *são* vistos pelos outros. Era essa a recompensa que queriam. E a alcançaram. Toda a operação se dá no domínio da competência humana. Como não envolveram a Deus no que estavam fazendo, também ele não se intromete nos seus planos. Agem no plano da justiça farisaica, que jamais "entra no reino". Outra vez o ego se infla e a alma definha.

Muitas vezes algo próximo disso acontece com pessoas muito bem-intencionadas que simplesmente não se acostumaram a desconsiderar o contexto humano ao orar. Quando oram, portanto, só pensam na impressão que estão dando aos outros, ou talvez a sua maior preocupação seja o que os outros pensarão delas se Deus não atender sua oração. Algumas pessoas chegam até a se obcecar com a idéia de impressionar a Deus ao orar. Todas essas inquietações do ego devem ser simplesmente abandonadas quando oramos no reino.

Assim, quando os filhos do reino oram, podem sumir de vista, pois aprenderam a não se importar se os outros reparam ou não a sua oração.

Entram num recinto privativo e fecham a porta. Ali oram ao seu Pai, que não só vê em secreto, mas, como afirma Jesus, *está* em secreto (v. 6). Isso é muito significativo. O lugar secreto é onde Deus está. Ali ficamos "à sombra do Onipotente" (Sl 91).

Oração, sabemos, é o método da genuína pesquisa teológica, o método que nos permite compreender o que e quem é Deus. Deus é espírito e vive no plano da realidade onde *também* vive o coração — ou espírito — humano, servindo como fundamento e fonte da nossa vida visível. É ali que a pessoa se encontra com Deus "em espírito e em verdade".

O resultado, outra vez, é uma notável diferença na vida do crente. "Teu Pai, que vê em secreto, te recompensará" (v. 6). O lado visível da sua vida terá acontecimentos altamente significativos, impossíveis de explicar em termos do mundo visível. A pessoa "espiritual" não é julgada por ninguém, como diz Paulo (I Co 2:15). Isso porque ela age a partir da realidade que está "em secreto".

Jesus também chama a atenção nessa passagem para o risco de encarar a oração como um processo mecânico. Isso também a transformaria num evento do mundo físico ou visível, e não do coração. Aqueles que não compreendem a Deus, os "gentios" ou *ethnikoi*, se iludem pensando que meros sons, repetidos incansavelmente, geram o efeito desejado. A palavra *battalogasate*, traduzida como "vãs repetições" (6:7), significa uma repetição insensata, como a daquele que gagueja ou tartamudeia. Nada tem a ver com o uso ponderado da liturgia.

Os "gentios" não entendem que orar ao Deus de Israel e de Jesus, o Deus vivo e pessoal do universo, é uma *conversa racional sobre questões de mútuo interesse*, que se dá num convívio de esforços e metas comuns, na qual o amor-caridade e o espírito de perdão são essenciais a cada relacionamento (6:14-15). É por isso que os gentios insistem nas suas repetições insensatas, na esperança de usar "deus" para obter o que desejam.

Esse equívoco é ilustrado por uma narrativa do livro de Atos, capítulo 8. Em função dos apóstolos, o reino invisível dos céus se manifestava poderosamente em Samaria, lugar onde o próprio Jesus fora bem recebido algum tempo antes. Simão "o grande" era um mágico da cidade que observou os efeitos visíveis das palavras e obras dos apóstolos. Pensava ele que eram truques mágicos semelhantes aos seus, e que ele poderia comprar o "segredo" dos apóstolos para usá-lo no seu negócio.

Ele não sabia que os resultados que os apóstolos alcançavam no mundo visível derivavam do que eles eram perante Deus no coração, como conseqüência dessa ligação espiritual. Erro semelhante comete um grupo de exorcistas judeus em Atos 19:11-17.

A oração do reino e sua eficácia dependem exclusivamente de o âmago do coração se revelar totalmente aberto e sincero perante Deus. Depende daquilo que dizemos com todo o nosso ser, inserindo-nos com resoluta intenção e clareza de pensamentos no fluxo da ação divina. No aprendizado do caminho de Jesus, essa é uma das coisas mais importantes que precisamos aprender. Ele nos ensina a ser na oração o que somos na vida, e a ser na vida o que somos na oração.

É nesse ponto do Sermão que Jesus, muito oportunamente, profere a oração-modelo conhecida comumente como Oração do Senhor. Na verdade, é a oração *do discípulo*, e desempenha um papel absolutamente crucial na vida do reino. Vamos analisá-la detalhadamente no próximo capítulo, onde trataremos da comunidade do amor devoto que Deus hoje edifica.

O leitor que compreendeu o que já foi dito até aqui não se deixará seduzir pela idéia de que, no seu ensinamento sobre a oração, Jesus decreta uma lei que proíbe a oração em público, ou que exige que o crente ore só com as palavras dadas na oração-modelo, entre outras coisas. Em face dos equívocos que predominam hoje, porém, não é muito comum ouvir alguém dizer que no Sermão do Monte não temos leis, mas vida: uma vida na qual as verdadeiras leis de Deus acabam se cumprindo naturalmente.

Da mesma forma, nada que ele ensina exclui o uso de orações escritas ou da liturgia. Pode-se buscar "agradar aos homens" e ser "carnal" tanto em práticas religiosas improvisadas e informais quanto em práticas preestabelecidas e formais - talvez até mais, especialmente se você se orgulhar de ser informal.

Jejuar perante Deus somente

O jejum também havia se transformado, em boa parte dos casos, num exercício de exibicionismo e respeitabilidade. Quem jejuava se privava por algum tempo, e até certo ponto, da alimentação sólida e líquida normal. É uma prática perfeitamente bíblica que compõe um dos aspectos da vida do crente na sua relação com Deus. Mas os "hipócritas" dos tempos de Jesus tentavam parecer o mais abatidos possível quando jejuavam. Tinham até desenvolvido meios de desfigurar a expressão do rosto para garantir que as pessoas notassem que estavam jejuando.

Aqui novamente Jesus destaca que eles alcançam o que desejam. Querem ser reconhecidos pela sua "devoção", e certamente o são. "Em verdade vos digo", torna a falar Jesus, "que eles já receberam a recompensa" (Mt 6:16); ou seja, aquela que estavam buscando.

Depois ele indica o modo correto de jejuar: o jejum como prática da vida no reino. "Unge a cabeça", diz ele, "e lava o rosto; com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e, sim, ao teu Pai em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará" (6:17-18). Mais uma vez ficamos impressionados pelo revigorante bom senso que caracteriza as palavras de Jesus.

Logicamente, se não estamos ainda bem experimentados na prática de jejuar no espírito de Cristo, talvez imaginemos que o jejum vá nos deixar num estado deplorável. Se estamos num estado deplorável, não devemos exibir expressão correspondente? Será que Jesus nos exorta a "fingir"? E de fato aqueles que não jejuam somente com Deus em vista, ou que ainda não *aprenderam* a fazê-lo bem, ficam em estado deplorável — como também, sem dúvida, os "hipócritas".

Mas Jesus mesmo sabia que quem aprende a jejuar "em secreto" tem a alma e o corpo sustentados diretamente pelo reino invisível. Não fica, portanto, num estado deplorável. Mas certamente ficará num estado *diferente*. E terá força e alegria numa abundância que a existência humana puramente física, na "carne", desconhece. Pois essa força e essa alegria virão das fontes que estão "em secreto".

Estando Jesus no seu longo jejum entre o batismo e o início da vida pública, Satanás tentou convencê-lo a transformar pedras em pães para que comesse. A resposta que ele deu é profundamente importante para quem quer compreender o reino e a vida no reino. Ele cita uma passagem de Deuteronômio: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4:4; Dt 8:3). O que precisamos entender aqui com muita ponderação é a frase: "toda palavra que procede da boca de Deus".

O "maná" como forma da palavra de Deus

A passagem de Deuteronômio 8 nos dá a chave. A principal referência de "palavra que procede da boca de Deus" era o "maná" que sustentou os israelitas durante os seus anos errantes pelo deserto entre Canaã e o Egito. Ora, *maná* é um termo interessante. Significa essencialmente "este como-é-que-chama" ou "que é isto?" O maná era uma substância material desconhecida. Era, na verdade, uma forma digerível de *matéria* adequada às necessidades físicas do homem e produzida diretamente pela ação, ou "palavra", de Deus, não por um processo já corrente na natureza.

É significativo que não só as necessidades de alimento eram atendidas pela direta ação de Deus no deserto, mas também as necessidades de roupas e calçados. Os israelitas usaram os mesmos calçados e roupas, continuamente renovados por Deus, durante quarenta anos (Dt 8:4). Essa foi uma parte fundamental do treinamento que receberam para a vida no reino. Séculos mais tarde, Neemias lembra a provisão de Deus no deserto quando outra grande libertação histórica acontece pela mão divina: "Desse modo os sustentaste quarenta anos no deserto, e nada lhes faltou; as suas vestes não envelheceram, e os seus pés não se incharam" (Ne 9:21).

Tudo isso, logicamente, deve ser entendido como ação de um Deus que na verdade criou todo o universo físico pela sua palavra/obra, que tirou água de uma rocha e que fez o galho cortado de uma amendoeira brotar e inchar os gomos, produzindo flores e dando amêndoas (Nm 17:8).

Esse Deus é senhor de todas as equações fundamentais que regem a realidade, física ou não, como a famosa $e=mc^2$, descoberta por Albert Einstein. (Aqui, e é energia, m é matéria e c é a velocidade da luz.) Ora, do ponto de vista humano, o que está mais ao nosso alcance é a *matéria*. Para satisfazer as nossas necessidades podemos, dentro de estreitos limites, manipulá-la a fim de produzir formas utilizáveis de energia, via processos como a digestão, a combustão, a fissão ou fusão nuclear e assim por diante.

Mas o lado "energético" da equação também está ao alcance de Deus. Ele tem reservatórios inexauríveis de energia. Portanto, pode alimentar milhares "multiplicando" uns poucos pães e peixes, ou pode diretamente atender as necessidades físicas do corpo de quem jejuar com fé nele. A sua "palavra" (*rehma*; Mt 4:4) é para mim uma realidade concreta que se torna, no jejum, sustento físico para as necessidades do meu organismo.

É claro que Jesus comia alimentos normais, como todos nós necessariamente fazemos. Esse é o meio normal determinado por Deus, que deve ser acolhido com humildade e gratidão. Mas Deus também sustentou diretamente o seu organismo. E Cristo quer que também nós tenhamos essa experiência. O relato do seu encontro com a samaritana (Jo 4) é uma das passagens teologicamente mais ricas de toda a Bíblia. Mas um dos ensinamentos mais excelentes surge bem no final do relato, e muitas vezes passa despercebido.

Era fim de tarde, e os seus aprendizes tinham ido até a cidade para comprar comida enquanto ele descansava da viagem ao lado da fonte. Quando voltaram, o encontraram conversando com ... "uma mulher"! Ficaram admirados ou vê-lo fazer coisa tão reprovável. Mas, enquanto as pessoas da cidade se dirigem à fonte por causa dos relatos da "mulher" que correria para contar o que ouvira de Jesus, os discípulos insistem que ele coma o alimento que trouxeram.

A resposta de Jesus ensina muita coisa sobre o jejum e sobre o que acontece quando entramos no reino dos céus. Diz ele: "Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis". Os discípulos, dentro da sua limitada compreensão das possibilidades da nutrição humana, imediatamente perguntaram se outra pessoa lhe havia levado comida. Jesus então explicou o alimento celestial que o nutria: "A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra" (Jo 4:34).

Aqui, como em tantas outras declarações bíblicas afinadas com as realidades do mundo pleno de Deus, temos de decidir se não estamos diante apenas de "belas palavras". Sem dúvida elas significam *alguma coisa*, muitos dirão, mas na verdade nada mais que, talvez, alguma condição humana ou estado mental vagamente piedoso. Nesse caso, por exemplo, muitas vezes se imagina que Jesus está dizendo o seguinte: quando o crente faz a vontade de Deus, ou quem sabe quando ele realiza "coisas boas", sente-se melhor consigo mesmo e diante da vida; ou talvez Jesus esteja dizendo, também, que as pessoas passam a apoiar e encorajar o crente por causa disso. Assim, a boa nova de Jesus se reduz, na prática, a certa perspectiva vagamente esperançosa da condição humana.

Mas, antes de aceitar essa opinião, devemos ao menos questionar o seguinte: qual seria o significado de "Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis" para que a afirmação fosse verdadeira no sentido em que obviamente foi interpretada por aqueles que primeiro a ouviram? No caso de João 4, a questão abordada no diálogo de Jesus com os seus discípulos era precisamente a necessidade do alimento material e de como essa necessidade poderia ser atendida. Jesus sugere que a nutrição material também estava disponível ao homem diretamente das fontes espirituais.

Comparando, em João 3 a questão abordada é *outro tipo de vida*. Jesus apresenta a idéia de nascer "das alturas" a fim de explicar como outro tipo de vida se insinua nos seres humanos aqui na terra. Esse "nascimento" é uma *realidade*, um acontecimento ou condição real, não belas palavras que talvez se refiram apenas a um recomeço na vida.

É claro que o que está de fato em jogo em todas essas passagens são as crenças que realmente acalentamos acerca da "realidade", especialmente acerca de Deus e do mundo divino. A falta de fé no reino nos força a aceitar a interpretação dessas passagens bíblicas como meras "belas palavras". Muitas pessoas simplesmente enquadram toda a Bíblia, e até a religião como um todo, nessa categoria. Por isso George Santayana certa vez definiu que a religião não passa de um "clamor lírico no afã da vida", breve gozo de sentimentos aprazíveis.

Conta-se a história de um homem que perdeu a compostura e soltou palavrões na presença do seu pastor. Depois de um silêncio embaraçoso, ele olhou envergonhado para o pastor e disse: "Ah! tudo bem, pastor. Eu xingo um pouco, você ora um pouco, mas nenhum de nós leva isso muito a sério mesmo...". O desafio à nossa fé no reino é levar a sério aquilo que falamos.

No próprio caráter de Jesus, na sua capacidade de amar e ajudar as pessoas à sua volta, está a prova de que Jesus queria de fato dizer alguma coisa, e levava a sério o que dizia. A sua vida e ministério admiráveis provinham do seu relacionamento com o Pai. Logicamente nenhum de nós tem exatamente o mesmo relacionamento, mas parte do que vemos nele certamente passa para nós quando nos nutrimos dele e do seu reino.

Banqueteemo-nos com Jesus

O próprio Jesus nos disse que ele era "alimento": "Se alguém dele comer, viverá eternamente" (Jo 6:51). Ele, não o maná, é o "pão que desce do céu, para que todo o que dele comer não pereça" (vv. 48-50). A prática do jejum está vinculada à exortação de que nos alimentemos da pessoa de Jesus. Esse ensinamento ressalta a imediata disponibilidade de Deus para nutrir, sustentar e renovar a alma. É um testemunho à realidade do outro mundo a partir do qual Jesus e seu Pai perpetuamente mesclam a sua vida à nossa (Jo 14:23). E os resultados dessa determinação de buscar intensamente o verdadeiro "alimento" serão óbvios.

Eis abaixo algumas palavras de um pastor que acabara de aprender a realidade do jejum do reino, começando a colocá-lo em prática:

A disciplina do jejum assumiu para mim uma nova importância e regularidade... Há uma admoestação da "Regra de São Benedito" que exorta o monge a "amar o jejum". Hoje é hábito para mim jejuar sempre que vou pregar. Isso me dá uma noção mais profunda de dependência e do imenso poder da palavra falada, o que me tem sido demonstrado pela querida pessoa da minha congregação que controla o ministério de distribuição de fitas do sermão. Ela disse que desde janeiro deste ano, os pedidos de fitas dos sermões dobraram. "Não consigo explicar isso", disse ela, "mas, seja o que for, continue fazendo!"

Ele aprendera a jejuar perante o Pai que está em secreto, e o Pai o "recompensou" *cooperando* com as suas obras ministeriais. Os resultados no mundo visível foram muito maiores do que aquilo que se poderia atribuir apenas às suas próprias capacidades. Justamente como disse Jesus.

O segredo como disciplina fundamental

O que Jesus nos ensina nessa importante passagem do seu Discurso é como nos libertarmos do jugo da opinião dos outros. A inspirada palavra que Paulo usa para definir esse tipo de jugo é *oftalmo-servidão*, ou a servidão à vista (*ophthalmoudoulian*; Cl 3:22; Ef 6:6). É claro que isso abarca tanto o *não* fazer coisas más por medo de ser visto, quanto o fazer o que é bom para ser visto. A motivação decisiva do ato, tanto quanto da abstenção do ato, deve considerar o reino de Deus no qual vivemos como pessoas de Jesus.

O efeito da ação e da não-ação só para aprovação dos homens é a sujeição ao reino humano e o afastamento da presença de Deus, tida então como irrelevante. Ao evitar o mal e fazer o bem, nosso pensamento deve estar somente em Deus. Há quem imagine que é bom evitar o mal por medo de ser visto, pois, seja como for, evitamos o mal. Mas isso só mostra que não temos o mínimo respeito por Deus, e lhe desobedeceríamos para conquistar a aprovação dos outros. O princípio básico é o mesmo nos dois casos.

A *disciplina* do segredo nos ajuda a sacudir o jugo da opinião humana que aprisiona as nossas almas e os nossos atos. Disciplina é uma atividade, dentro da nossa capacidade, que nos possibilita fazer algo que não conseguiríamos pelo esforço imediato. Jesus aqui nos conduz à disciplina do segredo. É de quando em quando fazer coisas que gozam de aprovação nos nossos círculos religiosos - doar, orar, jejuar, freqüentar os cultos da igreja, etc. -, mas sem que ninguém saiba. Assim a nossa motivação e a recompensa pelo que fazemos não vêm dos homens. Somos libertados da servidão à vista, e então pouco importa se as pessoas saibam ou não. Aprendemos a viver continuamente assim.

Esse é um ponto de considerável importância para a compreensão do que Jesus nos ensina nessa parte do Sermão do Monte. Em particular, por causa da constante ameaça do legalismo - que só concebe a justiça em termos de atos específicos -, precisamos ver por que ele não decreta a *lei* de que só façamos boas obras, oremos e jejuemos em segredo. A prática bíblica e a prática do próprio Jesus mostram obviamente que não se trata de uma lei.

Lembre o leitor que Jesus muitas vezes prega usando como pano de fundo uma prática errada. Já comentamos isso em capítulos anteriores. As práticas de fundo supostas em Mt 6:1-8 são, obviamente, fazer boas obras, orar e jejuar só para ser visto. Ele nos ensina a não adotar essas práticas, e o faz dizendo: "Que a tua esmola [oração, jejum] fique em secreto". Mas ele *não*

diz: "Jamais, sob pena de pecar, deixe que alguém veja ou saiba que você fez uma boa obra [ou oração ou jejum]".

É por isso que não há aqui nenhuma incoerência com outra orientação que ele já dera no Sermão: "Brilhe também a vossa luz diante dos homens, *para que vejam as vossas boas obras* e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (6:16). O seu ensinamento implica uma disciplina, não uma lei, uma disciplina que nos prepara, precisamente, para agir de modo a cumprir a lei do amor total a Deus.

"Evasão religiosa"

O exame ponderado das congregações cristãs pode revelar que na sua doutrina Jesus aponta uma das causas primordiais da ineficiência dessas congregações como escolas de vida eterna. De fato, parece haver uma lei geral da evolução social e histórica: as instituições tendem a distorcer e destruir a função principal que lhes deu origem. Poucos anos atrás Clyde Reid escreveu uma análise dolorosamente incisiva de como as atividades da igreja parecem estar estruturadas para favorecer a *evasão* de Deus. A sua "lei da evasão religiosa" decreta: "Estruturamos as nossas igrejas e as mantemos a fim de nos resguardar de Deus e nos proteger da verdadeira experiência religiosa".³

Ao lado de muitas outras agudas observações sobre a vida na igreja, ele analisa:

Hoje os membros adultos de igrejas raramente levantam sérias questões religiosas por medo de revelar as suas dúvidas ou ser tidos como esquisitos. Há nas igrejas uma *tácita conspiração do silêncio* acerca de questões religiosas. Essa conspiração encobre o fato de as igrejas não transformarem vidas nem influenciarem o comportamento numa profundidade considerável.⁴

Há muito poucas oportunidades de relações mais abertas e sinceras na maioria das congregações, pois as tememos. Acreditamos que possam gerar confronto, raiva e divisão. Não somos receptivos porque tememos o que os outros possam pensar de nós ou fazer contra nós. Se sinceramente compararmos o tempo que passamos na igreja pensando no que os outros acham ou podem achar com o tempo gasto meditando sobre o que Deus acha, é bem provável que fiquemos chocados. Os líderes das congregações precisam refletir muito sobre isso.

Muitas vezes, nos cultos das igrejas de hoje, a "servidão à vista" surge travestida da tentativa de "motivar" as pessoas. "Não foi um culto excelente?", costumamos dizer. Mas o que queremos dizer com isso? Será que pensamos mesmo no que Deus achou do culto? Qual a relação entre o conceito divino e o conceito humano de um culto excelente? Precisamos ser muito cuidadosos a esse respeito, senão a regra "Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa" poderá se aplicar a nós.

Suponha que eu seja um pastor. Se Deus na verdade nada fizesse no culto da minha igreja, ou em resposta ao *meu* trabalho no ministério, que importância teria o fato de os freqüentadores pensarem e falarem bem das coisas e ainda voltarem para o próximo culto trazendo os amigos? Eu poderia ser tentado a pensar que tenho de atrair pessoas que me ouçam, sem me preocupar com Deus.

As palavras do Senhor ao seu profeta Ezequiel assombram ainda hoje qualquer líder de igreja:

Eles vêm a ti, como o povo costuma vir, e se assentam diante de ti como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois, com a boca professam muito amor, mas o coração só ambiciona lucro. Eis que tu és para eles como quem canta canções de amor, que tem a voz suave e tange bem; porque ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra.

Ezequiel 33:31-32

Seja qual for a nossa posição na vida, se pretendemos que a nossa vida e as nossas obras pertençam ao reino de Deus não devemos ter a aprovação dos homens como meta primeira, nem mesmo importante. Devemos, no amor, deixar que as pessoas pensem o que quiserem. Podemos, se parecer correto, ocasionalmente tentar ajudá-las a nos compreender e apreciar o que estamos

fazendo. Podemos fazer disso um ato de amor. Mas, seja como for, só podemos servir a elas servindo somente ao Senhor.

O JUGO DAS RIQUEZAS

Onde está o seu tesouro

Jesus dá seqüência ao alerta contra a busca da segurança fora do reino, e para isso passa a ensinar sobre os nossos *tesouros*. Tesouros são coisas que tentamos conservar por causa do valor que lhes atribuímos. Podem não ter valor nenhum em si mesmos; no entanto damos o sangue para protegê-los. Nós os valorizamos demais. Há quem tenha, por exemplo, um cofre em casa ou no banco. Diz o dicionário que cofre é uma "caixa onde se guarda dinheiro, jóias, documentos e outros objetos *de valor*".

É claro que também valorizamos outras coisas além de bens materiais: por exemplo, a nossa reputação, o relacionamento com outra pessoa, a outra pessoa, a segurança ou a reputação da nossa escola, da nossa empresa ou do nosso país. O mandamento mais importante da tradição judeu-cristã é valorizar a Deus e seu reino acima de qualquer outra coisa. É isso que significa amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e de toda a força. Significa *valorizá-lo*, aceitar a Deus e seus amados, além de protegê-lo e ajudá-lo nos seus desígnios. Toda a sabedoria, toda a segurança e toda a realização estão em valorizar a Deus desse modo. Então igualmente saberemos valorizar o próximo, como *ele* os valoriza.

Todo mundo tem tesouros. É um elemento essencial do homem. Nada ter como tesouro é estar numa condição subumana, e nada degrada mais as pessoas do que ridicularizar, destruir ou espoliar os seus tesouros. De fato, meramente fitar os olhos no tesouro do outro já é uma grave intromissão. Afora circunstâncias muito especiais, ninguém tem o direito sequer de saber quais são os nossos tesouros. Boa parte da intimidade entre duas pessoas é precisamente saber quais os tesouros um do outro. Os tesouros estão diretamente ligados ao nosso espírito, ou vontade, e assim à nossa dignidade humana. É, por exemplo, muito importante que os pais respeitem os "tesouros" dos filhos. Pois ficam entesourados bem no centro da alma da criança, e muito dano pode causar quem não os respeita nem acalenta.

Quando o nosso filho John Samuel era criança, tinha um cachorrinho de pelúcia que ele chamava de Soneca. O leitor certamente pode imaginar a aparência do bichinho, creio eu. Ele arrastava o Soneca para todo lado nas brincadeiras, e dormia com ele ao seu lado na cama. Com o tempo, o bichinho foi ficando gasto e puído. Sua mãe sempre o limpava e costurava, claro. Mas eu, na minha "infinita" sabedoria - da qual tinha muito, muito mais quando era mais novo -, acabei decidindo que precisávamos substituir o Soneca. Compramos então outro bichinho de pelúcia, e o Soneca sumiu. O John nunca aceitou de verdade a troca, e o seu espírito tenro chorou durante um bom tempo a perda do amiguinho de pelúcia. Logicamente, não havia de fato uma boa razão para que ele não ficasse com o bichinho.

Pessoas que vão parar em campos de concentração ou os sem-teto que vivem nas ruas fazem coisas inacreditáveis, chegando a arriscar a própria vida para conservar objetos que para os outros podem parecer simplesmente ridículos. Ninguém deixa de ter o seu tesouro. Quem sabe uma foto, uma velha carta, algum enfeite ou bijuteria sem valor. Revelamos os nossos tesouros naquilo que tentamos proteger, assegurar, conservar. Muitas vezes esses tesouros não têm valor nenhum para os outros. Às vezes, é claro, têm grande valor também para os outros. É o caso do dinheiro, das riquezas, dos bens materiais.

Portanto, examinar os nossos tesouros é na verdade analisar aquilo que *valorizamos*. Não adianta tentar enganosamente identificar esses tesouros apenas a "bens exteriores", coisas "não-espirituais" ou simplesmente materiais. Pois o que está em jogo aqui é a própria estrutura fundamental da nossa alma. É preciso analisar com cuidado se a vida que estamos vivendo hoje no plano físico será eterna ou não, e em que medida.

Além do alcance de traças, ferrugem e ladrões

A primeira coisa que Jesus nos diz a respeito dos tesouros é que guardar coisas "sobre a terra" não é uma estratégia inteligente. Os tesouros da terra, pela sua própria natureza, simplesmente não podem se conservar intactos. Pois aqui "a traça e a ferrugem corroem e [...] ladrões escavam

e roubam" (Mt 6:19). Nem mesmo o ciberespaço está a salvo de "vírus", de apagões e do sumiço de cópias de arquivos.

Se você não conhece outra alternativa, talvez seja muito deprimente refletir sobre isso. Falamos alguns capítulos atrás sobre Leão Tolstói e sua jornada rumo à fé. Como bem se sabe, ele caiu numa longa e sufocante depressão ao se dar conta de que tudo o que ele valorizava morreria ou desapareceria.⁵ E isso depois de ele ter se tornado um dos escritores de maior sucesso que o mundo já conheceu. Mas a visão de mundo que lhe impunham, a "dos instruídos", era uma visão de absoluta desesperança, como a de hoje. Nos ensinamentos de Jesus ele encontrou uma alternativa, e essa alternativa logo o libertou da desesperança em relação à vida e da falta de significado da obra humana.

Pois a sabedoria de Jesus diz que devemos ajuntar "tesouros no céu" (6:20), onde as forças da natureza e a maldade humana não podem espoliá-los. Ou seja, devemos procurar fazer diferença na esfera da substância espiritual sustentada e regida por Deus. Devemos investir a nossa vida naquilo que Deus faz, que não pode se perder.

Logicamente, isso significa investir no relacionamento com o próprio Jesus, e por intermédio dele com Deus. Mas, além disso, e em íntima relação com isso, devemos nos dedicar ao bem dos outros - daqueles que podemos influenciar e afetar. Esses estão entre os tesouros de Deus. "A porção do SENHOR", lemos no Antigo Testamento, "é o seu povo" (Dt 32:9). E nós certamente estamos aí incluídos, de uma maneira única e fundamental. Temos para a nossa alma e para a nossa vida um desvelo que ninguém mais tem, de um modo que ninguém mais pode fazer.

E também nos desvelamos por este mundo físico admiravelmente rico e belo, a terra, da qual nós e os nossos irmãos fazemos parte. "Fundaste a terra e ela permanece. Conforme os teus juízos, assim tudo se mantém até hoje; porque ao teu dispor estão todas as cousas" (Sl 119:91). O próprio Deus ama ternamente a terra e jamais a abandona. E porque ele a ama, porque é boa, o nosso desvelo por ela é também uma obra eterna e parte da nossa vida eterna.

Existe uma ordem natural das coisas que é bom respeitar. O homem naturalmente sabe disso caso não tenha sido despojado do bom senso pelas experiências da vida e pela educação. Vemos muitos sinais disso na antiga lei dada por Deus aos israelitas. Por exemplo, um primitivo dispositivo dessa lei dizia que não se deve cozer o cabrito no leite da sua própria mãe. É uma regra importante do lar que observa a lei judaica. Uma pessoa irrefletida poderá achar isso uma bobagem, julgando que, diante de alguma necessidade ou razão vital para fazer o que essa lei proíbe, nada mais justo fazê-lo.

Mas qualquer um que já tenha convivido com cabritos e cabras, que tenha visto o quanto o cabrito se apega à cabra e vice-versa, certamente achará um erro usar para cozinhar o cabritinho aquilo que a mãe lhe dá por sustento. De fato, a vida naturalmente está estruturada, do princípio ao fim, em coisas apropriadas e não apropriadas.⁶ Assim, ajuntar "tesouros no céu" é valorizar todos esses aspectos íntimos e tocantes da vida do reino, tudo o que Deus realiza na terra. É fazê-lo na ordem e na maneira que o céu indica, e especialmente segundo o exemplo do próprio Jesus. E quando vivemos assim, os nossos tesouros estão *absolutamente seguros*. Tudo o que fazemos conta, e conta para sempre, e se preserva na nossa vida dentro da vida eterna de Deus.

Quem faz isso já está pelo menos em (boa) parte fazendo o que Paulo chama de semear "para o Espírito". E quem semeia assim, "do Espírito colherá vida eterna". Portanto, continua ele, "não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos. Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé" (Gl 6:8-10). É precisamente *assim* que depositamos tesouros no céu, dia a dia, hora a hora.

A vida se organiza em torno do nosso coração

Não só temos assim completa proteção e segurança dos nossos tesouros, mas também toda a nossa vida, o nosso viver, se afina com a realidade. A nossa alma está agora pronta para lidar com as coisas, pois vemos com clareza. O nosso tesouro converge para o nosso coração. "Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração", diz-nos Jesus (Mt 6:21). Lembre o leitor que o nosso coração é a nossa vontade, ou nosso espírito: o centro do nosso ser de onde flui a vida. É

aquilo que dá orientação a tudo o que fazemos. O coração orientado para a direção certa, portanto, traz saúde e integridade para a pessoa como um todo.

Para esclarecer inequivocamente essa verdade, Jesus compara a "visão do coração" à "visão dos olhos". Sabemos que a visão afeta o corpo. "São os olhos a lâmpada do corpo." Se os olhos funcionarem bem, então o corpo se movimentará facilmente. Ou, como diz Jesus, "Todo o teu corpo será luminoso" (6:23).

A pessoa que valoriza o que há no reino vê todas as coisas segundo o seu valor e relações verdadeiros. Por outro lado, a pessoa que valoriza o que há "sobre a terra" vê tudo de um ângulo distorcido, de um ponto de vista que na prática é sistematicamente enganador. A importância relativa das coisas, principalmente, é avaliada de forma equivocada. A pessoa viciada em drogas ou em alguma atividade não passa de um caso extremo. Tudo o mais só é visto pela perspectiva da sua relação com o objeto do vício e seu desfrute — mesmo o próprio corpo e a própria alma.

Portanto, "se [...] os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas". Mas se os olhos da alma, "a luz que em ti há", não estiverem ativos, "que grandes trevas serão!" (6:23). Então você simplesmente estará perdido. Não saberá onde está ou aonde vai. É isso que significa ser uma "alma perdida", uma alma morta.

A impossibilidade de servir a Deus e aos bens terrenos

Não podemos deixar de servir aos nossos tesouros. Trabalhamos o dia inteiro por eles e a noite inteira pensamos neles. Eles preenchem os nossos sonhos. Mas as pessoas geralmente acham que podem valorizar este mundo *e também* o reino invisível, que podem servir aos dois. Talvez consigamos fazê-lo por certo tempo. Mas virá o momento em que um se subordinará ao outro. Simplesmente não podemos ter dois objetivos ou pontos de referência *finais* para os nossos atos. A vida é assim, e ninguém escapa.

Você não pode agir ao mesmo tempo como servo de Deus e das coisas "sobre a terra", pois então haverá conflito de interesses. Se você não tiver colocado a Deus em primeiro lugar, por exemplo, aquilo que você terá de fazer para conquistar a segurança financeira, para impressionar os outros ou satisfazer os seus desejos invariavelmente irá lançá-lo de encontro aos desejos de Deus. É por isso que o primeiro dos Dez Mandamentos, "Não terás outros deuses diante de mim", é o *primeiro* dos Dez Mandamentos.

Portanto, valorizar e servir a Deus e a Mamom é uma idéia insensata, e, seja como for, é impossível imaginar que Deus a tolere. Logicamente você pode servir aos bens materiais - valorizá-los, usá-los bem - por amor a Deus. Mas isso é justamente fazer o que Jesus disse, ajuntando tesouros no céu. Teremos ainda muito mais a dizer sobre esses dois capítulos quando examinarmos como deve agir o discípulo ou aluno de Jesus.

Os tesouros do céu estão disponíveis agora

Há, creio eu, uma tendência de considerar esse tesouro no céu como algo "para logo". É como o chamado seguro de vida, cujos benefícios só vêm depois da morte. E de fato é fundamental compreender isso, pois somos amigos de Jesus Cristo, temos realmente "uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros, que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para salvação preparada para revelar-se no último tempo" (I Pe 1:4-5). Isso é importante. Como os egípcios descobriram há muito tempo, vamos ficar "mortos" por bem mais tempo do que vivemos nesta terra.

Mas o tesouro que temos no céu é também algo perfeitamente disponível para nós hoje. Podemos e devemos recorrer a ele segundo as nossas necessidades, pois esse tesouro é nada menos que o próprio Deus e o magnífico convívio no seu reino, reino que agora mesmo se entrelaça com a nossa vida. Já chegamos "ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembléia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o Mediador de Nova Aliança" (Hb 12:22-24). Não é para logo, mas já.

O mais valioso para qualquer ser humano, deixando o além para o além, é fazer parte dessa maravilhosa realidade, o reino de Deus agora. A eternidade já começou. Estou hoje mesmo

vivendo uma vida que durará para sempre. Do meu tesouro nos céus tiro o que preciso agora para as necessidades presentes. Se, em função das minhas necessidades nesta vida, eu tivesse de escolher entre ter um bom crédito junto ao banco e ter um bom crédito junto a Deus, eu não hesitaria nem um instante. Abro mão do banco, claro!

A minha verdadeira vida está agora mesmo "oculta juntamente com Cristo, em Deus" (Cl 3:3). O "tesouro" que eu ajunto no céu não é apenas o pouco que faço a fim de ir para lá. É o que eu amo lá e também o fato de *lá* eu depositar a minha segurança e felicidade. É Deus "o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações" (Sl 46:1). E, conforme o apóstolo Paulo por experiência própria nos ensinou, "o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades" (Fp 4:19). Esse é o constante testemunho do texto bíblico ao Reino no Meio de Nós.

Quantas aves você vale?

É com tudo isso em vista que agora retomamos, na seqüência do Discurso de Jesus, temas já abordados lá atrás neste livro: "Não temos motivo para preocupação". "Este mundo é um lugar perfeitamente seguro para nós." Isso certamente é o que Jesus, e a Bíblia como um todo, tem a nos dizer. "Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do SENHOR para todo o sempre" (Sl 23).

Reconheço que isso soa estranho, *forçado* até. Mas só porque a postura do nosso eu encarnado, e daquilo que o cerca, considera habitualmente a realidade física ou "terrena" a única realidade existente. Em vista disso, valorizar qualquer outra coisa deve *necessariamente* estar errado. É demorar em ilusões. Precisamos estar preparados para ser tratados como pessoas um tanto malucas, a menos que consideremos o que está "sobre a terra" como algo de valor supremo para a vida humana.

Mas, claro, se valorizarmos "Mamom" tanto quanto as pessoas normais pensam que devemos fazê-lo, o nosso destino está selado. O nosso destino será a *ansiedade*, que é a preocupação, a frustração. As palavras *ansioso* e *preocupado* carregam ambas um sentido de sufocamento. Sem dúvida nenhuma é assim que nos sentimos quando ficamos ansiosos. As coisas e os acontecimentos nos agarram pelo pescoço e parecem quase nos tirar a vida. Sentimo-nos prejudicados, ou tememos o que virá a nos acontecer, e nada do que fazemos parece suficiente para aliviar a situação. Talvez já se tenha despendido mais energia para lidar com esse flagelo humano do que com qualquer outra coisa - por isso fazem sucesso as músicas que nos aconselham: "Não se preocupe! Fique frio!", e por isso nos dispomos a pagar 250 dólares por uma hora de terapia.

Mas como, confiando em Cristo, temos a opção de obter tesouros abundantes no reino dos céus, Jesus nos apresenta mais uma das suas conclusões. "Por isso vos digo: Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir (Mc 6:25). A vida não é só comer, nem o corpo só roupas. O que está em jogo, agora, é um lugar no reino imortal de Deus. A eternidade *é*, em parte, o que estamos vivendo agora.

Jesus nos exorta a olhar a vida da natureza que nos cerca. Em particular, ele fala de aves e flores silvestres. O mais relevante a respeito das aves é que elas "não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros" (não acumulam *tesouros* sobre a terra). Recebem, do seu mundo regido por Deus, o alimento diário para as necessidades diárias. Quando as contemplamos nos lembramos de uma frase da Oração do Senhor: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje".

Vemos em relação às aves a realidade da imediação do reino - que também gerou no deserto o maná, *colhido* diariamente sem que se pudesse guardá-lo a não ser para o sábado. Também vemos a mesma imediação no status da criança nos Evangelhos. Quem é como uma criança é "o maior no reino dos céus". A criancinha não tem capacidade para gerenciar um negócio que lhe possibilite viver independentemente dos outros. Só lhe resta supor que os outros vão lhe fornecer o necessário.

E quanto às aves, não é que não trabalhem. Pois estão entre os habitantes mais industriais desta terra. Sabe-se que algumas, *como* as galinhas domésticas, trabalham *muito* duro. Nós também devemos trabalhar, e às vezes trabalhar duro. Mas as nossas amigas aladas não parecem se preocupar com elementos do sustento físico da sua vida, como alimento, água e abrigo.

Simplesmente procuram o que precisam quando precisam, *tomando o que encontram*. E é assim que deveríamos viver. Ter os nossos tesouros no céu nos liberta para viver simplesmente no presente no tocante às nossas necessidades vitais. Trabalhamos duro, claro, e zelamos pelos nossos entes queridos. Mas não nos preocupamos - nem mesmo com eles. Tendo alimento, roupa e Deus, podemos nos contentar (1Tm 6:8).

O fato de Deus prover regularmente às necessidades das aves ensejou certo tom bem-humorado nas palavras de Jesus, repetido várias vezes nos Evangelhos. No Sermão do Monte, ele faz uma pergunta retórica para enfatizar o fato de Deus prover às nossas necessidades: "Porventura não valeis vós muito mais do que as aves?" Mas em Mateus 10 ele prega sobre a libertação do medo da morte física: "Não temais os que matam o corpo", diz ele, "e não podem matar a alma". É claro que a morte física só tem conseqüências para os tesouros que estão "sobre a terra". Para a maior parte das pessoas, talvez, o tesouro mais valorizado é permanecer vivo na terra. Conseqüentemente, passam a vida inteira prisioneiros do medo da morte física (Hb 2:15).

Mas o único a temer, salienta Jesus, é aquele capaz de destruir tanto a alma quanto o corpo no "inferno", o eterno aterro sanitário cósmico (Mt 10:28). Ora, acontece que *esse é o mesmo* que delicadamente cuida dos pardais. Dois pardais se vendem por um "asse" — na verdade, a menor moeda de cobre em circulação na época. Pechinchando, aparentemente, era possível comprar até cinco por dois asses (Lc 12:6). No entanto Deus cuida de cada um deles. E ele vigia você tão de perto que sabe quantos fios de cabelo há na sua cabeça a cada instante. "Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais" (Mt 10:31).

Noutras passagens, para dar o tom bem-humorado, ele fala de corvos, aves bem menos atraentes para mim do que pardais. E no entanto Deus lhes dá alimento. "Quanto mais valeis do que as aves!" (Lc 12:24). Você por acaso já tentou avaliar o preço de uma pessoa em aves? Que tal cinco pardais, um falcão, duas cacatuas e uma águia de cabeça branca?

E os lírios

Acima falou-se só de comida e de guardar comida, mas é claro que algumas pessoas preferem passar fome a ter uma aparência ruim. Assim uma das três coisas que constituem o "mundo", a ordem humana, segundo o apóstolo João, é a "concupiscência dos olhos" (1Jo 2:16). Jesus sabia o quanto as pessoas valorizam a aparência física. E um elemento importante da aparência é o tamanho. Vemos a importância desse elemento hoje em várias dimensões: gordura e magreza, estatura alta e baixa, etc. Mas a altura é especialmente valorizada pelos homens e, dentro de certos limites, também pelas mulheres. Uma menina "alta demais", mais alta que a maior parte dos meninos, pode sofrer por causa disso. E os "baixinhos", como dizia uma música popular alguns anos atrás, nem têm razão para existir.

Mas é claro que valorizar a altura e se preocupar com ela - talvez remoendo ininterruptamente a baixa estatura, lamentando-se ou sentindo-se inferior — não faz ninguém crescer nem um centímetro. "Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?" (Mt 6:27). Seja como for, a altura das pessoas não tem nenhuma relação com a sua atratividade e beleza como seres humanos: "seres espirituais indestrutíveis e agraciados com um destino eterno no magnífico universo de Deus", como já dissemos.

A natureza proporciona a sua própria beleza a todas as criaturas de Deus. Tentar ser belo em termos físicos é uma empresa fadada ao fracasso. E sem a beleza interior da alma, a beleza é simplesmente vulgar. "Como jóia de ouro em focinho de porco," diz o provérbio, "assim é a mulher formosa que não tem discrição" (Pv 11:22). Algumas das pessoas mais belas que já conheci são idosos cujas almas irradiam tanto brilho que seus corpos mal são visíveis: Dorothy Day, Malcolm Muggeridge, Agnes Sanford, Golda Meir, Ethel Waters, etc. E essa beleza não existe só para os velhos. A beleza natural do ser humano está disponível no reino para toda pessoa que quiser recebê-la.

As florinhas que crescem sozinhas nas encostas, ressalta Jesus, exibem naturalmente um brilho de beleza que nem mesmo o mais poderoso dos seres humanos, com todos os adornos possíveis — "Salomão, em toda a sua glória" (6:29) - é páreo para elas. Se você comparar uma dessas florinhas com as madames "produzidas" e os cavalheiros desengonçados que freqüentam as noites de estréia e os jantares de premiação nos nossos centros políticos e culturais, não deixará de sentir pena dessa gente. Eles não dão nem para a saída.

Mas como vivemos em Deus e no mundo de Deus, temos uma beleza que supera a das flores. Se Deus enfeita a erva do campo, que nasce e morre num dia para logo ser queimada como combustível ou lixo, "quanto mais [não fará] a vós outros, homens de pequena fé" (6:30). Aqui Jesus usa um termo que talvez ele mesmo tenha cunhado: *oligopistoi*, traduzido como "homens de pequena fé", mas, literalmente, "os fé-pequena". Ocorre dez vezes em cinco versículos dos Evangelhos. Parece ter sido um apelido que ele inventou como forma de repreender delicadamente os seus aprendizes pela sua falta de confiança em Deus e nele mesmo. A fé que vê os homens no Reino no Meio de Nós os vê também como seres radiantes de valor eterno. E é claro que no final, "Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então vós também sereis manifestados com ele, em glória" (Cl 3:4).

Os povos ignorantes de Deus - os *ethne*, ou "nações", que, como já vimos, oram com mecânica inexpressividade - vivem para comer, beber e vestir-se. "Porque os *gentios* é que procuram todas estas cousas" — e as suas se enchem, conseqüentemente, de raiva, depressão e ansiedade, sempre preocupadas com a comida e a aparência pessoal.

Por outro lado, aqueles que compreendem Jesus e Deus Pai sabem que a sua provisão está garantida. Sua confiança foi confirmada pela experiência. Embora trabalhem, não se preocupam com as coisas "sobre a terra". Antes, estão sempre "buscando primeiro o reino". Seguem a exortação de Mt 6:33: "buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça [*dikaiousune*], e todas estas cousas vos serão acrescentadas". Quem age assim, logo percebe que realmente não precisa se preocupar com "estas cousas". A referência a buscar ter a *justiça* do Pai vincula a análise da reputação e dos tesouros aos versículos culminantes do capítulo 5 e à exortação a que nos tornemos "filhos do [...] Pai celeste" e "perfeitos como perfeito é o [...] Pai celeste" (5:45, 48). Nos dois casos a referência é ao caráter do amor divino, que só os membros da família de Deus possuem de fato. Esse é o fio de ouro que atravessa toda a análise que faz Jesus da vida no reino com o intuito de corrigir a nossa visão e nos dar esperança.

Jesus então conclui essa seção do seu discurso (Mt 6:19-34) com outro roque de humor: "Não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal" (6:34).

Não sem razão, quando depositamos a nossa confiança em coisas que estão absolutamente fora do alcance de riscos e ameaças — e quando sabemos por fontes fidedignas, inclusive pela nossa própria experiência, que essas coisas *realmente* estão lá —, então constatamos que toda ansiedade é infundada e fora de propósito. Só a sentimos como resquício de maus hábitos que se arraigaram quando esperávamos em coisas obviamente pouco confiáveis - como a aprovação dos homens e as riquezas. Agora a nossa estratégia deve ser de resoluta rejeição da preocupação; devemos, sim, nos concentrar no futuro com esperança e oração, e no passado com gratidão. Paulo, mais uma vez, sintetizou bem essa idéia: "Não andeis ansiosos de cousa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus" (Fp 4:6-7). E claro que tudo isso nos será muito mais fácil depois que nos tivermos libertado da velha dependência da opinião dos outros e do nosso "tesouro"

"NO MUNDO PASSAIS POR AFLIÇÕES"

Observamos acima que quem não valoriza os bens terrenos precisa estar preparado para ser tratado como louco. Isso também acontece quando escapamos das ilusões da respeitabilidade e deixamos de ser controlados pelas opiniões dos outros, embora continuemos a respeitá-los no amor. Afinal de contas, entre as "Bem-aventuranças" do mundo estão: "Bem-aventurados vós os ricos" e "Bem-aventurados sois quando todos vos louvarem" (Lc 6:24-26).

Assim Jesus disse aos seus alunos que o "mundo" os odiaria (Jo 15:19). Tenho certeza de que eles devem ter ficado bem chocados com isso, como ficaram diante da rejeição e assassinato do seu mestre pelo "sistema" da época. O "mundo" (*kosmos*), segundo o uso comum dessa palavra no Novo Testamento, não se refere ao planeta Terra e à realidade física, mas ao desenvolvimento histórico da organização das capacidades humanas naturais nas estruturas sociais e culturais em que todos devemos viver. Não se refere às pessoas em si. É claro que Jesus era muito amado por

multidões de pessoas, como também o foram os seus seguidores imediatos e posteriores. Mas assim mesmo foram assassinados. E isso não é raro hoje.

A Holanda do século XVI proscreeu os menonitas que, quando apanhados, muitas vezes eram executados. Um deles, Dirk Willens, estava sendo perseguido num campo de gelo quando o seu perseguidor rompeu a crosta de gelo e caiu na água. Ouvindo os gritos de socorro, Willens voltou e o salvou das águas. O perseguidor ficou grato e surpreso diante desse ato, mas assim mesmo o prendeu, como julgava ser o seu dever. Poucos dias depois Willens foi queimado na fogueira na cidade de Asperen. Foi justamente o fato de ele ter imitado a Cristo que provocou a sua execução.⁷

Portanto, é importante deixar claro, ao chegar ao final deste capítulo, que aquele que se reveste do caráter do Autor da vida não está isento dos problemas habituais da vida, e além deles terá os problemas que procedem da "não conformidade" e de ser incapaz de concordar com a ordem mundial, nova ou antiga. Isso, não raro, significará morte, prisão, exclusão da economia ou do sistema educacional, etc. Todas essas coisas aconteceram seguidamente na nossa história.

De fato, diz-se hoje que mais cristãos morreram como mártires no século XX do que em todo o período que vai do início do cristianismo até 1900.⁸ O segmento "ocidental" da igreja hoje vive numa bolha de ilusão histórica acerca do significado do discipulado e do evangelho. Somos dominados pelos valores essencialmente iluministas que regem a cultura americana: busca da felicidade, irrestrita liberdade de escolha, desdém da autoridade. Os resultados são os evangelhos da prosperidade, as teologias da libertação e a confortável sensação de "saber o sentido da vida" que ilude a mente da maior parte dos devotos cristãos nos nossos círculos. Como é diferente a incisiva declaração de Tiago: "A amizade do mundo (*kosmou*) é inimiga de Deus" (Tg 4:4). E de João: "Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele" (1Jo 2:15)!

Conseqüentemente, quando falamos de libertação da dependência da reputação e das riquezas materiais, *não* estamos sugerindo um triunfalismo fácil. De fato, virão momentos em que não teremos nem amigos nem riquezas de cuja dependência precisemos nos libertar. E está precisamente aqui o ponto nevrálgico. Nessa situação não nos deixaremos perturbar. A vida é dura neste mundo, e também para os discípulos de Jesus. No seu "Discurso de Formatura", como talvez devamos denominar João 14-16, Jesus diz claramente aos seus angustiados amigos: "No mundo (*kosmou*) passais por aflições". E isso não é negado, mas transcendido, quando ele acrescenta: "Mas tende bom ânimo, eu venci o mundo" (16:33). "Muitas são as aflições do justo, mas o SENHOR de todas o livra" (Sl 34:19).

Capítulo 7

A COMUNIDADE DO AMOR EM ORAÇÃO

Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.

João 3:17

Na comunidade espiritual nunca há, de modo nenhum, qualquer relação imediata entre duas pessoas, enquanto a comunidade humana exhibe um profundo e poderoso desejo pela comunidade, pelo contato imediato com outras almas humanas, assim como na carne há o anseio premente pela união física com outra carne.

Dietrich Bonhoeffer, *Life Together*

Pedi, e dar-se-vos-á.

Mateus 7:7

NÃO CONDENEIS

Jesus contempla o cosmos e a extensão da história humana, no passado e no futuro. Diz-nos que não há necessidade de sermos ansiosos, pois existe uma vida divina, a verdadeira morada da alma, na qual podemos entrar simplesmente depositando nele a nossa fé: tornando-nos seu amigo e conspirando com ele para vencer o mal com o bem. Ele também nos mostra como podemos nos renovar nas profundezas da alma, excedendo a bondade "dos escribas e fariseus" e passando a nos sentir verdadeiramente em casa no mundo de Deus.

Nos versículos finais do Sermão do Monte, Jesus ainda nos chama a atenção para práticas e atitudes sem dúvida nenhum "humanas, demasiado humanas", mas que com certeza nos isolam da bondade e do poder que circulam no Reino no Meio de Nós.

Nos primeiros doze versículos de Mateus 7, ele aborda o modo mórbido como tentamos "administrar" ou controlar as pessoas mais próximas de nós: culpando-as, condenando-as e impondo-lhes "maravilhosas soluções" para os seus problemas. Esse é um modo seguro de nos afastarmos da *Tora*, do *Logos*, do Reino no Meio de Nós, é uma forma de tentar controlar sozinhos o nosso mundo. Catástrofes nos aguardam — grandes ou pequenas, mais cedo ou mais tarde.

Essa prática humana quase universal é o tema dos versículos 1-6, e depois dessa análise breve mas incisiva, Jesus nos mostra nos versículos 7-12 um modo verdadeiramente eficaz e gracioso de ajudar as pessoas que amamos. É o *requisitar*, o *pedir*, que evolui naturalmente à oração do reino. É um modo que realmente funciona, pois atrai as pessoas ao reino, e não à teia dos nossos ardis e planos. Cria a comunidade do amor em oração.

Outra vez, a importância crucial da seqüência correta

Ao examinar essas passagens, lembremo-nos de que já deixamos de lado a ira e o desprezo, o hábito da luxúria, da manipulação verbal, do revide e da vingança, juntamente com as ansiedades e preocupações quanto a "ter boa aparência" e acumular riquezas.

Se ainda estamos dominados pela ira, pelo desprezo e pela luxúria - se são esses sentimentos que nos mantêm vivos —, os ternos conselhos que Jesus nos dá agora simplesmente nos serão incompreensíveis. Devemos partir do ponto que o próprio Jesus escolheu — a natureza do verdadeiro bem-estar, ou "bem-aventurança" - e então acompanhar a seqüência: afastar a ira, o desprezo, a luxúria obsessiva, a manipulação e o revide, e depois abandonar a dependência da reputação humana e das riquezas materiais. Só então estaremos prontos para o que vem a seguir. Pois, na condição de Mestre do conhecimento, ele aqui aborda a realidade pessoal e moral como ela é, e de fato há uma ordem a seguir. Se não seguimos essa ordem, seguimos por nossa conta e risco.

Para a doutrina de Mt 7:1-12, essa questão da seqüência correta pode ser até mais importante do que para as outras seções do discurso. Os versículos 1-5, 6 e 7-11, tomados isoladamente - como geralmente se faz —, parecem não passar de algumas observações notáveis mas desconexas sobre isso e aquilo, coisas que Jesus falou casualmente ao final da sua preleção. Mas não são. São observações absolutamente vitais no panorama global da doutrina e sua seqüência lógica. Ilustram a textura interna da vida no reino com familiares, amigos, colegas de trabalho e com os "próximos". Ilustram a atitude do reino para com os que estão próximos de nós. Sem elas, o restante do Sermão jamais serviria como planta para edificação da "casa" da vida sobre a rocha.

Logicamente, já sabemos que a caracterização positiva da atitude do reino é o amor-caridade, e também já o analisamos com alguma profundidade. Mas esse amor é um tema inesgotável, e aqui Jesus outra vez discorre sobre ele. A abordagem aqui ainda se dá na esfera da ação, do "fazer". Mas também envolve um novo exame da atitude interior, e caracteriza essa atitude de maneira proveitosa para contextos específicos.

Examinemos o versículo 12: "Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles". Esta, claro, é a sua famosa Regra de Ouro, com que todo estudioso da moral posterior a ele teve e tem de concordar. Segundo Jesus, essa é "a lei e os profetas". Em outras palavras, isso é amor, e tudo o que Deus quer de nós está compreendido aí.

O "pois" do versículo 12 remete aos versículos 1-11, e devemos, como sempre, atentar cuidadosamente o que esse "pois" representa aqui. Essa conjunção indica que o versículo 12 resume o conteúdo que os versículos anteriores exemplificam. Na vida do reino, devemos estender aos outros o respeito que naturalmente esperamos que os outros tenham por nós. É assim que o amor se comporta, e assim se comporta ele também quando o que está em questão são os nossos relacionamentos íntimos.

Nos versículos anteriores (1 -11), o amor-caridade foi exemplificado concretamente de três maneiras:

1. Não condenar nem culpar os outros (vv. 1-5).
2. Não impor "soluções maravilhosas" aos outros (v. 6).
3. Pedir simplesmente o que queremos deles - e de Deus (vv. 7-11).

Não julgueis

Se realmente pretendemos ajudar os nossos entes queridos e aqueles que vivem próximos de nós, e se de fato queremos aprender a conviver com os familiares e com o "próximo" no poder do reino, precisamos então abandonar a prática profundamente enraizada na natureza humana de condenar e culpar. É isso que Jesus quer dizer ao exortar: "Não julgueis". Ele diz que devemos, e podemos, nos transformar em pessoas que não condenam nem culpam os outros. Se o fizermos, teremos acesso mais fácil ao poder do reino de Deus para abençoar e conduzir os outros pelos caminhos de Cristo.

Mas, ao ouvir isso, talvez nos sintamos como quando ouvimos a exortação a que abandonássemos a ira, o desprezo e a luxúria obsessiva — descrentes. Será que *realmente* podemos viver assim? Será que conseguiríamos negociar as relações humanas sem dizer às pessoas que as reprovamos e achamos que estão erradas? A condenação - de nós pelos outros e dos outros por nós — é parte tão presente da existência humana "normal" que talvez nem consigamos imaginar ou conceber como seria a vida sem ela.

Precisamos pelo menos da opção de culpar e condenar os outros quando nos parecer correto fazê-lo, não? Confiamos muito na capacidade que tem a condenação de "endireitar os outros". E se a estratégia falhar, será que ao menos não devemos deixar claro que *nós* estamos do lado certo - o que não é pouca coisa?

Mas, afinal, o que é que fazemos de fato quando condenamos alguém? Ao condenar o outro, na realidade dizemos que ele é mau, extrema e até irrecuperavelmente mau - mau como um todo, e, portanto, reprovável. Aos nossos olhos, o condenado forma entre os refugos da vida humana. Não é aceitável. Nós o *sentenciamos* à exclusão. Certamente podemos aprender a viver bem e felizes sem fazer isso.

Quem pode "corrigir" os outros

Para ser justos, temos de admitir que raramente pretendemos uma rejeição total como a definida acima, mas geralmente é esse o sentido que o ato comunica. Corrigir os outros sem denotar esse tipo de rejeição é algo que exige grande maturidade espiritual e humana. É por isso que Paulo escreveu aos gálatas: "Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o, com o espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo" (6:1).

A sabedoria que nos vem de Jesus por intermédio dessas palavras de Paulo é desconcertantemente fértil. Primeiro, não devemos corrigir a não ser que estejamos absolutamente seguros do pecado. Aqui entram em ação as palavras de 1 Coríntios 13: o amor "tudo crê, tudo espera". Se há alguma dúvida de que ocorreu o pecado, suponha que não ocorreu. Pelo menos, não se apresse em corrigi-lo.

Segundo, não é qualquer um que pode corrigir os outros. Corrigir é prerrogativa daqueles que vivem e agem segundo um poder que não é seu, mas divino. Pois esse poder é também sábio e traz consigo um amor que jamais conseguiremos igualar. Esses são os "espirituais" mencionados acima. Só a vida "espiritual" nos coloca em posição de "corrigir".

Terceiro, a "correção" a ser feita não é uma questão de "endireitar o outro". Não é uma questão de martelar o erro e repisar aquilo que vai acontecer se a pessoa não mudar de atitude. É uma questão de *restauração*. A meta no lidar com o irmão "surpreendido" em falta é encaminhá-lo de volta à vereda de Jesus e ali firmá-lo, para que continue progredindo no caráter e na vida do reino. Não se deve fazer nada que não contribua para isso.

Quarto, os que se propuserem a restaurar o seu irmão faltoso devem realizar essa obra com pleno conhecimento de que poderiam muito bem fazer a mesma coisa que a pessoa "surpreendida" fez, ou até pior. Isso elimina totalmente qualquer vestígio de hipocrisia ou superioridade, que, se estiver presente, certamente impossibilitará a restauração. Para ajudar nisso, os que se propuserem a corrigir o seu irmão devem procurar sentir o peso, o "fardo", que o faltoso sente por estar enredado no pecado.

É claro que esses ensinamentos jamais foram dados com o intuito de ser aplicados apenas a fraternidades e comunidades da igreja. São fundamentais para a vida humana porque valem para as relações mais íntimas, para as relações entre cônjuges, entre pais e filhos, entre parentes próximos e colegas de toda sorte. Em virtude da condição distorcida e invertida em que nos encontramos, é nessas relações que a familiaridade tem mais probabilidade de gerar desprezo. A maioria das famílias seria mais feliz e sadia se os seus membros tratassem uns aos outros com o respeito que dispensariam a um completo estranho.

A análise que faz C. S. Lewis do amor familiar, *storge*, é infinitamente instrutiva a esse respeito, e é leitura obrigatória para quem pretende levar uma boa vida em família.¹ Ele observa que "tem ficado impressionado muito mais com os maus modos dos pais em relação aos filhos do que dos filhos em relação aos pais".

Lewis percebe que os pais tratam seus filhos com uma "descortesia que, dirigida a qualquer outro jovem, simplesmente poria um fim à relação". São dogmáticos em relação a questões das quais os filhos entendem, e não os pais; impõem interrupções impiedosas e contradições flagrantes; ridicularizam coisas que os jovens levam a sério e fazem comentários grosseiros sobre os seus amigos. Isso explica facilmente estas indagações: "Por que eles estão sempre na rua? Por que gostam mais de qualquer outra casa do que da sua?" "Quem é que não prefere cortesia a barbarismo?", inquire Lewis.

São Domingos, que viveu no século XIII e fundou a grande Ordem Dominicana dos Pregadores dentro da Igreja Católica, ilustra belamente a ternura de Jesus. Seu irmão Paulo de Veneza, entre outros, deu testemunho disso: "Ele [Domingos] queria que a Regra [da Ordem Dominicana] fosse observada rigidamente por ele mesmo e pelos outros. Repreendia os transgressores com justiça e tamanho afeto que ninguém jamais se irritava ao ser corrigido e punido".

O Irmão Frugério também disse de Domingos: "Ele mesmo observava estritamente a Regra e queria que os outros fizessem o mesmo. Sentenciava e corrigia os transgressores com delicadeza e benevolência, de modo tal que ninguém se irritava, ainda que as penitências fossem por vezes muito severas".² Essa é a conseqüência natural de um espírito que não condena.

É muito óbvia a diferença entre esse tipo de tratamento e o tratamento humano habitual. Tribos antigas tinham o costume de às vezes proscrever ou banir um indivíduo do grupo. Os excluídos eram forçados pelos interesses da comunidade a viver nas trevas, além dos limites em que o fogo e a luz da tribo davam às coisas contornos visíveis. Esse costume, com nova roupagem, não é incomum atualmente.

Durante milênios foi a lepra o símbolo mais forte de condenação ou oclusão. A pessoa "imoral" tem também uma longa história de exclusão neste mundo, assim como a mulher divorciada. Uma das maiores lições dos Evangelhos é o modo como Jesus tratava essas pessoas: ele as aceitava, as tocava, sentava-se para comer com elas. E o fazia de maneira bem natural, por elas mesmas, não por exibicionismo ou apenas para marcar posição.

Hoje os sem-teto e os portadores de aids são, infelizmente, muitas vezes encarados como uma combinação do leproso com o imoral. Jesus com certeza faria questão também de se relacionar naturalmente com eles. Embora de sem dúvida condenasse os hipócritas e os líderes extremamente corruptos (Mt 23; Lc 11:29-54), jamais o vemos condenar outras pessoas. E devemos confiar a ele a condenação desse tipo de gente, pois pouquíssimos de nós poderiam fazer como ele faz. A ira e a condenação, como também a vingança, devem ser entregues nas seguras mãos de Deus. Não devemos crer que nos cabe condenar desde que condenemos as coisas certas. Não é tão simples assim. Posso deixar a Jesus a prerrogativa de entrar no templo e expulsar os que lucram com a religião, surrando-os com um chicote de cordas. Mas não posso confiar a mim mesmo essa tarefa.

Condenação implica ira e desprezo

Só precisamos refletir um instante para perceber o enorme poder da condenação. Penetra em regiões vulneráveis do âmago do nosso ser. É por isso que fere tanto e por isso também que a ela recorremos com tanta sofreguidão. A decisão de afastar-se dela — não condenar nem acolher condenação - é uma guinada importante na vida da pessoa. Se, como muitas vezes dizem os cristãos, somos de fato "diferentes" como seguidores de Cristo, esse é um aspecto que deveria transparecer mais nitidamente em nós. Não devemos condenar, nem devemos "acolher" a condenação a nós dirigida.

É claro que mais da metade da batalha contra a condenação se vence quando se abandona a ira e o desprezo. A condenação sempre implica algum grau de hipocrisia e de distanciamento daquele que condenamos. E a hipocrisia sempre implica um elemento de comparação e de condenação. Jesus falou daqueles "que confiavam em si mesmos por se considerarem justos, e desprezavam os outros" (Lc 18:9). A combinação não é acidental. O desprezo é geralmente um elemento importante da condenação, e quando eliminamos o desprezo da nossa alma e da nossa conduta, raramente condenamos alguém e, mesmo que o façamos, a condenação não gera os seus efeitos mais devastadores.

A ira não está tão intimamente entrelaçada à condenação quanto o desprezo, mas há de fato um vínculo estreito. Observando a ação da ira, percebemos que quase sempre leva à condenação - em parte, sem dúvida, porque a condenação é uma maneira muito cômoda de ferir profundamente as pessoas. E a ira deseja ferir. Por outro lado, a condenação alarga e aplaina o caminho até a ira, facilitando e acelerando o percurso. Encaramos o condenado como alguém que merece sofrimento ou, na melhor das hipóteses, como alguém que não é digno de proteção e respeito. O condenado, por sua vez, reage com raiva à dor da condenação. E assim a ira só faz aumentar.

É lógico, então, que, se queremos eliminar a condenação da nossa vida, temos de eliminar também a ira e o desprezo, e se já eliminamos esses dois elementos, dificilmente condenaremos. Mas condenaremos. Pois parece haver algo de justo na condenação.

De fato existe o "ministério da condenação", e ele tem uma certa "glória" (2Co 3:9). Tenho observado que muitas pessoas dignas parecem sentir uma verdadeira obrigação de condenar os outros, e em alguns casos o fazem sem ira nem desprezo, até com certo pesar e compaixão. Porém as conseqüências da condenação permanecem as mesmas. Não deixa de ser um ataque agudo, um assalto revoltante contra o condenado. Todo o bem que possa trazer para as relações humanas chega a um preço muito alto.

E muitas vezes se transforma em vergonha. A vergonha parece mais difundida e mais profunda entre as próprias pessoas que levam a retidão e a bondade mais a sério. É um aspecto da condenação que alcança as camadas mais profundas da alma humana. Envergonhados, *nós mesmos* nos condenamos por ser quem somos. Atinge a nossa identidade e provoca auto-rejeição. Sentimo-nos fracassados simplesmente por ser quem somos. Desejamos ser outra pessoa. Mas logicamente não podemos. Ficamos enredados, e mergulhamos na desesperança.

Isso explica por que a discriminação contra as pessoas em função da *espécie* de pessoas que são, da sua identidade, é tão odiosa e destrutiva. Também explica por que o evangelho do reino exerce uma influência tão transformadora na vida humana. Pois esse evangelho abre o reino a todos, independentemente da sua classificação, e possibilita que de fato nos tornemos conscientemente uma *espécie diferente* de pessoa, além de toda condenação, culpa e vergonha. Os enlutados, quando entram no reino dos céus, recebem "uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria em vez de pranto, veste de louvor em vez de espírito angustiado" (Is 61:3).

Para que não sejais julgados

A conseqüência da condenação e da imputação da culpa certamente será um contra-ataque nos mesmos termos. Os pais que reprovam o filho que usa drogas, por exemplo, logo se acharão também condenados pelo vício do café, do cigarro ou do álcool. É um exemplo clássico do que disse Jesus: Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que tiverdes medido vos medirão também" (Mt 7:1-2).

E se não for por conta dos vícios "tradicionais", será por excessos (reais ou imaginários) na alimentação, no trabalho ou em outros campos. Mas um contra-ataque virá, ainda que implique antes uma passagem através do inconsciente ou do corpo do condenado.

Se decidimos que não devemos contra-atacar, decisão muito provável num ambiente familiar, esse sentimento pode ser "varrido para baixo do tapete", de onde sairá para se manifestar nos muitos tipos de comportamento que parecem outra coisa, como por exemplo o perfeccionismo, a procrastinação, a rejeição da autoridade ou as tendências passivas/agressivas como a indolência crônica ou o constante aborto do sucesso - podendo até desaguar em sintomas físicos. Pois a condenação gera ira, e a ira *não* deixa de atacar. E isso muito provavelmente redundará em desprezo, em insultos ("Tolo"), em vergonha ou até em agressão ou violência física. E esse ataque pode se voltar (e muitas vezes se volta de fato) contra a própria pessoa, pela impressionante química da mente.

Essa reciprocidade explica por que a condenação - como estratégia de corrigir ou "ajudar" aqueles que nos são próximos ou queridos - quase sempre fracassa. Só em casos extremamente raros a pessoa condenada reagirá mudando a sua conduta. E aqueles que conseguem reagir assim muito provavelmente já são gigantes espirituais. "Repreende o sábio", diz o provérbio, "e ele te amará" (Pv 9:8). Sim, mas na maioria dos casos de condenação, o condenado não é sábio, mas uma pessoa comum, às vezes muito nova, que simplesmente se sentirá muito magoada e que, irada, buscará revidar na mesma moeda.

Algumas décadas atrás surgiu na sociedade americana algo denominado "conflito de gerações". Não existia no mundo da minha juventude, nos anos 40 e 50. Surgiu justamente por aquilo a que Jesus nos chama a atenção aqui: um fenômeno que bem poderíamos denominar "lei da reciprocidade da condenação". Artes populares, moralidade ou imoralidade sexual, desencanto com o "sistema", Guerra do Vietnã e recrutamento militar, segregação racial, o papel da educação na sociedade - tudo isso, entre outros fatores, fazia parte do "pacote".

Mas pouco importa agora o que o "provocou" e quem foi que "começou" tudo isso. O fato é que agora temos sobre os ombros, como povo, o fardo do conflito de jovens contra idosos e de idosos contra jovens, de geração contra geração. Nesse conflito entre grupos etários há uma mistura de culpa, mal-entendidos, desconfiança, condenação e até vergonha. Hoje temos nomes que, com maior ou menor intensidade, incorporam essa mistura, como "boomers", "busters" ou "xers",⁸ entre outros. E temos muitas outras formas de enquadrar as pessoas em grupos que condenam uns aos outros. Só a sincera aceitação do evangelho das "Bem-aventuranças" pode mitigar essa terrível batalha de condenações e contracondenações.

Elimine a condenação e depois ajude

Jesus nos mostra um outro modo, um modo *melhor*, de ajudar aqueles que se preocupam conosco. Diz ele: "Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu?" (Mt 7:3-4). Mas podemos questionar: como é que Jesus sabe que há uma trave no seu olho, que você tem um grave defeito de caráter que precisa ser removido? No versículo seguinte ele chega a dizer: "Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão".

Como é que ele sabe que aqueles que "julgam", no sentido de condenar os outros, são hipócritas? Será que, como todos têm algo de errado, necessariamente deve haver *algo* de errado conosco, e por isso não devemos condenar os outros até sermos perfeitos? Será que é aquele que estiver sem pecado quem deve atirar a primeira pedra? Não, nada disso. Antes, Jesus sabe o que é a condenação, sabe o que ela provoca.

A condenação é a trave no nosso olho. Ele sabe que o mero fato de estarmos condenando alguém mostra que o nosso coração não tem a justiça do reino de que ele vem falando. A condenação - especialmente com os seus acompanhamentos mais comuns: a ira, o desprezo e a hipocrisia — nos deixa cegos para a realidade da outra pessoa. Não conseguimos "ver claramente" para ajudar o nosso irmão, pois nem podemos ver o nosso irmão. E jamais saberemos ajudá-lo de fato enquanto não nos transformarmos naquele tipo de pessoa que não condena. Ponto final. "Tirar a trave" não é uma questão de corrigir algo que esteja errado em nós, para então podermos condenar melhor (ou com maior eficácia) os nossos entes queridos.

"Julgar" e discernir

Mas a alguns incomoda a idéia de deixar de "julgar" por causa de outro sentido da palavra, sentido que designa um aspecto absolutamente fundamental da vida. Jesus de modo nenhum sugere que deixemos de "julgar" nesse sentido. A palavra *krino*, uma de cujas flexões Jesus usa aqui em Mateus 7, tem como significados principais "separar, distinguir, exercer juízo a respeito de", "estimar ou avaliar".

Um dentista, por exemplo, pode examinar os dentes do paciente e dizer: "Vejo que você não tem escovado os dentes regularmente. A gengiva está com placa bacteriana e tem uma cárie aqui no lado direito inferior". Ao fazer isso, ele de fato está julgando a condição dos dentes e da gengiva do paciente e a regularidade da sua higiene bucal. Ele está discernindo, vendo e contando o que vê.

Mas normalmente não diríamos que ele está condenando o paciente, ou os seus dentes e gengivas. Está apenas avaliando as suas condições em comparação com condições outras, mais desejáveis. Esse é o trabalho dele. Logicamente ele também poderia estar condenando o paciente. Ele talvez odeie ou despreze todo aquele que não cuida direito dos *dentes*. Nesse caso o dentista estaria "banindo", "excluindo" essa pessoa. Mas isso certamente não seria normal, e consideraríamos uma conduta antiprofissional.

Para evitar condenar os outros não precisamos — nem *podemos* - abandonar a prática, perfeitamente aceitável, de distinguir e discernir as condições das coisas. *Podemos*, porém, nos habituar a cobrar responsabilidade das pessoas e discutir com elas as suas faltas — até administrar penalidades, caso, por exemplo, sejamos seus superiores — *sem no* encanto atacar o

⁸ *Grosso modo*, os termos se referem às pessoas nascidas entre 1946 e 1964 (*boomers*), antes de 1946 (*busters*) e depois de 1964 (*xers*). (N. do T.)

seu valor de seres humanos nem *rejeitá-las*. A prática inteligente do amor-caridade possibilitará isso. Lembre as palavras de Paulo e o exemplo de São Domingos, que comentamos acima.

Mas essa é, na melhor das hipóteses, uma tarefa complicada: não só porque talvez não saibamos como fazê-lo, que é a maioria dos casos, mas também porque os objetos dessa apreciação podem não saber receber a *nostra* avaliação senão como um ataque pessoal. Isso acontece muito hoje, pois vivemos numa época em que as pessoas andam desesperadas atrás de aprovação. Sem enxergar-se como seres espirituais, sem conhecer o seu lugar no bom mundo de Deus, consideram como condenação da sua pessoa qualquer *avaliação* negativa daquilo que fazem. Simplesmente não têm outro ponto de vista.

É interessante e importante observar que hoje a antiga frase - "odeie o pecado e ame o pecador" - já não é mais aceita. Se você reprova aquilo que eu faço, ou como eu faço, é idéia corrente acreditar que você *só* pode *estar* me condenando e rejeitando. Essa é outra evidência do efeito devastador do fato de a *nostra* sociedade ter perdido a idéia do eu como ser espiritual que não só tem mas é uma substância interior. "Mas se eu *sou* os meus atos", pensa-se comumente, "como então você diz que reprova os meus atos mas me ama?"

Porém é lógico que essa atitude pode ser também um artifício de que eu lanço mão para tentar induzir alguém a aprovar tudo o que faço. Então talvez eu possa gozar sem censura a minha liberdade soberana - tão cara ao espírito americano - e fazer exatamente o que quero. Ou pelo *menos* poderei repreender com veemência aquele que tentar "me impor as suas idéias". Poucas pessoas hoje conseguem defender pública ou particularmente esse artifício e ao mesmo tempo exibir com equanimidade a sua própria noção de verdade e realidade. Melhor é nem pensar, ou pelo menos ficar quieto.

Esses equívocos ocorrem hoje com tamanha facilidade que é cada vez mais importante ter bem claro para nós o que é a condenação e qual a sua relação com a noção mais básica de juízo que só implica "separar" uma coisa de outra da melhor maneira possível. Simplesmente não podemos abrir mão do discernimento, e o próprio Jesus, na segunda metade de Mateus 7, insiste justamente na necessidade de discernir - ou, nesse sentido, de "julgar". Mas precisamos abrir mão, sim, da prática de condenar as pessoas, e isso não será nem um pouco difícil desde que entendamos claramente o que é condenar, desde que já tenhamos nos livrado previamente da ira e do desprezo.

Uma família sem condenação

Tudo fica mais fácil, logicamente, se a ausência da condenação nos é apresentada e exemplificada como regra de vida. Era eu então muito criança - estava ainda no primário - quando conheci uma família maravilhosa na região do sul do Missouri, onde fui criado. Eram os VonAllman, família da minha cunhada Bertha VonAllman Willard.

Ora, acho que a minha família mesmo já era admirável, pessoas muito carinhosas e responsáveis, mas os VonAllman, chefiados pelos avós Elmer e Nora, tinham um espírito que eu mesmo desconhecia até então, e talvez jamais tenha conhecido igual. Não condenavam. Trabalhavam duro, eram honestos quase ao exagero e se desvelavam na criação dos filhos, com muita disciplina. Mas nunca vi nem senti neles o menor vestígio de condenação ou de acusação condenatória.

Entre eles, como rapidamente reparei, as crianças deviam ser ouvidas tanto quanto vistas. (Como é brutal o ditado que diz: "Crianças devem ser vistas apenas, não ouvidas".) Observando o comportamento dos seus filhos ao longo dos anos, pois cresci junto com os seus netos, notei que esse mesmo espírito de não condenação pareceu em geral prevalecer neles durante toda a sua vida.

Morei com o meu irmão mais velho, J. I. Willard, e sua mulher, Bertha, quando estava na segunda série, e mesmo depois passei uns bons *períodos* na casa deles. Foi a família VonAllman - e acima de tudo Bertha - que me mostrou ser possível levar uma vida enérgica e digna sem usar a condenação para castigar e controlar os outros.

Nem uma vez sequer em todos aqueles anos, tampouco desde então, ela me condenou ou culpou, embora motivos não faltassem. Naquela época, tantos anos atrás, eu achava que esse era "o jeito dela", Hoje sei que era o seu coração, coração que ela herdou dos seus pais e, por meio deles, de Cristo.

Para quem é criado num mundo como o nosso não é fácil conceber a possibilidade real de viver sem condenar. A influência disciplinadora de um exemplo bem claro e bem real pode ajudar muito a nos fazer entender a delicadeza da atitude de Jesus. Infelizmente não aprendi imediatamente a viver segundo o espírito da minha cunhada e sua família, e por muitos anos continuei a usar de condenação contra as pessoas mais próximas de mim. Continuei encarando a doutrina de Jesus como "leis impossíveis de cumprir".

Quando entramos numa vida de amizade com o Cristo que *está hoje* em ação no universo, inserimo-nos numa nova realidade em que a condenação é simplesmente irrelevante. Perante Deus, diz Paulo, "já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8:1). E quanto à condenação que nos podem lançar os outros, empenho-me em não acolhê-la, procurando apenas ignorá-la ou deixá-la de lado. Aprendi a meramente *observá-la*, tendo ao mesmo tempo em mente o fato de que Jesus, longe de me condenar, morreu por mim e agora mesmo está intervindo em meu nome nos céus. Isso me ajuda a evitar a contracondenação, com toda a sua dor e raiva.

"Quem é esse que me condena", pergunto, "perante Aquele que não me condena?" Percebo que não devo me angustiar com essa condenação, portanto, especialmente porque sei que ninguém me "separará do amor de Cristo" (Rm 8:33-35). E em vista disso me parece simplesmente sensato abandonar todo esse jogo de condenação.

QUANDO COISAS BOAS SE TORNAM LETAIS

De pérolas e porcos

A "engenharia da condenação", como podemos chamar esse nosso hábito, geralmente caminha de mãos dadas com outro artifício equivocadamente usado para controlar a vida daqueles a quem realmente queremos bem. É o costume de *empurrar* as coisas de Deus goela abaixo deles, quer queiram quer não, quer estejam prontos quer não. E não só coisas de Deus, mas coisas genericamente boas, como por exemplo educação ou alimentação saudável.

A própria idéia de "educação compulsória", de forçar os jovens a freqüentar a escola - exceto no caso de crianças bem pequenas, quando então se deve fazê-lo com muito jeito e delicadeza -, ilustra esse costume equivocado de empurrar coisas valiosas goela abaixo dos outros; e as conseqüências desastrosas na sociedade contemporânea confirmam exatamente a verdade daquilo que Jesus disse. E o que ele disse acabou virando um provérbio, só que infelizmente com um sentido bem distante daquilo que ele tinha em mente.

"Não deis aos cães", disse ele, "o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem" (Mt 7:6).

O sentido usual que há muito se dá a esse versículo vai diretamente de encontro ao espírito de Jesus e da sua doutrina. Essa interpretação equivocada sugere que podemos reter conosco certos tesouros maravilhosos, pérolas de verdade e solidariedade talvez. Quem sabe o próprio evangelho. Isso porque há pessoas que simplesmente não são *dignas* desses tesouros. Temos de vigiar essas pessoas. Normalmente julgamos que essa gente não vai aceitar o nosso "tesouro", ou então não vai usá-lo do jeito certo. São os "porcos" ou os "cães". E não devemos desperdiçar as nossas boas coisas com essa gente indigna ou iníqua. Assim diz a interpretação mais comum do versículo 6.

Mas é difícil imaginar algo mais contrário ao espírito de Jesus. Na realidade, segundo essa interpretação, a própria vinda de Cristo, a pérola de Deus, seria um caso de pérolas lançadas aos porcos.

Então deixemos bem claro, e de uma vez por todas, que Jesus não está dizendo que determinadas classes de pessoas devem ser encaradas como porcos ou cães. Tampouco ele está afirmando que não devemos dar coisas boas nem fazer coisas boas a pessoas que possam rejeitá-las ou usá-las de modo errado. De fato, ele prega aqui precisamente o oposto. Devemos ser como o Pai que está nos céus, que "é benigno até para com os ingratos e maus" (Lc 6:35).

O problema das pérolas aos porcos não é que os porcos não sejam dignos. O que está em jogo aqui não é absolutamente dignidade, mas utilidade. Porcos não digerem pérolas, não conseguem se alimentar delas. Da mesma forma, que faria um cão com uma Bíblia ou um crucifixo? Cachorro não come essas coisas. A razão pela qual esses animais vão acabar "voltando-se" para dilacerar você, quando você um dia se aproximar deles com outra pilha de

Bíblias ou pérolas, é que pelo menos *você* é comestível. Qualquer um que já cuidou de animais compreenderá imediatamente o que Jesus está dizendo.

Um belo exemplo disso é a nossa tentativa de corrigir e controlar os outros lançando-lhe as nossas coisas boas, muitas vezes coisas verdadeiramente preciosas — coisas que porém eles simplesmente não conseguem ingerir nem usar como alimento. É comum até nem darmos ouvidos ao que eles dizem. "Sabemos" sem ouvir. Jesus via isso acontecendo à sua volta o tempo todo, como nós também vemos hoje. E o resultado é em geral exatamente o mesmo do exemplo de porcos e cães. As nossas boas intenções fazem pouca diferença. A pessoa necessitada acaba ficando irritada e nos ataca. O importante não é o desperdício da "pérola", mas o fato de a pessoa que a recebe não ser ajudada.

Quantas vezes isso não ocorre entre pais e filhos! Ao lado da condenação — pois geralmente caminham de mãos dadas —, o contra-ataque é a principal causa do conflito de gerações. Os nossos filhos, ou os outros, já não sabem mais o que fazer com aqueles que lhes lançam as pérolas. E embora nos amem - como pai ou amigo, por exemplo —, simplesmente não agüentam mais a nossa "irrelevância agressiva", que é como encaram a nossa obstinada atitude, ou quem sabe a nossa teimosa cegueira.

Impor a religião a jovens que não vêem nela nenhum sentido é uma das principais razões pelas quais eles se "formam" na igreja, mais ou menos na mesma época em que se formam no ensino médio, para não voltar nunca mais nos próximos vinte anos - se é que voltam um dia. E com isso o conflito de gerações só faz recrudescer, pois então os mais velhos são condenados por não aceitar a recém-encontrada sabedoria dos jovens.

Francamente, muitas vezes oferecemos as nossas "pérolas" com um certo ar de superioridade que nos impede de prestar atenção àqueles que estamos tentando ajudar. Nós temos as soluções. Isso deveria bastar, não? E logo doses de desprezo, impaciência, ira e até condenação se insinuam na nossa oferta.

E a própria bondade da "pérola" pode nos fazer achar que é impossível ter uma atitude equivocada diante da pessoa que pretendemos ajudar. Pois como poderíamos lhes oferecer essas pérolas se o nosso coração não fosse reto? Infelizmente, isso é bem possível, sim. E comum. E um sinal muito bom das nossas verdadeiras intenções será o que sinceramente sentirmos quando virmos a nossa "pérola" desprezada e espezinhada ali no chão pela desinteressada pessoa que queríamos ajudar.

O mais das vezes, o que realmente fazemos com as nossas corretas condenações e com as nossas maravilhosas soluções é tirar os outros da sua responsabilidade e das mãos de Deus e tentar colocá-los sob nosso controle. A intenção original jamais foi essa, e geralmente não é o que nós mesmos, em sã consciência, tencionamos fazer. Talvez estejamos preocupados demais com aqueles a quem queremos bem. Mas, assim como já vimos lá atrás no caso de "jurar" ou fazer votos, devemos sempre respeitar os outros como seres espirituais e responsáveis somente perante Deus pelo rumo que escolheram de livre e espontânea vontade.

Deus pagou um preço terrível para nos dar a autodeterminação. É certamente algo que ele valoriza muito. Afinal, talvez seja a *única* forma de existirem os seres pessoais que ele deseja com vistas aos seus desígnios éter nos. E assim como não elevemos tentar manipular os outros com rodeios verbais de nenhuma espécie (Mt 5:37), tampouco devemos tentar empurrá-los no rumo da justiça e da bondade com as nossas condenações e as nossas "pérolas" ou coisas santas.

A serpente e a pomba

Mas que fazer então com o desejo de ajudar os outros? Nada? Isso seria inaceitável. Não é coerente com o amor verdadeiro por aqueles que estão à nossa volta. Assim santo Agostinho entendia o amor ao próximo como a exigência de que "nos empenhemos por fazer o próximo amar a Deus". Ele entendia que isso valia para a família, para os de casa portanto, e também "para todos os que estão ao nosso alcance".³ E ele está certo. Em larga medida, o que importa na nossa relação com as pessoas não é somente o que fazemos, mas como fazemos e quando. E podemos estar certos de que uma atitude de superioridade ou condenação jamais irá nos ajudar a ajudá-los.

Jesus, ao enviar os seus discípulos a ministrar o reino dos céus para suprir as necessidades dos homens, deu a seguinte instrução: "Sede [...] prudentes como as serpentes e simples como as pombas" (Mt 10:16). Esses símiles prosaicos mostram o lado positivo de uma relação com os outros que os auxilia sem condenar, que não lhes impõe coisas boas que eles simplesmente não poderão aproveitar.

Qual é a sabedoria da serpente? É ser atenta e observadora até chegar o momento certo de agir. É saber agir oportunamente. Raramente se vê uma cobra errar um bote ou perseguir a sua presa só para impressioná-la. Pois quando ataca, é rápida e precisa. Quanto à pomba, ela não maquina, é incapaz de tramar. Abomina a astúcia maliciosa. Não há nada de ardiloso nessa mansa criatura. Nesse sentido, é "inofensiva". A doutrina bíblica enfatiza muito a inocência, tanto que uma das características da criança pequena, o maior no reino, é a sua incapacidade de enganar. Nós adultos temos de ser assim também,

São virtudes que precisamos ter para caminhar no reino *com* os outros, sem tentar forçá-los a mudar o seu jeito, as suas atitudes e até o seu ser. Essas virtudes, por sua vez, são baseadas em virtudes ainda mais fundamentais, como a paciência, a fé, a esperança, a veracidade e o genuíno respeito pela liberdade e a individualidade dos outros.

A PETIÇÃO COMO ESSÊNCIA DA COMUNIDADE

A dinâmica da petição

E essas virtudes, como já vimos no caso do "oferecer a outra face", transformam radicalmente a dinâmica das relações pessoais envolvidas. O elemento mais importante na transformação é este: enquanto eu estiver condenando os meus amigos ou parentes, ou empurrando as minhas "pérolas" goela abaixo deles, o problema sou *eu*. Eles se vêem forçados a reagir a mim, e isso geralmente os leva a me "julgar" também, ou a *se voltar para me* "dilacerar", como disse Jesus.

Mas se eu recuo, conservando uma postura sensível e não-manipuladora, deixo de ser um problema para eles. Se aprendo a ouvir, eles não precisam mais se proteger de mim, e passam a ser mais abertos. É até possível que logo passem a me considerar um possível aliado, alguém com quem *eles* podem contar. Então começam a enxergar o problema como algo que eles mesmos criaram, ou até percebem que o problema são eles próprios. Como eu não estou mais tentando *forçá-los* a fazer algo, abre-se a atraente possibilidade de uma comunicação verdadeira, de um efetivo partilhar de corações. A dinâmica terapêutica da *petição* entra naturalmente em ação. E esse é o exemplo final, exemplo positivo, de como podemos ser realmente úteis aos que estão à nossa volta (7:7-11).

Quando nos colocamos no reino com essa postura, a nossa estratégia de influenciar os outros, para o bem deles e também para o nosso, passa a ser simplesmente *pedir*, pedir que mudem, e ajudá-los em tudo o que eles nos solicitarem. Extensão natural dessa dinâmica é então pedir a Deus que aja nas vidas e nos corações deles para operar mudanças. Essas mudanças, assim, certamente implicarão mais do que apenas decisões *conscientes* que eles possam tomar, superando sem dúvida o que desejamos.

Contanto que os respeitemos perante Deus, contanto que sejamos ponderados e benignos, podemos insistir nos pedidos, sempre com muita sensibilidade. Podemos continuar buscando e batendo à porta das suas vidas. Convém observar que o ensinamento sobre o pedir-buscar-bater se aplica antes de tudo ao nosso modo de abordar os outros, não à oração a Deus. Precisamos respeitá-los sem jamais esquecer que *o trinco* do coração fica lá *dentro*. Jamais poderíamos ignorar esse fato; pelo contrário, nos contentamos com isso. Podemos assim manter, com afabilidade e persistência, uma expectativa esperançosa diante deles e ao mesmo tempo diante de Deus. *Pedirá* na verdade a grande lei do mundo espiritual, por intermédio da qual as coisas se realizam em cooperação com Deus e ainda em harmonia com a liberdade e o valor de cada pessoa.

A unidade da orientação espiritual

Para compreender a doutrina de Jesus, precisamos nos dar conta de que no âmago da orientação do nosso espírito não podemos ter uma postura em relação a Deus e outra em relação às

peças. Cada um de nós é um todo, e o nosso verdadeiro caráter permeia tudo o que fazemos. Não podemos, por exemplo, amar a Deus e odiar os seres humanos. Como escreveu o apóstolo João, "Aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê" (1Jo 4:20). E: "Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor" (4:8).

Do mesmo modo, Tiago não acha conveniente que uma mesma pessoa bendiga a Deus e amaldiçoe os homens, "feitos à semelhança de Deus" (3:9). Ele também sugere que a humildade perante Deus e a humildade perante os outros caminham juntas. Quem é humilde perante Deus não "julga" os seus irmãos e irmãs (4:6-12).

Nos ensinamentos de Jesus sobre o perdão, e sobre perdão e oração, vemos o mesmo argumento fundamental da necessária unidade da orientação espiritual. "Se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas" (Mt 6:14-15). O mesmo vale para a confissão de Jesus, a importância de não se envergonhar dele: "Qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos" (Mc 8:38).

Quanto à oração, diz Jesus explicitamente: "Quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas" (Mc 11:25). Perdoar é um caso especial de doar, e aquele que não perdoa não vive na esfera e realidade espiritual da doação, onde as orações são atendidas.

A vida no reino de Deus não é algo que *fazemos*, como investir em ações em aprender espanhol, que nos possibilita conservar o controle sobre a nossa própria vida e *usar* o reino para os nossos próprios fins. Precisamos submeter a Deus a realidade mais íntima do nosso ser, aquela expressa em Jesus e no seu reino. Não podemos "usá-lo" sonhando-lhe o nosso eu mais íntimo. Há poucas ruas de uma só mão no reino: por exemplo, Deus me perdoa mas eu não perdôo, Jesus me professa a sua amizade mas eu não o confesso perante os meus irmãos pecadores, etc. Precisamos ter isso tudo muito claro ao ponderar a doutrina de Jesus sobre o poder da *petição*, como ela funciona entre os homens e entre nós e Deus.

Quando *peço* que alguém faça, ou seja ou dê alguma coisa, coloco-me *ao lado* dessa pessoa na esfera de uma coerção sem força nem necessidade. Ficamos juntos. A petição une, pois é de sua natureza unir. A exigência, por outro lado, imediatamente separa. É esse "clima" peculiar de união que caracteriza o reino e é, na verdade, o ambiente para o qual os homens foram criados, propício ao seu progresso.

Ensinamos os nossos filhos a dizer "por favor" e "obrigado". Isso se considera uma questão de respeito, e com razão. Mas é também uma forma de conseguir o que queremos ou precisamos. É uma estratégia, porém, que demanda respeito à liberdade da pessoa à qual fazemos o pedido. No próprio ato de pedir, na própria natureza da *petição*, reconhecemos que o outro pode dizer não, e, "símplices como as pombas", aceitamos essa resposta. Não decidimos castigá-lo por ter dito não. No entanto pedimos, e devemos pedir, e sem dúvida na grande maioria dos casos ele não diz não. "Pedi", garante Jesus, "e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á." É assim que devemos nos relacionar com os outros. E esse é o intuito dessa passagem tão citada.

Como escreveu Emily Dickinson,
A alma elege sua companhia,
Depois a porta fecha;
A sua divina maioria
Então não abre mais brecha.⁴

O continuum da oração

Como é bonito ver relacionamentos nos quais pedir e receber se transformam numa maneira alegre e amorosa de viver. Muitas vezes pessoas que se tratam com carinho vivem tentando, a sério ou por brincadeira, superar umas às outras na doação. É assim que os relacionamentos deveriam ser. É claro que não podemos jamais eliminar do relacionamento a petição. Convém manter um equilíbrio, pois dar não é o mesmo que impor. É por isso que Deus não nos dá simplesmente aquilo que precisamos; pedir é fundamental. A oração é nada mais que uma

maneira adequada de as pessoas se relacionarem. Assim Jesus em Mt 7:7-11, depois de falar dos pedidos que devemos fazer uns aos outros, passa naturalmente a falar dos pedidos que devemos fazer ao Pai que está nos céus. Esses dois relacionamentos, segundo nos mostra claramente a sua pregação, estão sobre uma mesma linha contínua.

"Qual dentre vós", pergunta Jesus, "é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra?" (7:9). Ele aqui simplesmente mergulha nos meandros do coração humano. E na verdade é possível que algum monstro cometa tal crueldade, ou até coloque uma cobra na mão de uma criança que lhe tenha pedido um peixe (v. 10). Mas isso não diminui a verdade de que o próprio ato de pedir põe em ação um poder que geralmente assegura o resultado desejado. Qualquer exceção não faria senão confirmar a regra.

O poder de pedir é tão grande que deixa muita gente constrangida. Você por acaso não conhece ninguém que faz de tudo para evitar uma pessoa que venha lhe pedir algo? Mesmo uma pessoa que ele não conhece e que jamais vá encontrar outra vez. Mas ele não quer sentir o poder da *petição*. Quem é que gosta de comer um sanduíche na frente do cachorro de estimação?

Pouco importa que seja o seu sanduíche favorito, que você preparou com tanto carinho para um momento de lazer com um livro num lugar silencioso e agradável - aí estão os olhos, o focinho, quem sabe a pata já no seu joelho. Você sabe bem o final, pois vê-se diante de uma força fundamental do universo.

Nos nossos relacionamentos íntimos e sociais, a petição é por si mesma geralmente bastante para provocar o resultado desejado, a menos naqueles relacionamentos e relações sociais já prejudicados por incidentes do passado, nos quais as pessoas envolvidas estejam ainda muito magoadas. E às vezes há bons motivos para que o pedido não seja atendido. Mas essa situação é, de longe, a menos comum.

Essas realidades da petição são fatos que todos nós observamos. Jesus as utiliza com o intuito de nos ajudar a compreender o poder da oração a Deus, que são os pedidos que fazemos ao Pai. "Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará boas cousas aos que lhe pedirem?" (7:11).

E aqui, finalmente, está a resposta fundamental à premente necessidade que todos sentimos de influenciar os outros de uma maneira positiva. Essa resposta é a oração, pedir a Deus. Esse é o meio que nos assegura de que o bem que podemos fazer pelos outros efetivamente pode ser feito. *A fé em Deus é o único fator que possibilita tratar os outros como devem ser tratados*. Por isso precisamos ler atentamente, outra vez, o "pois" de Jesus. Depois de afirmar claramente o poder da oração de alcançar os bons propósitos que desejamos, diz Jesus: "Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles". Ou seja, *porque* o poder da petição e da oração é o que é, trate os outros como você gostaria de ser tratado. "Porque esta é a lei e os profetas" (7:12).

A origem das disputas e das brigas

Vemos em Tiago 4 outra perspectiva da harmonia comunitária que nos traz o poder da oração. Ali a oração é vista como a alternativa a contender com os outros pelo que queremos. "De onde procedem guerras e contendas, que há entre vós?", pergunta Tiago. É aos cristãos que ele está falando. O próprio Tiago responde: "De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne? Cobiçais, e nada tendes; matais e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras" (vv. 1-2).

Mas o que fazer então? Pedir. Essa é a solução para a competição. Devemos nos voltar para Deus e pedir o que é bom, não apenas o que queremos. Devemos orar pelo sucesso dos outros. "Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres" (v. 3). Esse modo de encarar a vida é um equívoco.

Precisamos amar o próximo como a nós mesmos, tratá-lo como queremos ser tratados. Quem recebe a boa nova do reino consegue agir assim, pois ela varre para longe a privação e os relacionamentos competitivos. Então, em ato e em oração trabalharemos também pelo bem dos outros, não só pelo nosso bem. A vida de oração nos aponta o caminho rumo àquilo que precisamos e concilia os desejos de todos os membros do grupo. Como vivemos no reino dos céus, nos vemos livres dos desejos obsessivos que nos desviam daquilo que é realmente bom. Em muitos aspectos, é a vida de oração que abre um espaço no qual todos podem viver.⁵

O Mediador da comunidade de amor

Assim o ensinamento de Jesus sobre o pedir, sobre a *petição*, nos leva ao âmago da nossa vida de união no reino de Deus na terra. Essa vida se apresenta tanto na sua dimensão horizontal (humana) quanto vertical (divina). Compreender isso revoluciona totalmente o modo como lidamos com os nossos familiares, com os outros cristãos e com os nossos irmãos na terra, no reino ou fora dele.

Numa longa seção do seu indispensável livro *Life Together*, Dietrich Bonhoeffer faz uma admirável caracterização da comunidade do amor em oração. Dali tirei a epígrafe da abertura deste capítulo. Nesse texto ele sublinha que na comunidade espiritual nunca há uma relação *imediate* entre seres humanos.

Outra forma de expressar essa idéia é dizer que entre aqueles que vivem como aprendizes de Jesus não há relacionamentos que omitam a presença e a ação de Jesus. Nunca nos relacionamos no "mano a mano"; todos os relacionamentos são mediados por ele. Nunca penso simplesmente naquilo que vou fazer com você, a você ou por você. Igualmente, nunca penso no que você vai fazer comigo, a mim ou por mim, mas no que você e Jesus farão comigo, a mim ou por mim.

As idéias e o estilo de Bonhoeffer são tão vigorosos nesse particular que seria um erro não recorrer às próprias palavras dele:

Como a comunidade cristã se acha exclusivamente em Jesus Cristo, pertence a uma realidade espiritual, e não a uma realidade psíquica [meramente humana]. Nisso ela difere absolutamente de todas as outras comunidades... A fraternidade humana não é um ideal que precisamos realizar; é antes uma realidade criada por Deus em Cristo, realidade da qual podemos participar. Quanto mais claramente reconhecermos que o fundamento, a força e a promessa de toda a nossa fraternidade se acham exclusivamente em Jesus Cristo, com mais serenidade conceberemos a nossa fraternidade, e por ela iremos orar e esperar.⁶

Segundo Bonhoeffer, a virtude do amor na comunidade que vive em oração é radicalmente diferente da forma mais elevada de amores humanos.

O amor humano é dirigido à outra pessoa por causa dela mesma, mas o amor espiritual a ama por causa de Cristo. Portanto, o amor humano busca contato direto com a outra pessoa; ele a ama não como uma pessoa livre, mas faz dela sua prisioneira... Deseja ser irresistível, quer dominar. O amor humano tem pouco respeito pela verdade. Relativiza a verdade, pois nada, nem mesmo a verdade, deve interferir entre ele e a pessoa amada.

A verdade deve dar lugar ao desejo, que dirige a comunidade psíquica. No reino do amor, pelo contrário,

Jesus Cristo está entre o amante e os outros que este ama... Como Cristo está entre mim e os outros, nem pode passar pela minha cabeça dirigir a fraternidade com eles. Assim como só Cristo me traz palavras de salvação, também os outros só podem ser salvos pelo próprio Cristo. Isso significa que devo libertar a outra pessoa, devo me abster de qualquer tentativa de controlar, coagir e dominar essa pessoa com o meu amor... Assim, esse amor espiritual mais falará a Cristo sobre um irmão do que a um irmão sobre Cristo. Sabe esse amor que a maneira mais direta de alcançar os outros é sempre pela oração a Cristo, e que o amor pelos outros depende totalmente da verdade em Cristo.

Riso e redenção

Essas palavras captam perfeitamente o significado e o desígnio dos ensinamentos de Jesus em Mt 7:1-12. Em vez de importunar as pessoas próximas de nós com os nossos juízos e tesouros, nos apresentamos diante delas com pedidos desarmados; ao mesmo tempo, nos colocamos diante do Rei sábio e poderoso, entregando-lhe os nossos pedidos pelos outros. Só precisamos acrescentar uma observação sobre como a nossa humanidade entra na comunidade espiritual do

amor "indireto". Isso Bonhoeffer também compreendeu muito bem. Todos os relacionamentos naturais da vida — com a família, os colegas de escola e de trabalho, os vizinhos e até as pessoas das esferas política, artística e intelectual - são muito bons em si mesmos, quando compreendidos corretamente. Também eles são essenciais à vida de união no reino. Não existe espiritualidade humana separada desses relacionamentos. Precisamos buscar *neles* a nossa espiritualidade.

Portanto, relacionamentos puramente "espirituais" com os outros seriam na melhor das hipóteses perigosos, pois são inerentemente falsos para a condição humana. Essa condição é de labuta, glória, pó e morte. É condição de constante incongruência entre os sonhos e a dignidade humana, de um lado, e as realidades humanas, de outro. Somos seres encarnados e finitos atravessando nuvens de ambição e rota incompletitude. Quando a nossa "espiritualidade" se desliga dos ambientes e relacionamentos naturais, que *sempre* estão à nossa volta, um dos principais sintomas é a perda da capacidade de sorrir.

O riso é a reação humana natural à incongruência, e a incongruência jamais está ausente do drama humano, por mais avançados que estejamos no reino. O riso está gravado indelevelmente na nossa finitude. Sempre haverá muito riso no céu, disso você pode estar certo, e também muita alegria, pois a nossa finitude é eterna. Imagine uma eternidade em que ninguém ri!

E convém notar que uma das coisas que desaparece quando importunamos os outros com as nossas condenações, censuras e "pérolas" é precisamente o riso. Ficamos insuportavelmente sisudos. Mas o riso genuinamente partilhado é uma das formas mais seguras de unir os homens e de superar os impasses da vida. É essencial à comunidade genuína.

Não é de admirar, então, que o riso faça tão bem à saúde. É de fato símbolo de redenção, pois não há em toda a criação incongruência maior que a redenção. Quando vem a libertação, "ficamos como quem sonha. Então a nossa boca se encheu de riso, e a nossa língua de júbilo" (Sl 126:1-2).

Assim Abraão caiu com o rosto em terra, rindo, quando Deus lhe disse que ele, homem já centenário, teria um filho com uma mulher de noventa anos, Sara (Gn 17:17). Mais tarde a própria Sara riu-se da mesma "piada" (18:12-15). Deus disse ainda a Abraão que o filho da promessa se chamaria "Riso". *Isaque* significa "Riso". "Sara, tua mulher, te dará um filho, e lhe chamarás Isaque [Riso]: estabelecerei com ele a minha aliança" (Gn 17:19). Será que isso foi um *castigo* pelo fato de os dois terem rido? Duvido. Antes, foi uma lembrança perpétua de que Deus é fiel. Quanta alegria eles não tiveram quando chegou o pequenino Riso, quanta alegria ao vê-lo crescer e se tornar rapaz!

Já comentamos várias vezes que a imagem atualmente aceita de Jesus simplesmente torna impossível achá-lo interessante, fascinante, digno de amor. Mas a reação das pessoas comuns a ele ao longo das páginas do evangelho mostra o quanto é falsa essa imagem. Ele era pessoa tão fascinante e orador tão competente que, do ponto de vista humano, os líderes da época o mataram por inveja da sua popularidade (Mt 27:18). Era também um mestre do humor e muitas vezes o usava para exprimir com clareza as verdades que dizia, como aliás qualquer bom orador.⁷ Mas poucos hoje o colocariam na lista de convidados de uma festa - se é que seria de fato uma *festa*. Assim como não consideramos Jesus inteligente, também não o achamos uma companhia agradável, alguém com que se gosta de estar. É de espantar que as pessoas não queiram ser seus alunos?

A ORAÇÃO NO DRAMA CÓSMICO

De não conseguirmos o que pedimos

Mas a *petição*, embora poderosa, nem sempre nos traz o que temos em mente ao fazê-la. Isso vale para quando a fazemos a outro ser humano e também para quando a dirigimos a Deus na forma de oração. E nada poderia haver de mais adequado. Uma grande vantagem do pedido e da oração é o fato de não serem mecanismos infalíveis. Pois, em virtude da nossa finitude humana, somos todos limitados em conhecimento, em poder, em amor e em capacidade de comunicação. Porém precisamos agir. Precisamos seguir adiante. Mesmo desconsiderando a má vontade, não é de admirar que não façamos (ou muitas vezes não possamos fazer) aquilo que se pede de nós; também não é de admirar que não obtenhamos o que pedimos.

Não sabemos o bastante, e os nossos desejos não são perfeitos o bastante para que com certeza recebamos tudo o que queremos e pedimos. Nada mais simples. C. S. Lewis exprime admiravelmente bem a sensatez dessa idéia:

As orações nem sempre são... "atendidas". Não porque a oração seja uma espécie fraca de causalidade, mas justo porque é uma espécie forte. Quando "funciona", funciona alheia as limitações de tempo e espaço. É por isso que Deus retém o poder discricionário de atendê-la ou não. Não fosse assim, a oração nos destruiria. Não é insensato que um diretor de escola diga: "Tais e tais coisas você pode fazer segundo as regras estabelecidas desta escola. Mas essas outras coisas são perigosas demais para ficar sob regras gerais. Se você quiser fazê-las, deve vir fazer-me um pedido e discutir detalhadamente a questão comigo no meu gabinete. Depois... veremos."⁸

Os seres humanos têm dois tipos diferentes de causação, como sublinha Lewis. Um deles fica totalmente sob nosso controle, ao contrário do outro, operado via *petição*. Se você tem ervas daninhas no jardim, ou se o pneu do seu carro está furado, é melhor não orar apenas para que as ervas daninhas morram ou para que o pneu se conserte sozinho. É lógico que você pode pedir para outra pessoa cuidar disso. E ela pode ou não se recusar a fazê-lo. Mas o melhor é que você mesmo arranque as ervas daninhas ou conserte o pneu, se puder. Afinal, esse é o seu domínio por natureza e por decreto divino. Se porém um amigo seu está viciado em heroína, ou perdido nas selvas dos modismos intelectuais, então independentemente do quanto você possa fazer para ajudá-lo, seria também bom orar. Não apenas porque consertá-lo" está além das suas forças, mas porque é bom que esteja além das suas forças.

Profundamente iluminador a respeito da natureza da vida humana e sua redenção é o fato de que, quando Jesus soube que Pedro iria negá-lo, ele se absteve de simplesmente "consertá-lo" para que não fizesse essa coisa terrível. Jesus sem dúvida tinha poderes para tal. Mas isso não teria ajudado Pedro a ser a pessoa que ele precisava ser. Por isso Jesus disse a Pedro, com tristeza talvez, mas com grande confiança no Pai: "Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos" (Lc 22:32).

Acho que talvez não haja nenhum outro episódio em toda a Bíblia que ilustre tão veementemente a comunidade do amor em oração quanto a resposta de Jesus a Pedro. Jesus ansiava sinceramente — e muito — que Pedro se saísse bem na hora da sua provação. Mas lhe deu liberdade para vencer ou fracassar perante Deus e os homens — aliás, perante toda a história humana subsequente. Não o condenou, não o humilhou, não lhe lançou "pérolas de sabedoria". Nem usou poderes sobrenaturais para "reprogramar" a sua alma ou o seu cérebro. Disse apenas: "Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça". E isso corresponde perfeitamente a Mt 7:1-11. É o belo modelo de Jesus que devemos colocar em prática nos nossos relacionamentos. Buscando uma melhor compreensão da oração Essa, então, é a comunidade do amor em oração à qual Jesus nos leva no seu reino O seu centro, logicamente, é a oração, e há várias questões relativas à oração e sobre como orar que precisamos discutir antes de deixar o Sermão do Monte. Vale também lembrar que adiamos a análise da Oração do Senhor segundo Mateus 6, mas logo voltaremos a ela para incorporá-la na nossa prática da vida no reino. Essa oração permanece para sempre no âmago da vida e da comunidade terrena dos discípulos de Cristo.

Esperamos que os poucos pontos necessários que abordaremos aqui sejam úteis e sirvam, na prática, para abrir caminho rumo a uma vivência mais profunda de uma vida de petição. A oração, como todas as práticas que Jesus nos ensina pela sua palavra e exemplo, será autocorroboradora para todo aquele que simplesmente orar como ele prescreve, sem desanimar.⁹ Será muito mais difícil aprender se sucumbirmos à tentação de realizar esforços "heróicos" na oração. Isso é importante. Em geral o heroísmo não tem vez na vida espiritual, pelo menos até alcançarmos o estágio em que o próprio conceito de heroísmo já não faça sentido.

Há, claro, pessoas que oram heroicamente, e devemos respeitá-las naquilo que Deus as chamou a fazer. Basta pensar em gente como Rees Howells ou John "Oração" Hyde.¹⁰ Mas nesse caso trata-se de uma vocação especial, coisa para bem poucos. Ter essa vocação como o ideal da nossa vida de oração acarreta assumir um fardo desnecessário de culpa, e, muito provavelmente, equivale a escolher uma estratégia que nos fará abandonar a oração como aspecto realista e onipresente da vida no reino. Talvez sobrevenham períodos heróicos, conforme a necessidade,

mas sem intenção de heroísmo. Nunca passamos de simples crianças caminhando e conversando com o Pai que sentimos tão próximo.

Oração é basicamente petição

Tratemos agora de alguns pontos em que muitas vezes nota-se um bloqueio no avanço da oração do reino. O primeiro deles é compreender uma questão central: o que é afinal oração? A noção de oração que nasce da vida e ministério de Jesus nos Evangelhos é bem clara: é a de pedir, solicitar coisas a Deus.

Os textos relevantes — a própria Oração do Senhor, por exemplo — não deixam dúvida acerca disso, como veremos, e isso é coerente com o restante do Novo Testamento e com a Bíblia como um todo. Confira, por exemplo, a oração e a noção de oração em 1 Rs 8:22-56. No entanto, a muitas pessoas essa noção não agrada, especialmente pela idéia de que estaríamos pedindo a Deus coisas que *nós* queremos.

Certa vez, depois de uma palestra, um casal muito simpático me deu uma carona até o aeroporto, situado a algumas horas dali. No trajeto, a conversa recaiu sobre as dificuldades que seu filho vinha enfrentando nos negócios. Perguntei se estavam orando pelo problema e qual era a sua vivência na oração. Ficaram espantados. "Devemos mesmo orar pelo negócio do nosso filho?", perguntaram. Acho que teriam orado sem muita cerimônia pela saúde ou pela salvação do rapaz. Mas pelos negócios? Especialmente por negócios em que eles tinham interesse pessoal? Isso lhes parecia totalmente fora de questão.

Havia um forte elemento de verdade, e certa benevolência também, por trás daquele constrangimento. Orar jamais é *apenas* pedir, nem é *meramente* uma questão de pedir aquilo que quero. Deus não é nenhum mordomo cósmico, muito menos um quebra-galho, e o objetivo do universo não é satisfazer os meus desejos e necessidades. Por outro lado, devo orar por aquilo que me diz respeito. De fato, muitas pessoas acabaram considerando a oração impossível por pensar que só deveriam orar por necessidades maravilhosas mas remotas, nas quais na verdade tinham pouco ou nenhum interesse, e as quais muitas vezes nem conheciam.

A oração simplesmente *morre* quando oramos por "boas coisas" que, verdade seja dita, não nos interessam. A maneira de orar sinceramente por essas coisas é começar orando por aquilo em que de fato temos interesse. O círculo dos nossos interesses irá inevitavelmente crescer na vastidão do amor de Deus.

O que a oração-petição pressupõe é simplesmente uma relação pessoal - ou seja, sensivelmente interativa - entre nós e Deus, como no caso do pedido que os filhos fazem aos pais, ou os amigos uns aos outros. Subentende-se que os nossos interesses naturais serão naturalmente expressos, e que Deus dará ouvidos às orações que fizermos por nós mesmos e também pelos outros. Vale ressaltar que isso fica claro diante das orações que encontramos na Bíblia, especialmente no maior de todos os livros de orações, Salmos.¹¹

Portanto, creio que a definição mais apropriada de oração é simplesmente: "Conversar com Deus sobre o que estamos fazendo juntos". Assim, concentramos imediatamente a atividade no ponto onde nos encontramos, mas ao mesmo tempo expulsamos daí o egoísmo. É natural que se façam petições no curso dessa conversa. Orar é explicitamente dividir com Deus os meus interesses a respeito daquilo em que ele também está interessado na minha vida. E logicamente ele se interessa pelos meus interesses e, em particular, quer que os meus interesses coincidam com os dele. Isso é caminhar juntos. É assim que eu oro.

Outros aspectos válidos de uma vida de oração

Ocorre que, muitas vezes, ao analisar a oração, a confundimos com outros aspectos válidos de uma vida em que a oração exerce algum papel. E isso não é proveitoso. Na verdade, essa confusão pode substituir ou até omitir a oração. Podemos confundir a oração com estados ou atividades especiais que, embora tenham certa importância, simplesmente não são oração. Assim, pessoas bem-intencionadas acabam não orando sem sequer ter ciência disso. O que fazem é bom. Só que não é oração, e não traz os resultados da oração. Já constatei isso muitas vezes, até em congregações inteiras, e o mal que causa à nossa vida e à nossa confiança em Deus é muito grande.

Portanto, importa ponderar com desvelo, por exemplo, que apenas conversar com Deus não é oração, embora orar seja conversar com Deus. E louvor não é oração, embora seja um *exercício* magnífico, e pouco faremos orando, a menos que o nosso coração esteja cheio de louvor. De fato, para qualquer um que tenha genuíno conhecimento de Deus, o louvor é a única atitude correta diante da vida. É a única atitude sensata.

Só uma vívida certeza da grandeza e da bondade de Deus pode lançar os fundamentos da vida de oração, e tal certeza certamente se expressará em louvor. O grandioso "capítulo da fé" do Novo Testamento, Hebreus 11, nos diz em palavras simples: "Aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam" (v. 6). O louvor é o fruto inevitável no coração da pessoa que assim conhece a Deus e que realmente vive em relação com ele.

A ação de graças é também um acompanhamento inevitável de qualquer oração verdadeira. O propósito não é manipular a Deus, não é levá-lo a pensar que estamos gratos e que ele, portanto, deve nos dar mais. Essa idéia infeliz chega a ser ridícula, claro, mas muitas pessoas lhe dão guarida ou até tentam colocá-la em prática. No entanto, a oração à maneira de Jesus trará resultados incríveis, e a ação de graças passará então a ser um tema constante, pois essa é a realidade do nosso relacionamento com Deus. A ação de graças anda de mãos dadas com o louvor. Somos realmente gratos quando sabemos que vivemos debaixo das provisões da generosa mão de Deus.

Por isso Paulo disse aos filipenses: "Não andeis ansiosos de cousa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus" (4:6-7).

Portanto, a oração é uma atividade completa, incorporando muitos elementos essenciais ao relacionamento entre duas pessoas — pessoas diferentes e relacionadas umas com as outras como o Pai se relaciona com os seus filhos na terra. Mas, não obstante, o *cerne* da oração é a petição.

Será que podemos fazer Deus mudar de idéia?

E a "resposta" de Deus às nossas orações não é uma charada. Ele não finge que está atendendo a nossa oração quando na verdade está apenas fazendo o que já faria de qualquer modo. As nossas petições realmente influenciam aquilo que Deus faz ou deixa de fazer. A idéia de que tudo aconteceria exatamente como acontece independentemente de orarmos ou não é um espectro que assombra as mentes de muitos que sinceramente professam a crença em Deus. Isso impossibilita psicologicamente a oração, substituindo-a na melhor das hipóteses por um ritual vazio. E é claro que Deus não reage a rituais vazios. Você também não o faria.

Suponha que os seus filhos acreditem que você jamais muda o seu modo de agir em função dos pedidos deles. Você, digamos, lhes dá dinheiro sexta-feira à noite independentemente de eles pedirem ou não. Mas suponha que eles também acreditem que você exige o ritual do pedido. Por isso eles pedem. Na sexta à noite eles chegam e lhe pedem algum dinheiro para o final de semana. Eles o fazem mesmo crendo que você lhes dará ou não o dinheiro independentemente daquilo que façam, e crendo também que você sabe que eles acreditam nisso. Essa, infelizmente, é a idéia que algumas pessoas fazem da oração.

É claro que não é essa a idéia bíblica de oração, nem é a idéia das pessoas para quem a oração é parte essencial da vida. Eu mesmo mudei de idéia a respeito dessas questões, penetrando nos ensinamentos de Jesus sobre a oração, por causa de dois episódios do Antigo Testamento. Pois também eu fui criado segundo uma teologia que fazia de Deus um imenso e arregalado olhar cósmico, que precisa saber tudo, quer queira quer não, e que jamais, nem mesmo nos aspectos mais insignificantes, muda de idéia a respeito do que vai fazer.

O primeiro episódio veio como consequência da rebelião dos israelitas enquanto Moisés estava na montanha recebendo pela primeira vez as tábuas dos Dez mandamentos. Eles haviam feito um ídolo e o adoravam, os corações voltados para o Egito, os corpos entregues a uma completa orgia. Deus então diz a Moisés que pretende destruí-los a todos e edificar uma nova nação a partir apenas de Moisés (Êx 32:10).

A resposta de Moisés a Deus é uma das passagens mais instrutivas sobre a oração em toda a Bíblia (vv. 12-14). Primeiro, repare que Moisés *argumenta* com Deus, perguntando-lhe por que o próprio Deus se deixaria derrotar nos desígnios que concebeu para o povo que tirara do Egito. Não era Deus capaz de levar a cabo o seu plano? E os egípcios, salientou também Moisés, certamente diriam que Deus os tirou do Egito com a intenção de destruí-los no deserto. Seria esse um Deus bom, um Deus grandioso? perguntariam eles. E depois havia a questão das promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó. Aquele povo rebelde, prestes a ser destruído, era a descendência deles. Determinados compromissos foram firmados com eles a respeito dos seus descendentes. Acaso a destruição desses descendentes seria compatível com aqueles compromissos?

Ousado, Moisés fez então um pedido a "Jeová", o nome especial do Deus da aliança de Israel: "Arrepende-te deste mal contra o teu povo" (v. 12). E veio a resposta: "Então se arrependeu o SENHOR do mal que dissera havia de fazer ao povo" (v. 14).

O segundo episódio do Antigo Testamento envolve um dos reis realmente bons de Judá, Ezequias. Tal homem já testemunhara respostas assombrosas à oração, especialmente no seu confronto com Senaqueribe, rei da Assíria (2Rs 19:8-37). Esse é um dos magníficos relatos bíblicos que vieram a arrebatá-la a imaginação artística. Lord Byron escreveu "A Destruição de Senaqueribe" para eternizá-lo em verso.

Mas agora Ezequias padecia de doença mortal, e seu amigo, o profeta Isaías, veio falar-lhe com uma mensagem de Deus: "Morrerás, e não viverás" (20:1). Diante desse intento declarado de pelo menos deixar que a morte o levasse, Ezequias fez exatamente o que fizera Moisés antes dele. "Orou ao SENHOR." "Virou o rosto para a parede" e, "chorando muitíssimo", arrazoou com Deus, procurando mostrar que andara diante dele com fidelidade e inteireza de coração, fazendo o que era reto aos olhos dele (**vv. 2-3**).

Antes que Isaías saísse do palácio, Deus lhe ordenou voltar com outra mensagem para Ezequias: "Ouvi a tua oração, e vi as tuas lágrimas; eis que eu te curarei... Acrescentarei aos teus dias quinze anos" (vv. 4-6). E, de fato, assim o fez.

Ora, o que vemos aqui é um Deus que pode ser *convencido* por aqueles que se colocam diante dele com fidelidade. Cabe lembrar aqui o que já discutimos acima, de como os pais reagem aos pedidos dos filhos. Não há nada de automático nas petições. Não há "passe de mágica" na oração. As petições podem ser atendidas. Ou não. De qualquer modo, será por uma boa razão. É assim que os relacionamentos entre as pessoas são, ou deveriam ser.

Deus é suficientemente grandioso para conduzir assim as suas decisões. A sua natureza, a sua identidade e os seus desígnios preponderantes são certamente imutáveis. Mas não as suas intenções relativas a muitas questões particulares, que dizem respeito a indivíduos específicos. Isso não o diminui. Longe disso. Ele seria um Deus menor se não pudesse mudar de idéia quando julgasse apropriado. E se ele decide tratar a humanidade de forma tal que ocasionalmente julgará apropriado fazê-lo, ótimo.

Um universo sensível à personalidade

Isso revela uma profunda verdade sobre o nosso universo como um todo. É um mundo que responde ao desejo e à vontade, e de muitas maneiras. É isso que devemos esperar de um universo que é, no seu fundamento, trinitário, baseado na realidade final de uma união "única" demais para ser múltipla e "múltipla" demais para ser única.

No plano físico do universo, dizem muitos cientistas, cada coisa e cada evento é totalmente derivado de e determinado por certas subpartículas chamadas quarks.¹² Essas subpartículas são tidas como os constituintes primários do universo físico. Diz-se freqüentemente que numa análise estritamente científica da realidade estritamente física, não devemos supor nada além de quarks.

Mas nem toda a realidade é física. Não existe, de fato, nenhuma *ciência* que tente demonstrar que tudo o que existe é físico. Desafio qualquer um a apontar qual ciência faz isso, e onde. Se existisse tal "ciência", fatalmente fracassaria. E, seja como for, os próprios quarks não são em si seres absolutos. Sua existência e sua natureza - inclusive as leis segundo as quais eles supostamente determinam tudo o mais - dependem necessariamente de algo que está além dos próprios quarks.

Como esse "algo que está além" é Deus, toda a realidade física - os quarks e tudo o mais - está sujeita à sua vontade. O nosso próprio corpo é, em larga medida, imediatamente sensível ao nosso pensamento, aos nossos desejos e à nossa vontade. É isso que nos possibilita agir e perceber. Todos sabemos que na vida as coisas são assim, independentemente de quais sejam as nossas teorias filosóficas sobre o tema. Se assim não fosse, não poderíamos agir, organizar uma vida, viver enfim. Mas esse fato essencial da vida mostra que a matéria não é indiferente à personalidade. Ela é influenciada pela personalidade, e vice-versa. Trata-se de um *fato* sobre o mundo e sobre o nosso lugar nele.

Dentro de estreitos limites, portanto, o desejo e a vontade influenciam diretamente a realidade física: em função do desejo e da vontade, a matéria se comporta de determinado modo. Os nossos atos corporais são exemplos disso, como já observamos. Porém, não sabemos ao certo se a vontade, o desejo — ou mesmo o pensamento - influenciam coisas outras que não a nossa alma e o nosso corpo. Ninguém hoje ousaria se aventurar muito na realidade da psicocinese, a suposta capacidade de mover coisas somente pelo pensamento e a vontade. Mas recentes pesquisas sobre a oração, organizadas de modo científico, sugerem fortemente um poder muito semelhante.

Estudos científicos da oração

Já há algum tempo se fazem pesquisas empíricas sobre os efeitos da oração. Na década de 50, William R. Parker, da Universidade de Redlands (Califórnia), desenvolveu um programa de "grupos de terapia da oração". Ele pesquisou as mudanças na vida de pessoas de pequenos grupos que usavam (ou não) a oração para a cura de diversos problemas físicos. Também estudou os efeitos de diferentes tipos de orações e de atitudes na oração. Descobriu-se que aqueles que aprendiam a orar segundo aquilo que podemos chamar acuradamente de o espírito de Jesus Cristo alcançavam resultados notáveis para melhor. Ainda hoje vale muito a pena ler a obra que registra os resultados do estudo, *Prayer Can Change Your Life*. É leitura especialmente recomendada para quem quer aprender certos aspectos da prática da oração de cura.¹³ Quando o livro foi publicado, porém, causou alguma estranheza.

Contudo, desde o final da década de 80, mais de 130 estudos sobre os efeitos da oração foram publicados em periódicos técnicos de medicina e outras áreas. Muitos desses estudos foram submetidos aos mais meticulosos métodos de controle científico, e alguns incluíram até orações para animais e plantas. O estudo mais famoso é talvez o conduzido por Randolph Byrd na Escola de Medicina da Universidade da Califórnia em San Francisco. Publicado em 1988, o estudo abrangeu 393 pacientes de doenças coronarianas, pessoas que haviam sofrido enfarte ou apresentado sintomas graves. O trabalho foi duplamente sigiloso: nem os pacientes nem as equipes médicas sabiam quais os nomes incluídos nas orações.

Os resultados foram tão impressionantes que as maiores redes de televisão e os jornais mais importantes dos Estados Unidos os divulgaram com certo destaque. Dentre as pessoas pelas quais se orou, foi significativamente menor o número de mortes; além disso, um número menor delas exigiu o emprego de drogas mais potentes e nenhuma precisou de aparelhos para sobreviver. Esses resultados, ao lado de muitos outros estudos, são analisados com grande detalhamento pelo médico Larry Dossey no seu livro *Healing Words*.¹⁴

Dossey também comenta experiências de oração por formas de vida não-humanas, como sementes em germinação, plantas e bactérias (pp. 190, 218-21). Além disso, verificou-se que a distância não interfere nos efeitos das orações. A oração se revelou tão eficaz para coisas do outro lado da Terra quanto para coisas próximas. Manteve-se eficaz mesmo quando o objeto estava encerrado dentro de uma caixa revestida de chumbo, que barra todas as formas conhecidas de energia física - ondas, partículas, etc.

Por fim, segundo a interpretação que Dossey deu aos resultados colhidos, pouco importa, dentro de amplos limites, como se ora ou para quem se ora. Não há procedimentos metodológicos a seguir (pp. 9-10). Estamos na "trilha sem trilha" (p. 18). E isso sem dúvida principalmente porque, segundo ele, não existe um "Deus exterior" ao qual temos de recorrer para alcançar os resultados da oração (p. 8). Deus, de qualquer modo, é incognoscível (p. 23). Aquilo "a" que oramos está dentro de nós.

De fato, Dossey cita e corrobora o pensamento do biólogo R. Davenport: "A realidade física... surge da nossa consciência durante a nossa mutante experiência na natureza" (p. 68). Essa é uma idéia filosófica corrente hoje, mas que não precisamos aceitar para levar a sério os estudos científicos da oração.

Ora, essa interpretação da oração - ou melhor, segundo Dossey, da "atitude oracional" - como empresa estritamente humana, envolvendo somente interações com forças não-pessoais, é obviamente distinta da interpretação de Jesus. Mas o meu objetivo aqui é compreendê-la, não criticá-la. A oração, segundo qualquer interpretação, é um exercício e uma expressão particular do pensamento, da vontade e do desejo. Creio eu que esses exames cuidadosamente esquadrihados dos efeitos da oração sobre a vida mostram que a personalidade na sua forma humana provoca impactos -por meio de expressões adequadas do pensamento, da vontade e do desejo — que extrapolam os meios comuns da causação física. Esse é o cerne da posição de Dossey e, com menos nitidez, da de Parker. Os dois são profissionais interessados na saúde humana, e acreditam que todos os recursos benéficos conhecidos devem ser empregados. Além disso, é óbvio que os dois querem tratar apenas da questão mais imediata, a cura, passando ao largo das minudências teológicas. Qualquer pessoa sincera deve aprovar isso.

Todavia, perdura uma questão: será que essa idéia de oração como ação de forças impessoais revela a oração como atividade realizada no reino de Deus, ou será que isso representa apenas uma extensão do plano puramente humano? Talvez o reino humano seja significativamente mais amplo, e de uma natureza notavelmente diferente, do que o admite a dominante interpretação materialista da realidade. Acredito nessa hipótese. Só que isso de modo nenhum afasta a primazia e a prioridade do reino dos céus sobre a vida humana. Mesmo depois de dizer tudo o que convém dizer sobre o poder de uma "oração" que "não passa por um Deus exterior", ainda temos de entrar em acordo com esse Deus e lidar com os aspectos da existência humana, especialmente os aspectos morais, com que o tipo de oração dosseyana não tem uma relação clara.

Esse tipo "exterior" de oração depende de apelar a alguém de fora, pedindo que *ele* faça algo que a pessoa não pode fazer por si própria. É recorrer Àquele que seguidamente invadiu a história humana, e continua hoje a fazê-lo. É colaborar inteligentemente com ele para alcançar fins que realizem os seus propósitos na criação e na promoção da vida humana na terra durante um curto período. É, portanto, oração do *espírito*, ou oração do reino, e não mera oração da *alma*. A oração da alma é um exercício de forças inerentes ao ser humano, sem relação com um "Deus além". Talvez envolva também uma esfera mais ampla de realidade não-física.

Aqui queremos enfatizar a distinção, mencionada acima, que fez Bonhoeffer entre comunidades espirituais, de um lado, e comunidades psíquicas ou meramente humanas, de outro. O aspecto psíquico do ser humano é certamente real, e não deve ser desprezado. Mas, para compreender o alcance da oração no mundo pleno de Deus, precisamos ir muito além daquilo que Dossey considera como meio físico.

Para a oração no reino, as personalidades são essenciais e distintas. Relacionam-se via comunicação explícita e intencional, ouvindo e falando, e não por meio de um mero "senso de unidade". Em Números 12:7-8, enfatizando o tipo de relacionamento que o próprio Deus obviamente prefere, diz ele ser "Moisés fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, claramente, e não por enigmas; pois ele vê a forma do SENHOR" (vv. 7-8).

O próprio Jesus sugere que Deus pretende estabelecer algo muito próximo disso com todo aquele que o ama: "[Ele] guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada" (Jo 14:23). Quem conhece a tradição bíblica sabe que isso jamais significaria apenas estranhas sensações ou ternos sentimentos. Deus é acima de tudo um Deus que fala e ouve.¹⁵

A oração nos treina para reinarmos

A oração do reino é um acordo explicitamente instituído por Deus para que cada um de nós, individualmente, faça diferença (e muita) e aprenda passo a passo a governar, a reinar com ele no seu reino. Entrar nesse reino e aprender a reinar também é o que dá à vida de cada ser humano a importância que Deus originalmente lhe destinou. Essa sublime vocação também explica por que a oração muitas vezes exige muito esforço, esforço contínuo, e em alguns casos

até anos e anos de esforço. A oração é, acima de tudo, um meio de modelar o caráter. Combina liberdade e poder com serviço e amor. Aquilo que Deus extrai das nossas vidas - e, na realidade, aquilo que nós mesmos extraímos delas - é simplesmente a pessoa que nos tornamos. É desígnio de Deus que nos transformemos no tipo de pessoa que ele pode fazer alcançar o que queremos alcançar. Então estaremos prontos para reinar "pelos séculos dos séculos" (Ap 22:5).

Reinar é um termo um tanto quanto grandioso demais para a mente contemporânea, embora designe na verdade aquilo que todos perseguem na vida. Fomos treinados para pensar que "reinar" é obrigatoriamente um termo que exclui os outros. Mas no âmago da conspiração divina, significa apenas ser livre e poderoso na criação e no governo do que é bom. Na vida de oração para a qual estamos treinando, reinamos em harmoniosa união com o infinito poder de Deus.

E elemento fundamental nesse treinamento é saber *aguardar* a ação de Deus: não devemos nos precipitar nem tentar assumir o controle sozinhos. Desse saber aguardar nasce um caráter que para Deus é inestimável, caráter que pode ser habilitado a agir segundo a vontade da pessoa. Isso explica por que Tiago diz que a paciência nas provações nos fará "perfeitos" (*teleion*), "íntegros" (1:4).

Algumas vezes precisamos aguardar certo tempo até que Deus faça o que pedimos porque a resposta divina implica transformações em outras pessoas, ou quem sabe em nós mesmos, e esse tipo de transformação sempre leva tempo. Outras vezes, aparentemente, as transformações em questão implicam conflitos que se desenrolam num plano espiritual totalmente alheio às coisas humanas (Dn 10:13). Sempre vivemos dentro de uma esfera mais ampla de ações que não vemos. Mas seja qual for a causa exata, devemos persistir na nossa petição, conforme Jesus enfaticamente nos ensinou. Trata-se, simplesmente, de um aspecto de todo relacionamento humano genuíno. Persistimos numa questão até que seja resolvida de um modo ou de outro.

Ele usa um exemplo extraído dos negócios humanos, enfatizando mais uma vez a semelhança entre fazer petições a seres humanos e orar a Deus. Certa feita ele traçou a seguinte comparação: orar é como ir à casa de um amigo à meia-noite para lhe pedir emprestado um pouco de comida para um conhecido que, em viagem, foi bater à sua porta tão tarde da noite que você nada tem para lhe dar de comer (Lc 11:5-6). Você faz o pedido ao vizinho, e lá de dentro vem a resposta: "Não me importunes: a porta já está fechada e os meus filhos comigo também já estão deitados. Não posso levantar para tos dar [os pães]" (v 7) Mas ele acabara levantando. É só ficar ali e aguardar, que ele virá. Mesmo que tenha de acordar as crianças e destrancar a porta - trabalho considerável naqueles dias.

Talvez ele olhe para fora uma hora mais tarde e veja você ainda de pé ali, com um jeito de angústia no olhar. Que mais ele poderia fazer? E, como Jesus sublinhou, "Se [ele] não se levantar para dar-lhos, por ser seu amigo, todavia o fará por causa da importunação" (v. 8). É claro que se você for embora, ele nada lhe dará; e mesmo que se levante para atendê-lo, você já não estará mais lá para receber o que pediu. Isso é nada mais que bom senso, e Jesus o insere bem no cerne da vida de oração.

Outro exemplo vívido da importância de persistir na petição se encontra em Lucas 18. Esse exemplo, como o anterior, foi concebido explicitamente para nos ensinar a não desistir de orar pelo que precisamos:

Disse-lhes Jesus uma parábola, sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer. Havia em certa cidade um juiz, que não temia a Deus nem respeitava homem algum. Havia também naquela mesma cidade uma viúva, que vinha ter com ele, dizendo: Julga a minha causa contra o meu adversário. Ele por algum tempo não a quis atender; mas depois disse consigo: Bem que eu não temo a Deus, nem respeito a homem algum, todavia, como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que, por fim, venha a molestarme. (vv. 1-5)

Jesus, então, conclui: "Considerai no que diz este juiz iníquo. Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los? Digo-vos que depressa lhes fará justiça" (vv. 7-8). Mas o pressuposto é que a petição não deixa de se fazer ouvir. Ela vem para ficar. Essa é a nossa parte.

O principal ensinamento aqui é que devemos esperar que a oração se dê à maneira de um relacionamento entre pessoas. Logicamente corresponderá à forma mais nobre de relacionamento, mas o caráter geral de *petição* permanecerá. De fato, talvez seja o pressuposto contrário, mais do que qualquer outra coisa, que faz as pessoas desistir de orar. Pensa-se equivocadamente que orar é como inserir dinheiro numa máquina de venda de refrigerantes, ou como jogar uma bomba. Basta fazer um simples ato uma vez apenas que o mecanismo por si só produz o resultado inevitável. Já vi gente ensinar, com muita gravidade, que, se você pedir a Deus a mesma coisa uma segunda vez, isso só vai provar a ele que você não acreditou na primeira — como se ele já não soubesse.

Essa visão também leva as pessoas a se esforçar equivocadamente por dizer tudo certinho: por exemplo, é essencial não deixar de dizer "Em nome de Jesus" ou "Se for da tua vontade". A idéia de que se você fizer "tudo certinho" a coisa vai funcionar parte do ponto de vista de que a oração opera como uma máquina de venda de refrigerantes. Mas a oração nunca é um mecanismo. É sempre uma negociação pessoal, como sugere tão sabiamente a citação de C. S. Lewis que demos acima. Jesus repisa seguidamente esse ensinamento sobre a oração a fim de que o assimilemos bem.

Será que isso ofende a dignidade de Deus?

Mas assim como a fé religiosa tem os seus dogmas tradicionais, também os tem a descrença. Conheço intelectuais de prestígio que sustentam que nada sabemos da natureza de Deus. Porém, esses mesmos intelectuais não hesitam em afirmar que Deus feriria a própria dignidade se recebesse alguma coisa dos homens ou se atendesse alguma petição. Sem dúvida nenhuma Deus, assim como os homens "sublimes", é "sublime" demais para se deixar importunar. Mas se nada sabemos da verdadeira natureza de Deus, tampouco sabemos *isso*.

Trata-se de um preconceito bastante antigo, pelo menos tão antigo quanto Platão, que considerava a crença de que os deuses são "desviados do seu propósito por sacrifícios e orações" uma forma de insolência contra Deus.¹⁶ Esse preconceito também nos foi transmitido por gente como Cícero e Hume.¹⁷ Já vimos num capítulo anterior que ele se manifesta no pensamento de muitos teólogos contemporâneos de esquerda.

Devemos admitir, creio eu, que certas visões da oração degradam a Deus, e talvez também os homens. Penso, por exemplo, naquelas visões que consideram a resposta divina inevitável desde que digamos as palavras certas. Ou naquelas que nos fazem "comprá-lo" com sacrifícios de vários tipos. Mas não é essa a visão da oração que Jesus nos apresenta. Supor que Deus se comunica com as pessoas segundo o arcabouço dos desígnios divinos para elas, como já explicamos acima, e que por causa dessa relação Deus faz o que não pretendia antes fazer, ou deixa de fazer algo que antes pretendia, não atenta contra a dignidade de Deus *se é um acordo que ele mesmo estabeleceu*.

Ser inflexível não implica ser inerentemente mais "sublime". Essa é uma infeliz noção humana de sublimidade, gerada por condutas extremamente comuns num mundo caído. Transforma Deus num ser cósmico afetado. Essa noção infeliz é reforçada nas "mais elevadas obras do intelecto" pelas idéias clássicas de "perfeição", que enfatizavam a necessidade da absoluta inalterabilidade de Deus. Mas num domínio de pessoas, como o Reino no Meio de Nós, muito mais sublime é ser flexível mas capaz de alcançar as boas metas traçadas. E esse é um elemento essencial da Personalidade Divina revelada na Bíblia, encarnada na pessoa de Jesus e apresentada na sua mensagem. Longe de se enquadrar no modelo clássico do "Motor que não se move", o Deus revelado nos registros históricos é o "Motor que se move incessantemente". É Aquele que vive conosco e de quem nos aproximamos por meio da comunidade do amor em oração.

A MAIOR DE TODAS AS ORAÇÕES

A Oração do Senhor

Tudo isso fica bem claro para quem presta atenção aos explícitos ensinamentos de Jesus sobre a oração e ao modo como ele mesmo orava, algo que seus aprendizes naturalmente fariam, Embora ele passasse bastante tempo sozinho em oração, também orava muito na presença dos

seus discípulos. Eles ficavam tremendamente impressionados. Certa ocasião, ele levou consigo Pedro, Tiago e João até o cume de um monte. Ali, "enquanto ele orava, a aparência do seu rosto se transfigurou e suas vestes resplandeceram de brancura" (Lc 9:29).

O relato pode parecer fantástico. Seus três amigos por certo mal sabiam o que estavam vendo, e só vieram a compreendê-lo bem mais tarde (2Pe 1:16-19). Mas convém lembrar, como já dissemos, que vivemos num universo trinitario, no qual a realidade final é a infinita energia de natureza pessoal. Quando oramos, entramos no mundo real, na substância do reino, e o nosso corpo e a nossa alma passam a operar pela primeira vez como foram criados para operar. De fato, a "transfiguração" de Jesus deve ser considerada como a revelação mais sublime já registrada na história humana da natureza da matéria.

A matéria, a substância física comum, é o plano do desenvolvimento e da manifestação de personalidades finitas que, nos seus corpos, têm recursos consideráveis para se opor a Deus ou para servi-lo. Jesus, o Homem Quintessencial, ou seja, o *Filho* do homem, é o único que já elevou o papel da matéria à sua plenitude na sua própria personalidade. É isso que testemunhamos nos Evangelhos. É isso que o futuro reserva a cada um de nós, nos mundos que hão de vir (Fp 3:20-21; 1Jo 3:2). Porém, agora mesmo os efeitos já são notáveis quando nos colocamos, corpo e alma, em oração.

A respeito de George Fox, em torno de quem surgiu o movimento dos Amigos (quacres), William Penn disse o seguinte:

Mas, acima de tudo, ele primava pela oração. A interioridade e a profundidade do seu espírito, a reverência e a solenidade das roupas e da conduta, e a parcimônia e o peso das palavras, muitas vezes deixavam admirados até os de fora. E os quacres sempre levavam consolo aos outros. Mas confesso que a imagem mais imponente, vívida e reverente que jamais vi foi esse homem em oração.¹⁸

Sem dúvida nenhuma a presença de Jesus em oração era mais impressionante até mesmo que a de George Fox. Algum tempo depois da transfiguração de Jesus diante dos seus amigos, relata o seguinte o Evangelho de Lucas: "Quando terminou, um dos seus discípulos lhe pediu: Senhor, ensina-nos a orar como também João [Batista] ensinou aos seus discípulos" (**11:1**). Aqui temos, obviamente, uma imagem exata da relação mestre-discípulo. Os aprendizes viram o mestre fazer alguma coisa importante, e ouviram a sua explicação. Agora eles pedem que o mestre os ensine a fazer o mesmo, os inicie na prática.

A resposta de Jesus deve ser ponderada com muita gravidade. Muitas pessoas fazem pouco progresso no aprendizado da oração simplesmente porque não examinaram com a devida atenção a resposta de Jesus a esta petição explícita: "Ensina-nos a orar". Orar é uma forma de falar, e a melhor forma de aprendê-lo é penetrar as palavras que Jesus nos ensinou a dizer a Deus nas nossas orações. Ele é Mestre também nessa questão.

Logicamente, já vimos no capítulo 6 que a oração do reino não é mera **repetição**. Portanto, tampouco devemos repetir as palavras que Jesus nos deu. Antes, essas palavras que Jesus nos legou nos ensinam a falar com inteligência e amor com o nosso Pai celeste, com quem estamos imersos numa vida comum. Mas **devemos** usar essas palavras. E usando-as como fundamento, só como fundamento, passamos a orar pelas especificidades da nossa vida e do nosso tempo, pelo que há "debaixo do sol". Assim, em parte a nossa oração provém da nossa própria iniciativa, que Deus incentiva e espera.

É preciso se dirigir a Deus

As poucas diferenças vocabulares entre as versões da Oração do Senhor encontradas em Mateus 6 e Lucas 11 são insignificantes, e, portanto, vamos tratar as duas passagens como a mesma oração, ou como o mesmo modelo de oração. Antes de mais nada, importa reparar o vocativo, ou seja, a pessoa a quem se dirige a oração. A versão de Lucas simplesmente diz "Pai", e Mateus é mais específico, identificando assim a pessoa a quem se dirige a oração: "Pai nosso que estás nos céus". O vocativo é de importância vital. Não podemos negligenciá-lo nem saltá-lo. É uma das coisas que distingue a oração de uma simples expressão de preocupação, seja em voz alta seja no íntimo -expressão essa que, infelizmente, muitos confundem com a oração.

Quando falamos *com* alguém, usamos um nome para chamar a pessoa, distinguindo-a de todas as outras. Indicamos assim que queremos falar com *essa pessoa específica*. O nome também coloca em destaque a nossa posição em relação àquele a quem nos dirigimos. Isso quase sempre salta aos olhos nos relacionamentos íntimos. Chamo o meu filho de "meu menino querido", a minha filha de "princesinha" e a minha mulher de "meu bem". Ninguém mais fala assim com eles. Ninguém mais pode fazê-lo. O mesmo se dá quando eles falam comigo: quando dizem "papai" ou "meu bem", guiam-se por uma estrutura relacional que existe entre nós. É uma estrutura mais forte que o aço. Tudo o que acontece e tudo o que dizemos uns aos outros é condicionado por essa estrutura.

Uma transformação importante no espírito da nossa sociedade é assinalada pelas recentes mudanças nas formas de tratamento. Essas mudanças não são incidentais, não são insignificantes. Revelam ambigüidades profundas e multifacetadas, incertezas quanto aos papéis que desempenhamos na vida. Hoje se considera de tremendo mau gosto, por exemplo, dirigir-se a alguém num bilhete ou memorando por "Caro Fulano"; basta escrever "Fulano". Se a tendência continuar, logo a moda será "E aí, cara".

A idéia, acho eu, é que não queremos ser hipócritas expressando uma afeição que não sentimos. Nobre escrúpulo esse! Parece que ninguém entende que a velha fórmula "Caro Fulano" não exprimia afeição, mas respeito.⁹ A mudança assinala a perda do tratamento respeitoso, não a eliminação da hipocrisia — que, segundo todos os indícios, continua bem forte e saudável.

Pai nosso que estás nos céus

Jesus nos recomenda que, ao falar com Deus, nos dirijamos a ele assim: "Pai nosso que estás nos céus". A fórmula exprime a estrutura da realidade a partir da qual fazemos a oração. As enormes dificuldades que muitas pessoas sentem na oração, tanto de compreendê-la quanto de fazê-la, provêm simplesmente da sua incapacidade de encaixar-se nessa estrutura, aceitando-a pela graça. Isso porque essas pessoas na verdade talvez não vivam dentro da estrutura do reino, quem sabe até se mostrem rebeldes contra ela. Mas enquanto não aprenderem a agir habitualmente assim, e com profundidade, não experimentarão nem estabilidade nem progresso na prática da oração.

Se já estamos "sintonizados" com o Pai, se nos dispomos a receber o reino, uma forma simples de nos preparar para o vocativo da oração é fazer uma leitura profunda, meditativa, de alguma passagem bíblica escolhida a dedo. Martinho Lutero disse que os já experimentados no "aquecimento do coração" para a oração "serão capazes de usar um capítulo da Bíblia como acendedor" - *Feuerzeug*, termo que os alemães usam hoje para designar isqueiro.¹⁹

Com esse fim em vista, as melhores passagens bíblicas serão aquelas que mostram claramente o Pai em relação com a criação e sua família terrena. São passagens como Gênesis 1 ou 15; Êxodo 19; 1 Reis 8; 2 Crônicas 16 e 19; Neemias 9; muitos dos salmos (34, 37, 91 e 103, por exemplo); Isaías 30, 44 e 56-66; Lucas 11; Romanos 8; e Filipenses 4.

Também é extremamente proveitoso ler ou cantar os grandes hinos, ou usar orações escritas que o Senhor deu ao seu povo ao longo dos séculos. Essa atividade não deve ser realizada com pressa. A assimilação silenciosa das palavras num estado profundamente meditativo, a recepção das imagens que dão forma às realidades a que se referem essas palavras - tudo isso certamente nos colocará numa posição correta diante de Deus.

Certas posturas corporais também podem ser úteis. Lutero, outra vez, recomenda que a pessoa "se ajoelhe ou fique de pé com as mãos entrelaçadas e os olhos voltados para o céu".²⁰

Os seguidores de São Domingos relatam que ele orava de nove maneiras diferentes, inclusive inclinando-se humildemente diante do altar numa igreja, prostrando-se com o rosto no chão diante do crucifixo, de pé com mãos e braços abertos em forma de cruz, esticando-se ao máximo e ficando de pé na posição mais creta possível.²¹

Essa questão da postura, claro, não nos impõe leis. Ninguém *tem* de se colocar nessas posturas para orar. E a forma de se dirigir a Deus na oração é, na verdade, uma realidade absolutamente interior, entre a pessoa e Deus. Ler, colocar-se numa postura específica, cantar hinos, buscar um ambiente especial e coisas do gênero são estratégias que só devem ser usadas

⁹ O original inglês é "Dear", que significa "caro", "querido". (N. do T.)

se servirem para firmar uma presença intensa, uma forma correta de se dirigir a Deus. Trata-se simplesmente de decidir o que é útil e o que não é. O importante é que cada um encontre uma forma eficaz de orar, sem jamais pensar que o modo de fazer a oração é de somenos.

Jesus comumente ficava de pé e "olhava para o céu" como forma de se dirigir ao Pai. Ele o fazia porque a pessoa com quem falava logicamente estava *ali*. Devemos nos lembrar disso, e embora ocasionalmente seja útil inclinar a cabeça e fechar os olhos, essa não deve ser considerada a "posição canónica", a única em que *realmente* se ora. As conveniências específicas dessa posição não devem ser as únicas questões consideradas na oração, e muitas pessoas, por estranho que pareça, acham vivificante orar de olhos abertos, e até caminhando de um lado para o outro.

Seja como for, ao orar precisamos reservar tempo suficiente para fixar o pensamento em Deus e orientar o nosso mundo em torno dele. Devemos fazer tudo o que for necessário para alcançar esse estado. Então nos veremos no seio da família de Deus através do tempo e do espaço, oraremos para o "Pai *nosso*" e consideraremos a Deus como nosso *Pai* - sentiremos o Pai imediatamente disponível para nós. para uma comunicação *tête-à-tête*. É isso que significa para ele ser o *Pai nosso que estás nos céus*.

Infelizmente, a velha fórmula "Pai nosso que estás nos céus" passou ao longo dos séculos a significar "Pai nosso que estás distante no espaço e no tempo". Como já explicamos num capítulo anterior, o significado do plural *céus*, equivocadamente omitido na maioria das traduções, revela um Deus presente no espaço mais longínquo possível, mas também na atmosfera acima da nossa cabeça, que é o primeiro dos "céus". A omissão do plural deturpa nessa frase da oração-modelo o sentido que Jesus originalmente lhe deu. O sentido é: "Pai nosso que estás sempre perto de nós".

Depois de nos ensinar a nos dirigirmos a Deus da maneira indicada, o restante da oração-modelo dada em Lucas **11** consiste em petições ou categorias de petições.

Há cinco delas:

1. Que o nome "Deus" seja considerado com máximo respeito e estima.
2. Que o seu reino desça plenamente à terra.
3. Que as nossas necessidades de hoje sejam hoje satisfeitas.
4. Que os nossos pecados sejam perdoados, não retidos contra nós.
5. Que não venhamos a passar por julgamento e que não nos aconteçam coisas ruins.

São as mesmas petições de Mateus 6, onde há poucas palavras a mais. Examinaremos juntas as duas passagens.

Santificado seja o teu nome

A primeira e a segunda petições dizem respeito diretamente à posição de Deus na esfera humana. A primeira pede que o *nome* de Deus seja respeitado ao máximo: "Santificado seja o teu nome".

No mundo bíblico, os nomes nunca são apenas nomes. Eles participam da realidade a que se referem. A reverência judaica pelo nome de Deus era tão grande que os judeus muito devotos chegavam até a evitar pronunciá-lo. Por isso nem sabemos ao certo como se deve pronunciar *Jeová* (ou *Yahweh*). A pronúncia se perdeu na história.

A frase "Santificado seja o teu nome" procura exprimir que o nome de Deus deve ser respeitado de uma maneira única. Na verdade, a idéia é a de que o seu nome deve ser acalentado e amado mais do que qualquer outro, ocupando uma posição absolutamente única entre os homens.

A palavra traduzida como "santificar" é *hagiastheto*. É basicamente a mesma palavra usada, por exemplo, em João **17:17**, passagem em que Jesus pede ao Pai que *santifique* os seus discípulos, especialmente os apóstolos, por meio da sua verdade. Ela aparece outra vez em ITs 5:23, onde Paulo exprime a sua esperança de que Deus vá santificar plenamente os tessalonicenses, conservando-os imaculados no espírito, na alma e no corpo até a volta de Jesus. Nessas passagens, também, o termo significa situar as pessoas mencionadas numa realidade distinta e bastante especial.

Essa petição se baseia na necessidade mais profunda do mundo humano. A vida humana não se funda na vida humana. Nada dará certo nela enquanto não se compreender corretamente a grandeza e a bondade daquele que é seu diretor e sua origem. O seu nome deve então receber o maior respeito possível. Enquanto isso não se der, a bússola humana estará sempre apontando na direção errada, e cada homem e a história humana como um todo padecerão de uma contínua desorientação. Se formos sinceros, admitiremos que é exatamente essa a condição em que nos encontramos.

Mas a importância cósmica dessa primeira petição não deve ocultar o fato de que é também o pedido natural de uma criança que ama o seu "Aba", o seu Papai. Como bem sabemos, o coração da criança se magoa fundamentalmente ao ver os pais desonrados ou atacados. Tal ataque abala as próprias fundações da existência da criança, pois os pais são o seu mundo. A tocante confiança que faz a criança acreditar piamente serem os seus pais "os melhores" em tudo é de fato essencial ao bem-estar dessa criança nos primeiros anos de vida.

Assim, ao fazer a primeira petição, e na verdade também a segunda, é importante lembrar que essa é a oração de um filho que adora o seu pai, de um filho zeloso de seu pai. Importante também é sentir o anseio de que o "Aba", que nesse caso é realmente "o maior", seja reconhecido como tal. Importa ponderar, meditar esse fato, quem sabe até chorar de tristeza diante da constatação de que Deus não é considerado assim. Importa sentir o *abalo* da criancinha que se depara com pessoas que não acham a sua mãe ou o seu pai o maior e melhor do mundo. E precisamos então transferir esse abalo para a falta de admiração e confiança que o mundo humano demonstra em relação ao nosso Pai que está nos céus.

Venha o teu reino

A segunda petição deriva da primeira. A criança, confiante que é no "Aba" que tudo supervisiona com benevolência, quer que o governo, o reino de seu Pai, se realize em todo lugar onde ainda não esteja plenamente presente. Convém lembrar agora que o *reino* de Deus é o alcance da sua vontade *eficiente*, ou seja, é o domínio no qual aquilo que ele prefere é o que de fato acontece. E isso muito freqüentemente não acontece nesta triste terra - em Gaia, como hoje muitas vezes é chamada.

A frase "Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu", acrescentada na versão de Mateus 6 da oração-modelo, serve, portanto, apenas para esclarecer o que significa dizer "Venha o teu reino". Já destacamos em capítulos anteriores que isso não significa "vir a existir". O reino de Deus existe desde a eternidade do passado e existirá por toda a eternidade do futuro. Portanto, não vem a existir nem cessa. Mas na esfera humana outros "reinos" podem se impor por determinado tempo, o que freqüentemente acontece. Essa segunda petição suplica que esses reinos sejam substituídos, onde quer que estejam, ou submetidos ao domínio de Deus.

Aqui pensamos nos lugares em que passamos a vida: a casa, o parquinho, as ruas da cidade, o local de trabalho, a escola e assim por diante. São esses os lugares que temos em mente, é a eles que pedimos que o reino, o governo de Deus, venha e nele efetivamente se instale. Além disso, pensamos mais nas *nossas* atividades do que nas atividades dos outros. Conhecemos as nossas fraquezas, as nossas limitações, os nossos hábitos, e sabemos o quanto é diminuta a nossa capacidade de escolha consciente. Portanto, pedimos que, por meios que ultrapassem o nosso conhecimento e o alcance da nossa vontade, sejamos assistidos para agir segundo o fluxo dos atos divinos.

Mas também oramos pelas más sementes dos outros no mundo que nos cerca. Sabemos o quanto estão enredados naquilo que eles mesmos muitas vezes repudiam e desprezam. E oramos especialmente pelos males estruturais ou institucionalizados que dominam boa parte da terra. Essas circunstâncias dominantes levam diariamente multidões a fazer coisas profundamente iníquas, coisas de que nem sequer se apercebem. Não sabem o que fazem e não têm a capacidade de se distanciar para poder ver o que são na verdade essas coisas. Esse é o poder da "cultura".

A cultura transparece naquilo que as pessoas fazem sem pensar, naquilo que é "natural" para elas e, portanto, que não exige explicação nem justificação. Todo mundo tem cultura - ou, na realidade, culturas multifacetadas de vários níveis. Essas culturas estruturam a nossa vida. É claro que, de longe, a maior parte da cultura das pessoas é correta, boa e essencial. A maior

parte, mas não toda. Pois é na cultura que a iniquidade assume a forma coletiva, assim como é na carne, boa e correta em si, que reside a iniquidade individual. Portanto, oramos para que o nosso Pai rompa essas condutas iníquas de nível superior. E, dentre outras coisas, pedimos que ele nos ajude a enxergar as condutas que *nós* costumamos imitar. Pedimos que ele nos ajude a não mais imitá-las, que lance a sua luz sobre elas e aja efetivamente no sentido de eliminá-las.

O pão nosso cotidiano dá-nos de dia em dia

A terceira petição da oração-modelo trata do sustento imediato do nosso corpo. O alimento, claro, é simbolicamente essencial, mas tudo o que realmente precisamos para viver está incluído nessa petição. Paulo diz que, "tendo sustento e com que nos vestir", devemos nos contentar (1Tm 6:8). E isso, como lembra o leitor, está perfeitamente de acordo com o que encontramos no discurso de Jesus sobre aves e flores, em Mt 6:25-34, e com o que Deus proporcionou ao seu povo da aliança durante a peregrinação pelo deserto (Dt 8:3-5).

Logicamente essa petição personifica a confiança no Pai que nos alivia de toda ansiedade. A ênfase recai sobre *nos dar hoje* aquilo que precisamos *hoje*. Isso porque Deus está sempre presente hoje, seja o dia que for. O seu reinado é o Eterno Agora. Por isso não pedimos que ele nos dê hoje o que só precisaremos amanhã. Tê-lo na mão hoje não é garantia de que o teremos amanhã, quando realmente precisaremos. Hoje eu tenho a Deus, e *ele* tem as provisões. Amanhã será o mesmo. Então eu simplesmente peço hoje o que preciso hoje, ou peço agora o que preciso agora.

É assim que fazem as crianças, claro. A mãe que descobre que o filho está guardando mingau, pedaços de torrada ou fatias de bacon por medo de não ter comida amanhã tem de fato motivo para se alarmar. Sendo o mundo o que é, todos nós podemos com extrema facilidade imaginar situações em que essa conduta da criança seria até sensata. Mas em qualquer situação normal, os pais ficarão espantados e magoados ao ver que seu filho não acredita que eles lhe darão o necessário cotidianamente. A criança não deve jamais sequer pensar no sustento futuro enquanto não ficar grande e assumir tal responsabilidade.

Contudo, para deixar tudo bem claro acerca desse ensinamento e da oração, é perfeitamente normal, como já observamos, ter agora coisas que pretendemos usar amanhã, e trabalhar ou mesmo orar por elas de um modo sensato. O que estorva ou impossibilita a vida no reino não é ter provisões futuras, mas antes crer que elas nos garantem segurança futura. Não temos como saber se as teremos no futuro, mas Deus, esse sim, está presente conosco todo dia.

Muito tempo atrás dizia-se na Inglaterra que a propriedade, a vida ou a reputação de homem nenhum estavam a salvo enquanto o Parlamento estivesse em sessão. E centenas de outras coisas além dos atos do governo podem transformar em pó as nossas provisões. Essa é a precária condição de todo aquele que "entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus (Lc 12:21). Porém, se aceitamos e praticamos o ensinamento de Jesus sobre a oração, nos vemos totalmente livres de preocupações com o futuro. É fácil imaginar o efeito maravilhosamente transformador que isso exerce na nossa vida e nos nossos relacionamentos com os outros.

Perdoa-nos os nossos pecados

A quarta petição é o perdão dos pecados. Ela roga ao Pai que nos trate com misericórdia ou piedade. Nós perdoamos a alguém o mal que nos fez quando resolvemos não fazê-lo sofrer por causa disso. Isso *não* significa que devemos evitar o sofrimento que pode lhe advir como resultado do mal que cometeu. Tampouco devemos esperar por isso quando os outros nos perdoam, ou quando Deus nos perdoa. É claro que *talvez* possamos ajudar também nisso, mas já não é algo que faça parte do perdão. Além do mais, geralmente é uma atitude pouco inteligente. As conseqüências naturais dos atos foram muito bem planejadas por Deus para nos levar a ser as pessoas que devemos ser. Neutralizar essas lições pode acabar prejudicando aqueles que queremos ajudar.

Mas só a piedade ou misericórdia torna a vida possível. Não gostamos de ouvir isso, mas mesmo os melhores homens são criaturas patéticas que "em vão" se inquietam (Sl 39:6). Somente as misericórdias de Deus nos impedem de ser consumidos por causa dos nossos

pecados (Lm 3:22). Mas assim como um pai tem pena do filho, também o Senhor tem pena de nós. Ele sabe daquilo que somos feitos, lembra que somos pó. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos recompensa proporcionalmente às nossas iniquidades (Sl 103:10-14). Essa é a natureza maravilhosa e terapêutica do Reino no Meio de Nós.

Quando adentramos esse reino e nele depositamos a nossa confiança, o próprio ambiente em que vivemos se torna piedade. Obviamente é a piedade que ele tem por nós que nos permite entrar, e que depois pacientemente nos tolera. "O Senhor é cheio de terna misericórdia, e compassivo" (Tg 5:1). Mas também nós devemos ser "todos de igual ânimo, compadecidos, fraternalmente amigos, misericordiosos, humildes" (1Pe 3:8).

Não é psicologicamente possível que *conheçamos* a misericórdia que Deus tem por nós e ao mesmo tempo sejamos duros para com os outros.

Portanto, "perdoamos os outros assim como Deus nos perdoa". Isso faz parte da nossa oração. Porém, não se trata apenas de prometer ou decidir perdoar. Oramos pedindo ajuda para poder perdoar os outros, pois, embora caiba a nós perdoar - nós é que o fazemos -, também sabemos que não podemos fazê-lo sem auxílio. Mas podemos contar com esse auxílio, pois a "unidade da orientação espiritual" discutida acima neste capítulo abrange todas essas questões.

Portanto, vivo com a minha família com base na piedade dela por mim. A minha esposa recebeu a graça de ter misericórdia de mim, assim como os meus filhos. Antes, eram os meus pais, avós, irmãos e irmã. Todos eles me trataram com muita misericórdia. Tinham dó e piedade de mim.

Agora que vim a conhecer o Reino no Meio de Nós, eu também serei misericordioso com aqueles que me são próximos. E não se trata apenas de não os condenar. Isso é importante, claro, mas não basta. Preciso ter misericórdia. O reino e seu Deus são grandes o suficiente para que a misericórdia e a verdade se encontrem (cf. Sl 85:7-10). E "a misericórdia triunfa sobre o juízo" (Tg 2:13). O que possibilita isso é a provisão do Pai na vida e morte do seu Filho, e na grandeza do seu próprio coração eterno.

Compreender essas questões pode nos ajudar num dos fracassos mais dolorosos que assolam as nossas famílias. Cada um de nós tem uma profunda necessidade biológica de honrar os pais. Essa necessidade se exprime no mandamento: "Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR teu Deus te dá" (Êx 20:12).

Honrar os pais significa ser grato pela sua existência e respeitar o seu papel de dispensadores de vida na seqüência da existência humana. E claro que para honrá-los assim temos de ser gratos também pela nossa existência. Mas geralmente também precisamos ter piedade deles. Pois, mesmo que sejam boas pessoas, quase sempre se pode dizer que eles erraram em muitos aspectos, e possivelmente ainda erram.

Em geral, as pessoas que viveram grande antagonismo com os pais só são capazes de ser gratas pela existência deles e de honrá-los, segundo essa profunda necessidade humana, quando os seus pais já estão velhos. Então é possível ter piedade e misericórdia deles. E isso abre caminho para que possam honrá-los. Com certa tristeza, talvez, mas também com alegria e paz afinal. Uma das maiores dádivas do Reino no Meio de Nós é a cura da relação pais-filhos, convertendo "o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais" (Ml 4:6).

Obviamente, enquanto *exigimos* as coisas, não podemos *pedi-las*, e não há espaço para a piedade. Às vezes pode ser necessário exigir. Talvez o relacionamento se tenha degradado a ponto mesmo de nada mais restar. Mas é sempre melhor evitar exigir quando podemos. Viver segundo a piedade facilita o pedir e também o doar, inclusive o perdoar. As pessoas impiedosas, incapazes de ter piedade dos outros e de aceitar a piedade dos outros, simplesmente têm uma vida dura, repleta de problemas insolúveis.

Hoje às vezes falamos de pessoas que não conseguem se perdoar. Geralmente, porém, o problema é muito mais profundo. Em grande parte dos casos são pessoas que se recusam a viver com base na piedade. O problema delas não é serem duras consigo mesmas, mas orgulhosas. E se são duras consigo mesmas, é porque são orgulhosas. Não querem aceitar o fato de que só podem viver com base na piedade dos outros, que o bem que lhes advém raramente é "merecido". Se aceitassem esse fato, sua vida daria uma guinada de 180 graus. Facilmente deixariam de castigar-se pelo que fizeram.²²

Recentemente publicou-se um livro muito popular intitulado *When Bad Things Happen to Good People (Quando coisas ruins acontecem a pessoas boas)*. Mas para ver um panorama integral

também precisamos contemplar algumas outras situações. Por exemplo, que dizer quando coisas ruins *não* acontecem a pessoas boas? Não seria possível escrever um belo livro sobre isso? E que dizer quando coisas ruins não acontecem a pessoas ruins? Ou quando coisas boas acontecem a pessoas ruins?

O livro em questão tinha um bom argumento, e o caso específico que ele abordava era muito comovente. A resposta que dá ao problema do sofrimento das pessoas boas é que Deus nada pode fazer a respeito. Esse mesmo livro já foi escrito muitas vezes ao longo da história humana, e a resposta que ele dá é uma das respostas costumeiras. Mas é importante ver *todas* as dimensões da nossa situação humana para descortinar um panorama adequado do nosso lugar perante Deus.

E se você vem sentindo certo mal-estar ao ler isso, saiba que há uma boa razão. Em boa parte da análise do "perdoa-nos os nossos pecados", usei a palavra *piedade* em vez do termo *misericórdia* ou do ainda mais nobre *compaixão*. Isso porque só *piedade* alcança o âmago da nossa condição. A palavra *piedade* faz as pessoas se encolherem, diversamente de *misericórdia*. A linguagem comum tirou de *misericórdia* o seu significado profundo, tradicional, que é praticamente o mesmo de *piedade*. Ter *piedade* de alguém hoje é sentir pena dele, e isso é tido como aviltante, enquanto se considera que ter *misericórdia* implica certa nobreza de sentimento - é como "dar uma chance" para a pessoa.

Hoje muitos cristãos (mesmo eles...) lêem e dizem "perdoa-nos os nossos pecados" como "me dá uma chance". Assim, numa atitude bem ao gosto do final do século XX, salva-se o ego e seu egoísmo. "Eu não sou um *pecador*, só preciso de uma chance!" Mas não, eu preciso mais do que de uma chance. Preciso de *piedade* em função do que sou. Se o meu orgulho permanece intocado quando oro pedindo perdão, então não orei por perdão. Nem sequer entendo o que é perdão.

Na oração-modelo, Jesus nos ensina a pedir *piedade* para as nossas transgressões. Sem ela, a vida não tem esperança. E com ela vem a dádiva da *piedade* como um ambiente no qual então podemos viver. Viver nesse ambiente é ser capaz de simplesmente abandonar as muitas questões pessoais que tornam a vida humana infeliz e, com uma clareza de entendimento que só tem quem não procura proteger o próprio orgulho, trabalhar pelas boas coisas que existem em torno de nós e que sempre podemos realizar em cooperação com a mão de Deus.

E não nos deixes cair em tentação

A última petição é que nosso Pai não nos ponha à prova. "Não nos deixes cair em tentação." A "tentação" aqui não é primordialmente a tentação do pecado. As provações sempre nos tentam ao pecado, porém. E a tentação do pecado é sempre uma provação, na qual podemos fracassar caindo no pecado. Além disso, as coisas ruins que nos acontecem são sempre provações. Por isso a versão de Mateus 6 desenvolve essa última petição, dizendo: "Livra-nos do mal".

Essa petição não busca apenas a fuga da dor e das coisas que não nos agradam, embora obviamente também busque isso. Exprime ela o entendimento de que não conseguimos suportar muita pressão, e que sofrer não é para nós uma coisa boa. Trata-se de um "voto de desconfiança" nas nossas próprias capacidades. Assim, se a série de petições começa pela glorificação de Deus, termina ela com o reconhecimento da fragilidade dos homens.

Deus espera que oremos para escapar das provações, e devemos fazê-lo. As coisas ruins que nos acontecem são sempre desafios à nossa fé, e talvez não consigamos suportá-las. São *perigosas*. Para saber disso, basta observar como as pessoas rapidamente começam a atacar a Deus quando coisas ruins lhes sobrevêm. A popularidade do livro mencionado acima, sobre por que coisas ruins acontecem a pessoas boas, é testemunho explícito ao fato de que as "coisas ruins" tendem a minar a fé.

A confiança excessiva que as pessoas têm na força da sua própria fé -geralmente quando *não* estão sofrendo, claro - só faz crescer o perigo. É característica a atitude de João e Tiago buscando de antemão uma promoção no governo que esperavam Jesus estabelecesse. Ele lhes perguntou se podiam passar pelo que ele estava prestes a passar. Os dois responderam: "Podemos" (Mt 20:22). E precisamente essa a atitude autoconfiante que devemos evitar, e a petição final da oração-modelo foi concebida para nos ajudar a driblá-la. Mais uma vez pedimos

piedade, desta vez na forma de proteção das circunstâncias. A um Pai capaz de tamanha piedade, a um Pai disposto a exibir tamanha piedade, pedimos não deixe que nos aconteçam coisas ruins.

Se conscientemente fazemos dessa oração parte da nossa postura diante da vida, então certamente veremos que Deus de fato nos afasta das provações e nos livra do mal. Constantemente. Veremos com quanta freqüência as coisas boas acontecem mesmo a pessoas "ruins" - como também às boas. E, logicamente, veremos que também nós enfrentamos provações e que todo mundo sofre alguns revezes. Ninguém está totalmente livre disso. Disso podemos ter certeza.

Mas passaremos também a ter convicção de que qualquer provação ou mal que nos sobrevenha tem uma função especial nos planos de Deus. Assim como há provisão diária de alimento, há contínua provisão de cada necessidade, por mais calamitosa. Talvez nem sempre a tenhamos de antemão, mas muitas vezes a teremos justo na hora da necessidade, diretamente do Deus que está o tempo todo ao nosso lado. A convicta certeza disso permanecerá firme em função dos muitos casos em que podemos constatar a presença e a bondade do nosso Pai. E só teremos a experiência direta dessa força que é levada à perfeição na nossa vida por causa das nossas fraquezas, aliadas à fé esperançosa.

Aqui reside o segredo do impressionante testemunho de Paulo: "Sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então é que sou forte" (2Co 12:9-10).

É precisamente essa convicção baseada na experiência que exprimem os grandes salmos, como o 23, o 34, o 37 e o 91. Esses salmos e outras passagens semelhantes das Escrituras perturbam muitas pessoas, pois parecem prometer demais - parecem, para ser franco, utópicos. Mas não prometem que não sofreremos provações, conforme o significado que os homens conferem a "provação". Prometem, sim, um zelo absolutamente incessante, além da flexibilidade que Deus nos dá para que nos adaptemos ao que acontecer.

O salmo 91, por exemplo, é uma grande afirmação da total proteção que Jeová dá àquele que "habita" na sua presença. Mas isso não é *demais*? "Nenhum mal te sucederá" (v. 10). Mesmo? E: "Porque a mim se apegou com amor, eu o livrarei; pô-lo-ei a salvo, porque conhece o meu nome. Ele me invocará, e eu lhe responderei; na sua angústia eu estarei com ele, livrá-lo-ei, e o glorificarei. Saciá-lo-ei com longevidade, e lhe mostrarei a minha salvação" (vv. 14-16). Asseverações semelhantes se fazem nos outros salmos mencionados. Devemos entender que Deus em geral nos poupará de provações, especialmente se vivermos segundo a Oração do Senhor. E devemos entender também que, quando ele permitir que as provações nos alcancem, isso só significa que ele tem em mente para nós algo melhor do que o livramento das provações.

Aquilo que Jesus nos ensina sobre Deus deve deixar claro que o sofrimento e as "coisas ruins" que nos acontecem não são a maneira preferida por Deus de lidar conosco - são às vezes necessários, talvez, mas jamais aquilo que ele normalmente preferiria. O que o salmista diz vale para muitos de nós: "Antes de ser afligido andava errado, mas agora guardo a tua palavra. ... Foi-me bom ter eu passado pela aflição" (Sl 119:67, 71). O disciplinamento é essencial ao nosso verdadeiro lugar na família terrena de Deus, e "toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico... fruto de justiça" (Hb 12:11).

Nossa imaginação distorce essa verdade para dar uma falsa idéia de Deus. Essa distorção é em grande parte responsável pela veia mórbida que percorre boa parte do cristianismo histórico, e até contemporâneo, Projetamos sobre Deus as tendências sádicas que na realidade se acham presentes no ser humano. Em face da ira, do ódio e do desprezo que permeiam a sociedade humana, não é incomum encontrar pessoas que realmente *gostem* sofrimento dos outros. Uma das piores coisas que se pode pensar sobre Deus é que ele também gosta do sofrimento humano. Isso dá origem ao símile do *marquês de Deus*, correspondente divino do marquês de Sade, aquele que deu origem ao termo sadismo:

O marquês de Deus está pronto para lhes mostrar o quanto gosta de vocês... pelo castigo. Num momento de fúria, os continentes entram em convulsão, abalados pela atividade sísmica. Num acesso de indignação moral, ele demonstra a última novidade em mutações viróticas... O marquês de Deus é simplesmente um deus que odeia. É uma divindade que

despreza o pecado e os pecadores com tamanha paixão que recorre ao assassinio a fim de exterminá-los.

Ele obriga a mais nobre das suas criaturas a dançar à beira da aniquilação como um *poodle* treinado. A graça, como biscoito de cachorro, é oferecida ou sonogada, dependendo da desenvoltura.²³

É acaso de admirar que Jesus nos tenha mandado esquecer tudo o que pensamos saber sobre a natureza de Deus e mergulhar no retrato do Pai nosso que está nos céus? (Mt 11:25-27; Jo 3:13; 17:6-8). A última petição na Oração do Senhor é a revelação de um Deus que tudo fez para poupar os seus filhos, e que *sempre* irá fazê-lo diante de um pedido, a menos que tenha algo melhor em mente, o que é raro.

As pessoas que não pedem a Deus que as poupe de provações e males geralmente nem sequer reconhecem a mão divina quando são poupadas. Vivem então na ilusão de que as suas vidas são regidas pelo acaso, pela sorte, pela casualidade, pelos caprichos dos outros e pela sua própria sagacidade. E como não pedem, não convidam continuamente Deus a entrar na sua vida, pode ser mesmo que essa idéia não seja uma completa ilusão, muito pelo contrário. Se a pessoa se contenta com esse ponto de vista, Deus provavelmente não vai arrancar-lhe a ilusão. Ele nos respeita, por mais errados que estejamos. Mas assim jamais teremos a nossa vida no Reino no Meio de Nós. As palavras de Jesus sobre a oração são uma porta sempre aberta a esse reino.

A duradoura estrutura da vida de oração

Pessoalmente só passei a ver na Oração do Senhor uma porta para a vida de oração quando já rinha perto de 25 anos. Na minha família sempre fazíamos essa oração em uníssono na mesa do café da manhã, numa tradição que já estava no mínimo na terceira geração. Mas a certa altura, por razões que não sei explicar, comecei a usá-la de um *modo* novo: isolando cada frase e, absorto num tranqüilo estado meditativo, penetrando nas profundezas do seu significado para analisar dentro dela detalhes importantes da minha vida.

Quando comecei a "viver" assim a oração - e essa é a única maneira em que consigo descrever esse processo —, acordava muitas noites por volta das duas da madrugada e passava uma hora de deleite perante Deus, meditando em uma ou mais frases. Tive então de me obrigar às vezes, como ainda hoje faço, a pronunciar ponderadamente *toda* a oração. Pois senão as riquezas de uma ou duas frases da oração me impediam de seguir adiante, e eu não me beneficiava de todo o seu conteúdo.

Hoje às vezes não começo pela primeira petição, mas passo imediatamente ao final ou ao meio e me demoro ali um pouco. Outras vezes digo apenas as palavras do vocativo — "Pai nosso que preenches os céus" —, a fim de fixar com toda a convicção, nos diversos momentos do dia, o rumo e a orientação que devo seguir. Por alguma razão essas palavras são para mim de grande valia quando dirijo pelas autopistas de Los Angeles. Põem numa perspectiva correta perante Deus toda aquela paisagem urbana vasta e esparramada, mais populosa que muitos países, e me dão uma nova visão de quem sou e onde estou. Até hoje não vivi nenhuma situação em que não tenham sido extremamente eficazes.

Porém, é claro que o tema oração não se resume à Oração do Senhor. É *uma das* orações que nos ensina a orar. É um fundamento da vida de oração: sua introdução e sua base contínua. É uma estrutura duradoura para toda oração. Só se vai além dela desde que se permaneça nela. É o baixo indispensável na grande sinfonia da oração. É uma lente poderosa através da qual se pode constantemente enxergar o mundo como o próprio Deus o enxerga.

As palavras seculares e tão familiares das versões tradicionais da Bíblia são hoje um tesouro entrelaçado à consciência ocidental. Porém, creio que nos pode ser útil rephrasar a oração a fim de captar melhor a plenitude dos seus significados e o seu lugar no evangelho do reino:

Querido Pai que está sempre perto de nós,
seja seu nome acalentado e amado,
seja o seu governo completado em nós,
seja a sua vontade feita aqui na terra

assim como é feita no céu.

Dê-nos hoje as coisas que hoje precisamos,
e perdoe os nossos pecados e as imposições que lhe fazemos
como nós perdoamos todos os que de algum modo nos ofendem.

Peço que não nos faça passar por provações,
mas que nos livre de tudo o que há de mau.

Pois o Senhor é quem ordena,
o Senhor é quem detém todo o poder,
e a glória também é toda sua — para sempre —
e é isso mesmo que queremos!

"É isso mesmo que queremos" não é uma paráfrase ruim de "amém". O indispensável ao final dessa grande oração é uma sonora afirmação da bondade de Deus e do mundo de Deus. Se não for demais para você, por que não experimentar (ocasionalmente) um "Sóóóó!?! Acho que Deus não vai achar ruim.

Capítulo 8

DE COMO SER DISCÍPULO, OU ALUNO, DE JESUS

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações.

Mateus 28:19

*Jesus, a própria idéia de
Ti Toma-me com doçura
densa; Mais é ver-te o
rosto aqui E ficar em Tua
presença.*

Bernardo de Clairvaux

QUEM É O NOSSO MESTRE?

Quem é o seu mestre? Você é discípulo de quem? Sinceramente.

Uma coisa é certa: você é discípulo de alguém. Você aprendeu com alguém a arte de viver. Não há exceções a essa regra, pois o ser humano é o tipo de criatura que precisa aprender continuamente com os outros a viver. Aristóteles observou que devemos mais aos nossos mestres do que aos nossos pais, pois embora os pais tenham nos dado a vida, os mestres nos ensinaram a vida reta.

É difícil achar um meio realista de conciliar tudo isso. Hoje, especialmente nas culturas ocidentais, preferimos pensar que somos "nós mesmos". Nós mesmos tomamos as nossas decisões. Mas isso porque fomos orientados por pessoas que nos ensinaram a agir assim, por gente que nos disse que devemos agir assim. Tal individualismo faz parte do legado que nos faz "modernos". Mas certamente não adquirimos essa postura individualista por meio da nossa própria intuição individual e independente acerca da verdade definitiva.

Provavelmente você é discípulo de vários "alguéns", e é muito provável que eles o tenham modelado de maneiras que nem de longe são as melhores para você, tampouco as mais coerentes. Com toda a certeza você é, como eu, aluno de algumas figuras fundamentais, vivas e mortas, que em períodos cruciais estiveram ao seu lado para moldar as suas reações mais comuns - os seus pensamentos, sentimentos e atos. Ainda bem que esse é um processo contínuo, e até certo ponto autocorrigível.

Originalmente somos discípulos dos nossos pais e de outros familiares mais intimamente ligados a nós. Em geral isso é muito bom. Podem ser pessoas amáveis e firmes, gente que conhece a Deus e que anda nos seus caminhos. Eu e muitos outros fomos criados assim.

Mas nem sempre é assim. Os nossos laços de família originais podem se estender num espectro que vai do ligeiramente debilitante ao catastrófico. Sabemos muito mais sobre isso hoje do que sabíamos algumas décadas atrás. Sabemos com considerável precisão, por exemplo, como serão os filhos criados por pais alcoólicos. O relacionamento com os pais alcoólicos lhes ensina como *viver* neste mundo - de maneira mais ou menos trágica em muitos casos.

A seguir viramos discípulos dos nossos professores, depois dos nossos amigos e companheiros - uma das mais poderosas das relações "disciplinadoras" - e depois talvez ainda novamente dos nossos professores. Mas os professores desempenham um papel bem diferente na vida dos adolescentes e dos jovens adultos na casa dos 20 anos. Esses professores se esforçam por gravar em pedra os impulsos principais da auto-imagem que escolhemos mais ou menos conscientemente, auto-imagem essa que irá nos erguer ou derrubar nas importantes relações da nossa vida.

Dentre esses últimos mestres geralmente há pessoas muito glamourosas e poderosas. Podem ser professores mesmo — instrutores de algum tipo, como no caso do serviço militar, ou mesmo professores universitários. Mas talvez haja entre essas figuras públicas de vários tipos: artistas, músicos, escritores, profissionais. Eles quase sempre nos transmitem uma forte idéia daquilo que significa a vida como um todo. Isso nos proporciona as diretrizes absolutamente indispensáveis de conduta consciente perante nós mesmos, perante os outros... e perante Deus. Precisamos ter tais diretrizes, mesmo que estejam erradas.

Uma das transições principais da vida é justamente identificar quem nos ensinou, nos conduziu, e depois avaliar os resultados que essa orientação deixou em nós. É uma tarefa angustiante, e às vezes simplesmente não conseguimos assumi-la. Mas também pode abrir a porta para a escolha de outros mestres, possivelmente mestres melhores, e acima de tudo um Mestre.

A terrena "Sociedade de Jesus"

O pressuposto do projeto de Jesus para os seus seguidores na terra era que eles viveriam como seus alunos e colaboradores. Eles o achariam tão admirável em todos os aspectos — sábio, belo, poderoso e bom - que constantemente buscariam estar na sua presença para receber dele orientação, instrução e auxílio em todas as facetas das suas vidas. Pois ele é de fato o cabeça vivo da comunidade do amor em oração em todo o tempo e espaço.

Com base nesse pressuposto, a promessa que fez ao seu povo foi que com ele estaria em todos os momentos, até que este "século" finde e o universo entre numa nova fase (Mt 28:20; Hb 13:5-6). Em termos mais gerais, as *provisões que ele fez* para o seu povo durante este período em que vivemos hoje são provisões feitas para aqueles que se conduzem, precisamente, como aprendizes dele na vida do reino. Qualquer um que não seja um constante aluno de Jesus, e que mesmo assim leia as grandes promessas da Bíblia como se fossem para ele, é como aquele que tenta descontar um cheque da conta de outra pessoa. Na melhor das hipóteses, ele só consegue fazê-lo esporadicamente.

O resultado desse contínuo estudo com Jesus seria naturalmente aprender a fazer tudo o que fazemos "em nome do Senhor Jesus" (Cl 3:17); ou seja, com autorização dele ou em lugar dele: como se ele mesmo o fizesse. E logicamente isso significa aprender a "guardar rodas as cousas que vos tenho ordenado" (Mt 28:20). Na sua presença a nossa vida interior se transformará, e seremos pessoas para quem o modo de agir de Jesus é o natural (e sobrenatural).

O caminho estreito e a árvore boa

Nitidamente, aos olhos de Jesus não há boa razão para deixar de fazer o que ele nos ordenou fazer, pois ele só nos manda fazer o melhor. Certa ocasião ele perguntou aos seus alunos: "Por que me chamais: Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?" (Lc 6:46). Tente se imaginar diante dele explicando por que você não fez o que ele disse que era o melhor. Pode ser que em certos casos seria até correto agir assim. E com certeza podemos contar com a compreensão de Jesus nesses casos. Mas isso não vale como conduta geral numa vida de confiança nele. Ele nos preparou um caminho para a obediência fácil e contente - na realidade, para a realização pessoal. E esse é o caminho do aprendizado. É o "discipulado" cristão. Seu evangelho é um evangelho *de vida e discipulado cristão*.

Em outras palavras, sua mensagem básica - "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" (Mt 4:17) — apresenta os recursos necessários para que vivamos a vida como todos

inconscientemente pensamos que ela deve ser vivida, e naturalmente nos leva a nos tornar alunos de Jesus, ou aprendizes da vida do reino.

Portanto, a prática rotineira da obediência sincera é o terna final do Sermão do Monte. Sem dúvida ele sabia de antemão que os homens tentariam todo artifício concebível para evitar simplesmente fazer as coisas que ele disse serem as melhores (porque sabia que eram as melhores), e hoje vemos pelo testemunho do passado e do presente que isso de fato sempre aconteceu.

Assim, na conclusão do Sermão, em Mt 7:13-27, ele nos apresenta quatro vívidos contrastes para nos ajudar a não perder o caminho que conduz à comunidade do amor em oração, na qual se cumpre o que a lei e os profetas realmente disseram, porque as pessoas de fato tratam umas às outras como gostariam de ser tratadas (7:12).

Jesus antes de mais nada sublinha que a entrada nessa comunidade do reino se dá por uma porta estreita. Ou seja, existe uma maneira correta de entrar: não adianta pegar qualquer estrada - o "espaçoso [...] caminho que conduz para a perdição" (vv. 13-14).

Depois ele faz um alerta sobre aqueles que querem nos desencaminhar, aqueles que parecem bons, mas que por dentro - onde agora sabemos que se dá a verdadeira ação - são governados meramente pelos seus próprios desejos. Por fora parecem ovelhas, mas por dentro só pensam em devorar ovelhas, ou seja, usar os outros para alcançar os seus objetivos (v. 15). São aqueles que o outro irmão mais novo de Jesus, Judas, comparou a "pastores que a si mesmos se apascentam... segundo as suas paixões. A sua boca vive propalando grandes arrogâncias; são aduladores dos outros, por motivos interesseiros" (Jd 12-16).

Para identificar aqueles que querem nos desencaminhar, basta observar o que fazem e prestar pouca atenção ao que dizem. Os seus atos serão sinal inequívoco de quem são por dentro. Árvores e plantas manifestam a sua natureza nos frutos: figueiras dão figos e não uvas. E os atos das pessoas revelam, ante uma ponderação meticulosa e sincera, o tipo de gente que realmente são (Mt 7:16-20).

As pessoas confiáveis são aquelas que realmente aprendem a fazer o que Jesus disse ser o melhor. Chamá-lo "Senhor", ou mesmo fazer coisas espantosas em seu nome, não valem como substitutos. Aquele que entra no reino dos céus é o que faz a vontade do Pai celeste de Jesus (v. 21). A vontade do Pai é precisamente o que Jesus tem pregado aqui nesta encosta, o verdadeiro significado da "lei e os profetas" (v. 12).

Aquele que ouve as suas palavras e põe em prática o que ouve constrói para si uma casa absolutamente indestrutível. A casa é edificada sobre a rocha, não sobre a areia, onde os ventos da vida a derrubam. Em linguagem simples e contemporânea, tudo isso se resume em: "Faça!" Pois ele sabe que em todo caso em que não o fizermos, estaremos, nessa mesma medida, afastando-nos da bendita realidade do reino.

Os quatro vívidos contrastes dessa passagem de Mateus 7 são:

1. A porta estreita e a porta larga (vv. 13-14).

2. A árvore boa com o seu "interior", e a árvore má (vv. 15-20). *Metáfora acessória*: lobos disfarçados em ovelhas. Falsos líderes contrastados com os verdadeiros: aqueles não têm a bondade espontânea e constante do coração de Jesus (v. 15). Por dentro são "lobos".

3. Juízo final daqueles que fazem "a vontade de meu Pai" e daqueles que tentam substituí-la pelas grandes obras feitas "em teu nome" (vv. 21-23).

4. Aqueles que ouvem as palavras de Jesus e põem em prática o que ouvem (casa sobre a rocha), e aqueles que ouvem as suas palavras mas não as colocam em prática (casa sobre a areia) (vv. 24-27).

A porta estreita não é, como muitas vezes se supõe, correção doutrinária. A porta estreita é a obediência - e a fé em Jesus indispensável a essa obediência. Vemos facilmente que não é correção doutrinária porque muitas pessoas que sequer conseguem compreender as doutrinas corretas assim mesmo depositam nele toda a sua fé. Além disso, encontramos muitas pessoas que parecem agir muito corretamente segundo a doutrina, mas que trazem o coração cheio de ódio e raso de compaixão. A porta larga, por outro lado, é fazer simplesmente o que se quer fazer.

O fruto da árvore boa é a obediência, que vem com a transformação pessoal (o "lado de dentro" da árvore) que sofremos na companhia de Jesus. O lobo disfarçado em ovelha é aquele que tenta *simular* o discipulado com obras exteriores. Mas depois as realidades interiores o vencem.

A "vontade de meu Pai" é aquilo tudo de que Jesus acabou de falar no seu Sermão. Fazendo o que ele diz, começando por crer "naquele que por ele foi enviado", passamos a trilhar os caminhos de Deus, entramos "no reino dos céus". Naturalmente, também entraremos na próxima fase do reino, na sua plenitude, marcada pelo final da história humana e pelo acerto definitivo de contas.

Tudo isso equivale a dizer que, na realidade, fazendo o que Jesus sabe ser o melhor para nós, edificamos uma vida absolutamente indestrutível, "sobre a rocha". "E a rocha era Cristo" (1Co 10:4).¹⁰

As grandes passagens de Paulo, Pedro e João - como 1 Coríntios 13; Colossenses 3; 1 Pedro 2; 2 Pedro 1:1-15; 1 João 3:1—5:5 — abordam exatamente a mesma mensagem de muitos ângulos distintos: a mensagem de transformação interior que sofre todo aquele que se faz discípulo de Jesus. Nelas o ponto de referência central é sempre uma espécie divina de amor, o **amor-caridade**, que passa a caracterizar o cerne da nossa personalidade. As obras da "lei" derivam naturalmente dele. A lei não é a causa da bondade pessoal, como já dissemos, mas sua conseqüência inevitável.

Como devemos *estar com ele*?

Mas se eu pretendo ser aprendiz de alguém, há uma condição absolutamente essencial. Preciso *estar com* essa pessoa. Isso vale para toda e qualquer relação aluno-professor. E é precisamente o que significava *seguir* Jesus quando ele vivia na terra. Segui-lo significava, em primeiro lugar, estar com ele.

Se sou discípulo de Jesus, isso significa que *estou com ele para aprender com ele a ser como ele*. Tomando exemplos da vida comum, a criança que aprende a multiplicar e a dividir números é um aprendiz do seu professor.

As crianças ficam junto dos seus professores, aprendendo com eles a ser como eles em determinado aspecto - e isso vale também para um aluno de piano ou canto, de espanhol, de tênis, etc. Esse "estar com", observando e ouvindo, é definitivamente imprescindível.

E nos é dada a oportunidade de estar com Jesus, como duas pessoas, no nosso dia-a-dia. Mas é também necessário que tenhamos um entendimento prático - não metafísico nem mesmo teológico - dessa disposição a fim de que levemos a bom termo a nossa parte da relação de aprendizado. Jesus, coerentemente, demonstrou grande zelo por instruir os seus alunos diretos - tanto antes da sua morte quanto no intervalo entre a ressurreição e a ascensão - acerca do modo da sua presença com eles (e conosco) durante o longo período à frente. Antes de deixá-los, ele fez questão de que os discípulos compreendessem muito exata e claramente como se daria essa presença.

Em João 14, Jesus deixa bem claro que logo seria tirado do meio deles naquela forma humana visível que os discípulos conheceram. Depois, explica Jesus, outro "Fortalecedor" - pois "Consolador" já não é a palavra certa para traduzir hoje *paracleton* - se revelaria ativo e interativo na vida deles. A leitura marginal de João 14:16 na Nova Versão Padrão Americana exprime de modo excelente o significado pretendido: paraclete é "alguém chamado a ficar ao lado e ajudar". Esse outro Fortalecedor (outro, isto é, além do Jesus visível que eles haviam conhecido) estaria com eles até o fim.

A ordem humana, ou o "mundo" (*cosmos*), por outro lado, não pode receber esse "Espírito da verdade", como Jesus o define, pois não pode *vê-lo* e, portanto, não pode conhecê-lo. A mente humana na sua forma hoje normal geralmente não aceita como realidade aquilo que não pode ver. A natureza espiritual de Deus, reafirmada aqui por Jesus com referência à sua própria personalidade, esteve presente para o povo judeu desde os primórdios da sua história (vale lembrar Êx 20:4; Dt 4:12, 15, etc). Mas era algo que nem mesmo eles chegaram a compreender

¹⁰ A *ARA* traz: "E a pedra era Cristo". (N. do T.)

perfeitamente - embora entendessem de idolatria. Isso se revela pela preponderância da tão visível "justiça dos escribas e fariseus" ainda no tempo de Jesus. Ninguém jamais tentaria viver segundo essa "justiça" se compreendesse perfeitamente que todo pensamento e intenção é livro aberto perante um Deus sempre presente. Mas muitos ainda tentam agir assim hoje.

A personalidade de Deus não é uma realidade física que todos precisam ver, quer queiram quer não. Ele, logicamente, pode se fazer presente para a mente humana da maneira que melhor lhe convier. Mas — por boas razões arraigadas fundamente na natureza da pessoa e das relações pessoais — a sua maneira preferida é *falar, comunicarse* daí a absoluta centralidade da Bíblia para o nosso discipulado. E essa, dentre outras, é a razão pela qual se fazem tão indispensáveis longos períodos de solidão e silêncio para o crescimento do espírito humano, pois esses dois elementos perfazem uma condição ideal para ouvir e falar com Deus.¹

Ensinando a transição

Em Atos 1 temos um relato fascinante dos quarenta dias que Jesus passou com os seus onze apóstolos entre a ressurreição e a ascensão. Esse relato é absolutamente essencial para compreender de que modo se dá hoje a presença dele ao lado do seu povo. Indica claramente que durante esse período ele ora se comunicava com os discípulos *sem* estar visivelmente presente, ora se comunicava com eles *estando* visivelmente presente.

Lemos: "Ele foi elevado às alturas [a ascensão]" "depois de haver dado mandamentos *por intermédio do Espírito Santo* aos apóstolos que escolhera".

Depois o autor acrescenta, imediatamente: "A estes *também*, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das cousas concernentes ao reino de Deus" (At 1:2-3).

O Mestre toma toda providência necessária para garantir que os alunos assimilem o modo como estará com eles a partir de então. Jesus diz o que lhes vai acontecer, e de fato acontece. Depois conversa com eles sobre o que aconteceu. Por fim as lições são repetidas. E assim por diante. Assim age Jesus na condição de mestre, professor. É absolutamente essencial que seus amigos entendam, da melhor maneira possível, *como* ele estará com eles e *como* eles devem agir para continuar seus aprendizes e colaboradores no reino a partir do momento em que não mais o virem do modo habitual. Pois trata-se de uma situação que vai perdurar durante todo o período da existência da igreja, ou seja, pelo menos até hoje.

"Imersão" na presença espiritual

Porém, a realidade concreta das interações invisíveis de Jesus com os discípulos durante o período pré-ascensional não eliminou imediatamente todas as dúvidas e mal-entendidos dos seus colaboradores. Indicando o próximo passo no desenvolvimento dos discípulos, Jesus lembra a eles a antiga promessa da imersão no espírito de Deus. Essa promessa fora renovada na mensagem de João Batista, e foi seguidamente enfatizada pelo próprio Jesus. Então ele manda que os discípulos permaneçam em Jerusalém, pois daí a poucos dias serão imersos no Espírito Santo (At 1:4-5). Nas palavras de Lucas 24:49, eles deveriam aguardar ali até que "do alto" fossem "revestidos de poder".

É realmente inimaginável que os discípulos tenham esperado, como Jesus lhes ordenara, sem a *vivência* da realidade do espírito que ele lhes havia apresentado com tanto cuidado após a ressurreição. E mesmo assim eles ainda perguntavam se Jesus não estava prestes a restaurar "o reino a Israel" (At 1:6), ou seja, a realidade *visível* de uma entidade política. Essa era ainda a única forma em que conseguiam conceber a prometida imersão, ou "batismo", que Jesus afirmava estar próxima. Mas a promessa era de um "poder" independente de um reino visível. Era de um poder sem posição visível. Imersos nesse poder, seu povo existiria e testemunharia, começando por Jerusalém e alcançando os confins da terra, desde aquela época até hoje (**v. 8**).

Assim fortalecidos pelo ensinamento e pela experiência, eles de fato esperaram - embora não compreendessem totalmente. E *foram* imersos. E compreenderam bem o bastante para conseguir exprimir o que aconteceu naquele momento. Compreenderam e explicaram as manifestações de Pentecostes em termos das promessas de Deus a Israel, da sua experiência com Jesus e daquilo que deveriam fazer então e sempre (At 2:14-40).

A imersão chegou para eles com um forte estrondo, do mesmo céu no qual apenas dez dias antes eles tinham visto Jesus desaparecer (At 2:2). Pedro então se ergueu no centro do mundo judaico e reinterpretou a vocação que Deus conferira nos primórdios ao povo judeu, de ser luz e bênção para todas as nações. "Para vós outros", disse ele, "é a promessa, para vossos filhos, e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor nosso Deus chamar" (2:39).

A vida no Espírito e no reino dos céus

A presença pessoal de Jesus em meio a indivíduos e grupos que nele confiam foi logo compreendida pelos seus primeiros alunos como a realidade *prática* do reino de Deus agora na terra. Ou seja, essa presença é o reino como fator ativo nas suas vidas. Essa realidade é a "vida" adicional tão cara ao apóstolo João nos seus escritos. E o "em Cristo" que forma a espinha dorsal da compreensão paulina da redenção.²

Infelizmente, a inclinação incansavelmente legalista da alma humana levou muitos, ao longo do tempo, a identificar a imersão no espírito com as suas manifestações exteriores, sejam sinais e prodígios; outras línguas; pobreza, castidade e obediência; poder para converter descrentes; sejam determinadas práticas e símbolos que passaram a distinguir denominações. Mas, por mais importantes que sejam essas coisas, não são a realidade mesma da vida do reino. A realidade da vida do reino é uma realidade interior, oculta, associada ao Pai que está "em secreto". E muitas vezes percebemos que essa realidade está ausente daqueles que convertem muitos outros ou que manifestam línguas, sinais, prodígios e coisas do gênero.

Não que a genuína presença do reino numa pessoa possa realmente estar oculta. Não pode, como também não pode se ocultar a sua ausência. Mas também não pode ser "enlatada", controlada, produzida sob encomenda, padronizada ou levada a um ponto em que possa ser transmitida de um ser humano a outro.

A realidade da vida espiritual no reino de Jesus, distintamente das suas manifestações específicas no mundo visível, não pode ser usada para obter um monopólio sobre Deus e provar que *nós*, afinal, somos aqueles que "compreendemos corretamente". O espírito não pode ser mercadejado, por mais sutilmente que se tente fazê-lo. Para infortúnio nosso, o povo de Jesus ao longo dos séculos sempre se mostrou maculado pelo traço de caráter infeliz de Simão o "grande vulto" (At 8:9-24), personagem que já mencionamos acima. Todos temos de lutar contra essa tendência simoniaca. Mas podemos ter a certeza de que o espírito de Jesus não coopera com essa tendência.

Por isso Paulo, com muita simplicidade, declara: "Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus" (Rm 8:14). O guia a que ele se refere diz respeito à realidade interior, não às manifestações exteriores. E: "O reino de Deus não é comida nem bebida [quer você o faça de um jeito ou de outro], mas justiça (*dikaioisune*), e paz, e alegria no Espírito Santo. Aquele que deste modo serve a Cristo é agradável a Deus e aprovado pelos homens" (Rm 14:17-18).

E quando Paulo escreve aos colossenses, ele ora para que eles vivam de um modo digno do Senhor, agradando-o em todos os aspectos, frutificando em toda boa obra e crescendo constantemente no conhecimento de Deus (Cl 1:10). Depois Paulo pede que eles sejam "fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua glória" (v. 11). Alguém poderia pensar que o apóstolo estava pedindo impressionantes manifestações exteriores! Mas não, esse poder é necessário para proporcionar aos colossenses "toda a perseverança e longanimidade; com alegria, dando graças ao Pai que vos fez idôneos à parte que vos cabe da herança dos santos na luz". O resultado mais elevado da submersão no Cristo ressurrecto é a transformação do eu interior, para que seja como ele.

Portanto, o reino dos céus, *do ponto de vista prático segundo o qual todos devemos viver*, é simplesmente a vivência da contínua interação de Jesus conosco — na história e através dos dias, horas e momentos da nossa existência terrena. É por isso que, quando o novo reino começa a extrapolar os limites da Judéia, encontramos Filipe na cidade de Samaria, evangelizando "a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo" (At 8:12). O reino era realidade para eles pelo nome de Jesus. O próprio Jesus ainda agia quando seu nome era invocado. E Paulo, ao final do livro de Atos, estando então em Roma, proclamava "o reino de Deus [...]" e ensinava as cousas referentes ao Senhor Jesus Cristo" (At 28:23, 31).

Assim cumpriu-se a declaração de Jesus acerca da nação judia - não, enfatizamos, dos judeus individualmente -, de que "o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos" (Mt 21:43). E esse povo era o povo do nome "Jesus".

E logicamente é o discipulado - o aprendizado prático com Jesus - a passagem *interna*, no Reino no Meio de Nós, da fé inicial em Jesus a uma vida de realização e rotineira obediência. Foi precisamente por isso que Jesus disse aos seus, quando o viram pela última vez na sua conhecida forma visível, que fizessem discípulos, alunos, aprendizes dele dentre todos os povos da terra. E para fazer discípulos eles mesmos certamente teriam de ser também discípulos. Assim precisamos redobrar a atenção a questão do discipulado cristão. Ponderemos o que significa *ser* discípulo de Jesus, como *tornar-se* discípulo de Jesus e como fazer discípulos de Jesus.³

COMO SER DISCÍPULO

A simplicidade do discipulado

Antes de tudo, convém notar que *ser* discípulo, ou aprendiz, de Jesus é uma coisa bem definida e óbvia. Fazer mistério disso é compreender erradamente o que significa. Não há razão que justifique o fato de alguns duvidarem que são realmente seus alunos. E sempre haverá prova bem clara de que determinado indivíduo é ou não seu aluno, embora talvez não estejamos em posição de colher essa prova e raramente tenhamos motivo legítimo para colhê-la ou usá-la.

Isso pode soar bastante surpreendente, chocante até, para muita gente inserida na nossa cultura religiosa, na qual vigora longa tradição de dúvida, ou mesmo de impossibilidade de decidir se fulano é ou não *cristão*. A questão subjacente nessa tradição sempre foi se a pessoa daria ou não o "passo derradeiro". E freqüentemente se pensa que esse passo é uma questão de Deus ter ou não "escolhido" a pessoa: depende de ela estar ou não "entre os eleitos". Ou senão é uma questão de o crente ter ou não pecado demais, ser ou não bom o suficiente. Dispensável é dizer que essas perguntas seriam difíceis de responder com grande segurança - talvez absolutamente impossíveis de responder, pois não temos condições de pesquisar os livros dos céus.

Entrar nessas antigas controvérsias nos levaria para longe do nosso caminho. Mas felizmente isso não é necessário. Hoje aceita-se quase universalmente que você pode ser cristão sem ser discípulo.⁴ E aquele que de fato age como aprendiz e colaborador de Jesus no seu cotidiano é sem dúvida nenhuma "cristão" em todos os sentidos fundamentais dessa palavra. O próprio termo *cristão* foi explicitamente introduzido no Novo Testamento - em cujo texto, a propósito, ele somente é usado três vezes -, aplicando-se aos discípulos quando não podiam mais ser chamados judeus em função de haver entre eles muitos gentios.

Ora, quando interpelamos as pessoas perguntando se são aprendizes de um importante político, músico, advogado ou roteirista de cinema, elas não precisam nem de um segundo para responder. O mesmo se dá se fazemos a mesma pergunta a pessoas que estudam espanhol ou alvenaria com alguém desconhecido do público. É algo que dificilmente escaparia à atenção de qualquer um. Como então não afirmar o mesmo do discipulado de Jesus?

Porém, se perguntarmos se fulano é um *bom* aprendiz desse ou daquele profissional, aí pode haver hesitação. Talvez ele responda não. Ou sim. Questionado sobre se poderia vir a ser melhor aluno, provavelmente responderia que sim. E tudo isso está perfeitamente de acordo com a idéia de *ser* discípulo ou aprendiz. Pois ser discípulo em qualquer campo ou relacionamento é não ser perfeito. É possível ser um novato bastante inexperiente e incompetente e ser, apesar disso, discípulo.

Faz parte do revigorante realismo dos Evangelhos observar que Jesus muitas vezes "bronqueia" com os discípulos. Isso, contudo, nada tem que ver com rejeitá-los. É, de fato, uma forma de ser fiel a eles, assim como o castigo é o meio de que Deus se utiliza para mostrar que alguém é seu filho (Hb 12:7-10). Um bom "mestre" leva os seus aprendizes a sério e, portanto, chama a atenção deles sempre que necessário.

O que é um discípulo

Com base no que dissemos acima, então, discípulo ou aprendiz é simplesmente aquele que decidiu estar com outra pessoa, em condições adequadas, a fim de ser capaz de fazer o que faz o mestre, ou de tornar-se o que é o mestre.

Como aplicar esse conceito ao discipulado cristão? O que faz exatamente Jesus, o Senhor encarnado? Ou podemos perguntar: em que ele "é bom"? A resposta se encontra nos Evangelhos: ele vive no reino de Deus, põe em prática esse reino para o bem dos outros, e até possibilita que as pessoas entrem elas mesmas no reino. As mais profundas verdades teológicas sobre a sua pessoa e a sua obra não contrariam essa simples realidade. É aquilo a que ele nos chama ao dizer: "Segue-me".

O relato que Pedro nos dá da primeira apresentação "oficial" do Evangelho aos gentios representa um retrato preciso do Mestre de quem somos aprendizes. "Vós conheceis a palavra que se divulgou por toda a Judéia, tendo começado desde a Galileia", disse ele a Cornélio, "como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele" (At 10:37-38).

E como discípulo de Jesus, eu estou com ele, por escolha própria e pela graça, aprendendo com ele a viver no reino de Deus. Essa é a ideia crucial. Isso significa, convém lembrar, viver dentro do alcance da vontade eficiente de Deus, a sua vida fluindo pela minha. Outro modo expressivo de falar a mesma coisa é dizer que estou aprendendo com Jesus a viver a *minha* vida como se ele viveria a minha vida se fosse eu. Não estou necessariamente aprendendo a fazer tudo o que ele fez, mas sim aprendendo a fazer tudo o que faço da maneira que ele fez tudo o que fez.

Minha principal função na vida, por exemplo, é a de professor numa universidade voltada à pesquisa. Como aprendiz de Jesus, então, tenho constantemente diante de mim a questão de como ele lidaria com os alunos e colegas nas relações que tal função implica. Como ele planejaria um curso, e por quê? Como ele elaboraria uma prova, como a aplicaria e avaliaria? Quais seriam os seus projetos de pesquisa, e por quê? Como ele daria esse ou aquele curso?

O ponto focal do discipulado é toda a minha existência cotidiana

É crucial reconhecer que a minha vida é o ponto focal da relação de aprendiz que tenho para com Jesus. Reconhecendo isso, podemos nos libertar da verdadeira loucura que nos impõe a atual distinção entre "serviço cristão em tempo integral" e "serviço cristão ocasional". Pois o discípulo de Jesus não é necessariamente aquele devotado a desenvolver somente atividades religiosas, como geralmente se pensa. Repetindo, eu estou aprendendo com Jesus a viver a *minha* vida, a minha verdadeira vida. Peço que o leitor repare que não estou aprendendo com ele a viver a *sua* vida. A sua vida na terra foi transcendentalmente magnífica. Mas já passou. Nem eu nem ninguém, tampouco ele mesmo, jamais a viverá de novo. E, seja como for, ele está interessado é na minha vida, nessa existência mesma que sou eu. É aí que se encontra a minha necessidade. Preciso ser capaz de levar a minha vida como ele a levaria se fosse eu.

Portanto, como discípulo de Jesus, não aprendo necessariamente a desenvolver especialmente atividades religiosas, seja como parte de um "serviço em tempo integral", seja como parte de um "serviço ocasional". A minha condição de discípulo de Jesus não é, dentro de limites claramente definidos, uma questão do que eu faço, mas de como eu o faço. E abarca tudo, tanto atividades "religiosas" como atividades leigas.

O irmão Lawrence, que foi ajudante de cozinha e cozinheiro, observa:

A nossa santificação não depende de *mudar* o nosso trabalho, mas de fazer em nome de Deus o que normalmente fazemos por nós mesmos... É grande ilusão pensar que os momentos de oração devem diferir dos outros momentos. Estamos tão estritamente obrigados a nos apegar a Deus pela ação na hora de agir como pela oração nos momentos de oração.⁵

É crucial para a nossa caminhada no reino compreender que os ensinamentos de Jesus, que vimos examinando com certo detalhamento neste livro, não fazem por si só uma vida. Jesus jamais pretendeu isso. Antes, esses ensinamentos pressupõem uma vida. Mas isso não gera

problema nenhum, pois é claro que cada um de nós recebe automaticamente uma vida. E sabemos exatamente o que é essa vida: quem somos e o que fazemos. É precisamente essa vida que Deus quer que lhe demos. Só precisamos ter o cuidado de compreender a sua verdadeira dignidade. A cada pessoa podemos dizer com convicção: "Você, você na sua vida real, é exatamente a pessoa que Deus queria".

Os ensinamentos de Jesus nos Evangelhos nos mostram *como* viver a vida que recebemos, incluindo a época, o lugar, a família, os vizinhos, os talentos e as oportunidades que são nossos. As palavras que ele nos deixou na Bíblia nos proporcionam todos os ensinamentos gerais que necessitamos para balizar a nossa conduta em cada situação. Basta colocá-los em prática, dentro dos parâmetros que examinamos acima, para eliminar a maioria dos problemas que perturbam a vida humana. É por isso que, como já observamos, os ensinamentos de Jesus em Mateus 5-7 são voltados a coisas como assassinato e ira, desprezo e luxúria, rejeição familiar e ataques verbais. É a vida real. Embora os seus ensinamentos não façam uma vida, dizem respeito a cada aspecto de toda vida.

Logo, a vida no reino não é apenas uma questão de *não* fazer o que é errado. Os aprendizes de Jesus se ocupam primordialmente do bem positivo que podem fazer durante os dias vividos "debaixo do sol" e das forças e virtudes positivas que desenvolvem em si mesmos ao evoluir rumo ao "reino que vos está preparado desde a fundação do mundo" (Mt 25:34). O que eles, e Deus, alcançam ao longo da sua vida é antes de tudo a pessoa que se tornam. E é por isso que a sua vida real é tão importante.

O cultivo de si mesmo, da família, do local de trabalho e da comunidade - especialmente da comunidade de crentes - torna-se assim o ponto focal da vida conjunta do aprendiz com o seu mestre. É com todo esse contexto em vista que se pode falar mais proveitosa e acuradamente de "aprender com ele a viver a minha vida como ele a viveria se fosse eu".

A glória do meu trabalho

Mas sejamos o mais específicos possível. Pense no seu trabalho, aquilo que você faz para viver. Essa é uma das maneiras mais claras de se concentrar na sua condição de discípulo de Jesus. *Ser* discípulo de Jesus é, essencialmente, aprender com Jesus a fazer o seu trabalho como o próprio Jesus o faria. O Novo Testamento exprime essa idéia propondo que tudo façamos "em nome de" Jesus.

Quando você pára para pensar nisso, percebe que *não* encarar o trabalho como local primordial de exercício do discipulado é excluir automaticamente a parte principal, se não a maior, das horas ativas da vida com Jesus. É aceitar controlar sozinho um dos seus interesses mais fortes na vida, ou então controlá-lo sob direção e orientação de outras pessoas que não Jesus. Pois é assim que vive hoje a maior parte dos *cristãos confessos*, crendo que o discipulado é uma vocação especial ligada primordialmente a atividades religiosas e ao "serviço cristão em tempo integral".

Mas como é exatamente que se faz do trabalho um aspecto essencial da condição de discípulo de Jesus? Obviamente não se tornando um cristão "chato", o rigoroso defensor de toda decência e crítico acerbo da conduta dos outros. Espero que isso já esteja suficientemente claro em vista do nosso estudo de Jesus e dos seus ensinamentos no Sermão do Monte e em outras passagens.

A mansa mas firme não-cooperação com coisas que todos sabem ser erradas, aliada a um serviço sensível, não impertinente, não intrometido, não subserviente aos outros, deve ser o nosso modo habitual e declarado de agir. Isso se deve combinar com uma constante vida íntima de oração per todo tipo de atividade que o nosso trabalho exige, além de um amor genuíno por todas as pessoas envolvidas.

Assim, pontos específicos dos *ensinamentos e do exemplo* de Jesus - como a não-retaliação, a recusa de pressionar por vantagens financeiras, o devido auxílio aos incapacitados, etc. - entrarão em ação de acordo com as circunstâncias. E devemos estar sempre atentos e prontos a atender qualquer pessoa que exhiba uma óbvia necessidade ou interesse espiritual de compreender Jesus, empregando palavras verdadeiramente preches de amor, ponderação e solicitude.

Não acredito que simplesmente vivendo o evangelho cumprimos as nossas obrigações para com aqueles que estão à *nossa* volta. Há, é claro, muitas formas de falar inadequadamente - prejudicialmente até —, mas sempre é verdade que palavras ditas adequadamente têm um quê de beleza e poder capaz de transmitir vida e alegria. E você não pode supor que as pessoas entendam o que está acontecendo se você apenas vive no meio delas como pessoa de Jesus. Talvez pensem que você não passa de mais uma versão da esquisitice humana.

Contaram-me um dia o seguinte caso: um professor universitário costumava, ao meio-dia, pegar ostensivamente a sua Bíblia e o seu almoço e ir até uma capela próxima a fim de estudar, orar e ficar só. Outro professor levava a sua assistente para o gabinete para fazer sexo. Ninguém da universidade achava que valia a pena questionar um ou outro costume. Afinal, as pessoas fazem todo tipo de coisas. Estamos acostumados a isso. Em algumas situações, só as palavras podem promover a compreensão.

Mas, repito, o interesse central de Deus é o trabalho específico das pessoas - seja produzir cabos de machado ou pastéis, seja vender automóveis ou dar aulas numa pré-escola, seja atuar no setor financeiro ou na política, seja evangelizar ou gerenciar programas de educação cristã, seja militar nas artes ou ensinar inglês como língua estrangeira. Ele quer o trabalho bem feito. É trabalho que precisa ser feito, e deve ser feito *como o próprio Jesus o faria*. Nada substitui isso. Na minha opinião, pelo menos, enquanto a pessoa está trabalhando, todas as atividades exclusivamente religiosas devem assumir um posto secundário em relação à obrigação de fazer "o serviço" com suor, inteligência e o poder de Deus. Essa é a nossa devoção a Deus. (Estou supondo, claro, que esse trabalho promove os bons propósitos humanos.)

A nossa intenção no trabalho deve ser o bem mais elevado em cada aspecto, e devemos perseguir essa meta com a consciente expectativa de receber de Deus um fluxo constante de energia e orientação. Embora nunca devamos deixar que o trabalho tome conta da nossa vida, convém, dentro de limites sensatos, sacrificar costumeiramente o conforto e o prazer pela qualidade do serviço, seja na produção de cabos de machado ou pastéis, seja na proficiência de um aluno que estamos ensinando.

E, claro, isso muito beneficia os que utilizam os nossos serviços. Mas é importante que a nossa mente não se deixe obcecar pelos usuários desses serviços, tampouco se deixe obcecar pela idéia de estimá-los. Fazemos o trabalho bem feito porque é do gosto de Jesus, e nós o admiramos e amamos. É o que ele faria. Fazemos o nosso trabalho "de todo o coração [*ex psyche*], como para o Senhor, e não para os homens" (Cl 3:23). "A Cristo, o Senhor, é que estais servindo" (v. 24). Como aprendizes de Jesus, relacionamo-nos pessoalmente com ele ao fazer o nosso trabalho, e ele está conosco, como prometeu, para nos ensinar a fazer o melhor.

Poucos ilustraram isso melhor que Kirby Puckett, que durante treze anos foi jogador do time de beisebol Minnesota Twins. Ele teve uma média de rebatidas na carreira de 0,318, foi eleito para a seleção da temporada durante dez anos seguidos e ganhou seis Luvas de Ouro pela atuação na defesa. Foi um dos homens mais adorados a praticar o esporte, além de um cristão bem conhecido.

Dennis Martinez, lançador do Cleveland Indians, certa vez esmagou o lado esquerdo do rosto de Kirby num arremesso. Martinez pensou que Kirby passaria a odiá-lo. Mas quando se recuperou um pouco, Kirby chamou Martinez de "meu bom amigo" e culpou-se por não ter saído da frente da bolinha. Ele foi um importante líder comunitário defensor de boas causas, e exprimia naturalmente a sua fé em palavras coerentes com a sua vida. Todos sabiam em quem Kirby tinha fé e por que ele não odiava alguém que o havia machucado. Ele vivia no mundo de Deus e nele confiava.

Quem não conhece por experiência própria esse caminho do "discipulado no trabalho" nem consegue imaginar que alívio, auxílio e alegria encontramos nele. E, repisando o ponto crucial, se restringimos o discipulado aos momentos religiosos, a maior parte da nossa vida ativa fica isolada da presença manifesta do reino na nossa vida.⁶ Esse período ativo será feito de momentos em que nos veremos só no *nosso* trabalho. O nosso tempo de trabalho - mesmo trabalho religioso - se revelará uma espécie de "férias de Deus".

Por outro lado, se você não gosta do seu trabalho, ou até o odeia, condição epidêmica na nossa sociedade, a maneira mais rápida de se livrar dele, ou de nele encontrar *alegria*, é fazê-lo como Jesus o faria. Isso é o próprio âmago do discipulado, e não podemos ser aprendizes competentes de Jesus sem integrar o nosso trabalho ao Reino no Meio de Nós.

Ministros cristãos como aprendizes de Jesus

Mas impõe-se uma palavra especial para designar aqueles cujo "trabalho" — o ganha-pão - é apresentar e ministrar o reino aos outros. "Trabalho religioso", poderíamos chamá-lo, ou "serviço cristão em tempo integral", como fizemos acima. O próprio Jesus começou a "fazer discípulos" logo após ter começado a ministrar publicamente o governo, ou reino, de Deus aos israelitas. Ou seja, ele recrutou *aprendizes* para a obra que estava fazendo, a fim de ensiná-los a fazer o que ele fazia. A sua obra teve três fases principais, claramente enumeradas e ilustradas nos Evangelhos (Mt 4:23; 9:35; 10:7-8).

PROCLAMAÇÃO. A primeira fase foi simplesmente *anunciar* o novo avanço de Deus na história humana. Na e pela pessoa do próprio Jesus, o governo de Deus, o "reino" dos céus, revelou-se então acessível a todos. O céu, como já vimos, é *aqui mesmo, agora mesmo*, em torno dos nossos corpos, pairando ao lado das nossas cabeças — "nele vivemos, e nos movemos, e existimos". A eternidade não é algo que vai acontecer, algo que começará mais tarde. É aqui e agora. O tempo se desenrola dentro da eternidade.

Com a vinda de Jesus, o reino não estava somente *aqui*, pois isso sempre estivera, mas passara a ser direta e interativamente *acessível* a todos os israelitas, independentemente da sua condição social, do que tinham feito ou deixado de fazer — "as ovelhas perdidas da casa de Israel". Não precisavam estar entre as celebridades, os humanamente privilegiados. Bastava-lhes confiar nesse homem, Jesus, crendo que ele era o ungido, aquele que introduziria pessoalmente Deus na história humana, e que, portanto, era o *Senhor* da história.

Essa mensagem da presente disponibilidade do governo de Deus a todos devia ser anunciada, ou "pregada". E Jesus o fez, e logo enviava os seus discípulos a fazer o mesmo. E assim que a fundação fosse historicamente assentada em judeus de carne e osso, povo historicamente preparado para *isso*, deveria ser pregada a todas as "nações". Aqueles que são seus discípulos, seus aprendizes, ainda anunciam a acessibilidade do reino dos céus a todos. Como seus aprendizes no ministério, aprendemos com ele a fazer o mesmo.

MANIFESTAÇÃO. A segunda fase da obra de Jesus, na qual os seus discípulos deveriam, portanto, ser ensinados, foi a *manifestação* do governo de Deus, do reino dos céus. Isso se fez por palavras e obras cujos poderes ultrapassavam, ou mesmo anulavam, as leis normais da vida e da natureza (e também a *ação* dos espíritos malignos). Foram a revelação da presença benéfica de Deus no aqui e no agora. Essas obras foram, é claro, antes de tudo atos de amor em favor dos necessitados. Mas também foram sinais (*semeion*), ou "indicações", do reinado de Deus. Revelaram a ação de Deus ao lado dos servos do reino, que logo seriam conhecidos simplesmente como "santos" (At 9:32). Embora realizadas por seres humanos, eram simultaneamente "obras boas da parte do Pai" (Jo 10:32).

Então nisso também os discípulos aprendiam observando e ajudando. Depois foram enviados por Jesus para fazer o que ele fazia, pregando e trabalhando: "A medida que seguirdes, pregai que está próximo o reino dos céus. Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai" (Mt 10:7-8).

E, embora longe de terminar o treinamento, eles tinham confiança suficiente para *agir*. E mesmo desde o início alcançaram notável sucesso (Lc 10). Jesus, que então tudo percebia do ponto de vista da encarnação, viu nisso a confirmação de que o plano para gravar a sua obra na história com o auxílio de homens muito fracos e frágeis teria grande sucesso (Lc 10:17-24). Mas, por outro lado, eles também tiveram muito que aprender sobre esse tipo de trabalho à medida que foi progredindo a sua experiência com Jesus. Vê-se esse progresso claramente nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos.

ENSINO. A terceira fase do aprendizado abrangeu o ensino sobre a natureza de Deus e sobre o que significava o seu reino entre os homens. Por isso muitas parábolas de Jesus começam com as palavras "O reino dos céus é semelhante a...". Em função da sua natureza, foi esse o aspecto da obra de Jesus que os discípulos assimilaram mais lentamente. É digno de nota que, ao enviá-los pela primeira vez a anunciar e manifestar, ele *não* os incumbiu de ensinar. Jesus sabia que eles ainda não haviam compreendido perfeitamente o reino. Ele contava com a memória dos discípulos, acreditava que eles se lembrariam do que (e como) lhes ensinara - e contava também

com o auxílio do *paracletos*, o ajudante que mais tarde estaria ao lado dos discípulos de um modo todo especial, a fim de promover, depois que Jesus partisse, a sua capacidade de ensinar como ele ensinara (Jo 14:26).

Seja como for, ele deixou claro que esperava que eles ensinassem do mesmo modo como ele o fez; ou seja, revelando a natureza do governo de Deus nas coisas da vida comum. Eles deveriam ensinar a verdade revelada, mas segundo as circunstâncias daquilo que efetivamente lhes acontecesse. Eles comparariam a real presença de Deus nas suas vidas a atividades comuns, como semear, pescar e outras.

Assim, depois das "parábolas dos reino" apresentadas em Mateus 13, Jesus dá aos seus ouvintes uma instrução geral sobre como ensinar. "Por isso todo escriba versado [*matheteutheis*] no reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito cousas novas e cousas velhas" (Mt 13:52). Pense em todas as coisas que se acumulam em casa quando se mora no mesmo lugar por um longo período. O discípulo do reino ensina com base no seu depósito de experiências pessoais *com o* governo de Deus nos acontecimentos corriqueiros da vida.

Obviamente Jesus não deu lições sobre engenharia e redes computacionais enquanto esteve na carne. Nem sequer ensinou carpintaria, que era o seu *métier*, pois fora a sua atividade profissional. Ele se preocupava, sim, em adestrar pessoas para continuar o seu ministério do Reino no Meio de Nós. Porém, hoje ele dá lições sobre todas as matérias. Ensina qualquer um dos seus, sejam engenheiros, analistas de sistemas, carpinteiros, etc. — até mesmo os que, benditos sejam, desenvolvem "serviços cristãos em tempo integral". E sempre há certa prioridade para a obra que realizam os ministros especiais do reino, pois eles têm um papel extraordinário no recrutamento e treinamento de discípulos em todos os campos da vida.

Logicamente, argumentos semelhantes aos que desenvolvemos aqui a respeito do trabalho se aplicam também aos relacionamentos familiares, aos momentos de recreação, às relações e atividades comunitárias, às experiências criativas e artísticas e a tudo o mais que faça parte da nossa vida. Sempre devemos nos perguntar de que modo essas coisas podem fazer parte do reino de Deus. E esperamos que Jesus nos guie e ajude a responder a essa pergunta.

Mas não devemos fazê-lo com exagero, hipocrisia, egoísmo. Conhecemos a graça e a graciosidade divinas, o seu desejo de que sejamos pessoas de valor. Devemos ter alguma importância; não somos robôs. O espírito de Deus, e o espírito do nosso relacionamento, excluem toda e qualquer atitude paralisante e opressora - e possibilitam que cada aspecto da nossa vida seja uma jubilosa jornada pelos campos do Senhor.

A alegria é o nosso quinhão na comunhão com Deus. Alegria combina com confiança e criatividade. A alegria é também dele, e não se trata de uma alegriazinha qualquer, de uma "alegria" contida. É uma alegria robusta, plena de intenso júbilo. Pois nada menos que a alegria pode nos sustentar na justiça do reino que nos domina - algo de fato pesado e difícil de suportar. Não era à toa que madre Teresa de Calcuta exigia que as suas irmãs de caridade procurassem sempre sorrir.

Em suma, os discípulos ou aprendizes de Jesus, como o Novo Testamento o reconhece, são aqueles que firmemente decidiram aprender com ele a viver a sua vida, seja qual for essa vida, como o próprio Jesus o faria. E quanto mais aprendem, mais planejam agir assim - tomando as providências necessárias, progressivamente organizando e reorganizando os seus afazeres. Tudo isso, de um modo ou de outro, irá acontecer dentro dessa comunidade especial e inabalável que Jesus estabeleceu na terra. E os aprendizes, logicamente, estão, portanto, em posição ideal para aprender a fazer tudo o que Jesus ensinou. Esse é o processo previsto na Grande Comissão de Mt 28:18-20.

COMO TORNAR-SE DISCÍPULO

Muitos gostariam de tornar-se alunos e colaboradores constantes de Jesus em todos os detalhes da sua vida. Bom número desses são cristãos confessos; outros não. Seja como for, viver como aprendiz de Jesus no Reino no Meio de Nós não é geralmente algo que lhes pareça acessível. Não admira, então, que pareçam faltar as medidas práticas, empíricas. Essas pessoas não entendem de fato o que é ser discípulo de Jesus, e, portanto, isso permanece para elas um ideal remoto, embora belo.

Hoje geralmente se admite, como já observamos, que é possível ser cristão confesso e membro considerado de uma igreja sem ser discípulo. Não há, ao que parece, nenhuma ligação efetiva entre ser cristão e ser discípulo de Jesus. E isso acaba por confundir aquele que gostaria de ser discípulo. Afinal, o que exatamente deveria fazer aquele que não pretendesse entrar no "serviço cristão em tempo integral", mas quisesse ser discípulo no sentido esboçado acima?

Acho possível apontar alguns passos que se revelarão eficazes. Mas, antes de discuti-los, precisamos estabelecer muito claramente os nossos objetivos preliminares. Se, como já vimos, o discípulo de Jesus é aquele que está com Jesus, aprendendo a ser como ele, então cabe a pergunta: *qual o estado de espírito que nos levaria a escolher essa condição?* Qual seria o pensamento, quais as convicções sobre a realidade, que levariam alguém a decidir-se por ser discípulo dele?

Obviamente o candidato a discípulo sentiria por ele grande admiração e amor, realmente acreditaria que Jesus é a pessoa mais magnífica que jamais viveu. Teria plena certeza de que pertencer a ele, participar do que ele está fazendo em todo o mundo de modo tal que a obra de Jesus se torne a sua vida, é a maior oportunidade que alguém jamais terá.

O campo e a pérola

Jesus nos deixou duas parábolas para ilustrar o estado de espírito que conduz ao discipulado. Na realidade, é um estado que todos nós compreendemos muito bem em função das nossas experiências. Por isso essas parábolas também ilustram o que ele quis dizer ao afirmar que o "escriva" do reino ensina com base nas coisas comuns da vida, "coisas novas e coisas velhas".

Primeiro, ele disse: "O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem, e compra aquele campo" (Mt 13:44).

Depois, acrescentou: "O reino dos céus é também semelhante a um que negocia e procura boas pérolas; e tendo achado uma pérola de grande valor, vendeu tudo o que possuía, e a comprou" (Mt 13:45-46).

Essas historietas exprimem perfeitamente o estado de espírito daquele que se decide pela vida no reino ao lado de Jesus. O senso da *bondade* a ser alcançada por essa decisão, da *oportunidade* que pode ser perdida, do *amor* pelo valor descoberto, da *empolgação* e da *alegria* acima de tudo, é exatamente o mesmo daqueles que foram atraídos a Jesus naqueles tempos remotos em que ele andou entre nós. É também o estado de espírito que nos permite hoje realmente optar pelo discipulado.

Certeza de bom negócio

Só com essas metáforas em mente é que podemos avaliar corretamente o famoso "preço do discipulado", do qual tanto se fala. Você acha por acaso que o negociante que encontrou a pérola se preocupou com o seu preço? Eis aí uma pergunta obviamente ridícula! E que dizer daquele que encontrou o tesouro no campo - quem sabe petróleo ou ouro? Não, claro que não. A única coisa que preocupava esses homens era se conseguiriam ou não "fechar o negócio". Ora, *esse é o espírito do discípulo*.

Ninguém entra triste ou relutante no discipulado de Jesus. Como ele mesmo disse, "Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás, é apto para o reino de Deus" (Lc 9:62). Ninguém entra lamentando o preço. Pois todos reconhecem a oportunidade. é uma das coisas que mais obstrui o caminho do discipulado na nossa cultura cristã de hoje é essa idéia de que será uma coisa terrivelmente difícil, que certamente arruinará a nossa vida. História típica e muitas vezes ouvida nos círculos cristãos é daqueles que se recusaram a entregar a vida a Deus por medo de que fossem "mandados para a África como missionários".

E aqui está o ponto principal dos tão mal compreendidos ensinamentos de Lucas 14. Ali Jesus faz uma afirmação hiperbólica, dizendo que quem não "aborrece" (odeia) toda a sua família e a sua própria vida, quem não toma a sua cruz e não renuncia a tudo o que tem, "não pode ser meu discípulo" (Lc 14:26-27, 33). A idéia dessa passagem é que, enquanto a pessoa pensar que algo é realmente mais valioso que a comunhão com Jesus no seu reino, não poderá

aprender com ele. Aqueles que não compreenderem corretamente os fatos fundamentais da sua vida não poderão fazer as coisas que lhes possibilitam aprender com Jesus, e jamais entenderão os pontos básicos das lições que devem assimilar.

É como um professor de matemática do ensino médio que diga ao seu aluno: "Em verdade, em verdade te digo, a não ser que domines os decimais e as frações, jamais poderás entender a álgebra". Não que o professor não vá deixar que você entenda a álgebra por ser você uma pessoa ruim; antes, você não será capaz de entender a álgebra se não dominar os decimais e as frações.

Assim, a contabilização do preço não é uma sessão de gemidos e lamentos. "Ah! que terrível isso de eu ter de dar menos valor a todas as minhas coisas 'maravilhosas' (que, de resto, provavelmente tornam a vida infeliz e desesperançada) do que à vida no reino! Como é terrível ter de estar preparado para abandoná-las, se isso for necessário!" A contabilização do preço serve para nos elevar a um plano de certeza e determinação. Ajuda-nos a *ver*. Contabilizar o preço é justamente o que fez o homem com a pérola e o tesouro oculto. Disso veio a sua determinação e a sua alegria. A determinação e a alegria é que são resultados da contabilização.

Essa passagem de Lucas trata da *clareza*. Não de tristeza, ou de algum preço absolutamente terrível que alguém deve pagar para se tornar aprendiz de Jesus. A "pérola" não tem um preço terrível. Sofrer por ele é na verdade motivo de alegria, por sermos considerados dignos disso (At 5:41; Fp 1:29). O importante é simplesmente reconhecer com clareza a superioridade do que recebemos como alunos de Jesus em relação a todas as outras coisas que podem ser valorizadas. De outro modo não alcançaremos sucesso como discípulos dele. Não seremos capazes de fazer as coisas necessárias para aprender as lições e nos aprofundar na vida que é o seu reino.

"Amas-me mais do que estes outros?"

No último capítulo de João, Jesus ensina exatamente a mesma lição, apenas com um pano de fundo diferente. Ali Jesus está lapidando o seu braço direito, Simão Pedro. Pedro romperá miseravelmente a sua fidelidade, como sabemos. Mas Jesus conhecia aquele homem. Já vimos que ele orou por ele para que sua fé não morresse. E não morreu. Mas Pedro precisava saber mais claramente em que ponto do caminho se achava.

Jesus faz um jogo sutil com as palavras que traduzimos como "amor" para ajudá-lo a alcançar essa clareza. Depois do café da manhã na praia, Jesus diz a Pedro: "Amas-me mais do que estes outros?" Talvez ele estivesse apontando para o barco e os equipamentos de pesca, que eram o ganha-pão de Pedro, ou, quem sabe, para os seus colegas de ofício, os seus amigos ou familiares que estavam em volta. E ele usa aqui a palavra *agapas*, sugerindo o amor mais elevado. Pedro responde; "Sim, Senhor, tu sabes que te amo". Mas na resposta ele usa a palavra *phio*, ou seja, o amor de amigo para amigo. Jesus lhe diz: "Apascenta os meus cordeiros" (Jo 21:15).

O diálogo se repete exatamente igual (v. 16), exceto na última frase de Jesus: "Pastoreia as minhas ovelhas". Não se trata de perda de tempo e saliva. É preciso entender que Jesus está ensinando, buscando incutir certeza no seu aluno, certeza que o leve à decisão. A repetição e a paráfrase são formas de aumentar o impacto.

Então Jesus pergunta pela terceira vez: "Tu me amas?" Mas desta vez e mesmo usa *philo*. Em outras palavras, ele aceita o nível em que Pedro está. Mas a repetição da pergunta angustia Pedro, que talvez se angustie também pela sua falta de *ágape*. Ele responde: "Senhor, tu sabes todas as cousas, tu sabes que eu te amo [*philo*]" (v, 17). Ele reconhece com tristeza que Jesus sabe exatamente a qualidade e o nível do seu amor.

Mas Jesus assim mesmo o incumbe da responsabilidade de apascentar as suas ovelhas. Depois lhe explica que essa vocação lhe trará a morte na cruz na velhice. Pedro está então em condições de tomar uma decisão. Ele toma a decisão, e jamais volta atrás. Agarra o tesouro e se dá conta do excelente negócio que está fechando, mesmo com a crucificação. Pedro viveu a sua vida "crendo [nele]", exultando "com alegria indizível e cheia de glória" (IPe 1:8). Pedro veio a entender isso como o estado natural do espírito do discípulo, embora soubesse por experiência própria não ser algo que se adquira rápida ou facilmente.

O que devemos fazer

Conhecendo com clareza o estado de espírito que leva à decisão pelo discipulado, quais as medidas práticas que podemos tomar para alcançar com convicção a jubilosa visão do reino? É certo que essa visão pode nos vir por iniciativa de Deus, pelas experiências que nos sejam dadas. De fato, a iniciativa de Deus sempre estará presente, pois ver Jesus na sua beleza e bondade é sempre uma dádiva da graça. E, logicamente, as outras pessoas também podem colaborar. Mas esses são fatores sobre os quais não temos controle direto. O importante a saber é o que *eu* posso fazer se acho que o melhor para mim é tornar-me aprendiz de Jesus. Como passar a admirar Jesus a ponto de fazer como o negociante que, com alegria e empolgação, "vendeu tudo o que possuía, e a comprou [a pérola de grande valor]"?

Pedir

A primeira coisa que devemos fazer é enfática e repetidamente expressar a Jesus o nosso desejo de vê-lo mais plenamente como ele é de fato. Lembre o leitor que a regra do reino é *pedir*. Pedimos para vê-lo, e não apenas como ele é representado nos Evangelhos, mas também como ele viveu ao longo da história e como vive agora; vê-lo na sua realidade como aquele que literalmente fundamenta a existência do universo. Ele certamente tomará conhecimento do nosso pedido, como também você tomaria conhecimento se alguém lhe exprimisse os desejos na sua casa.

É importante fazer dessa expressão de desejo uma ocasião solene, dedicando-lhe ao menos algumas horas silenciosas, ou todo um dia. Também vale a pena escrever a oração, pedindo a Jesus auxílio para vê-lo. Devemos fazer isso privadamente, é claro, mas depois convém dividir o que fizemos com um ministro ou amigo sensato, que se disponha a orar conosco e a conversar sobre o que estamos fazendo.

Permanecer, persistir, nas palavras de Jesus

Segundo, devemos usar todos os meios disponíveis a fim de vê-lo mais plenamente. Varias coisas podem ser mencionadas aqui, mas há duas mais fundamentais, ligadas a uma das declarações mais conhecidas de Jesus. Em João 8, ele disse o seguinte aos que o cercavam: "Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" (8:31-32). Como deixa claro o contexto, ele está dizendo que seremos libertados de todo o jugo que entrou na vida humana pelo pecado, e especialmente do jugo da religião hipócrita. Positivamente, seremos libertados para a vida no reino de Deus.

E o que significa "permanecer" ou "persistir" na sua palavra? Significa fundamentar a vida sobre as coisas mesmas que vimos estudando neste livro: a boa nova de Jesus sobre o Reino no Meio de Nós, sobre quem está realmente bem e quem não está, e sobre a verdadeira bondade de coração e como ela se exprime em atos. Preencheremos a nossa alma com as palavras dos Evangelhos. Dedicaremos a nossa atenção a esses ensinamentos, tanto no estudo e no questionamento privado quanto na instrução pública. E, negativamente, nos recusaremos a dedicar energia e espaço mental às coisas infrutíferas, e até embotaduras e degradantes, que constantemente clamam pela nossa atenção. Só atentaremos nelas o suficiente para evitá-las.

Mas permanecer na palavra de Jesus não se resume a um estudo intenso e contínuo dos Evangelhos, embora também seja isso. É preciso colocar essa palavra em prática. Para permanecer na sua palavra precisamos conhecê-la: saber qual é e o que significa. Mas *permanecer* nela é na verdade colocá-la em prática. É claro que, no início, o faremos muito imperfeitamente. Pois a essa altura ainda nem chegamos a nos tornar discípulos comprometidos. Ainda estamos pensando em como fazer isso. Assim mesmo, podemos contar com o auxílio de Jesus, que se juntará aos nossos esforços reconhecidamente imperfeitos e nos ajudará a colocar a sua palavra em prática. Onde está a sua palavra, aí está ele. Ele não abandona simplesmente as suas palavras no mundo. E o seu amor e a sua força com certeza se revelarão pessoalmente àqueles que ao menos se esforçarem por fazer o que as suas palavras indicam.

Não devemos "patinar" nessa tentativa de ver Jesus mais nitidamente, mas levar a tarefa muito a sério. Convém usar uma versão dos quatro Evangelhos mais confiável e de fácil leitura. Quem puder ir para um lugar confortável e fazer um retiro de uma semana, ou pelo menos alguns dias, poderá ler várias vezes os quatro Evangelhos inteiros, anotando comentários e idéias durante a leitura.

Se ao longo de um período de vários dias ou semanas lêsemos os Evangelhos integralmente, o máximo de vezes possível, entremeando momentos de descanso e relaxamento, só isso já nos permitiria ver Jesus com uma clareza que possibilitaria a transição plena ao discipulado. Podemos ter a certeza de que ele se juntará a nós nessa transição, de que ele não nos deixará penando sozinhos, pois Jesus tem nisso muito mais interesse do que nós jamais poderemos ter. Ele sempre enxerga claramente o que está em questão. Nós raramente o fazemos.

Há algumas outras coisas que podem nos ajudar no caminho rumo ao discipulado: entre elas, convém examinar com atenção as vidas de outros homens que verdadeiramente se tornaram discípulos de Jesus. Muitas vezes a radiância de Cristo nessas pessoas nos proporciona impressões claras e fortes da grandeza do Mestre. Estudar de perto um São Francisco, um John Wesley, um David Brainerd, um Albert Schweitzer ou uma das muitas famosas Teresas de Cristo, por exemplo, é ver algo que eleva a nossa visão e a nossa esperança na direção do próprio Jesus. É fundamental, porém, mergulhar o espírito nos Evangelhos antes de estudar as vidas desses seus discípulos.

Como a escala é talvez um pouco mais "humana" nessas grandes figuras cristãs, é também mais fácil para nós dar alguns passos à frente com eles e assim caminhar cada vez mais firmemente à medida que a realidade do reino for tomando o nosso ser. Examinar a vida e a personalidade dos grandes discípulos sempre foi um elemento especialmente importante para mim. Em geral, cultivar a companhia de genuínos alunos e colaboradores de Jesus, vivos ou "plenamente vivos", nos ajuda a chegar ao ponto de efetiva intenção e decisão. E, claro, devemos tentar achar grupos de discípulos e nos envolver profundamente com eles.

A hora de decidir: o poder da decisão e da intenção

Mas o passo final de quem pretende tornar-se discípulo é decidir. Só a decisão pessoal faz de alguém aluno de Jesus para toda a vida. É só depois de avaliar com clareza o "preço" — os ganhos e as perdas de quem se torna, ou não, aprendiz de Jesus — é que se pode tomar uma decisão certa. Porém, a decisão é imprescindível. Não é algo que simplesmente aconteça. Ninguém cai de pára-quadras no discipulado.

Essa decisão parece algo simples, mas hoje é normalmente esquecida ou desconsiderada, mesmo por aqueles que julgam ter *sincero* interesse em Jesus e no seu reino. Raramente encontro alguém que já tenha de fato tomado a decisão de viver como aluno de Jesus do modo analisado neste livro. A maioria dos *cristãos confessos* simplesmente jamais teve isso muito claro para si. Confusões correntes acerca do significado dessa decisão, e a incapacidade de líderes e professores em dar instrução a respeito dela e enfatizar a questão do discipulado, tornam a situação praticamente inevitável.

Mas em última análise só deixamos de ser discípulos porque não decidimos sê-lo. Não temos a *intenção* de ser discípulos. Falta em nossa vida a força da decisão e da intenção. Devemos nos fazer aprendizes de Jesus num momento solene, e devemos também revelar essa decisão aos que nos cercam.

No segundo capítulo do livro *A Serious Call to a Devout and Holy Life*, de William Law, o autor investiga a "razão pela qual os cristãos geralmente ficam muito aquém da santidade e devoção do cristianismo".⁷ Preparando o palco para responder essa questão, ele levanta outra questão análoga. A vulgaridade e o uso de palavrões era então uma característica muito visível do comportamento masculino, mesmo entre cristãos confessos. Ele então pergunta: "Como é que dois de cada três homens são culpados de um pecado tão grosseiro e profano como esse?" Não que eles não saibam que isso é errado, salienta Law, nem que sejam impotentes para evitá-lo.

A resposta é que eles não têm a intenção de agradar a Deus nesse particular:

Pois um homem jamais voltará a dizer um só palavrão se tiver piedade suficiente para pretender agradar a Deus em todos os atos da sua vida, crendo que agradar a Deus é a coisa mais venturosa, a melhor coisa do mundo. Enquanto sentir dentro de si essa intenção, será para ele tão impossível dizer um palavrão quanto para um homem que pretende agradar ao seu soberano seria impensável insultá-lo abertamente.⁸

E é a simples falta dessa intenção de agradar a Deus, destaca Law, que explica por que se vê tamanha mistura de pecado e insensatez mesmo na vida das melhores pessoas... Foi essa intenção mesma que fez dos primeiros cristãos exemplos tão eminentes de piedade, que moldou a piedosa comunhão dos Santos e todo o glorioso exército de mártires e fiéis. E se você parar agora para pensar por que não é tão piedoso quanto os primeiros cristãos, o seu coração lhe dirá que não é por ignorância nem incapacidade, mas meramente porque você nunca o pretendeu com toda a sinceridade.⁹

Talvez não estejamos acostumados a ouvir palavras tão francas, e é fácil se ofender com isso. Mas, por outro lado, se pudéssemos, com o auxílio de Law, perguntar a nós mesmos se realmente temos a intenção de ser alunos de Jesus para toda a vida, essa atitude representaria um divisor de águas na nossa vida. Será que realmente pretendemos fazer e ser todas as coisas elevadas em que professamos crer? Será que já *decidimos* fazê-las? Quando foi que decidimos? E como foi que colocamos em prática essa decisão?

Intenção e decisão são absolutamente fundamentais nessa questão do discipulado cristão, e breve voltaremos a analisá-las, no último tópico deste capítulo: *fazer* discípulos.

Ajudando os outros a encontrar o caminho do discipulado

Definir-se como aprendiz de Jesus, de modo bem ponderado e decisivo, é a ponte entre a fé inicial nele e a vida de obediência e realização no seu reino. Aqueles que encontraram a entrada inevitavelmente sentem vontade de dividir a nova realidade que acharam com as pessoas à sua volta. Quando descobrimos algo grandioso, é natural querer que todos os nossos entes queridos participem desse achado. Não queremos deixar o reino nas mãos apenas dos que trabalham "em tempo integral", como também não deixaríamos apenas aos profissionais aquilo que realmente nos entusiasma.

Na última vez em que se encontrou com os seus discípulos na sua forma visível familiar, Jesus lhes deu a seguinte instrução: "Fazei discípulos" (Mt 28:19). Ainda que o tom parece um tanto intimidador, e embora a nossa prática contemporânea seja quase irreconhecivelmente diferente do que faziam os primeiros discípulos, não há razão para pensar que ele mudou as suas expectativas e esperanças em relação a nós. A nossa única pergunta é bem prática: como fazer isso?

A resposta vem em três partes: precisamos, claro, ser discípulos; precisamos ter a intenção de ser discípulos; e precisamos saber como levar as pessoas a crer que Jesus é realmente o Mestre.

Ser discípulos

Antes de tudo, é óbvio que, se queremos fazer discípulos, devemos ser nós mesmos discípulos. Com certeza alguns se fizeram discípulos de Jesus em função de outros que não o eram. Afinal, o próprio Deus está envolvido nisso, e é impossível prever o que ele fará por razões e meios que só ele conhece. Mas esse tipo de "proselitismo" não é algo que se possa planejar, pois só ocorre por acidente, digamos assim, e pela graça de Deus. Não podemos tomar isso como base de um projeto. Nem se pode imaginar que essa ação de fazer discípulos "acidentalmente" é o que Jesus tinha em mente quando nos ordenou recrutar alunos para ele dentre pessoas de todas as nações.

Para conceber uma estratégia de fazer discípulos, precisamos saber o que é um discípulo e como as pessoas se tornam discípulas. Precisamos saber essas coisas por experiência própria, como o fez a primeira geração de seguidores de Jesus. *Eles mesmos* foram feitos discípulos. E precisamos nos colocar na posição de alunos e colaboradores de Jesus, para que os nossos esforços sejam corretamente orientados e fortalecidos por ele. Devemos fazer discípulos *de Jesus*, não nossos.

Contra a maré

Somos então discípulos na arte de fazer discípulos. Aprendemos com Jesus a fazer discípulos como ele fez. Vimos que isso implica proclamar, manifestar e ensinar o reino de Deus. O aspecto do ensino é muito importante para quem se propõe a fazer discípulos. Ensinando, ajudamos os outros a conceber corretamente o "alcance eficiente da vontade de Deus" e a entender como ela funciona, e por que é como é. Quando estivermos aptos a fazer isso, fazer discípulos já não será algo misterioso, em face da nossa própria experiência de nos tornar discípulos. É só uma questão de transmitir às pessoas informações corretas sobre Jesus e seu reino, ajudando-as, com oração e orientação, a tomar a decisão.

Mas isso nos deixa em condições de perceber a seriedade do fato trazido à tona ao final do capítulo 2. Ali, diante das sinceras palavras de certos ministros eminentes, vimos o quanto a igreja pesa pouco atualmente na mensagem do reino. Vimos líderes internacionalmente conhecidos comentarem que o que se diz nos ensinamentos cristãos sobre o reino é muito pouco, e alguns até admitiam que nunca ouviram nem pregaram um sermão sobre o tema. Mas, em face disso, qual é para nós agora o significado de fazer discípulos? E com o ofuscamento de Jesus como *professor* - substituído que foi pelo mero Cordeiro do sacrifício ou senão pelo profeta da "libertação" social e pessoal -, a perspectiva de recrutar discípulos para ele se torna de fato muito sombria. Não se pode ter alunos se não há professor.

À luz do ofuscamento do reino e de Jesus como professor, também fica claro por que é que fazer *conversos*, ou membros da igreja - se tanto —, se transformou na meta obrigatória dos ministros cristãos, enquanto o fazer discípulos é relegado às margens da existência cristã. Muitos grupos cristãos simplesmente não fazem a mínima idéia do que é o discipulado, e o relegaram às organizações paralelas das igrejas.

O elefante na igreja

Mas, se temos constante e claramente diante de nós o retrato do povo de Jesus como seus alunos aplicados, temos então uma impressão totalmente diferente do que deve ser a presença dele em meio ao seu povo. Algum tempo atrás, um programa de reabilitação de viciados em drogas patrocinou um interessante comercial que exibia um elefante caminhando em torno de uma casa, passando ao lado do filho que fazia o dever de casa, da esposa que lavava a louça, etc. Todos se esforçam por ignorá-lo, mas obviamente é a maior coisa que há em volta da casa.

A ausência do discipulado é o elefante na igreja. O problema hoje não são as tão discutidas faltas morais, os desmandos financeiros ou a impressionante semelhança geral entre cristãos e não cristãos. Esses não passam de efeitos do problema subjacente. A realidade negativa fundamental entre os crentes cristãos hoje é o fato de terem deixado de procurar aprender continuamente a viver a vida no Reino no Meio de Nós. E trata-se de uma realidade *aceita*. A divisão dos cristãos confessos em, de um lado, aqueles para quem a fé é uma questão de devoção total a Deus e, de outro, aqueles que mantêm uma relação de consumidor ou cliente com a igreja, é uma realidade aceita há mais de 150 anos.¹⁰

E hoje - nos distantes desdobramentos da Reforma Protestante e sua mensagem verdadeiramente magnífica e boa de salvação só pela fé — essa divisão aceita há tanto tempo penetrou até no próprio cerne da mensagem evangélica. Hoje se entende como parte da "boa nova" o fato de a pessoa não precisar ser aluna convicta de Jesus para ser cristã e receber o perdão dos pecados. Essa idéia dá um significado preciso à expressão "graça barata", embora fosse melhor defini-la como "infidelidade cara".

Já tratamos dessas distorções do evangelho do Novo Testamento em capítulos precedentes, e este não é o lugar para lamentar ou contestar essa realidade da vida atual da igreja. Além disso, quero deixar bem claro que não estou dizendo que apenas os "verdadeiros discípulos" de Jesus sobem ao céu depois da morte. De fato, creio que isso não é verdade, embora eu não encorage ninguém a deixar de avançar ao discipulado. Seja como for, sei que, no tocante apenas ao perdão, a benevolência de Deus é tão grande que jamais poderemos compreendê-la na terra ou talvez tampouco em qualquer outro lugar.

É isso sem dúvida o que significa dizer que ele entregou o seu único Filho para morrer por nós. Estou absolutamente convencido de que Deus admitirá no céu todo aquele que, na sua ponderada opinião, puder entrar. Mas esse "poder" talvez se revele mais difícil do que imagina quem pensa que o céu é como o mostram os filmes ou pregadores populares. O fogo do céu talvez seja mais quente do que o do outro lugar.

Talvez valha a pena ponderar às vezes qual será a intensidade da minha alegria de estar no céu se eu "chegar lá". Será como um hotel de luxo equipado com ar-condicionado, com serviço de quarto ilimitado e espetaculares amenidades pela eternidade afora? Muitas vezes me pergunto se certos cristãos desagradáveis, amargos, lascivos, odientos, gente que já vi envolvida em guerras paroquiais na igreja, na família, na vizinhança ou na política, serão realmente felizes e úteis se forem forçados a viver para sempre na irrestrita plenitude da realidade de Deus, que tentamos examinar no capítulo 3, e com multidões de seres realmente semelhantes a ele.

Comumente se pensa que a mera passagem pela morte transforma o caráter humano. O discipulado não é necessário. Para "chegar lá", basta ter fé o bastante. Mas nunca consegui encontrar nenhum fundamento na tradição bíblica ou na realidade psicológica para acreditar que as coisas sejam assim. E se a morte nos engessar para sempre como o tipo de pessoa que formos na hora final? O que qualquer um *faria* no céu com um caráter libertino ou um coração cheio de ódio?

Certamente é preciso fazer algo agora. E isso nos leva de volta à questão da intenção e da decisão, só que agora com respeito a fazer discípulos.

Ter a intenção de fazer discípulos

O segundo passo obrigatório para quem pretende fazer discípulos de Jesus é ter a intenção de fazê-lo. Eis aqui um tema familiar, de importância fundamental. Temos de ter a meta consciente, conscientemente assimilada, de conduzir as pessoas à condição de poder diariamente aprender com Jesus a viver as suas vidas como ele mesmo as viveria se estivesse no lugar delas. Essa intenção assimilada logo transformaria totalmente os cristãos confessos que hoje conhecemos.

Hoje, por exemplo, os cristãos gastam muito tempo tentando aliviar mágoas ou mesmo curar feridas profundas, dadas e recebidas, e tentando afastar os outros de condutas irascíveis, retaliatórias e incompassivas. Mas suponha o leitor que, em vez disso, dedicássemos o nosso tempo a inspirar e aparelhar cristãos e não cristãos para uma nova atitude, uma atitude em que o normal seja perdoar, seja não se ofender nem se irritar à toa. "Grande paz", diz o salmista, "têm os que amam a tua lei; para eles não há tropeço" (Sl 119:165). Fazer discípulos intencionalmente é dar às pessoas a oportunidade de ser assim. E por isso é uma dádiva tão grande para a humanidade.

Mas ter realmente essa intenção não é coisa banal, claro. Implica uma tremenda guinada. O peso da tradição do cristão-cliente, do cristão-consumidor, que hoje inconscientemente domina as congregações e denominações cristãs - aliás, toda a cultura cristã -, joga contra essa intenção. Não conscientemente, talvez, mas no mínimo pela inércia do "como as coisas são", das lutas diárias e daquilo que "tem de ser feito". Essa ordem estabelecida consegue de fato impedir que, dentro da igreja, pastores ou professores considerem que fazer discípulos é uma questão que lhes diz respeito. Também sou pastor, e entendo.

Henri Nouwen descreve com acuidade a nossa situação:

Nós simplesmente concordamos com os muitos "precisamos ter isso" e "devemos **ter** aquilo" que nos foram legados, e convivemos com eles como se fossem autênticas traduções do Evangelho de nosso Senhor. As pessoas precisam estar motivadas para ir à igreja, os jovens precisam ter atividades de entretenimento, é preciso arrecadar dinheiro, e acima de tudo todos precisam estar felizes. Além disso, devemos estar de bem com a igreja e as autoridades civis; devemos ser admirados ou pelo menos respeitados por uma razoável maioria dos nossos paroquianos; devemos, no prazo certo, galgar degraus na escala social; e devemos ter férias e salários suficientes para viver uma vida cômoda.¹¹

É por isso que na maioria das comunidades o papel de fazer discípulos é considerado como tarefa das organizações paralelas das igrejas, ou quem sabe das escolas teológicas, não da igreja em si. Supõe-se que aos líderes da igreja basta fazer conversos ou recrutar freqüentadores; o

discipulado que se vire sozinho, ou fique nas mãos dos "especialistas". Ou às vezes nos vem a vaga esperança de que os discípulos vão simplesmente "aparecer", ainda que a experiência mostre claramente que isso é raro.

Por outro lado, pretender explicitamente fazer discípulos de Jesus pode até perturbar bastante a vida da congregação. Pois então os meros conversos ou membros da igreja não se acharão numa posição constrangedora, como uma espécie de cidadãos de segunda classe? Certamente será necessário revelar e reavaliar o acordo tácito que os cristãos não-discípulos têm com os seus líderes e congregações. Trataremos disso mais detalhadamente no próximo capítulo. Mas podemos dizer desde já que a última coisa que fará o discípulo, ou aquele que faz discípulos, é supor-se superior a qualquer outra pessoa. Cristão ou não, discípulo ou não. Lembre-se de que somos chamados a formar uma comunidade de amor em oração.

Evangelização discipular?

E que dizer da evangelização? Se temos um projeto deliberado de fazer discípulos, será que podemos simultaneamente pretender fazer conversos, ou "membros" da igreja, que não sejam discípulos? Será que podemos deixar que os conversos acreditem que jamais vão precisar se tornar discípulos, e que essa é na verdade a essência da verdadeira mensagem da "graça"? Quais seriam as conseqüências sobre a evangelização de conversos, ou membros da igreja, se lhes disséssemos explicitamente que a essência do cristianismo é meramente uma relação de consumidor ou cliente diante de Jesus e seu povo?

Será que sequer temos uma idéia do que seria exatamente isso que podemos chamar de "evangelização discipular"? Que mensagem pregaríamos que naturalmente levasse as pessoas a *tomar* a decisão de se tornar aprendizes de Jesus no Reino no Meio de Nós? Espero que a esta altura, depois dessa longa caminhada, já saibamos o que isso significaria. Espero que o nosso entendimento do que realmente significa ter fé na pessoa integral de Jesus Cristo, uma fé que abarca todos os aspectos da nossa vida, nos faça naturalmente dar o passo seguinte: tornar-nos aprendizes dele para toda a vida. Isso seria *evangelização discipular*. E seria bem diferente do que se faz hoje.

Fica claro então que se os *cristãos* se deixassem imbuir da intenção de fazer discípulos, isso mudaria radicalmente o caráter da igreja, do povo "visível" de Deus como hoje o conhecemos. Uma forte minoria de discípulos autênticos numa congregação ou grupo já exerceria um incrível efeito transformador. Então praticamente todos os problemas que hoje afligem, paralisam e até matam os cristãos e grupos cristãos jamais sequer surgiriam nesse ambiente em que a primazia do discipulado é aceita e cultivada por meio de um curso coerente de treinamento.

Mas faço questão de reiterar que a intenção de fazer discípulos *é* essencial. Sem essa intenção não se formam discípulos. É claro que *não* estamos falando de eliminar o cristianismo não-discipular, os cristãos-consumidores, pois esses têm o seu papel. Estamos falando, sim, de torná-los secundários, pelo menos no plano das intenções. Valorizaríamos a intenção de fazer discípulos, deixando que os conversos "aparecessem", ao invés de enfatizar a intenção de fazer conversos e deixar "aparecer" os discípulos. Com certeza temos consciência de que essa guinada traria uma tarefa incrivelmente árdua. É por isso que, repito, é absolutamente *necessário* que os líderes sejam de fato alunos próximos e fiéis do próprio Jesus. É Jesus quem deve indicar o caminho.

Ele, porém, não decide por nós. As nossas intenções são nossas, não dele. Somos responsáveis pelas nossas intenções. E para fazer discípulos precisamos ter a intenção de fazer discípulos. Não estamos falando aqui dos deveres daqueles que trabalham "em tempo integral" para Cristo, mas dos deveres de um amigo e de um vizinho. Independentemente de quem sejamos, multidões daqueles que constantemente nos dão ouvidos, que seguem as nossas orientações, ou mesmo que nos observam a distância, reagirão com gratidão e alegria ao ver diante de si uma oportunidade real de aprender a viver no reino.

Mudando as verdadeiras crenças das pessoas

Portanto, se pretendemos mesmo seguir as instruções de Jesus e conquistar discípulos para ele dentre todos os grupos étnicos, ou "nações", precisamos ser seus alunos, e precisamos também ter a intenção de levar os outros a ser seus alunos. Mas, depois de firmada essa intenção, como levar alguém a ser aluno de Jesus? Certamente não os importunando com "pérolas".

Parte do que já dissemos sobre tornar-se discípulo é relevante aqui, mas é necessário aplicar aqueles princípios de uma maneira ligeiramente diferente. Em suma, porém, pode-se levar alguém a ser discípulo de Jesus *encantando-o* com uma visão da vida no reino dos céus na companhia de Jesus. E isso se faz proclamando, manifestando e ensinando o reino assim como o próprio Jesus o fez. Desse modo é possível mudar as crenças que regem a sua vida.

Mas não basta isso — especialmente nos dias de hoje. É preciso detalhar mais o que isso significa.

Hoje a mente e a alma de cristãos e não cristãos são diuturnamente alvejadas pelos inúmeros projéteis da "sociedade da informação" e de uma consciência social inescapavelmente saturada da mídia e absolutamente contrária à realidade do reino de Deus. Sem necessariamente pretendê-lo, essas forças quase irresistivelmente dirigem os nossos sentimentos, a nossa imaginação, as nossas crenças e os nossos pensamentos, jogando-os contra o mundo de Jesus e seu Pai e contra as profundas necessidades e desejos da alma humana.

Não é uma questão de conspiração. É na realidade algo muito mais poderoso. É uma estrutura anônima e multifacetada de "autoridade" que estipula o que deve contar como conhecimento e realidade. Essa doutrina é transmitida tácita mas vigorosamente por todo o nosso sistema educacional, cristão ou não, e nela, ostensivamente, os ensinamentos essenciais de Jesus *não* recebem o selo de aprovação.

Um "glorioso acidente"?

No capítulo 3 mencionamos brevemente uma importante série intitulada *Um Glorioso Acidente*, recentemente transmitida pela televisão pública dos Estados Unidos. Foi produzida na Europa, e em alguns países a reação do público foi uma das mais entusiasmadas que um programa televisivo já recebeu. E mereceu tal recepção, pois foi realmente um dos trabalhos mais magníficos do gênero. Porém, importa reconhecer que, nele, e portanto no próprio âmago de uma civilização e uma cultura intelectual que deve a Jesus a sua existência, esse Jesus e sua doutrina sobre a vida e sobre Deus simplesmente não são discutidos — nem sequer mencionados, aliás. E a maior parte das pessoas ficaria surpresa, até constrangida talvez, se alguém sugerisse que as coisas não deveriam ser assim.

O programa consistia numa série de longas entrevistas com certo número de cientistas e filósofos internacionalmente conhecidos. O "glorioso acidente" era de fato a mente humana. Ou quem sabe o universo físico como um todo. Não se ouviu uma única ponderação séria - e, de resto, praticamente nenhuma menção - da possibilidade da existência de Deus, e de que o universo seja algo cuidadosamente planejado segundo desígnios que transcendem a esfera da energia física e da matéria.

É exatamente essa visão da realidade que o cristão que pretende fazer discípulos precisa enfrentar. Pois é bastante evidente que nada resta do discipulado ou da fé cristã se não há um Deus de cuja vida se nutria Jesus, um Deus em que ele depositava a sua fé; nada resta se tudo não passa de "partículas e progresso". Você precisa ser *extremamente* culto e versado no pensamento desconstrutivista e reconstitutivista para acreditar que mesmo assim ainda resta algo do discipulado - e talvez nem uma pessoa em um milhão se qualifique para tal.

Para fazer discípulos de Jesus hoje, é preciso fazer que os possíveis discípulos acreditem na realidade de Jesus e seu Deus, e isso apesar de tudo o que está no centro do conhecimento e da realidade "oficiais" do mundo. E claro que as idéias representadas nos inevitáveis pressupostos de *Um Glorioso Acidente* são apenas um dos conjuntos de crenças que obstruem hoje o discipulado. Essa obstrução é feita em cada época por um ou outro conjunto de crenças, mas hoje a crença que representa o obstáculo mais forte é a confiança total e exclusiva nas ciências naturais como chave da realidade.

Vale enfatizar que o obstáculo não são as ciências em si, mas a fé onipresente nas ciências como única fonte da verdade. E, seja como for, a questão aqui não é tanto quais as crenças que precisam ser contestadas e mudadas; o problema é que para *possibilitar que as pessoas se tornem aprendizes precisamos mudar tudo o que, no seu real conjunto de crenças, barra a confiança em Jesus como Mestre do Universo*. Isso é fundamental, e todo aquele que pretende fazer discípulos precisa ter esse princípio como objetivo consciente e inabalável.

A mudança das crenças muda os atos e o caráter

Essa mudança é fundamental. Mas é também decisiva. E aí reside a esperança. Quando incutimos nas pessoas crenças diferentes, elas de fato se tornam pessoas diferentes. Um dos pontos mais frágeis do ensino e da liderança cristã hoje é que desperdiçamos um tempo precioso tentando levar as pessoas a fazer coisas que os bons cristãos devem fazer, sem no entanto mudar as suas verdadeiras crenças.

Isso não dá muito certo, e esse é o "segredo de polichinelo" da vida da igreja. Francamente, precisamos deixar de lado essa manipulação da conduta, especialmente dos jovens. Precisamos nos concentrar em transformar o pensamento daqueles que queremos tocar e servir. A *conduta* naturalmente se transformará também, como Jesus bem sabia e ensinava.

Mas na nossa sociedade há uma grave ilusão acerca da fé, da crença. É uma ilusão nutrida ao longo de séculos e séculos durante os quais as pessoas professavam, como identificação cultural, crer em coisas nas quais na verdade não acreditavam. Isso anda lado a lado com a predominância daqueles que chamamos acima de cristãos-clientes, ou cristãos-consumidores. Assim nasce o equívoco de que a vida humana não é na verdade regida pela crença. Esse é um erro desastroso.

Muitas vezes falamos de pessoas que não exibem conduta à altura da sua fé. Mas tais casos não são realmente de pessoas que crêem numa coisa e fazem outra. Antes, a conduta das pessoas expõe as suas verdadeiras crenças. Os nossos atos sempre são coerentes com as nossas crenças - por piores que sejam elas. Não existe outra possibilidade. Essa é a natureza da crença. E a razão pela qual clérigos e outros têm de se empenhar tanto para conseguir que as pessoas *façam* certas coisas é que eles na verdade trabalham contra as verdadeiras crenças das pessoas que tentam conduzir.

Certa vez ouvi um pastor contando à congregação que tinha dores no estômago quando as pessoas não iam aos cultos noturnos que ele preparava com tanto sacrifício. Como também sou pastor, entendo como ele se sentia. Mas lhe teria sido mais útil simplesmente lidar com as crenças das pessoas, crenças que as mantinham em casa domingo à noite.

É preciso estudar as verdadeiras crenças das pessoas com quem falamos

Em vez de tentar levar as pessoas a fazer o que pensamos que devem fazer, mais vale ser sinceros a respeito daquilo em que nós mesmos e os outros realmente acreditamos. Depois, inquirindo, ensinando, dando o exemplo, orando e confiando no Espírito de Deus, podemos trabalhar pela mudança das crenças contrárias à doutrina de Jesus. Podemos abrir caminho para que outras pessoas, cristãs ou não, escolham sinceramente a vida de discipulado no reino de Deus.

Parte fundamental desse importante trabalho é compreender as verdadeiras crenças das pessoas com quem estamos lidando, sem fingir - muitas vezes junto com elas - que acreditamos no que absolutamente não acreditamos. Numa sociedade que valoriza muito a crença em certas coisas por solidariedade ao grupo, precisamos enfrentar o fato de que os seres humanos podem sinceramente professar crer no que não crêem. Talvez já ajam assim há tanto tempo que nem sequer sabem que não acreditam no que professam. Mas os seus atos, logicamente, revelarão aquilo em que realmente acreditam, mesmo que não se dêem conta dessa crença. A revelação os deixa perplexos diante da fraqueza da sua "fé", e essa perplexidade é hoje condição comum entre os cristãos confessos.

É claro que esse tipo de confusão não se restringe à confissão religiosa. O fracasso da educação, os altos índices de infidelidade e violência conjugal e de violência e abandono infantil contrastam com a confissão de valores e crenças que, se verdadeiros, simplesmente eliminariam

tais máculas. A verdade é que essas tristes realidades são geradas pelas crenças reais que, obviamente, regem a vida real das pessoas. Já citamos acima o princípio da administração que diz: "O sistema foi projetado exatamente para gerar os resultados que você está obtendo". Agora precisamos ponderar mais sobre isso.

Dentro da nossa família, grupo ou congregação, apresentar o reino dos céus significa explicar a natureza da crença (que é o mesmo que fé) e esclarecer como ela se relaciona com o restante da nossa personalidade. Depois precisamos estudar os nossos amigos e colegas para ver quais são as suas verdadeiras crenças, ajudando-os a ser sinceros a respeito delas. Somos da opinião de que as crenças são os trilhos sobre os quais corre a nossa vida, e, portanto, temos de abordar as verdadeiras crenças e as dúvidas dessas pessoas, sem perder tempo discutindo muitas coisas sutis que têm pouca ou nenhuma relevância para o seu real estado de espírito.¹²

A seguir, precisamos ser muito imparciais e meticolosos no exame dessas crenças, ponderando até que ponto são ou não justificadas. Não deve haver nesse exame o mínimo desvio no sentido da parcialidade, tampouco o menor desprezo de problemas genuínos, pois isso enfraquecerá e contaminará tudo o que tentarmos desenvolver depois. É impossível fazer de alguém um discípulo cristão driblando questões sérias ou deixando de considerar dúvidas sinceras sobre Jesus e sua doutrina.

É claro que não mudamos as crenças dos outros tão-somente pela sagacidade. É preciso, no entanto, sempre ser o mais inteligentes, sagazes e meticolosos possível. Temos um papel indispensável a desempenhar, e precisamos estudar criteriosamente a melhor maneira de fazê-lo.

Isso significa enfrentar diretamente as crenças contrárias, como aquelas pressupostas em *Um Glorioso Acidente*. É preciso nomeá-las e afirmar clara e criteriosamente por que estão erradas ou equivocadas. Esse é o dever tradicional do pastor, é claro, mas em função da sua importância é também dever do cidadão, do vizinho e de cada membro da família. Embora essa providência deva vir sempre acompanhada de oração, serviço e confiança no espírito, essas coisas não a substituem. E enfrentamos hoje - aliás, já há algum tempo - graves deficiências nessa função absolutamente vital. Isso é uma coisa a mais que contribui para a fragilidade do discipulado nos nossos dias. Torna quase impossível gerar uma alegre confiança em Jesus e na sua palavra.

O único modo de avançar

Falando em termos práticos, as idéias que abordamos neste capítulo estão entre as mais importantes para o futuro do povo de Jesus na terra — e para a própria terra. Se não conseguirmos fazer uma revolução nessa área, alcançando uma nova visão da fé e do discipulado, o evangelho do reino de Deus jamais poderá se elevar à sua verdadeira importância e poder. Será continuamente derrotado pela idéia de que não é, de certo modo, parte legítima da fé em Jesus Cristo, e a igreja continuará no abraço mortal do cristianismo de consumo.

Os desígnios de Deus na história humana acabarão se realizando, é claro. A conspiração divina não será derrotada. Contudo, muitos milhões de pessoas viverão uma existência fútil e falha, que Deus jamais tencionou.

O fardo mais pesado dessa obra de fazer discípulos sem dúvida nenhuma recai sobre aqueles que têm a responsabilidade de ensinar e liderar, seja em que posição for, na igreja e na sociedade. Precisamos, especialmente, nos perguntar com toda a sinceridade se as informações que revelamos e a vida que levamos equivalem à vida que entrou no mundo com Jesus, vida essa que, por meio dos discípulos de Cristo, gerou a igreja histórica e a forma cristã de civilização que se desenvolveu em torno dela. Se não pudermos sinceramente responder sim, então convém voltar às fontes do evangelho de Jesus e do reino, convém voltar ao momento do passado em que o discipulado e a arte de fazer discípulos estavam no auge em nossa vida.

Capítulo 9

UM CURRÍCULO PARA A IMITAÇÃO DE CRISTO

Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha.

Mateus 7:24-25

[Ensinai]-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado.

Mateus 28:20

O PROGRAMA DE ESTUDOS NA TURMA DO MESTRE

Essas palavras de Jesus mostram que deve ser possível ouvir e fazer o que ele disse. Também deve ser possível treinar aprendizes de forma tal que façam naturalmente tudo o que ele disse ser o melhor.

Isso pode parecer um sonho hoje para nós, ou talvez se nos afigure como uma ameaça à visão corrente da esperança cristã - de fato, da nossa esperança pessoal. Mas isso só porque vivemos hoje numa época em que o cristianismo de consumo se tornou a norma aceita, em que o engajamento total com o reino de Jesus no meio de nós é tido apenas como uma opção (ou mesmo um "exagero") que as pessoas podem fazer se lhes convier. Todavia, o padrão bíblico, do início ao fim, é este: "Tornai-vos, pois, praticantes da palavra, e não somente ouvintes".

Em virtude disso, como já insistimos, precisamos lidar agora com a questão dos meios e métodos. O que poderíamos ensinar aos aprendizes de Jesus, e como poderíamos treiná-los de forma tal que corriqueiramente fizessem as coisas que Jesus disse serem corretas? Aliás, o que podemos fazer para *nos* colocar em condições de realmente fazer o que ele disse?

Nos capítulos anteriores já aprendemos a maior parte do que precisamos para saber responder a essa pergunta, mas agora devemos responder a ela de modo sistemático e com riqueza de detalhes. E isso faremos após alguns esclarecimentos preliminares.

Obediência e abundância: aspectos inseparáveis da mesma vida

Certamente a vida sobre a "rocha" deve ser uma boa maneira de viver. Você não gostaria de ser uma daquelas pessoas inteligentes que sabem viver uma vida fértil e inabalável? Uma vida isenta de solidão, de medo e de ansiedade, e repleta de contínua paz e alegria? Você não gostaria de amar o próximo como a si mesmo, vendo-se livre da ira, da inveja, da luxúria e da cobiça? Que tal não precisar que os outros o elogiem, que tal não se sentir paralisado e humilhado pela antipatia e condenação de outras pessoas? Que tal ter inspiração e força para levar uma vida continuamente regida pela bondade criativa? Até aqui parece uma belíssima perspectiva, não?

Você não gostaria também de ter força e entendimento que lhe possibilitem abençoar, genuína e naturalmente, aqueles que o amaldiçoam - ou que o enganam, que o passam para trás no trabalho, que cospem em você numa discussão, que riem da sua religião ou da sua cultura, ou

mesmo que o *matem*? Não gostaria de ter força e entendimento simplesmente para ajudar mais alguém que o tenha feito largar o que estava fazendo a fim de estender a mão? Força e entendimento para oferecer a outra face a alguém que o tenha agredido? Nitidamente, toda a nossa realidade interior de pensamentos e sentimentos teria de se transformar para que alcançássemos tal posição.

E se você está na média das pessoas, já deve estar começando a sentir certa hesitação e dúvida. Sim, pois parte disso lembra muito a vida em *abundância*: uma condição muito desejável, que qualquer um gostaria de alcançar. Mas a outra parte lembra a *obediência*: algo que pode muito bem estragar os seus planos ou arruinar a sua vida. Portanto, eu talvez me pergunte agora se realmente quero abrir mão de todas as "opções comportamentais" que desapareceriam do meu repertório se eu me tornasse a pessoa descrita acima - aquela pessoa inteligente que constrói a sua casa sobre a rocha.

Porém, a verdade sobre a obediência no reino de Jesus, como já deve estar claro agora, é que ela é de fato abundância. A obediência do reino é a abundância do reino. Não são duas coisas separadas. O estado interior da alma do qual fluem a força, o amor e a paz é exatamente o mesmo estado que generosamente abençoa o opressor e que, com amor, oferece a outra face. Essas condutas de imitação de Cristo são expressões de uma penetrante força pessoal e sua alegria, não de fraqueza, morbidez, pesar — ou de uma vontade débil -, como muitas vezes se supõe. E todas aquelas antigas "opções" que talvez julgemos prudente conservar na reserva, para o caso de virem a ser "necessárias", nem sequer farão falta.

Contudo, essa verdade sobre a obediência parece um segredo muito bem guardado hoje. E a correlação entre *fé em Cristo* e obediência/abundância de *vida em Cristo* hoje mais parece um mistério. Sim, é uma relação que funcionou bem em muitos períodos da história cristã. O histórico cultural e literário está disponível para quem quiser ver. E ainda hoje há aqueles para quem a fé em Cristo gradualmente se transforma em obediência e abundância. Conheço gente assim. Mas não muita. A experiência cristã habitual não progride assim. E isso fundamentalmente porque raro se oferece às pessoas uma orientação eficaz acerca da essência interior do caminho que Jesus abriu com a sua doutrina e o seu exemplo.

Quais são os programas de ensino

Precisamos aceitar o *fato* de que ninguém pode realmente "ouvir e fazer" sem treinamento específico. Nisso é possível até certo ponto ser autodidata, mas sempre será necessário ir além. É fundamental ter o auxílio daqueles que estão mais avançados no caminho.

Claramente Jesus acreditava ser essa a via correta para o seu povo. Ensinar aos outros a imitação de Cristo é a responsabilidade que os verdadeiros cristãos têm para com os que entram no caminho. Mas hoje *simplesmente não temos acesso* ao ensino deliberado e competente da imitação de Cristo -dentro da ótica do compromisso esclarecido com o discipulado e da "imersão" espiritual na realidade trinitária. No capítulo precedente dissemos que a ausência do discipulado é o "elefante na igreja". O que alimenta esse elefante, que o mantém forte, é a ausência de programas eficazes de ensino, programas que dêem às pessoas condições de fazer o que Jesus ordenou de maneira regular e competente.

Imagine, se puder, encontrar no boletim ou informativo da igreja o anúncio de um curso de seis semanas sobre como abençoar verdadeiramente alguém que cuspa em você. Essa forma primitiva de profanação ainda é praticada, e muito mais comumente do que se pensa. Todo mundo se lembra das imagens incessantemente repetidas pela televisão de um jogador profissional de beisebol cuspiendo na cara de um árbitro. Dá para imaginar a incrível graça e maturidade necessárias para que o árbitro abençoe sinceramente o agressor. E, logicamente, ninguém sequer chegou a cogitar que ele devesse reagir assim, embora essa seria a reação de Jesus.

Ou suponha que o curso anunciado fosse sobre como viver sem deliberadamente ceder à luxúria ou à cobiça. Ou sobre como parar de condenar as pessoas à sua volta. Ou sobre como se livrar da ira e de todas as suas complicações. Isso nos faz lembrar toda a extensa gama de condutas efetivas que Jesus expôs ao explicar a sincera bondade do reino. (Ver o capítulo 5.)

Imagine também o anúncio da garantia de que ao final do curso aqueles que se aplicaram nos estudos e fizeram todos os exercícios serão realmente capazes de abençoar quem neles cuspir, etc. Em questões práticas, ensinar as pessoas a *fazer* algo é dar-lhes condições de realmente fazê-lo nas ocasiões apropriadas.

Quando você ensina crianças ou adultos a andar de bicicleta ou nadar, eles efetivamente andam de bicicleta ou nadam nas ocasiões apropriadas. Não basta ensinar-lhes que *devem* andar de bicicleta, ou que é *bom* andar de bicicleta, ou que deveriam ficar envergonhados se não o fizerem. Do mesmo modo, quando você ensina as pessoas a abençoar aqueles que as maldizem, elas efetivamente abençoam aqueles que as maldizem - até os familiares! Reconhecem a ocasião quando ela surge, e reagem segundo o próprio coração de Jesus, que se tornou seu. É assim que elas fazem, e o fazem bem feito.

Imagine-se ainda, se a imaginação do leitor ainda não se esgotou, passando ao lado de uma igreja em cuja fachada se veja uma grande placa com os seguintes dizeres: "A todo aquele que sinceramente se entregar a Jesus, ensinamos a fazer tudo o que ele disse que devemos fazer". Se você por acaso estivesse lendo os Evangelhos na ocasião - especialmente Mt 28:20, citado na epígrafe deste capítulo -, talvez pensasse consigo: "Claro, é exatamente isso que o fundador da igreja, Jesus, nos mandou fazer".

Mas logo em seguida você talvez pensasse que tal igreja era muito "diferente" das outras. Depois lhe viria a dúvida: "Será que isso é *certo*?" E ainda:

"Será que isso *pode* ser feito?" Qual você acha que foi a última vez em que um grupo de crentes, ou uma igreja de qualquer tipo ou nível, fez uma reunião dos seus membros principais para discutir como ensinar as pessoas a realmente fazer o que Jesus mandou?

A necessidade de um currículo para a imitação de Cristo

A minha esperança neste capítulo é preparar o caminho para que possamos iniciar uma equilibrada investigação pessoal dessas questões, e quem sabe investigá-las também coletivamente nos nossos grupos. É claro que a última coisa que pretendemos é culpar alguém pela situação em que ora nos encontramos, ou condenar instituições e pessoas por isso. Na realidade não se deve culpar ninguém. Vivemos hoje o resultado de um turbilhão histórico em larga medida inconsciente, num processo que já dura muitos anos. Além disso, é da natureza humana resistir a mudanças íntimas profundas, pois essas mudanças ameaçam o nosso senso de identidade pessoal. O essencial agora é compreender a nossa situação. Onde exatamente estamos agora, como povo de Jesus, e por que viemos parar aqui? Depois podemos perguntar o que se pode fazer a respeito.

O *fato* é que hoje carecemos da intenção sincera e ansiosa de levar o povo de Jesus à obediência e à abundância por meio da instrução. Falta-nos fazer discípulos como ele nos ensinou a fazer. O que acabamos de dizer sobre cursos e placas demonstra indubitavelmente a falta de intenção. Isso é fato, embora autores importantes, como Alister McGrath, hoje reconheçam que "Deus deseja que seu povo possua... a plenitude da vida" que a espiritualidade cristã identifica em Jesus.¹ É uma ideia assombrosa, desde que você permita que ela penetre no seu âmago. É preciso de algum modo restabelecer a intenção sinceramente ponderada - não apenas uma vaga idéia, um vago desejo - de realmente fazer valer a plenitude da vida em Cristo.

Importa admitir que numerosos programas de diversas congregações e organizações maiores se anunciam como programas de discipulado. Não desejamos diminuir o bem que fazem — e é fato que fazem muito bem. Aqui temos em mente desde a escola dominical e cursos e seminários especiais até os programas do gênero "doze passos",¹¹ além de vários tipos de movimentos nacionais.

Entretanto, muito freqüentemente a ênfase recai nalgum ponto de modificação de comportamento. Isso é útil, mas não é adequado à vida humana. Não atinge a raiz do problema humano. Essa raiz é o caráter da vida interior, e é isso que enfatiza Jesus e seu chamado ao discipulado no reino.

Por trás de muitas atividades dignas de elogios ainda há multifacetados descompassos teológicos e institucionais entre a fé e a obediência. Já analisamos vários deles nos capítulos

¹¹ Como o programa dos Alcoólicos Anônimos. (N. do T.)

anteriores, mas faz-se necessário um exame muito mais meticuloso desses descompassos, exame que não podemos empreender aqui. Esses descompassos refletem a profunda angústia da condição humana, e se acham precisamente no centro da vida cristã contemporânea, embora também não sejam uma questão de intenção. Não está envolvida aí nenhuma conspiração humana. Ninguém teve a intenção de provocá-los, e em meio a mares de boas intenções, poucas pessoas sequer têm consciência deles. Mas assim mesmo eles estão aí, irradiando os seus efeitos letais na vida e na fé cotidianas.

Esses descompassos teológicos e institucionais mais profundos são apenas uma questão do modo como, *automaticamente* e em função do gradual desenvolvimento histórico, pensamos hoje em Jesus Cristo e na vida eterna que ele nos dá. Já não consideramos mais Jesus o mestre efetivo do seu povo: esse papel de Jesus desapareceu do horizonte mental da nossa fé, já não faz parte do modo como "fazemos" hoje o nosso cristianismo.

Este livro sobre Jesus e seu reino tem como propósito principal nos ajudar a enfrentar esse fato da ausência do mestre Jesus, nos ajudar a transformar esse quadro. E agora chegou a hora de propor um "currículo para a imitação de Cristo": um curso teórico e prático para aprendizes de Jesus no Reino no Meio de Nós. Precisamos começar a pensar no que exatamente devemos fazer para ajudar os cristãos convictos a aprender a fazer aquilo que Jesus ensinou, de modo que efetivamente venham a fazê-lo rotineiramente. Ou quem sabe nós mesmos é que fomos "arrebataados pelo reino de Deus". O que então estudaríamos, como *nos* prepararíamos para "aprender com Jesus a viver a nossa vida como se ele a viveria se estivesse no nosso lugar"? Isso, como bem deve lembrar o leitor, é o que significa ser discípulo de Jesus.

Não só mais informações

Antes de tratar dessa tarefa, é muito importante entender que o "ensinamento" a dar aqui — seja para nós mesmos, seja para os outros - não é fruto de reunião ou transmissão de informações. A tarefa não é dar informações ao discípulo, ou aluno, sobre coisas que Jesus acreditava, ensinava e praticava. Na maior parte dos casos isso já terá sido feito, e apenas repeti-lo será de bem pouca utilidade. O aluno já terá quase todas as *informações* corretas. Provavelmente seria aprovado num exame teórico de proficiência.

E essas informações são essenciais. São elas, de fato, em larga medida responsáveis pela confiança que os alunos depositam em Jesus. É bem provável que eles desejem sinceramente que todas essas informações sejam verdadeiras. Querem sinceramente acreditar nelas. Mas não as compreendem, e sua confiança é na realidade instável. São como Pedro na sua verdadeiramente grandiosa confissão de que Jesus era o Ungido, aquele que salvaria a humanidade. Ele disse a verdade, claro, mas não tinha uma idéia precisa do que significava aquilo (Mt 16:16-19, 23).

Muitas vezes os discípulos inicialmente acreditam apenas que *Jesus* acreditava na mensagem do reino. Isso de certa forma os fortalece. Mas o que essa informação efetivamente representa não faz parte da sua vida real. Na sua vida individual e social eles continuam inclinados a agir como se ela *não* fosse verdadeira, ainda que conscientemente eles a aceitem. É aqui que deve começar a preparação para "ouvir e fazer".

Como ter as respostas certas - e acreditar nelas

Este também é um daqueles pontos em que as práticas educacionais que se desenvolveram na nossa sociedade ferem fundamente a nossa alma e impedem que o reino entre na nossa vida. Na nossa sociedade, considera-se instruído aquele que "sabe as respostas certas". Ou seja, que sabe quais respostas são as certas. Às vezes brinco com os meus alunos na universidade onde leciono, perguntando-lhes se acreditam no que escreveram na prova. Eles sempre riem. Sabem que não se exige a crença. A crença apenas rege a sua vida.

Acho realmente engraçado isso. Não se pode abaixar a nota de um aluno só pelo fato de ele não acreditar na resposta certa que deu. Mesmo sem crer, ele "sabe". De fato, em alguns tipos de provas, mesmo que o aluno assinale a resposta "certa" por acaso — um deslize da caneta -, ele ganha o "crédito". O aluno que "acertasse" todas as respostas por pura sorte ganharia um A.

Portanto, como atuais assistentes de Jesus no seu programa contínuo, um modo importante de caracterizar o nosso trabalho de ensinar os discípulos "a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado" é "levá-los a acreditar realmente naquilo que já ouviram". A nossa tarefa para conosco mesmos e para com os outros é transformar as respostas certas em reações automáticas diante de situações da vida real.

Os freqüentadores comuns de uma igreja têm um imenso volume de informações sobre Deus, sobre Jesus, sobre o que devem fazer e sobre o seu próprio destino. Tudo isso lhes chegou por intermédio da tradição cristã. Parte dessas informações certamente é falsa ou distorcida. Ninguém pode evitar isso - nem *eu*. Mas normalmente temos as "respostas certas", e essas respostas são de fato muito preciosas. Mas na situação tal como se encontra hoje, somos em geral incapazes de acreditar nelas do mesmo modo como sem dúvida acreditamos em inúmeras coisas da nossa vida "real".

Praticamente todo cristão confesso, por exemplo, tem algumas informações sobre a Trindade, a encarnação, a expiação e outras doutrinas exemplares. Mas entre realmente ter as respostas "certas" sobre a Trindade, por exemplo, e efetivamente *crer* na realidade da Trindade há uma diferença gigantesca.

A vantagem de acreditar na realidade da Trindade não é receber um conceito A de Deus por dar a "resposta certa". Lembre-se de que acreditar em alguma coisa é agir como se ela fosse verdadeira. Crer que dois mais dois é igual a quatro é se comportar coerentemente com isso na hora de tentar descobrir quantos dólares ou maçãs há na casa. A vantagem de acreditar nisso não é poder passar em testes de aritmética; é poder transitar na realidade com muito mais desenvoltura. Experimente, por exemplo, lidar com a realidade como se dois mais dois fossem seis...

Portanto, a vantagem de *acreditar* na Trindade é que então vivemos como se a Trindade fosse real: como se o cosmos que nos envolve fosse, além de tudo o mais, uma comunidade auto suficiente de seres pessoais indizivelmente magníficos, de amor, conhecimento e poder infinitos. E, crendo nisso, a nossa vida naturalmente se integra, pelos nossos atos, na realidade de tal universo - certo como dois e dois são quatro. Com fé, repousamos na realidade da Trindade em ação - e ela graciosamente nos recebe. Pois ela está lá. E a nossa vida então mergulha no verdadeiro mundo de Deus.

Assim, repisando o ponto principal, boa parte da tarefa de ensiná-los (ou *nos* ensinar) "a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado" consiste simplesmente em *levar as pessoas a acreditar com todo o seu ser nas infirmações que já têm como resultado da sua confiança inicial em Jesus* - mesmo que essa confiança inicial não passe da confiança do desespero.²

O discípulo não é perfeito — ainda

Compreender isso também ajuda a dissipar outro equívoco comum: pensar que quem está estudando com Jesus já realizou em si a visão e a prática do reino. Muitas vezes se ouve por aí que o discípulo sempre está num estado espiritual avançado. Não necessariamente. O discípulo deu um importante passo adiante, sem dúvida, mas na verdade talvez compreenda bem pouca coisa da realidade do reino.

Os discípulos de Jesus são aqueles que resolveram ficar ao lado dele para aprender a ser como ele. Tudo o que necessariamente compreenderam no início do aprendizado foi que *Jesus está certo*. Ele é o maior e o melhor. Disso os discípulos têm certeza. Essa fé inicial é uma dádiva da graça de Deus para eles. Assim eles têm *Jesus*, embora não tenham alcançado ainda o estágio mais avançado. Porém, vivendo como aprendizes de Jesus, ficam cada vez mais perto desse estágio. Progredindo pelo caminho, pela graça crescente, alcançam de fato o "estado espiritual avançado". Crescem na quantidade e qualidade da graça (relação com Deus) que têm na sua vida real. Isso equivale a crescer no conhecimento prático da pessoa real, Jesus Cristo, o que na nossa atual condição é simplesmente a vida eterna (2Pe 3:18; comparar com Jo 17:3).

No início do seu curso, eles não acreditam realmente, por exemplo, que os mansos e os perseguidos são bem-aventurados, e certamente não os pobres. Ou seja, não agem automaticamente como se assim fosse. Mas sabem que Jesus acredita nisso, e crêem que ele está certo a respeito daquilo em que eles mesmos ainda não acreditam realmente.

Além disso, eles querem acreditar nisso porque, vendo a força e a beleza de Jesus, muito o admiram e muito confiam nele. É por isso que se tornaram seus alunos e em tudo nele depositaram a sua fé - ou têm a *intenção* de nele depositar a sua fé. Seu clamor é como o daquele homem dos Evangelhos, desesperado mas sincero: "Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé (Mc 9:24). Esse homem acreditava em Jesus e atirou-se sobre ele pedindo ajuda para o seu filho possesso. Mas, quanto ao resto... bem, ele tinha muito menos certeza acerca do reino e da doutrina em geral. Daí, "Ajuda-me na minha falta de fé".

O apóstolo Pedro exprime de uma forma correta e proveitosa a questão da crença abordada aqui: "[Jesus era] conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém [foi] manifestado no fim dos tempos, por amor de vós, que, *por meio dele, tendes fé em Deus*, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam *em Deus*" (I Pe 1:21). Jesus nos cativa e a ele nos entregamos como seus aprendizes. Depois ele nos leva a uma verdadeira compreensão e confiança em Deus em todos os aspectos da nossa vida. Mas esse progresso leva algum tempo, e deve vir em parte pelo trabalho de outras pessoas do povo de Jesus, pessoas preparadas para nos ensinar a fim de que possamos fazer, e fazer rotineiramente, todas as coisas que ele nos ordenou.

Quem pretende se tornar discípulo de Jesus, então, precisa acreditar nele. Quem pretende evoluir como seu discípulo, precisa gradualmente acreditar naquilo que Jesus sabia ser verdadeiro. Para entrar no seu reino, acreditamos nele. Para ficar à vontade no seu reino, aprendendo a reinar ali com ele, precisamos partilhar as crenças de Jesus.

Como seus aprendizes, passamos por um curso de treinamento — progredimos da fé *em* Cristo à fé *de* Cristo (Gl 2:16-20). Como proclamador e professor do evangelho do seu reino, não paro de anunciar um evangelho *sobre* Jesus. Isso permanece para sempre fundamental. Mas também reconheço a necessidade e a oportunidade de anunciar o evangelho *de* Jesus (Mc 1:1) - o evangelho da presente acessibilidade a todo ser humano de uma vida no Reino no Meio de Nós. Sem isso, o evangelho sobre Jesus permanece destrutivamente incompleto.

ESCLARECENDO OS OBJETIVOS

Quatro coisas que *não* devemos ter como objetivos primordiais

Para montar com acerto um currículo para a imitação de Cristo, precisamos ter uma percepção bem clara e simples das metas primordiais que esse currículo deve alcançar, além daquilo que deve ser evitado.

Em especial, dois objetivos que muitas vezes se têm como metas *primordiais* não devem ser mantidos nessa posição. Podem ser reintroduzidos mais tarde, em correta subordinação aos verdadeiramente primordiais. São eles: a *conformidade exterior* à fraseologia dos ensinamentos de Jesus a respeito de modos de agir em situações específicas; e a *confissão da doutrina perfeitamente correta*. Historicamente, são essas mesmas as coisas que têm obcecado a igreja visível - hoje bem mais a segunda que a primeira.

Não precisamos esperar mais. As conseqüências estão aí. Esses objetivos não proporcionam um trajeto de crescimento e aperfeiçoamento pessoal que normalmente resulte em pessoas aptas a "ouvir e fazer". De duas uma: ou esmagam a mente e a alma humanas, separando as pessoas de Jesus, ou então geram legalistas preconceituosos e especialistas em teologia, gente que com os seus lábios me honra, mas o seu coração está longe de mim" (Is 29:13). O mundo certamente não precisa de mais gente assim.

O mesmo se pode dizer das estratégias - raramente tidas como objetivos primordiais, sem dúvida, mas muito usadas - de encorajar a fidelidade às atividades de uma igreja ou a outros afazeres exteriormente religiosos e "espiritualidades" diversas; ou de encorajar a busca de estados especiais de consciência ou experiências extáticas. Essas coisas são boas. Mas convém estabelecer de uma vez por todas que, como no caso da conformidade exterior e da confissão doutrinariamente perfeita, elas não devem ser tidas como metas primordiais num currículo apropriado à imitação de Cristo.

Experiências especiais, fidelidade à igreja, doutrina correta e conformidade exterior aos ensinamentos de Jesus — tudo isso é conveniente e acontece mais ou menos automaticamente quando o eu interior se transforma. Mas essas coisas não produzem tal transformação.

O coração humano precisa ser revolvido muito mais fundo. Assim, esses quatro objetivos são bons nos lugares certos, e até necessários quando compreendidos corretamente. Mas, quando tidos como objetivos *primordiais*, só fazem assoberbar as almas e dificultar bastante, senão mesmo impossibilitar, a verdadeira imitação de Cristo. Com respeito a esses quatro objetivos, é preciso sempre repetir em alto e bom som a todos os interessados: "Você não vai conseguir construir a sua casa sobre a rocha dessa maneira".

Os dois objetivos primordiais do curso de treinamento

Por outro lado, são dois os objetivos *primordiais* de qualquer curso eficaz de treinamento para a "vida sobre a rocha", a vida que ouve e faz.

O primeiro objetivo é levar os aprendizes ao ponto em que ternamente amem e constantemente se deleitem naquele "Pai celeste" que se tornou real para a terra em Jesus; é levá-los a ter plena convicção de que não há obstáculo nem limite à bondade das intenções de Jesus, tampouco ao seu poder de realizá-las.

Quando o apóstolo João, que fora o "caçula" dos apóstolos, se aproximava do final da sua longa vida, afirmou ele o seguinte: "A mensagem que da parte dele [Jesus] temos ouvido e vos anunciado é esta..." (1Jo 1:5). Antes de examinar o restante da afirmação de João, nos seria proveitoso verificar como completaríamos espontaneamente a frase. Isso nos ajudaria a ver qual é exatamente a nossa posição hoje. Qual é, então, na nossa opinião, a mensagem que Jesus veio trazer? Depois podemos também fazer a mesma pergunta aos nossos amigos e conhecidos. Se o leitor fizer isso, anotando as respostas, acho que ficará espantado com os resultados. E provavelmente será também uma experiência iluminadora.

Mas o velho apóstolo, com base numa vida inteira de experiência direta de Jesus, disse que *esta* era a mensagem dele: "Deus é luz, e não há nele treva nenhuma" (v. 5). É a mensagem que hoje devemos proclamar. É, como detalharemos mais abaixo, a mensagem que impele o ouvinte voluntário a ternamente amar e constantemente se deleitar nesse "Pai celeste" que se tornou real para a terra em Jesus. E é a mensagem que, por fim, nos dá a segurança de que o universo *de Jesus* é "um lugar perfeitamente seguro para nós". O amor aperfeiçoado elimina todo o medo.

Quando a mente está cheia desse Deus grandioso e belo, a reação "natural", depois da remoção de todos os empecilhos "internos", será fazer "todas as cousas que vos tenho ordenado".

O segundo objetivo primordial de um currículo para a imitação de Cristo é eliminar as nossas reações automáticas contra o reino de Deus, a fim de livrar os aprendizes da dominação, ou da condição de "escravos" (Jo 8:34; Rm 6:6), do seu modo antigo e habitual de pensar, sentir e agir. Essas reações "automáticas" se arraigam no eu social personificado durante a sua longa vida fora do Reino no Meio de Nós. Elas formam o "pecado que habita [...] na minha carne", pecado esse que, como Paulo tão brilhantemente compreendeu, gera uma situação de impotência: "pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo" (Rm 7:17-18).

Se pretendemos mesmo capacitar os alunos de Jesus a fazer o que ele ordenou, não basta apenas anunciar e ensinar a verdade sobre Deus, sobre Jesus e sobre os desígnios de Deus para com a humanidade. Pensar assim é a falácia subjacente à maior parte do ensino que se oferece nas nossas igrejas e escolas de teologia. Ainda que implacavelmente persigamos essa meta, por si só ela não é suficiente.

Parcela muito restrita do nosso ser está sob controle da nossa mente consciente, e muito poucos dos nossos atos derivam dos nossos pensamentos e intenções conscientemente eleitas. A mente, isolada, é um instrumento extremamente débil, cujo poder sobre a vida rendemos constantemente a exagerar. Somos na nossa própria natureza seres encarnados, e vivemos com base no corpo. Se pretendemos nos transformar, o corpo precisa se transformar, e isso não se consegue falando apenas.

O treinamento que leva a **fazer o** que ouvimos de Jesus precisa portanto envolver, primeiro, a ruptura deliberada com os pensamentos, sentimentos e atos "automáticos"; e para isso temos de fazer coisas diferentes com o nosso corpo. Depois, mediante diversas práticas deliberadas, colocamos o corpo perante Deus e seus meios de forma tal que todo o nosso eu se

reeduque. Nessa reeducação, nós nos afastamos dos antigos reinos que nos cercam ou nos dominam de dentro, para entrar no "reino do Filho do seu amor" (Cl 1:13).

Essa parte do currículo para a imitação de Cristo consiste nas "disciplinas para a vida espiritual". Vamos examiná-las abaixo, ainda neste capítulo.

Por enquanto, basta acrescentar o comentário de que não se deve buscar atingir separadamente esses dois "objetivos primordiais" do currículo; e preciso buscá-los conjuntamente. Não levamos primeiro os aprendizes a saber amar a Deus para depois livrá-los do jugo da escravidão. Tampouco fazemos o inverso.

A busca dos dois objetivos primordiais é simultânea. Procuramos alcançar ambos ao mesmo tempo. Isso é compulsório no caso de pessoas como nós, que vivem sem dúvida à mercê dos seus pensamentos, mas que também são seres corpóreos imersos num ambiente social, ambiente esse que muito facilmente assume o controle da sua vida.

Agora ponderemos com certa profundidade o que teríamos de fazer para atingir os dois objetivos primordiais. E aqui penetramos na essência do currículo para a imitação de Cristo.

A MENTE SOB O FASCÍNIO DE DEUS

Voltando a mente para Deus

Com respeito ao nosso primeiro objetivo primordial» a questão mais importante a enfrentar é esta: como ajudar as pessoas a amar o que é adorável? Muito simples: nós as motivamos, as *convidamos*, as ajudamos a fixar a mente no objeto adorável, Deus. Nós as auxiliamos de todas as formas possíveis. Santo Tomás de Aquino observa que "o amor nasce de uma sincera ponderação do objeto amado". E: "O amor sucede ao conhecimento".³ Amor é uma reação emocional que se desperta na vontade mediante visões do bem. Contrariando o dito popular, o amor nunca é cego, embora possa não ver corretamente. Ele não pode existir sem certa visão do objeto amado.

Como professores, nós, portanto, *colocamos o objeto* adorável - nesse caso, Deus — diante do discípulo. Procuramos apresentar esse objeto do modo mais perfeito e convincente possível, aplicando nisso todo o nosso esforço. Mas não devemos jamais esquecer que, em última análise, como já aprendemos com Emily Dickinson, "A alma elege sua companhia, depois a porta fecha".⁴ Agimos, sim, e com toda a inteligência e *responsabilidade* possível, mas sempre nos colocamos na posição de quem *convida*, de quem *pede*. convidamos as pessoas, pedimos a Deus, e reagimos às suas respostas.

Deus depositou na própria alma humana a única chave dos recessos mais íntimos da alma humana, e ele jamais a tomará de volta para si, tampouco a dará a *outro*. *Você pode até* destruir a alma de outra pessoa, mas jamais conseguirá abri-la contra a vontade dela. A alma, retomando o fio das palavras da poetisa citada acima, pode "fechar as válvulas da sua atenção, como pedra". Pode até perder a chave, e precisar de ajuda para encontrá-la. Pode até recusar o auxílio de que desesperadamente necessita. Mas jamais prescindirá de amar, necessidade essa mais profunda que a de ser amado.

Diz um dito popular: "Arrume tempo para apreciar o perfume das rosas". O que isso significa? Para apreciar o perfume de uma rosa é necessário se concentrar nela, trazendo a flor o mais perto possível dos sentidos e da consciência. Para aspirar o perfume da rosa é preciso se aproximar, e se demorar. Quem o faz, se deleita. Ama.

Quem se demora aspirando o perfume de uma rosa guarda impressões duradouras de uma glória preciosa que, revivida seguidas vezes, pode mudar totalmente a qualidade da vida da pessoa. A rosa - e mais genericamente a flor, mesmo nas suas formas mais humildes — é na terra, de um modo muito especial, uma testemunha frágil mas irreprimível de um mundo "maior" onde o bem está de algum modo seguro.

Esse simples exemplo contém verdades profundas. Se alguém pretende amar a Deus, e ter a sua vida plena desse amor, precisa colocar diante da sua mente esse Deus na sua gloriosa realidade; depois precisa conservá-lo ali de modo tal que a mente em Deus se arraigue e se fixe. É claro que a pessoa precisa querer que isso aconteça, mas qualquer genuíno aprendiz de Jesus terá essa vontade. Pois é justamente para aprender essa lição que os aprendizes se matriculam nessa escola.

Então a questão da primeira parte do nosso currículo é simplesmente *como* apresentar corretamente Deus à mente e ao espírito do discípulo. Isso deve ser feito de forma tal que estimule a pessoa a amar a Deus e a nele se deleitar, fixando essas duas atitudes como a orientação preponderante da sua personalidade. Assim, essa orientação irá preencher a mente da alma desejosa, progredindo rumo ao domínio tranqüilo e aprazível de toda a personalidade. O nosso primeiro objetivo primordial terá sido então atingido.

Nossa mente e nossas escolhas

Agora precisamos compreender que aquilo que simplesmente *ocupa* a nossa mente governa em larga medida o que fazemos. Define o tom emocional dos nossos atos e projeta as atitudes que nos são possíveis. Além disso, a mente, embora ela mesma tenha pouco poder, é o lugar da nossa liberdade mais ampla e mais básica. Isso tanto num sentido direto quanto indireto. De todas as coisas que fazemos, temos mais liberdade quanto *ao que pensamos*, quanto ao objeto do nosso pensamento, do que em relação a qualquer outra coisa. E a liberdade de pensamento é uma liberdade direta onde quer que se faça presente. Não precisamos fazer nenhuma outra coisa para exercê-la. Simplesmente dirigimos a nossa mente para aquilo em que decidirmos pensar. O nosso caráter se revela mais profundamente naquilo que elegemos como objeto do nosso pensamento, no que constantemente ocupa a nossa mente - e também no que podemos ou não sequer conceber.

Mas a mente também está na raiz das nossas liberdades indiretas - daquilo que podemos fazer se fizermos algo mais. Por exemplo, o programa dos Alcoólicos Anônimos, que alcançou resultados prodigiosos, é idealizado para libertar as pessoas do alcoolismo. Eles aprenderam que não conseguem se libertar simplesmente tentando. Os passos 1 a 4 do famoso programa de Doze Passos são exercícios da liberdade direta do ser humano, a liberdade de concentrar a mente onde o indivíduo julgar necessário: na pessoa que ele realmente é e em Deus, que pode ajudá-lo.⁵

Mas esses primeiros passos possibilitam fazer outras coisas (os oito passos restantes) que seriam impossíveis se a mente da pessoa não fosse orientada para os objetos constantes dos quatro primeiros passos. Assim, a pessoa acaba querendo se ver livre da bebida a cada dia. Essa é a meta. Mas essa "liberdade" não se realiza a não ser que a pessoa vigie constantemente o objeto em que a sua mente *diretamente* se concentra.

O que se vê nesse prodigioso programa, que tantas vidas tem salvado, é a organização geral da personalidade humana; é, na verdade, uma organização totalmente óbvia para qualquer pessoa ponderada. Mas raramente somos ponderados. Como diz o verso de A. E. Houseman, "Pensamos aos trancos e arrancos". Portanto, Deus sempre incluiu no seu chamado a nós o convite a *pensar*. De fato, o chamado de Jesus ao "arrepentimento" nada mais é que o convite a refletir sobre como temos pensado. E quando nos virmos diante da tarefa de levar discípulos à plenitude de Cristo, é bom deixar bem claro que uma parte importante dessa tarefa, e de longe a mais fundamental, é *formar as intuições e os hábitos na mente do aluno para que o seu pensamento permaneça voltado a Deus*. Feito isso, um coração cheio de amor se inclinará para Deus, e a vida se inundará de alegria e obediência.

O que acabamos de explicar é o constante testemunho dos autores bíblicos. Lemos um dos inúmeros exemplos no Salmo 16:

O SENHOR é a porção da minha herança [...]; tu és o arrimo da minha sorte. [...] até durante a noite o meu coração me ensina. O SENHOR, tenho-o sempre à minha presença; estando ele à minha direita não serei abalado. Alegra-se, pois, o meu coração, e o meu espírito exulta; até o meu corpo repousará seguro. Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção. Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra delícias perpetuamente.

Salmo 16:5-11

Por outro lado, a distorção ou "erro" da vontade - aquilo que teólogos de outros tempos chamavam de "corrupção" — é primordialmente uma questão da *recusa* em concentrar o

pensamento nas coisas certas e da maneira certa.⁶ Nós desprezamos "o conhecimento de Deus", como diz Paulo (Rm 1:28).

Exemplifiquemos com coisas menores: se não quero cumprir uma promessa ou um contrato, decido me concentrar em maneiras de burlá-la, não de cumpri-la. Eis aí um fato observável. E se eu me concentrar em maneiras de cumpri-la, é certo que vou cumpri-la, pelo menos no que depender de mim.⁷ É assim que a personalidade humana está organizada, e devemos ter sempre em mente essa organização para poder ensinar os discípulos.

OS TRÊS ASPECTOS DE INDISPENSÁVEL CLAREZA INTELECTUAL

Deus se apresenta de três maneiras principais à nossa mente, e é na mente que podemos nos perder de amor por ele. Também há, logicamente, maneiras de apresentar Deus aos outros, e ainda maneiras pelas quais cada um de nós pode individualmente buscar preencher os pensamentos com a idéia de Deus. É por essas maneiras que o Deus adorável conquista o amor do discípulo. Ele vem até nós (1) por meio da sua criação, (2) por meio dos seus atos públicos no drama da história humana e (3) por meio de experiências individuais que nós e os outros temos dele.⁸

1. "Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra"

Quem busca ensinar a si mesmo ou os outros para a plenitude da vida no Reino no Meio de Nós tem como primeira tarefa apresentar o nosso Pai, aquele que está nos céus, como criador e sustentador de tudo o que há, dos "céus e da terra". Desde os primórdios da história judeu-cristã, ele é tido como o "Deus Altíssimo" (*El Elyon*), criador e, portanto, possuidor dos "céus e [d]a terra" (Gn 14:18-19).

O fundamento dessa convicção sobre Deus reside no entendimento ou impressão comum de que toda a realidade "natural", incluindo você e eu, deve a sua existência e, portanto, a sua impressionante ordem e magnificência a algo exterior a si. Não temos evidências de nenhum objeto ou fenômeno natural que se gere a si mesmo ou se sustente a si mesmo. Porém, conhecemos bem o papel do pensamento e do planejamento humano na produção de alimentos, móveis, computadores, aviões, etc. Por isso, é natural que o ser humano deduza disso, como sempre deduziu, a existência de um "Deus Altíssimo" em tudo o que vemos à nossa volta.

O famoso filósofo grego Epicteto, contemporâneo de Pedro e Paulo, comentou que "qualquer coisa da criação é suficiente para demonstrar a existência da providência a uma mente modesta e grata".⁹ O próprio Paulo explica que todos os seres humanos permanecem responsáveis, independentemente de como venham a cair, em virtude do modo claro como Deus se apresenta na realidade natural. "Os atributos invisíveis de Deus [...]", afirma Paulo, "claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das cousas que foram criadas" (Rm 1:19-20).

Numa passagem posterior de Romanos (10:18), ele chega quase a identificar a própria "palavra de Cristo", o evangelho, com a palavra de Deus que flui da natureza "até aos confins do mundo", segundo o Salmo 19. Ao longo dos séculos, até hoje, eminentes pensadores têm-se convencido da sensatez desse raciocínio.

Mas, embora os processos racionais envolvidos no ato de ver o Criador através da natureza sejam importantes - e, creio eu, conclusivos -, há mais coisa envolvida aí. Pode ser que, para a maioria das pessoas, Deus seja mais *percebido* que deduzido através da natureza — mais ou menos como eu "percebo" ou "leio" os seus pensamentos, os seus sentimentos e a sua presença quando estou ao seu lado, sem no entanto *deduzi-los*.

Para muitos as palavras do poeta Wordsworth exprimem melhor essa situação:

E tenho sentido
Uma presença que me perturba com a alegria
De elevados pensamentos; sensação sublime
De algo bem mais fundamente ligado.
Cuja morada é a luz de sóis se pondo,

E o mar recurvo e o vívido ar,
E o céu azul, e na mente do homem;
Um gesto e um espírito, que impele
Todas as coisas pensantes, todos os objetos de todo pensamento, E atravessa todas as coisas.¹⁰

Seja como for, o importante é que no ensino que leva os aprendizes de Jesus a viver sobre a rocha do "ouvir e fazer", o "Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra" esteja presente na sua mente de forma tal que possam ver a magnífica beleza divina, de forma tal que seu amor seja atraído a ele com força e constância. Isso dará uma contribuição imensa e indispensável à capacidade desses aprendizes de amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e de toda a sua força.

Nosso esforço e nosso ensino precisam ser cuidadosos e absolutamente sinceros

No esforço e no ensino a realizar, iremos logicamente revelar aos discípulos cada um dos termos - *Deus, Pai, Criador, etc.* - do modo mais cuidadoso e completo. Para esse fim, lançaremos mão do tesouro de conceituações das Escrituras e do melhor do pensamento e da escrita humana que nos seja acessível. Acima de tudo, cuidaremos de desenvolver esse trabalho em constante interação com o restante da instrução que recebemos ou estejamos recebendo na ocasião.

Então ouviremos atentamente, e com muita oração, aqueles que estivermos ensinando. Incentivaremos todas as perguntas, e deixaremos claro que a única forma de alcançar uma fé forte e sadia é abordar com sinceridade todas as dúvidas que surgirem. *Jamais* faremos pouco das dificuldades, tampouco encararemos qualquer problema senão com máxima seriedade, nem censuraremos ou repreenderemos ninguém por fazer perguntas e revelar dúvidas. Se sinceramente não soubermos o que dizer na oportunidade, o admitiremos com humildade. Então trataremos de encontrar a resposta estudando, debatendo e orando.

Após momentos de estudo e ensino, prestaremos extrema atenção precisamente aos enigmas e ambigüidades que surgirem na nossa mente e na mente dos nossos ouvintes. O que não faz sentido? O que não foi compreendido? Essas obscuridades são mais importantes do que questões sobre evidências ou provas, embora estas não devam ser desprezadas. A maioria das incertezas (mas não todas) que surgem na mente dos *discípulos* é resultado de obscuridades e falhas na compreensão - o que acontece, aliás, com as pessoas em geral, em grau talvez só um pouco menor. Essas obscuridades sufocam a confiança e o amor, e não devemos descansar enquanto não sejam totalmente dissipadas da mente.

Ao fazer isso, logicamente não contamos apenas com a nossa sagacidade e capacidade, mas aguardamos auxílio do Espírito da verdade que age constantemente nos discípulos de Jesus. Fazemos tudo isso com a consciência de que *estamos* agindo lado a lado com ele. Além do mais, desenvolvemos esse tipo de trabalho simultaneamente com o cultivo da mente e do espírito, recorrendo à arte e à imaginação, à poesia e à canção, ao louvor, à oração e à adoração. Tudo isso ajuda a mente a apreender com todo o realismo esse ser adorabilíssimo, Deus.

A teologia testada pelo amor de Deus

Hoje a perdição das ramificações mais liberais da teologia cristã é serem incapazes de apresentar um Deus que possa ser de fato amado. Eles falam muito de amor - especialmente em relação a coisas como comunidade, respeito e libertação - mas no final o que sobra é algo muito parecido com as palavras daquela canção, "Morrendo de amores pelo amor".

O que deve ser amado é o próprio amor, muitas vezes identificado a nada além de uma certa noção de comunidade. Depois talvez se acrescentem algumas palavras sobre Deus ser amor. Mas o que na verdade se comunica é que o amor é a *realidade última*. Essa é uma idéia bem diferente, porém, da revelação de Deus em Jesus encontrada no Novo Testamento, revelação que deixou claro que o amor de Deus não se assemelha a amor nenhum conhecido pela humanidade.

Basicamente, as tentativas modernas de refletir sobre Deus independentemente da revelação histórica foram absolutamente vitimadas pelas correntes filosóficas dos séculos XIX e XX que fazem do conhecimento de Deus - e talvez de tudo o mais - simplesmente uma impossibilidade. Algo risível, sem dúvida. Isso obriga a pessoa a "ler" os textos e as tradições cristãs de uma forma que impossibilita que Jesus nos leve a um Deus pessoal, um Deus que possamos amar de todo o nosso ser.

Mas muitas vezes a ala direita da teologia não se sai muito melhor. Ela tende a se satisfazer com a sensação de saber as doutrinas ou tradições certas, parando aí sem jamais passar a uma posição de arrebatada admiração, deleite e devoção diante do Deus do universo. Por um lado, essas coisas não são tidas como necessárias, pois já temos as respostas certas; e por outro lado, recebemos pouco ou nenhum ensino e exemplo de como cultivar um amor sincero e autêntico por Deus.

O teste crucial de *qualquer* teologia é este: é o Deus apresentado um Deus que possa amar, e amar de todo o coração, alma, entendimento e força? Se a resposta ponderada e sincera é "não", então é necessário procurar em **outro** lugar ou com maior profundidade. Pouco importa a sofisticação intelectual ou doutrinária da abordagem teológica. Se ela não apresenta às pessoas um Deus *que se possa amar* - um ser radiante, feliz, amigável, acessível e absolutamente capaz -, então está errada. Não devemos continuar na mesma direção, mas buscar um outro caminho.

Teólogos, tanto da esquerda quanto da direita, além de outros "não-alinhados", são todos amados por Deus, que tem grandes projetos em mente para cada um deles. Eles são nossos próximos, e devemos partilhar a visão e o amor que Deus tem por eles. *Eles* precisam amar a Deus. O teólogo que não ama a Deus corre grande perigo, o perigo de causar grandes males, pois ele precisa conhecer a Deus e ter convicção das coisas em que acredita acerca da Pessoa divina.

Quer esses teólogos estejam ou não na comunidade de crentes professos, são de qualquer forma seres humanos e, como **os** seres humanos em geral, eles pensam mais em Deus do que em qualquer outra coisa. Mas, se eles não compreendem a Deus corretamente, não podem ter confiança nele. Na maioria das vezes, eles não precisam de provas ou evidências. Precisam de alguém que lhes apresente um Deus que faça sentido diante daquilo que, bem ou mal, eles sabem de si e do mundo. Certamente já há razão agora para concluir que isso não pode ser alcançado senão mediante as auto-revelações de Deus e, creio eu, acima de tudo mediante Jesus.

Dois mitos nocivos

Infelizmente, hoje predominam na sociedade diversos mitos ligados a essa parte do adestramento do discípulo em nome de Jesus. Um deles é a idéia de que o progresso do "conhecimento científico" **recentemente** negou de forma conclusiva a existência de um Deus criador, com base no argumento de que nada de significativo pode ser conhecido de Deus pela investigação da ordem da natureza - ou de qualquer outra coisa que exista.

Por estranho que pareça, um século atrás supunha-se em geral que as conclusões eram positivas: considerava-se que Deus estava manifestamente presente na natureza. Essas respostas positivas eram normalmente ensinadas como *conhecimento* em escolas de todos os níveis, e as poucas vozes discordantes eram ouvidas, embora não se possa negar que os dissidentes muitas vezes não eram tratados com dignidade.

Hoje o normal é quase exatamente o oposto. Mas assim como as conclusões positivas do passado às vezes se baseavam mais na disposição para crer do que em raciocínios precisos - embora não houvesse na realidade necessidade disso -, também hoje as "conclusões" negativas que dominam a sociedade são na sua maioria baseadas numa disposição para descrever, disposição essa socialmente imposta. E *essas* conclusões negativas, que não encontram Deus na natureza, precisam de fato de auxílio do condicionamento social.

Como eu já disse acima num contexto semelhante (capítulo 3), absolutamente nada de substancial mudou nos últimos cem anos ou mais em relação às questões básicas acerca de Deus, do mundo e da personalidade humana." Neste tipo de livro, só podemos asseverar que as razões para crer que Deus é o Criador, que eram boas razões em outros anos, são ainda boas. E, ao ensinar os aprendizes de Jesus, devemos apresentar essas razões com cuidado e meticulosidade, sempre atualizando-as da forma mais conveniente.

Para compreender por que o preconceito negativo é tão forte hoje, basta pensar que toda a estrutura de especialidades humanas, representada pelo nosso sistema multiestratificado de diplomação e aprovação, tem todo o interesse em *excluir* Deus das nossas ponderações. Pois, se esse "sistema" não consegue fazê-lo, simplesmente se revela errado naquilo que apresenta como conhecimento e realidade - da qual Deus não faz parte. Como já observamos acima, hoje Deus não tem competência reconhecida pela humanidade em nenhum campo de conhecimento ou prática.

Mas, se este é de fato o universo de Deus, os atuais senhores do conhecimento cometeram aquilo que é sem dúvida o maior erro da história humana. Crer que o mundo é plano ou que a lua é um queijo em nada se compara a esse erro. Crer que os atuais senhores do "conhecimento" estão certos, por outro lado, é omitir o Deus espiritual e a vida espiritual do verdadeiramente real. É crer que esse Deus e essa vida não passam de ilusões; e já se dedicaram dois ou mais séculos de "pensamento avançado" à demonstração de que *são* de fato ilusões. Portanto, a batalha por identificar o nosso universo como o universo de Deus, e a nossa existência como parte da sua criação, simplesmente tem de continuar. Não podemos ficar de lado. E ao ensinar as pessoas a "ouvir e fazer", precisamos assumir uma posição franca e inteligente a respeito dessas questões fundamentais; uma posição calcada no amor.

O outro mito nocivo que devo mencionar aqui é a idéia de que só os estudiosos munidos de profundo conhecimento técnico podem abordar com competência as questões acerca de Deus como criador. Certamente que precisamos desses estudiosos, e devemos valorizá-los e orar por eles. Hoje eles são raros nas fileiras do povo de Jesus. Talvez você deva se tornar um deles. Mas a obra de apresentar o Deus adorável por meio da sua criação é basicamente uma obra *pastoral*, e é tarefa do amigo ou vizinho. Os eruditos e *estudiosos* podem auxiliar, mas a obra em questão pode ser feita por qualquer professor que simplesmente resolva fazê-lo, que se disponha a seguir aonde o caminho o levar (ou seja, que dedique o tempo necessário ao estudo) e que confie na cooperação desse Deus Trinitário que está sendo apresentado.

Mas o que não devemos esquecer jamais, nesse caminho rumo à fé "sobre a rocha", é que o "fazer" (ou o "não-fazer") procede das nossas verdadeiras crenças. Portanto, se pretendemos ensinar as pessoas a fazer "todas as coisas", precisamos mudar as suas crenças. Só assim podemos mudar os objetos dos seus amores. É impossível mudar o caráter ou o comportamento deixando intactas as crenças. A suposição de que é possível fazê-lo é uma das grandes ilusões da cultura ocidental, oriunda de uma forma de cristianismo meramente cultural. Não podemos contornar essa ilusão; precisamos desfazê-la.

Assim como precisamos antes de tudo mudar as crenças das pessoas para que se tornem discípulos, também precisamos mudar ainda mais as suas crenças para que se tornem discípulos na plenitude e abundância da vida do reino, que tem a obediência como subproduto. E ajudar os discípulos a alcançar a inteligente convicção de que este universo é realmente o mundo de Deus é fazê-los avançar bastante rumo a amar "o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força" (Mc 12:30).

Jesus, ao apresentar esse preceito como o mandamento primordial, ou "primeiro", acreditava que se a pessoa tivesse esse amor, todas as outras coisas importantes viriam a seguir, incluindo o "ouvir e fazer". É por isso que o amor sincero e lúcido por Deus deve ser o primeiro objetivo de qualquer currículo para a imitação de Cristo. Esse objetivo é alcançado na prática quando Deus se acha presente de forma nítida e contínua na nossa mente como nosso "fiel Criador" (1Pe 4:19).

2. O Deus de Jesus e seu povo

Embora o conhecimento de Deus por meio da sua criação seja fundamental para que o amemos, não é porém suficiente, nem jamais se tencionou que o fosse. Esse conhecimento não esclarece a extensão do amor de Deus, especialmente pelos seres humanos. Não esclarece ao homem o "carinho paternal" que Deus tem por nós. Mas o "fiel Criador" não se presta a objeto de especulação. O seu amor se insinua. Desde os primórdios da revelação bíblica, Deus tem

abençoado pessoalmente o ser humano e buscado com ele um relacionamento face a face, relacionamento sempre renovado por visitas periódicas (Gn 1:27-31; 2:7-3:8).

É um desígnio tão admirável que chega a propor aos autores bíblicos um enigma sobre a sua própria natureza. "Quando contemplo os teus céus", brada o salmista, "obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, que dele te lembres? e o filho do homem, que o visites? Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus, e de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão, e sob seus pés tudo lhe puseste: ovelhas e bois, todos, e também os animais do campo; as aves do céu e os peixes do mar, e tudo o que percorre as sendas dos mares" (Sl 8:3-8).

Mesmo quando os homens voltam as suas costas ao Pai e se colocam no trono cósmico, ele continua a visitar o ser humano e faz todas as provisões possíveis para a sua salvação. Aparentemente nem os anjos entendem isso (Ipe 1:12). Parece que ao longo dos séculos os homens serão continuamente admoestados e instruídos a respeito da natureza de Deus pela presença eterna da comunidade remida no meio deles (Ef 2:7; 3:10). E Deus não só interage com cada ser humano (Jo 1:9; Ar 10:30-31; 14:17; Rm 1:14-15), mas também estabelece uma presença *pública* na história humana por meio do povo da aliança no qual ele se manifesta palpavelmente a todo aquele que na terra quiser encontrá-lo.

A magnífica oração de Ne 9:5-38 narra como a criação e a aliança se fundiram na tradição histórica de um povo redimido e redentor. A ocasião é de confissão coletiva de uma catastrófica incapacidade de cumprir a aliança, e de renovação perante o Deus gracioso que não desiste de nós. A primeira parte da oração é equivalente ao "vocativo" que estudamos no capítulo 7. Os dois elementos fundamentais que figuram no vocativo são, precisamente, a criação e a aliança:

criação. "Só tu és SENHOR, tu fizeste o céu dos céus, e todo o seu exército, a terra e tudo quanto nela há, os mares, e tudo quanto há neles; e tu os preservas a todos com vida, e o exército dos céus te adora" (v.6).

ALIANÇA. "Tu és Senhor, o Deus que elegeste a Abraão, e o tiraste de Ur dos caldeus, e lhe puseste por nome Abraão [que significa 'pai de multidões']" (v.7).

Fez-se essa mudança de nome porque em Abraão «serão benditas todas as famílias da terra (Gn 12:3). Abraão e a tradição de fé que dele descende atravessando as eras seriam o *lugar histórico publicamente designado* em que a natureza do coração de Deus Pai haveria de estar acessível a todos.

É claro que o povo que mais tarde veio a seguir Jesus, filho de Abraão -esse Jesus que Paulo considerava o descendente de Abraão - se julgava continuação e cumprimento da aliança com Abraão. Portanto, eles se consideravam parte de uma "Nova Aliança", de um "Novo Testamento". Os primeiros capítulos do livro dos Atos dos Apóstolos, no Novo Testamento, revelam como eles compreendiam a transição e a continuação da aliança por intermédio de Jesus, e as suas orações refletem a mesma combinação criação-aliança que vimos em Neemias 9.

Em Atos 4, os apóstolos e outros que estavam com eles debaixo de grave ameaça das autoridades reagem assim: "Levantaram a voz a Deus e disseram: Tu, Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há" (v. 24). Depois citam o grande rei do Antigo Testamento, Davi, e estabelecem uma associação entre ele e "teu santo Servo Jesus" (vv. 25-30). Deus então responde ao povo da nova aliança, fazendo estremecer o lugar onde estavam reunidos e enchendo-os do Espírito Santo para que anunciassem "com intrepidez [...] a palavra de Deus" (v. 31).

O "conhecimento da glória de Deus na face de Cristo"

Portanto, impressionamos a mente dos discípulos com a comovente bondade de Deus, a sua incompreensível graciosidade e generosidade, ajudando-os a ver e compreender a pessoa de Jesus. Numa noite extenuante e terrível, Jesus dizia uma série de coisas que confundiam e perturbavam seu pequeno círculo de amigos. Filipe exclamou num rompante: "Senhor, mostranos o Pai, e isso nos basta" (Jo 14:8). Jesus pacientemente respondeu: "Felipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim, vê o Pai" (v. 9). Sem dúvida Filipe e os outros acharam essas palavras boas demais para ser verdade. Seria então o caráter de Deus realmente como o de Jesus? Eis a resposta espantosa: "É, de fato".

A chave, então, para alcançar o Deus amantíssimo é *ver* Jesus, é contemplá-lo com os olhos da mente em toda a plenitude e com toda a clareza possível. É adorá-lo. Com vistas a ensinar os discípulos, convém dividir esse ponto em quatro aspectos principais.

Primeiro, ensinamos a beleza, a verdade e o poder de Jesus, atributos que ele exibiu enquanto viveu no meio de nós como homem entre homens. O conteúdo dos Evangelhos deve ser explicado e trazido à vida de forma tal que esses Evangelhos se tornem uma presença permanente, uma propriedade da mente do discípulo.

Segundo, ensinamos o modo como ele foi executado, por nossa causa, como criminoso comum entre outros criminosos. Não precisamos compreender exatamente como isso funciona. Qualquer um que pensa compreender plenamente aquilo que a teologia denomina expiação sem dúvida nenhuma terá algumas surpresas pelo caminho. Em nenhum outro tópico a arrogância teológica se revela tão comumente quanto neste. Mas esse *fato* é algo que precisamos sempre contemplar em nossa mente. Essa é a boa razão para usar ou exibir uma cruz. Apesar de todas as associações falsas e desencaminhadoras que a cercam, ela ainda anuncia (mesmo sem o conhecimento daquele que a exhibe): "Fui comprado pelos sofrimentos e pela morte de Jesus, e pertença a Deus. A conspiração divina da qual faço parte paira sobre a história humana na forma de uma cruz".

Todo discípulo deve trazer gravada indelevelmente na alma a realidade dessa pessoa maravilhosa que andou no meio de nós e sofreu morte cruel para possibilitar que cada um de nós tenha vida em Deus. Essa realidade *jamaiz* deve ultrapassar as margens da nossa consciência. "Deus", disse Paulo, "prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5:8).

Aqui reside a exclusividade da revelação cristã de Deus. Ninguém pode ter uma visão adequada do coração e dos desígnios do Deus do universo se não entende que ele permitiu que seu filho morresse na cruz para assim atingir todas as pessoas, mesmos aqueles que o odiavam. Esse é o nosso Deus. Mas não se trata aqui apenas de uma "resposta certa" a uma pergunta teológica. É Deus quem *me* olha lá da cruz, com compaixão e disposição de fazer que nada me falte, sempre pronto a tomar a minha mão e me levar, onde quer que eu esteja no caminho da vida.

A compreensão de Paulo acerca do significado da morte do Filho por cada ser humano se revela detalhadamente e com muito enlevo em Rm 8:31-39:

Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou a seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura não nos dará graciosamente com ele todas as cousas? Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo; fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Em todas estas cousas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem cousas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Com essa esplêndida passagem diante dos olhos, já vislumbramos os últimos dois aspectos da pessoa de Jesus que devemos gravar na alma do discípulo em treinamento.

Terceiro, ensinamos a realidade de Jesus ressuscitado, a sua real existência agora como pessoa presente em meio ao seu povo. Nós o apresentamos na sua *ecclesia*, o grupo heterogêneo mas glorioso dos que foram chamados. Acompanhamos o seu trajeto desde aqueles espantosos encontros da manhã da primeira Páscoa, passando por todos os períodos históricos incrivelmente diversos da igreja. Mas também o mostramos ativo entre os seus discípulos. Quem ele é se revela de um modo essencial no seu povo.

Portanto, a *contínua* encarnação do Filho divino no seu povo reunido deve preencher a nossa mente se pretendemos mesmo amá-lo, e amar ao Pai, e assim viver sobre a rocha do ouvir e falar. E algo que fortalece o nosso amor por ele é ver como é que, através do tempo e do

espaço, tanta gente diferente tem vivido com ele, e o amado e servido, e o apresentado e celebrado.

E, quarto, ensinamos aos discípulos o Jesus que é mestre do universo criado e da história humana. É ele quem rege todos os átomos, partículas, quarks, "cordas cósmicas",¹² etc, de que depende o universo físico.

Os seres humanos há muito tempo aspiram a controlar os fundamentos últimos da realidade comum. Fizemos um pequeno progresso, e temos a forte sensação de que essa é a direção do nosso destino. Esse é o significado teológico da empresa científica e tecnológica. Essa empresa sempre se apresentou como o instrumento para a solução dos problemas humanos, embora se torne idólatra e insana sem o seu entorno teológico.

Mas esse Jesus é mestre de tudo isso mediante a sua palavra. Satanás, ao tentá-lo, afirmou estar de posse de todos os reinos da terra. Mas ele mentia, como é da sua natureza. As mentiras são a sua única esperança. Pois o próprio Jesus é o rei dos reis da terra, é ele que com bons propósitos em mente permite que Satanás e o mal tenham alguma influência sobre a humanidade durante um curto espaço de tempo. E é ele, como o *Logos*, que mantém e manipula as leis fundamentais do universo físico.

Apresentado integralmente de todos esses ângulos, o amor de Cristo por nós — e a magnificência da sua pessoa - leva o discípulo a adorar a pessoa de Jesus. O seu amor e a sua amabilidade preenchem a nossa vida. Um velho irmão franciscano disse a Brennan Manning no dia em que este entrou na ordem: "Quando você conhecer o amor de Jesus Cristo, nada mais no mundo lhe parecerá tão belo ou desejável".¹²

O próprio Jesus sabia que essa era a chave. O verdadeiro sinal de amor por ele era a observação dos seus mandamentos, pois essa observação só se tornava possível e real por intermédio desse amor. Nesse amor de Jesus todas as coisas se reúnem: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada" (Jo 14:23).

3. A mão de Deus vista através dos eventos da vida do discípulo

O terceiro aspecto do ensino exigido para levar o discípulo à condição de amar ao Senhor de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e de toda a força, diz respeito à bondade da sua própria existência e da vida que lhe é dada no nascimento natural e na conseqüente trajetória sobre a terra.

Deus, como nosso "fiel Criador" e como nos é apresentado "na face de [Jesus] Cristo", é adorável e magnífico. Mas ele permanecerá como algo a ser admirado e até adorado a distância se isso é tudo o que sabemos dele. Para que os discípulos sejam levados a amar a Deus de maneira plena e jubilosa, eles precisam ver a sua própria vida dentro da moldura da bondade irrestrita. "Ver" é talvez uma palavra forte demais, embora certamente seja o que devemos ansiar. Mas eles precisam ao menos ter lá no fundo do seu coração a certeza de que a sua vida deve *necessariamente* ser uma coisa boa. E aqueles que ensinam os discípulos a fazer "todas as coisas" precisam pretender ajudá-los a alcançar tal convicção.

Santa Clara de Assis, conquistada ainda na juventude por São Francisco de Assis para uma vida de completa devoção a Jesus, disse estas palavras ao se despedir da vida: "Senhor Deus, bendito és porque me criaste!" Esse deve ser o alento diário do discípulo de Jesus.

Pouco antes, estando santa Clara já no seu leito de morte, o irmão Rainaldo a exortara a suportar as suas enfermidades com paciência. Ela respondeu: "Caríssimo irmão, desde que conheci a graça do meu Senhor Jesus Cristo pelo seu servo Francisco, nenhum sofrimento mais me perturbou, nenhuma penitência me foi dura, nenhuma doença penosa demais".

Depois, antes das suas últimas palavras, notou-se que ela murmurava à própria alma: "Parte em paz, pois terás boa companhia na jornada. Vai confiante para Ele que te protegeu e amou como a mãe ama o seu filho".¹³

Nunca teremos o amor afável e resoluto de Deus, o amor que faz da obediência a Jesus a nossa reação natural, a menos que estejamos absolutamente certos de que *para nós é bom viver*,

¹² Referencia à "teoria das cordas" da física, segundo a qual os constituintes elementares da matéria são tidos como minúsculas "cordas", ou objetos com extensão espacial, e não como partículas sem extensão. (N. do T.)

e ser quem somos. Isso significa que não podemos ter dúvidas de que é bom o caminho apontado para nós pelas "coordenadas" do nosso nascimento (quando, onde e para quem nascemos); tampouco podemos ter dúvidas de que nada de irredimível nos aconteceu, nem pode nos acontecer, no caminho rumo ao nosso destino no mundo pleno de Deus.

Qualquer dúvida nesse ponto reforça uma idéia que entorpece a alma, a idéia de que os mandamentos de Deus concorrem, no fim das contas, só para benefício e contentamento dele, e que em última análise cada um deve cuidar de si. Quando se examinam as "faltas morais" de cristãos famosos (e de cristãos desconhecidos também), sempre se verifica que essas faltas se baseiam na idéia de que Deus deles exigiu que servissem de forma tal que eles mesmos "cuidassem das próprias necessidades", em vez de confiar na abundante provisão de Deus. A consequência é o ressentimento contra Deus, não o amor, e nessa condição é impossível fazer continuamente as obras do amor.

Vemos na figura veterotestamentária de José uma bela ilustração da fé e do amor que se devem incutir no discípulo. Sua história se encontra em Gênesis 37-50. Ele permaneceu absolutamente fiel a Deus durante toda a vida, em virtude de um senso de bênção divina que o acompanhou desde a infância.

Atacado e vendido como escravo pelos irmãos invejosos (37:18-36), depois sepultado e esquecido durante anos na prisão, vítima de acusações provocadas precisamente pela sua retidão moral (39:7-23), ele se conservou seguro da bondade da sua vida perante Deus. Mais tarde, depois de se tornar governador de todo o Egito, pôde dizer aos seus irmãos com respeito à traição deles: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem" (Gn 50:20).

Apesar de todos os males e sofrimentos que nos atingem na jornada da vida, é a convicção de que Deus invariável e irresistivelmente tenciona o nosso bem que nos assegura a paz e a alegria. Precisamos ter certeza dessa intenção se pretendemos ter a liberdade e a capacidade de, como José, simplesmente fazer o que sabemos ser o certo.

Honrar pai e mãe: uma necessidade vital

A maioria das nossas dúvidas acerca da bondade da vida diz respeito a questões bem específicas: os nossos pais e a nossa família, o nosso corpo, o nosso casamento e os nossos filhos (ou a falta deles), as nossas oportunidades na vida, a nossa obra e a nossa vocação (que não são a mesma coisa), e o nosso trabalho.

No âmago da nossa identidade está a nossa família, e especialmente os nossos pais. Ninguém será grato pelo que é a menos que seja grato pelos pais. Não se trata de ser grato, é claro, por todas as coisas que eles fizeram, pois podem ter feito coisas bastante terríveis. E em muitos casos devemos mesmo ter piedade deles antes de poder lhes ser gratos.

No entanto, o quinto dos Dez Mandamentos diz: "Honra a teu pai e a tua mãe", acrescentando: "para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR teu Deus te dá" (Êx 20:12). E Paulo observa que esse é "o primeiro mandamento com promessa" (Ef 6:2).

A promessa está fundada nas realidades da alma humana. Indispensável a uma existência longa e saudável é que sejamos gratos a Deus pelo que somos, e não podemos ser gratos pelo que somos sem ser gratos pelos nossos pais, mediante quem recebemos a vida. Eles fazem parte da nossa identidade, e rejeitá-los, zangar-se com eles, é rejeitar a si mesmo, é zangar-se consigo mesmo. E quem se rejeita a si mesmo caminha para a doença, a dissolução e a morte, espiritual e física. É impossível rejeitar a si mesmo e amar a Deus.

Enquanto a ferida da auto-rejeição permanece aberta na alma humana, a pessoa, e, portanto, a sociedade, fica sujeita a toda sorte de males terríveis. É daí que vêm os Hitlers. E para cada Hitler que sobe ao poder, há milhões que se consomem e morrem em esquecidos confins da terra. As palavras finais do Antigo Testamento abordam esse profundo problema. Falando de um "Elias" que havia de vir, elas afirmam que "ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha e fira a terra com maldição" (Ml 4:6). Essa "conversão de corações" é a profunda necessidade humana que o movimento dos Guardadores

da Promessa (*Promise Keepers*) e outros indivíduos e grupos vêm tentando atender na nossa época.

Assim, no ensinar os discípulos a "ouvir e fazer" as palavras do mestre, ponto fundamental muitas vezes será ajudá-los a honrar os seus pais. Não é algo que possa ser contornado. Nalguns casos talvez seja fácil, noutros -quando os discípulos já honram os pais - nem será necessário. Mas esses casos serão poucos, especialmente na sociedade contemporânea.

O ensino em questão tem estágios nitidamente distinguíveis. Primeiro, os discípulos precisam ser sinceros a respeito de quem e o que são realmente seus pais, e a respeito de como verdadeiramente se sentem em relação a eles. Depois, precisam confessar as atitudes e os atos errados que cometeram contra os seus pais, pedindo perdão. Por fim, precisam aceitar seus pais como eles são, tendo misericórdia deles e perdoados-lhes as faltas.

Tudo isso requer aconselhamento cuidadoso, muita oração e talvez ocasionalmente intensa presença do professor. Às vezes será necessário o auxílio de conselheiros especialmente formados. Nalguns casos o processo levará longo tempo, e o filho precisa tomar cuidado para não recair em velhos hábitos prejudiciais de relação com os pais: tentar, por exemplo, fazer o pai ou a mãe compreender, ou tentar dar a "última palavra", ou provar que ele é quem tinha razão. Essas questões devem simplesmente ser entregues a Deus, para que ele delas disponha segundo a sua vontade.

Ensino, instrução e orientação semelhantes devem ser dadas com respeito aos outros aspectos da vida dos discípulos: corpo, amor e sexualidade, casamento e filhos, sucesso no trabalho e na carreira. O objetivo em cada um desses casos é possibilitar ao discípulo ser grato pelo que é e pelo que tem. E praticamente a mesma seqüência se fará necessária: da sinceridade à aceitação, daí à compaixão e ao perdão e, finalmente, à gratidão a Deus e ao respeito pela vida em todos os aspectos mencionados. E ao final desse treinamento, estas palavras de Paulo farão sentido perfeitamente: "Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo" (Ef 5:20). E também estas: "Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação... Tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4:11, 13).

Isso é ser incluído na divina vida eterna que cura todas as feridas e que nos permite parar de demandar satisfação. O que mais importa, de natureza pessoal, depois que fica claro que *você está incluído? Você foi eleito. Deus o elegeu.* Essa é a mensagem do reino.

Paulo diz o seguinte aos coríntios, que brigavam entre si para saber quem era mais justo ou melhor nesse ou naquele particular: "Tudo é vosso: seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as cousas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo de Deus" (ICo 3:21-23).

Jesus, logicamente, ensinou a mesma coisa sobre a plenitude pessoal de cada um dos seus (Mc 10:30). E nos escritos do profeta Isaías há uma passagem muito tocante a esse respeito. Naquele tempo, os não israelitas estavam sempre "espiando de fora com olho gordo", como costumamos dizer. Igualmente os eunucos, que jamais poderiam formar a sua família. Mas Deus lhes diz: "Darei na minha casa e dentro dos meus muros um memorial e um nome melhor do que filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará" (Is 56:2-5).

É digno de nota que quando Jó finalmente se colocou diante de Deus, ele estava totalmente satisfeito e tranqüilo, embora nem uma sequer das suas perguntas sobre os seus sofrimentos tivesse sido respondida. As suas perguntas eram boas. Ele não pecou ao fazê-las. Mas aos olhos de Deus eram simplesmente irrelevantes. Simplesmente caducaram e deixaram de despertar interesse.

Sejamos agora absolutamente claros. Você não pode simplesmente se apartar da sua vida para ponderar o que teria acontecido se *você* houvesse tido uma vida diferente. Não existe um "você" separado da sua vida real. Você não existe separadamente da sua vida, e é nessa vida que você precisa encontrar a bondade de Deus. Senão você não acreditará que ele o tratou bem, e jamais estará verdadeiramente em paz com ele.

Você precisa encontrar a bondade de Deus e a companhia de Jesus naquilo mesmo que você é, senão o seu amor pelo Pai e pelo seu Filho unigênito não serão o fundamento de uma vida de abundância/obediência. Eles desejam habitar em você, na sua vida, e glorificar cada aspecto dela à luz de tudo aquilo que Deus planejou (Jo 14).

Hoje muitos dirão que isso simplesmente não faz justiça aos fatos amargos da vida. Que dizer, por exemplo, das vítimas de violência sexual ou de doenças terríveis, de defeitos

congenitos, da guerra e de outras coisas horríveis? Mas se sofremos terrivelmente, precisamos resolver não deixar que esses sofrimentos sejam o ponto central da nossa vida. Precisamos, se pudermos, concentrar a nossa atenção em Deus, no mundo de Deus e no fato de estarmos incluídos nesse mundo, com um glorioso destino pela frente. E se não pudermos, devemos então procurar aqueles que possam nos ajudar a encontrar no reino a força para fazê-lo. A gratidão nesse caso se concentra na redenção vindoura, e no futuro que nos é dado no porvir de Deus, aconteça o que acontecer. Em vista disso, voltamo-nos para acolher, de bom grado até, a nossa vida como ela realmente tem sido e é.

ADQUIRINDO O HÁBITO DA BONDADÉ

Sacudindo o jugo do "pecado em nosso corpo"

Já falamos da necessidade de levar o discípulo a contemplar a amabilidade do próprio Deus, na face do seu Filho encarnado e no compromisso e cuidado pessoal que ele tem para com a vida de cada um de nós. É um processo que precisa caminhar lado a lado com o *segundo objetivo principal do currículo* para a imitação de Cristo. Esse objetivo, como já vimos, é romper o poder do vício do malfazer e da maldade que regem a nossa vida em função da nossa longa familiarização com um mundo alheio a Deus. Precisamos aprender a reconhecer o que são na realidade esses vícios, para escapar ao seu domínio.¹⁴

Francoamente, muita gente acredita que isso simplesmente não pode ser feito. Em Rm 7:14-25, Paulo fala de pessoas divididas entre a sua consciência e a sua incapacidade de fazer o que sabem ser o certo. Ele identifica o "pecado que habita em mim" (v. 17) como o poder que, no meu corpo e nos meus membros, me leva a fazer o mal indiferentemente aos meus desejos e intenções conscientes (vv. 20-24). O mal cria vida própria quando habita o meu corpo no seu ambiente social. Não é despropositado comparar a ação do mal ao modo como o vírus da aids vive e se multiplica nas células do organismo. O que Paulo descreve é uma realidade. Mas muita gente considera equivocadamente que essa passagem é uma revelação pessoal de Paulo a respeito da sua vida cotidiana.

Contudo, depois de conhecer a Cristo e nele crescer, Paulo passou a levar uma vida totalmente diversa, como deixam claro os seus escritos e o restante do Novo Testamento. Prova-nos isso também todo o pressuposto da própria passagem (Rm 6-8) em que se baseia tal interpretação.

Paulo prescreve que "não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus como ressurrectos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus como instrumentos de justiça" (6:12-13).

O problema hoje é que não sabemos ao certo o que isso significa, muito menos temos pessoas contemporâneas que nos sirvam de exemplo. O cristianismo de consumo é hoje a norma. O cristão-consumidor é aquele que utiliza a graça de Deus para obter perdão e os serviços da igreja em ocasiões especiais, sem no entanto entregar ao reino dos céus a sua vida e os seus pensamentos, intenções e sentimentos mais íntimos. Esses cristãos não se transformaram por dentro nem estão comprometidos com o cristianismo.

Em virtude disso, não permanecem apenas "imperfeitos", pois todos nós permanecemos imperfeitos, mas continuam incessante e intensamente relutantes e incapazes de fazer o bem que sabem fazer, como Paulo tão habilmente resume.

Permanecem *dominados* pelo pecado, ou "escravo[s]" e "servos" (Jo 8:34; Rm 6:16) do pecado. Suas vidas são dominadas, por exemplo, pelo medo, pela ganância, pela impaciência, pelo egoísmo, pelos desejos carnis, etc, eles vivem buscando formas de saciar essas inclinações. É essa condição que o currículo para a imitação de Cristo deve visar a abolir, de uma maneira bastante inteligente e profissional.

O que é o "pecado nos nossos membros"

Para começar bem, é preciso ter bastante claro que o que domina a pessoa no curso de uma "existência humana normal" não é uma força *cósmica* invencível, esmagadora. Não é, como

teólogos antigos costumavam dizer, uma necessidade metafísica que nos subjuga, mas uma forma pessoal ou "moral" de coerção.¹⁵ E se pensamos enfrentar uma irresistível força ou mal cósmico, isso invariavelmente nos leva a ceder e desistir — muitas vezes com mínima resistência. Se você conseguir se convencer de que é impotente para lutar, poderá então parar de se debater e simplesmente "deixar acontecer". Isso lhe parecerá um grande alívio — por algum tempo. Você poderá novamente ser uma pessoa normal. Mas depois terá de lidar com as conseqüências. E para as pessoas normais, as conseqüências são bastante graves.

Ora, na verdade as condutas nocivas que regem a vida humana fora do reino são geralmente bastante fracas, ridículas até. Não passam dos *nossos hábitos*, das *nossas reações em termos* de pensamentos, sentimentos e atos, reações essas em larga medida mecânicas. Geralmente agimos equivocadamente quando não ponderamos bem. E é isso que dá aos maus hábitos a sua força. Na sua maioria, como Paulo bem o sabia, são características inatas do nosso corpo e do nosso meio social, elementos essenciais de qualquer ego humano. Em geral, não se dão ao trabalho de freqüentar a mente consciente ou a vontade deliberada, e muitas vezes agem precisamente na direção contrária à delas. Raramente o que fazemos de errado é resultado de cuidadosa reflexão.

Antes, os *nossos hábitos* conseguem manter a vontade deliberativa e a mente consciente desarticuladas e na defensiva. Isso nos faz constantemente lidar com aquilo que *já fizemos*. E normalmente o "hábito nocivo" que nos domina nesse caso é defender o que fizemos cometendo outro erro: negando, enganando e racionalizando — ou mesmo matando alguém, como fez o rei Davi.

Portanto, é primordialmente no corpo e no seu meio social que é preciso realizar o trabalho de substituir hábitos errados por reações automáticas oriundas do reino de Jesus e sustentadas pelo seu poder. Sem dúvida há primeiro que vir a profunda conversão interior do arrependimento e da fé. Mas a substituição de hábitos é assim mesmo absolutamente essencial para qualquer um que pretenda "ouvir e fazer" e assim construir a sua casa sobre a rocha. Sem isso, dificilmente terá sucesso o esforço imediato de fazer o certo no momento de agir.

Uma questão do que está "em" nós

Essa idéia de que os hábitos corporais são a forma primordial de existência do mal humano na vida prática é absolutamente essencial para a compreensão do currículo exigido; portanto, convém enfatizá-la.¹⁶ Jamais conseguiremos debelar esse mal enquanto continuarmos a considerá-lo, como é corrente hoje, algo exterior ao ego (Satanás, o "mundo") ou algo que não sejam precisamente as rotinas triviais que aceitamos como nossos hábitos.

Tiago escreve sobre aqueles que, em vez de permanecer firmes debaixo da provação, lançam sobre Deus a culpa das suas tentações. É claro que assim acabam abrindo caminho para o "deixar acontecer". Mas Tiago salienta que ser tentado a fazer o que é errado não tem a ver com Deus, mas depende do estado interior de cada um, da cobiça (*epithumias*) de cada um. Sem essa, nem mesmo Deus pode tentar ninguém. Mas quando o homem a acolhe e abriga, a cobiça, "depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte" (1:12-15).

As reações irrefletidas que temos diante das situações são simplesmente uma expressão daquilo que o corpo "sabe" fazer. É claro que na maior parte das situações isso é bom. É para isso que serve o corpo. O ser humano adulto praticamente nada faz que não dependa do "conhecimento" inconsciente do corpo. Falar, cozinhar e dirigir pelas ruas do bairro são coisas que fazemos praticamente sem pensar. Infelizmente, isso vale também para aquilo de errado que o corpo "sabe fazer".

Um dos dizeres mais instrutivos de Jesus ocorre quando ele deixa o último encontro com os seus alunos mais próximos, antes da crucificação. Ele explica que estará a partir de então envolvido numa batalha espiritual que não lhe deixará mais tempo para conversar com eles. Agora o "príncipe do mundo" terá permissão para pô-lo à prova com toda a crueldade, tentando-o de todas as formas para que se mostre infiel ao Pai.

No embate que se travou no Jardim de Getsêmani, a mente e os sentimentos de Jesus foram martelados de todas as formas possíveis, no intuito de que ele duvidasse do Pai. Ele quase morreu ali mesmo em função disso. Mas Jesus ainda acrescentou aos seus amigos: "Ele [o

"príncipe do mundo"] nada tem *em mim*" (Jo 14:30). Foi, afinal, o que *não* estava em Jesus que o fez invencível, que o manteve a salvo.

Essa *é* a situação real: nada tem poder para me tentar ou me estimular a um ato errado, a não ser que antes eu mesmo lhe *dê* poder pelo que permito haja em mim. E as coisas espiritualmente mais perigosas em mim são os mínimos hábitos mentais, emocionais e práticos que considero "normais", pois "todo mundo é assim" e isso é "humano".

A nossa instrução e a nossa experiência nos farão compreender que não morreremos só por não atender os nossos desejos habituais, só por não fazer o que as pessoas "normais" fazem. Não morreremos por causa disso, embora no início os nossos hábitos contrariados "nos digam" que certamente isso será o nosso fim. O sol vai nascer e a vida vai continuar: melhor do que jamais sonhamos.

A interpretação correta da "morte para o ego", de que nos falam a Bíblia e a tradição, é simplesmente a aceitação desse fato. É a "cruz" aplicada à vida cotidiana. E isso é parte importante do que os discípulos precisam aprender para romper o jugo dos "estímulos do pecado nos seus membros", estímulos que os motivam.

Hábitos caracterizados pela ira, pelo desprezo e pelo ato de "olhar com luxúria" ilustram vividamente a básica trivialidade do impulso aos maus atos. O "olhar" não passa de um hábito. Nada há de profundo ou vital nele. A pessoa olhar com luxúria ou com cobiça por conta de certas sugestões. Qualquer um que se dê ao trabalho de refletir sobre os seus hábitos será capaz de identificar que sugestões são essas.

Isso vale também para a ira, o desprezo e **outros**. Não é como a lei da gravidade. Cair de um tablado depois de um passo em falso não é um hábito. Mas a luxúria e a ira, quando estimuladas, transformam-se em hábitos. E, geralmente, aqueles que afirmam "não conseguir evitar" se enquadram em uma destas duas situações: ou pouco sabem da vida ou ainda não resolveram viver sem "aquilo". A última alternativa *é* a mais provável.

Porém, a nova realmente boa aqui *é* que o poder do hábito pode ser vencido. Hábitos podem ser mudados. E Deus nos ajuda a mudá-los — embora não o faça para nós -, pois ele tem genuíno interesse naquilo que viremos a ser. Se você resolveu, por exemplo, não deixar que a ira ou a luxúria o domine, pode habituar-se (e certamente poderá fazê-lo com o auxílio de gente experiente no ensino de discípulos) a dar outro destino às próprias "sugestões" que até então serviam para instigar condutas iradas ou lascivas: de fato, você poderá usá-las para estimular pensamentos, sentimentos e atos que excluam tais condutas. Multidões já comprovaram isso na prática.

É exatamente essa a estratégia global empregada no programa de Doze Passos mencionado acima; e, logicamente, os Alcoólicos Anônimos não a descobriram nem inventaram. Trata-se, por assim dizer, de uma "lei" da personalidade humana. Mas mesmo o programa dos A.A. será incapaz de ajudar alguém que não decidiu parar de beber e continuar vivo. Como sempre, a intenção indica o caminho, e por isso os pensamentos e os desejos habituais precisam ser transformados para sustentar a intenção nos momentos de agir.

Ninguém fará esse treinamento no nosso lugar

Surge aqui uma verdade fundamental do nosso currículo para a imitação de Cristo. Ninguém fará no nosso lugar o treinamento exigido para transformar os nossos mais básicos hábitos mentais, emocionais e práticos. Mas, paradoxalmente, isso é algo que não podemos fazer sozinhos. A vida em todas as suas formas precisa se estender àquilo que está além dela para alcançar a realização, e a vida espiritual não é exceção.

Dizem as conhecidas palavras de Jesus: "Sem mim nada podeis fazer" (Jo 15:5). Mas tal verdade precisa ser contrabalançada com esta outra: em geral, se nada fizermos certamente será sem ele que nada faremos.

Obviamente, os resultados do treinamento em qualquer campo não podem ser meramente transferidos de outra pessoa para nós, e raramente, se tanto, serão *injetados* em nós pela graça divina. Outra pessoa não pode ler espanhol para mim, tampouco eu conseguiria fortalecer os meus músculos se outro erguesse pesos em meu lugar. E o nosso caráter moral mais profundo também não é algo que possa ser desenvolvido por qualquer coisa que se faça para nós ou por

nós. Os outros podem nos ajudar de determinados modos, mas nós precisamos agir. Precisamos agir com inteligência e constância ao longo de certo período de tempo.

Porém não podemos, sozinhos, "nos despojar do velho homem para nos revestir do novo homem". A transição e a transformação são resultado de vários fatores que agem conjuntamente com a nossa atividade interior e exterior. Isso fica claro na magnífica passagem de Filipenses 2, na qual Paulo explica o "sentimento" ou caráter mais profundo de Jesus, e nos convoca a ter o mesmo "sentimento".

O sentimento ou atitude em questão é o do servo amoroso que trabalha pelo bem dos outros. Essa é a vida do reino. Jesus entregou-se à condição de escravo voluntário, a ponto mesmo de morrer pelos outros. Ao fazê-lo, ele alcançou a mais elevada unificação possível entre a vida de Deus e a vida do homem. Ele é o Mestre, o Senhor, e isso será reconhecido em todo o universo, e por todos, no tempo devido (Fp 2:11).

Diz ainda Paulo que recebemos a vida do reino pela palavra do evangelho e pela pessoa de Jesus. Essa vida temos como dádiva. Mas, tendo-a recebido, cabe a nós agir, pois, como já observamos acima, a pessoa que viremos a ser não será jamais resultado daquilo que outra pessoa faça.

Portanto, Paulo nos estimula a agir: "desenvolvi a vossa salvação" (2:12). A palavra traduzida como "desenvolvi", *katergazesthe*, tem o sentido de elaborar ou aperfeiçoar alguma coisa, levando-a à plenitude do que ela deve vir a ser por natureza. Mas não o fazemos como se a nova vida fosse simplesmente o *nosso* projeto. Pois não é. Deus também age no nosso ser, efetuando em nós "tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (v. 13). Logo, fazemos o que fazemos — e o que não será feito *para* nós — "com temor e tremor", pois sabemos quem mais está envolvido.

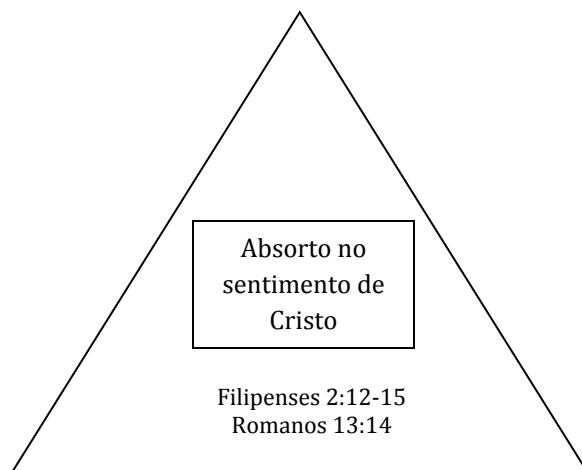
A TRÍPLICE DINÂMICA

O "triângulo de ouro" do crescimento espiritual

Proponho no que chamo de "triângulo de ouro do crescimento espiritual" um retrato dos fatores envolvidos na transformação que o nosso eu concretamente encarnado empreende de dentro (o "sentimento") para fora (o comportamento). O diagrama pretende sugerir a correlação que há, na vida prática, entre os fatores que certamente podem levar à transformação do eu interior na imagem de Cristo. A intervenção do Espírito Santo fica no ápex do triângulo para indicar a sua primazia em todo o processo. As provações da vida cotidiana e das atividades que planejamos especialmente para a transformação ficam na base para indicar que a transformação se dá efetivamente na nossa vida real, naquele lugar que partilhamos com Deus e com o próximo. E na esfera da vida real, o papel daquilo que nos é imposto (as "provações") caminha lado a lado com as decisões que tomamos acerca do que faremos a respeito de *nós mesmos*.

A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Jó 3:5 • Rm 8:10-13 • Gl 5:22-26



Eventos comuns da vida:
"tentações"
Tiago 1:2-4
Romanos 5:1-5

Disciplina planejada para
alcançar um novo coração
Colossenses 3:12-17
2 Pedro 1:5-10

A função do Espírito Santo é, primeiro, agir dentro da nossa alma, e especialmente da nossa mente, a fim de nos apresentar a pessoa de Jesus e a realidade do seu reino. Isso se dá pela palavra do evangelho, em contraposição às realidades da vida sem Deus. A nossa fé em Jesus como Senhor é sempre uma reação provocada e sustentada pelos movimentos espirituais de Deus. Assim, declara Paulo: "Ninguém pode dizer: Senhor Jesus! senão pelo Espírito Santo" (1Co 12:3).

Depois que recebemos a nova vida, o Espírito continua a agir em e dentro de nós a fim de possibilitar que façamos as obras que Jesus fez (por meio dos "dons" do Espírito), e que cultivemos o caráter interior que se manifesta no "fruto" ou resultado do Espírito na vida exterior amor, alegria, paz, longanimidade e características semelhantes de Cristo (Gl 5:22-23).

Nunca é demais enfatizar a importância da obra do Espírito Santo. Mas hoje a prática nos círculos cristãos é, em geral, enfatizar quase exclusivamente o ápex desse triângulo, a obra do Espírito de Deus pela pessoa ou na pessoa. Essa ênfase assume formas diversas, dependendo da história e do ponto de vista da pessoa ou do grupo.

É muito comum se recomendar a participação na igreja porque essa prática poderá mudar a nossa vida, pois Deus estará lá e seremos simplesmente *arrebatados*. E certamente há uma importante verdade aí. As manifestações públicas de Deus, os "reavivamentos", por assim dizer, fizeram grande diferença em muitas vidas, inclusive na minha. Também às vezes se enfatizam os dons do Espírito, o fruto do Espírito, o batismo ou infusão do Espírito, ou a unção pelo Espírito — todos muito importantes.

Mas a dependência daquilo que o Espírito faz *para* nós ou *em* nós, por mais indispensável que seja, como de fato é, não pode por si só transformar o âmago do caráter. É preciso que a ação do Espírito sobrevenha a nossa reação, que, como já vimos, não pode ser realizada por outra pessoa senão nós mesmos. Essa participação ativa da nossa parte tem dois aspectos, representados pelos ângulos da base do triângulo.

O papel indispensável dos eventos comuns: "testes"

Primeiro precisamos aceitar as circunstâncias que constantemente enfrentamos como parte do reino e das bênçãos de Deus. Deus abençoa cada um na situação em que efetivamente se encontra. Mas se, por falta de fé, formos descartando situação após situação, momento após momento, considerando que não é a situação ou o momento "certo", simplesmente não teremos oportunidade de receber o reino de Deus em nossa vida. Pois essas situações e momentos *são* a nossa vida.

A nossa vida se nos apresenta como uma série de tarefas. Os desafios mais sérios que enfrentamos são as *provações*, *tribulações* até. Na linguagem bíblica, tudo isso são "tentações". Basta ver como as pessoas se comportam! Para alguns de nós, a primeira tribulação do dia é levantar da cama. E depois há os cuidados pessoais. E o trajeto até o trabalho. Depois o trabalho em si e as outras pessoas. Mas o conhecimento do reino nos coloca em posição de acolher bem tudo isso, pois, como já vimos, nos colocamos assim em posição de prosperar em tudo o que a vida possa nos propor - inclusive levantar cedo de manhã! Tudo o que vier *só* confirmará a bondade e a grandeza do Deus que tão bem nos recebeu no seu mundo.

Por isso Tiago, o irmão de Jesus, inicia a sua carta aos crentes com palavras que verdadeiramente anunciam o evangelho do reino:

Meus irmãos, tende por motivo de toda a alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a

perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes. (1:2-4)

Que declaração mais desconcertante! Imediatamente nos damos conta de que, para enfrentar assim os desafios do dia-a-dia, precisamos estar profundamente envolvidos com as outras duas arestas do triângulo: precisamos ter conosco a constante ação do Espírito Santo, e precisamos incorporar importantes "disciplinas espirituais" ao nosso plano de vida. De fato, os três pontos do triângulo são absolutamente essenciais — um para o outro e também para a meta global do crescimento espiritual. Ninguém trabalhará sozinho.

No início do capítulo 5 de Romanos, Paulo diz algo semelhante ao que lemos em Tiago. Ele começa com a esperança que é nossa em virtude da graça, da fé e da paz que nos chega por dádiva de Deus. Depois ele afirma exatamente o mesmo que Tiago: "Também nos gloriemos [*kauometha*: 'exultemos', ou até orgulhemo-nos'] nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado" (Rm 5:1-5).

Portanto, é absolutamente essencial ao nosso crescimento na direção do "sentimento" de Jesus que aceitemos as "provações" da existência comum como eventos que devemos sofrer para encontrar o reinado de Deus-conosco como realidade efetiva. Não devemos tentar evitar as provações. Tampouco devemos classificá-las como "catástrofes", declarando o "fim do mundo" quando tais coisas acontecerem. Devemos encarar cada acontecimento como oportunidade de confirmação da competência e da fidelidade de Deus a nós. É assim que conhecemos a concreta realidade do reino dos céus.

Mas poucos discípulos serão capazes de reagir imediatamente assim às suas "provações" triviais, assim como não serão capazes imediatamente de fazer "todas as coisas". Terão de adotar determinadas práticas que os deixarão em condição de reagir da maneira apropriada. As práticas em questão são as disciplinas localizadas no ângulo inferior direito do triângulo de ouro do crescimento espiritual.

Não recebemos instruções precisas sobre como cultivar os hábitos do reino

Não só o resultado do nosso progresso no reino não está sob nosso controle, mas tampouco recebemos instruções sistemáticas sobre como fazer a nossa parte no processo. Bom, pelo menos não recebemos instruções em termos precisos — e certamente não em fórmulas. Isso porque o processo será uma caminhada com uma pessoa. Mas também porque o que será necessário é uma questão sumamente individual, uma resposta às necessidades específicas de cada discípulo. É simplesmente impossível dar instruções perfeitamente genéricas. E é por isso que não as encontramos na Bíblia. Os livros "sapienciais", especialmente Salmos e Provérbios, são os que chegam mais perto.

O pressuposto do caminho de Jesus é que, depois de decidirmos "ouvir e fazer", faremos *tudo o que* for necessário para levar a cabo a decisão. Os detalhes precisos desse processo se acham no grupo fiel, na história da redenção, no senso correto da humanidade: é aí que o discípulo dedicado terá de encontrá-los e assimilá-los. E é exatamente isso que vemos quando estudamos a história do povo de Jesus.

A carta de Paulo aos colossenses é talvez a melhor exposição global sobre a formação espiritual do discípulo no Novo Testamento. Isso porque, creio eu, foi escrita para pessoas que Paulo não conhecia e a quem nunca tivera a oportunidade de pregar. Por isso o apóstolo faz uma apresentação esmerada exatamente daquilo que expomos neste capítulo.

Os capítulos 1 e 2 correspondem com bastante aproximação ao primeiro objetivo primordial do currículo para a imitação de Cristo, conforme o apresentamos acima. Os capítulos 3 e 4 correspondem precisamente ao segundo objetivo primordial.

Depois de resumir as implicações práticas dos dois primeiros capítulos em Cl 3:1-4, Paulo passa imediatamente ao segundo objetivo primordial no versículo 5: "Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena". Dado o modo como os seus leitores, e nós também, foram formados na "natureza terrena", esses aspectos são precisamente "prostituição, impureza, paixão lasciva,

desejo maligno, e a avareza, que é idolatria". Nem é preciso examinar muito a fundo para ver que essa lista abarca os mesmos aspectos de Mateus 5.

"Despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar. Não mintais uns aos outros", continua Paulo (Cl 3:8-9). Depois ele passa dos atos e atitudes ao nível mais profundo do *caráter*. "[Vós] vos despistes do velho homem com os seus feitos, e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou" (vv. 9-10).

Envolvidos como estamos nesse processo, devemos fazer o que Paulo nos aconselha: "Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade. Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós" (vv. 12-13). Repare que tudo isso é apresentado enfaticamente como *aquilo que devemos fazer*.

E, no entanto, todos sabem

Porém, Paulo não diz aos *colossenses como fazer isso*. Noutras cartas dele, contudo, lemos coisas como: "Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (1Co 11:1). Ou: "O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco" (Fp 4:9). O que precisamos entender é que essas palavras indicam não uma singularidade marginal e pessoal, mas uma prática essencial comum. Todos a compreendiam.

E, logicamente, é acima de tudo Jesus quem nos *mostra* como viver no reino. A verdadeira sucessão apostólica é uma questão de estar com ele, de aprender a ser como ele, junto com todos os fiéis que se foram antes de nós. Jesus é o objeto definitivo de imitação, como indicam as palavras de Paulo aos coríntios, citadas acima. Depois vêm aqueles que imitaram a Jesus imediatamente depois dele. E assim sucessivamente ao longo dos séculos. A história do povo de Deus é um tesouro inexaurível que deve a sua substância à pessoa de Jesus — ele que viveu então, vive agora e sempre viverá, nele *mesmo e* nos outros.

Não ouvimos simplesmente o que Jesus nos *ordenou* fazer, para tentar então fazê-lo. Antes, igualmente observamos o que *ele fez*, e também isso fazemos. Observamos, por exemplo, que ele passava longos períodos em solitude e silêncio, e mergulhamos com ele na solitude e no silêncio. Observamos que ele foi um esforçado estudante da Bíblia, e o seguimos, ele que é a Palavra Viva, até as profundezas da palavra escrita. Observamos que ele costumava adorar e orar, que servia as pessoas à sua volta, etc. Temos Bíblias com letras vermelhas para indicar o que ele disse. Não nos seria útil também uma Bíblia com letras verdes para indicar o que ele *fez*? Verde como "sinal verde" para imitar os seus atos?

Sendo homem versado nas Escrituras, Jesus entendia que o nosso objetivo, se pretendemos mesmo viver como Deus sempre quis que vivêssemos, é cuidar da alma, ou melhor, cuidar de todo o nosso ser. Essa é a sabedoria de toda a tradição bíblica. "Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida" (4:23). "Tu, SENHOR, conservarás em perfeita paz", diz Isaías, "aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti" (26:3). A pessoa abençoada é aquele que "na [...] lei medita de dia e de noite" (Sl 1:2; Js 1:8).

Paulo aconselha o seguinte ao seu jovem pupilo no ministério, Timóteo: "Torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza", acrescentando que ele deveria cultivar o dom que lhe fora concedido na ordenação. Paulo ainda exorta: "Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres". Pois desse modo Timóteo salvará "tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes" (ITm 4:12-16).

Se queremos mesmo "nos despojar do velho homem para nos revestir do novo homem", ou ter o "sentimento" ou caráter interior de nosso Senhor, então precisamos seguir, na vida como um todo, um parâmetro adequadamente inspirado em Jesus. Seu povo deve pôr isso em prática (como o tem feito), ensinando o mesmo modo de vida aos outros que entrarem para as suas fileiras. Esse projeto de vida deve incorporar *todo o* necessário para que tenhamos o caráter e façamos as obras indicados nos ensinamentos de Jesus e dos seus seguidores imediatos. Simplificando, poderíamos dizer somente: "o caráter e as obras indicados em Colossenses 3". O

nosso projeto de uma vida de aperfeiçoamento na vida do reino de Deus deve se estruturar em torno de disciplinas de vida espiritual.

PLANO DE DISCIPLINAS PARA ALCANÇAR UM NOVO CORAÇÃO

O que são disciplinas espirituais

Mas o que são exatamente essas "disciplinas espirituais"? O que transforma uma prática numa disciplina espiritual? Bom, antes de mais nada, é preciso que seja uma *disciplina*. Disciplina é qualquer atividade, dentro da nossa esfera de competência, a que nos aplicamos com o intuito de fazer o que não conseguimos por esforço direto.¹⁷

"Praticar" pode ser uma disciplina, como estudar canto, treinar arremessos no basquete e tacadas no golfe, pronunciar palavras e expressões francesas ao modo francês. Prática é disciplina, mas nem toda disciplina é prática, pois em muitas disciplinas não nos aplicamos à atividade mesma na qual esperamos vir a ser bons.

Na nossa sociedade, por exemplo, que avança a um ritmo tão frenético, simplesmente dormir e descansar podem ser disciplinas no sentido que acabamos de definir. Essas duas disciplinas nos permitirão, como dissemos acima, fazer o que não conseguimos por esforço direto: manter uma boa saúde emocional e física, e quem sabe exibir um espírito mais amoroso e sensível para com a família e os colegas de trabalho. Mas geralmente quando descansamos não estamos praticando o descanso - embora, no mundo de hoje, isso também pode às vezes se fazer necessário, pois algumas pessoas na realidade não conseguem descansar apenas "descansando".

Mas as disciplinas espirituais são também *espirituais*. Ou seja, são disciplinas que têm por objetivo nos ajudar a ser ativos e eficazes na esfera espiritual do nosso coração, hoje espiritualmente vivo pela graça, em relação a Deus e seu reino. Elas têm por objetivo nos ajudar a abandonar a dependência total do meramente humano ou natural (e, precisamente nesse sentido, mortificar a "carne", destruí-la, deixar que morra) e passar a depender também da realidade última, que é Deus e seu reino.

Assim, por exemplo, abstenho-me do alimento para saber que há outro alimento que me sustém. Memorizo trechos da Bíblia e medito as suas palavras, para que a ordem do reino de Deus se torne a ordem e o poder do meu entendimento e da minha vida.

O papel central do corpo

Não sem certa ironia, talvez, podemos dizer que *todas* as disciplinas "espirituais" são, ou envolvem essencialmente, atos corpóreos. Mas na verdade isso faz perfeitamente sentido. Pois o corpo é o primeiro campo energético além dos nossos pensamentos sobre o qual temos domínio, e tudo o mais que influenciarmos se deve ao nosso poder sobre ele. Além disso, é o principal repositório dos hábitos errôneos que precisamos abandonar, e também o lugar onde os novos hábitos devem se instituir. Dentro de certos limites, somos capazes de fazê-lo executar coisas que transformarão os nossos hábitos - especialmente os hábitos mentais e emocionais —, possibilitando assim que façamos coisas hoje fora da nossa capacidade.

As obras do reino brotam naturalmente de um certo modo de vida. Cultivamos essa vida na sua integridade orientando o corpo para atividades que fortalecem os lados interior e exterior do nosso ser - fortalecendo-os para Deus e por intermédio de Deus.

Nessa segunda parte do currículo para a imitação de Cristo, então, a principal tarefa é abalar e vencer hábitos mentais, emocionais e práticos que regem a nossa vida como se nós — ou outra pessoa que não Deus — fôssemos Deus, e como se o seu reino nos fosse irrelevante ou inacessível. E isso se faz utilizando o corpo de modos diferentes. Uma vez feito isso - ou, mais precisamente, lado a lado com isso -, passamos ao lado positivo. Praticamos disciplinas adequadas ao desenvolvimento de *novos* hábitos, hábitos do reino. A meta final dessa parte do currículo é fazer do nosso corpo um aliado confiável e um recurso para a vida espiritual.

Dos primeiros estágios do discipulado, nos quais "o espírito [...] está pronto, mas a carne é fraca", avançamos a estágios em que a carne - pense na "carne" como aquilo que sentimos, pensamos e fazemos mais ou menos automaticamente — forma ao lado do espírito e apoia as

suas mais profundas intenções. Isso é absolutamente essencial no treinamento que nos levará a fazer com sinceridade as coisas que Jesus sabia serem as melhores.

Tomando como exemplo o próprio Jesus

Passo seguinte na compreensão do que são as disciplinas espirituais para o discípulo de Jesus é entendê-las simplesmente como uma forma de imitar Jesus, de imitar as suas práticas - adequadamente adaptadas para a nossa condição. Abrimos caminho para uma vida em que se anula o poder dos obstáculos internos à obediência/abundância. Como? Observando o que fizeram Jesus e outros que o seguiram, e aprendendo a estruturar a vida em torno dessas mesmas atividades- Assim, embora ninguém nos diga em fórmulas acabadas o que devemos fazer para construir a nossa vida sobre a rocha, todo aquele que sabe alguma coisa sobre a vida de Jesus sabe na verdade o que fazer para alcançar esse fim — ou se ainda não sabe, pode facilmente descobrir. Não é nenhum segredo.

Portanto, para nos despojar do velho homem e nos revestir do novo homem, basta basicamente imitar Jesus nas atividades a que ele se dedicava a fim de nutrir a sua vida em relação ao Pai. É claro que nossa vocação e a nossa missão não têm comparação com as de Jesus, e ele jamais teve as nossas fraquezas, resultantes da nossa longa persistência no pecado. A dedicação de Cristo à solitude, ao silêncio, ao estudo das Escrituras, à oração e ao serviço aos outros tinha um aspecto disciplinar na sua vida. E podemos ter absoluta certeza de que aquilo que ele achou útil para nortear a sua vida no Pai também nos será útil. Um momento importante para mim foi quando afinal compreendi que, se *ele* precisou de quarenta dias no deserto em certa altura da vida, não me faria mal ficar três ou quatro dias por lá.

Encontramos incontáveis exemplos disso ao longo desses séculos em que seu povo viveu na terra. Todos aqueles que fizeram grande progresso espiritual se aplicaram a uma lista razoavelmente estável de disciplinas para a vida espiritual. Houve abusos e compreensões equivocadas, sem dúvida, mas é impossível questionar *como disciplinas* o poder da solitude, do silêncio, do estudo meditativo, da oração, da doação sacrificial, do serviço, etc. Trata-se de um campo do conhecimento, e continuamos ignorantes dele, para grande prejuízo nosso.

Todavia, as disciplinas não confirmam o seu valor para aqueles que só fazem falar ou ouvir falar delas, ou para os que só as estudam "academicamente". É preciso mergulhar nelas, tendo Jesus como mestre, para descobrir o incrível poder que têm de mudar o mundo e o caráter de uma pessoa. Elas se autoconfirmam quando nelas mergulhamos com fé e humildade. E você nem precisa de muita fé e humildade se simplesmente persistir nelas. Elas farão o resto, pois têm a capacidade de nos predispor para o reino.

Isso é um desenvolvimento da ênfase de Jesus na ação como forma de conhecer o reino. Seremos capazes de fazer o que ele ordenou se nos transformarmos por dentro, imitando a sua vida de dedicação à solitude, ao serviço, ao estudo, etc. Essa prática é essencial para que tacamos aquilo a que Paulo nos exortou: "Que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo" (Rm 12:1). O resultado será a marca da pessoa disciplinada, capaz de fazer o necessário no momento preciso e do modo preciso.

Fazendo as mesmas coisas de forma diferente

Às vezes praticar disciplinas espirituais não é tanto uma questão de fazer algo que não fazíamos antes, mas de fazer as mesmas coisas de modo diferente.

Eu mesmo me iniciei na prática das disciplinas espirituais sem saber que era isso que eu estava fazendo. Ainda hoje me lembro vividamente da primeira vez em que passei a melhor parte de um dia apenas lendo e relendo o Evangelho de João. Foi no meu segundo ano de faculdade. Não recorro exatamente por que fiz aquilo, mas sei que não foi tarefa do curso. Acho que foi num final de semana prolongado, em que o campus estava bem deserto. Esse, vê-se, é um ponto-chave.

Comecei lendo o Evangelho enquanto as máquinas lavavam as minhas roupas. Mas a lavagem não levou mais que uma ou duas horas, e nesse meio tempo me vi absorto e fascinado pelo mundo radiante do relato de João. Até então eu jamais havia vivenciado algo parecido.

Nada fiz durante o resto do dia senão viver ali naquele mundo: lendo, meditando, comparando e relendo. Realmente o meu mundo nunca pareceu o mesmo depois daquele dia. Descobri em Jesus e nas pessoas e eventos que o cercavam uma realidade que não conhecia antes. Não fui exatamente "transformado", acho. Talvez usemos essa palavra com excessiva facilidade e freqüência. Certos "pecados persistentes" ainda não estavam eliminados. Mas havia algo novo em ação dentro de mim. E eu havia aprendido algo sobre como efetivamente mudamos - e como não mudamos.

Em especial, aprendi que *intensidade* é crucial para qualquer progresso na percepção e na compreensão espiritual. Ler ocasionalmente alguns versículos ou capítulos da Bíblia ao longo da semana, na igreja ou fora dela, não vai reestruturar a mente e o espírito da pessoa - assim como uma gota de água a cada cinco minutos não faz um banho, por mais que você fique ali debaixo. Uma boa ducha se faz com grande quantidade de água durante um tempo suficientemente longo. O mesmo se dá com a Palavra escrita.

Mais ou menos um ano depois, aprendi uma lição correlata no tocante à oração. Na tradição em que fui criado, ler a Bíblia e orar eram as duas principais coisas religiosas que alguém podia fazer, além de freqüentar os cultos da igreja. Mas ninguém me ensinou que isso deveria ser feito de uma maneira específica para realmente fazer diferença na vida de qualquer pessoa.

Eu não entendia, em particular, a intensidade com que essas coisas precisavam ser feitas, tampouco que a intensidade correta implicava fazê-las durante longos períodos de absoluta concentração a cada vez. Além do mais, a vida da pessoa como um todo tinha de estar estruturada de maneira tal que possibilitasse isso. O indivíduo não deveria estar agitado, apressado ou cansado na hora da oração e do estudo. Por isso, não se pode empreender uma prática eficaz e transformadora de oração e estudo levando a "vidinha de sempre". É preciso abandonar essa "vidinha de sempre". Pois será substituída por algo bem melhor.

Sem que eu o planejasse ou pretendesse, a minha vida de estudante me tornou possível passar longos períodos sozinho, num estado adequado de alma e corpo. No terceiro andar de um prédio vizinho, havia salas onde crianças pequenas tinham aulas da escola dominical. Essas salas estavam cheias de pequenas cadeiras e mesas para crianças, que por razões óbvias os adultos não podiam usar. Mas de segunda a sábado eu podia ficar naquelas salas por horas e horas, totalmente só. Não precisava de cadeiras. O chão bastava para o que eu queria fazer. E ali aprendi o que a oração extensiva e intensiva pode fazer pela alma de uma pessoa, bem como pelos objetos da oração.

Algumas disciplinas específicas do currículo

Tendo em mente esses esclarecimentos a respeito da natureza geral das disciplinas espirituais, cabe perguntar quais as práticas mais úteis no desenvolvimento dos discípulos. Não se trata aqui de definir uma lista completa de práticas espirituais, e na verdade nem existe mesmo tal coisa.¹⁸ Isso torna ainda mais indispensável compreender o conceito geral explicado acima. Incontestemente e essencial, para os nossos objetivos, é que algumas delas são absolutamente fundamentais para o crescimento espiritual. Essas devem necessariamente fazer parte das fundações do nosso duradouro projeto de aperfeiçoamento como aprendizes de Jesus.

São elas: solitude e silêncio, do lado da abstinência, e estudo e adoração, do lado da prática positiva.

DUAS DISCIPLINAS DE ABSTINÊNCIA: SOLITUDE E SILÊNCIO. Por solitude queremos dizer afastar-se do contato humano, ficar só, e assim permanecer por longos períodos. Afastar-se do contato humano não é algo que se possa fazer por curto período, pois esse contato perdura por longo tempo após ter, em certo sentido, terminado.

O silêncio é componente natural da solitude, e seu necessário complemento. A maior parte do ruído é contato humano. Silêncio significa escapar aos sons e ruídos que extrapolam os suaves sons da natureza. Mas também significa não falar, e os efeitos que o não falar exercem sobre a alma são diferentes dos do simples silêncio. Esses dois aspectos do silêncio são fundamentais para o rompimento dos antigos hábitos e para a formação do caráter de Cristo em nós.

E por que, especificamente, essas disciplinas de abstinência são tão essenciais ao currículo para a imitação de Cristo? Lembre-se de que o segundo objetivo primordial do currículo é abalar o poder da tendência automática de fazer o contrário do que Jesus ensina: por exemplo, entregar-se ao desprezo, à ira, à manipulação verbal, ao revide, à tácita conivência com os maus atos dos outros que nos cercam, etc.

Essa tendência existe principalmente naquilo que podemos chamar de nível "epidérmico" do ego, o primeiro ponto de contato com o mundo que nos cerca. São reações quase totalmente "automáticas" diante dos estímulos habituais. A própria linguagem que usamos está repleta delas, e obviamente funcionam como "botões" pelos quais o meio humano praticamente nos controla. Não são "profundas"; simplesmente estão *ai*, e são constantes. Formam a esfera em que vivemos a maior parte da nossa vida. E na prática têm o poder de arrastar todo o nosso ser para o poço mais profundo de males e erros.

Ora, é a solidude e o silêncio que nos permitem escapar à tendência das reações epidérmicas, e das suas conseqüências. Abrem caminho para que anulemos essas reações, substituindo-as, com o auxílio de Deus, por reações imediatas diferentes e adequadas ao ambiente do reino - e, de fato, ao tipo de vida que todo mundo, nos seus momentos mais sãos, reconhece ser bom. Interrompem a confusa azáfama da vida e criam um espaço interior que possibilita que as pessoas tomem consciência do que estão fazendo e do que estão *prestes* a fazer.

Ouvimos os clamores das ruas eivadas de antagonismos: "Dê uma chance à paz!" e "Será que não podemos simplesmente conviver em harmonia?" Mas é impossível dar uma chance à paz se *só* a ela é que você pretende dar uma chance. Antes, é preciso fazer as coisas que tornam a paz possível e real. Quando você ouve as pessoas falando de paz, na maioria dos casos logo percebe que não estão dispostas a tratar das condições da sociedade e da alma que tornam inevitável os antagonismos. Querem conservar essas condições e ainda ter paz, mas isso só é paz nos termos delas, o que é impossível.

E não podemos todos *simplesmente* conviver em harmonia. Antes, precisamos nos tornar pessoas que possam conviver em harmonia. Parte importante nesse processo é transformar as nossas reações de modo tal que o atrito e a briga não comecem quase imediatamente quando somos "cutucados com vara curta". A solidude e o silêncio nos dão a oportunidade de iniciar as mudanças necessárias. Mas não só isso.

Também nos dão a oportunidade de remodelar as nossas atitudes mais íntimas diante de pessoas e acontecimentos. Tiram do nosso ombro o peso do mundo, por algum tempo, e interrompem o nosso hábito de continuamente gerenciar as coisas, de estar no controle, ou de pensar que estamos. Uma das maiores realizações espirituais é a capacidade de não fazer nada. Por isso o filósofo cristão Pascal observa com muita perspicácia: "Descobri que toda a infelicidade dos homens nasce de um fato simples: são incapazes de ficar em silêncio no seu quarto".¹⁹

Essa idéia de não fazer nada se revela absolutamente aterrorizante para a maioria das pessoas com quem já conversei sobre isso. Mas pelo menos a pessoa capaz de não fazer nada pode ser capaz de abster-se de fazer a coisa errada. E então talvez seja mais capaz de fazer a coisa certa.

E não fazer nada tem muitas outras vantagens. Pode ser uma grande bênção para as pessoas que estão à nossa volta, que muitas vezes raramente têm chance enquanto estamos em ação. E talvez o terno Pai que está nos céus se aproximasse mais, se ficássemos quietos para descansar um pouco. Em geral, ele prefere não competir pela nossa atenção, e enquanto estamos "no comando", ele tende a manter certa distância.

Toda pessoa deveria ter ao longo da vida períodos regulares dedicados a não fazer nada. E os períodos de solidude e silêncio são oportunidades excelentes de aprender a não fazer nada. A lei que Deus nos deu em nosso benefício, e também em benefício dele, determina que um sétimo do nosso tempo deve ser dedicado a não fazer nada - não trabalhar, nem nós nem ninguém da família, tampouco os empregados e nem mesmo os animais. Incluso aí está, é claro, o trabalho religioso. Deve ser o sábado, o sabá.

E o que se faz em solidude e em silêncio? Bom, quanto a "coisas que precisam ser feitas", simplesmente nada. Enquanto você estiver fazendo "coisas que precisam ser feitas", ainda não eliminou o contato humano. Portanto, não mergulhe na solidude e no silêncio com uma lista na

mão. Mas podemos desfrutar das coisas em solitude e em silêncio? Sim, podemos, mas não tente fazê-lo. Fique quieto, simplesmente.

Convém até esquecer as idéias que se têm quanto ao que a solitude e o silêncio devem realizar em prol do crescimento espiritual. Você descobrirá coisas incrivelmente boas. Uma delas é que você tem uma alma. Outra, que os outros não são tão ruins quanto você tantas vezes pensa. Mas não *tente* descobrir essas coisas, senão não vai conseguir. Só ficará ocupado e achará mais ocupações.

A cura para o excesso de afazeres é solitude e silêncio, pois ali você descobre que é seguramente mais do que aquilo que faz. E a cura da solidão é solitude e silêncio, pois ali você descobre inúmeros motivos para jamais se considerar só.

Para mergulhar na solitude e no silêncio, você precisa estar relativamente à vontade. Não dê uma de herói nisso e, de resto, em nenhuma prática espiritual. Você vai precisar descansar. Durma até acordar verdadeiramente renovado. E você vai precisar ficar ali tempo suficiente para que o seu eu interior se torne diferente. A água barrenta fica clara se você a deixa descansando um pouco.

O sinal inequívoco de que você está descobrindo a alma e o próprio Deus é este: perceber um senso crescente de quem você é, ao lado de um abrandamento da sensação de que você *tem* de fazer isso, aquilo e as outras coisas que perfazem o seu quinhão na vida. Essa sensação incômoda e persistente de "ter" de fazer algo se deve principalmente ao vácuo que se produz na sua alma, onde você deveria se sentir à vontade com o Pai no seu reino. À medida que o vácuo for sendo preenchido, você cada vez mais terá a certeza de que não tem de fazer essas coisas - nem mesmo aquelas que você quer fazer.

A libertação dos próprios desejos é uma das maiores dádivas da solitude e do silêncio. Quando tudo isso começar a acontecer, você saberá que está chegando aonde deve viver. Os antigos laços que o prendiam à iniquidade começarão a se desfazer assim que você passar a vê-los como realmente são. E nascerá no seu coração a possibilidade de realmente amar as pessoas.

Logo você talvez venha a saber como é de fato viver pela graça, em vez de apenas falar sobre isso.

Esses são alguns dos frutos da solitude e do silêncio. O aprendiz terá de aprender a *fazer* isso, é claro. A maioria de nós precisará fixar novas regras práticas e ternas de convivência com aqueles que nos cercam. E devemos encorajar e ajudar os familiares e colegas de trabalho a praticar eles mesmos as disciplinas espirituais.

Obviamente os resultados dessas disciplinas favorecerão bastante o nosso primeiro objetivo primordial, amar a Deus de todo o coração. Pois as distrações comuns da vida freqüentemente desviam a nossa atenção de Deus, e o hábito de pensar em tudo o mais é quase impossível de abandonar no afã da vida. Por isso "dar um tempo" é útil. As pessoas muitas vezes reclamam que não conseguem orar porque os seus pensamentos divagam. Mas os pensamentos simplesmente fazem o que costumam fazer. O que é preciso romper é o grilhão do habitual. A solitude e o silêncio seguramente podem fazê-lo.

DUAS DISCIPLINAS DE PRÁTICA POSITIVA: ESTUDO E ADORAÇÃO

Já analisamos que a nossa liberdade mais imediata é poder decidir o objeto da nossa atenção. Enquanto a solitude e o silêncio não tiverem ainda dado frutos, é bem provável que a mente continue concentrada nas coisas erradas - ou mesmo em coisas boas, mas com uma atitude ansiosa, de tentar dominá-las. Mas se nós, mergulhando na solitude, escaparmos e mudarmos os estímulos que continuamente controlam os *nossos* pensamentos e sentimentos, então teremos mais liberdade para concentrar plenamente a atenção no reino, na sua paz e força.

Isso, por sua vez, irá transformar o nosso estado emocional, e por conseguinte o próprio estado do nosso corpo. A maioria das pessoas que nos cercam perceberá isso, e passarão elas mesmas a agir de modo diferente. O meio social mudará para melhor, e aquilo a que teremos de reagir estará muito mais no *espírito* do reino. Já observei isso em muitas ocasiões.

Uma vez que a solitude tenha feito o seu trabalho, a chave do progresso é o estudo. E estudando que concentramos plenamente a nossa atenção em Deus e no seu reino. E o estudo alcança a sua natural plenitude na adoração de Deus.

Quando estudo qualquer coisa, insiro a sua ordem e natureza nos meus pensamentos, e mesmo nos meus atos e sentimentos. Em certa fase eu não sabia o alfabeto, por exemplo. Mas então o estudei. Com o auxílio do professor, coloquei-o diante da minha mente e relacionei o meu corpo com ele de modos bem conhecidos de todos. Logo a ordem que se acha no alfabeto estava na minha mente e no meu corpo. A partir daí, essa ordem me possibilitou reproduzir, reconhecer e usar o alfabeto e seus componentes. A ordem que assimilei pelo estudo me deu a capacidade de fazer muitas coisas boas que eu não podia fazer até então. Pelo estudo, tomei posse dessa ordem.

O que aprendemos sobre o estudo com esse exemplo simples vale para todos os campos, do mais teórico ao mais prático. Vale também para o estudo do que é mau. Assim assimilamos a ordem e os poderes do mal — e eles se apoderam de nós. Mas, felizmente, a maior parte das coisas que normalmente estudamos é boa. Um aluno de canto ou do ofício de encanador, por exemplo, assimila mentalmente determinadas ordens—e o faz ponderando deliberada e convenientemente a matéria e as técnicas relevantes. É assim que o estudo funciona. E, claro, ele sempre possibilita que as pessoas "façam o que não conseguem por esforço direto".

Ora, os discípulos de Jesus são aqueles que querem assimilar em si a ordem do Reino no Meio de Nós. Desejam viver a vida nele, como o próprio Jesus o faria, e isso exige a assimilação dessa ordem. O estudo é o principal meio de fazer isso. Eles votam a sua atenção, a sua ponderada investigação, a sua experimentação prática, à ordem do reino que se vê em Jesus, na palavra escrita da Bíblia, nos outros que trilham o caminho e, sem dúvida, em toda boa coisa da natureza, da história e da cultura.

Daí o conselho prático de Paulo aos seus amigos de Filipos: "Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, *seja isso o que ocupe o vosso pensamento*. O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco" (Fp 4:8-9). Pois tudo isso é de Deus e do seu reino.

É claro que em todo o nosso estudo, como discípulos e com os discípulos, a pessoa de Jesus é o centro da atenção. Mas na verdade para nós ele não é isolável da palavra escrita reveladora, incluindo aqui a lei, os profetas, a história e a sabedoria do Antigo Testamento. Aquele que pretende ensinar os discípulos a "ouvir e fazer" irá orientá-los a estudar todas essas coisas, concentrando-se porém na pessoa de Jesus.

O Salmo 23, por exemplo, é um resumo sublime da vida no reino. O discípulo deve trazê-lo gravado com destaque na mente, para sempre nutrir a alegria e a paz do reino, bem como para orientar todos os seus atos nesse reino. Os Dez Mandamentos, a Oração do Senhor, o Sermão do Monte, Romanos 8, Colossenses 3, Filipenses 2-4 e algumas outras passagens da Bíblia devem ser freqüentemente ponderadas com profundidade, e boa parte delas, memorizada. Eis aqui uma pane essencial de qualquer currículo para a imitação de *Cristo*. O estudo positivo dessas passagens é condição indispensável para que você assimile a ordem do reino na sua personalidade.

Conheço muita gente que professa verdadeira fidelidade a Jesus, e o confessa por seu Salvador; mas são pessoas que, infelizmente, não assimilam na alma e no corpo essas passagens bíblicas, nem as utilizam como indicamos. A conseqüência, obrigo-me a dizer com tristeza, é continuarem a reciclar as suas faltas, fazendo pouco ou nenhum progresso real rumo à abundância/obediência que vimos analisando neste capítulo. Algumas delas tentam até lançar mão de outras disciplinas espirituais, mas com pouco sucesso. Falta um componente essencial, e a *ordem* da sua mente e da sua vida permanece diferente da do reino.

O estudo não é, de forma nenhuma, uma questão simplesmente de reunir informações para tê-las disponíveis. A assimilação intensiva da ordem do reino pelo estudo da palavra escrita e pelo aprendizado da Palavra Viva estabelece boas reações epidérmicas nas esferas do pensamento, do sentimento e do ato. É essas reações, por sua vez, nos integram no fluxo do reinado eterno de Deus. Realmente passamos a pensar de outro modo, a crer em outras coisas, e isso muda tudo o mais.

É importante não adorar sem estudo, pois a adoração ignorante é *de* valor limitado e pode ser muito perigosa. Corremos o risco de desenvolver "zelo por Deus, porém não com entendimento" (Rm 10:1-2), causando grandes males a nós mesmos e aos outros. É preciso aliar a adoração ao estudo para completar a renovação da nossa mente pela imersão voluntária na

pessoa radiante e digna de todo o louvor, Jesus. Estudo sem adoração é também perigoso, e o povo de Jesus sofre constantemente os seus efeitos nocivos, especialmente nos meios acadêmicos. Lidar com as coisas de Deus sem adorar é sempre falseá-las.

Na adoração atribuímos grandeza, bondade e glória a Deus. É típico da adoração inserir nela todo aspecto possível do nosso ser, todas as nossas faculdades sensórias, conceituais, ativas e criativas.

Embelezamos, elaboramos e louvamos. Poesia e canção, cor e textura, *alimento e incenso*, dança e procissão - tudo isso se usa para exaltar a Deus. E às vezes a adoração está na silenciosa concentração do pensamento, na elétrica paixão do encontro, na total submissão da vontade. Na adoração nos esforçamos por exprimir adequadamente a grandeza de Deus. Mas só por um instante, se tanto, logramos alcançar algo semelhante à adequação. Não podemos fazer justiça a Deus, nem ao seu Filho, ao seu reino, à sua bondade para conosco.

A adoração, no entanto, grava em todo o nosso ser a realidade que estudamos. O resultado é uma ruptura radical dos poderes do mal em nós e em torno de nós. Muitas vezes produz-se uma transformação duradoura e substancial. E a renovação da adoração conserva o brilho e o poder do nosso verdadeiro torrão natal como um agente ativo em todos os aspectos do nosso ser. Na atmosfera da adoração, "ouvir e fazer" é a coisa mais cristalina, mais óbvia e natural que se possa imaginar.

Abordamos então, mesmo que brevemente, quatro disciplinas espirituais — solitude e silêncio, adoração e estudo — em torno das quais se deve estruturar o currículo para a imitação de Cristo. Já deve estar claro agora que essas disciplinas nutrem e são nutridas fortemente pelo primeiro objetivo primordial desse currículo; levar o discípulo de Jesus a amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e de toda a força. Outras disciplinas, como o jejum, o servir aos outros, a fraternidade, etc, podem também ser discutidas, e, de fato, devem ser discutidas numa análise exaustiva do currículo para a imitação de Cristo. Mas, se essas quatro forem praticadas com inteligência e oração, tudo o mais certamente virá na esteira.

O importante a gravar neste ponto é que, para construir a casa sobre a rocha, para despojar o velho homem e se revestir do novo homem, é preciso ter um plano definido. Esse plano deve incorporar todos os fatores consignados no "triângulo de ouro", e deve ser cumprido na esperança de que a nossa vida *como um rodo* será bem diferente, em conteúdo e organização, da vida daqueles que não vivem no reino. O plano também contemplará elementos fundamentais — não só um traço aqui, uma gota ali - das quatro disciplinas apresentadas acima, além de outras convenientes. Essas não devem ser tidas como atos de retidão, pois não são. Mas são sábios conselhos sobre como viver com Jesus no seu reino. *Cada* um de nós precisa enfrentar esta questão: qual é o *meu* plano para lazer isso?

MEDIDAS PRÁTICAS PARA ALCANÇAR OS DOIS OBJETIVOS CURRICULARES

Um exemplo prático do treinamento a ser feito

Além de pôr em prática tudo o que for necessário para alcançar os dois objetivos primordiais do currículo - deixar que a mente se inebrie de Deus e romper o poder do mal no corpo - os discípulos precisarão, pelo menos em alguns casos, de orientação e auxílio individualizados na abordagem dos ensinamentos de Jesus. Suponha, por exemplo, que você esteja tendo dificuldades para abandonar a ira, ou para deixar de desprezar os outros.

A chave nesses casos é concentrar-se no coração para transformá-lo. A meta é "tornar a árvore boa". Não pretendemos *apenas* controlar a conduta, mas mudar o castelo interior da alma, para que Deus seja adorado "em espírito e em verdade", para que a conduta correta deixe de ser uma *representação*.

Pretendemos nos libertar da dominação da ira, para poder verdadeiramente amar e respeitar os outros. E queremos auxiliar os outros nessa transição. Isso significa, logicamente, que o ensinamento não pode ser enquadrado em regras: por exemplo, "Jamais chame ninguém de tolo", "Sempre ceda", "Nunca processe ninguém" e assim por diante. Pois, mesmo acatando essas regras, você pode permanecer cheio de ira; por outro lado, alguém que esteja pleno de amor pode até deixar de acatá-las em certas oportunidades.

É fundamental compreender que esse ponto se aplica a todos os ensinamentos de Jesus.

Quem esquece isso, cai no pior tipo de legalismo estéril. Quem tentar obedecer dessa forma aos ensinamentos de Jesus seguramente arruinará a sua vida. Todos nós já sentimos na pele muita mesquinhez bem-intencionada por parte de pessoas que se achavam "responsáveis" e que queriam que nós fôssemos responsáveis; aliás, de tanto sentir na pele essa mesquinhez, pode até ser que passemos a ver Jesus, o mais bem-intencionado, como o mesquinho dos mesquinhos nas suas "leis". E então a raiz da verdadeira imitação de Cristo terá sido destruída.

A ira e o desprezo pelos outros só são eliminados pela visão e pela vivência de que Deus está acima de tudo. Pois isso me garante que tudo está bem comigo, e que os outros são tesouros de Deus. Já não preciso mais me entregar à violência do xingamento, pois não necessito "rebaixar os outros" para que eu mesmo me "eleve". Não preciso mais me assegurar na vida, pois estou seguro.

Além disso, seguramente o comportamento dos outros se transformará diante do *choque* de ser tratados com amor, justiça e misericórdia. "Sendo o caminho dos homens agradável ao SENHOR, este reconcilia com eles os seus inimigos" (Pv 16:7).

Para ensinar o "mandamento" que há aqui, explicamos (repetidamente) tudo isso no contexto do evangelho do reino, dissipamos quaisquer dificuldades de compreensão e auxiliamos cada discípulo nos seus problemas específicos, ajudando-os a vivenciar e crer na justa bondade que há na ordem de Jesus. Passamos aos discípulos tarefas relativas às tendências à ira e ao desprezo. Pedimos que façam um diário, relatando como foram as coisas - durante um dia ou uma semana, por exemplo -, e dependendo dos resultados reforçamos os ensinamentos e damos sugestões práticas. Sem dúvida nenhuma algumas dessas orientações implicarão o uso correto de determinadas disciplinas espirituais.

Outro "mandamento" é não "pressionar" os outros a aceitar os nossos desejos e pontos de vista pelo expediente do "juramento": a invocação verbal de diversas coisas de valor (do céu à alma) em apoio às nossas crenças e planos. Esse mandamento diz respeito ao "jogo de cena" e à "ênfase" que presenciamos no dia-a-dia.

Aqui o ensinamento subjacente é que devemos respeitar os outros perante Deus e permitir que façam os seus juízos com base nas simples afirmações nossas de que as coisas são assim ou assado. Não devemos tentar "empurrá-las", controlá-las, manipulá-las. (Mt 7:1-7 é um ensinamento complementar que trata não da *ênfase*, mas dos nossos "brilhantes" juízos sobre quem e o que está certo ou errado, e por quê.)

Para ensinar esse "mandamento", cabe-nos ajudar as pessoas a compreender o que significa de fato "jurar", mostrando-lhes a falta de amor inerente a esse ato e o quanto ele prejudica os outros. Devemos também ensiná-los a entregar os outros nas mãos de Deus pela oração e pelo nosso próprio exemplo.

Além disso, devemos orientá-los nas medidas práticas indicadas acima. Tratemos de auxiliá-los nas suas reais dificuldades, nos casos em que a manipulação verbal se oferece como tentadora alternativa, ajudando-os a vivenciar e crer na justa bondade da ordem de Jesus. Por fim, é importante também norteá-los para que descubram medidas práticas que os transformem em pessoas naturalmente inclinadas a acatar esse mandamento de Jesus.

O modelo, ou forma geral, do ensino

Ao agir assim, estabelecemos um modelo de ensino, que pode então ser adaptado às condições específicas de "todo escriba versado no reino dos céus" (Mt 13:52). É exatamente assim que conseguiremos ensinar os outros a "guardar todas as cousas que vos tenho ordenado". O *modelo* pode ser aplicado a todos os casos: por exemplo, o espírito de não retaliação ("a outra face"), o hábito de responder o ultraje com a bênção (o "método" de Jesus em IPe 2:23), o ato de caminhar a segunda milha, a conduta de viver livre da lascívia deliberada, etc.

O modelo tem dois elementos principais:

1. Situar claramente o contexto perante o governo atual do Pai celeste por intermédio de Jesus.
2. Orientar os discípulos em casos reais das suas vidas, para proporcionar-lhes uma compreensão e uma segurança baseadas na experiência.

Esse modelo também pode ser aplicado a mandamentos de nível intermediário, como: "Não se turbe o vosso coração" (Jo 14:1), "Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (14:15) e "Permaneçei em mim" (15:4). Mas nesses casos, como são mandamentos menos específicos e não podem ser acatados por esforço direto, as instruções sobre "como fazer" terão a ver com disposições mais gerais na nossa vida. E essas disposições mais gerais são quase totalmente uma questão da prática de disciplinas convenientes para a vida espiritual.

As disciplinas são práticas que mudam o eu interior e o seu relacionamento com o "consolador" (paracleto), para que possamos de fato fazer o que pretendemos e evitar o que não queremos. Elas, logicamente, não têm sentido se isoladas do sincero intento de obedecer ao ensinamento de Cristo e de seguir o seu exemplo.

VISÃO PANORÂMICA DA MARCHA DAQUI PARA A ETERNIDADE

Cinco dimensões ou estágios da vida eterna

É de esperar que o discípulo, ou aluno, de Jesus entre num ciclo de mudança e crescimento, no qual marchamos de um estágio ou dimensão da nossa vida em Deus para outro. Dentro de alguns anos, partindo do nível de mero servo cegamente obediente, ou "escravo", é aparentemente possível ascender ao patamar de amigo de Jesus.

No "discurso de formatura" (Jo 14:16) aos seus primeiros aprendizes, Jesus mais uma vez proclama o seu mandamento mais abrangente: "Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei" (Jo 15:12). Depois de esclarecer que esse amor implica "dar [...] a própria vida em favor dos [...] amigos", o que o próprio Jesus faria, ele faz a seguinte observação: "Vós sois *meus* amigos, se fazeis o que eu vos mando".

Essa é uma mudança de status bem nítida e importante, uma promoção, por assim dizer, baseada no progresso dos aprendizes. "Já não vos chamo servos [*doulos*]" continua ele, "porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer" (15:15).

É claro que isso não significa que não mais serviremos a Jesus. Ele continua nosso Mestre, e um dos termos favoritos dos autores do Novo Testamento para se referir a si mesmos é "servo de Jesus Cristo". Mas o "servo" agora está numa condição diferente, na condição de cooperação no amor e de *compartilhamento* de uma missão. Nessa condição, as metas de Jesus são as nossas metas, e a nossa compreensão e harmonia com o seu reino são essenciais àquilo que ele faz conosco e por nosso intermédio.

Convém que estejamos cientes de, *grosso modo*, cinco dimensões da nossa vida eterna no Reino no Meio de Nós. Essas dimensões se distribuem mais ou menos na seguinte seqüência:

1. *Confiança e fé em Jesus*, o "Filho do homem", aquele que foi ungido para nos salvar. As passagens bíblicas relevantes para essa dimensão são Jo 3:15; Rm 10:9-10; e ICo 12:3. Essa confiança é uma realidade, e é ela mesma uma verdadeira manifestação da vida "das alturas", não das capacidades humanas normais. É, como diz Hb 11:1, "a convicção de faros que se não vêem". Qualquer um que verdadeiramente possui essa confiança tem absoluta certeza de estar "lá dentro".

2. Mas essa confiança na pessoa de Jesus naturalmente leva ao *desejo de ser seu aprendiz* na vida do reino de Deus. Só mesmo um processo histórico contínuo eivado de confusões e falsas motivações poderia nos trazer a esta situação corrente, na qual se considera que a fé em Jesus implica naturalmente ser discípulo dele. A condição de aprendiz de Jesus significa viver no seu mundo, ou seja, colocar em prática os seus ensinamentos (Jo 8:31). E isso gradualmente integra toda a nossa existência no glorioso mundo da vida eterna. Tornamo-nos "verdadeiramente [...] livres" (Jo 8:36).

3. A abundância de vida que se alcança quando se é discípulo de Jesus, "permanecendo na sua palavra", naturalmente conduz à *obediência*. O ensinamento que recebemos e a experiência de vivê-lo nos leva a amar a Jesus e ao Pai com a plenitude do nosso ser: o coração, a alma, o entendimento e a força (corporal). E assim aprendemos a amar essa obediência a ele, mesmo quando não compreendemos ou até mesmo quando não

"gostamos" do que ele exige. "Se me amais", disse Jesus, "guardareis os meus mandamentos" (Jo 14:15). E: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele" (v. 21). O amor de Jesus nos sustenta ao longo da prática da disciplina e do treinamento que possibilita a obediência. Sem esse amor, não persistimos no aprendizado.

4.A obediência, com a vida de disciplina que exige, conduz à *completa transformação interior do coração e da alma*. E, num processo circular, essa mesma transformação sustenta a obediência. A condição permanente do discípulo passa então a ser a de "amor, alegria, paz, longanimidade [paciência], benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio" (Gl 5:22-23; comparar com 2Pe 1:2-11). E é amor autêntico até o nosso âmago mais profundo. Essas virtudes são chamadas de "fruto do Espírito", pois não são conseqüências diretas do nosso esforço, mas nos são inculcadas à medida que passamos a admirar e imitar a Jesus, fazendo todo o necessário para aprender a obedecer a ele.

5.Por fim, vem o *poder para fazer as obras do reino*. Uma das declarações mais chocantes de Jesus, também encontrada no "discurso de formatura", foi esta: "Aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará" (Jo 14:12). É normal que nos sintamos assombrados e incapazes diante dessa afirmação. Mas tenhamos em mente que o mundo em que vivemos precisa desesperadamente que essas obras sejam feitas. Não seria somente por exibicionismo ou para impressionar a nós mesmos e os outros. Mas, francamente, mesmo uma "obra" modesta já é mais do que a vida da maioria das pessoas pode sustentar. Se uma só das nossas orações vier a ser atendida, com efeitos publicamente visíveis, isso já poderia bastar para atolar alguns de nós em semanas de pretensa superioridade espiritual. Grande poder exige grande caráter para que seja uma bênção, não uma maldição, e esse caráter é algo que precisamos adquirir gradualmente.

Porém, é intenção de Deus que no seu reino tenhamos todo o poder que pudermos colocar a serviço do bem. Na verdade, o seu objetivo final no desenvolvimento do caráter humano é nos dar o poder de fazer o que queremos. E, quando estivermos plenamente desenvolvidos à imagem de Jesus, quando tivermos plenamente em nós o "sentimento" de Cristo, é justamente isso que irá acontecer - para grande alegria e alívio do próprio Deus, sem dúvida.

Avaliando essa seqüência, uma das coisas mais importantes de perceber e aceitar é que, uma vez estando viva em nós a confiança em Jesus, precisamos nos mostrar inteligentemente ativos nos estágios ou dimensões 2 a 5. Isso se faz por meio do estudo incansável sob orientação de Jesus, praticando especialmente o que ele fazia. Importa ainda adaptar essas práticas para formar uma estrutura eficaz de disciplinas espirituais, em torno das quais toda a nossa vida se estruture. É exatamente assim que *nós* "pelo Espírito" mortificamos "os feitos do corpo" (Rm 8:13) e nos despojamos do "velho homem" para nos revestir do "novo homem" (Cl 3:9-10, etc). Embora não possamos fazê-lo sozinhos, de qualquer modo o fazemos. Cada um de nós precisa se perguntar *como* está procurando fazê-lo. Qual é exatamente o nosso plano? E, como professores de discípulos, precisamos levar todos os que ensinamos a desenvolver o seu próprio plano.

O CURRÍCULO E A VIDA DA IGREJA

Esse currículo para a imitação de Cristo não é novo

Do ponto de vista da prática cristã contemporânea, muita gente verá essa proposta de um currículo para a imitação de Cristo como algo novo e radical. Radical de fato é, especialmente diante desse quadro de um onipresente cristianismo de consumo. Mas de novo não tem nada.

Já observamos que a carta de Paulo aos colossenses é um modelo desse currículo que estamos apresentando aqui. Praticamente o mesmo se pode dizer dos seus outros escritos, especialmente a carta aos efésios e, em menor grau, as cartas aos filipenses e gálatas - embora essas sejam menos sistemáticas, em virtude da ligação pessoal do apóstolo com a situação do povo dessas regiões, e de preocupações específicas que ele tinha em relação a eles.

Mas, para perceber isso, você não pode ler essas cartas com a mentalidade do "cristão-consumidor", senão acabará pensando que o objetivo final é apresentar as "respostas certas" e

combater as "respostas erradas", a fim de que as pessoas estejam inequivocamente prontas para passar no teste da doutrina correta. É claro que as "respostas" são tremendamente importantes, as certas e as erradas. Fique isso bem claro. Mas só são importantes em relação à vida no reino com Jesus agora. E é sobre *isso* que Paulo escreve, como o fazem também os outros autores bíblicos.

Se o leitor tiver isso bem claro, vai encontrar espalhados por todos os textos bíblicos os dois objetivos primordiais do currículo para a imitação de Cristo. E, de fato, os escritos da Bíblia assumirão um caráter e uma importância inteiramente novos para você. Nenhum deles pretende patrocinar ou apoiar a posição do cristão-consumidor, do cristianismo de código de barras, tão onipresente no mundo ocidental contemporâneo.

Mas, para ser justo, na verdade o cristianismo de consumo surgiu bem cedo na história da igreja. Vêem-se as sementes dele já nos escritos do Novo Testamento, e a tendência vai ganhando destaque pelo desenvolvimento da tradição monástica, que distinguiu aqueles que entregavam toda a sua vida a Deus - os "religiosos", como são às vezes chamados - dos cristãos supostamente de segunda categoria, que tocavam fazendas e negócios, sustentavam famílias e participavam do governo e das questões culturais em geral.

Assim, algumas das obras que trataram mais profiundamente da questão do discipulado cristão - como *A Regra de São Bento*, *A Imitação de Cristo* e *Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio* - pressupõem uma classe especial de cristãos para a qual esses livros *não* foram escritos. Mas se você simplesmente deixar de lado esse pressuposto, fazendo os devidos ajustes no conteúdo dessas obras, verá que oferecem, em essência, exatamente o que vimos discutindo neste capítulo: um currículo, um curso de treinamento, para a vida sobre a rocha. E é por isso que, século após século, esses livros exerceram incrível influência sobre todos aqueles que os leram como discípulos de Jesus.

E se você examinar as pessoas, os acontecimentos e os livros inauguradores das grandes ramificações do protestantismo, descobrirá basicamente a mesma coisa. Falo aqui, é claro, de tradições como as dos luteranos, reformados (Calvino), puritanos, menonitas, quacres, metodistas, etc. Se o leitor examinar obras seminais como as *Instituições*, de Calvino, ou a edição-padrão em dois volumes dos *Sermões*, de John Wesley, não verá nada de novo naquilo que eu disse sobre o currículo para a imitação de Cristo, exceto talvez alguns aspectos da organização. E certamente o que eu disse é muito mais superficial, em termos tanto teológicos quanto práticos, do que essas obras-primas da vida espiritual. (Uma das maiores esperanças que tenho em relação aos leitores deste livro é que procurem ler esses verdadeiros tesouros do povo de Deus.)

Mas, se você observar o que é geralmente aceito e feito nas versões contemporâneas dessas grandes tradições protestantes, o que eu disse aqui, repito, parecerá radical e novo - talvez até uma completa maluquice. (Quem pensaria em colocar isso em prática na congregação?) Nesse caso, pelo menos tenho o consolo de estar em excelente companhia.

O livro III das *Institutas ou Tratado da Religião Cristã*, por exemplo, e uma abordagem da Vida Cristã. No capítulo VII do livro III, ele resume a Vida Cristã numa expressão: "negação de si mesmo". Não auto-estima, certamente, nem realização pessoal. A apresentação que faço aqui da obediência e da disciplina é bem moderada se comparada com o que Calvino diz naquele capítulo e nos seguintes. Mas a sua interpretação da fé em Cristo é a mesma que eu apresentei aqui. Convido o leitor a ler e conferir. O mesmo posso dizer com respeito às outras tradições mencionadas, sem exceção, embora em outros aspectos exibam as suas peculiaridades distintivas.

Um dos defeitos de uma época desprovida da noção de passado é supor que o que existe hoje é o que sempre existiu, e que nada mais é novo, errado ou ambos. Mas atualmente a única possibilidade de avanço para o povo de Jesus é imitar as práticas mais que comprovadas dos discípulos de todas as eras - as práticas que lhes permitiram "ouvir e fazer", edificando a sua vida sobre a rocha. Essas práticas não são mistérios. Simplesmente são hoje desconhecidas.

Alguns aspectos práticos da implantação — especialmente para pastores

Para implantar algo como esse currículo para a imitação de Cristo numa assembléia de crentes, é geralmente essencial *fazer* determinadas coisas, e não apenas falar muito sobre elas - pelo menos não no início.

Quem lidera um grupo de fiéis, deve primeiro se assegurar de que o currículo esboçado é de fato a essência da sua vida. Deve perguntar-se se de fato ama ao Senhor, ou se pelo menos está aprendendo a amá-lo, de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e de toda a força.

Segundo, deve sinceramente observar aqueles a quem serve e com quem convive, para ver quais dentre eles já foram "arrebataados pelo reino de Deus", estando prontos para tornar-se aprendizes de Jesus. É seu dever ajudá-los a conscientemente optar pela vida de discipulado. Também é dever do pastor dedicar certo tempo à orientação dos discípulos, procurando guiá-los pelos passos do currículo e fazendo as adaptações necessárias.

Talvez não seja possível de início estender esse projeto a toda a congregação, embora não se deva fazer segredo disso. Podemos nos dedicar a algumas *peçoas sem* badalação, e em breve essas pessoas começarão a dividir conosco o trabalho de formar outros discípulos. Você pode ter certeza de que esse trabalho se difundirá, pois, na verdade, nada na terra se compara a isso.

Por fim, devemos falar, ensinar e — se for essa a nossa função — pregar o evangelho do reino dos céus na sua plenitude. Em termos práticos, quando formos fazer as nossas comunicações, devemos nos concentrar nos Evangelhos, pregando o que o próprio Jesus ensinou do modo como ele mesmo ensinou. Com orações inteligentes e obras fundadas no amor, esse é o nosso método para fazer que as pessoas se deixem "arrebatadas pelo reino de Deus", preparando-as para entrar de corpo e alma no discipulado.

Repito que não precisamos falar muito sobre o que estamos fazendo. Com o tempo esse trabalho ficará evidente. E com certeza jamais devemos censurar os cristãos sinceros que ainda não são discípulos. Na maioria dos casos, são pessoas que jamais tiveram uma verdadeira oportunidade de se tornar aprendizes de Jesus. Mas, na sua maioria, é certo que reagirão bem à palavra do reino e ao chamado ao discipulado quando este lhes for claramente apresentado.

É claro que precisamos ter bem claro que sempre haverá dificuldades para aquele que levar a sério o discipulado e o currículo para a imitação de Cristo. Mas Deus sempre se dispõe a sair em auxílio daqueles que o servem, independentemente do que aconteça; e podemos tudo encarar como "motivo de toda a alegria" — realmente - e esperar a efetiva manifestação da graça de Deus no meio de nós.

Embora eu já esteja afastado da função de pastor há muitos anos, continuei ensinando regularmente em igrejas e encontros religiosos. É forte o apelo e poder do chamado de Jesus ao reino e ao discipulado, e as pessoas -de todo tipo e passado - em geral reagem favoravelmente se esse chamado é apresentado com objetividade, generosidade de espírito, inteligência e amor. Tenhamos confiança, pois o resultado depende apenas de Deus.

Talvez não tenhamos logo grandes multidões em torno de nós. Na verdade, pode até ser que esse número diminua por algum tempo - mas logo estaremos cercados de cristãos mais fortes na fé. Isso é o que eu chamo de "crescimento da Igreja para aqueles que o detestam". E multidões maiores certamente virão, pela simples razão de que o ser humano precisa desesperadamente do que podemos lhe dar - a palavra e a realidade do Reino no Meio de Nós.

Capítulo 10

A RESTAURAÇÃO DE TODAS AS COISAS

—Então as profecias das velhas canções de certo modo se realizaram! — disse Bilbo.

—Claro! — disse Gandalf — E por que não deveriam? Certamente você não descrevia das profecias, não é mesmo? Afinal você ajudou a realizá-las... Você não supõe mesmo, ou supõe?, que todas as suas aventuras e fugas aconteceram por pura sorte, só em benefício seu? Você é uma ótima pessoa, senhor Baggins, e eu o estimo muito; só que você é um camarada um tanto quanto pequeno diante de um mundo tão grande!

J. R. R. Tolkien, *The Hobbit*

[E eles] contemplarão a sua face, e nas suas fronteiras está o nome dele. Então já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos.

Apocalipse 22:4-5

POR QUE DEVEMOS DIVISAR UM FUTURO

Aqueles que se colocam como aprendizes de Jesus aprendem a levar uma vida imorredoura, com um futuro tão bom e amplo quanto o próprio Deus. As experiências que temos nesta vida como co-conspiradores de Deus nos enchem agora de expectativa por um futuro tão pleno de beleza e bondade que mal podemos imaginá-lo.

"Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar", diz Paulo, "então vós também sereis manifestados com ele, em glória" (Cl 3:4). E, "Vede que grande amor nos tem concedido o Pai", exclama João, "ao ponto de sermos chamados filhos de Deus; [...] e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele"

(1Jo 3:1-2). Voltando a Paulo, "[Ele] transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as cousas" (Fp 3:21).

Para viver fortes e criativos no reino dos céus, precisamos trazer firmemente na cabeça a idéia de como será o nosso futuro. Queremos viver plenamente no reino agora, e para isso o nosso futuro precisa fazer sentido para nós. Deve ser algo em relação a que possamos agora mesmo fazer planos e tomar decisões, com clareza e alegre expectativa. Dessa forma o nosso futuro pode ser incorporado agora na nossa vida, e a nossa vida pode ser agora incorporada nesse futuro.

Conheço muitos cristãos fiéis que, apesar da sua fé, se mostram extremamente decepcionados diante daquilo em que se transformou a sua vida. Às vezes é só uma questão de como eles suportam o envelhecimento, que encaram como sinal de que *não têm* mais futuro. Mas em muitos casos, devido às circunstâncias ou a decisões e ações equivocadas de outras pessoas, eles não conseguiram realizar na vida o que esperavam. Então dolorosamente se perguntam o que fizeram de errado, ou se Deus de fato tem estado ao seu lado.

Boa parte da angústia dessas boas pessoas vem da incapacidade de perceber que há toda uma vida pela frente. Tem pouca importância o fato de estarem se aproximando do final da sua vida presente, a vida "na carne". O importante é o tipo de pessoa que eles se tornaram. As circunstâncias e os outros não estão sob controle do caráter de uma pessoa, nem da vida que se estende infinitamente à nossa frente no reino de Deus.

De fato, tudo isso diz respeito a uma necessidade humana inata, inculcada na nossa natureza de seres inteligentes e ativos. O que acontecerá com o nosso universo? O que será da raça humana, e de cada um de nós? Para nós, fazer tais perguntas é tão natural quanto respirar. A vida e a consciência humanas exigem, pela sua própria natureza, a projeção de um futuro!³ E todo mundo se preocupa muito em saber qual será esse futuro.

Ouvimos com arrepio e tremor as especulações dos nossos cientistas e filósofos sobre esses temas. Quase sempre eles falam do futuro do universo físico, e muitas vezes também da raça humana. Mas não têm idéia nem esperança de um futuro para o indivíduo — aliás, nem sequer cogitam discutir o assunto.

Porém, sustentam tenazmente um futuro para o universo. Nem aqueles que dizem que o cosmos "surgiu" do nada pensam que ele irá simplesmente "sumir". E sonham em assegurar o futuro da humanidade migrando para outros planetas de outros sistemas estelares. Infindavelmente. Assim, até o indivíduo alcança um futuro vago, vicário, pois o futuro da humanidade é implicitamente tido como o "nosso" futuro. "Nós" perduraremos.

Essa concepção de futuro hoje se eleva quase à mesma posição que anteriormente era privilégio do dogma sagrado na nossa sociedade. Isso porque a mente humana *precisa* de alguma idéia de futuro. Os dólares do governo são investidos liberal e prodigamente no desenvolvimento e na propagação dessa idéia em vários níveis: das séries do primário aos cursos universitários e bolsas de pesquisa, além de programas da televisão pública. Essa idéia se baseia na concepção do mundo natural, do universo físico, como um sistema *fechado*, com um futuro determinado totalmente pelos seus próprios recursos *internos*.

O universo aberto a Deus

A tradição bíblica, que gira em torno dos ensinamentos de Jesus, contrasta frontalmente com tudo isso. Para ela, a personalidade é primordial em todos os aspectos. De fato, a tradição bíblica apresenta o universo como um sistema criado, que é sensível a (e permeado por) aquilo que não faz parte dele, mas de que ele é parte ou resultado. Portanto, o universo não é um sistema fechado em si mesmo. E é determinado no presente e no futuro por fatores pessoais - fontes de energia e direção - que não podem ser percebidos por meio dos sentidos físicos nem analisados pelas ciências físicas.

Esses fatores são Deus e seu reino no meio de nós. Eles se anunciaram definitivamente na história humana pela pessoa e pela palavra de Jesus, mas especialmente por sua transfiguração e ressurreição. Nessas ocasiões, pontos altos da história da redenção, os homens comuns *viram* o reino de Deus (Lc 9:27-28). Por isso esses momentos estão bem no âmago da tradição de *conhecimento* que proporciona a base da realidade histórica e institucional do cristianismo (2Pe 1:16-18; 1Co 15).

O evangelho do reino vê o mundo da natureza, da partícula mais minúscula ao sistema galáctico mais remoto, como algo bom e grandioso. Não há absolutamente nenhuma razão para pensar que o mundo da natureza deixará de existir ou será destruído. Num universo Trinitário - universo fundado numa sociedade de pessoas divinas —, isso é uma questão puramente do desígnio a que serve esse mundo. Enquanto servir a um desígnio nesse universo - como seguramente o faz -, continuará a existir, sejam quais forem as transformações que vierem. O universo material é ao mesmo tempo uma exibição essencial da grandeza e bondade de Deus, e o palco da vida eterna de espíritos finitos, inclusive os humanos.

O futuro humano neste universo

Este atual universo é apenas um dos elementos do reino de Deus. Mas é um elemento extremamente magnífico e importante. E dentro dele o Logos, o hoje ressurrecto Filho do

homem, faz correntemente os preparativos para que nós nos unamos a ele (Jo 14:2-4). Nós o veremos no assombroso cenário em que ele estava com o Pai antes do início do universo criado (17:24). E participaremos ativamente do futuro governo do universo.

Não ficaremos durante toda a eternidade sentados em volta olhando uns para os outros ou para Deus, mas nos uniremos ao Logos eterno na contínua e infindável obra criadora de Deus — de fato, os homens "reinarão" conjuntamente com Deus. Foi para isso que cada um de nós foi criado, como reis e sacerdotes (Êx 19:6; Ap 5:10).

Assim, a nossa fidelidade no "pouco" durante a fase atual da nossa vida estimula o caráter que pode ser incumbido do "muito". Temos, assim, permissão para entrar "no gozo do teu senhor" (Mt 25:21). Esse "gozo" é, claro, a criação e o zelo do que é bom, em todas as suas dimensões. Deus reservou desde os primórdios da existência do universo um papel criativo para cada um de nós. Seu plano é que nos desenvolvamos, como aprendizes de Jesus, a ponto de poder afinal assumir o nosso papel na contínua criatividade do universo.

George MacDonald nos brindou com versos que ajudam a conceber esse futuro:

E no tempo perfeito, ó Deus perfeito, Em
nossa casa, em terra natal já, Já o júbilo
levando o fardo santo, de cuja vida e paz
ninguém errará, Vê! se nos fizeres, como
tu, criar... Coalhar de luas, de verdura
forrar, Cobrir de ocasos de ouro a rosa e o
mar.²

Em outras palavras, a intenção de Deus é que cada um de nós se transforme de modo tal que ele possa nos fazer livres no seu universo - livres para fazer o que *nós* quisermos. Assim como nós desejamos e pretendemos isso, na medida do possível, para os nossos filhos e outros entes queridos, também Deus deseja e pretende isso para os seus filhos. Mas o caráter, a propensão interior da personalidade, precisa se desenvolver ao ponto em que isso se torne possível.

Essa idéia explica o significado das palavras do profeta Daniel, usadas por Jesus para concluir uma de suas grandes parábolas do reino: "Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai" (Ml 13:43; comparar com Dn 12:3). Inspirados nessa passagem, cantamos estes versos: "Quando lá já estivermos há dez mil anos, como o sol brilhando radiantes...". Mas convém compreender que esse brilho sempre representa poder, energia, e que no reino de nosso Pai isso estará *ativo*, inimaginavelmente criativo.

As profecias mais antigas

As belas profecias do Antigo Testamento, especialmente dos livros posteriores, cativam o coração de todos quantos as lêem. Quando as lemos, parece importar muito pouco a crença de cada um, ou mesmo qual seja a sua religião ou irreligião. São um tesouro da humanidade. Expressam algo bem mais profundo do que qualquer tradição específica, mesmo aquelas destacadas por Deus para responsabilidades especiais na aliança.

Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das cousas passadas, jamais haverá memória delas. Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém alegria, e para o seu povo regozijo. E exultarei por causa de Jerusalém, e folgarei do meu povo, e nunca mais se ouvirá nela nem voz de choro nem de clamor. Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem, e quem pecar só aos cem anos será amaldiçoado. Eles edificarão casas, e nelas habitarão; plantarão vinhas, e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque a longevidade do meu povo será como a da árvore, e os meus eleitos desfrutarão de todo as obras das suas próprias mãos. Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a calamidade, porque são a posteridade bendita do Senhor, e os seus filhos estarão com eles. E será que antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei. O lobo e o cordeiro pastarão

juntos, e o leão comerá palha como o boi; pó será a comida da serpente. Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o SENHOR.

Isaías 65:17-25

Nessa nova cidade - seu nome é "Jerusalém", ou "a paz de Deus" - "todas as nações e línguas [...] [se ajuntarão] e contemplarão a minha glória" (66:18). Elas transmitirão essa visão de Deus por toda a terra, e toda a humanidade irá regularmente ao centro da presença divina na terra, para se deleitar em Deus e adorá-lo (w. 19-23).

O poder da presença pessoal de Deus estabelecerá, direta e indiretamente, uma ordem pública nas nações e entre as nações, ordem essa que governo humano nenhum jamais foi capaz de firmar. A verdade e a misericórdia terão se encontrado e se beijado afinal, como amigos há muito separados (Sl 85:10). A graça e a verdade se reconciliarão na pessoa do Filho do homem (Jo 1:17).

Forçando o surgimento de "Jerusalém"

A maior tentação ao mal que a humanidade sofre é a tentação de fazer surgir uma "Jerusalém" por meios humanos.³ Os meios humanos são absolutamente indispensáveis no mundo como ele é. Essa é a intenção de Deus. Devemos agir, e os nossos atos são importantes. Mas há um limite àquilo que as disposições humanas podem realizar. Sozinhas, essas disposições não podem mudar o coração e o espírito do ser humano.

Por causa disso, os meios reunidos para fazer surgir essa "Jerusalém" sempre acabam eliminando a verdade, ou a misericórdia, ou ainda as duas coisas. A história do mundo e mesmo decisões de alcance limitado demonstram bem isso. É algo que se vê nas devastações do poder ditatorial, por um lado, e, por outro, na morte por minúcias que a burocracia tende a impor. Sabe-se bem o quanto é difícil estabelecer uma ordem benéfica por meios humanos. Pois o problema, repito, está no coração humano. Enquanto ele não se colocar plenamente debaixo da regência de Deus, o bem que precisamos sentir não virá. Ele será a certa altura derrotado pelos próprios meios usados para gerá-lo.

O meio divino de avançar rumo ao futuro é, com terna persistência e propósito inquebrantável, produzir a transformação do coração humano. E como? Falando aos homens, e neles (com eles) vivendo. Deus acha um Abraão, um Moisés, um Paulo - um você. É esse o processo milenário que Jesus, o Filho do homem, estabelece, com a garantia de que o levará até a conclusão. E esse é o meio dos profetas, que previram viria o dia em que o coração de Deus seria o coração humano: "As minhas leis [de Deus], também no coração lhas inscreverei". Ou seja, nesse dia o que é certo para Deus seria cumprido com naturalidade, e não seríamos capazes de compreender por que alguém sequer pensaria em praticar o mal. Essa é a natureza do pleno reinado de Deus.

Perderão então a utilidade todos os instrumentos da brutalidade e do engano que a sociedade e os governos humanos empregam hoje para controlar uma humanidade corrompida e indisciplinada. Assim como, mesmo hoje, a presença de um bom indivíduo comove, influencia e pode inclusive governar as pessoas próximas pelo respeito que inspira nos seus corações, também a presença concentrada da personalidade trinitária na terra governará pela clareza e força da sua própria bondade, e indiretamente por meio do seu povo transformado.

Portanto, vemos repetidamente retratada nas profecias a brandura desse governo — pela primeira vez um governo perfeitamente adequado, no qual os meios que conduzem ao bem não limitam nem destroem a possibilidade da bondade. As belas imagens proféticas retratam o modo divino de agir: "Eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta. Destruirei os carros de Efraim e os cavalos de Jerusalém e o arco de guerra será destruído. Ele anunciará paz às nações; o seu domínio se estenderá de mar a mar, e desde o Eufrates até às extremidades da terra" (Zc 9:9-10).

A presença divina substitui a força bruta, e especialmente o poder exercido por seres humanos cujos corações estão afastados de Deus. "Porei o meu santuário no meio deles para sempre. [...] As nações saberão que eu sou o Senhor que santifico a Israel" (Ez 37:26-28).

Para toda a humanidade — e além

Esse Espírito de poder não-violento está no Ungido, o Messias:

Ele anunciará juízo aos gentios. Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja, até que faça vencedor o juízo.

Mateus 12:18-21, extraído de Isaías 42:1-4

A compreensão de que esse futuro profético não beneficiará apenas algum subgrupo especial da humanidade, sejam os judeus sejam os cristãos, chega ao ápice no período e nos escritos do Novo Testamento. No último livro da Bíblia, o "Apocalipse" ("Revelação"), a expressão *cada nação, e tribo, e língua e povo* vira uma linguagem característica que ocorre repetidamente em conexão com o resultado dos desígnios redentores de Deus na terra. Com certeza alguns grupos são eleitos para um papel singular nesses desígnios, mas isso jamais é apenas para benefício deles ou porque eles têm algum privilégio junto a Deus.

Santo Agostinho observou no início do século V:

Essa cidade Celestial, durante a sua permanência na terra, atrai cidadãos de todas as nações, e reúne um grupo de peregrinos de todas as línguas, não exibindo escrúpulos diante da diversidade de maneiras, leis e instituições por meio das quais a paz terrena é assegurada e mantida, mas reconhecendo que, por mais variadas que sejam, todas tendem a um só e mesmo fim de paz terrena. Ela, portanto, nem cogitará anular e abolir essa diversidade, que aliás preserva e adapta, contanto que não se introduza assim nenhum obstáculo à adoração do único Deus supremo e verdadeiro.⁴

A humanidade é simplesmente o interesse de Deus na história humana, como deve também ser o nosso. Ele deu ao seu Filho o *mundo* — o mundo inteiro. E, de fato, num horizonte mais amplo, nem mesmo a humanidade é o seu interesse final, mas todo o universo criado no contexto da própria vida de Deus. Voltaremos a falar disso abaixo. Por agora tratemos de verificar por que é viável ter esperança nas profecias.

Qual o porquê da visão e da esperança proféticas?

Mergulhados como estamos nesta vida, alguém de nós poderia muito bem perguntar por que é que uma pessoa inteligente haveria de esperar conclusão tão gloriosa para a história humana. A resposta é simples e se acha na visão divina subjacente à visão profética: que Deus *é* e *quem* ele é. Essa mesma visão de Deus que animou os antigos profetas se alça a uma notável plenitude e clareza em Jesus.

O Deus em questão, como já vimos, é uma comunidade perfeitamente entrosada de pessoas magníficas, absolutamente auto-suficientes e livres de limites significativos na sua bondade e poder. A realidade desse Deus, que é também origem de toda a criação e seu soberano, é o que temos em mente ao dizer que vivemos num universo trinitário. Esse é o universo do Reino no Meio de Nós.

Para partilhar da visão profética, então, não basta "meio que" acreditar num Deus "qualquer". Mas com esse grandioso Deus de Jesus bem no centro da foto, tudo o mais se reveste de uma natureza diferente, e aparece sob uma luz diferente.

A história humana então já não é uma questão humana. É projeto de Outro Alguém. O mesmo vale para a vida humana individual: não somos fantoches, seja no nível coletivo seja no nível individual. Mas o que está realmente acontecendo não é, afinal, o que *nós* estamos fazendo. A palavra profética, repito, diz que "não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos" (Jr 10:23). E o mesmo vale também para as nações e as épocas

(Is 40:12-26). Em vez de ser o espetáculo principal, só temos importância como parte — e parte muito importante -de uma tremenda luta entre tremendas forças do bem e do mal.

O universo físico também, vasto e escuro do ponto de vista meramente humano, de terríveis dimensões e poderes arterrorizantes, é então identificado como lugar de Deus. Com toda a razão consideramos perigosa a energia nuclear, e, portanto, muitos ficam chocados ao saber que de fato *vivemos dentro* de um imenso reator nuclear. Na sua natureza fundamental, o nosso sistema solar é um reator nuclear, como o é o universo físico além dele. Mas, no nosso universo trinitario, a energia nuclear se revela simplesmente mais uma provisão da "casa de meu Pai", como Jesus o chamava, casa em que há muitos lugares para viver.

É fácil perder essa visão na atmosfera intelectual de hoje. Já comentamos isso várias vezes. A visão superficial que domina a nossa sociedade sustenta que a realidade se limita àquilo que se pode descobrir por meio de observações e explicações científicas. Os cientistas de fato nos informam que todas as coisas e acontecimentos físicos conhecidos são determinados pelo que acontece no plano das subpartículas atômicas: quarks, etc. Alguns espectadores passivos supõem precipitadamente que não há mais nada a dizer. Mas não há nada nas subpartículas "físicas" que indica ser esse o nível final da realidade, dependente somente de si mesmo - como tradicionalmente se supõe ser Deus. E um exame ponderado da questão mostra, creio eu, que de fato esse não é o nível final.

Existe também uma noção muito difundida de que as leis da ciência natural tornam tudo inteligível — ou tornariam, se conseguíssemos descobrir as leis "certas", Mas as leis da ciência em si mesmas não tornam nada inteligível, e por razões bem claras. É preciso haver determinadas "condições iniciais" para que as leis da ciência expliquem qualquer coisa. Na sua "explicação", essas leis precisam ter um ponto de partida. E obviamente elas não explicam a existência ou a natureza dessas condições que precisam existir para que possam afinal explicar *alguma* coisa.

A ciência, então, pode explicar muitas coisas interessantes e importantes, mas não explica a existência. Tampouco explica por que as leis da ciência são leis da natureza.⁵ E não explica a própria ciência.⁶

Mas temos motivo para crer que vivemos num universo trinitário: um universo em que a realidade de que provêm todas as outras realidades é uma sociedade de pessoas divinas. E somente o conhecimento de Deus, desse Deus cuja natureza mais profunda é o amor, pode ser a fonte das antigas profecias e suas resplandecentes esperanças. Deus se fez conhecido ao se aproximar pessoalmente dos seres humanos, envolvendo-se diretamente nas suas vidas. A história está aí para todos aqueles que *desejarem* enxergar. Mas ninguém *tem* de enxergar — agora. É assim que a conspiração divina funciona. Com esse Deus em vista, a testemunha profética fala incansavelmente, e com absoluta certeza, dos "tempos da restauração de todas as cousas" (At 3:21).

Porém, bem diante da face do ser magnífico de Deus, das suas obras maravilhosas e das suas persistentes interferências na história, está a ordem humana - contaminada até a medula pelo mal. Assim celebra um antigo e grandioso hino missionário:

E se tão perfumada aragem
Sobre o Ceilão sopra gentil;
E se é toda bela a paisagem,
E apenas o homem é vil?
Em vão com pródiga bondade
Espalham-se os dons de Deus;
Os pagãos na sua insanidade
Adoram a pedra qual sandeus.⁷

A pedra (idolatria) devemos hoje acrescentar os programas políticos e os grupos sociais, o status econômico, a instrução, as tecnologias e o conhecimento humano, as drogas e talvez outras coisas mais. Os homens adoram tudo isso. Tomam essas coisas como pontos de referência absolutos para as suas vidas e os seus atos. E se isso é tudo o que vemos, certamente não há motivo para esperança. A antiga visão profética deve então parecer mera imaginação, nada real.

De fato, a própria criação está rangendo debaixo da tensão do processo pelo qual a humanidade vai assumir o papel a ela destinado no universo, revestindo-se da "glória por vir a ser revelada em nós" (Rm 8:18-23). Mas nas Profecias, o caminho de Deus vence necessariamente, pois Deus é Deus. "Eu sou o SENHOR, e faço misericórdia, juízo e justiça na terra; porque destas cousas me agrado" (Jr 9:24). Essas coisas devem, portanto, prevalecer. Não pode ser de outra forma.

Deus só é realmente conhecível por meio da comunidade remida

Em face da humanidade no seu pior momento, agora eternamente representado pelo assassínio do próprio Jesus, o evangelho do reino nos dá firmeza para repelir a crença em qualquer coisa má a respeito de Deus. De fato, esse evangelho nos convida a crer que Deus fará o que é bom.

Acima de tudo, isso diz respeito ao futuro do próprio povo de Deus, os filhos da luz. Ao longo da história eles muitas vezes estiveram bem abaixo do que deveriam ser. E isso ainda acontece hoje. Mas "Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhes inscreverei [...] Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao SENHOR, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles" (Jr 31:33-34; cf. Ez 11:19-20; Hb 10:16).

Incrivelmente, para alcançar esse intento de ser conhecido habitando no meio do seu povo, Deus decide ocupar uma tenda — uma *tenda!* — durante décadas de poeirentos acampamentos no deserto. "Consagrarei a tenda da congregação e o altar;" disse ele a Moisés, "E habitarei no meio dos filhos de Israel, e serei o seu Deus. E saberão que sou o SENHOR seu Deus, que os tirou da terra do Egito, para habitar no meio deles" (Êx 29:44-46).

O retrato de uma comunidade humana e ser habitada por Deus é transportada à nova aliança em muitas passagens do Novo Testamento, nenhuma delas mais bela do que as da carta de Paulo aos efésios. Ali ele diz aos crentes não-judeus, que antes eram "ninguéns": "Já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular, no qual todo edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito" (Ef 2:19-22).

O propósito de Deus na historia humana é nada menos que tirar dela — por pequena e insignificante que pareça do ponto de vista biológico e naturalista - uma comunidade eterna dos que foram um dia tidos como nada mais que "homens comuns".⁸ Em virtude dos propósitos divinos para ela, essa comunidade irá, na sua trajetória, permear todo o plano criado e participar do seu governo. O intento que Deus tinha antes da criação, de ter essa comunidade como habitação ou morada especial, será então realizado. Ele mesmo será o seu principal sustentador, o seu habitante mais glorioso.

Mas por quê? Qual a razão disso? O objetivo é atender o que só se pode definir como uma *necessidade* da natureza de Deus, que é o amor absolutamente suficiente. É o mesmo objetivo que se manifesta na divina criação do mundo. Somente à luz dessa criação e dessa comunidade remida é possível conhecer a Deus na sua natureza mais profunda. Elas possibilitam que Deus seja conhecido. E amor que não se conhece é amor que não se realiza. Além disso, o bem-estar de todo ser consciente depende de ele conhecer a Deus.

Portanto, após longas eras de separação, a redenção habitou no meio de nós na forma do Filho de Deus, "para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus" (Ef 2:7).

Esse plano por muito tempo permaneceu um "mistério" para os homens, e mesmo para o povo da Antiga Aliança. Pois foram atraídos à conspiração divina que eles mesmos não compreendiam. Na linguagem do Novo Testamento, "mistério" significa algo que permaneceu por longo tempo oculto, mas depois se deu a conhecer pela primeira vez. O "mistério" dessa bondade ficou "oculto em Deus, que criou todas as cousas" (Ef 3:9). Mas ele se revela por intermédio do evangelho, "para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida agora dos principados e potestades nos lugares celestiais" (Ef 3:10).

A importância para a humanidade do futuro que Deus nos reserva

A vida humana, o mundo humano, é aquele que se sustenta com um olho no futuro. Isso envolve essencialmente *significado*. Para nós significado não é um luxo. É uma espécie de oxigênio espiritual, por assim dizer, que sustenta a vida da nossa alma.⁹ É um "ir além", uma transcendência do estado em que nos encontramos rumo àquilo que o completa. O significado dos acontecimentos presentes da vida humana depende, em larga medida, do que vem depois. Assim, qualquer coisa que "não tenha futuro" não tem significado na ordem humana. É por isso que tentamos evitar esse futuro o máximo possível. Ele nos sufoca.

Essa estrutura da vida se reflete na linguagem, onde o significado e a expressividade se revelam mais nitidamente. Assim, se ouvimos apenas a palavra *ama*, ou se a vemos escrita nalgum lugar, não sabemos se é um verbo ou um substantivo. Daí não podermos saber a que se refere ou o que quer dizer. Porém, se lemos ou ouvimos o resto da frase, depreendemos o seu significado: em "Maria ama João", é verbo; em "A ama cuidava da criança", é substantivo.

Os acontecimentos na vida humana são assim, e assim é *uma* vida humana como um todo, bem como a vida humana em si. Parecem as palavras iniciais de uma sentença, parágrafo, capítulo ou livro inconcluso. Em certo sentido podemos identificá-las e compreendê-las, mas não podemos adivinhar o que significam e o que são de fato enquanto não soubermos o que vem a seguir. Portanto, estamos sempre em busca do significado dos acontecimentos que vivemos, e da própria vida. Ficamos a nos perguntar o significado de acontecimentos e personagens históricos, ou mesmo da própria história humana. E o significado sempre se encontra, quando é de fato encontrado, nalgum contexto mais amplo.

Com Jesus aprendemos algo sobre o contexto final: Deus e seu reino. Nas fases futuras desse reino está o significado da nossa vida e, na verdade, da história da terra, essa terra de que fazemos parte. Jesus insistia, como já vimos na realidade presente do "reino dos céus", fazendo disso o fundamento do seu evangelho. Mas ele também afirmava que o reino teria uma plenitude futura, e que haveria também um desfrute perene da vida em Deus - algo que transcenderia de longe a terra e a vida que nela existe.

Elemento que muito nos fortalece para a vida atual no reino e a compreensão daquilo que o nosso futuro nos reserva, e especialmente de como esse futuro se articula com a nossa vida presente. Pois só então compreendemos de fato que *é* a nossa vida presente, só então somos capazes de tomar decisões coerentes com a realidade.

Mas os cristãos não foram os únicos a compreender a importância do nosso futuro eterno. Outros povos ponderados anteviram essa importância, embora não os propósitos de Deus na história humana e na redenção, pois esses são exclusivos do evangelho de Jesus. O que levou outros povos a adivinhar essa importância do futuro eterno foi uma certa intuição acerca da própria natureza da personalidade humana.

Platão, por exemplo, narra que Sócrates disse as seguintes palavras poucas horas antes de sua morte:

Se a alma é imortal, então devemos cuidar não só da parte do tempo que chamamos vida, mas de todo o tempo: e de fato parece agora que seria extremamente perigoso negligenciá-lo. Se a morte fosse libertação de tudo, seria uma dádiva para o ímpio. Mas como a alma é claramente imortal, não pode fugir do mal nem dele se proteger, exceto tornando-se o mais digna e sábia possível. Pois ela nada leva consigo ao além, exceto a sua educação e instrução: e essas, dizem-nos, são de suprema importância para vantagem ou desvantagem do recém-falecido logo no início da sua jornada além-túmulo.¹⁰

Contudo, infelizmente, uma das partes menos sensatas e úteis das atuais apresentações do evangelho cristão é precisamente aquela que diz respeito ao futuro do indivíduo e da humanidade no *mundo de Deus*. Há numerosas razões para isso, dentre elas os retratos confusos e contraproducentes do céu e do inferno que nos foram legados, além da imagem supostamente

"científica" do homem que rotula de disparate esdrúxulo a própria idéia da continuação da existência além do corpo.

Agora que já estamos chegando ao final deste livro sobre a conspiração divina, precisamos tentar lançar alguma luz sobre como será a nossa vida futura no reino. Isso nos ajudará a derrubar alguns dos obstáculos mais fortes à sincera confiança na veracidade dos *ensinamentos de Jesus e de seus seguidores* sobre o nosso futuro.

A sensatez da preservação e da restauração da humanidade

Antes de tudo, cabe perguntar; será realmente sensato pensar que continuaremos a viver após a morte do corpo? Respondendo, afirmo outra vez que, à luz de Deus e do seu reino, isso é indubitavelmente sensato. Como disse com muito acerto John Hick, um dos pensadores cristãos mais renomados de hoje.

Se confiarmos no que disse Jesus com base na sua consciência direta de Deus, partilharemos da sua crença na vida futura. Essa crença é sustentada pelo argumento de que um Deus de amor infinito não criaria pessoas finitas para depois excluí-las da existência quando as potencialidades da sua natureza, incluindo a sua consciência dele mesmo, apenas começassem a se realizar.¹¹

Em outras palavras, em face da realidade do mundo de Deus, seria na verdade insensato pensar que iríamos simplesmente deixar de existir.

Importa acrescentar, porém, que a continuação da nossa existência não é primordialmente para benefício nosso, mas de Deus. Não é só porque queremos continuar existindo que ele decide continuar nos suportando. Antes, ele fez um grande investimento, investimento formidável até, em cada ser humano e na humanidade como um todo. Desnecessário é dizer que ele acha que o esforço vale a pena. E ele não pretende jogar fora todo esse esforço permitindo que o ser humano deixe de existir. "Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma," diz a antiga profecia, "e ficará satisfeito" (Is 53:10-11).

Portanto, nós existimos e continuaremos a existir porque isso agrada a Deus. Ele considera isso bom. Assim devemos entender o Salmo 23. "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte", a morte pairando sobre mim, "não temerei mal nenhum." Mas como pode ser isso? Não é como alguém que, mesmo assustado, assobia na escuridão para manter a coragem. É um conhecimento fundado na experiência da realidade do consolo divino: a vara (proteção) e o cajado (correção) de Deus. "Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do SENHOR para todo o sempre." Como é que o salmista sabe disso? Porque ele conhece a *Deus*. Ele o conhece pelas regulares interferências divinas no mundo real. Essas interferências mostram quem é Deus, e portanto o que *Deus* certamente fará! É isso que diz o Salmo 23.

E a possibilidade

Assim, a existência do Deus de Jesus simplesmente dissolve qualquer dúvida acerca da esperança ou não na "sobrevivência". Além disso, o seu próprio ser prova que a existência pessoal não é, em si, dependente da matéria. Antes, a matéria é que depende dele. Ele vivia muito bem sem o universo físico antes de criá-lo. Ele inequivocamente tem o gênero mais elevado de consciência — e isso sem cérebro nenhum!

Muitos se chocam ao se dar conta de que Deus não tem cérebro, Mas ele não sente feita disso. Eis algo que não se deve jamais esquecer. O corpo e o cérebro provêm dele, não o contrário. E nele a nossa personalidade ficará tão segura sem corpo e cérebro como hoje está segura com corpo e cérebro. Na verdade, muito mais segura ficará então.

Aqueles que não compreendem isso, ou que por motivos diversos o rejeitam, muitas vezes dão a entender que acreditar num futuro para o homem além da morte do corpo é uma questão de "necessidade" emocional -melhor dizendo, de deficiência moral. O significado implícito aqui é que as pessoas que não acreditam na sobrevivência são corajosas, enquanto os outros são covardes. Mas, examinando a questão com a mente despida de preconceitos, e avaliando o quadro caso a caso, você vai descobrir que coragem e covardia se distribuem mais ou menos

igualmente entre aqueles que crêm e descrêm da sobrevivência. Aqueles que não crêm na vida futura não são visivelmente mais corajosos do que aqueles que crêm.

Mas, seja como for, essa é uma maneira insensata e ingênua de abordar a questão. Isso me fez lembrar uma conhecida minha, que se recusava a conversar sobre a vida após a morte com os filhos porque, dizia ela, não queria que eles ficassem decepcionados caso de fato não houvesse vida nenhuma no além. Ora, ora... Se não houver vida no além, eles certamente não ficarão decepcionados. Se houver, talvez eles se achem mal preparados. O único modo de eles se decepcionarem é continuando a existir.

Se, de fato, o que acontece na morte física é o desaparecimento da pessoa, então a aproximação da morte é, na pior das hipóteses, como ir para a mesa de cirurgia. É desagradável, mas pelo menos acabará logo, e não haverá dor nem sofrimento nem pesar. Não haverá você. Nada mais haverá, pelo menos do seu ponto de vista.

A pessoa verdadeiramente corajosa é sem dúvida nenhuma aquela que consegue encarar com alegria a perspectiva *de* uma existência infinita. Suponha que você jamais vá deixar de existir, e que você nada possa fazer a respeito - *exceto* tornar a sua existência futura o mais aprazível possível. Isso exigiria verdadeira coragem.

Por conseguinte, o alívio com a idéia da cessação do ser é um tema comumente expresso ao longo dos séculos. Uma das grandes religiões do mundo a apresenta como a condição mais desejável. Os antigos epicuristas ficaram famosos por exprimir essa idéia. E nas palavras do poeta Swinburne,

Livres de excessivo amor pela vida,
Livres da esperança e de todo o
medo, Damos graças, de alma
agradecida, A todos os deuses, e
desde cedo. Por vida nenhuma no
eterno viver; Porque o morto jamais
volta a ser; Que até o rio que mais se
perder Encontra no mar certo
desenredo.¹²

Depois o poeta prossegue, de maneira característica, celebrando "apenas o sono eterno numa noite eterna". Mas é claro que então não haverá ninguém para desfrutar desse sono. Não haverá sono nenhum.

Ora, se o Deus da tradição bíblica, o Deus que se revela a si mesmo, é omitido ou transformado num ser inatingivelmente misterioso, ao modo do pensamento mais moderno e até da teologia mais atual, então podemos muito bem esperar por uma noite eterna. Então não apenas não teremos pesares quando tivermos "desaparecido", mas logo *ninguém* terá *nenhum* pesar. Pois logo ninguém mais existirá. A trajetória do nosso pequeno planeta não passa de um átimo no tempo cósmico. Do ponto de vista humano, haveria pouco a lamentar - e logo, logo ninguém que lamentasse.

Mas do ponto de vista do "Pai nosso que estás nos céus", a história é bem outra. Ele muito preza aqueles que criou, pois ele nos idealizou e desejou, por nós ele chorou, depois nos redimiu e nos fez seus amigos. A linguagem bíblica que exprime o relacionamento das criaturas com o Criador é tão íntima que chega quase a parecer constrangedora. Exclama o salmista: "Não entregues à rapina a vida de tua rola, nem te esqueças perpetuamente da vida dos teus aflitos" (Sl 74:19). Você jamais vai deixar de existir, e não há nada que você possa fazer a respeito disso.

Também, a palavra que Jesus usava para se dirigir ao seu Pai, "Aba", ou "Papai", exprime uma relação de carinho mútuo que simplesmente jamais se romperá. O Deus de Jesus *obviamente* preservará a personalidade humana dentro da eternidade da sua própria vida. Se você ponderar bem, verá que qualquer outra conclusão é inconcebível. Não por causa de nós, repito, para por causa de Deus.

Como será a nossa vida fritura?

Será verdade, então, como muitos sugerem, que "nada sabemos de concreto a respeito das condições da nossa existência após a morte"?¹³ Estranhamente, logo em seguida o mesmo autor de quem citei essas palavras admite, ao descrever a vida depois da morte do corpo, que Jesus

usou símbolos para definir a vida eterna como uma vida ilimitadamente acentuada, como um estado de ser mais intensamente vivo numa existência que é ao mesmo tempo perfeita realização e também infinita atividade e novidade. Se a morte leva afinal para *isso*, então embora ainda a concebamos... com trêmulo espanto e apreensão, ela não evocará mais terror nem desespero; pois além da morte... não nos acharemos menos vivos, porém mais vivos do que somos agora.

Mas definir "a vida eterna como uma vida ilimitadamente acentuada", na qual *nós* estamos "mais intensamente vivo[s]" em "perfeita realização e também infinita atividade e novidade", é sem dúvida conhecer muitíssimo "a respeito das condições da nossa existência após a morte".

Podemos ficar certos, por exemplo, de que o céu, no sentido da nossa vida após a morte, é nada mais que o nosso futuro neste universo. Não existe outro universo além deste. Deus criou os céus e a terra. E ponto. Boa parte da dificuldade em esboçar um retrato acreditável do céu e do inferno hoje vem de uma tendência milenar de "situá-los" em "outra realidade", fora do universo criado.

Mas o tempo está dentro da eternidade, não fora dela. O universo criado está dentro do reino de Deus, não fora dele. E se sabemos alguma coisa hoje sobre o universo "físico", certamente é algo bem adequado aos desígnios eternos. E admitindo que se tenham conseguido provas desse algo, o que ninguém questionaria a sério, tudo o que se pode demandar como condição de existência de um futuro absolutamente realista para a humanidade neste universo é seguramente possível.

Saber realmente, pela primeira vez

Quando passamos pelo que chamamos de morte, não perdemos o mundo. De fato, o vemos pela primeira vez como ele realmente é. Paulo declara essa idéia crucial em **1 Coríntios 13**. As suas próprias experiências, tão diversas, lhe deram convicção da absoluta realidade de Deus e do mundo espiritual.

Para ele, naquilo que chamamos de estados e condições "normais", temos na verdade uma visão bastante distorcida da realidade. Somos como meninos, que na verdade não fazem a menor idéia do que está acontecendo em torno deles (ICo 13:11). Porém, quando passarmos pela "morte", nas palavras do apóstolo, "veremos face a face; [...] conhecerei como também sou conhecido".

Como somos conhecidos por quem? Certamente por Deus, por uma multidão de anjos, pelos espíritos dos justos aperfeiçoados e por Jesus, como sugere Hb 12:22-23, ou pela "grande nuvem de testemunhas" mencionada em Hb 12:1. Eles vêem e conhecem as coisas como realmente são. E nós também o faremos. Esse será o nível de consciência e de vida que teremos.

Paulo, como outras figuras bíblicas, havia estado diante da presença visível desses seres, e ele sabia que tais seres o conheciam perfeitamente. Ele sabia que quando abandonarmos este corpo, passando ao mundo pleno de Deus, teremos a mesma plenitude e clareza de apreensão que esses seres tinham então dele e de todas as coisas.

E isso só faz espelhar o ensinamento bíblico paradigmático: "Não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas" (Hb 4; 13). O plano espiritual é o plano da *verdade*, não da *distorção* (Jo 4:23). Tanto no Antigo como no Novo Testamento, os anjos são tidos como "vigias", testemunhas, do drama terreno. Sem dúvida eles também vêem as coisas como são, livres do auxílio e empecilho do cérebro e do corpo.

No nosso atual estado encarnado, por outro lado, sempre vemos as coisas distorcidas, "como em espelho". Os espelhos fabricados na época de Paulo eram bastante imperfeitos, e *nunca* permitiam que a pessoa visse neles as coisas como realmente são. Quando passarmos além do corpo na sua forma atual, será como passar da imagem de espelho distorcida (o nosso

"conhecimento" atual) às coisas reais, ou como evoluir da percepção infantil das coisas à percepção de adultos maduros.

Porém, muitos que acreditam nessa futura condição a encaram como uma espécie de estado onírico, errante, nebuloso, ou senão como um estado em que não temos consciência de nós mesmos nem noção de identidade individual. É de questionar por quê. Talvez por causa da comum analogia da morte com o sono e seu correspondente estado onírico. Mas essa analogia se aplica somente ao corpo, não à pessoa. A pessoa não "dorme". Ou talvez se pense que, passando pela morte, entra-se num estado de choque, como alguém que tenha sofrido um grave acidente. Mas quando ultrapassamos a morte, precisamente *abandonamos* o corpo ferido ou exaurido.

Não se pode conceber que seres espirituais como Deus e seus anjos estejam imersos num estado desorientado, onírico ou de choque. E nos ensina Jesus que aqueles que partilham da sua vida "são iguais aos anjos, e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição" (Lc 20:35-36).

Vitória sobre a morte

Isso explica as numerosas indicações que nos deu Jesus de que, para os piedosos, a morte não é nada. "Não tenham medo daqueles que só matam o corpo", diz ele (Mt 10:28). Nem sequer *veremos* a morte (Jo 8:51-52) e, de fato, não morreremos (Jo 11:26). Aqui voltamos a enfatizar argumentos já apresentados.

Uma das ocasiões em que Jesus aparece chorando é aquela em que ele se contrista diante da agonia que os homens sofrem ao enfrentar a morte dos seus entes queridos (Jo 11:33-35). Sem dúvida ele reparou o quanto a angústia daquelas pessoas era equivocada, e no entanto o quanto elas se entregavam à angústia. Chegavam até a empregar gente que as ajudasse a chorar os mortos.

Discutindo a sua morte próxima com os amigos, Jesus lhes diz: "Se me amásseis, alegrar-vos-féis de que eu vá para o Pai, pois o Pai é maior do que eu" (Jo 14:28). Parafraçando, diríamos: "Eu vou para o Pai, e lá estarei melhor do que aqui". Para *ele*, nada havia de pesaroso nisso! É claro que a sua morte deixaria os seus amigos pesarosos *por causa de si mesmos*, o que é compreensível e natural. Mas ao mesmo tempo eles deveriam se alegrar por ele.

E, logicamente, isso tudo está perfeitamente de acordo com a *resposta* de Jesus à fé do ladrão que morria ao seu lado: "Hoje estarás comigo no paraíso" (Lc 23:43). Essa declaração só poderia ser uma falsidade se não significasse que o ladrão continuaria ele mesmo, e em ótima forma, depois da morte; se não significasse que o homem seria alçado a uma condição excelente ao lado de Jesus e, sem dúvida, ao lado de outros também.

Essa é a conclusão que tiramos ao examinar todo o Novo Testamento. Quem vive com fé na palavra e na pessoa de Jesus, e *conhece por* experiência própria a realidade do seu reino, estará sempre melhor "morto", do ponto de vista pessoal. Ou, nas palavras de Paulo, "o morrer é lucro" (Fp 1:21).

E também: "Partir e estar com Cristo [...] é incomparavelmente melhor" do que ficar aqui (v. 23). Continuamos dispostos, é claro, a ficar aqui na nossa posição servindo aos *outros* por incumbência de Deus. Mas vivemos cientes de que, como Paulo diz noutra passagem, "nosso Salvador Cristo Jesus [...] não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho" (2Tm 1:10).

AS MUDANÇAS QUE VIRÃO

O que muda então?

Quando passarmos pelo estágio que normalmente denominamos "morte", nada *perderemos* além das limitações e capacidades correspondentes especificamente ao domínio que temos hoje sobre o *nosso corpo*; ou seja, deixaremos de ser acessíveis e vulneráveis no corpo e mediante o corpo. Obviamente, é uma mudança angustiante para aqueles que ficam. Contudo, *por outro* lado, a perda dessas capacidades começa a ocorrer, na maior parte dos casos, bem antes da morte. É parte normal do envelhecimento e da doença. O corpo, como intermediário entre a pessoa e o mundo físico, vai perdendo a sua função enquanto a alma se prepara para uma nova disposição.

Mas nessa passagem não perdemos a noção de identidade, de quem somos, nem todo o nosso conhecimento; além disso, os relacionamentos com as outras pessoas permanecem intactos — só que, repito, não serão mais mediados pelo corpo e pelo ambiente físico.

De fato, então estaremos de posse de *nós* mesmos como jamais estivemos antes, e o limitado universo que vemos agora permanecerá — embora esse universo não seja tão interessante quanto aquilo que veremos pela primeira vez. Não desapareceremos num eterno tanque de névoa ou num asilo de mortos, tampouco passaremos a existir num estado de isolamento ou de animação suspensa, como muitos parecem supor. Deus tem uma função muito melhor que essa para nós.

Noutras palavras, a nossa vida não será fundamentalmente diferente daquilo que é agora, embora vá mudar em detalhes importantes. *A vida que temos hoje como as pessoas que somos vai continuar, e continuar no universo em que hoje existimos.* A nossa experiência, porém, será muito mais nítida, rica e profunda, pois deixará de ser restringida pelas limitações que ora nos são impostas pela nossa dependência do corpo. Será, isso sim, fundada na realidade mais ampla e fundamental do reino de Deus, e, portanto, terá alcance e poder muito maiores.

O glorioso corpo de Jesus

A chave da compreensão disso para os primeiros seguidores de Jesus não era apenas o seu conhecimento do próprio Deus, que temos enfatizado tão intensamente, nem o seu conhecimento das multidões de anjos e seres imateriais que servem a Deus. A verdadeira base da sua confiança acerca do futuro era, antes, a realidade do Jesus pós-ressurreição.

Ele tinha um corpo: a convergência da sua personalidade no espaço e no tempo, algo publicamente observável que interagiu com as realidades físicas. Mas era radiante, e, portanto, foi chamado de "corpo da sua glória" (Fp 3:21). E não era um corpo *limitado* pelo espaço, pelo tempo e pela causalidade física, como o são os corpos físicos.

Assim declara Paulo: "Se há corpo natural, há também corpo espiritual" (I Co 15:44). Ora, é verdade que o mundo intelectual do século I permitia essa importante distinção, mas a aceitação da realidade do corpo espiritual se baseia fundamentalmente na experiência dos primeiros cristãos com o Jesus ressuscitado.

No universo de Deus, a matéria está em última análise sujeita à mente ou espírito. Isso é fato indiscutível na tradição de Jesus e seu povo. O nosso lar natural, a nossa "pátria" (*politeuma*), a nossa "ordem sociopolítica", está nos "céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as cousas" (Fp 3:20-21).

Quando passarmos pela "morte", entrando no mundo pleno de Deus — ou quando "a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer", nas palavras de Paulo -, não estaremos, portanto, desprovidos de um corpo, mas teremos um novo corpo, como Jesus. Estaremos então "revestidos da nossa habitação celeste", e "não nus" (2 Co 5:1-8). O elemento mortal de nós será "absorvido pela vida". Deus nos preparou para isso outorgando-nos o "pe nhor do Espírito" (v. 5). Conhecemos agora mesmo, e por experiência própria, a realidade de uma vida que não é a do corpo físico.

"Corramos com perseverança a carreira que nos está proposta"

O que devemos então esperar que aconteça enquanto avançamos pela eternidade em que já vivemos agora? Dividamos essa fase em três estágios: o tempo de crescer perseverante; o tempo da passagem; e o tempo de reinar com Jesus.

O TEMPO DE CRESCER PERSEVERANTE. Devemos, antes de tudo, crescer constantemente na disposição e na capacidade de nos inspirar no reino eterno, na nossa relação pessoal com a personalidade Trinitária que é Deus. É nessa inspiração que devemos forjar a nossa orientação, a nossa força e o nosso posicionamento diante da vida. Isso implicará, acima de tudo, a transformação do nosso coração e do nosso caráter, para que se aproximem aos da família

divina, e para que cada vez mais nos tornemos semelhantes aos "filhos do vosso Pai celeste" (Mt 5:45).

O *amor-caridade* de 1 Coríntios 13 cada vez mais será simplesmente a expressão de quem somos. Mas os resultados das nossas orações, palavras e atos — e às vezes da nossa mera presença - serão também cada vez mais de uma natureza e extensão inexplicáveis em termos humanos. Cada vez mais, aquilo que fazemos e dizemos será "em nome do Senhor Jesus Cristo", e todos os aspectos da nossa vida se tornarão sempre mais eternos, no sentido explicado em capítulos anteriores. Somos agora colaboradores de Deus.

O envelhecimento, portanto, se tornará um processo não de perda, mas de lucro. Enquanto o nosso corpo físico for se exaurindo, o nosso corpo glorioso estará se aproximando, e a nossa substância espiritual ficará cada vez mais rica e profunda. Quanto mais envelhecermos, mais ficaremos gloriosos. As meigas palavras de George MacDonald, outra vez, nos ajudam a imaginar essa transição crucial:

A velhice é a sarça que arde e crepita
Consumida pela chama pura da vida.
Ó vida, incinera esta frágil casca minha,
Livra-me desta veste seca, parasita,
Que a ti irei nas asas da alma contrita.¹⁴

O TEMPO DA PASSAGEM

A experiência humana comum, em todas as eras e culturas, ensina muito mais sobre transição e passagem (a morte) do que a cultura ocidental dos últimos cem anos se dispôs a aceitar. Parte disso se tem reafirmado, e talvez excessivamente adornado, pelo recente interesse nas "experiências de quase-morte". Mas o que a experiência humana comum ensina de fato está basicamente em harmonia com indicações derivadas das fontes bíblicas.

O mais notável é que a pessoa começa a "ver o invisível" na transição. Gente que ela conhece vem recebê-la, muitas vezes enquanto ela ainda está em contato com os que ficarão. Se a morte é súbita, os que estão próximos não terão oportunidade de perceber que isso está acontecendo. Mas podemos ter certeza de que mesmo nesse casos a pessoa não é atirada no isolamento. Podendo ajudar, você não faria isso a ninguém que amasse. Tampouco Deus o faria.

Aqui vemos a consoladora misericórdia de Deus por aqueles que o amam ou o buscam. O pobre Lázaro morreu, conta-nos Jesus, e foi "levado pelos anjos para o seio de Abraão" (Lc 16:22). Da "grande nuvem de testemunhas" vêm aqueles que estiveram nos esperando. Eles nos saúdam e abraçam. E embora esses primeiros momentos ou horas certamente nos vão brindar com uma visão mais espantosa que a outra, estaremos alegres e em paz por causa da boa companhia.

Diz o antigo cântico espiritual: "Olhei por sobre o Jordão, e o que eu vi, vindo me levar para casa? Um grupo de anjos vinha atrás de mim, para me levar para casa". E esse retrato aparentemente simplista, extraído de narrativas e ensinamentos bíblicos, apresenta exatamente o que devemos esperar. Devemos esperá-lo com base no nosso conhecimento de Deus e da alma humana, da experiência humana comum e dos ensinamentos da Bíblia.

Logicamente, tudo isso se enquadra na categoria das coisas que Deus "oculta" dos supostamente sábios e hipocritamente entendidos, ao mesmo tempo revelando-as completamente aos pequeninos (Mt 11:25). Mas não é algo que desconcertará aquele que, vivendo no reino, já vivenciou os "poderes do mundo vindouro".

Ora, essa compreensão da passagem ao mundo pleno de Deus esclarece precisamente o sentido em que a morte foi abolida, na visão do Novo Testamento, e também o sentido em que nós que vivemos no Logos não morreremos nem veremos a morte (Jo 8:51). A nossa existência pessoal continuará sem interrupção. Talvez, por outro lado, devamos dizer que aqueles que não entrarem agora na vida eterna de Deus pela fé em Jesus sentir separação, isolamento e o fim das esperanças. Talvez isso se permita no caso deles, pois decidiram ser Deus, decidiram fazer de si mesmos o seu próprio ponto de referência absoluto. Deus o o permite, mas essa postura obviamente só pode ser sustentada a distância de Deus. Temos motivos para suspeitar de que o fogo do céu é mais quente do que o fogo do inferno. Porém, há lugar para eles no universo.

O TEMPO DE REINAR COM JESUS. Não precisamos ter receio de não haver lugar para todos no nosso novo ambiente cósmico. Hoje sabemos que existem cerca de dez bilhões de galáxias no "nosso" sistema físico, com cem bilhões de bilhões de planetas. Ou seja, 100.000.000.000.000.000.000 de planetas. E pode ser que o sistema físico que conhecemos não passe de um dos muitos que ainda não descobrimos. Poucas décadas atrás pensávamos que a nossa galáxia fosse todo o universo físico.

No tempo devido - só posso supor que será algum tempo depois da nossa passagem ao mundo pleno de Deus - começaremos a assumir novas responsabilidades. "Muito bem, servo bom e fiel", nos dirá o nosso magnífico Mestre, "foste fiel no pouco, terás autoridade sobre dez cidades", sobre "cinco cidades", sobre "o muito", ou o que for conveniente (Lc 19:17; Mt 25:21).

Desconfio que haverá muitas surpresas quando da distribuição das novas responsabilidades. Talvez seja um bom exercício que cada um se pergunte: quantas cidades eu poderia realmente governar hoje em submissão a Deus? Se, por exemplo, Baltimore ou Liverpool me fosse confiada, se me fosse dado o poder de fazer o que eu quiser com ela, o que aconteceria? Uma resposta sincera a essa pergunta pode ajudar muito a nos preparar para o nosso futuro eterno neste universo.

Será que estamos, por exemplo, preparados para revelar tudo sobre nós mesmos a todos? Não há nada oculto que não vá ser revelado, diz-nos Jesus. "O que dissestes aos ouvidos, no interior da casa, será proclamado dos eirados" (Lc 12:3). Será que estamos preparados para viver nessa total transparência? E será que estamos totalmente convencidos de que o caminho de Deus é o único caminho inteligente, e que o seu poder sempre nos irá guiar e capacitar em tudo o que fizermos? Será que o nosso caráter é tal que agimos *automaticamente* como se tudo isso fosse assim?

Quando penso nisso, fico impressionado ao perceber que na verdade podemos confiar em muito poucos dos que *querem* "governar cidades". Se *vão* de fato me fosse dada a autoridade de nomear governantes, desconfio que tentaria encontrar alguns poucos crentes humildes, que não parecem grande coisa do ponto de vista humano, mas que aprenderam a não confiar em si mesmos e sim a depositar toda a sua esperança em Deus. Felizmente jamais terei de fazer tais nomeações. Estou plenamente convicto de que Deus saberá fazê-lo. Mas podemos estar certos de que "muitos primeiros [aos olhos dos homens] serão últimos [no juízo de Deus]; e os últimos, primeiros".

Seja como for, podemos esperar que no tempo devido seremos alçados ao nosso destino eterno de *atividade criadora com Jesus e seus amigos e companheiros nas "muitas moradas" da "casa de meu Pai"*.

Portanto, não devemos nos considerar destinados a ser burocratas celestes, envolvidos eternamente em "administrividades". Pois isso seria pouco melhor do que ficar preso no culto interminável de uma igreja. Não, concebamos um outro destino: participar do trabalho de uma equipe incrivelmente criativa, dotada de uma liderança inimaginavelmente esplêndida, num campo de atividade inconceivelmente vasto, com ciclos cada vez mais abrangentes de produtividade e empolgação. *Isso é* aquilo que "nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu", aquilo que temos diante de nós na visão profética (Is 64:4).

Isso é shalom

Bem no final do seu livro *A Cidade de Deus*, santo Agostinho tenta abordar a questão de "qual será a atividade dos santos quando estiverem revestidos de corpos imortais e espirituais".¹⁵ De início, ele confessa que se sente "perplexo, incapaz de compreender a natureza dessa atividade". Mas depois ele chega à palavra *paz* para descrevê-la, e desenvolve a idéia de paz articulada à *visão* de Deus - utilizando, como também nós o fizemos, a fértil passagem de 1 Coríntios 13.

Assim, ele define a nossa "atividade" como a "visão beatífica". A eterna bem-aventurança da cidade de Deus é apresentada como um "sábado perpétuo". Em palavras tão belas que todos deveriam sabê-las de cor, diz ele: "Ali descansaremos e veremos, veremos e amaremos, amaremos e louvaremos. Isso é o que acontecerá no fim sem fim. Pois que outro fim nos propomos senão alcançar o reino que não tem fim?"

E, no entanto, apesar de toda a sua beleza e excelência, essas palavras para mim não parecem captar o estado de bem-aventurança da restauração de todas as coisas - do reino

instalado em sua perfeita plenitude. Repouso, sim. Mas não como quietude, passividade, eterna imobilidade. Antes, é paz como completitude, como plenitude de função, como a criatividade repousante mas infinda, aplicada na busca de uma ordem criada universal e cooperativa que continuamente se aproxima da ilimitada bondade e grandeza de sua origem, a personalidade trinitaria de Deus - sem no entanto jamais alcançá-la.

Isso, certamente, é o que Jesus quer dizer ao declarar: "Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci, e me sentei com meu Pai no seu trono. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas" (Ap 3:21-22).

NOTAS

Capítulo 1

1. Derek Bok, *The President's Report 1986-87* (Cambridge: Harvard University Press, 1987), pp. 2-3. Comparar com o último capítulo de *The Cost of Talent* (Nova York: Free Press, 1994), do mesmo autor.
2. "Point of View", de Robert Coles, *The Chronicle of Higher Education*, 22 de setembro de 1995, p. A68. A análise de Coles encontra eco em muitos e muitos comentaristas do nosso tempo. Em seu *The Revolt of the Elites and the Betrayal of Democracy*, Christopher Lasch examina em profundidade a nossa incapacidade contemporânea de cobrar responsabilidade das pessoas. Ele menciona com aprovação o fato de muitos comunistas defenderem uma atitude de compaixão por aqueles que precisam de auxílio, e depois acrescenta: "Mas é a nossa relutância em fazer exigências uns aos outros, muito mais do que a nossa relutância em ajudar os necessitados, que vem solapando a força da democracia hoje". (Nova York: W. W. Norton, 1995, p. 107.) Mas presentemente padecemos de algo muito pior do que "a ignorância moral de pessoas consideradas cultas", como Gordon Keith Chalmers disse algumas décadas atrás. (*The Republic and the Person*, Chicago, Henry Regnery Company, 1952, p. 4.) Padecemos do dogma intelectual de que no tocante ao que deve ser feito não há conhecimento nenhum, mas apenas sentimentos e pressões políticas. Nesse meio intelectual é psicológica e socialmente impossível cobrar responsabilidade dos outros ou até de nós mesmos. Só podemos gritar com eles, o que sem dúvida já fazemos.
3. John Maynard Keynes, *The General Theory of Employment, Interest, and Money* (Nova York: Harcourt Brace, 1964), p. 383.
4. Uma abordagem importante dessa questão, de um ponto de vista específico, é *Seven Men Who Rule the World from the Grave*, de Dave Breese (Chicago: Moody Press, 1990).
5. Ver abordagem dessa questão, com referência a esse livro, em *The Christian Faith in the Modern World*, de J. Gresham Machen (Grand Rapids: Eerdmans, 1968), pp. 95-97.
6. Paul Johnson, *A History of the Modern World from 1917 to the 1980s* (Londres: Weidenfeld and Nicolson), pp. 654-55.
7. Leão Tolstói, *A Confession, The Gospel in Brief and What I Believe*, traduzido por Aylmer Maude (Londres: Oxford University Press, 1958), p. 27.
8. Jaroslav Pelikan, *Jesus Through the Centuries* (New Haven, CT: Yale University Press, 1985), p. 1.
9. Esse número foi extraído do *International Bulletin of Missionary Research* (Janeiro de 1994), citado em *World Partners* (Fort Wayne, Indiana), uma publicação da Igreja Missionária (Missionary Church), p. 2. É claro que esses números variam e estão sujeitos a alguma margem de erro.
10. Frederick William Fáber, *All For Jesus: Or, The Easy Ways of Divine Love* (Baltimore: John Murphy, 1854), p. 13. Ver em Marcos 4:33 o método de Jesus ensinar "conforme o permitia a capacidade dos ouvintes".
11. Huston Smith, *Beyond the Post-Modern Mind* (Nova York: Crossroad, 1982), p. 191.
12. Hans Küng, *On Being a Christian*, traduzido por Edward Quinn (Garden City, NY: Doubleday, 1976), p. 383. Já perto do final da sua vida, Karl Barth relatou que "começou a pensar que Jesus era o profeta do reino e, mais tarde, veio a perceber que ele *era* o reino" (A. M. Hunter, *P T Forsyth* [Filadélfia: Westminster Press, 1974], p. 37). P. T. Forsyth escreveu: "Como Messias, Reino era uma palavra do Antigo Testamento que servia para encerrar o que ele [Jesus] trazia em si mesmo... O Evangelho do Reino era Cristo em essência; Cristo era o Evangelho do Reino em poder... Ele era a verdade do seu próprio e sublime Evangelho. O Reino está onde Jesus está. Aceitar a Jesus é garantir o Reino" (*ibid.*).

13. C. S. Lewis, *Mere Christianity* (Nova York: Macmillan, 1956), pp. 148s.
14. João Calvino, *Golden Booklet of the True Christian Life*, traduzido por Henry J. Van Andel (Grand Rapids: Baker Book House, 1977), p. 28.
15. Melvin Morse, *Closer to the Light* (Nova York: Villard Books, 1990), pp. 179s.
16. Frank Laubach, *Practicing His Presence* (Goleta, CA: Christian Books, 1976), p. 30.
17. *Ibid.*, p. 5.
18. Em seu *The Greatness of the Kingdom*, Alva McClain comenta: "Uma investigação geral do material bíblico indica que o conceito de 'reino' descortina uma situação abrangente que contém pelo menos três elementos essenciais: primeiro, um *soberano* com devida autoridade e poder; segundo, um *reino* de súditos a ser governados; e terceiro, o exercício efetivo da função de *soberania*" (Winona Lake, IN: BMH Books, 1987), p. 17.
19. Charles e. Ryrie, por exemplo, diz: "Mas o reino do céu não chegou durante a vida de Jesus porque as pessoas se recusaram a se arrepender para satisfazer as condições espirituais do reino" (*So Great Salvation: What It Means to Believe in Jesus Christ* [Wheaton, IL: Victor, 1989], p. 38). Essa pode ser considerada a interpretação preferida entre os cristãos conservadores e evangélicos neste século, até bem recentemente. Ver a visão mais finamente matizada de George Eldon Ladd (*The Gospel of the Kingdom* [Grand Rapids: Eerdmans, 1959], p. 123), que ultimamente vem sendo cada vez mais aceita. Ele tenta equilibrar os aspectos "imediatez" (agora) e "adiamento" (não ainda) do reino de Deus na apresentação do Novo Testamento. Um apanhado das concepções acadêmicas sobre o tópico do reino de Deus - sua natureza, presença e ausência, sem referência predominante ao ponto de vista evangélico - se encontra em *The Kingdom of God in the Twentieth Century*, organizado por Wendell Willis (Peabody, MA: Hendrickson, 1978).
20. e. H. Dodd, *The Parables of the Kingdom* (Nova York: Charles Scribners Sons, 1958), p. 44.
21. *Ibid.*, p. 50. Especialmente relevante para esse tema é o capítulo 6 de *The Life and Teaching of Jesus Christ*, de James S. Stewart (Nashville, TN: Abingdon, 1984). James Kallas faz um longo estudo dessas questões em seu *The Significance of the Synoptic Miracles* (Greenwich, CN: Seabury Press, 1961).

Capítulo 2

1. Ver *Christianity Today*, 21 de junho de 1993, p. 30.
2. *Christianity Today*, 24 de setembro de 1990, p. 17.
3. Helmut Thielicke, *The Trouble with the Church: A Call for Renewal* (Nova York: Harper and Row, 1965)» p. 3.
4. Mike Yaconelli, "The Terror of Inbetweenness", *The Door* 126 (novembro/dezembro de 1992), p. 36. Ao conceder permissão para usar as suas argutas palavras, Mike Yaconelli sugeriu que hoje talvez não diga as coisas exatamente do mesmo modo.
5. Ver também o intrigante artigo de Philip Yancey sobre Tolstói e Dostoiévski em *Christianity Today*, 17 de julho de 1995.
6. James Montgomery Boice, pastor da Décima Igreja Presbiteriana, Filadélfia, citado em *The Gospel According to Jesus*, de John F. MacArthur Jr. (Grand Rapids: Zondervan, 1988), p. xii.
7. Stephen Neill, 77»* *Difference in Being a Christian* (Nova York: Association Press, 1955), pp. 6, 11. O livro *How Are We Saved? The Understanding of Salvation in the Orthodox Tradition* (Minneapolis: Light and Life Publishing, 1996), do bispo Kallistos Ware, faz uma articulação clara e notável entre a interpretação ortodoxa grega da salvação e o ser cristão.
8. Na verdade, essa substituição tem como pano de fundo a "absorção da cristologia na soteriologia", na linguagem de Karl Barth. Há uma perda total de qualquer interesse cristológico na preocupação com a minha própria salvação ou com a salvação da sociedade. (Ver "Demythologization - Crisis in Continental Theology", de Peter Berger, em *European Intellectual History Since Darwin and Marx*, organizado por W. W. Wagar [Nova York: HarperTorchbooks, 1966], p. 255.) Os "Evangelhos da administração do pecado" supõem um Cristo desincumbido de outra obra de peso além da redenção da humanidade. À direita, eles favorecem os "cristãos-

vampiros", que só querem um pouco de sangue para os seus pecados, porém nenhuma relação a mais com Jesus até o céu, quando terão de se unir a ele. À esquerda, favorecem o farisaísmo de uma hipocrisia social mais ou menos brutal.

9. MacArthur, *Gospel According to Jesus*, p. 28.

10. Ryrie, *Go Great Salvation*, p. 40. Ver também Zane C. Hodges, *Absolutely Free!* (Grand Rapids: Zondervan, 1989). Ver, em *Balancing the Christian Life* (Chicago: Moody Press, 1969, p. 64 e *passim*), uma apresentação da visão de Ryrie sobre a santificação ou vida cristã, e o indispensável papel que a ação humana exerce nela.

11. Ryrie, *So Great Salvation*, p. 40.

12. *Ibid.*, p. 38.

13. *Ibid.*, p. 119.

14. *Ibid.*, p. 39.

15. James Findlay, *Church People in the Struggle: The National Council of Churches and the Black Freedom Movement, 1950-70* (Nova York: Oxford University Press, 1994). Ver a resenha de William McGuire King em *Christian Century*, 6 de abril de 1994, pp. 353-56.

16. William McGuire King, "Shadows of the Social Gospel: White Mainliners in the Civil Rights Struggle", *Christian Century*, 6 de abril, 1994, p. 353.

17. James Traub, "Can Separate Be Equal?", *Harpers Magazine*, junho de 1994, p. 37.

18. John A. T. Robinson, *But That I Can't Believe* (Londres: Collins-Fontana, 1967), p. 51. Convém notar que Robinson migrou para uma posição significativamente diferente em anos posteriores.

19. *Ibid.*, p. 51.

20. "An American Bishops Search for a Space-age God", entrevista com Christopher Wren, *Look Magazine*, 22 de fevereiro de 1966, p. 26.

21. William James, *Varieties of Religious Experience* (Nova York: The Modern Library, s.d.), p. 511. James se situa "entre os supranaturalistas do tipo mais crasso ou assistemático", que acreditam que os fatos diferem em alguns casos daquilo que seriam se um Deus pessoal não agisse neste mundo em favor dos que oram.

22. No *National Fórum* (o periódico Phi Kappa Phi), 74, n. 1, (inverno de 1994): 5.

23. Ari Goldman, *The Search for God at Harvard* (Nova York: Random House, 1991), p. 277.

24. Thomas e. Oden, *After Modernity . . . What?* (Grand Rapids, Zondervan, 1992), p. 119.

25. Esta e as duas referências seguintes foram extraídas de *The Coming Kingdom of the Messiah*, de A. F. Buzzard (Wyoming, MI: Ministry School Publications, 1988), pp. 14-16.

26. Buzzard, *Coming Kingdom*, p. 16n, segundo citação extraída de *The Expository Times*, outubro de 1977, p. 13.

27. Buzzard, *Coming Kingdom*, pp. 14-15, segundo citação extraída de *Church Growth and the Whole Gospel* (San Francisco: Harper and Row, 1981, p. 2), de Wagner.

Capítulo 3

1. Vladimir Nabokov, do seu conto "Beneficence", citado em *Books and Culture*, novembro/dezembro de 1995, p. 26.

2. Joan Beck, no *Daily News* (Los Angeles), 26 de novembro de 1995.

3. William Cowper. Essa é uma estrofe menos conhecida do seu famoso poema que começa com este verso: "Deus age de maneira misteriosa, Seus prodígios a realizar", número 68 em *The Methodist Hymnal* (Chicago: Methodist Publishing House, 1939).

4. John M'Clintock e James Strong, orgs., *Cyclopaedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature*, v. 3 (Nova York: Harper & Brothers, 1894), pp. 903-904.

5. Verbete "Céu" ("Heaven") na *Cyclopaedia* de M'Clintock e Strong (v. 4, pp. 122-27).

6. Sobre essa questão João Calvino faz um comentário incisivo, com referência a João 3:3 e 5 e à nossa passagem ao reino dos céus por meio de um novo nascimento: "Erra quem pensa que o Reino de Deus significa o Céu. É, antes, a vida espiritual, que começa pela fé já neste mundo e cresce diariamente conforme o contínuo progresso da fé" (João Calvino, *The Gospel According to St. John*, traduzido por T. H. L. Parker [Grand Rapids: Eerdmans, 1959], p. 63). O apóstolo Paulo diz objetivamente aos filipenses que "a nossa pátria está nos céus" (3:20).

7. Número 2, *The Broadman Hymnal*, 1940.

8. A maior parte das informações que tenho sobre Singh vem de um artigo inédito de Leonard W. Thompson, "Sadhu Sundar Singh - Man of Holiness, Man of India". Friedrich Heiler, famoso teólogo alemão, estudou diretamente a vida de Singh e escreveu um livro intitulado *The Gospel of Sadhu Sundar Singh* (Déli, Índia: Indian Society for Promoting Christian Knowledge, 1989).

9. Narrei a história do meu irmão mais velho, J. 1. Willard, em *In Search of Guidance* (HarperSanFrancisco/Zondervan, 1993), p. 42. Muitos livros contemporâneos, como os de John Wimber e de Agnes Sanford, narram acontecimentos semelhantes.

10. Ver as passagens que incluem a palavra "céus" no Antigo Testamento. Pondere especialmente Êx 29:43-46; Dt 33:26-27; lRs 8:27-61; 1Cr 6; 7:14-16; 16:9; 20:6, 15-17; 36:23; Ed 1:2-3; 7:23, 8:18-23; Ne 1:5; 2:4, 20; 9:6, 27-28; Is 63:15; 66:1; Dn 5; 6.

11. e. H. Dodd, *The Parables of the Kingdom* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1958), p. 34.

12. Em *The Meaning of Faith* (Nova York: Association Press, 1922), Harry Emerson Fosdick analisa magistralmente várias ininterpretações enganadoras de Deus, que fazem dele algo menor que aquela Pessoa que inteligente e deliberadamente preenche e transborda o espaço em que vivemos.

13. Emmanuel Levinas, *Totality and Infinity* (Pittsburgh, PA: Duquesne University Press, 1969).

14. *Julian of Norwich: Showings*, traduzido por Edmund Colledge e James Walsh (Nova York: Paulist Press, 1978), pp. 193-94.

15. Irmão Lawrence, 77?^ *Practice of the Presence of God* (Westwood, NJ: Fleming H. Revell, 1958), p. 58.

16. C. S. Lewis, *Out of the Silent Planet* (Nova York: Macmillan, 1975), p. 32.

17. Citado em *Christianity Today*, 15 de agosto de 1994, p. 40.

18. Por isso Frank Laubach acertadamente deu a um dos seus livros o título *Prayer: The Mightiest Force in the World* ("Oração: A Força Mais Poderosa do Mundo") (Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell, 1946). Isso porque a oração movimenta o poder do qual todos os outros poderes dependem.

19. William James, *The Principles of Psychology*, v. 2 (Londres, Macmillan, 1918), pp. 578-79. Esse trecho é muito semelhante ao início de *Foundations of the Metaphysics of Morals*, de Immanuel Kant, obra em que o autor afirma que o único valor moral é a boa vontade.

20. Essas, logicamente, são palavras de Paulo em lCo 15. Wilder Penfield, cientista vencedor do prêmio Nobel, explica: "É claro que, para sobreviver após a morte, a mente *precisa* estabelecer um vínculo com uma fonte de energia diferente da do cérebro. Se durante a vida (como algumas pessoas afirmam) é possível estabelecer uma comunicação direta com as mentes de outros homens ou com a mente de Deus, então é claro que uma energia exterior pode atingir a mente do homem. Nesse caso, não é insensato que o homem espere que após a morte a mente desperte para outra fonte de energia". Realmente. (Citado em Melvin Morse, *Closer to the Light* [Nova York: Ivy Books, 1990], p. 127.)

21. Aldous Huxley, *The Doors of Perception* (Nova York: Harper and Row, 1970), p. 62.

22. O "Rubaiyat of Omar Khayyam of Naishapur", quadra 72, traduzido por Edward Fitzgerald, em *British Poetry and Prose*, 3.* ed., organizado por Paul Lieder, Robert Lovett e Robert Root (Boston: Houghton Mifflin, 1950), v. 2, pp. 644-51. O "Rubaiyat" já apareceu em numerosas edições.

23. Vladimir Nabokov, citado em *Books & Culture*, novembro/dezembro de 1995. Sou extremamente grato a Larry Woiwode pela sua resenha de *The Stories of Vladimir Nabokov*, de onde foi tirada essa citação de Nabokov (e também a anterior). Obviamente aqui Nabokov não repete *Lolita*
24. Dietrich Bonhoeffer, *Life Together* (Nova York: Harper and Row, 1954), p. 13.
25. John Henry Newman, segundo citação extraída de *A Diary of Readings*, organizado por John Baillie (Nashville, TN: Abingdon Festival Books, 1978), p. 153-
26. Joseph Butler, *the Analogy of Religion to the Constitution and Course of Nature*, muitas edições. A citação é do "Advertisement" acres-centado à primeira edição; ver a edição dirigida por Joseph Angus (Londres: The Religious Tract Society, s.d.), p. xiv.
27. Um dos livros mais importantes para que nos compreendamos como cristãos no mundo ocidental de hoje é *The Soul of the American University* (Nova York: Oxford University Press, 1994), de George M. Marsden. Essa obra faz muito mais do que explicar simplesmente o que aconteceu às principais universidades americanas na sua fuga para a descrença. Esmiuça detalha-damente questões relativas às perspectivas do Evangelho cristão para o futuro descortinável.
28. Evelyn Waugh, *Brideshead Revisited* (Boston: Little, Brown, 1946), pp. 85s.
29. Rudolf Bultmann e Karl Jaspers, *Kerygma and Myth: A Theological Debate*, organizado por H. W. Bartische (Londres: S.P.e.K., 1957), p. 5. Ver crítica incisiva do ponto de vista de Bultmann e seus efeitos sobre a teologia em *Historical Criticism of the Bible: Methodology or Ideology?*, da sua ex-aluna Eta Linnemann, traduzido por Robert W. Yarbrough (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1990).
30. Obviamente há muitas questões nesse capítulo que reclamam uma análise mais aprofundada. Isso simplesmente não pode ser feito neste livro.

Capítulo 4

1. Quem estudar a vida dos grandes mestres da moral, ocidentais ou orientais, vai verificar que eles se preocupam com essas duas questões básicas. *A República*, de Platão, e *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, são dois bons pontos de partida, mas convém avançar até os grandes moralistas do período moderno, como Thomas Hobbes, John Locke, Immanuel Kant e John Stuart Mill. Nota-se entre os moralistas modernos que eles, com poucas exceções, respeitam muito a Jesus e reconhecem a sua autoridade, pois tentam inclusive identificar a sua própria teoria com os ensinamentos de Cristo. Uma descrição e avaliação historicamente correta dos efeiros históricos da vida e dos ensinamentos de Jesus sobre a moral teórica e prática se encontra em W. E. H. Lecky, *History of European Morais froyn Augustus to Charlemagne*, 3/ ed. revista (Nova York: D. Appleton, 1916), especialmente os capítulos 3 e seguintes. No início do século XX ainda não se achava esquisito que um professor de filosofia da Universidade Harvard concluísse uma aclamada série de palestras dizendo: "A ética é certamente o estudo de como a vida pode ser plena e rica, e não, como muitas vezes se imagina, como ela pode ser limitada e pobre. Essas palavras de Jesus... anunciando que ele viera para que os homens tivessem vida, e vida em abundância, são a declaração mais clara dos objetivos tanto da moralidade quanto da religião, da justiça terrena e celeste" (George Herbert Palmer, *The Field of Ethics* [Boston: Houghton Mifflin, 1929], p. 213). O fato de tal declaração representar hoje um suicídio profissional nos diz muito sobre a nossa condição presente.
2. Alfred Edersheim percebe com acerto que o tema do Sermão do Monte não é "nem a justiça nem a Nova Lei (se é que essa designação é correta para algo que não é Lei em nenhum sentido), mas aquilo de mais íntimo e proeminente na Mente de Cristo — o Reino de Deus. Convém notar que o Sermão do Monte não contém um ensinamento doutrinário detalhado ou sistemático, nem ensinamentos sobre rituais; tampouco prescreve a forma de cerimônias exteriores... Cristo veio para fundar um Reino, não uma Escola; para instituir uma fraternidade, não para propor um sistema. Para os primeiros discípulos, todo ensinamento doutrinário emanava da fraternidade

com Ele. Eles O viam e, portanto, criam... A semente da verdade que caiu nos seus corações foi para lá carregada da flor da Pessoa e Vida de Jesus" (*The Life and Times of Jesus the Messiah*, 3.^a ed., 2 v. [Grand Rapids: Eerdmans, 1953], v. I, pp. 528-29).

3. Foi um estudo comparativo das traduções publicadas de Mt 5:3, com algum auxílio de Steven Graves, que primeiro me alertou para o fato de que deveria haver alguma coisa terrivelmente errada na interpretação habitual das Bem-aventuranças de Jesus.

No seu inestimável estudo do Sermão do Monte, Robert Guelich distingue dois usos bíblicos da expressão "Bem-aventurados os...". Um deles Guelich considera ligado ao "culto da sabedoria", o outro a uma vertente "apocalíptico-profética". No primeiro caso, a bem-aventurança declarada é de fato fundada na condição mencionada, de modo que a condição é naturalmente entendida como parte da sabedoria. Esse uso certamente está presente no Novo Testamento (e.g., Mt 24:46; Lc 11:27-28; e Tg 1:12) e alhures. No segundo caso, segundo Guelich, "a bem-aventurança é uma declaração de futura justificação e recompensa. Vem como garantia e incentivo diante da tribulação" (*A Foundation for Understanding the Sermon on the Mount* [Dallas: Word Publishing, 1982], p. 65). Ele julga que "as Bem-aventuranças de Lucas são consideradas escatológicas, enquanto as de Mateus mais parecem pré-requisitos para entrar no Reino". Depois Guelich sugere que, na sua opinião, isso é só aparência.

O que a distinção feita por ele continua a desprezar, temo eu, é que nas Beatitudes de Jesus a bem-aventurança, seja relativa à sabedoria seja à libertação futura, vem não por causa da condição mencionada, mas precisamente apesar dela. Embora a equilibrção das coisas não seja estranha ao pensamento de Jesus (Lc 16:25), ser pobre, em bens espirituais ou terrenos, chorar, ser perseguido, etc. — nada disso é considerado por Jesus ou por outro autor do Novo Testamento como causa ou fundamento da bem-aventurança no reino.

Além disso, o elemento escatológico, embora certamente presente em casos óbvios, jamais é tido como exclusivo da bem-aventurança presente — em meio à confusão, por assim dizer. Para Jesus, os pobres, famintos, etc, são também bem-aventurados agora, pois a mão de Deus está neles agora. Veja, por exemplo, o constante testemunho pessoal de Paulo a esse respeito (At 16:25; 2Co 1:3-12, 4:8-18, 6:4-10; Fp 4:6-19; 1 Tm 6:6-8). É algo que pode nos deixar boquiabertos, mas a bem-aventurança é possível a todos agora, *independentemente* de qual seja a situação. Essa é a esperança do evangelho de Jesus — o que não vale de maneira nenhuma como desculpa para deixar de mudar situações que devem ser mudadas.

5. Edersheim, *Life and Times*, p. 529.

4. Largamente popular, a Bíblia de Estudo Scofield é famosa há bastante tempo por assumir a posição dispensacionalista. A conseqüente postura em relação às palavras de Jesus é expressa com clareza numa nota de pé de página relativa a Mt 5:6 na Nova Edição Padrão Americana de 1988. Ali lemos o seguinte: "No Sermão do Monte, Cristo estabelece o perfeito parâmetro de justiça exigido pela lei (ver 5:48), demonstrando assim que todos os homens são pecadores, incapazes de se elevar ao parâmetro divino, e que, portanto, a salvação pelas obras da lei é uma impossibilidade". Concluímos então que Cristo é mais duro que Moisés. O seu ser superior lhe permite exercer ainda mais pressão sobre a incapacidade humana e, espera-se, aumentar a garantia de que os homens desistirão. Assim, a interpretação paradigmática do ensinamento paulino de que "a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé" (Gl 3:24) é esta: ela o faz unicamente nos forçando a conhecer a nossa desesperada necessidade.

Estranhamente, a nota seguinte de Scofield ao Sermão do Monte afirma o seguinte: "Embora a lei expressa no Sermão do Monte não possa salvar pecadores (Rm 3:20), e embora os remidos da era atual não estejam sujeitos à lei (Rm 6:14), ainda assim a lei mosaica e o Sermão do Monte fazem parte da Sagrada Escritura inspirada por Deus, sendo, portanto, úteis para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça (2Tm 3:16) dos remidos de todas as eras". Não fica claro como isso deve se dar. Sem dúvida pressupõe-se a distinção, vista no capítulo 1, entre a salvação e a vida cristã.

7. A opinião dos estudiosos se divide quanto à hipótese de Lucas 6 nos dar um sermão diferente de Mateus 5-7. Ver em Alfred Plummer, *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Luke* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1964), pp. 176ss., um resumo de opiniões a respeito da relação entre essas duas passagens.

8. "Come, Ye Disconsolate", hino número 327 em *The Modern Hymnal* (Dallas: Broadman, 1926).

Capítulo 5

1. H. Lecky, *History of European Morals from Augustus to Charlemagne*, 3.^a ed. revisada (Nova York: D. Appleton, 1916), p. 338.

2. Michael Grant, *Jesus: An Historian's Review of the Gospels* (Nova York: Charles Scribners Sons, 1977), p. 1.

3. Clarence Bauniau, *The Sermon on the Mount: The Modern Quest for its Meaning* (Macon, GA: Mercer University Press, 1985), pp. ix, 3. As palavras de Bauman caracterizam de forma pungente a situação atual: "O Sermão do Monte é um enigma para a consciência moderna. Muitas mentes iluminadas admiram o que ele diz sem afirmar o que significa.

Supõem, embora pesarosamente, que a mensagem do sermão não se aplica à vida contemporânea e que a ética de Jesus é, portanto, essencialmente irrelevante - uma impossibilidade bela e irresistível, uma conspiração que garante o nosso fracasso. Percebi pela primeira vez esse dilema ainda criança, quando ponderei - numa pintura de Schnorr von Carolsfeld, *Die Bergpredigt* - a expressão perplexa do soldado romano que, sentado, ouvia calado a Jesus por trás da multidão, sem no entanto deixar de segurar com firmeza a sua espada. Para decepção minha, mais tarde descobri o quanto essa perplexidade está difundida e arraigada em toda a cristandade" (p. xi).

4. Tertuliano, "The Prescriptions Against the Heretics", subseção 7, em *Early Latin Theology*, organizado por S. L. Greenslade, volume 5 de *The Library of Christian Classics* (Filadélfia: Westminster Press, 1956), p. 36.

5. O leitor encontra um retrato mais realista do mundo em que Jesus viveu e serviu no excelente livro de Richard A. Batey, *Jesus and the Forgotten City: New Light on Sepphoris and the Urban World of Jesus* (Grand Rapids: 1991).

6. Dietrich Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship*, citado em *Disciplines for the Inner Life*, de Bob Benson e Michael W. Benson (Nashville: Generoux/Nelson, 1989), p. 127. Ver também as primeiras três linhas da p. 43 da *Ethics* de Bonhoeffer, traduzida por Neville Horton Smith (Nova York: Macmillan Collier Books, 1986): "É evidente que a única conduta correta dos homens perante Deus é fazer a Sua vontade. O sermão do monte existe para ser cumprido (Mt 7:24ss.). Só no fazer pode haver submissão à vontade de Deus".

7. Novamente Bonhoeffer: "O erro dos fariseus, portanto, não residia na sua insistência extremamente estrita na necessidade da ação, mas sim no fato de eles mesmos não agirem. Ties dizem e não fazem!" (*Ethics*, p. 43). Pior, eles *não pretendiam* obedecer e concebiam maquinações elaboradas para parecer esforçados na busca da justiça, enquanto por dentro eram profundamente contrários à lei de Deus e ao coração de Deus. Jesus por fim responde à sua impiedade profunda e inflexível com um diagnóstico contundente da sua verdadeira condição. (Ver Mt 15:3-14; Lc 11:17-12:5; e Mateus 23, inteiro.)

8. A respeito disso, ver a excelente "Introduction" à *World Bible*, organizada por Robert O. Bailou (Nova York: Viking Press, 1970).

9. Ver as penetrantes discussões de David Hume sobre o ódio, a ira e o desprezo no seu *Treatise of Human Nature*, livro 2, seções vi-x. Ainda hoje são iluminadoras, após mais de duzentos anos.

10. Ver o recente e excelente estudo empírico de Redford e Virgini Williams, *Anger Kills* (Nova York: HarperCollins Publishers, 1994). Esse tipo de obra faz-se extremamente necessário para inverter a persistente tendência que temos de nos entregar à ira, de tratá-la como algo bom, até de cultivá-la.

11. "ABC Morning News", 15 de março de 1996.
12. Cornei West, "NBC News", 2 de junho de 1996.
13. C. S. Lewis, *The Weight of Glory and Others Addresses* (Grand Rapids: Eerdmans, 1973), p. 58.
14. Eduard Schweizer, *The Good News According to Matthew*, traduzido por David E. Green (Atlanta: John Knox Press, 1975), p. 119.
15. Existe uma profunda sabedoria sobre o "olhar" preservada em numerosas tradições cristãs. Ver, por exemplo, o que diz *A Regra de Santo Agostinho* (muitas edições) sobre o "olhar" e como ele deve ser tratado comunitariamente.
16. Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, livro 2, capítulo 6.
17. Thomas Oden faz um comentário incisivo sobre a "incapacidade da modernidade em compreender o casamento como o sinal mais transparente do fracasso da consciência moderna, mas... também sobre o fracasso das amizades e o fracasso da política. Onde quer que eu olhe na esfera das relações humanas, vejo a incapacidade dos valores relativizados, naturalistas, narcisitas, em nutrir e sustentar as relações entre as pessoas e o amor cristão responsável... A recente história do divórcio é o sinal-chave da incapacidade da modernidade em sustentar a responsabilidade cristã na esfera das relações humanas... [A modernidade transformou o casamento] num cálculo hedonista momentâneo que pode ser rejeitado com tanta leviandade quanto a que vigorou na hora de firmá-lo" *{After Modernity... What?}* (Grand Rapids: Zondervan, 1990), pp. 195-96.
18. Ver Dallas Willard, *The Spirit of the Disciplines* (San Francisco: Harper & Row, 1988), p. 141.
19. No início da reflexão séria sobre a ética na Grécia, o problema que se apresenta é: por que é melhor fazer o certo se a pessoa pode fazer o errado sem ser pega? Ver a história de Gíges em *A República* de Platão, livro 2. Sócrates (e Platão) elaboram a resposta em termos do tipo de pessoa que você se torna, daquilo que você é independentemente de alguém sabê-lo. Quem é você, quem é a pessoa que você reconhece ser, e será que você ficará satisfeito se conseguir praticar o mal sem ser pego?
20. Ver o verbete "Divórcio" ("Divorce") na *Cyclopaedia of Biblical, Theological, and Ecclesiastical Literature*, organizada por John M'Clintock e James Strong (Nova York: Harper & Brothers, 1894), pp. 839-44.
21. Sobre essa pesquisa, ver uma excelente introdução em Robert Karen, *Becoming Attached* (Nova York: Warner Books, 1994).
22. O Evangelho de Marcos, escrito mais para os meios gentios, onde, pelo menos em alguns círculos, não era tão incomum a mulher se divorciar do marido, deixa claro que esse tópico se aplica tanto às mulheres quanto aos homens (Mc 10:12).
23. Uma tendência importante da recente teoria ética tenta fundar as normas morais inteiramente nas condições de possibilidade de comunicação entre seres livres racionais. Karl-Otto Apel e Jürgen Habermas são nomes destacados nessa tendência. Ver *The Communicative Ethics Controversy*, de Seyla Benhabib e Fred Dallmayr (Cambridge: MIT Press, 1990).
24. Bertrand Russell, *A History of Western Philosophy* (Bloomfield, NJ: Simon and Schuster, 1945), p. 579.
25. Stuart Hampshire, "The Loneliness of the Long Distance Runner", *The New York Review of Books*, 28 de novembro de 1996, pp. 39-41. Ver citações na p. 41.

Capítulo 6

1. Ver o excelente verbete "Hipocrisia" ("Hypocrisy"), de Eva F. Kittay, em *Encyclopedia of Ethics*, organizada por Lawrence C. Becker, 2 v. (Nova York: Garland, 1992), v. 1, pp. 582-87.
2. *Jesus and the Forgotten City: New Light on Sepphoris and the Urban World of Jesus*, de Richard A. Batey (Grand Rapids: Baker Book House, 1991), pp. 83ss., 213.

3. Clyde H. Reid, *The God Evaders* (Nova York: Harper & Row, 1966), p. 41 e todo o capítulo 4, no qual o autor tem coisas muito notáveis a dizer sobre como a motivação inconsciente opera no plano coletivo no sentido de reduzir congregações a associações totalmente superficiais.

4. *The God Evaders*, p. 19.

5. Tolstoi, *Minha Confissão*.

6. Como já enfatizamos antes, o pensamento ético contemporâneo se debate em vão no sentido de alcançar acordo a respeito de qualquer razão conclusiva para condenar as mais vis das atrocidades humanas.

7. Ver Ronald A. Wells, *History Through the Eyes of Faith* (San Francisco: HarperSanFrancisco, 1989), pp. 238-39.

8. Ver os dados assombrosos nas duas excelentes edições de *Christianity Today* de julho e agosto de 1996.

Capítulo 7

1. CS. Lewis, *The Four Loves* (London: Collins, 1960), pp. 42-43.

2. Simon Tugwell, org., *Early Dominicans: Selected Writings* (Nova York: Paulist Press, 1982), pp. 83-85.

3. Agostinho, *A Cidade de Deus*, livro 19, capítulo 14.

4. Emily Dickinson, "The Soul Selects Her Own Society", em *A Pocket Book of Modern Verse*, organizado por Oscar Williams (Nova York: Washington Square Press, 1970), p. 77.

5. e. F. Bertrand Russell, "The Free Mans Worship", etc., sobre o desespero como fundamento da vida moral.

6. Bonhoeffer, *Life Together* (Nova York: Harper & Row, 1954), pp. 30-31.

7. Trueblood, *The Humor of Jesus* (1964; reimpressão, San Francisco: HarperSanFrancisco, 1990).

8. C. S. Lewis, da sua palestra sobre "Trabalho e Oração" ("Work and Prayer"), em *God in the Dock* (Grand Rapids: Eerdmans, 1970), p. 107.

9. Mas acho que será proveitoso mencionar alguns livros sobre a oração que se revelaram tremendamente úteis para multidões, e também para mim. Se forem cuidadosamente estudados ao lado da Bíblia, e especialmente se forem estudados num pequeno grupo de discípulos afinados entre si e concentrados na prática, certamente forralecerão bastante a nossa compreensão das realidades do Reino no Meio de Nós. Os livros listados nos mostram como viver a nossa vida *real* em oração eficaz. Os livros que tenho em mente são: *Prayer: The Mightiest Force in the World e Game with Minutes*, de Frank Laubach; *Prayer — Asking and Receiving*, de John R. Rice; *Prayer*, de George Buttrick; e *Prayer: Finding the Hearts True Home*, de Richard J. Foster. Se a meta é alcançar maior compreensão e crescimento espiritual, o melhor é não ler muitos livros. Como observa oportunamente Richard Foster, "É melhor achar algumas obras espirituais básicas e beber delas até que elas o tenham moldado" (p. 153). E essas cinco obras são simplesmente excelentes, saudáveis, fortes.

Um dos motivos que as fazem tão úteis e apropriadas é o fato de terem sido escritas por *praticantes*. Os autores escrevem a respeito do que conhecem por experiência própria. Isso também explica por quê, embora profundas, não são difíceis de ler. O domínio prático permite à pessoa falar com clareza e simplicidade do que é tão profundo quanto a própria realidade.

Os livros de Laubach são republicados na edição da Heritage Collection de *Frank e. Laubach: Man of Prayer* (Syracuse, NY: Laubach Literacy International, 1990). Como essas obras são difíceis de adquirir pelos "meios usuais", incluo aqui um endereço postal: 1320 Jamesville Avenue, Box 131, Syracuse, NY 13210. Os dois livros mencionados foram publicados anteriormente em muitas edições.

10. A respeito desse admirável homem de oração, ver Norman Grubb, *Rees Howells Intercessor* (Fort Washington, PA: Christian Literature Crusade, 1980); Francis McGaw, *John Hyde* (Minneapolis: Bethany House, 1970); e Basil Miller, *Praying Hyde: A Man of Prayer* (Grand Rapids: Zondervan, 1943).
11. Kathleen Norris apresenta uma visão nova e vitalmente revigorante de Salmos em "Why the Psalms Scare Us", *Christianity Today*, 15 de julho de 1996, pp. 19-24.
12. Sobre serem os quarks fonte de tudo, ver J. C. Polkinghorne, *The Quantum World* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1985) e *The Faith of a Physicist* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994). Com referência específica ao cérebro e à mente, ver John Scarle, "The Mystery of Consciousness", em duas partes, *New York Review of Books*, 2 de novembro de 1995, pp. 61-66, e 16 de novembro de 1995, pp. 54-61.
13. William R. Parker e Elaine St. Johns, *Prayer Can Change Your Life* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1957).
14. Larry Dossey, *Healing Words* (San Francisco, HarperSanFrancisco, 1993). Sobre o estudo de Byrd, ver especialmente pp. 90 e 179-86.
15. Com relação a isso, convém estudar, com meticulosidade mas prudência, o livro *The Latent Power of the Soul*, de Watchman Nee (Nova York: Christian Fellowship Publishers, 1972). Também o meu *In Search of Guidance*.
16. Ver Platão, *As leis*, livro 10 (paginação de Stephanus, p. 885).
17. Ver a análise de Norman Kemp Smith, organizador, na sua introdução a *Hume's Dialogues Concerning Natural Religion* (Nova York: Social Sciences Publishers, 1948), pp. 22-23.
18. James Gilchrist Lawson, *Deeper Experiences of Famous Christians* (Anderson, IN: Warner Press, 1981), p. 100.
19. Walter Trobisch, *Martin Luther's Quiet Time* (Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 1975), pp. 3-4.
20. Ibid.
21. Tugwell, *Early Dominicans*, pp. 96-103.
22. O leitor que quiser dar uma seqüência bem proveitosa a essas idéias pode ver o livrete *Kingdom Mercy: Living in the Power of Forgiveness* (Ann Arbor, MI: Servant Publications, 1987), de John Wimber.
23. Michael Shevack e Jack Bemporad, *Stupid Ways, Smart Ways, to Think About God* (Ligouri, MO: Triumph Books, 1993), pp. 17s.

Capítulo 8

1. Meu livro *In Search of Guidance: Developing a Conversational Relationship with God* (HarperSanFrancisco/Zondervan, 1993) é dedicado a ajudar as pessoas a entender a vida de ouvir a Deus.
2. O capítulo 8 de *The Mysticism of Paul the Apostle*, de Albert Schweitzer, traduzido por William Montgomery (Nova York: Henry Holt, 1931), pp. 160-76, é inestimável até hoje. Ver especialmente as páginas 164-70. Ver também *A Man in Christ*, de James Stewart (Nova York: Harper & Brothers, 1935).
- 3- Aqui, como na maior parte deste livro, não quero entrar em questões mais profundas e eruditas. Mas a questão do discipulado e a base textual que nos permite compreendê-la são tão importantes que preciso remeter o leitor a dois livros exaustivos e autorizados de Michael J. Wilkins: *The Concept of Disciple in Matthews Gospel* (Nova York: E. J. Brill, 1988) e *Following the Master: Discipleship in the Steps of Jesus* (Grand Rapids: Zondervan, 1992). São livros excelentes, e as suas bibliografias sem dúvida nenhuma levam o leitor à profundidade que ele desejar ao mergulhar no tema. As tensões subjacentes descem a

níveis muito profundos. Até já ouvi alguém argumentar que, como a palavra *discípulo* não ocorre após o livro de Atos, não devemos mais fazer ou ser discípulos!

4. É comum concentrar o trabalho de fazer discípulos junto aos que já são cristãos. Além disso, a evangelização hoje não se preocupa diretamente, segundo me parece, em fazer das pessoas discípulos. Ver o meu estudo dessa questão em *Christianity Today*, 10 de outubro de 1980, sob o título "Discipleship: For Super-Christians Only?"; o artigo também está incluído como o apêndice 2 no meu *Spirit of the Disciplines*, pp. 258-65.

5. Irmão Lawrence [Nicholas Herman], *The Practice of the Presence of God* (Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell, 1974), pp. 23-24.

6. Sobre essas questões, ver a análise que John Cotton faz da "Vocação Cristã" ("Christian Calling") em *Spiritual Foundations for Leadership*, Os Guinness (org.), Burke, VA: The Trinity Forum, 1995, pp. 1-14 até 1-17. O significado do sacerdócio dos crentes na Reforma original era que todo crente é sacerdote em toda ocupação ou vida que tenha, não só que cada crente está capacitado para fazer coisas especialmente *religiosas*.

7. William Law, *A Serious Call to a Devout and Holy Life* (Nova York: Paulist Press, 1978), p. 57.

8. *Ibid.*, pp. 56-57.

9. *Ibid.*, p. 57.

10. Ver excertos da obra de Eusébio, *Demonstrations of the Gospel*, em *Spiritual Foundations for Leadership*, op. cit., pp. 1-10 até 1-11.

11. Henri J. M. Nouwen, *The Way of the Heart* (Nova York: Ballantine Books, 1981), p. 10.

12. Para qualquer um que sinta uma vocação especial para fazer discípulos hoje, as palestras 9, 10 e 11 das *Reviva! Lectures* de Charles G. Finney (Fleming H. Revell, s.l., s.d.) serão imensamente úteis. São um tanto datadas pelas opiniões e movimentos mencionados, mas no essencial têm sabor atualíssimo. Finney tinha uma profunda compreensão teórica e prática de como a crença rege a ação e de como a verdade pode ser utilizada eficazmente para mudar a crença. E ele também entendia que essa obra só pode ser realizada para fins cristãos em cooperação com o espírito de Jesus.

Capítulo 9

1. Alister McGrath, *Beyond the Quiet Time* (Grand Rapids: Baker Books, 1995), p. 5.

A necessidade inescapável é que os indivíduos alcancem compreensão e intuição próprias da realidade de Deus, do domínio de Deus, das suas próprias almas. O pensador oitocentista John Stuart Mill, que não foi exatamente um defensor do cristianismo, ressalta com acerto as conseqüências que se colhem quando a ativa compreensão individual das verdades de Jesus acaba prejudicada por causa do modo como elas são apresentadas: "As palavras dele, cujo discurso era em linguagem figurada e em parábolas, foram moldadas e petrificadas em *fórmulas* inanimadas e inflexíveis. Jesus foi comparado a um lógico que moldasse uma regra que valesse para todos os casos, prevendo todos os possíveis subterfúgios, em vez de (uma regra) ... cujo objetivo fosse purificar e espiritualizar a mente, de modo que, com a orientação da pureza dessa regra, suas próprias luzes bastariam para encontrar a lei da qual ele apenas forneceu o espírito, e sugeriu o alcance geral... (Portanto) ... a religião, em vez de um espírito que permeia a mente, torna-se uma crosta que a envolve, mas que não penetra a empedernida massa interior, apenas manrendo afastados os raios de luz preciosa ou de calor genial que por acaso tenham vindo de outro lugar qualquer". De uma carta, "On Genius" (*Autobiography and Literary Essays*, organizado por John M. Robson e Jack Stillinger [Toronto: Toronto University Press, 1981], p. 337). O entendimento que tinha Mill acerca do mal causado à religião quando não se consegue estimular a própria intuição e compreensão do crente está profundamente correto, e deve ser respeitado na prática por qualquer pessoa que espere

transformar as "informações" cristãs no sólido fundamento de uma vida de imitação de Cristo.

3. Santo Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, pane II, pane II, questão 27, artigos 2 e 3; p. 1300 de *Summa Theologica*, traduzido pelos padres dominicanos, 5 v. (Westminster, MD: Christian Classics, 1981).

4. Emily Dickinson, "The Soul Selects Her Own Society", em *A Pocket book of Modern Verse*, organizado por Oscar Williams (Nova York: Washington Square Press, 1970), p. 77.

5. Como os famosos 12 passos do A.A. são, fora do A.A., mais comentados do que de fato estudados, será útil apresentá-los por inteiro aqui:

1. Admitimos que éramos impotentes contra o álcool - que tínhamos perdido o domínio sobre as nossas vidas.

2. Passamos a crer que um Poder maior do que nós poderia nos restaurar a sanidade.

3. Tomamos a decisão de entregar a nossa vontade e a nossa vida aos cuidados de Deus, *na forma em que O concebíamos*.

4. Fizemos um exame de consciência e um destemido inventário moral de nós mesmos.

5. Admitimos a exata natureza dos nossos erros perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano.

6. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus eliminasse todos esses defeitos de caráter.

7. Humildemente, pedimos a Ele que nos livrasse das nossas imperfeições.

8. Fizemos uma relação de todas as pessoas que prejudicamos, e assumimos o propósito de reparar os males que lhes causamos.

9. Fizemos, sempre que possível, reparações diretas dos danos causados a essas pessoas, exceto quando fezê-lo implicasse prejudicá-las ou a outrem.

10. Continuamos a fazer o inventário pessoal, e quando estávamos errados, prontamente o admitíamos.

11. Procuramos pela oração e pela meditação aprimorar o nosso contato consciente com Deus, *na forma em que O concebíamos*, pedindo em oração apenas conhecer a Sua vontade em relação a nós e a força para executá-la.

12. Tendo experimentado um despertar espiritual como conseqüência desses passos, tentamos levar essa mensagem aos alcoólicos, e pôr em prática esses princípios em todas as nossas atividades.

De *Alcoholics Anonymous*, 3.^a ed., Nova York: Alcoholics Anonymous World Services, Inc., 1976, pp. 59-69.

Comparado com isso, é fácil ver o quanto é superficial o cristianismo de consumo de hoje. Imagine, por outro lado, participar de uma Igreja ou assembléia de cristãos em que esses 12 passos sejam aplicados sem ligação específica com o álcool.

6. Ver excelente estudo sobre essa questão em *Toward a Phenomenology of Conscientious Action and a Theory of the Practicality of Reason*, de G. B. Wyner, dissertação inédita, 2 v., University of Southern California, maio de 1988.

7. Ver os capítulos de William James sobre a vontade em *Principles*. O colega de James em Harvard, Josiah Royce, disse o seguinte: "O único ato moral livre possível é a concentração nas idéias já presentes do Dever. Pecar é *conscientemente decidir esquecer*, por meio de um estreitamento do campo da atenção, um Dever que a pessoa já reconhece. Pois embora eu não possa evitar agir de acordo com o Dever desde que eu o conheça claramente, posso pela *desatenção* voluntária decidir livremente esquecê-lo". *The World and the Individual*, v. II (Nova York: Dover Publications, 1959), p. 359.

8. Ver o meu ensaio "Language, Being, God, and the Three Stages of Theistic Evidence" em *Does God Exist*, organizado por J. P. Moreland e Kai Nielsen, Nashville: Thomas Nelson, 1990, pp. 196-217. Reeditado na sua essência em *Contemporary Perspectives on Religious Epistemology* (Nova York: Oxford University Press, 1992), pp. 212-24.

9. *The Moral Discourses of Epictetus*, traduzido por Elizabeth Carter (Londres: J. M. Dent & Sons, 1911), p. 35. Epicteto deixou vários ensaios

curtos sobre a "Providência", bem como sobre ser Deus o Pai da humanidade - a maioria contida nesse volume.

10. William Wordsworth, "Lines Composed a Few Miles Above Tintem Abbey", em *British Poetry and Prose*, 3.^a ed., 2 v., organizado por Paul Lieder, Robert Lovett e Robert Root (Boston: Houghton Mifflin, 1950), v. 2, p. 19. Para explorar mais essa idéia tão importante, ver a abordagem de Norman Kemp Smith sobre como a natureza funciona no nosso conhecimento do criador, na sua palestra na Academia Britânica intitulada "Is Divine Existence Credible?" (reimpressa em *The Credibility of Divine Existence: The Collected Papers of Norman Kemp Smith* [Londres: Macmillan, 1967], pp. 375-97).

11. A discussão técnica do "Desígnio Inteligente" na natureza atravessa hoje uma "fervura" empolgante e intelectualmente proveitosa. Ver Michael J. Behe, *Darwin's Black Box* (Nova York: The Free Press, 1996).

12. Brennan Manning, *Abba's Child* (Colorado Spring, CO: Navpress, 1994), pp. 186-87.

13. Omer Englebert, *Saint Francis of Assisi: A Biography* (Ann Arbor, MI: Servant Books, 1979), p. 123.

14. Para os conhecedores e interessados nesses debates, não temos em mente aqui a "erradicação da natureza pecaminosa", tampouco chegar a uma posição em que nos seja impossível pecar. Estamos falando da formação do eu interior à semelhança de Cristo, para que façamos corriqueiramente o que ele faria se estivesse no nosso lugar. Repito que a questão não é a perfeição - não ter mais espaço para aprimoramento na nossa conformidade a Cristo.

15. Sobre "moral" e necessidade "metafísica", ver o verbete sobre "necessidade" ("necessity") em M'Clintock e Strong, *op. cit.*, v. VI, pp. 903-4.

16. Hannah Arendt acompanhou o julgamento de Eichmann e escreveu sobre a banalidade do mal. Eichmann era um homem absolutamente *comum*. Muitos ficaram irritados com ela. Queriam que ele, Eichmann, fosse um monstro. Mas ela estava certa. A magnitude do mal *perpetrado* é resultado de circunstâncias que tiraram proveito dos hábitos comuns dos seres humanos mergulhados nessas circunstâncias.

17. É necessariamente bastante breve a análise que aqui apresento das disciplinas para a vida espiritual no reino de Jesus. Ver uma análise mais aprofundada especialmente em *Celebration of Discipline*, de Richard Foster, 2.^a ed. (San Francisco: Harper Collins, 1978), e a excelente bibliografia que o livro traz. Ver também meu *The Spirit of the Disciplines* (San Francisco: Harper Collins, 1988) e uma abordagem histórica em *Christian Spirituality*, 3 v. (Nova York: Crossroad, 1987-91). Sobre as disciplinas espirituais no contexto de uma cultura global, ver *Spiritual Disciplines; Papers from the Eranos Yearbooks*, organizado por Joseph Campbell (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1960).

18. A minha "lista modelar" divide assim as disciplinas:

DISCIPLINAS DE ABSTINÊNCIA

Solitude
Silêncio
Jejum
Frugalidade
Castidade
Retiro
Sacrifício
Vigília

DISCIPLINAS ATIVAS

Estudo
Adoração
Celebração
Serviço
Oração
Fraternidade
Confissão
Submissão

As disciplinas de abstinência servem para enfraquecer ou anular a força das atividades da vida que tentam nos afastar do nosso envolvimento no reino de Deus, e as disciplinas ativas servem para nos fazer mergulhar cada vez mais fundo nesse reino. O que significa cada prática é razoavelmente óbvio, e não podemos aqui detalhá-las nem mostrar como devem ser praticadas. Tratei do assunto com certa profundidade no meu livro *The Spirit of*

the Disciplines, e *Celebration of Discipline*, de Richard Foster, vai ainda mais fundo, especialmente no tocante aos aspectos práticos de cada disciplina.

O importante é enrender que, quem pretende estruturar um plano de vida voltado ao crescimento espiritual, deve necessariamente praticar certas disciplinas - e sem dúvida algumas das relacionadas acima. Qualquer pessoa que compreenda isso e procure o auxílio de Jesus e seu povo certamente encontrará o que precisa.

19. Em *Pensees*. Ver p. 214 de *Pascal Selections*, organizado por Richard H. Popkin (Nova York: Macmillan, 1989).

Capítulo 10

1. Ver a brilhante exposição ficcional dessa concepção de consciência na peça *The Wall* de Jean-Paul Sartre (em *Existentialism from Dostoevsky to Sartre*, organizado por Walter Kaufmann [Nova York: Meridian Books, 1982], e também em muitas outras coletâneas). Ele exprime ali, numa forma de fácil compreensão, a concepção de consciência que tem sido diligentemente elaborada nas tendências fenomenológicas da filosofia recente.

2. George MacDonald, *Dairy of an Old Soul* (Minneapolis: Augsburg, 1996), p. 30.

3. Ver um desenvolvimento mais profundo desse ponto vital no excelente livro de Peter Beyerhaus, *God's Kingdom and the Utopian Error* (Wheaton, IL: Crossroad Books, 1992).

4. Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, livro 19, parágrafo 17.

5. Ver análises definitivas dessas questões em Paul Davies, *The Mind of God: The Scientific Basis for a Rational World* (Nova York: Simon & Schuster, 1992), e John Polkinghorne, *The Faith of a Physicist* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994).

6. A respeito dessa questão vital e tão mal compreendida, convém consultar as obras de Edmund Husserl, especialmente o seu *Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology*, traduzido por David Carr (Evanston, IL: Northwestern University Press, 1970). Ver também Philip Johnson, *Reason in the Balance* (Downers Grove, IL, 1995).

7. *The Modern Hymnal* (Nashville: Broadman, 1926), número 13, e também em muitas outras coletâneas.

8. Na sua profunda palestra sobre "O Peso da Glória" ("The Weight of Glory"), C. S. Lewis nos lembra que jamais vimos uma pessoa "comum". Não é fácil se manter consciente desse ponto crucial. G. K. Chesterton diz em algum lugar que a coisa mais difícil de acreditar na religião cristã é o valor infinito que ela atribui a cada pessoa. Logicamente, a magnitude do nosso destino eterno ao mesmo tempo depende disso e deixa isso claro.

9. "O desejo de significado é de fato uma necessidade específica não redutível a outras necessidades, e está em maior ou menor grau presente em todo ser humano" (Viktor E. Frankl, *The Unheard Cry for Meaning* [Nova York: Washington Square Press, 1985], p. 33). Esse livro, além de outras obras de Frankl, demonstra inequivocamente que a natureza humana tem uma exigência ou necessidade fundamental de significado.

10. Platão, *Fédon*, paginação de Stephanus 107c (muitas edições).

11. John Hick, *The Center of Christianity* (San Francisco: Harper & Row, 1978), p. 106.

12. Em *British Poetry and Prose*, 3.^a ed., organizado por Paul Lieder, Robert Lovett e Robert Root (Boston: Houghton Mifflin, 1950), p. 704. Faz lembrar o dilema de Hamlet: "Dormir. Talvez sonhar. Sim, eis aí a dificuldade".

13. Hick, *Center of Christianity* p. 112.

14. MacDonald, *Dairy of an Old Soul*, p. 32.

15. Agostinho, *A Cidade de Deus*, livro 22, parágrafo 29.



Bíblia: teoria ou prática para a vida?

O impacto do cristianismo tem sofrido um enfraquecimento devido à irrelevância prática da efetiva obediência a Cristo. Assim também a fé tem sido desconsiderada pelo cristão no processo de desenvolvimento do caráter individual.

O fato mais extraordinário é que o cristão contemporâneo não compreende Jesus e suas palavras como realidade e como instrumento vital para o seu dia-a-dia. "A presumida familiaridade [com Jesus] tem levado ao desconhecimento, o desconhecimento ao desdém, e o desdém a uma profunda ignorância", afirma Dallas Willard. Jesus conquistou o mundo antigo não com fantasias ou sonhos irrealizáveis, mas com vida, e em seu sentido mais profundo. Ele trouxe princípios relevantes e aplicáveis não só às questões mais cruciais da sociedade da época, mas da sociedade atual. São princípios imutáveis e atemporais.

O autor convoca o cristão moderno a uma fé mais autêntica e apresenta um plano prático para que ele se torne semelhante a Cristo. Willard o instiga a deixar de lado as políticas e as beatices da prática cristã contemporânea e o estimula a rejeitar a comuníssima fé morna dos tempos modernos, abraçando o verdadeiro significado do discipulado cristão.

A eternidade já está em curso, e nela todo ser humano navega, quer goste quer não. O futuro, por mais longe que pareça estar, é uma extensão natural da fé e da vida que se vive hoje, agora.

MC
mundocristão



Espiritualidade